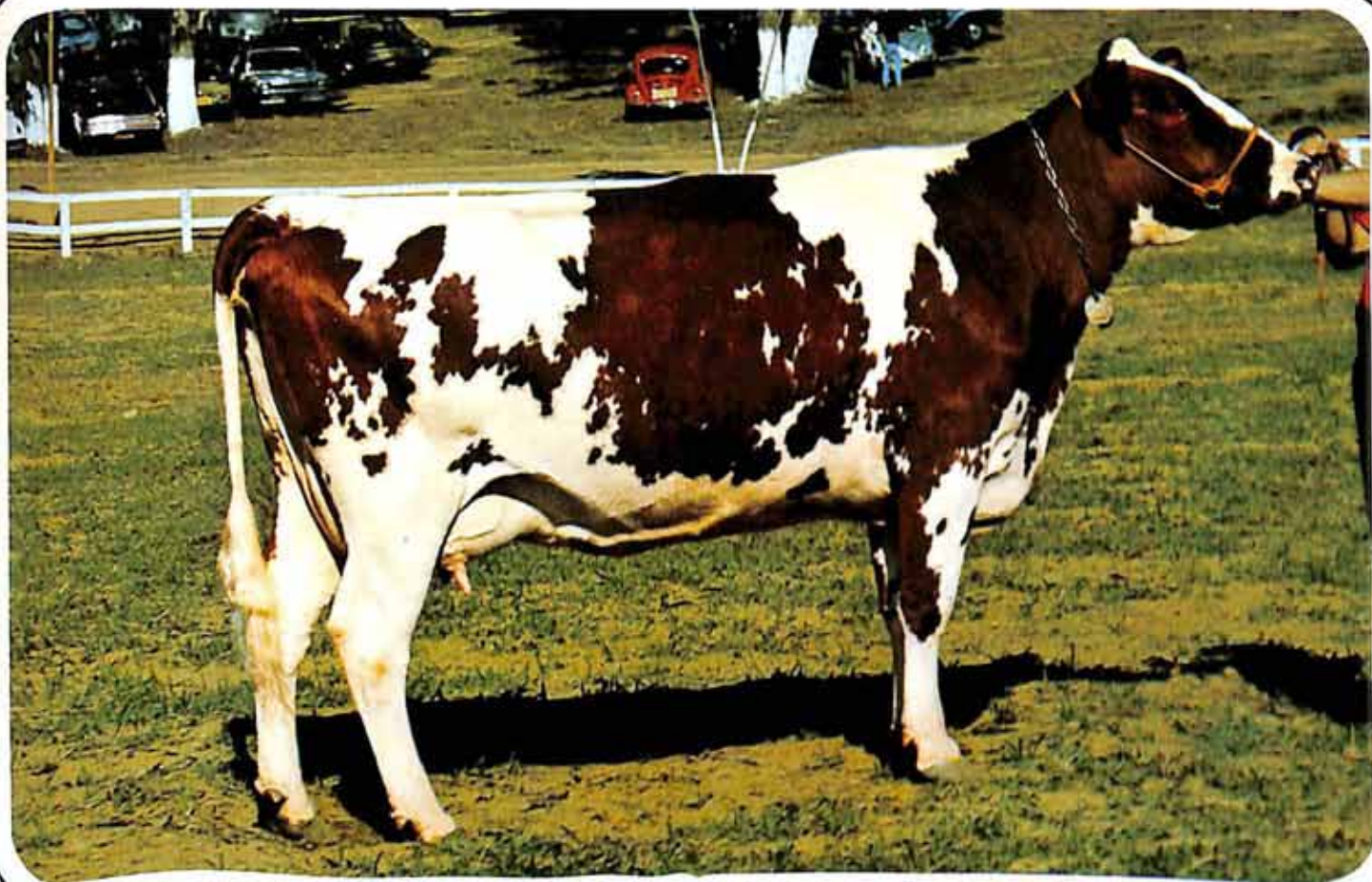
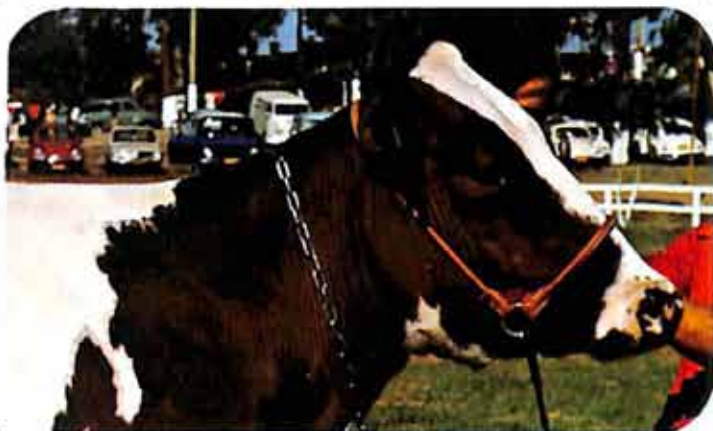


REVISTA DOS CRIADORES

45 ANOS À SERVIÇO DA PECUÁRIA
Agosto - 1975 - Ano XLV - N.º 547 - Cr\$ 15,00

Edição do Leite



ESPIGA ROYAL RED
DE SANTA INÊS (GHB)

3 vezes Grande Campeã
3 vezes Melhor Úbere

JOÃO PASSARELLI

Medalha de Ouro
Governo do Estado-75



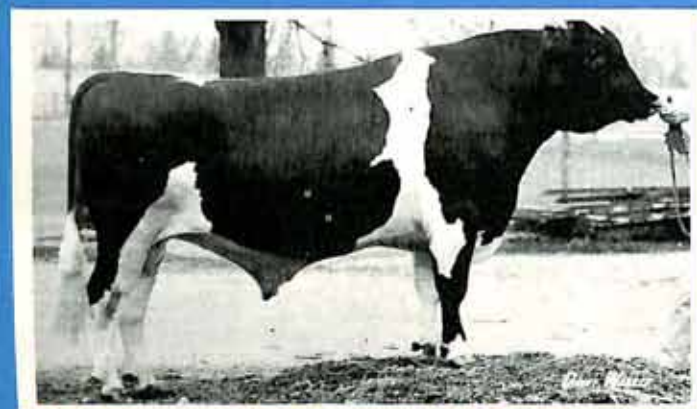
Não faça experiências. Use em seu rebanho Sêmen de touros provados.



H P-B H-96 PACLAMAR ASTRONAUT - GM



H P-B H-2182 HAYSSSEN CRAFTSMAN - GM



H P-B H-2071 - WESTMORELAND BRIGADIER - GM



H P-B H-2093 - CONNERHILL IVANHOE LEADER - GM

Além desses Campeões a Curtiss possui amplo estoque de sêmen de outras raças



Rua Tamandaré, 777 - C.E.P. 01525
Tels.: 278-6007 • 278-6620 • 278-1126
Cx. Postal 6562 - End. Telegr. Searlefarma
S. Paulo - SP - Brasil

DISTRIBUIDORES

BATALHA - Alagoas - **SENORD**

Semen do Nordeste Com. Imp. Exp. e Representações
Rua Getúlio Vargas, 26 - Tels. 304 e 327

BARRETOS - São Paulo - **SEMEN DO BRASIL S.A. - SEMBRA**

Rodovia Matão Colombia, km 426 - C.P. 15 - Tels. 22-2909 e 22-3152

PORTO ALEGRE - R. G. do Sul - **DIPROVET COM. E REP. LTDA.**

Rua Euclides da Cunha, 309 - Tel. 23-9922

SEMEQ MELHORAMENTO PECUÁRIO LTDA.

Rua Moura Azevedo, 249 - Cx. Postal, 153 - Tel. 22-3248

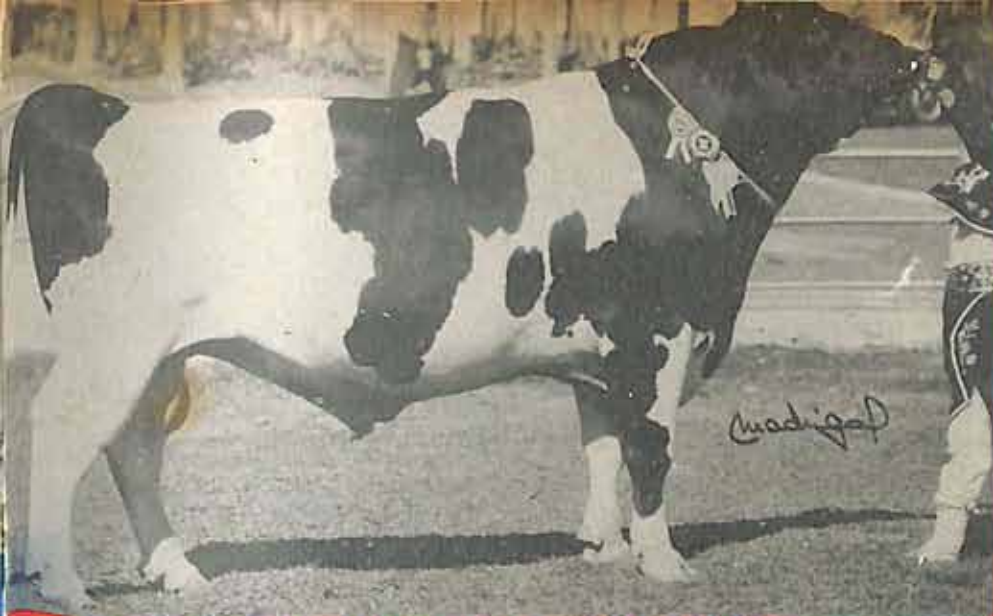
VARGINHA - Minas Gerais - **DISTRIBUIDORA FROTA LTDA.**

Rua Dep. Ribeiro Resende, 289 - Tel. 2809

CARAMBEI - CASTRO PR - COOPERATIVA CENTRAL

DE LATICÍNIOS DO PARANÁ LTDA.

Rua Principal, s/n.º - Tel. 223



RAÇA HOLANDESA

PRETA E BRANCA

P-08

HAULET SEELEY GENE MARQUIS - EX 94

mento 16-7-69

HBB/A 12.989

Suas 7 mães mais próximas produziram em média 9.142 kg de leite, com 4,32% de M.G.

ROMANDALE REFLECTION MARQUIS

260008
Excelente e Medalha de Prata por tipo.
All-Canadian 1959-62-63
173 filhas aos 2 anos produziram em média
5.272 kg de leite em 2 x 305 dias com
3,75% de M.G.
478 filhas classificadas
72% acima de 80 pontos.
18 filhas All-Canadian
9 Res. e 10 Progenies
5 filhas All-Canadian
1 filha acima de 45 toneladas de leite.
13 filhas All-American
6 Res. - 23 Progenies
1 Produtora de Honra.

ABC REFLECTION SOVEREIGN

198998 EX. Extra
All-Canadian 1949-50-51
Res. All-American 1951
72 filhas adultas produzindo 7.400 kg de leite
com 3,74%.
282 filhas clas. com 91% acima de 80 pontos.
35 filhas EX, 80 VG, 141 GP
32 filhas EX, 61 VG, 3 GP
41 filhas acima de 45 ton.
6 filhas Extra.
Progenie All-Can. em 1953
1954-55-57-59-61 e 62
Prog. All-Am. 1953-54-55-57 e 62

MONTIVIC RAG APPLE SOVEREIGN

155159
EX. - Medalha de Prata por tipo.
403 filhas classificadas
71% acima de 80 pontos
41 filhas acima de 45 ton. de leite
produzido.

ABC INKA MAY 559938

EX. All-Can. 1947
4A - 10.863 kg - 365 d - 4,67% de M.G.
6 lactações somaram 43.223 kg de leite com
4,08% de M.G.

BONNIE LONELM TEXAL HIGHT

857432
Ex 4 estrelas
8A - 365 d - 3x - 9.176 kg 3,61%
7 lact. produziram 51.894 kg de leite com
3,62% de M.G.
1 filho Ex. e 2 VG.

LONELM TEXAL HIGHCROFT

160321 Ex. Medalha de Prata.
20 filhas efetivas prod. + 2,4% de leite aci-
ma da raça.
845 filhas clas. 57% acima de 80 pontos.

CREDNOLME NELLIE NIG

429290 - 1 filha EX.
1 filha acima de 45 ton. de leite produzido.

HAULET WINTHERTHUR SEELEY

G.P. 6331124 A
2A - 2x - 305 d - 4.496 kg com 3,8% de M.G.
3A - 2x - 305 d - 7.492 kg com 3,5% de M.G.
4A - 2x - 287 d - 7.641 kg com 3,6% de M.G.
5A - 2x - 305 d - 9.288 kg com 3,5% de M.G.
4 lactações em 2x produziram 36.652 kg com
3,6% de M.G.

SIR SEELEY ADANTHA GENE 1278644

Ex. Medalha de Prata p/ Produção
6.414 filhas produziram em média 6.699 kg
de leite, com 3,45% de M.G.
13 filhas V.G., 166 G.P., 302 G.

MF SIR PRIDE ADANTHA

846425 - Ex. Medalha de Prata
76 filhas produziram em média 6.122 kg com
3,66%.
1 filha Ex 101 V.G., 131 G.P.

JOHANNA POSCH CÉLIA

330489 V.G.
5A - 2x - 305 d - 9.103 kg
com 3,5% de M.G.
Produtora vitalícia de 85.261 kg, com
3,62% de M.G.

HAULET WINTHERTHUR MAY

5323465 V.G.
2A - 2x - 285 d - 3.973 kg 3,9%
3A - 2x - 305 d - 5.381 kg 4,0%
4A - 2x - 390 d - 5.605 kg 3,7%
3 lactações em 2x produziram 15.210 kg de
leite, com 3,8% de M.G.

WINTHERTHUR ZEUS VICTOR

1213164 - Ex. Medalha de Ouro
27 filhas Excelentes
316 V.G., 646 G.P.

MAY CARNATION DUNLOGGIN

4080971 V.G.
7A - 2x - 305 d - 6.921 kg
com 3,2% de M.G.
Produtora vitalícia de 33.138 kg com 3,4%.

MARJAN

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

KM. 107 DA RODOVIA SOROCABA -
SALTO DE PIRAPORA
EM SÃO PAULO:
04745 - RUA MANOEL ANTONIO DA
LUZ, 116 - Santo Amaro - C. Postal
4125 - Fones: 247-2930 e 247-0602



(Ex-Associação Paulista
de Criadores
de Bovinos).
Reconhecida como
de utilidade
pública pelo
Decreto Estadual
n.º 33.811, de
20 de outubro
de 1958.

49 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

José Cassiano Gomes dos Reis

Vice-Presidentes

Luiz Fortunato Moreira Ferreira

João Carlos Burgues de Abreu

Honorato Rodrigues da Cunha

Luiz Simões Lopes

Francisco Peixoto L. Werneck

Diretores

Braulio Madeira Simões

Rubens de Freitas

Antonio Pinto da Silva Figueiredo

Alberto Chapchap

Conselho Deliberativo

Presidente

João Moraes Barros

Vice-Presidente

Antonio José Rodrigues Filho

Membros Natos

João Moraes Barros

José Bonifácio Coutinho Nogueira

Severo Fagundes Gomes

João Laraya

Urbano de Andrade Junqueira

Helio Moreira Salles

Renato Costa Lima

Efetivos

Antonio Augusto Pires de Oliveira

Antonio José Rodrigues Filho

Antonio Coelho Guimarães

Arnaldo Borba de Moraes

Gal. Diogo Branco Ribeiro

Franklin Rodrigues Siqueira

Francisco Figueiredo Barretto

Frontino Ferreira Guimarães Jr.

Jayme Watt Longo

José Octavio da Silva Leme

José Resende Peres

José Procópio do Amaral

Julio de Andrade Maia

Linneu Carlos de Souza Dias

Luiz Fernando Cirne Lima

Manoel José de Alcantara

Oswaldo Lara Leite Ribeiro

Renato Napolitano

Ruy Calazans

Silvio Bueno Vidigal

Suplentes

Alipio Ferreira de Castro

Dario Freire Meirelles

Edwin Benedito Montenegro

Euclides Aranha

Gilberto Carlos de Arruda Sampaio

José Cesário Castilho

José Oswaldo Junqueira

Livio Malzoni

Luiz Antonio de Souza Barros

Randolfo de Mello Rezende

Walter de Castro Cunha

Conselho Fiscal

Efetivos

José Acacio dos Santos

Roberto Diniz Junqueira

Virgilio Lemos da Silva

Suplentes

Alberto de Paula Leite de Moraes

José Carlos Oliva

Lincoln Junqueira Azevedo

Departamento Técnico

Gerente

Eng.º Agr.º Alberto Alves Santiago

Registro Genealógico

Dr. Walter Battiston

Departamento Comercial

Virgilio de Almeida Penna



Revista dos Criadores

FUNDADA EM 1930

ANO XLV — SÃO PAULO, AGOSTO DE 1975 — N.º 547

EXPEDIENTE

DIRETOR-RESPONSÁVEL

Luiz A. Penna

SECRETÁRIO

Pedro Ferraz do Amaral

REDATOR-SECRETÁRIO

Rosemberg Marson

ARTE E PRODUÇÃO

Silvia de Siqueira

COLABORADORES

Leovigildo P. Jordão

Luiz Carlos Campos

P. A. Gonçalves

Pimentel Gomes

Walter C. Battiston

Antonio Carvalho Mendes

J. Nelson Frota Júnior

REVISÃO

Olga Rios de Castro

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Jayme Donio

Laércio C. Noronha

Decio Correa da Silva

Charles Alves

José Duarte de Araujo

Dr. Othello Tormin (Bahia)

CIRCULAÇÃO

Luiz de Almeida Penna Filho

FOTOGRAFIA

Francisco Sciacca

Jesus Madrighal

REDAÇÃO

Av. Pompéia, 1214 - Fundos "B"

São Paulo, 05022 - Z.P. 10

(Brasil) - Tels.: 65-0116 e 62-6826

Caixa Postal, 1669

End. Telegráfico "Criadores"

OFICINA PRÓPRIA

Av. Pompéia, 1214 - Fundos "B"

São Paulo - Brasil

ASSINATURAS

ASSINATURA SIMPLES

1 ano Cr\$ 180,00

2 anos Cr\$ 325,00

3 anos Cr\$ 485,00

REVISTA DOS CRIADORES é editada mensalmente e destina-se ao fomento e progresso da pecuária. Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e são de responsabilidade dos que os subscrevem.

Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

SUMÁRIO

Cartas	7
Mercado	10
ABC, 31 anos controlando e selecionando o gado leiteiro — Luiz de Almeida Penna	12
Resultados do Serviço de Controle Leiteiro — até junho de 1975	13
Recordistas até junho de 1975	15
ALGUNS ASPECTOS DA EXPLORAÇÃO DO GADO LEITEIRO - Dr. João Soares Veiga	
1 — A vaca leiteira — a ama da espécie humana	24
2 — Problemas de produção e de abastecimento do leite	26
3 — A vaca produtora de leite	30
4 — Algumas falhas que impedem melhores rendimentos em rebanhos leiteiros	44
Leite industrializado vive entre dois fogos — Frederico Heller	57
Leite e saúde pública — Walter Leser e Gil Viana Paim	60
Na base desta empresa está o leite	62
A história e a origem do leite B e suas exigências — Walter C. Battiston	64
Produção de bezerros em vacas incubadoras	69
A odisséia da vaca leiteira — R. B. Becker e C. J. Wilcox	73
Pastagens tropicais — A produção de carnes bovinas — E. M. Hutton	79
Resultados da Água Branca	87
Em Guaratinguetá a maior concentração de gado Holandês no Brasil — J. H. Madrighal	100
Seção jurídica — A estabilidade e os empregados de confiança — Dr. Rosemberg Marson	138
Rescisão contratual de trabalhador rural: fraude	140
Decisões do Tribunal de Impostos e Taxas de São Paulo	140
Uso florestal regulado pelo IBDF	141
Equinocultura — O cavalo rural funcional — J. N. Frota	143
Coragem e perícia, eis o polo — Antonio Carvalho Mendes	148
Cinofilia — Agora a vez dos galgos — Antonio C. Mendes	150
Relatório n.º 367 do Serviço de Controle Leiteiro da ABC	152
O que vai pelo Controle Leiteiro — Dr. Walter C. Battiston	163
Destaques do Serviço de Controle Ponderal — Dr. Walter C. Battiston	168
Uso do leite substituto ao leite natural, na alimentação de animais	171
Próximas exposições	187
Mercado de insumos	188

NOSSA CAPA

REVISTA
DOS
CRIADORES

Edição do Leite



Espiga Royal Red de Santa Inês, G.H.B., nasc. 14-2-72, filha de Romandale Royal Red e Jarina Larry Moore Cristal. Campeã de UBERÊ, Grande Campeã na VII Exp. Brasileira - 1975, em Guaratinguetá; Campeã de UBERÊ e Grande Campeã na Exp. de Gado Leiteiro, Água Branca-75; Campeã de UBERÊ e Grande Campeã na Festa do Leite, em Batatais-75. O fato de esta vaca ter obtido sua consagração por três vezes consecutivas, comprova a excelência do rebanho nacional. Este animal obteve tais títulos em 45 dias, competindo com outros nacionais e importados da mais alta categoria. Não sem razão o juiz Mr. W. O. Payne da Holstein Friesian Association of America ao classificar Espiga Royal Red, referiu-se entusiasticamente ao seu elevado padrão, justificando assim no seu julgamento, a supremacia dela sobre suas competidoras. Este animal pertence a João Passarelli, criador que vem se destacando na alta seleção do gado nacional.

Proteja o gado leiteiro com a vacinação



QUANDO A DOENÇA JÁ ESTÁ INCUBADA, A VACINA NÃO FAZ EFEITO. ALIÁS VACINAR O ANIMAL DOENTE PODE SER MUITO PERIGOSO!



Lembre-se: em qualquer caso, é melhor prevenir do que remediar!

UMA COLABORAÇÃO

NESTLÉ

SETOR AGROPECUÁRIO



NOSSA RESPOSTA AO ENG.º AGR.º AURELIO A. ROCHA

O lamentável lapso de revisão apontado por V. S. na Apresentação dos Resultados do Serviço de Controle Leiteiro (1972) já havia sido por nós percebido e deverá ser oportunamente retificado.

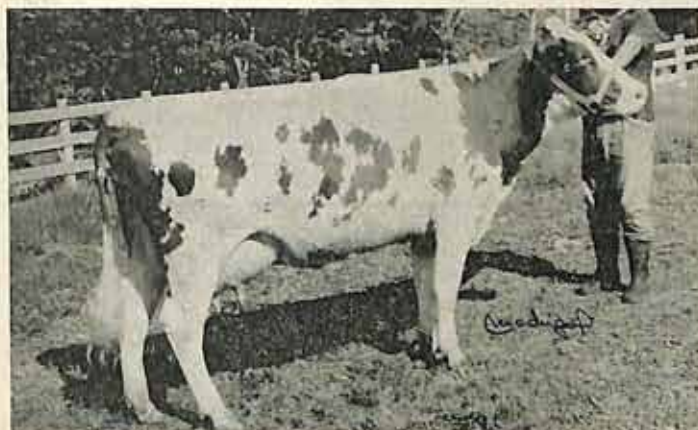
Houve realmente uma falha na revisão não da redação da Revista, mas do original datilografado, e onde se deveria ler lb (libras) se lê quilos (kg).

As tabelas dos quadros I e II, tendo sido publicadas em libras, o exemplo, para melhor com-

preensão do leitor, obviamente também deveria ser dado em libras.

Retificado esse senão, lendo-se libras onde se lê quilos, o exemplo permanecerá válido para o fim a que se destinava, isto é: "Quando dois touros com reduzido número de filhas controladas apresentam uma D. P. equivalente, mas Repetibilidades diferentes, o mérito genético do touro que apresentar grau de Repetibilidade mais elevado apresenta maior probabilidade de ser melhor no futuro. No exemplo citado os dois touros (A e B) apresentam 500 lb de D.P., mas o touro A tem 20% de repetibilidade e o touro B, 90% de repetibilidade. O touro B, com 90% de repetibilidade terá, de acordo com a tabela II, 80% de probabilidade de apresentar, no futuro, quando tiver maior número de filhas controladas Diferenças Preditas positivas médias variando de 277 libras a 723 libras. E o touro A, com 20% de repetibilidade, embora com a mesma D.P. atual do touro B, (500 lb), terá 80% de probabilidade de apresentar, no futuro, com maior número de filhas controladas, Diferenças Reeditadas positivas... ou negativas, variando de - 130 a + 1.130 libras.

Foto do Mês



MAIS UMA REPRODUTORA EMÉRITA DA GRANJA SANTA INÊS

CAMPANHA ROELAND DE SANTA INÊS nasceu em Amparo, na fazenda do falecido Plínio V. Xavier da Silveira. Trata-se de uma filha de Larry Moore Sir Roeland e Fortaleza Mauritz, hoje propriedade da Granja Santa Inês, de João Passarelli, onde "estreiou" como Reprodutora Emérita, em duas ordenhas, 302 dias, com 6.201 kg de leite e 227,9 kg de gordura. Conquistou também o título de Recordista de Produção de Gordura na categoria CJ. Com mais este título, a Granja Santa Inês vem contribuindo para o aprimoramento e seleção do rebanho nacional.

O sentido do exemplo foi, exatamente, o de chamar a atenção do criador para outras características além da D.P. De modo geral, criadores menos avisados, e até mesmo técnicos impressionam-se com a D.P. e não consideram Repetibilidade, Média das Filhas, Média das Companheiras de Rebanho, Média da Raça, etc. etc.

Por esse motivo estamos plenamente de acordo com V.S. no sentido de se disciplinar, no País, o emprego da Inseminação Artificial, orientando os criadores no emprego de sêmen que ofereça melhores possibilidades de melhorar um rebanho.

E nesse particular temos, inclusive, chamado a atenção de criadores e de técnicos do Ministério da Agricultura, a respeito da excessiva ênfase dada às performances dos touros provados cujas filhas foram criadas e controladas em regiões completamente diferentes das nossas no que diz respeito às condições ambientais (alimentação, doenças, clima e manejo, etc.). É claro que um touro de alto potencial genético para a produção leiteira terá alta probabilidade de transmitir às suas filhas esse potencial. Entretanto, essas filhas certamente apresentarão diferentes performances, de acordo com as condições ambientais a que foram submetidas, desde sua vida intrauterina.

Admitindo que em nosso País, apenas por hipótese, pudessemos oferecer às filhas desse touro condições semelhantes de alimentação, de defesa sanitária e de manejo, restar-nos-ia a impossibilidade de transformar nosso clima tropical ou subtropical em clima temperado onde suas filhas que deram origem à sua prova, foram controladas.

Então, para nós, não basta que um touro seja provado e revele altos níveis de mérito genético para produção de suas filhas na região de origem. Esse touro, para nossas condições, deve também possuir potencial a ser transmitido às suas filhas que lhes confira, também, tolerância ao calor, resistência aos ectoparasitos, etc. Enfim, em nossa opinião, não podemos subestimar a interação animal - ambiente. Por conseguinte, os futuros touros melhoradores prováveis dos nossos rebanhos deveriam ser provados ou testados aqui, através de suas filhas nascidas, criadas e controladas aqui.

Mesmo porque, como bem disse V.S., a meta principal é me-

lhorar uniformemente o rebanho e não um ou outro indivíduo. Além do mais, a elevação da capacidade produtiva dos animais, sem considerar, concomitantemente, o melhoramento ambiental, poderá, inclusive, causar mais males que benefícios, se esses benefícios forem medidos em termos de fertilidade, longevidade, fecundidade, resistência a enfermidades, tolerância ao calor, porcentagens de descartes, etc. etc.

Para nós não constitui surpresa nenhuma, lidando com o Desempenho de Touros cujas filhas são controladas em nosso Serviço, constatarmos que grandes touros, de alto mérito genético em seus países de origem, aqui apresentam resultados para muitos decepcionantes e vice-versa.

Então, o que estamos tentando realizar, com grandes sacrifícios e certamente com alguma imperfeição, é analisar o que denominamos o Desempenho de touros cujas filhas são controladas em nosso Serviço, bem como suas companheiras de rebanho. Muitos desses touros possuem filhas em vários rebanhos, isto é, em diferentes regiões do Estado e estão submetidas a diferentes ambientes. As provas desses touros nos merecem mais confiança que, por exemplo, a prova de um touro com filhas num único rebanho, de uma única propriedade.

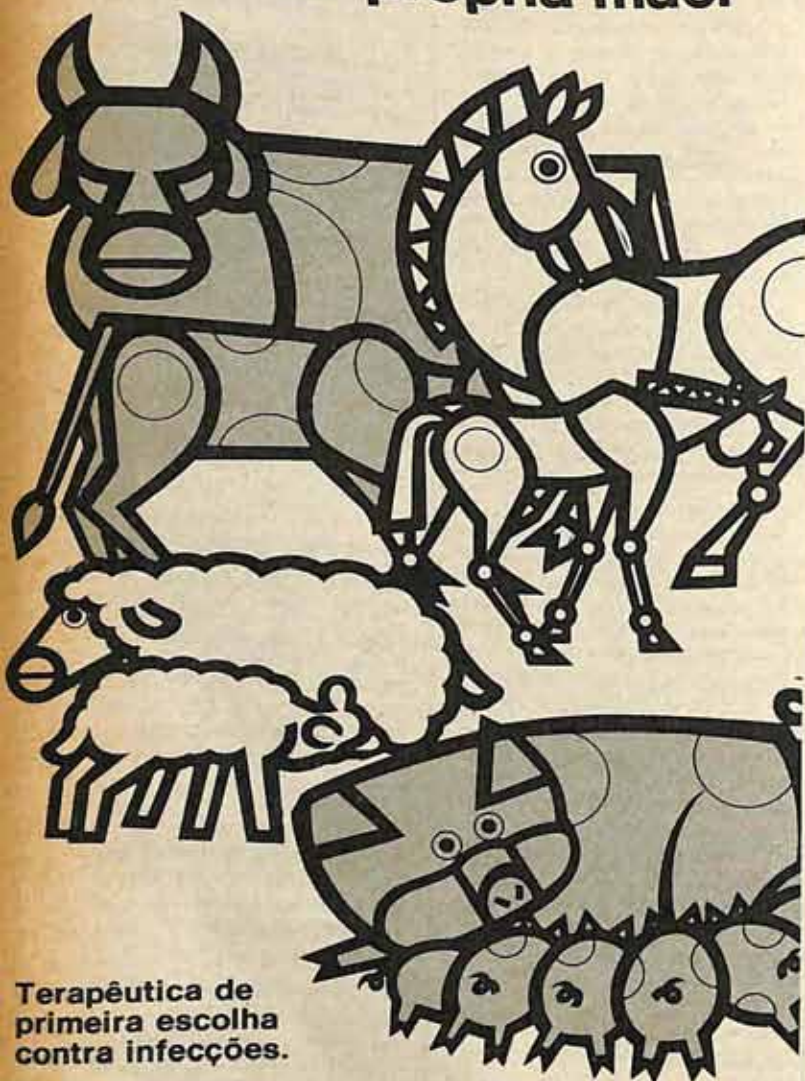
Por essas e por outras inúmeras razões, nós que participamos da introdução da Inseminação Artificial no Brasil, em 1937, estamos profundamente preocupados com o rumo desordenado que as coisas vão tomando. O criador comum reputa mais o mérito de um bezerro por ser produto de Inseminação Artificial. Mas é claro que não basta ser produto de Inseminação Artificial. O produto precisa ser filho de um reprodutor bom, seja através de Inseminação Artificial, seja através de monta natural.

Bem, mas isso são coisas que não precisamos explicar a V.S.

Mas voltando ao nosso assunto, queremos chamar sua atenção, uma vez feita a ressalva que houve erro de redação, colocando-se kg em vez de lb, que o seu exemplo, baseado nos números da Tabela II convertidos em quilos, não se ajusta ao nosso, pois, se se converteram em quilos as libras da tabela, também se deveriam converter em quilos as 500 lb de Diferença Predita de nosso exemplo.

(Continua na página seguinte)

**Tão importante quanto
o leite da própria mãe.**



**Terapêutica de
primeira escolha
contra infecções.**

oxivet

Solução pronta para uso 150 mg

**Maior simplicidade na
aplicação.**

Oxivet 150 mg evita desperdícios e poupa tempo por estar pronto para aplicação intramuscular ou subcutânea.

**Maior segurança
no tratamento.**

Oxivet 150 mg, especificamente dosado para animais jovens, com a certeza de ter dado uma dose que cura.

**Oxivet 150 mg para animais jovens.
Oxivet 500 mg para animais adultos.**



É claro que lá estava escrito 500 kg e não 500 lb.

Mas o cuidado com que V. S. examinou o trabalho não seria difícil perceber o engano, transcrevendo-se kg em vez de lb.

No último período da página 3, lê-se textualmente: "De acordo com a Tabela II, esse touro terá, no futuro, 80% de probabilidades de ter uma Diferença Predita média entre 1.223 libras e 777 libras". Aqui transcrevemos literalmente a palavra libra. Talvez pelo hábito de usarmos o sistema métrico é que incorremos em

erro, nós ou a datilógrafa, empregando kg. em vez de lb. Isso não justifica, na realidade, o fato de não termos feito uma revisão melhor e, por isso mesmo, deveremos fazer a necessária retificação.

Então, se a diferença predita do nosso exemplo fosse, como era para ser, de 500 lb., no seu exemplo, tendo convertido a tabela para quilos, essa D.P. deveria ser de 227 kg.

Feita essa necessária correção ambos os exemplos seriam idênticos.

1 — Touro A	D.P. 500 lb.	—	Repet. 20%
	500 lb + 630 lb	=	1.130 lb.
	500 lb — 630 lb	=	—130 lb.

1 — Touro A	D.P. 227 kg	—	Repet. 20%
	227 kg + 286 kg	=	513 kg
	227 kg — 286 kg	=	—59 kg
Ora	1.130 lb	=	513 kg
	—130 lb	=	—59 kg

Não é necessário repetir o mesmo cálculo para o touro B.

Reduzindo as libras da tabela II a quilos, mas não reduzindo a quilos as libras da Diferença Predita, V.S., na realidade elevou a D.P. cerca de 2,2 vezes em relação ao nosso exemplo. Daí o motivo pelo qual, como aliás era esperado, de ter encontrado melhores méritos no touro A do que em nosso exemplo.

Esse fato pode ser bem observado na Tabela I. Com o aumento da D.P. também aumentam as probabilidades de um touro ter seu mérito superior à média da raça.

Vê-se, nessa Tabela, que dois touros com o mesmo grau de Repetibilidade (15%), um deles com D.P. de 1.000 libras tem 98% de probabilidade de ter mérito genético superior à média da raça e outro com D.P. de 200 libras, tem essa probabilidade reduzida para 65%.

Cremos que explicamos até com excesso de detalhes o lapso ocorrido. Mas deliberadamente o fizemos com muita satisfação pela certeza que nos deu de que, pelo menos alguém, lê com interesse o que se escreve.

Queira receber nossos sinceros agradecimentos por esse motivo

Professores da Flórida programam assistência técnica



Para formulação de um amplo programa de assistência técnica, no campo da nutrição animal, especialmente da mineralização do gado, estiveram em São Paulo os professores Clarence B. Ammerman, Richard Houser e Joe Conrad, do Instituto de Ciências Agrícolas e Nutricionais da Universidade de Flórida, Estados Unidos, colhendo dados junto aos vários setores interessados no problema. Em São Paulo, a delegação reuniu-se para colher subsídios, com os Diretores e técnicos da Tortuga (foto), Instituto Biológico e Associação dos Empresários da Amazônia.

Arme-se com a melhor munição para enfrentar a doença da manqueira.

Você precisa estar bem preparado para enfrentar, de igual para igual, a terrível doença da manqueira. E se você não for mais rápido e não possuir a arma mais poderosa, a melhor munição, provavelmente irá perder o duelo. E para que você não corra este risco, conheça a nova embalagem da tradicional Vacina Manguinhos - prática, econômica e ideal para o uso em pistola ou seringa. Sua vitória será certa e rápida: em poucos minutos você aplica 50 doses com a mesma eficiência, proteção, garantia e alta qualidade que você já conhece. Não perca tempo. Procure em seu revendedor mais próximo a Vacina Manguinhos contra Manqueira. Agora em duas embalagens.



**PRODUTOS VETERINÁRIOS
MANGUINHOS LTDA.**

Rua Francisco Manoel, 91
Tel. 228-9966 - Rio de Janeiro

Filiais: S. Paulo
B. Horizonte
Goiânia
P. Alegre



LEITE

Pressionado pelas entidades de cúpula do setor agropecuário (Revista dos Criadores, edição julho, pág. 8/9), e sensibilizado pelos efeitos negativos da geadas, o governo decretou novos preços do leite que passará a ser os seguintes: de Cr\$ 1,45 para 1,60 para os produtores e de Cr\$ 1,90 para 2,00 para os consumidores do interior. Ao mesmo tempo, a SUNAB, baixou portaria estabelecendo que, no caso do leite reidratado, o subsídio de 15 centavos só será pago até o limite de 30% do fornecimento de leite fluido. Ou seja, 30% do leite reidratado, estabelecidos em função do total fornecido para o consumo.

CARNE BOVINA

Informações do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos dão conta de que a produção americana de carne bovina esse ano deverá ser inferior à de 1974. Espera-se também uma diminuição dos custos do gado alimentado com ração nos próximos meses e um aumento da sua participação nos abates americanos em relação ao gado mantido em regime de pastagem.

O Japão anunciou a importação de uma cota de 11.500 toneladas de carne bovina, suspendendo, portanto, a proibição de importação do produto em vigor há 17 meses. O Ministério da Agricultura e Florestas disse que a cota será distribuída numa "base global" (sem especificação dos países fornecedores).

O volume total compreende 10.000 toneladas para consumo "normal", 500 toneladas para uso comercial em hotéis e restaurantes, e 1.000 toneladas de carne cozida da Argentina, Tailândia e de outras fontes que não podem exportar carne fresca devido às restrições que incidem sobre o seu produto.

Fontes oficiais do Ministério anunciaram que a cota não foi distribuída com base nas importações anteriores. Cerca de 80% do total deverá ser fornecido pela Austrália, com os 20% restantes sendo distribuídos entre os Estados Unidos e a Nova Zelândia. No ano anterior o Japão importou 53.000 toneladas de carne bovina, das quais 79% eram da Austrália, 14,4% dos Estados Unidos, 5,5% da Nova Zelândia e apenas 0,3% do Canadá.

O Ministério da Agricultura, Pesca e Alimentação do Reino Unido informou que os estoques de carne importada em

câmaras frigoríficas públicas do Reino Unido são os seguintes (em toneladas líquidas):

DISCRIMINAÇÃO	18/07/75 (Provisório)	11/07/75 (Final)	19/07/74 (Final)
Carne de boi e de vitela	59,8	59,2	37,6
Carne de carneiro	3,7	3,8	5,0
Carne de cordeiro	9,5	9,0	0,4
Carne suína	3,7	4,4	5,9
Miúdos, inclusive tripas	14,1	13,4	13,7
TOTAL	100,0	99,8	92,6

A Austrália exportou um total de 64.977 toneladas de carne refrigerada/congelada (incluindo carne de primeira) durante o mês de maio, contra 36.336 toneladas no mesmo mês de 1974, segundo estatísticas publicadas pela Junta Australiana de Carne.

Estavam incluídas no total de maio 44.943 toneladas de carne bovina e de vitela (27.905 toneladas em maio de 1974), 12.107 toneladas de carne de carneiro (5.663) e 3.447 toneladas de carne de cordeiro.

Uma autoridade australiana realizará dentro em breve uma visita à China, para verificar as possibilidades de abertura do mercado chinês, para a carne bovina australiana. Essa autoridade afirmou que as exportações australianas de carne bovina dobrariam, se cada habitante da China comesse cerca de 250 gramas do produto anualmente.

Essa autoridade visitará também Hong Kong, Malásia e Indonésia, investigando os mercados potenciais.

Durante o mês de maio deste ano, as exportações de carne bovina argentina alcançaram 15.874 toneladas, apresentando uma diminuição de 11.238 toneladas em relação às 27.109 toneladas exportadas em maio de 1974.

A elevada proporção de carne para industrialização destinada à URSS provocou uma redução no ingresso de divisas, já que se trata de um produto de baixo valor. Por tal circunstância o valor das exportações de maio alcançaram apenas 18 milhões de dólares, contra 20 milhões no mês de abril, obtidos de um volume menor.

É de se esperar que no futuro modifiquem-se tais circunstâncias, já que se trata de um item de grande importância econômica.

Os embarques de carne bovina do Uruguai no primeiro semestre deste ano foram os mais baixos durante este mesmo período nos últimos cinco anos.

O total de 30.700 toneladas alcançado este ano é significativamente menor que as 46.637 toneladas e 82.265 toneladas atingidas nos primeiros seis meses de 1974 e 1973, respectivamente.

Entretanto, os embarques dos últimos meses foram ligeiramente superiores aos níveis de junho de 1974, ou seja, 5,656 toneladas.

As receitas de exportação diminuíram para 32,7 milhões de dólares nos últimos seis meses dos 72,8 milhões e 90,4 milhões nos mesmos períodos de 1974 e 1973.

Israel manifestou interesse em adquirir 100.000 toneladas de quartos dianteiros bovinos do Uruguai durante cinco anos. Em troca, ofereceu-se para vender ao Uruguai maquinaria agrícola e produtos químicos.

Um representante do Instituto Uruguaio de Carnes — INAC, viajará para Israel dentro em pouco tempo a fim de discutir a transação.

A União Soviética interrompeu abruptamente as suas conversações para a compra de 70.000 toneladas de carne bovina uruguaia.

A Embaixada Soviética informou que a URSS não comprará carne do Uruguai agora, não tendo porém sido divulgados os motivos determinantes da medida.

Os inspetores sanitários soviéticos que estiveram em Montevideu a 12 de maio a fim de supervisionar o embarque de carne da carne, encontraram, no entanto, objeções de ordem sanitária à transação.

O ministro da Agricultura da Nova Zelândia afirmou que a dependência de

seu país ao mercado londrino de Smithfield diminuiria se fossem abertos os mercados do Oriente Médio. Acrescentou que os mercados do Oriente Médio serão de grande importância para a economia neozelandesa no próximo século.

Disse ainda que as 10.000 toneladas de carne de cordeiro congelada recentemente vendidas ao Irã representam apenas uma negociação inicial. Os negócios serão triplicados e quadruplicados no próximo ano.

Em São Paulo, desde meados de maio que praticamente não ocorrem chuvas, causando grandes prejuízos às pastagens. Na metade de julho, a maior geadada de que já se tem notícia no Estado concorreu para agravar ainda mais a situação das pastagens.

Os preços da arroba do boi encontram-se entre Cr\$ 115,00 — 120,00.

CARNE SUINA

A produção americana de carne suína em 1975 poderá ser a menor dos últimos nove anos, com o consumo "per-capita" do produto devendo atingir o seu mais baixo valor desde 1966. O inventário do rebanho realizado há pouco indicou um efetivo 19% inferior ao do ano anterior, refletindo a menor safra desses animais em períodos de dezembro a maio, nos últimos 40 anos, o que deverá acarretar uma redução equivalente nos abates do segundo semestre de 1975.

Um levantamento realizado pelo Departamento Central de Estatísticas dos Países Baixos demonstrou que o rebanho suíno holandês em 1.º de maio de 1975 era superior ao ano anterior, enquanto que a população bovina diminuiu de 3%.

A população suína em 1.º de maio de 1975 foi estimada em 7.137.000 (contra 7.013.000 no ano anterior).

Na Irlanda um período de alta continua no mercado de suínos durante o primeiro trimestre de 1976 é esperado.

No Rio Grande do Sul, os frigoríficos vêm de pleitear ao Ministro da Fazenda o mesmo tratamento dispensado à carne bovina, na exportação, ou seja, isenção total de impostos e concessão de créditos fiscais de 5%, tanto do ICM como do IPI. Esta poderia ser a única maneira da carne suína vir a participar da pauta brasileira de exportações, dados os altos custos e a baixa tecnologia de produção das explorações suínas.

Esse Estado deverá contar, este ano, com um rebanho em torno de 1,8 milhões

de cabeças, das quais cerca de 30% poderiam ser exportadas, já que existem atualmente grandes estoques de carne bovina e de aves.

Os preços no mercado gaúcho são de Cr\$ 4,20 para o quilo vivo do suíno tipo banha e Cr\$ 4,70 para o tipo carne.

Em São Paulo, as cotações alcançavam entre Cr\$ 115,00 e 120,00 a arroba, em meados de agosto, com mercado com tendência baixista, embora os industriais prevíssem recuperação para breve.

MILHO

As chuvas no final de julho e início de agosto na região produtora de milho da Argentina prejudicam sensivelmente os trabalhos de colheita de cerca de 10% da safra desse cereal do país vizinho, agora em fase final de colheita (milho plantado tardiamente).

Notícias procedentes dos Estados Unidos dão conta de que o milho, naquele país, está enfrentando um tempo quente e seco, especialmente em Iowa, que pode ceder sua condição de estado líder na produção de milho para Illinois, onde as secas não são tão intensas. A exceção desse último Estado, observou-se certa apreensão entre os agricultores do chamado "corn belt" (cinturão do milho) quanto ao prosseguimento das condições climáticas desfavoráveis. Em vista disso, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos acredita que a safra norte-americana de milho, a ser colhida em setembro/outubro próximos, não deverá atingir as 153,6 milhões de toneladas previstas em julho último, devendo se situar em torno de 148,6 milhões de toneladas. Apesar disso, a colheita será sensivelmente superior à desastrosa safra 1974/75, que somou apenas 118,1 milhões de toneladas.

No Brasil, a comercialização prossegue, já num ritmo mais intenso do que o observado nos meses anteriores, especialmente no que tange às exportações, porém nota-se certa prioridade na comercialização da soja, já que o milho reúne condições mais favoráveis para estocagem.

Na Bolsa de Mercadorias de Chicago, o milho estava cotado, por volta de 13 de agosto último, a US\$ 124,61 por tonelada, contra US\$ 112,99 no mesmo período do mês anterior.

Na Bolsa de Cereais de São Paulo, o milho estava cotado, em meados de agosto, a Cr\$ 55,00/56,00 por saca de 60 kg (Cr\$ 915,00/tonelada) e o mercado era considerado firme.

SORGO

Segundo relatório divulgado recentemente nos Estados Unidos, a área de sorgo nos estados de Kansas, Oklahoma, Texas, Colorado e Novo México está estimada em torno de 4,55 milhões de hectares, contra 4,21 milhões de hectares em 1974/75, quando foram colhidas 13,17 milhões de toneladas, a mesma safra desde 1965, quando foram colhidas 13,06 milhões de toneladas.

Para a atual safra (1975/76), as condições de crescimento permanecem favoráveis e espera-se que os cinco estados acima possam colher 15,0 milhões de toneladas. A produção total dos Estados Unidos está estimada em 20,6 milhões de toneladas, contra 15,9 milhões em 1974/75.

Permanecem, na África do Sul, as estimativas da safra de sorgo, em torno de 566.000 toneladas em 1974/75, contra 635.000 toneladas em 1973/74.

Na Bolsa de Mercadorias de Chicago, o sorgo estava cotado, por volta de 13/08, a US\$ 202,76 por tonelada, contra US\$ 188,08 no mesmo período do mês anterior.

FARELOS

O Mercado Internacional para farelos, em 1975, está novamente dominado pelo farelo de soja, apesar da melhoria observada na captura de pescado na costa do Peru e da razoável disponibilidade de outros farelos.

Há indícios de que a demanda por farelos protéicos voltará a aumentar nos próximos meses, já que o Mercado Comum Europeu deverá reniciar suas importações proximamente.

Ainda no âmbito do Mercado Comum, há previsões de certa recuperação na atividade econômica a partir do final deste ano. Além disso, espera-se uma melhora na rentabilidade da pecuária — especialmente no setor de suínos — o que implica numa maior demanda por farelos protéicos.

Os preços do farelo de soja na Bolsa de Mercadorias de Chicago alcançaram US\$ 130,00 por tonelada, em meados de agosto, contra US\$ 121,00 no mesmo período do ano anterior.

No Brasil procura-se, no momento, aumentar o consumo interno de derivados de soja, já que a situação do Mercado Internacional do produto é incerta, a longo prazo. Os preços do farelo de soja na Bolsa de Cereais de São Paulo era de Cr\$ 1,20/Cr\$ 1,25 por quilo.

ABC, 31 anos controlando e selecionando o gado leiteiro

LUIZ DE ALMEIDA PENNA

1944 — 1975 — Este ano o Serviço de Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores, ex- Associação Paulista de Criadores de Bovinos, completou 31 anos de atividades ininterruptas, e em sua homenagem dedicamos a presente edição. Neste fascículo, nossos leitores encontrarão uma série de artigos sobre a criação de gado leiteiro, a comercialização do leite, o leite e a saúde pública e avanços na criação. Destes trabalhos o de mais destaque é o do Prof. João Soares Veiga, sob o título "Alguns aspectos da exploração do gado leiteiro", com os subtítulos: a vaca leiteira — a ama da espécie humana; problemas de produção e abastecimento do leite; a vaca produtora de leite e algumas falhas que impedem melhores rendimentos em rebanhos leiteiros.

Sobre o Controle Leiteiro era nossa intenção publicar todos os resultados encerrados até junho deste ano, o que não fazemos por motivos alheios a nossa vontade; o que, entretanto será feito em próximo número da revista. Nesta edição publicamos as lactações máximas em todos os tempos ou seja as recordistas por categoria e por raça; categorias de longevidade; novas detentoras de faixas na categoria de longevidade; reprodutoras eméritas; detentoras da vaca, do balde, e da batedeira de ouro; a recordista absoluta e as recordistas por raça.

Sobre o Serviço de Controle Leiteiro é preciso que se diga que foi organizado em 1944 pela então As-

sociação Paulista de Criadores de Bovinos, mas esse serviço já fora previsto em seus estatutos por ocasião da fundação da entidade em 1926 e que naquela época recebera a denominação de Federação Paulista de Criadores de Bovinos. Essas alterações na razão social foram feitas por imposição legal e a última denominação de Associação Brasileira de Criadores se deu em 1974 por ocasião da gestão do Sr. Renato Costa Lima.

O trabalho de organização de um serviço de controle leiteiro foi encomendado pela extinta Associação Paulista de Criadores de Bovinos ao médico-veterinário Fidelis Alves Neto que o apresentou como tese em congresso veterinário realizado em Belo Horizonte. A implantação do serviço foi realizada pelo mesmo técnico que, aliás, o dirigiu até 1971. A organização desse serviço deve-se a clarividência de diretores da ex-APCB, que tinha como presidente Eliseu Teixeira de Camargo e gerente técnico, o engenheiro agrônomo Arnaldo de Camargo. Os primeiros resultados apareceram, nesta revista, na edição de Fevereiro de 1945, com publicações sobre os criadores: Sra. Berta Weisflog, Srs. Caio Pinto Guimarães, Caio Ramos, Carlos Alberto Willy Auerbach, Colégio Adventista Brasileiro, Dario Freire Meireles, Eliseu Teixeira de Camargo, Jaime Rocha, Joaquim de Barros Alcantara, Lafayette Alvaro de Souza Camargo, Orlando de Barros Pereira e Paulo de Souza. Assim, o Serviço de Controle Leiteiro começou

com esses doze criadores para terminar o ano com 66 lactações encerradas e chegar a 1975 (setembro) com mais de 78.500 lactações encerradas e o Serviço atingiu a mais de 100 plantéis do Estado para espalhar-se pelos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás e Paraná, enfim, tornando-se um trabalho nitidamente nacional e mantido pelos próprios criadores e a ABC — não recebendo a menor ajuda financeira dos órgãos oficiais.

Esta última explicação vem a guisa porque por incrível que pareça esse extraordinário e elogiado trabalho, eminentemente particular, ultimamente vem sendo combatido não só por associações que até hoje não passaram de meras casas de registro de nascimento e morte de bovinos e outras que para sobreviverem, precisam alojar-se em propriedades oficiais. E o pior de tudo é que se não bastasse esta falta de condições para se manterem, ainda são açuladas por técnicos oficiais e não, contra aquela que há 31 anos trabalha e realiza trabalhos pela melhoria de nossa pecuária e é capaz de manter-se por si mesma.

Diante do que está acontecendo acreditamos que só resta um caminho: a ABC encerrar definitivamente seu Serviço de Controle Leiteiro e entregá-lo a algum organismo oficial ou não, que queira abrigar e passar a dedicar-se à política de defesa dos interesses da classe, publicações especializadas e fornecimento de produtos comerciais.



WILLY'S ROSSANA MILADY ALEGRIA — a vaca que mais leite e gordura produziu em nosso País e duas vezes recordista nacional, na CATEGORIA DE LONGEVIDADE (leite e gordura). WILLY'S ROSSANA MILADY ALEGRIA é uma Holandesa preta e branca, pura de origem que, em 4.192 dias, produziu 89.495 kg de leite e 3.236,5 kg de gordura, com 3,61%. Rossana morreu em 1968 e sempre pertenceu ao plantel da Granja São Quirino, Pecuária Anhumas S.A., em Campinas, SP.



JARDINEIRA II J.B. — quatro gerações crioulas do plantel da Fazenda Campo Lindo, em Cruzília, MG e RECORDISTA ABSOLUTA ENTRE TODAS AS RAÇAS. Aos 9a 2m produziu 14.305 kg de leite e 460,1 kg de gordura, com 3,22% em 365 dias e em 3 ordenhas. É, também, RECORDISTA NACIONAL na Categoria de Longevidade da raça Holandesa vermelha e branca. Em 1.962 dias e em 3 ordenhas produziu 58.957 kg de leite e 1.942 kg de gordura, com 3,29%. Detentora do "BALDE DE OURO".

Resultados do Serviço de Controle Leiteiro — até junho 75

DETENTORA DA VACA DE OURO: Pedestal

Branco e Preto

WILLY'S ROSSANA MILADY ALEGRIA — Hol. pb. PO — PECUÁRIA ANHUMAS S/A. 4.192 dias — 89.495 kg leite — 3.236,5 kg gordura — 3,61%.

BALDE DE OURO:

JARDINEIRA II J.B. — Hol. vb., PC. (Desde 1958) — URBANO JUNQUEIRA DE ANDRADE — 14.305 kg de leite.

BATEDEIRA DE OURO:

VALDIVIA'S TRÊS B. 145 CHUMBO — Hol. Pb., PO — (desde 1974) — DR. BENEDITO J.S. MELLO PATI — 485,5 kg de gordura.

RECORDISTA ABSOLUTA — HOL. PB.

VALDIVIA'S TRÊS B. 145 CHUMBO — Hol. Pb. PO — DR. BENEDITO J.S. MELLO PATI — 13.375 kg leite — 485,5 kg gordura — 3,63%.

RECORDISTA ABSOLUTA — HOL. VB.

JARDINEIRA II J.B. — Hol. vb. PC — URBANO JUNQUEIRA DE ANDRADE — 14.305 kg leite — 460,1 kg gordura — 3,21%.

RECORDISTA ABSOLUTA — JERSEY

BALADA DE STA. HILDA — Jersey PO — JOÃO LARAYA — 7.864 kg leite — 347,8 kg gordura — 4,42%.

RECORDISTA ABSOLUTA — SCHWYZ

IVONE BOM CAFÉ — Schwyz PO — BENEDITO PORTUGAL RENNÓ — 7.130 kg leite — 301,0 kg gordura — 4,22%.

RECORDISTA ABSOLUTA — GUERNSEY

HICKORY GROVE'S PEER'S SUNRAY — Guernsey PO. Dr. CUSTÓDIO CABRAL DE ALMEIDA — 7.419 kg leite. PORCELANA DE PIACATU — Guernsey PO — DR. CUSTÓDIO CABRAL DE ALMEIDA — 331,9 kg gordura.

RECORDISTA ABSOLUTA — FLAMENGA

BAVANE — Flamengo PO — DR. JOÃO LEITE SAMPAIO FERRAZ JR. — 4.281 kg leite — 179,6 kg gordura — 4,19%.

RECORDISTA ABSOLUTA — DINAMARQUESA

PHILIPPA — Dinamarquesa PO — DE PAOLI S/A — FAZENDA STA. ALDA — 11.691 kg leite — 480,1 kg gordura — 4,10%.

RECORDISTA ABSOLUTA — SUECA VERMELHA

ORTA (141) Sueca Vermelha PO — AGÊNCIA MARÍTIMA JOHNSON S/A. 5.611 kg leite — 206,2 kg gordura — 3,67%.

RECORDISTA ABSOLUTA — RED-POLL

P. BACANA — Red-Poll PCOD — DR. LIVIO MALZONI — 4.960 kg leite — 203,1 kg gordura — 4,09%.

RECORDISTA ABSOLUTA — RED-POLL 5/8 x GUZERÁ 3/8

FARMÁCIA (6241) — Red-Poll 5/8 x Guzerá 3/8 — S/A. FRIGORÍFICO ANGLO — 7.079 kg leite — 287,7 kg gordura — 4,06%.

RECORDISTA ABSOLUTA — GUZERÁ

POTINGA J.A. — Guzerá RE — JOÃO CARLOS BURGUES DE ABREU — 5.672 kg leite — 322,8 kg gordura — 5,69%.

RECORDISTAS ABSOLUTAS — GIR

CALDEIRA — Gir NR — FRANCISCO F. BARRETTO — 7.749 kg leite. C.A. GELATINA — Gir RE — GABRIELA DE OLIVEIRA COSTA — 344,9 kg gordura.

RECORDISTAS ABSOLUTAS — SINDI

FORTALEZA — Sindi RE — JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS — 3.845 kg leite. CARTOLA — Sindi RE — JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS — 204,0 kg gordura.

RECORDISTA ABSOLUTA — BÚFALA

BELEZA — Búfala NR — FAZENDA SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A. 3.263 kg leite — 228,2 kg gordura — 6,99%.

RECORDISTAS ABSOLUTAS — TABAPUÁ DE UCHÔA

ARGENTINA DA STA. CECILIA — Tabapuá de Uchôa RE — DR. RODOLPHO ORTENBLAD — 3.671 kg leite. INDIANA DA STA. CECILIA — Tabapuá de Uchôa RE — DR. RODOLPHO ORTENBLAD.

RECORDISTA ABSOLUTA — SIMENTAL

FABIOLA — Simental RE — AGRO PECUÁRIA SUÍÇO BRASILEIRA LTDA. — 3.455 kg leite — 135,1 kg gordura — 3,90%.

RECORDISTA ABSOLUTA — NELORE

TILAPIA — Nelore RE — DR. GABRIEL DONATO DE ANDRADE — 1.306 kg leite — 52,8 kg gordura — 4,04%.

CATEGORIA DE LONGEVIDADE

Novas detentoras da "MEDALHA DE OURO" para vacas que alcançaram 50 toneladas de leite ou 1.800 kg de gordura — até junho de 1975.

RAÇA HOLANDESA PRETO E BRANCO

GUARÁ DANADA — Hol. pb. — PCOC — Antonio Coelho Guimarães — 54.727 kg leite — 1.791,6 kg gordura — 3,27%.

FARRA — Hol. pb. PCOD — João Figueiredo Frota — 52.863 kg leite — 1.727,2 kg gordura — 3,26%.

STA. ANGELA'S SKYROCKET VERBENA — Hol. pb. — PO — Cabaña São Nicolau — 51.420 kg leite — 1.882,8 kg gordura — 3,66%.

ARAP. DE JONGE BLESJE — Hol. pb. — 31/32 — C.J. De Jonge — Arapoti — 50.235 kg leite — 1.726,1 kg gordura — 3,43%.

RAÇA HOLANDESA VERMELHO E BRANCO

HOLAMBRA THEODORA XXI — Hol. vb. — PO — Cabaña São Nicolau — 55.953 kg leite — 1.784,4 kg gordura — 3,18%.

AQUARELA — Hol. vb. — PCOC — Pedro Conde — 50.482 kg leite — 1.670,3 kg gordura — 3,30%.

RAÇA GIR

C.A. GELATINA — Gir — RE — Gabriela de Oliveira Costa — 39.681 kg leite — 2.024,4 kg gordura — 6,02%.

RED-POLL 5/8 x GUZERÁ 3/8

CACHOEIRA (4720) — Red-Poll 5/8 x Guzerá 3/8 — S.A. Frigorífico Anglo — 36.087 kg leite — 1.451,2 kg gordura — 4,02%.

NOVAS DETENTORAS DE FAIXAS NA CATEGORIA DE LONGEVIDADE

FAIXA MARROM — Acima de 50.000 kg de leite ou 1.800 kg de gordura.

HOLANDESA PRETO E BRANCO

GUARÁ DANADA — Antonio Coelho Guimarães — 54.727 kg leite — 1.791,6 kg gordura — 3,27%.

FARRA — João Figueiredo Frota — 52.863 kg leite — 1.727,2 kg gordura — 3,26%.

STA. ANGELA'S SKYROCKET VERBENA — Cabaña São Nicolau — 51.420 kg leite — 1.882,8 kg gordura — 3,66%.

ARAP. DE JONGE BLESJE — C.J. DE JONGE — Arapoti — 50.235 kg leite — 1.726,1 kg gordura — 3,43%.

FAIXA VERDE — Acima de 42.500 kg de leite ou 1.550 kg de gordura.

PARAÍSO JAMAIS PABST — S.A. Faz. Paraíso Agro Pecuária — 48.438 kg de leite — 1.731,4 kg de gordura — 3,57%.

JARDIM BELEZA — Cia. Baptista Scarpa Ind. e Com. — 48.132 kg leite — 1.561,0 kg gordura — 3,24%.

PARAÍSO JAMAICA ALICIA FIDALGO — S.A. Faz. Paraíso Agro Pecuária — 47.835 kg leite — 1.749,1 kg gordura — 3,65%.

PARAÍSO MOEDA FIDALGO — S.A. Fazenda Paraíso Agro Pecuária — 46.580 kg leite — 1.732,8 kg gordura — 3,73%.

SYLVIA IPUA BURKE — Fernando Magalhães — 46.194 kg leite — 1.497,2 kg gordura — 3,24%.

GUARÁ DRAGA — Antonio Coelho Guimarães — 46.140 kg leite — 1.602,7 kg gordura — 3,47%.

PARAÍSO IRA INCA FIDALGO — S.A. Fazenda Paraíso Agro Pec. — 46.047 kg leite — 1.678,9 kg gordura — 3,64%.

ARLETE GALERA — Manoel Alves de Castro — 44.762 kg leite — 1.760,4 kg gordura — 3,93%.

PARAÍSO JIJU DANÇARINA ADONIS — S.A. Faz. Paraíso Agro Pecuária — 44.591 kg leite — 1.593,8 kg gordura — 3,57%.

INDIANA — Cia. Adm. Téc. e Agríc. Atagri — 43.291 kg leite — 1.395,7 kg gordura — 3,68%.

CARTA II MEDALIST C.A.B. — Colégio Adventista Brasileiro — 43.109 kg leite — 1.568,6 kg gordura — 3,63%.

CHUPA-FLOR DO PAU D'ALHO — Jacob Rosier Dutilh — 42.771 kg leite — 1.165,9 kg gordura — 2,72%.

MARTONA'S SKYLINER FRONT ROW 3 — Fernando Alencar Pinto S/A. — 42.638 kg leite — 1.451,7 kg gordura — 3,40%.

RAÇA HOLANDESA VERMELHO E BRANCO

FAIXA MARROM — Acima de 50.000 kg de leite ou 1.800 kg de gordura.

HOLAMBRA THEODORA XXI — Cabaña São Nicolau — 55.953 kg leite — 1.784,4 kg gordura — 3,18%.

AQUARELA — Pedro Conde — 50.482 kg leite — 1.670,3 kg gordura — 3,30%.

FAIXA VERDE — Acima de 42.500 kg de leite ou 1.550 kg de gordura.

S.M. PARAÍSO CUICA — Antonio Carlos Rachou Vaz de Almeida — 44.905 kg leite — 1.601,6 kg de gordura — 3,56%.

RAÇA JERSEY

FAIXA ROSA — Acima de 48.000 kg de leite ou 2.400 kg de gordura.

SANT'ANA LAMPADOSA PAXFORD — Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S.A. — 48.219 kg leite — 2.176 kg gordura — 4,51%.

FAIXA VERDE — Acima de 31.000 kg de leite ou 1.550 kg de gordura.

SANT'ANA DIANA KAHOKA'S COUNT — Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S.A. — 33.665 kg leite — 1.628,4 kg gordura — 4,83%.

SANT'ANA NOIVA OCEANO — Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S.A. — 32.248 kg leite — 1.551,9 kg gordura — 4,81%.

SANT'ANA EUNICE CORINTO — Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S.A. — 31.621 kg leite — 1.444,9 kg gordura — 4,56%.

RAÇA GIR

FAIXA MARROM — Acima de 36.000 kg de leite ou 1.800 kg de gordura.

C.A. GELATINA — Gabriela de Oliveira Costa — 39.681 kg leite — 2.024,4 kg gordura — 6,02%.

FAIXA VERDE — Acima de 31.000 kg de leite ou 1.550 kg de gordura.

C.A. CACHOEIRA — Gabriela de Oliveira Costa — 33.223 kg leite — 1.513,2 kg gordura — 4,55%.

RED-POLL 5/8 x GUZERÁ 3/8

FAIXA MARROM — Acima de 36.000 kg de leite ou 1.800 kg de gordura.

CACHOEIRA (4720) — S.A. Frigorífico Anglo — 36.087 kg leite — 1.451,2 kg gordura — 4,02%.

FAIXA VERDE — Acima de 31.000 kg de leite ou 1.550 kg de gordura.

ANTONINHA (4741) — S.A. Frigorífico Anglo — 33.140 kg leite — 1.382,1 kg gordura — 4,17%.

RIVALINA (K-023) — S.A. Frigorífico Anglo — 32.311 kg leite — 1.325,4 kg gordura — 4,10%.

HOTELÁ (8023) — S.A. Frigorífico Anglo — 32.219 kg leite — 1.286,0 kg gordura — 3,99%.

ÁUSTRIA (H-006) — S.A. Frigorífico Anglo — 31.948 kg leite — 1.250,4 kg gordura — 3,91%.

BRAGANÇA (4406) — S.A. Frigorífico Anglo — 31.491 kg leite — 1.319,9 kg gordura — 4,19%.

RAÇA DINAMARQUESA

FAIXA VERDE — Acima de 42.500 kg de leite ou 1.550 kg de gordura.

PHILIPPA — De Paoli S.A. — Fazenda Alda — 42.560 kg leite — 1.615,3 kg gordura — 3,79%.

REPRODUTORAS EMÉRITAS

Ano (de junho de 1974 a junho de 1975)

RAÇA HOLANDESA PRETO E BRANCO

JOAQUIM PEIXOTO ROCHA
Emerling Burk Huff.

WALDIR JUNQUEIRA DE ANDRADE
Suissa Lins.

LUIZ CARLOS MORAES LASSANCE
Kim Bonita 4 Carol.

JACOB ROSIER DUTILH
Iliada do Pau D'Alho, Identidade do Pau D'Alho.

RAÇA HOLANDESA VERMELHO E BRANCO

ANTONIO CARLOS RACHOU VAZ DE ALMEIDA
S.M. Paraíso Celeta.

CABAÑA SÃO NICOLAU
S. Nicolau Noldien Roland.

ESPÓLIO DE GABRIEL DIAS PEREIRA
Vitoria de Sant'Ana.

PEDRO CONDE
Leviana de Sant'Ana.

JOAQUIM PROCÓPIO DE ARAÚJO
Galaxia Isabela Signet.

EDUARDO SIMONSEN
E.S. Ivanda K. Bet da S. Sebastião.

JOÃO PASSARELLI
Campanha Roeland do Morro Alto, Califórnia.

RAÇA JERSEY

FAZENDA SANT'ANA DO RIO ABAIXO S.A.
Sant'Ana Cafeína Oleiro.

RAÇA DINAMARQUESA

OLAVO BARBOSA
Minot.

RAÇA GIR

JOSÉ JOÃO S.R. DOS REIS
Manchete.

RED-POLL 5/8 x GUZERÁ 3/8

S.A. FRIGORÍFICO ANGLO
Vingança (A-413).

Recordistas até junho de 1975

Raça Holandesa preta e branca — Divisão de 305 e 365 dias.

Circ. no.	Nome do animal	G.de sangue	Prod. (Lbs. Kg.)	Ano	CHIAHOR
-----------	----------------	-------------	------------------	-----	---------

LEITE

1. ORDENHAS					
A1	LENITA	POOD	6.782	1969	MARIO ZAPPI
A2	MT.MADEIRA T. RIGASIM 190	PO	6.919	1971	CARLOS EDUARDO BAPTISTELLA
B1	ARLETE COLOMBIA	PO	7.246	1962	MANOEL ALVES DE CASTRO
B2	ROSALES TEXAL MATTE	PO	7.193	1972	ANTONIO MOSCOSO
C1	POCU BONTJE 11 P.94	PO	10.875	1970	JOSE PERES DE OLIVEIRA
C2	ARLETE MARCIANA	PO	10.137	1960	MANOEL ALVES DE CASTRO
D	VALD.TRES B.145 CHUNDO	PO	9.992	1973	BENEDITO J.S.M.PATI

2. ORDENHAS					
A1	33 COROADA H.REFLECTOR	PO	7.042	1974	BENEDITO J.S.M.PATI
A2	ROLAND 1608 GERALD MAUD	PO	7.273	1972	IRMEOS BARBERS
B1	IDENTIDADE DO PAU D'ALHO	POOD	8.098	1974	JACOB BOSIER DUTIL
B2	ROLAND 1630 PROV.ROYAL	PO	9.556	1972	IRMEOS BARBERS
B3	IDENTIDADE DO PAU D'ALHO	GBB	8.864	1975	JACOB BOSIER DUTIL
C1	ROLAND 1630 PROV.ROYAL	PO	10.374	1973	IRMEOS BARBERS
D	S.ANG.EXTROCKENT VERBENA	PO	9.299	1973	CARANA EDO NICOLAU

CORDURA

1. ORDENHAS					
A1	CARR.MARIE MISS MADEL	PO	244,0	1970	MILTON FARRAIN
A2	PICKLAND REFLINC.OTELLA	PO	220,0	1971	OLINTO MARQUES DE PAULO
B1	ARLETE COLOMBIA	PO	253,6	1962	MANOEL ALVES DE CASTRO
B2	MOGALMS TEXAL MATTE	PO	255,5	1972	ANTONIO MOSCOSO
C1	POCU BONTJE 11 P. 94	PO	354,0	1970	JOSE PERES DE OLIVEIRA
C2	ARLETE MARCIANA	PO	348,5	1960	MANOEL ALVES DE CASTRO
D	VALD.TRES B.145 CHUNDO	PO	377,7	1973	BENEDITO J.S.M.PATI

2. ORDENHAS					
A1	33 COROADA H.REFLECTOR	PO	256,6	1974	BENEDITO J.S.M.PATI
A2	S.ANG.EXTROCKENT VERBENA	PO	260,1	1968	CARANA EDO NICOLAU
B1	SUBODANA JAKIE TORO	PO	329,8	1973	LUIS CARLOS MORAES LASSANCE
B2	ROLAND 1630 PROV.ROYAL	PO	300,6	1972	IRMEOS BARBERS
C1	S.ANG.EXTROCKENT VERBENA	PO	339,5	1969	CARANA EDO NICOLAU
C2	ROL.1630 PROV.ROYAL	PO	336,9	1973	IRMEOS BARBERS
D	ACHADA DO PAU D'ALHO	PO	332,7	1973	JACOB BOSIER DUTIL

Raça Holandesa vermelha e branca — Divisão de 305 e 365 dias

LEITE

1. ORDENHAS					
A1	BETINA'S REP.GUARACY	PO	6.993	1973	PEDRO CONDE
A2	ALS.BETINA'S REP.OMA	PO	6.788	1974	PEDRO CONDE
B1	MEQUIM GAROTA	PO	6.415	1973	ANTONIO CARLOS SACHOU V.de ALMEIDA
B2	SALOPHAN JASMINE	PO	7.546	1971	PEDRO CONDE
B3	DELBAR C.TEXAL RED	PO	9.295	1973	PEDRO CONDE
C1	MOELIN SIGNET TONT	PO	8.026	1972	JOSE SYLVIO MACALHERES
D	JARDINGIRA II J.B.	POOD	9.884	1955	URBANO JURQUEIRA

2. ORDENHAS					
A1	S.N.HOLDERS 3 REP.PAUL	PO	6.288	1974	CARANA EDO NICOLAU
A2	JOTATE LIMPRIA	POOD	5.774	1971	JOSE BASTOS THOMPSON
B1	GACETA DE SANT'ANA	11/32	6.131	1969	GABRIEL DIAS PEREIRA
B2	MT.TORO NOVA 353	PO	6.746	1975	HUGO REINALDO RUINO
C1	S.N.LONA 2 CENTURION ROLAND	PO	7.337	1974	CARANA EDO NICOLAU
C2	BORTENCIA DE S.A.	7/8	7.981	1973	VASCO MIL HOBENS ARANTES
D	MADAME DE MORADA NOVA	11/32	8.194	1969	FLAVIO C.B.OUTIERRES

CORDURA

1. ORDENHAS					
A1	BETINA'S REP.GUARACY	PO	223,7	1973	PEDRO CONDE
A2	S.M.P.UDAM MARQUIS RED	GBB	244,5	1974	ANTONIO C.SACHOU VAS DE ALMEIDA
B1	BETINA'S L.N.DAMA II	POOD	262,4	1971	PEDRO CONDE
B2	GAROTA MORLE DE SANT'ANA	GBB	240,8	1974	PEDRO CONDE
C1	DELBAR C.TEXAL RED	PO	338,0	1973	PEDRO CONDE
C2	SALOPHAN JASMINE	PO	278,3	1972	PEDRO CONDE
D	JARDINGIRA II J.B.	POOD	330,9	1955	URBANO JURQUEIRA

2. ORDENHAS					
A1	HARMONIZADA LARRY MOORE S.A.	PO	233,0	1974	JOAO PASSARELLI
A2	DAGMAR MAG'S	11/32	219,1	1968	JOSE SYLVIO MACALHERES
B1	S.S.IVANDA K.BET DA S.B.	PO	233,8	1973	EDUARDO SIMPSON
B2	MT.TORO NOVA 353	PO	249,6	1975	HUGO REINALDO RUINO
C1	S.S.IVANDA K.BET DA S.B.	PO	266,8	1975	EDUARDO SIMPSON
C2	BORTENCIA DE S.A.	7/8	265,0	1973	VASCO MIL HOBENS ARANTES
D	MADAME DE MORADA NOVA	11/32	291,6	1969	FLAVIO C.B.OUTIERRES

Circ. no.	Nome do animal	G.de sangue	Prod. (Lbs. Kg.)	Ano	CHIAHOR
-----------	----------------	-------------	------------------	-----	---------

LEITE

1. ORDENHAS					
A1	ANABELA	POOD	7.535	1968	ANTONIO LUIZ FERRAS
A2	G.T.ESPADA D.REFLECTION	PO	10.261	1971	JOAO ARTHUR RIBAS VIANNA
B1	ANABELA	POOD	9.373	1968	ANTONIO LUIZ FERRAS
B2	OPUS 174 MAGNUS LILIANA	PO	9.902	1971	ANTONIO MOSCOSO
C1	POCU BONTJE 11 P.24	PO	11.679	1970	JOSE PERES DE OLIVEIRA
C2	ARLETE MARCIANA	PO	11.722	1960	MANOEL ALVES DE CASTRO
D	LEONILDA ROSINA B.SOLAPE	PO	12.727	1973	ANTONIO MOSCOSO

2. ORDENHAS					
A1	ROLAND 1614 DIANA MAUD	PO	8.988	1971	SOC.COOP.CASTROLANDA LTDA.
A2	S.N.GRAVE IMPEROR	PO	8.863	1974	CARANA EDO NICOLAU
B1	CAMPORA DIVINDO VICTORIA	PO	9.039	1975	BENEDITO J.S.M.PATI
B2	ROL.1630 PROVINCIANA ROYAL	PO	10.172	1972	IRMEOS BARBERS
C1	ROLAND 1509 REP.CASCARE	PO	9.583	1972	IRMEOS BARBERS
C2	ROL.1630 PROVINCIANA ROYAL	PO	10.384	1974	IRMEOS BARBERS
D	VALD.TRES B.145 CHUNDO	PO	11.375	1974	BENEDITO J.S.M.PATI

CORDURA

1. ORDENHAS					
A1	CARR.MARIE MISS MADEL	PO	256,9	1970	MILTON FARRAIN
A2	G.V.ESPADA D.REFLECTION	PO	315,5	1971	JOAO ARTHUR RIBAS VIANNA
B1	LENDA CHAMPION 88	OCI	388,5	1972	JOAO F.ROTA
B2	OPUS 174 MAGNUS LILIANA	PO	333,9	1971	ANTONIO MOSCOSO
C1	POCU BONTJE 11 P.24	PO	398,4	1970	JOSE PERES DE OLIVEIRA
C2	KIM TARTAN 3 COANCO	PO	424,8	1973	LUIS CARLOS MORAES LASSANCE
D	LEONILDA B.SUNITA SOLAPE	PO	454,2	1974	ANTONIO MOSCOSO

2. ORDENHAS					
A1	ROLAND 1614 DIANA MAUD	PO	327,0	1971	SOC.COOP.CASTROLANDA LTDA.
A2	CIRCHERO ALBERTIS C.CAPTAIN	PO	298,1	1975	LUIS CARLOS MORAES LASSANCE
B1	SUBODANA JAKIE TORO	PO	338,5	1973	LUIS CARLOS MORAES LASSANCE
B2	VALD.TRES B.145 CHUNDO	PO	344,5	1972	BENEDITO J.S.M.PATI
C1	S.ANG.EXTROCKENT VERBENA	PO	354,1	1969	CARANA EDO NICOLAU
C2	OLHAMPTON CITATION CORLESS	PO	329,5	1975	LUIS CARLOS MORAES LASSANCE
D	VALD.TRES B.145 CHUNDO	PO	485,5	1974	BENEDITO J.S.M.PATI

LEITE

1. ORDENHAS					
A1	ALBERTINA'S B.A.B.GITANA	PO	8.247	1973	PEDRO CONDE
A2	DUALITY TRANSMITTER LADY	PO	8.665	1971	PEDRO CONDE
B1	BETINA'S REP.ORELHA	POOD	8.939	1974	PEDRO CONDE
B2	REFLEXION DOCHERS	PO	12.444	1970	JOSE SYLVIO MACALHERES
C1	BETINA'S L.N.ELIANA	POOD	6.567	1973	PEDRO CONDE
C2	CAPTO LINDA 10	PO	9.725	1975	AMILCAR FARID TAKIN
D	JARDINGIRA II J.B.	POOD	14.305	1955	URBANO JURQUEIRA

2. ORDENHAS					
A1	M.R.HUI WILLI'S PLUTOLAT	PO	8.997	1974	RODOLFO F.DE MELLO
A2	BOB LUCKY CONNIE RED	PO	8.904	1974	RODOLFO F.DE MELLO
B1	A.SUN NUGGET RED	PO	7.695	1974	RODOLFO F.DE MELLO
B2	V.S.HUI PLUTOLAT VICTORIANA	PO	7.994	1973	RODOLFO F.DE MELLO
C1	CRICK A LAM TRA BOIE RED	PO	9.056	1975	JOSE SYLVIO MACALHERES
C2	PARA RATUVA MACHIEL DE S.A.	POOD	8.044	1973	JOAO PASSARELLI
D	S.N.JACATINDA 1 CENTURION	PO	10.874	1975	CARANA EDO NICOLAU

CORDURA

1. ORDENHAS					
A1	ALBERTINA'S B.A.B.GITANA	PO	282,5	1973	PEDRO CONDE
A2	BOB LUCKY CONNIE RED	PO	301,7	1972	PEDRO CONDE
B1	BETINA'S L.N.DAMA II	POOD	278,2	1971	PEDRO CONDE
B2	REFLEXION DOCHERS	PO	448,2	1970	JOSE SYLVIO MACALHERES
C1	BETINA'S L.N.ELIANA	POOD	295,3	1973	PEDRO CONDE
C2	BETINA'S L.N.DAMA II	POOD	363,4	1972	PEDRO CONDE
D	JARDINGIRA II J.B.	POOD	460,1	1955	URBANO JURQUEIRA

2. ORDENHAS					
A1	REFLEXION DOCHERS	PO	360,1	1969	JOSE SYLVIO MACALHERES
A2	BOB LUCKY CONNIE RED	PO	334,3	1974	RODOLFO F.DE MELLO
B1	A.SUN NUGGET RED	PO	296,7	1974	RODOLFO F.DE MELLO
B2	CRISTAL GACETA	POOD	281,3	1967	FLAVIO E FARIO V.X.DA SILVEIRA
C1	FALOMA MAURITIA 3 DE MEIRALDES	GBB	307,2	1971	ANTONIO JOSINO MEIRALDES
C2	ALI REPLANADA ROCKWOOD RED	PO	377,9	1974	RODOLFO F.DE MELLO
D	MADAME DE MORADA NOVA	11/32	362,1	1970	FLAVIO C.B.OUTIERRES

Raça Jersey — Divisão de 305 e 365 dias

Cód. de	Nome do animal	G. do	Prod. em	Ann.	CHADON
de		analis	em Kg		
LEITE					
3 ORDENHAS					
A1	JACA CARLOS XENOPONTE	PO	4.282	1974	JOSE DE MORAES A. SILVA
A2	SUISSA ISOLDA MILKMAN	PO	3.123	1974	ALBINO MALDON
A3	SUISSA ALVORADA NUNO	PO	4.767	1973	ALBINO MALDON
A4	S.A. KALMAS PATRICIAN	PO	3.173	1958	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A5	S.A. ITAPEMA PATRICIAN	PO	3.890	1958	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A6	S.A. PRESILTA 2ª SOTERSON	PO	4.714	1973	ALBINO MALDON
A7	SANT'ANA ESQUIVA OLIVEIRO	PO	5.325	1973	ALBINO MALDON
3 ORDENHAS					
A1	S.A. MONTANA PATY	PO	3.892	1972	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A2	S.A. KALVIA 5ª PATIENCE	PO	3.434	1974	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A3	JACA FACIURA EMMOND	PO	4.301	1966	JOSE DE MORAES A. SILVA
A4	SANT'ANA TRINDADE ESTANISLAU	PO	4.145	1973	ALBINO MALDON
A5	JACA CARLOS XENOPONTE	PO	4.145	1965	JOSE DE MORAES A. SILVA
A6	S.A. MINISTRIA OASIS	PO	4.227	1969	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A7	SANT'ANA RITA OASIS	PO	5.737	1973	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
3 ORDENHAS					
A1	JACA FACIURA EMMOND	PO	325,6	1965	JOSE DE MORAES A. SILVA
A2	SUISSA ISOLDA MILKMAN	PO	187,5	1974	ALBINO MALDON
A3	SUISSA ALVORADA NUNO	PO	201,8	1973	ALBINO MALDON
A4	S.A. KALMAS PATRICIAN	PO	144,7	1958	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A5	S.A. ITAPEMA PATRICIAN	PO	193,4	1958	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A6	S.A. PRESILTA 2ª SOTERSON	PO	230,7	1973	ALBINO MALDON
A7	S.A. ESTRELA BOLHAYEN	PO	257,7	1958	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
3 ORDENHAS					
A1	S.A. MONTANA PATY	PO	147,5	1970	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A2	S.A. KALVIA 5ª PATIENCE	PO	152,7	1974	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A3	JACA FACIURA EMMOND	PO	212,2	1966	JOSE DE MORAES A. SILVA
A4	SANT'ANA TRINDADE ESTANISLAU	PO	196,0	1967	JOSE DE MORAES A. SILVA
A5	JACA CARLOS XENOPONTE	PO	215,0	1965	JOSE DE MORAES A. SILVA
A6	S.A. MINISTRIA OASIS	PO	212,0	1969	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A7	SANT'ANA RITA OASIS	PO	253,8	1973	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.

Raça Schwyz — Divisão de 305 e 365 dias

Cód. de	Nome do animal	G. do	Prod. em	Ann.	CHADON
de		analis	em Kg		
LEITE					
3 ORDENHAS					
A1	BOM CAPE ILIANA	PO	3.392	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A2	BOM CAPE ISMENIA	PO	3.542	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A3	BOM CAPE IVANI	PO	4.590	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A4	BOM CAPE IRANI	PO	4.920	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A5	IVONE BOM CAPE	PO	6.413	1974	BENEDITO PORTUGAL RENO
A6	BOM CAPE INDIA	PO	5.305	1974	BENEDITO PORTUGAL RENO
3 ORDENHAS					
A1	V.B. BANCO PAULA BARTA	PO	3.779	1975	CIA. AGRO PEC. ST. MADALENA
A2	BOM CAPE IRANI	PO	3.849	1971	BENEDITO PORTUGAL RENO
A3	BORELLA DE FIMBRO	PO	4.236	1967	MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
A4	COPACABANA FORTUNA	PO	4.484	1968	D. FIERRE AGRO PEC. S/A.
A5	BOM CAPE ALFA AMERICANA	PO	5.250	1962	BENEDITO PORTUGAL RENO
A6	BOM CAPE MAGOLIA	PO	4.362	1971	BENEDITO PORTUGAL RENO
A7	BOM CAPE COPAF	PO	5.456	1970	BENEDITO PORTUGAL RENO
3 ORDENHAS					
A1	BOM CAPE ILIANA	PO	121,0	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A2	BOM CAPE ISMENIA	PO	140,2	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A3	BOM CAPE IRI	PO	158,6	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A4	BOM CAPE IRANI	PO	194,7	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A5	IVONE BOM CAPE	PO	263,6	1974	BENEDITO PORTUGAL RENO
A6	BOM CAPE INDIA	PO	229,5	1974	BENEDITO PORTUGAL RENO
3 ORDENHAS					
A1	V.B. BANCO PAULA BARTA	PO	157,6	1975	CIA. AGRO PEC. ST. MADALENA
A2	BOM CAPE IRANI	PO	157,1	1972	CIA. AGRO PEC. ST. MADALENA
A3	BORELLA DE FIMBRO	PO	155,8	1967	MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
A4	BOM CAPE IRANI	PO	166,8	1974	BENEDITO PORTUGAL RENO
A5	BOM CAPE ALFA AMERICANA	PO	201,2	1962	BENEDITO PORTUGAL RENO
A6	CANTILLA COPACABANA	PO	175,0	1965	D. FIERRE AGRO PEC. S/A.
A7	BETH'S DOOLIT O.	PO	220,5	1972	CIA. AGRO PEC. ST. MADALENA

Raça Guernsey — Divisão de 305 dias

Cód. de	Nome do animal	G. do	Prod. em	Ann.	CHADON
de		analis	em Kg		
LEITE					
3 ORDENHAS					
A1	XITA OVERLAND DE BOQUEIRO	PO	6.005	1975	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
A2	GOLD BANNER GRAND CHARM	PO	3.716	1971	TULLIO DEVECOVI
A3	LILAC DIVIDEND DE BOQUEIRO	PO	5.249	1975	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
A4	PAX ALVA GOLD BANNER DO ALTO	PO	5.245	1975	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
A5	RAIMELTON M.D. MAGIO	PO	5.898	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
A6	JOHN LEE PRINCE ULAH	PO	6.577	1974	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
A7	HICKORY GROVE'S P. JOURAY	PO	7.154	1974	CUSTODIO C. DE ALMEIDA

Cód. de	Nome do animal	G. do	Prod. em	Ann.	CHADON
de		analis	em Kg		
LEITE					
3 ORDENHAS					
A1	JACA FACIURA EMMOND	PO	4.282	1974	JOSE DE MORAES A. SILVA
A2	SUISSA ISOLDA MILKMAN	PO	3.123	1974	ALBINO MALDON
A3	SUISSA ALVORADA NUNO	PO	4.767	1973	ALBINO MALDON
A4	S.A. KALMAS PATRICIAN	PO	3.173	1958	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A5	S.A. ITAPEMA PATRICIAN	PO	3.890	1958	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A6	S.A. PRESILTA 2ª SOTERSON	PO	4.714	1973	ALBINO MALDON
A7	SANT'ANA ESQUIVA OLIVEIRO	PO	5.325	1973	ALBINO MALDON
3 ORDENHAS					
A1	S.A. MONTANA PATY	PO	3.892	1972	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A2	S.A. KALVIA 5ª PATIENCE	PO	3.434	1974	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A3	JACA FACIURA EMMOND	PO	4.301	1966	JOSE DE MORAES A. SILVA
A4	SANT'ANA TRINDADE ESTANISLAU	PO	4.145	1973	ALBINO MALDON
A5	JACA CARLOS XENOPONTE	PO	4.145	1965	JOSE DE MORAES A. SILVA
A6	S.A. MINISTRIA OASIS	PO	4.227	1969	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A7	SANT'ANA RITA OASIS	PO	5.737	1973	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
3 ORDENHAS					
A1	JACA FACIURA EMMOND	PO	325,6	1965	JOSE DE MORAES A. SILVA
A2	SUISSA ISOLDA MILKMAN	PO	187,5	1974	ALBINO MALDON
A3	SUISSA ALVORADA NUNO	PO	201,8	1973	ALBINO MALDON
A4	S.A. KALMAS PATRICIAN	PO	144,7	1958	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A5	S.A. ITAPEMA PATRICIAN	PO	193,4	1958	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A6	S.A. PRESILTA 2ª SOTERSON	PO	230,7	1973	ALBINO MALDON
A7	S.A. ESTRELA BOLHAYEN	PO	257,7	1958	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
3 ORDENHAS					
A1	S.A. MONTANA PATY	PO	147,5	1970	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A2	S.A. KALVIA 5ª PATIENCE	PO	152,7	1974	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A3	JACA FACIURA EMMOND	PO	212,2	1966	JOSE DE MORAES A. SILVA
A4	SANT'ANA TRINDADE ESTANISLAU	PO	196,0	1967	JOSE DE MORAES A. SILVA
A5	JACA CARLOS XENOPONTE	PO	215,0	1965	JOSE DE MORAES A. SILVA
A6	S.A. MINISTRIA OASIS	PO	212,0	1969	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.
A7	SANT'ANA RITA OASIS	PO	253,8	1973	PAZ. SANT'ANA DO RIO ABAIXO S/A.

Cód. de	Nome do animal	G. do	Prod. em	Ann.	CHADON
de		analis	em Kg		
LEITE					
3 ORDENHAS					
A1	BELA VISTA WILMA	PO	4.818	1951	ALBERTO FERREI
A2	IVONE BOM CAPE	PO	6.523	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A3	BOM CAPE IRANI	PO	5.162	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A4	BELA VISTA JANE WILMA	PO	6.686	1953	ALBERTO FERREI
A5	IVONE BOM CAPE	PO	7.130	1974	BENEDITO PORTUGAL RENO
A6	CLARINETA	NR	6.700	1958	ALBERTO FERREI
3 ORDENHAS					
A1	V.B. BANCO PAULA BARTA	PO	4.035	1975	CIA. AGRO PEC. ST. MADALENA
A2	BOM CAPE IRANI	PO	4.664	1973	CIA. AGRO PEC. ST. MADALENA
A3	BORELLA DE FIMBRO	PO	5.259	1967	MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
A4	COPACABANA FORTUNA	PO	4.631	1968	D. FIERRE AGRO PEC. S/A.
A5	BELA VISTA JANE WILMA	PO	6.218	1950	ALBERTO FERREI
A6	BETH DE ST. MADALENA	PO	5.252	1972	CIA. AGRO PEC. ST. MADALENA
A7	BORELLA	PO	6.597	1965	D. FIERRE AGRO PEC. S/A.
3 ORDENHAS					
A1	BELA VISTA JANE WILMA	PO	191,3	1951	ALBERTO FERREI
A2	IVONE BOM CAPE	PO	370,1	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A3	BOM CAPE ISMENIA	PO	224,1	1974	BENEDITO PORTUGAL RENO
A4	BELA VISTA JANE WILMA	PO	269,7	1953	ALBERTO FERREI
A5	IVONE BOM CAPE	PO	300,9	1972	BENEDITO PORTUGAL RENO
A6	CLARINETA	NR	283,0	1958	ALBERTO FERREI
3 ORDENHAS					
A1	V.B. BANCO PAULA BARTA	PO	171,5	1975	CIA. AGRO PEC. ST. MADALENA
A2	BOM CAPE IRANI	PO	197,5	1973	CIA. AGRO PEC. ST. MADALENA
A3	BORELLA DE FIMBRO	PO	208,2	1967	MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
A4	COPACABANA FORTUNA	PO	204,5	1968	D. FIERRE AGRO PEC. S/A.
A5	BELA VISTA JANE WILMA	PO	216,2	1950	ALBERTO FERREI
A6	BETH DE ST. MADALENA	PO	221,0	1972	CIA. AGRO PEC. ST. MADALENA
A7	BORELLA	PO	273,9	1970	BENEDITO PORTUGAL RENO

Cód. de	Nome do animal	G. do	Prod. em	Ann.	CHADON
de		analis	em Kg		
LEITE					
3 ORDENHAS					
A1	XITA OVERLAND DE BOQUEIRO	PO	270,3	1975	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
A2	GOLD BANNER GRAND CHARM	PO	155,6	1971	TULLIO DEVECOVI
A3	LILAC DIVIDEND DE BOQUEIRO	PO	227,4	1975	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
A4	PAX ALVA GOLD BANNER DO ALTO	PO	241,1	1975	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
A5	RAIMELTON M.D. MAGIO	PO	313,1	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
A6	JOHN LEE PRINCE ULAH	PO	290,0	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
A7	HICKORY GROVE'S P. JOURAY	PO	327,6	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA

Raça Guernsey — Divisão de 365 dias

Criação	Nome do animal	Idade	Produção	Ano	Criador
se		em anos	kg- Re		
LEITE					
1. ORDENHAS					
A1	COUNT ALEUIA AGUIHAS NEGRAS	PO	3.952	1951	ALBERTO FERRAS
AS					
BS					
CS					
D					
2. ORDENHAS					
A1	PAX ALVA GOLD BANNER DO ALTO	PO	6.276	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
AS	DALLA DE ROTO HORIZONTE	PO	3.644	1974	TULLIO DEVECOVI
BS	JANE LEVIS VALIA	PO	4.195	1973	TULLIO DEVECOVI
CS	LILAC DIVIDEND DO BOURNE	PO	5.452	1975	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
D	RABBITON M. P. MAGIS	PO	3.773	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
E	WAGGON DE BILLY	PO	6.119	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
F	HICKORY GROVE'S P. MURRAY	PO	7.449	1974	CUSTODIO C. DE ALMEIDA

Raça Flamengo — Divisão de 305 e 365 dias

Criação	Nome do animal	Idade	Produção	Ano	Criador
se			kg- Re		
LEITE					
1. ORDENHAS					
A1					
AS	RICHETTE	RE	1.796	1970	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
BS	ELMA	RE	1.660	1970	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
CS	RICHETTE	RE	2.299	1971	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
D	BREDAINE	RE	3.068	1972	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
E	RICHETTE	RE	2.175	1972	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
F	JACIRA	RE	1.504	1971	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
G	FIORETTA	RE	3.269	1974	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
GORDURA					
2. ORDENHAS					
A1					
AS	RICHETTE	RE	74,1	1970	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
BS	ELMA	RE	64,0	1970	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
CS	RICHETTE	RE	91,4	1971	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
D	BREDAINE	RE	102,6	1972	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
E	RICHETTE	RE	85,2	1972	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
F	JACIRA	RE	62,3	1971	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
G	FIORETTA	RE	129,6	1974	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.

Raça Dinamarquesa — Divisão de 305 e 365 dias

Criação	Nome do animal	Idade	Produção	Ano	Criador
se			kg- Re		
LEITE					
1. ORDENHAS					
A1	MARCELADA INDEPENDENCIA	3/4	3.631	1973	JORGE DE MELLO BARBOSA
AS	ST* ALDA CRILLES MARQUEZA	PO	7.053	1972	DE PAOLI S/A. - FAL. ST* ALDA
BS	N. D. N. S. S. S.	PO	3.919	1969	OLAVO SILVA BARBOSA
CS	PHILIPPA	PO	4.302	1970	DE PAOLI S/A. - FAL. ST* ALDA
D	MINGIVA	PO	4.130	1969	HELIO MOREIRA GALLES
E	IKALLS	PO	5.026	1972	DE PAOLI S/A. - FAL. ST* ALDA
F	POLLY	PO	5.778	1972	DE PAOLI S/A. - FAL. ST* ALDA
GORDURA					
2. ORDENHAS					
A1	MARCELADA INDEPENDENCIA	3/4	154,8	1973	JORGE DE MELLO BARBOSA
AS	ST* ALDA CRILLES MARQUEZA	PO	302,0	1972	DE PAOLI S/A. - FAL. ST* ALDA
BS	(61)	PO	174,0	1958	NORRIDGE & CIA.
CS	NEIRA INDEPENDENCIA	PO	177,9	1971	JORGE DE MELLO BARBOSA
D	MINGIVA	PO	164,5	1969	HELIO MOREIRA GALLES
E	NEIRA INDEPENDENCIA	PO	217,7	1972	JORGE DE MELLO BARBOSA
F	POLLY	PO	232,3	1972	DE PAOLI S/A. - FAL. ST* ALDA

Búfala — Divisão de 305 dias

Criação	Nome do animal	Idade	Produção	Ano	Criador
se			kg- Re		
LEITE					
1. ORDENHAS					
A1					
AS					
BS					
CS					
D					
E					
2. ORDENHAS					
A1					
AS					
BS					
CS					
D					
E					
3. ORDENHAS					
A1					
AS					
BS					
CS					
D					
E					

Criação	Nome do animal	Idade	Produção	Ano	Criador
se			kg- Re		
GORDURA					
1. ORDENHAS					
A1	COUNT ALEUIA AG. NEGRAS	PO	165,0	1951	ALBERTO FERRAS
AS					
BS					
CS					
D					
2. ORDENHAS					
A1	PAX ALVA GOLD BANNER DO ALTO	PO	302,7	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
AS	GOLD BANNER GRAND CHARM	PO	179,1	1971	TULLIO DEVECOVI
BS	LILAC DIVIDEND DO BOURNE	PO	231,9	1975	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
CS	VILLA WAT H. N. CLOW	PO	166,1	1973	TULLIO DEVECOVI
D	RABBITON M. P. MAGIS	PO	119,3	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
E	WAGGON DE BILLY	PO	322,4	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA
F	POPCOLANA DE PIACATU	PO	331,9	1973	CUSTODIO C. DE ALMEIDA

Criação	Nome do animal	Idade	Produção	Ano	Criador
se			kg- Re		
LEITE					
1. ORDENHAS					
A1					
AS	QUINQUINA	PO	2.405	1970	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
BS	URUBA	PO	2.097	1971	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
CS	BAYANE	PO	2.098	1971	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
D	BREDAINE	PO	3.485	1972	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
E	QUINQUINA	PO	2.796	1973	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
F	ELMA	RE	2.819	1971	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
G	BAYANE	PO	4.281	1974	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
GORDURA					
2. ORDENHAS					
A1					
AS	QUINQUINA	PO	101,7	1970	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
BS	URUBA	PO	80,3	1971	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
CS	BAYANE	PO	85,6	1971	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
D	BREDAINE	PO	125,9	1972	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
E	QUINQUINA	PO	101,9	1973	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
F	ELMA	RE	109,9	1971	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.
G	BAYANE	PO	179,6	1974	JORD LEITE RAMPAIO FERRAS JR.

Criação	Nome do animal	Idade	Produção	Ano	Criador
se			kg- Re		
LEITE					
1. ORDENHAS					
A1					
AS					
BS					
CS					
D					
E					
2. ORDENHAS					
A1					
AS					
BS					
CS					
D					
E					

Criação	Nome do animal	Idade	Produção	Ano	Criador
se			kg- Re		
GORDURA					
1. ORDENHAS					
A1					
AS					
BS					
CS					
D					
E					
2. ORDENHAS					
A1					
AS					
BS					
CS					
D					
E					

Raça Red-Poll — Divisão de 305 e 365 dias

Ordem	Nome do animal	N. do registro	Progenitor	Ano	Criador
L E I T E					
2. ORDENHAS					
AJ	ARCOIA	FOOD	1.508	1971	LIVIO MALDONI
AS					
BJ	GALA PRIMAYERA	FOOD	2.104	1974	LIVIO MALDONI
BS	FIDALGUA PRIMAYERA	FOOD	2.716	1973	LIVIO MALDONI
CJ	PRIMAYERA ENRIDA	FOOD	2.577	1973	LIVIO MALDONI
CS	PRIMAYERA ELITORA	FOOD	2.533	1973	LIVIO MALDONI
D	PRIMAYERA SACASA	FOOD	4.671	1974	LIVIO MALDONI

G O R D U N A

2. ORDENHAS					
AJ	ARCOIA	FOOD	48,6	1971	LIVIO MALDONI
AS					
BJ	GALA PRIMAYERA	FOOD	81,0	1974	LIVIO MALDONI
BS	PRIMAYERA PRIMAYERA	FOOD	99,9	1973	LIVIO MALDONI
CJ	PRIMAYERA ENRIDA	FOOD	100,3	1973	LIVIO MALDONI
CS	PRIMAYERA ELITORA	FOOD	110,3	1973	LIVIO MALDONI
D	PRIMAYERA SACASA	FOOD	186,8	1974	LIVIO MALDONI

Ordem	Nome do animal	N. do registro	Progenitor	Ano	Criador
L E I T E					
2. ORDENHAS					
AJ	GLORIA PRIMAYERA	FOOD	3.479	1973	LIVIO MALDONI
AS					
BJ	GALA PRIMAYERA	FOOD	2.799	1974	LIVIO MALDONI
BS	FIDALGUA PRIMAYERA	FOOD	2.805	1973	LIVIO MALDONI
CJ	PRIMAYERA ENRIDA	FOOD	2.656	1973	LIVIO MALDONI
CS	PRIMAYERA ELITORA	FOOD	3.508	1973	LIVIO MALDONI
D	PRIMAYERA SACASA	FOOD	4.569	1974	LIVIO MALDONI

G O R D U N A

2. ORDENHAS					
AJ	GLORIA PRIMAYERA	FOOD	120,3	1973	LIVIO MALDONI
AS					
BJ	GALA PRIMAYERA	FOOD	100,8	1974	LIVIO MALDONI
BS	PRIMAYERA PRIMAYERA	FOOD	166,0	1973	LIVIO MALDONI
CJ	PRIMAYERA ENRIDA	FOOD	83,6	1973	LIVIO MALDONI
CS	PRIMAYERA ELITORA	FOOD	123,2	1973	LIVIO MALDONI
D	PRIMAYERA SACASA	FOOD	203,1	1974	LIVIO MALDONI

Raça Red-Poll 5/8 x Guzerá 3/8 — Divisão de 305 e 365 dias

L E I T E					
2. ORDENHAS					
AJ	FLORIDA (4729)		2.494	1962	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
AS	JURDA (5026)		3.492	1969	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
BS	BOBONEIA (2650)		3.589	1975	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
CS	BRAGA (P-370)		4.393	1971	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
D	ALPESINA (B-242)		4.224	1970	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
CS	OLIMPIA (2469)		4.456	1973	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
D	COPIA (6124)		5.072	1969	S.A. PRIONIFICADO ANGLO

G O R D U N A

2. ORDENHAS					
AJ	FLORIDA (4729)		117,2	1962	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
AS	BOBONEIA (6151)		140,0	1966	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
BS	ALPESINA (B-376)		148,5	1972	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
CS	BRAGA (P-370)		172,2	1971	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
D	PAUSA (P-400)		171,9	1971	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
CS	COPIA (6-219)		178,6	1971	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
D	ALPESINA (K-023)		202,1	1971	S.A. PRIONIFICADO ANGLO

L E I T E					
2. ORDENHAS					
AJ	PARACITA (1055)		3.893	1969	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
AS	VENEZIANA (P-494)		4.857	1971	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
BS	ALPESINA (B-468)		4.110	1973	JOSE' RESENDE PERES
CS	BRAGA (P-370)		4.945	1971	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
D	ALPESINA (B-042)		4.415	1966	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
CS	ALPESINA (B-289)		4.999	1972	JOSE' RESENDE PERES
D	PARACITA (6251)		7.079	1972	S.A. PRIONIFICADO ANGLO

G O R D U N A

2. ORDENHAS					
AJ	PARACITA (1055)		144,6	1969	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
AS	VENEZIANA (P-494)		178,6	1971	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
BS	ALPESINA (B-468)		219,2	1973	JOSE' RESENDE PERES
CS	BRAGA (P-370)		197,0	1971	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
D	VENEZIANA (P-587)		192,0	1974	S.A. PRIONIFICADO ANGLO
CS	ALPESINA (B-289)		225,4	1972	JOSE' RESENDE PERES
D	PARACITA (6251)		287,7	1972	S.A. PRIONIFICADO ANGLO

Raça Guzerá — Divisão de 305 e 365 dias

L E I T E					
2. ORDENHAS					
AJ					
AS					
BS	DOISIA J.O.	RE	2.214	1972	JOSE' OSORIO DE ALMEIDA JR.
CS	BOIA I	RE	1.630	1969	ROBERTO MARTINS FRANCO
D	BOIA J.O.	RE	2.153	1974	JOSE' OSORIO DE ALMEIDA JR.
CS	JURARA	RE	2.237	1973	JOSE' RESENDE PERES
D	PAUSA J.P.	RE	4.043	1970	JOSE' RESENDE PERES
D	PAUSADA J.A.	RE	3.950	1972	JOSE' RESENDE PERES

G O R D U N A

2. ORDENHAS					
AJ					
AS					
BS	BOIA I	RE	120,2	1969	ROBERTO MARTINS FRANCO
CS	BOIA J.O.	RE	22,6	1969	ROBERTO MARTINS FRANCO
D	JURARA	RE	111,5	1974	JOSE' OSORIO DE ALMEIDA JR.
CS	JURARA	RE	128,2	1973	JOSE' RESENDE PERES
D	PAUSA J.P.	RE	214,8	1970	JOSE' RESENDE PERES
D	PAUSADA J.A.	RE	210,0	1966	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA

L E I T E					
2. ORDENHAS					
AJ	LARINA DA INDIANA	RE	5.096	1968	JOSE' RESENDE PERES
AS					
BS	TARATINA J.A.	RE	1.723	1972	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
CS	HOLANDA J.A.	RE	4.788	1973	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
D	PALESTINA J.A.	RE	3.377	1973	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
CS	BAVIERA J.A.	RE	3.691	1967	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
D	BOCA	RE	2.996	1968	ROBERTO MARTINS FRANCO
CS	SUDESTE J.A.	RE	3.918	1973	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
D	PAUSA J.P.	RE	4.136	1970	JOSE' RESENDE PERES
D	POTINGA J.A.	RE	5.672	1973	JOSE' RESENDE PERES

G O R D U N A

2. ORDENHAS					
AJ	LARINA DA INDIANA	RE	230,4	1968	JOSE' RESENDE PERES
AS					
BS	TARATINA	RE	102,5	1972	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
CS	HOLANDA J.A.	RE	166,2	1973	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
D	PALESTINA J.A.	RE	197,8	1972	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
CS	BAVIERA J.A.	RE	206,3	1967	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
D	BOCA J.A.	RE	181,0	1968	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
CS	SUDESTE J.A.	RE	210,3	1973	ALBERTO JOSE DE ALMEIDA
D	COPIA J.A.	RE	258,9	1973	JOSE' RESENDE PERES
D	POTINGA J.A.	RE	322,8	1973	JOSE' RESENDE PERES

Raça Sindi — Divisão de 305 dias

L E I T E					
2. ORDENHAS					
AJ	PORTALEZA	RE	2.461	1964	JOSE' RESENDE PERES
AS	BOIA I	RE	2.440	1963	JOSE' RESENDE PERES
BS	ANDROMEDA	RE	2.905	1974	JOSE' RESENDE PERES
CS	PORTALEZA	RE	2.795	1965	JOSE' RESENDE PERES
D	ARLITE	RE	2.774	1975	JOSE' RESENDE PERES
CS	PORTALEZA	RE	2.872	1966	JOSE' RESENDE PERES
D	PORTALEZA	RE	3.756	1977	JOSE' RESENDE PERES
D	PORTALEZA	RE	3.756	1971	JOSE' RESENDE PERES

G O R D U N A

2. ORDENHAS					
AJ	AFRICANA	RE	177,3	1969	JOSE' RESENDE PERES
AS	BOIA I	RE	166,9	1963	JOSE' RESENDE PERES
BS	PAGA	RE	166,6	1971	JOSE' RESENDE PERES
CS	AFRICANA	RE	167,6	1970	JOSE' RESENDE PERES
D	ARLITE	RE	118,1	1975	JOSE' RESENDE PERES
CS	AFRICANA	RE	153,2	1971	JOSE' RESENDE PERES
D	BOIA I	RE	162,6	1973	JOSE' RESENDE PERES
D	PORTALEZA	RE	176,6	1971	JOSE' RESENDE PERES

Clas- se	Nome do animal	C. do criador	Produ- ção em kg	Ano	criador
2. ORDENHAS					
1. E. T. E.					
A.1	PORTALEZA	RS	2.194	1964	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
A.2	ARARA	RS	3.296	1970	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
B.1	POINÇOIA	RS	2.932	1964	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
B.2	FATELA	RS	1.887	1971	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
C.1	ARARA	RS	3.375	1971	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
C.2	POINÇOIA	RS	2.724	1965	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
D.1	FADA	RS	2.596	1972	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
E	PORTALEZA	RS	3.345	1972	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS

L E I T E				
3. CONDIÇÕES				
A.1				
A.2				
B.1				
C.0	BOLÍVIA	NU	2.211	1971 FRANCISCO F. BASILIO
C.1				
C.2	ALSACIA DE BRASÍLIA	DE	3.868	1968 JORGE ALBERTO PERES
D	FEUDA DE BRASÍLIA	DE	4.465	1974 JORGE ALBERTO PERES
E	VALHARTSIA	DE	5.556	1972 VALHARTSIA DE OLIVEIRA COSTA

P. JOSEFINAS			1940	1972	
A.J					
AB	PINTURA DE BRASILEIA	BR	2.535	1965	JUREN RESENTE PAGES
BI	STA. CRUZ BANCA CACHIL-DO	BR	2.993	1971	MARCEL E JOSE JOAO S.R.DOS REIS
CH	DOIA ALBERTA DE RUSSIA	BR	2.811	1970	JUREN RESENTE PAGES
CI	STA. CRUZ ALMA CACHIL-DO	BR	3.509	1974	MARCEL E JOSE JOAO S.R.DOS REIS
CO	FRANCISCA DE BRASILEIA	BR	3.941	1971	JUREN RESENTE PAGES
D	S. A. AVANTE	BR	4.129	1967	CA-TERIA DE OLIVEIRA COSTA
E	LAURETOS	BR	4.732	1974	MARCEL E JOSE JOAO S.R.DOS REIS

2. ORIENTAÇÃO				
AJ				
AN				
DI				
DI	BOLÍVIA	BR	114,1	1971 FRANCISCO F. BARRETO
DI				
DI	ALSÁCIA DE BRASÍLIA	BR	190,7	1968 CUSTODIO MENDES PERES
DI	FRANCALHA DE BRASÍLIA	BR	221,9	1974 CUSTODIO MENDES PERES
DI	FRANCALHA	BR	251,3	1972 MARCELO DE OLIVEIRA COSTA

P. ORIENTAS		1971	1972	VALORES EM DÍGITOS COR
A.2				
A.3	DOIA ALEGRIA DE BRASÍLIA	ME	136,8	1568
A.4	ITA, GOU BANCA CACHI-RO	ME	156,2	1973
A.5	E-MINI	ME	156,4	1973
B.1	ITA, GOU ALBA CACHI-RO	ME	233,4	1974
C.5	FRANCOELINE DU BRASÍLIA	ME	207,0	1973
D	MANOLETE	ME	236,3	1972
E	MANOLETE	ME	292,5	1974

NOME ALIAN		LITRE			
A1	OUTUBRO DE STA. CECILIA	RS	1.778	1967	RODOLFO GATENDILAD
A2	OUTUBRO DE STA. CECILIA	RS	2.249	1970	RODOLFO GATENDILAD
A3	PAULISTA DE STA. CECILIA	RS	1.804	1970	RODOLFO GATENDILAD
A4	PAULISTA DE STA. CECILIA	RS	2.093	1969	RODOLFO GATENDILAD
A5	PARAIBA DE STA. CECILIA	RS	2.211	1968	RODOLFO GATENDILAD
A6	PARAIBA DE STA. CECILIA	RS	1.434	1972	RODOLFO GATENDILAD
A7	PATROCINIO DE STA. CECILIA	RS	2.488	1970	RODOLFO GATENDILAD
A8	PATROCINIO DE STA. CECILIA	RS	3.133	1968	RODOLFO GATENDILAD

OPERAÇÕES					
A-1	QUATIBA DA STA. CELILIA	RE	95,5	1907	RODOLPHO OTENHEIM
A-2	GUARÁ DA STA. CELILIA	RE	115,0	1970	RODOLPHO OTENHEIM
B-1	CANAVELA DA STA. CELILIA	RE	89,6	1968	RODOLPHO OTENHEIM
B-2	TATUÍMA DA STA. CELILIA	RE	120,6	1969	RODOLPHO OTENHEIM
C-1	MIMOLÁ DA STA. CELILIA	RE	114,2	1968	RODOLPHO OTENHEIM
C-2	FUSCA DA STA. CELILIA	RE	84,9	1972	RODOLPHO OTENHEIM
D	ARTISTA DA STA. CELILIA	RE	119,9	1969	RODOLPHO OTENHEIM
E	ARGENTINA DA STA. CELILIA	RE	161,6	1920	RODOLPHO OTENHEIM

Z. ORDEMAIS		L E I T E		
A.1				
A.2	MOISE	PO	793	1974
B.1	WAGHEL	PO	1.438	1974
B.2	ELIDA	PO	1.417	1974
C.1	ANITA	PO	1.894	1975
C.2				
D.				

S. ODEBILAS		G O R D U R A			
A.2					
A.5	MEFE	FO	29,0	1974	AGRO PEC. SUÍÇO BRASILEIRA LTDA.
B.2	WAGHEL	FO	61,9	1974	AGRO PEC. SUÍÇO BRASILEIRA LTDA.
B.5	ELIDA	FO	54,4	1974	AGRO PEC. SUÍÇO BRASILEIRA LTDA.
C.2	ANITA	FO	74,8	1975	AGRO PEC. SUÍÇO BRASILEIRA LTDA.
C.5					

Ordem	Nome do animal	Idade (anos)	Produção (kg)	Ano	criador
U D E R A					
♀ ORDENHAS					
A.1	FOFATELA	DE	128,5	1964	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
A.2	ASARA	DE	196,4	1970	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
B.1	FORMOSA	DE	150,9	1964	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
B.2	FATELA	DE	111,7	1971	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
C.1	ASARA	DE	187,5	1971	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
C.2	BRAGA	DE	143,4	1965	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
D	FADA	DE	125,6	1973	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS
E	CANTOLA	DE	204,0	1967	JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS

L E I T U R A					
3. INTERMEDIAR					
AN					
DE	G. CAETANO NASCIMENTO	RE	3.304	1971	JOSE LUIZ BIQUEIRA MATHIAS
DE	C. A. PASTURA	RE	3.623	1973	CARMELO DE OLIVEIRA COSTA
DE	GOV. DE BRASÍLIA	RE	4.915	1974	MURIEL REZENDE PERES
DE	FIVELA	RE	5.156	1976	FRANCISCO P. BARRETO
DE	ESCALA	RE	6.419	1972	FRANCISCO P. BARRETO
DE	CALENDA	RE	7.749	1971	FRANCISCO P. BARRETO

ANOS	ESTADO	PAIS	ANOS	ESTADO	PAIS
1972	MTA. GARCIA ALMA GACHIBO	PE	3.736	1972	LA ROSA E JOSE JOAO S.R.DOS REIS
1973	MTA. GARCIA ROSA GACHIBO	PE	3.883	1973	LA ROSA E JOSE JOAO S.R.DOS REIS
1974	AGATA	PE	4.441	1974	LA ROSA AGO PASTORIL S/A
1975	MTA. GARCIA ALMA GACHIBO	PE	4.195	1974	LA ROSA E JOSE JOAO S.R.DOS REIS
1976	BRASILIA	PE	4.414	1975	GABRIEL DOMINGOS DE ANDRADE
1977	C.A.A. ROSA RI-BO	PE	4.592	1975	LA ROSA E JOSE JOAO S.R.DOS REIS
1978	C.A.A. CHIMIA	PE	5.280	1987	GABRIEL DE OLIVEIRA COSTA

Nº	Nome do Candidato	Sexo	Anos de Experiência	Data da Prova
01	GABRIEL LIMA MACIELA	M	167,4	1971 JOSÉ ALDO SIQUEIRA MATHIAS
02	C.S.PANTHA	M	188,0	1973 GABRIELA DE OLIVEIRA COSTA
03	GIOVAT DE BRASILEIA	M	251,0	1974 RUBENS ASSUNTO PEREIRA
04	C.A.MILCO	M	263,1	1973 GABRIELA DE OLIVEIRA COSTA
05	BEGALLI	M	277,8	1972 FRANCISCO F. BARRETTTO
06	C.A. DELATINA	M	344,9	1973 GABRIELA DE OLIVEIRA COSTA

AN	LOCALIDADE	SEXO	IDADE	DATA	LOCALIDADE
A	STA. CATIA ALBA CAUHI-BO	ME	196,0	1972	MARCEL E JOSE JOAO S.B.DOS REIS
B	STA. CATIA BRANCA CAUHI-BO	ME	236,0	1973	MARCEL E JOSE JOAO S.B.DOS REIS
C	IGATA	ME	210,6	1966	SANTANA AGRO PASTORIL S/A
D	STA. CATIA ALBA CAUHI-BO	ME	250,6	1974	MARCEL E JOSE JOAO S.B.DOS REIS
E	VIAGEMILHES DE BRASILIA	ME	221,1	1973	HUMBERTO HERBERT FREDES
F	C.A. MOURA PI-BO	ME	258,9	1975	MARCEL E JOSE JOAO S.B.DOS REIS
G	RELA VITA	ME	307,1	1966	SANTANA AGRO PASTORIL S.B.

P. CRISTIANAS		E. LIT. E			
A 1					
A 5	GARÇA DA STA. CECILIA	RE	2.440	1970	RODOLFO OTENHELD
E 1	DONADA II DA STA. CECILIA	RE	2.376	1973	RODOLFO OTENHELD
E 3	URUBA DA STA. CECILIA	RE	2.135	1967	RODOLFO OTENHELD
C 3	FORMOSA DA STA. CECILIA	RE	2.764	1969	RODOLFO OTENHELD
C 4	GOIANIA DA STA. CECILIA	RE	2.694	1969	RODOLFO OTENHELD
C 5	CRIOUVA DA STA. CECILIA	RE	2.985	1968	RODOLFO OTENHELD
D	ARGENTINA DA STA. CECILIA	RE	3.271	1969	RODOLFO OTENHELD

CONTRIBUIÇÕES					
Nº	CONTRIBUÍDA	VALOR	DATA	VALOR	VALOR
A-1	OSIRIS DA STA. CECILIA	RE	124,2	1970	RODOLFO OTTENHEIM
A-2	SABOINHA DA STA. CECILIA	RE	113,1	1970	RODOLFO OTTENHEIM
A-3	URANIA DA STA. CECILIA	RE	119,6	1967	RODOLFO OTTENHEIM
C-1	PIREMA DA STA. CECILIA	RE	123,6	1969	RODOLFO OTTENHEIM
C-2	RETIRADA DA STA. CECILIA	RE	126,6	1970	RODOLFO OTTENHEIM
C-3	BOGUEIRA DA STA. CECILIA	RE	137,2	1969	RODOLFO OTTENHEIM
C-4	IRACEMA DA STA. CECILIA	RE	162,7	1967	RODOLFO OTTENHEIM

ORDENHAS		L E I T E			
A.1					
A.5					
B.1	ELMERA	PO	2.551	1975	AGRO PEC. GUIÇO BRASILEIRA LTDA.
B.5					
C.1	FABRICA	PO	3.455	1975	AGRO PEC. GUIÇO BRASILEIRA LTDA.
C.5					
D	PO - 176		2.556	1975	AGRO PEC. GUIÇO BRASILEIRA LTDA.

2 - ORDENHAS		C O D I G O			ANO FISCAL/PAIS ORIGINARIO LTDA.
A.1					
A.5					
B.1	ELAVIA	FO	104,6	1975	AGRO PEC. SUICO BRASILEIRA LTDA.
B.5					
C.1	FAHOLA	FO	135,1	1975	AGRO PEC. SUICO BRASILEIRA LTDA.
C.5					

COMPRA AGORA

O SEU REPRODUTOR

na

14^a FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS



NÃO
DEIXE
ESCAPAR
A
OCASIÃO

VENHA A SÃO PAULO... OS MELHORES REPRODUTORES DE TÔDAS AS ESPÉCIES E RAÇAS ESTARÃO REUNIDOS NA GRANDE 14.^a FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS, DE 2 A 12 DE OUTUBRO DE 1975. TÃO CEDO NÃO APARECERÁ OPORTUNIDADE IGUAL PARA VOCÊ MELHORAR SEU REBANHO

TÔDAS AS RAÇAS - NEGÓCIOS DIRETOS - CRÉDITO NA HORA!

UMA FEIRA É UM LUGAR DE NEGÓCIOS

A maioria das pessoas que se dirigem para uma FEIRA, sempre tem em mente comprar ou vender alguma coisa. Nesta FEIRA estarão reunidos os maiores e mais adiantados criadores nacionais e aí está uma esplêndida oportunidade para aqueles que têm alguma coisa para oferecer aos criadores: DEBULHADORES, TRITURADORES, DESINTEGRADORES, TRATORES E SEUS IMPLEMENTOS, CARRETAS, JIPES, AUTOMÓVEIS, ORDENHADEIRAS MECÂNICAS, DESNATADEIRAS, BATEDEIRAS, CAMINHÕES, CONJUNTOS PARA FRIO, MOTORES, GERADORES, E AVIÕES.

Veja quantas vantagens!

V. ESCOLHE MELHOR! V. compra comparando. Lado a lado, estarão reprodutores dos melhores rebanhos do País, da raça que lhe interessa, com documentação de controle quantitativo e qualitativo, pois só são admitidos animais registrados e controlados.

ANIMAIS 100% SÃOS! Só entram na FEIRA animais 100% saudáveis, com atestado de saúde de veterinário recomendado pela Associação Brasileira de Criadores, pelo Instituto Biológico ou pelo Ministério da Agricultura.

PREÇO VANTAJOSO! Na FEIRA, os negócios são realizados diretamente com os proprietários, não havendo leilão, nem intermediários. Tratando diretamente, V. poderá fazer sempre melhores negócios. E V. não paga imposto de circulação de mercadorias.

CRÉDITO NA HORA! Bancos oficiais e particulares estarão trabalhando em conexão com a FEIRA, no próprio recinto. E além deles, os próprios criadores também oferecem, na hora, facilidades de crédito para suas compras.

EMBARQUE IMEDIATO! V. acaba de comprar e o animal já pode ser embarcado para qualquer ponto do País. Desta maneira, sua estada em São Paulo poderá ser a mais rápida possível.

FACILITE AINDA MAIS! Peça ao seu Banco remeter sua ficha bancária à Matriz em São Paulo. Com ela, os seus negócios serão facilitados ainda mais.

INSCRIÇÕES ATÉ 20 DE AGOSTO

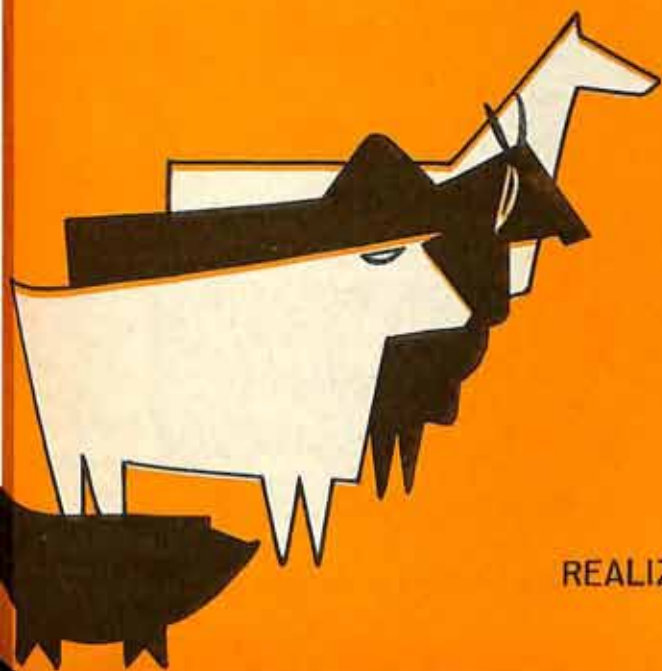
NEGÓCIOS DIRETOS COM OS PROPRIETÁRIOS - CRÉDITO NA HORA!

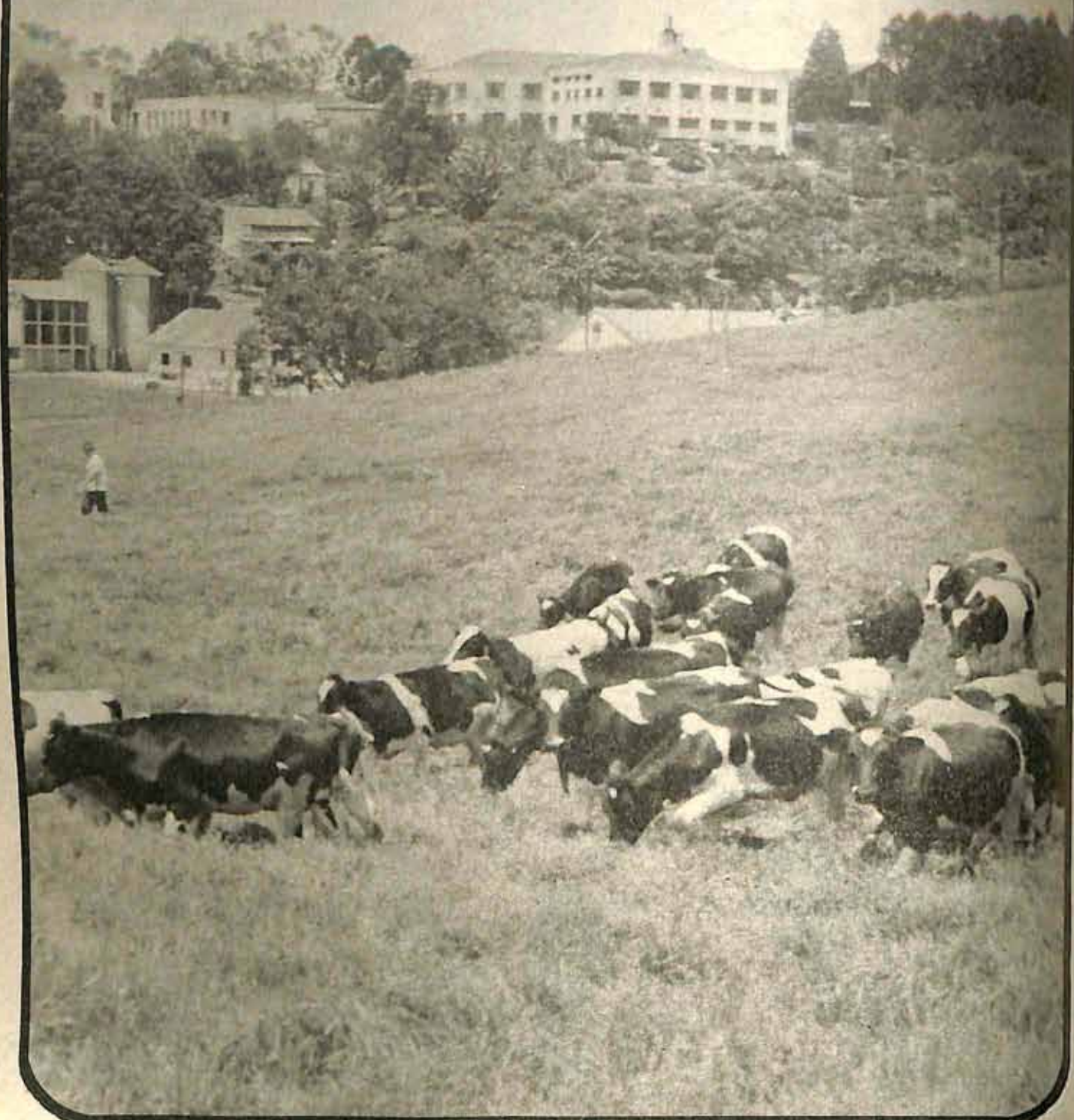
COMPRE AGORA O
SEU REPRODUTOR NA

**14^a FEIRA
NACIONAL
DE ANIMAIS**

SÃO PAULO, 2 A 12 DE OUTUBRO DE 1975.

REALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES







Alguns aspectos da exploração do gado leiteiro

PROF. JOÃO SOARES VEIGA
CRMV - 4/0640



1. A vaca leiteira - a ama da espécie humana

O leite e todos seus subprodutos são importantes alimentos para os seres humanos. Pela sua fácil digestibilidade, pelo seu alto valor nutritivo, pela sua fácil aceitação pelo Homem, desde a mais tenra idade até a velhice, o leite é parte integrante da dieta alimentar dos povos de todo o mundo e seu elevado consumo é uma característica de populações bem nutridas, fortes e saudáveis.

O leite proveniente de várias espécies domésticas vem sendo utilizado pelo Homem desde tempos imemoriais. Muito provavelmente, por terem sido domesticados antes dos bovinos, talvez tenham sido os ovinos os primeiros animais domésticos a fornecerem leite para o Homem.

Nas diferentes regiões da Terra consome-se leite de várias espécies domésticas, de vaca, de búfalas, de ovelhas, de cabras, de camelas, de iaques, e até de éguas e de jumentas.

O leite materno é um alimento considerado completo para os produtos de cada espécie de mamíferos dentro dos limites que vão do nascimento até determinada idade. Mas isso não impede que o leite de determinada espécie animal seja utilizado como alimento por animais de outras espécies, dentre as quais o Homem, como fonte de proteína de elevado valor biológico, de energia, de minerais e de vitaminas.

O desenvolvimento da produção leiteira evoluiu com o desenvolvimento das populações humanas e para isso raças mais produtivas para essa função foram selecionadas, métodos de obtenção, preservação e conservação foram aperfeiçoados e processos de industrialização foram lançados apresentando o leite e seus subprodutos sob as mais variadas formas, para o consumo humano.

Dentre os leites provenientes das várias espécies domésticas o de bovinos é o que se produz e se consome em maior quantidade.

Mas em certas regiões ou em determinados países, outros leites, como o de cabra, o de ovelha e o de búfalas não são menos importantes como parte dos alimentos consumidos.

Na Índia, no Paquistão, no Egito e nas Filipinas, o leite de búfalas representa cerca de 60% do leite consumido por suas populações. Do leite de búfalas particularmente rico em matéria graxa, produz-se uma gordura desidratada e clarificada utilizada para fins culinários em substituição às gorduras de origem vegetal.

Com esse leite também se produzem certos tipos de queijo como a famosa Mozzarella italiana.

Na Índia, a Landi "Cattle" Company, considerada a maior produtora de leite no gênero, em todo o mundo, mantém em lactação 40 mil búfalas e 500 vacas leiteiras.

Mas no resto do mundo, especialmente no mundo ocidental, predominam a produção, a industrialização e a comercialização do leite de vaca. Em muitos desses países ocidentais o valor da produção leiteira supera a renda proporcionada pela maioria de outros produtos da agricultura.

Pelo seu alto valor nutritivo, pelo seu emprego na alimentação de crianças desde a mais tenra idade como substituto do próprio leite materno, pelo seu largo emprego na dieta de jovens, de adultos e de velhos, o leite de vaca e seus subprodutos são praticamente imprescindíveis na composição de uma boa dieta alimentar do Homem razão pela qual a vaca leiteira com muita justiça e propriedade foi denominada a "ama de espécie humana".

QUADRO I

Composição média do leite de algumas espécies de animais domésticos e do leite de mulher.

Leite de:	Proteína %	Matéria Graxa %	Lactose %	Calorias por kg
Mulher	1,6	3,3	6,8	682
Vaca	3,4	3,7	4,7	726
Búfala	4,0	7,1	4,8	1 078
Ovelha	5,6	7,2	5,0	1 188
Cabra	4,1	4,0	4,8	792
Camela	3,8	4,5	5,2	836
Égua	1,9	1,2	5,8	462

Fonte: Abrans, J.T. Nutricion Animal Y Dietética Veterinaria. Ed. Acirbia, 4 — Ed. 1964 (Compilação de vários autores).

OS MAIORES CONSUMIDORES DE LEITE NO MUNDO

Apesar de volumosa, a produção mundial de leite, sempre crescente, não acompanha o ritmo do crescimento das populações humanas. Nestes últimos anos os acréscimos verificados na produção mundial de leite não chegam a superar, anualmente, acréscimos de mais de 1% quando a população mundial se desenvolve num ritmo superior a 2,5%.

Em 1962 a população mundial de 6 bilhões de bovinos fornecia a cada habitante da Terra uma média de 100 kg de leite por ano ou cerca de 220 g por dia. Tal disponibilidade deve ser hoje bem inferior pelas razões acima expostas. Mas, mesmo que houvesse uma disponibilidade dessa ordem para todos os habitantes da Terra já não seria tão pouco. Acontece que a distribuição não é, nem pode ser, naturalmente, equitativa. Nesses cál-

culos de estimativas de consumo de alimentos "per capita", em países, regiões ou no mundo, as estatísticas funcionam consoante a definição de Pitágoras: uma estimativa segundo a qual você é mais um frango e eu nenhum, mas a média, isto é, per capita, ambos somos meio frango...

Os maiores consumidores de leite no mundo são, naturalmente, os habitantes de países que produzem maiores quantidades de leite em relação a sua população humana.

O Brasil, por exemplo, embora figure entre 36 principais produtores de leite no mundo, em 10.º lugar, com uma produção de 8 bilhões de quilos de leite em 1972, produziu menos de 100 kg de leite por habitante.

Nesse mesmo ano a Nova Zelândia produziu cerca de 2 152 quilos de leite por habitante.

(Em 1973 houve acentuada queda na produção de leite nas principais regiões produtoras do país, motivada pelos preços pagos ao produtor.)

QUADRO II
Produção e consumo de leite e de seus produtos em 17 países (em quilos/per capita)
1972

Países	Produção de Leite	CONSUMO					
		Em equiva- lente do leite (1)	Leite Fluido e creme	Manteiga	Queijos	Leite enlatado	Leite em pó
Canadá	369	345	126	6,7	5,2	5,6	2,1
U S A	265	255	117	2,2	6,0	5,0	2,1
Áustria	443	348	155	5,9	4,3	1,8	0,8
Bélgica	373	324	66	6,7	8,3	2,7	0,9
Dinamarca	956	436	182	8,6	11,1	—	2,0
Finlândia	701	566	231	14,0	5,5	—	2,1
França	563	448	88	8,6	14,6	1,7	0,6
Alemanha Ocidental ..	349	302	71	7,1	5,8	7,8	1,2
Irlanda	1318	545	211	21,2	2,8	—	—
Itália	174	194	74	1,4	9,3	3,2	0,7
Holanda	680	307	104	1,9	9,1	10,4	1,7
Noruega	461	447	246	4,9	9,3	—	—
Suécia	364	358	167	5,6	8,9	0,7	7,5
Suíça	523	440	162	7,1	10,3	—	1,8
Inglaterra	243	365	155	7,2	5,4	3,9	2,2
Austrália	707	392	141	8,7	4,2	5,5	1,6
N. Zelândia	2152	549	180	17,7	4,4	2,6	2,8

(1) Leite e subprodutos em termos de leite integral.
Fonte: U.S. Department of Agriculture: F.D. 3-73.

Os Finlandeses foram, assim, os maiores consumidores de leite e de seus produtos em 1972, com um total de 566 quilos "per capita", seguidos pelos Neozelandeses (549 quilos "per capita"). Os maiores consumidores de manteiga foram os Neozelandeses e os Dinamarqueses (17,7 e 14,0 quilos respectivamente) sendo os Franceses os maiores consumidores de queijos (14,6 quilos "per capita").

Os Noruegueses foram os maiores consumidores de leite fluido com um total de 246 quilos ou sejam 673 gramas de leite por dia, seguidos pelos Finlandeses (231 quilos) e pelos Irlandeses (211 quilos).

Admitindo para o Brasil uma produção aproximada de 8 bilhões de quilos em 1972 a produção por habitante estaria abaixo de 100 quilos por habitante.

No Brasil a produção de leite vinha crescendo até 1972 num ritmo superior ao do crescimento da população. O acréscimo da produção de leite de 1971 para 1972 foi cerca de 4%. Mesmo assim a produção nacional de leite ainda não alcança a capacidade de absorção do mercado. Nos grandes centros urbanos ocorrem crises periódicas de falta de leite, especialmente nos períodos da entressafra, correspondentes aos meses desfavoráveis

para produção das pastagens (maio a outubro, no Brasil Central).

Em alguns Estados a produção de leite por habitante não é superior a 25 quilos por ano e nos Estados maiores produtores, como o de Minas Gerais, a produção "per capita" não chega a atingir 200 quilos.

Em 1973 houve acentuada queda na produção de leite nas principais regiões produtoras do país, seja motivada pelos preços pagos ao produtor, considerados insuficientes, seja pelos altos preços atin-

gidos pela carne, seja pela elevada alta dos insumos.

O Banco do Nordeste calcula que em 1980 haverá, na região nordestina, um "deficit" aproximado de 1,7 bilhões de litros de leite. Há indícios de que a produção da região Centro Oeste (Goiás, Mato Grosso, Distrito Federal) também venha a ser insuficiente nos próximos anos.

No Estado de São Paulo a produção de leite vem declinando desde 1971. Em 1974 a produção foi inferior à de 1970.

QUADRO III
Evolução de Produção de Leite no Estado de São Paulo, 1970 — 1974

ANO	Produção em milhões de litros	Preço médio recebido pelo produtor (Cr\$/l)	Valor da Produção (Cr\$ 1.000)
1970	1.689,0	0,325	548.925
1971	1.711,0	0,391	669.001
1972	1.700,0	0,465	790.500
1973	1.567,0	0,630	987.210
1974 (1)	1.514,9	1,000	1.514.900

(1) Estimativa.
Fonte: Instituto de Economia Agrícola S.A., São Paulo.



As recentes medidas tomadas pelas autoridades federais elevando os preços pagos ao produtor parecem ter estimulado a reativação das atividades dos produtores.

De maio a junho de 1974 a produção de leite no Estado de São Paulo apresentou, em relação a demanda potencial, um "deficit" de 500 a 550 mil litros por dia. Para suprir em parte esse "deficit" foi autorizada a importação de leite em pó, isento de impostos aduaneiros num total de 16.000 toneladas e de 4.950 toneladas de óleo de manteiga, para serem adicionadas ao produto a ser reidratado e distribuído pelas cooperativas leiteiras.

Diversos fatores podem ser apontados como causadores das dificuldades cada vez maiores enfrentadas no abastecimento de grandes centros urbanos como na Grande São Paulo: aumento de consumo nas áreas produtoras onde atualmente se desenvolvem parques industriais, como no Vale do Paraíba, tradicional fornecedor de leite para a Capital do Estado, queda da produção nessas regiões, seja pela intensa valorização das terras onde se estabeleceram indústrias ao longo das estradas, seja por condições adversas como a epizootia de aftosa observada re-

centemente no Sul de Minas, seja pelo abandono da atividade pecuária, substituída por culturas como o café, a soja, laranja, etc.

Para abastecimento da cidade de São Paulo e de seus municípios adjacentes o leite vem sendo transportado de regiões distantes do Estado e de fora dele. De junho de 1973 a Maio de 1974 São Paulo recebeu desses Estados cerca de 250 mil litros de leite, diariamente (média de 274 mil litros por dia nas águas, de novembro a maio e de 226 mil litros secos, de maio a outubro).

2. Problemas de produção e de abastecimento do leite

Os problemas que periodicamente ocorrem no abastecimento de leite às populações urbanas não são problemas exclusivamente nacionais.

Eles também se verificam, freqüentemente, em numerosos países do Ocidente.

Alimento popular, de consumo quase que obrigatório para boa parte das populações, especialmente para crianças, oferece margem para sérios conflitos entre produtores, autoridades governamentais e consumidores.

Os problemas da produção e do abastecimento do leite e de seus produtos são múltiplos mas, aparentemente, em todos os países eles giram em torno dos preços do produto pagos aos produtores.

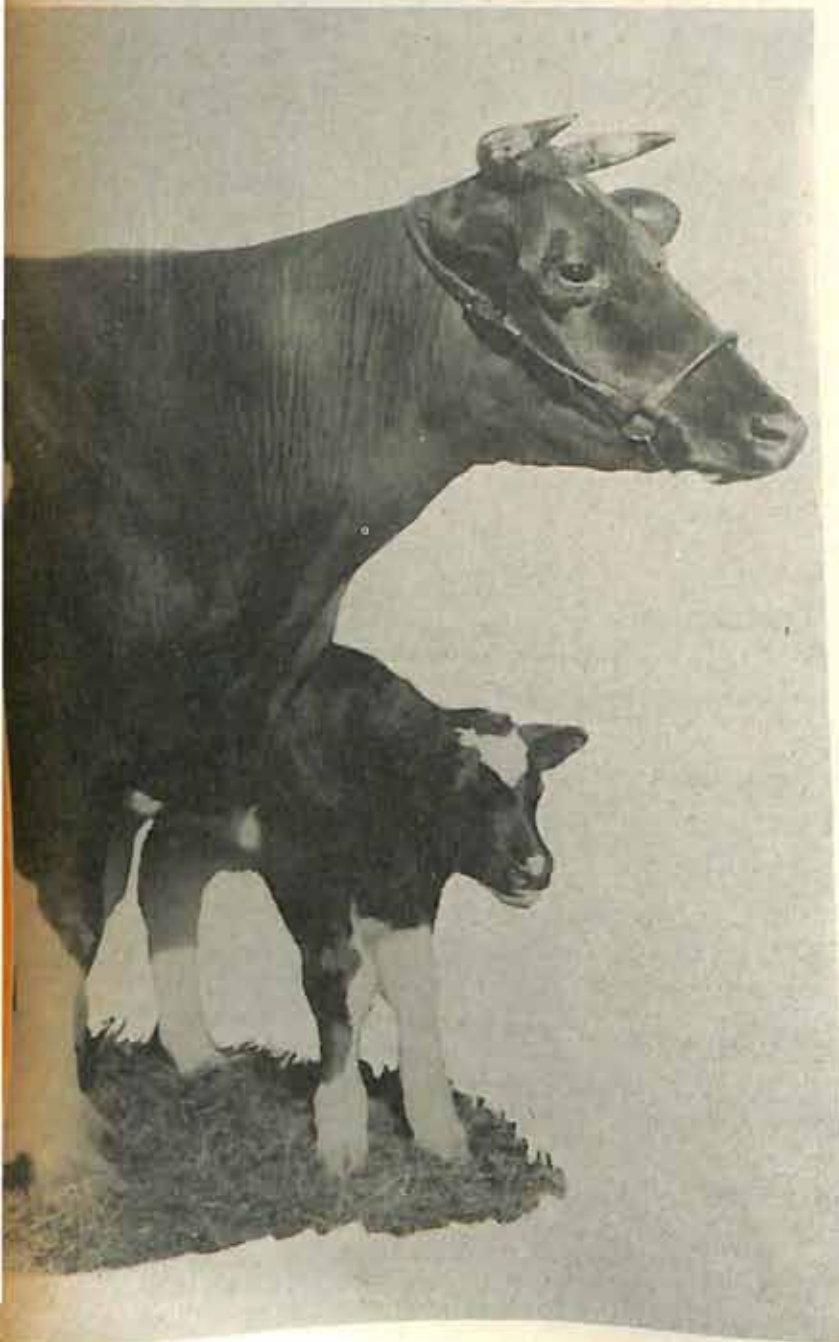
Sendo um alimento de primeira necessidade, pelo menos para a população infantil, as alterações no preço de leite no nível do consumidor, geram situações bastante complexas e, de modo geral, determinam a intervenção das autoridades governamentais de quase todos os países produtores.

Do controle dos preços do leite no retalho aos preços pagos aos produtores na fonte, há necessidade de uma série de acordos com intermediários, usinas de beneficiamento e distribuidores.

Os aumentos nos preços periodicamente conseguidos pelos produtores nem sempre conseguem beneficiar satisfatoriamente esse ramo da atividade pecuária, superados que são, quase sempre de imediato, pelos aumentos contínuos dos insumos, do valor das terras, dos animais da mão-de-obra, dos transportes.

No Estado de São Paulo, por exemplo, as estimativas feitas pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura nestes últimos anos, apresentam dados indicadores que o chamado pequeno produtor, isto é, o produtor que vende menos de 100 litros de leite por dia, mantém-se num contínuo processo de descapitalização. Esses pequenos produtores representavam 88% das empresas produtoras de leite do Estado em 1973. Muitos deles abandonaram suas atividades pecuárias passando-as por outras mais promissoras na época, como produção de carne, de soja, de algodão ou de cereais.

O Governo Federal seriamente preocupado com a situação colocou o leite em caráter prioritário visando o aumento da produção através de várias medidas dentre as quais, de curto prazo, a elevação do preço pago ao produtor.



(Em 1972, os maiores exportadores de laticínios do mundo foram a Nova Zelândia, a Holanda, a Dinamarca, a Austrália, e a França.)

providência tomada para um aumento médio de 54% de outubro de 1973 até 15 de maio de 1974 inoculou algum estímulo aos produtores. Mas a recuperação da pecuária leiteira, uma vez desorganizada ou abandonada por grande número de produtores, não se realizará a curto prazo e, provavelmente, nem a longo prazo, caso não se ofereçam aos empresários perspectivas concretas e tranqüilas de uma rentabilidade condizente com seus esforços e investimentos.

Na Europa Ocidental e nos Estados Unidos a situação do leite apresenta, por vezes, perturbações periódicas como as que se verificam no Brasil.

Os países de Comunidade Européia quando constituída de seis componentes, apresentaram, em 1971, um aumento na produção de leite de 4% em relação a 1970. França, Bélgica e Holanda tiveram, nesse período, acréscimos na produção leiteira equivalente a 5-6%.

Os novos membros que fariam parte da Comunidade em 1973, tão logo perceberam essa possibilidade trataram, imediatamente, de incrementar a produção leiteira. Na Inglaterra o aumento de 1970 a 1971 foi de 7%; na Irlanda, foi de 6% e na Dinamarca de 5%. E que o Mercado Comum Europeu oferece, aos países da Comunidade, proteção na política de preços aos produtores, bem como subsídios especiais para exportação de laticínios. Os membros da Comunidade Européia aumentaram sensivelmente suas produções amparados por uma política realista de preços aos produtores, de incentivos e de subsídios.

Também na Suécia e na Suíça os preços atingidos pelo leite foram a mola propulsora para o aumento das produções desses países.

Em contrapartida, nos Estados Unidos e no Canadá, os acréscimos na produção leiteira no período de 1970 — 1971 foram apenas de 1% e, desde então, verificaram-se, principalmente nos Estados Unidos, reduções nos acréscimos anuais das produções. Em 1973 os Estados Unidos, antes exportadores de

subprodutos de leite, passaram a ser, nitidamente, importadores. Nesse ano de 1973 a produção leiteira dos Estados Unidos sofreu uma queda de 3,6%, queda essa a mais acentuada nos últimos 10 anos.

O valor das exportações de laticínios dos Estados Unidos caiu cerca de dois terços e as importações, praticamente dobradas, proporcionaram ao país um "deficit" no comércio internacional de laticínios, equivalente a 270 milhões de dólares (cerca de 2,1 bilhões de cruzeiros).

Em 1973 os Estados Unidos importaram consideráveis quantidades de manteiga e de leite desnatado, produtos esses que figuravam antes, destacadamente, nos itens de suas exportações.

As exportações de laticínios pelos Estados Unidos caíram de 140,8 milhões de dólares para apenas 48,7 milhões em 1973 e as importações, num total de 318 milhões de dólares, representaram um aumento de 90% em relação ao ano de 1972. Os elevados preços atingidos pelos queijos retirou do comércio grandes quantidades de manteiga e de leite desnatado. As importações de leite desnatado em pó atingiram, em 1973, o valor de 87 milhões de dólares quando, em 1972, o total importado desse produto fora equivalente a apenas 360 mil dólares.

De queijo, os norteamericanos importaram em 1973 cerca de 150 milhões de dólares, 36% mais que em 1972. Metade dessa importação proveio da Comunidade Européia enquanto que a segunda metade foi adquirida à Nova Zelândia, à Suíça, à Finlândia, à Áustria e do Canadá.

Em 1972, os maiores exportadores de laticínios do mundo foram a Nova Zelândia, a Holanda, a Dinamarca, a Austrália e a França.

Excluído o comércio entre os países da Comunidade Européia, a comercialização da manteiga caiu 22% em 1972 e determinou um rápido acréscimo nos estoques armazenados na Europa.

As reduções nas exportações de manteiga caíram cerca de

QUADRO IV
Produção de leite e número de vacas em 18 países
(1970 — 1972)

Países	N.º de Vacas (1.000 cabeças)			Produção de Leite (milhões de toneladas)			Produção média por Vaca (kg/ano)		
	1970	1971	1972	1970	1971	1972	1970	1971	1972
Canadá	2.551	2.275	2.211	2,314	8,070	8,040	3,259	3,579	4,090
U S A	12.000	11.842	11.710	53,101	53,101	54,606	4,425	4,544	4,663
Áustria	1.085	911	902	3,326	3,294	3,338	3,065	3,616	3,700
Bélgica	1.052	1.031	1.025	3,759	3,614	3,778	3,573	3,506	3,686
Dinamarca	1.153	1.105	1.122	4,634	4,563	4,793	3,931	4,130	4,272
França	7.468	7.350	7.500	27,301	27,663	29,226	3,655	3,764	3,897
Al. Ocidental	8.752	5.489	3.442	21,875	21,193	21,509	3,827	3,859	3,952
Grécia	964	988	1.018	1,346	1,395	1,470	1,396	1,413	1,444
Irlanda	1.713	1.782	1.895	3,626	3,692	3,922	2,117	2,081	2,070
Itália	3.555	3.214	1.165	9,251	9,358	9,608	2,602	2,912	3,036
Holanda	1.920	1.890	1.910	8,246	8,386	9,081	4,295	4,436	4,609
Noruega	424	414	414	1,806	1,821	1,818	4,197	4,400	4,391
Suécia	746	729	740	2,956	2,881	2,975	3,963	3,952	4,020
Suíça	901	869	872	3,137	3,183	3,338	3,457	3,603	3,818
Inglaterra	4.491	4.515	4.696	12,400	11,837	12,613	2,773	2,823	2,899
Japão	1.060	1.139	1.111	4,767	4,824	4,941	4,498	4,235	4,436
Austrália	2.677	2.600	2.566	7,718	7,320	7,150	2,883	2,817	2,786
N. Zelândia	2.363	2.195	2.255	5,912	6,157	6,274	2,502	2,797	2,922
TOTAL	51.875	50.318	50.615	183,478	183,951	189,475	—	—	—



64% na Alemanha Ocidental, 58% na França, 24% na Bélgica e 11% na Holanda. Entretanto, nos países que ainda estavam fora da Comunidade Européia, as exportações de manteiga aumentaram. Assim, a Dinamarca teve um acréscimo de 13% e a Irlanda, de 17%. Áustria, Noruega e Suécia, também tiveram aumentadas suas exportações de manteiga. As exportações da Austrália caíram cerca de 38%.

Entretanto houve um acréscimo no comércio mundial de queijos equivalente a 5%. A França superou, nessa exportação, a Holanda, tornando-se a maior exportadora desse produto. Entre os maiores exportadores de leite integral em pó também a França passou a figurar em primeiro lugar com um acréscimo de 93% em 1972 sobre o volume exportado em 1971.

No comércio internacional, o leite desnatado em pó, o leite integral evaporado e o leite condensado também sofreram reduções, respectivamente de 12 — 10 e 26% em 1972 em relação a 1971.

Entre 18 países, principais produtores de leite no mundo situados na Europa, na Ásia, na Oceânia e na América do Norte houve um acréscimo geral de 3% no total de leite produzido.

O acréscimo na maioria desses países foi determinado mais pelo aumento da produção média por vaca, que pelo aumento dos rebanhos.

Do total produzido por esses 18 países, em 1973, cerca de 204,8 milhões de toneladas de leite, 70,5 milhões de toneladas foram utilizadas como leite "in natura". Na América do Norte o consumo de leite fluido representa 43% do total de sua produção.

Praticamente, em todos os países componentes desse grupo situados na Europa, na Ásia e na Oceânia, boa parte do leite produzido foi desviado para a produção de queijos cujos preços atingiram níveis mais elevados e compensadores.

Os preços de subprodutos do leite, em muitos países, não são submetidos ao controle rígido imposto ao leite fluido, "in natura". Esses subprodutos, queijos, manteiga, doces e fermentados atingem, no mercado, preços acima do poder aquisitivo da maior parte das populações de muitas regiões. Em países em que esse controle inexistente, tais subprodutos, vendidos por elevado preço, não beneficiam nem produtores nem consumidores do leite "in natura".

Não há, no Brasil, dados precisos sobre o número de vacas leiteiras, nem mesmo sobre a produção de leite.

Numa pesquisa realizada em 1972 pelo CEPEN (SUPLAN-MA) o rebanho bovino nacional, dividido e classificado segundo suas aptidões ou finalidades principais, em leiteiro, de corte e misto seria o seguinte:

QUADRO V
Composição de rebanho bovino nacional

	Milhões de cabeças	%
Rebanho essencialmente leiteiro	12,7	14,9
Rebanho essencialmente de corte	42,2	49,6
Rebanho misto (carne e leite)	30,2	35,5
TOTAL	85,1	100,00

Fonte CEPEN (SUPLAN - MA).

Anos atrás estimava-se que o rebanho leiteiro do Brasil representaria 25% do rebanho total, mas a pesquisa da CEPEN indicou apenas 15% e revelou, ademais, uma tendência para essa porcentagem cair para 10%.

Admitindo uma porcentagem de 35% de vacas em lactação haveria, no "rebanho essencialmente leiteiro", cerca de 4 milhões de vacas e 10,6 milhões "no rebanho misto".

Se esses números estiverem próximos da realidade, a produção estimada de 9 bilhões de litros de leite, daria uma média de 600 litros de leite por vaca/ano no Brasil. Esses números não parecem estar longe da realidade nacional e dispensam qualquer comentário.

Admitindo-se uma lotação 0,5 cabeça por hectare durante todo o ano, a produção de leite no Brasil não seria superior a 300 litros por hectare. Essa irrisória produção também dá para comentários, pois há países, mesmo situados em zonas tropicais, que já provaram poder conseguir 8.000 quilos de leite por hectare/ano. Produções superiores a 15.000 quilos de leite por hectare são conseguidas em países de clima temperado onde a produção leiteira é explorada racionalmente.

A produção nacional de leite não conseguirá maiores progressos apenas à base de créditos facilitados, incentivos fiscais e de sucessivos aumentos no preço de produto. Essas medidas louváveis e estimulativas, não atingem a grande massa de produtores, nem modifica, na grande maioria deles, os métodos e os sistemas racionais de produção leiteira.

A produção leiteira precisa enquadrar-se nos moldes empresariais e, possivelmente, nos moldes de grandes empresas. Somente estas é que estarão, a médio prazo, em condições de investir em técnica, instalações e pessoal habilitado para procederem a um melhor uso da terra.

A eficiência econômica de pequenos produtores dilui-se deteriora-se com a elevação dos custos de mão-de-obra, de insumos, do valor das terras, das instalações, dos transportes, da administração, das taxas, dos combustíveis e de outros itens em termos de despesas por litro de leite produzido e vendido.

A saída mais fácil para o ressarcimento dos prejuízos verificados é a permanente solicitação de elevação dos preços do leite.

Esses preços, é justo que acompanhem os aumentos gerais que ocorrem nos preços de todas as utilidades.

Mas não seria demasiado também compreender que, além dos preços justos se aplicassem métodos e sistemas de exploração do gado e da terra visando a redução dos custos da produção.

A divulgação desses conhecimentos e sua aplicação prática será conseguida a curto e a médio prazos sem uma vigorosa e decidida campanha educacional baseada, por sua vez, em sólidos conhecimentos provenientes de pesquisas e experiências, por parte dos educadores ou dos orientadores que visam promover o aumento da produção.

Na realidade, a política de melhoramento da produção leiteira no país precisa ser organizada de cabo a rabo.

Ninguém ignora que a desorientação é total nesse importantíssimo e vital setor de produção de um alimento essencial para as nossas populações.

Há um enorme desperdício de esforços e de dinheiro conseqüência da má aplicação ou do quase total descarte de métodos e sistemas de exploração de produção leiteira.

De início, produtores de leite não se improvisam produzindo leite economicamente. Não bastam investimentos em terras, em instalações e em animais. A exploração de produção leiteira exige, mais que isso, investimento em técnica, administração e pesquisas.

Afinal, precisamos ser francos, honestos e humildes. Quanto sabemos nós, de positivo e de importante, sobre exploração de gado leiteiro nos trópicos? Que sabemos de

(O transbordamento de erros emerge desde a escolha das raças, de cruzamentos, até a inexata aplicação de conhecimentos de nutrição.)



lações, do tipo de gado, da alimentação e do manejo de bovinos num clima de modo geral adverso, para a eficiência produtora, reprodutora e para a longevidade dos animais a ele submetidos? Que sabemos da utilização de pastagem, de plantas forrageiras, de fenação e de silagem ou do aproveitamento de outros alimentos aqui produzidos?

O transbordamento de erros e de desacertos emerge desde a escolha de raças, de cruzamentos e de reprodutores, até a inexata aplicação de conhecimentos de nutrição; desde os mínimos cuidados de defesa sanitária dos rebanhos, aos cuidados que devem ser devotados à obtenção de um produto saudável; desde os desperdícios de alimentos nas épocas de produção das pastagens à subnutrição e à fome nas épocas da seca; desde ao desassistido criador tradicional ao novato, ao neófito que não encontram, em qualquer fonte, dados precisos, práticas consagradas, experimentadas e aprovadas.

De cabo a rabo a exploração leiteira precisa ser organizada, disciplinada e assistida.

O criador progressista quer saber, procura informar-se, deseja instruir-se, mas dificilmente encontrará informações precisas, concretas que lhe assegurem redução nos seus riscos.

As Associações de Raças, os centros comercializadores, de sêmen, os comerciantes de gado, de sementes e de adubos, fazem suas propagandas e suas promoções, apresentam resultados que honestamente supõem corretos, mas tudo isso será válido para todas as regiões e para todos os climas?

Produto de primeira necessidade, essencial alimento de populações bem nutridas, o leite é um artigo que merece investimentos por parte das autoridades constituídas, em pesquisas e em métodos de extensão educativa. Os investimentos oficiais, nesse setor, na área creditícia não são mais importantes que os investimentos nas áreas das pesquisas, dos serviços de extensão, do ensino e da educação.

Os financiamentos precisam ser bem aplicados para garantia dos que os recebem e dos que os oferecem e, principalmente, para garantia de uma melhoria na quantidade e na qualidade de produto que se deseja produzir.

Por outras palavras, os investimentos deveriam basear-se, muito mais na área do emprego de métodos e de técnicas corretas de exploração do gado e não na garantia do valor das terras e do gado adquiridos por parte de quem não os sabe explorar.

A produção pecuária, tanto de corte como de leite já não comporta improvisações.

A avicultura em nosso meio já atingiu níveis de elevada técnica aplicada na exploração de frangos de corte e de ovos. Essa técnica foi vendida pelos fornecedores de pintos de um dia pela necessidade imperiosa que as grandes empresas fornecedoras desse material tinham para sobreviverem.

É fácil observar-se, numa mesma propriedade, o emprego de técnicas avançadas na exploração de aves ao lado dos mais obsoletos e empíricos métodos de exploração de bovinos. Essa incompreensível diferença retrata, nada mais nada menos, a diferença de assistência técnica que se incute no Homem avicultor e no Homem que explora os bovinos.

Na avicultura moderna os improvisadores, os amadores, os empresários de fim de semana, foram sendo marginalizados e os que permaneceram foram, justamente, os que assimilaram os conhecimentos essenciais para continuidade de seus empreendimentos. As produções de leite e de carne também não dispensam técnica e conhecimentos da parte de todos criadores e "técnicos". Mas se às aves se podem oferecer, economicamente, condições artificiais que amenizam os efeitos desfavoráveis do clima, com os bovinos não há por onde caminhar senão explorando os mais adaptados e os rendosos nas áreas onde estão exercendo suas funções.

Por esse motivo são suspeitas as propagandas de raças, de cruzamentos e de reprodutores, quando se desprezam informações sobre ambiente, defesa sanitária, alimentos, manejo e custos de produção. E quais seriam essas raças, quais seriam esses cruzamentos, quais seriam esses reprodutores, quais seriam os alimentos, quais as plantas forrageiras, seu manejo e sua melhor forma de utilização, por zonas, por áreas, por microclimas, neste país que é um continente?



Somente as pesquisas poderiam responder a perguntas dessa natureza cujas respostas são ansiosamente solicitadas pelos criadores.

A exigüidade de conhecimentos claros e precisos sobre tais assuntos deixam ao sabor da mente e da capacidade imaginativa de criadores e de "técnicos" uma perigosa e falsa capacidade de decisão.

A livre iniciativa é um direito que deve ser transferido a cada cidadão, mas em matéria de produção de alimentos essenciais que muito estreitamente têm a ver com a Segurança Nacional, devem existir normas, preceitos e sistemas de comportamento, porque nesse setor estão em jogo a saúde, o bem-estar e a paz social.

Que melhores remunerações poderia um Governo almejar que essas?

Defender a atividade produtora do setor da pecuária é defender o bem-estar dos consumidores. Mas os criadores, os produtores também são parte integrante dessas populações e dessa sociedade e como qualquer cidadão comum dos centros urbanos sentem o direito de participar do conforto, das vantagens e do progresso sobre os quais, hoje, mais do que nunca, estão suficientemente informados pelos ouvidos e pelo olhos, pelo rádio e pela televisão.

Não seria demasiado, também, divulgar entre os consumidores o trabalho dos produtores. Nas épocas de crise de abastecimento é comum atribuir-se aos produtores o papel do

vilão de uma novela barata. Nada mais injusta a idéia do homem comum, que jamais esteve no campo e que portanto desconhece os árduos trabalhos dos que produzem alimentos, de que uma vaca é uma mina de leite e que o produto flui de suas tetas, interminavelmente, como obra milagrosa. A produção de leite custa trabalho e é com o rendimento desse trabalho que o produtor aspira ter os produtos oriundos das áreas urbanas: os utensílios domésticos, o vestuário, outros alimentos, conforto e tranquilidade. Ele é um homem que também tem sentimentos, aspirações e família para sustentar, criar e educar. Se seu trabalho peca pela ineficiência, não lhe cabe toda a culpa. Ele também precisa ser educado, informado, pois como todo cidadão desta imensa e unida Pátria ele também deseja servi-la e engrandecê-la. Benditos, benditos os que se dedicam à produção de alimentos numa era em que o maior inimigo da Humanidade bate às suas portas: a fome. Não. O produtor de leite não é o vilão de muitos o apresentam assim transfigurado. Ele apenas deseja viver decentemente.

Essa é uma aspiração de todos os homens.

Educá-lo, informá-lo, estimá-lo, para aumentar a eficiência de seu trabalho é um investimento dos mais seguros que uma Nação poderá fazer. O bem-estar, a paz social, o progresso industrial medram em populações saudáveis e bem nutridas.

A intranquilidade, os protestos, as subversões encontram seu esterco e vicejam em populações de estômagos vazios.

3. A vaca produtora de leite

A vaca é um organismo maravilhoso.

Uma vaca adulta pode produzir, por lactação, dez, vinte ou mais vezes, em quilos, que seu próprio peso e ainda gerar um novo produto.

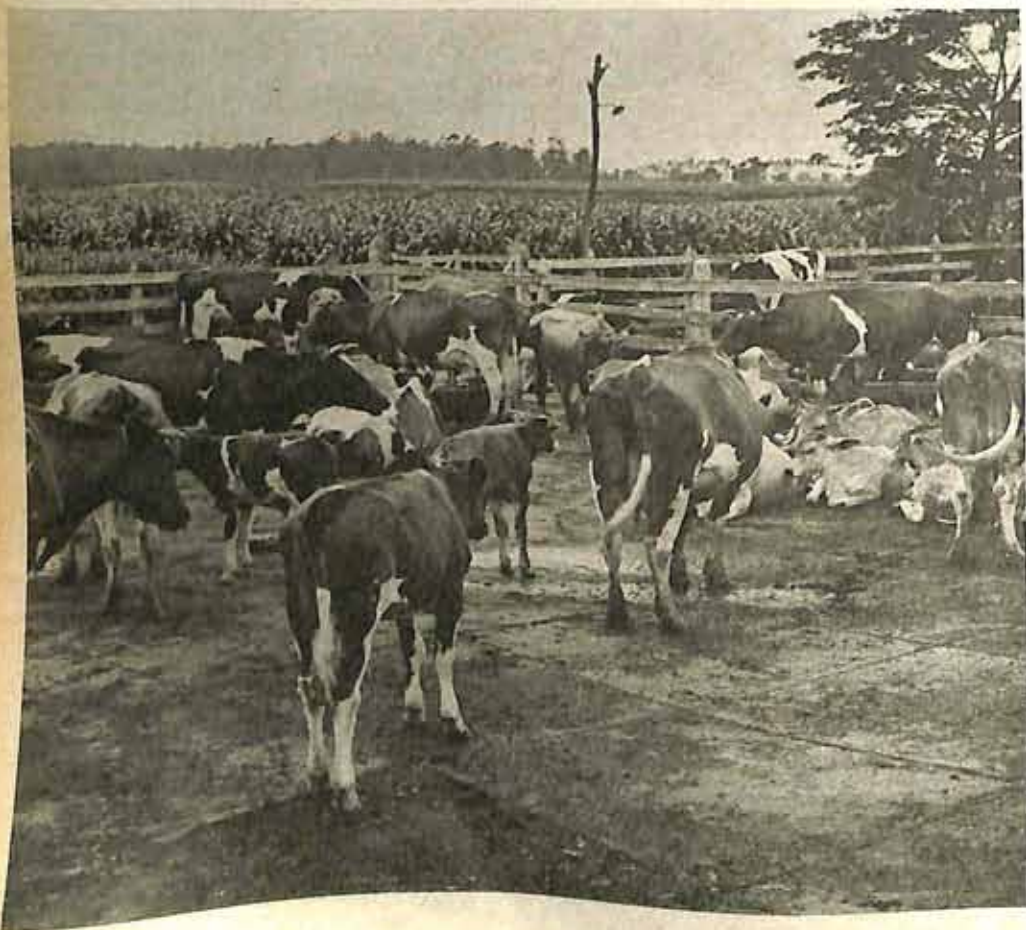
Há vacas que durante toda sua vida produtiva chegam a ultrapassar 80 toneladas de leite.

Sendo herbívora e ruminante, a vaca apresenta características especiais que permitem utilizar-se de alimentos volumosos, fibrosos, com maior eficiência que animais domésticos não ruminantes.

Em síntese o aparelho digestivo da vaca pode ser considerado uma verdadeira "câmara de fermentação".

A enorme capacidade de seu aparelho digestivo associa-se a presença, nele, uma imensa variedade de microrganismos, bactérias e protozoários, num dos mais interessantes exemplos de simbiose.

Os alimentos ingeridos pela vaca são conduzidos a um de seus compartimentos estomacais, retorna à boca para mastigação mais perfeita (ruminação) são mantidos nesse compartimento em permanente movimentação e aí são atacados por microrganismos que os decompõem sintetizando, com o produto



(Fisiologicamente, a vaca é organizada para digerir alimentos fibrosos, com maior eficiência que outros animais domésticos não ruminantes.)

decomposição, proteínas, vitaminas e ácidos graxos.

Posteriormente esses microrganismos passam para o tubo intestinal onde são digeridos e absorvidos para fornecerem nutrientes essenciais à manutenção e à produção do hospedeiro. A vaca, como hospedeira, oferece condições especiais para que esses microrganismos possam executar seu trabalho de multiplicação.

Em primeiro lugar, ela mantém aquecidos a uma temperatura ótima os reservatórios onde as fermentações se processam. O calor aí despendido provém do corpo do animal e do próprio calor gerado pelas fermentações.

Um pH ótimo é proporcionado aos microrganismos pela abundante saliva alcalina, incorporada à massa alimentar.

A produção diária de saliva por parte de uma vaca adulta anda por volta de 56 a 60 quilos.

Condições especiais de anaerobiose são criadas nesses compartimentos estomacais pela produção de uma mistura gasosa, principalmente de dióxido de carbono e de metano.

O processo de fermentação é um processo onde se perdem grandes quantidades de energia, quer pelo calor quer pelo metano. Mesmo assim, é preciso levar em consideração a matéria-prima utilizada pelas vacas, alimentos fibrosos, ricos em celulose que dificilmente seriam tão bem utilizados por outros animais não ruminantes.

Nesse particular, pois, alimentando-se com forrageiras de pastagens verdes, fenação ou ensiladas, a vaca não é competidora do Homem no consumo de alimentos, quando esses alimentos constituem sua natural fonte de nutrientes.

Anatômica e fisiologicamente a vaca é organizada para digerir alimentos fibrosos com maior eficiência que outros animais domésticos não ruminantes.

DIGESTÃO DA FIBRA BRUTA DO FENO DE ALFAFA

	% de digestão
VACA	44
OVELHA	45
CAVALO	39
PORCOS	22

No processo de digestão das fibras brutas a vaca é auxiliada pelo maravilhoso trabalho executado por microrganismos que hospeda em seu aparelho digestivo.

A digestão microbiana não se observa apenas nos ruminantes como a vaca, mas na vaca ela é mais eficiente que no cavalo e mais ainda que no porco.

O estômago da vaca possui quatro compartimentos, em dois dos quais, principalmente, se processa o ataque aos alimentos pelos microrganismos: rume e retículo. Estes dois compartimentos retêm

os alimentos por algum tempo, pois suas aberturas para outros compartimentos e para o tubo intestinal são relativamente exíguas. Esta retenção oferece mais tempo para o processo da fermentação. O terceiro compartimento, o omaso ou como é conhecido, o folhoso ou mil folhas, exerce uma função de absorção e abrasiva sobre a massa de alimentos que, depois de passar por ele dirige-se ao quarto compartimento, o abomaso, que é, na realidade, o verdadeiro estômago, pois funciona como o estômago de não ruminantes ou de monogástricos.

As proporções ou volume desses quatro compartimentos relacionam-se à fase de desenvolvimento do ruminante.

O bezerro ao nascer apresenta o abomaso (coagulador) muito mais desenvolvido que os compartimentos restantes.

Seu rume, quase rudimentar, começa a se desenvolver e a funcionar somente após um período variável de 4 a 6 semanas. Até que o rume se desenvolva e possa receber alimentos para serem atacados por microrganismos, o bezerro depende de alimentos como colostro e leite que lhe proporcionam proteínas e vitaminas. Nas primeiras semanas de vida, pois, o bezerro assemelha-se a um animal monogástrico.

O desenvolvimento mais precoce do rume, em bezerras, pode ser estimulado administrando-se-lhes logo nas primeiras semanas de vida alimentos sólidos, incluindo feno de boa qualidade e reduzindo-se suas rações de leite. Por este meio ativam-se o desenvolvimento de microrganismos, bactérias e protozoários, que atuarão na digestão dos alimentos. Com seis meses de idade os ácidos graxos contidos no rume de um bezerro, provenientes de fermentações, atingem os níveis observados em animais adultos. Com nove semanas, a atividade de bactérias celulíticas (que atacam a celulose) já se equipara à dos animais adultos.

Como no rume, no retículo e no omaso não há produção de enzimas, depreende-se que a digestão dos alimentos nesses compartimentos é realizada pelos microrganismos.

O abomaso por sua vez secreta sucos gástricos e se assemelha, nesse particular, ao estômago dos não ruminantes.

Embora a digestão de alimentos, por parte de microrganismos, não seja um trabalho executado apenas nos compartimentos do estômago dos ruminantes, a localização dessa "câmara de fermentação" oferece, entretanto, uma particularidade muito importante.

Por sua localização anterior ao tubo intestinal, esses compartimentos oferecem os produtos finais da digestão microbiana já elaborados para passarem por um longo trajeto onde serão absorvidos ou assimilados.

Nos outros herbívoros, como por exemplo no cavalo, processa-se fermentação no intestino grosso, e depois desse segmento do tubo digestivo, há pouca área a ser percorrida para sua mais eficiente utilização.

CAPACIDADE DO APARELHO DIGESTIVO

	Estômago	Intestino delgado	Ceco e Colo
Vaca	71%	18%	11%
Cavalo	8%	30%	62%
Porco	29%	34%	37%

No caso do porco não há, no tubo digestivo, área disponível onde os alimentos fibrosos possam ser retidos para que possam sofrer mais intenso processo de fermentação.

Nos eqüinos e nos suínos as fermentações dos alimentos ocorrem após a passagem pelo intestino delgado. Neste segmento do tubo digestivo somente poderão ser absorvidos nutrientes de alimentos que não foram produzidos por bactérias ou substâncias solubilizadas provenientes da autólise de células mortas.

No caso da vaca o trabalho das bactérias se processa antes dos alimentos passarem pelo tubo intestinal e isto permite maior aproveitamento do produto final da digestão microbiana.

A vaca, desse modo, como ruminante, é basicamente uma excelente transformadora de forragens volumosas, fibrosas e ricas em celulose, em carne e leite. Os mamíferos não produzem a enzima celulase que ataca e decompõe a celulose e outros carboidratos complexos.

A digestão da celulose das forragens é realizada pela celulase proveniente dos microrganismos (atividade celulítica).

Os ácidos graxos voláteis, subprodutos das fermentações que se processam no rume dos bovinos são de grande importância para esses animais.

Uma vaca chega a produzir cerca de 3 quilos de ácidos graxos voláteis e isto representa cerca de 40% de energia que lhe é necessária.

Desses ácidos, os mais importantes são os ácidos acético, propiônico e butírico.

Foi calculado que metade da gordura contida no leite da vaca provém do ácido acético. Este ácido, em geral mais abundantemente formado no rume, é seguido pelo ácido propiônico e pelo ácido butírico, mais ou menos nas seguintes proporções: 65:20:10.

Essa proporção, entretanto, não é estável e pode, inclusive, modificar-se de acordo com o tipo de alimentos ingeridos pela vaca.

A proporção do ácido acético se reduz com o aumento das proporções de grãos.



ou de feno moído nas rações das vacas e essa redução determina uma queda na produção de matéria graxa do leite. Por outro lado, o aumento de alimentos volumosos e fibrosos eleva a proporção de ácido acético.

Assim uma certa proporção de volumosos na ração das vacas é importante para melhor porcentagem de gordura no leite.

Os diferentes tipos de alimentos, pois, podem determinar variações nos teores de gordura do leite de um mesmo animal: os alimentos concentrados e os grãos de cereais concorrendo para abaixar esses teores e os alimentos fibrosos, como fenos, concorrendo para elevá-los.

Vários outros ácidos graxos estão presentes na massa de alimentos contidos no rume. Certos alimentos proporcionam algum desses ácidos já preformados. Esse é o caso das silagens. Mas no rumem eles também são produzidos pela atividade bacteriana após a degradação da celulose, do amido e de outros carboidratos.

Síntese de proteínas — No seu trabalho de multiplicação, as bactérias sintetizam aminoácidos e daí proteínas que compõem seus organismos.

O Nitrogênio, base para síntese de aminoácidos, pode ser obtido pelas bactérias de duas fontes: das proteínas contidas nos alimentos ingeridos pelos animais ou de determinados produtos nitrogenados embora não protéicos (uréia, biureto, etc.). Atacando tanto proteínas naturais dos alimentos, como produtos nitrogenados não protéicos, as bactérias determinam a liberação de Amônia. A nitrogênio da Amônia é então utilizado pelas bactérias para síntese das proteínas em seus organismos.

Essas células bacterianas é que são posteriormente digeridas pelos animais servindo, portanto, de fonte de proteínas para o ruminante.

Nem toda a proteína dos alimentos ou de todo o produto nitrogenado não protéico sofre esse ataque das bactérias. Uma parte deixa de ser atacada, seja pela insuficiência do número de bactérias, seja pela rapidez da passagem no trajeto percorrido pelos alimentos.

Quando as proteínas não atacadas passam do estômago para os intestinos, elas poderão aí ser digeridas pelo animal e aproveitadas. Mas em se tratando de produtos nitrogenados não protéicos, como uréia, biureto, etc., sua passagem pelo intestino não beneficiará aos animais, sendo eliminados pelas fezes. Acontece que a uréia é rapidamente transformada em amônia no rume. Se a quantidade de amônia formada for suficientemente aproveitada pelas bactérias, nada de anormal ocorrerá e todo nitrogênio disponível será utilizado para síntese de proteínas.

O aproveitamento da uréia, pois, dependerá do volume da flora microbiana do rume. Havendo excesso de amônia esta passará através da parede do rume, cairá na corrente sanguínea e será novamente transformada, no fígado, em uréia.

Esta uréia pode retornar ao rume através da saliva ou eliminar-se pela urina.

O excesso de amônia, momentaneamente produzida, provoca forte distensão do rume (meteorismo) e séria intoxicação. O excesso de amônia produzida também pode ter outra origem que não os produtos nitrogenados não protéicos. Como foi explicado, a amônia também é formada na decomposição das proteínas naturais.

Calcula-se que os microrganismos do rumem decompõem 40-50% das proteínas dos alimentos, liberando a amônia. A porção restante, não atacada, sofre posterior digestão no tubo intestinal.

Síntese de Vitaminas — As bactérias do rumem também sintetizam várias vitaminas dentre as quais todas as conhecidas do complexo B e a vitamina K.

Outras vitaminas, porém, e dentre elas a vitamina A, não são produzidas no organismo animal. Para suprir-se de vitamina A, o bovino depende do caroteno das plantas forrageiras. As vitaminas D e E também não são sintetizadas no rume pelas bactérias.

Os bezerros, cuja atividade bacteriana do rume inexistente ou é bastante reduzida nas primeiras semanas de vida, dependem, portanto, não só de proteínas digestíveis existentes nos alimentos como de vitaminas que normalmente são sintetizadas no animal adulto.

A produção de vitaminas por bactérias do rume pode ser perturbada no caso de enfermidades ou por falta de matéria-prima nos alimentos. A carência de Cobalto, por exemplo, impossibilita a síntese da cobalamina (vitamina B-12) e os animais que apresentam sintomas de carência deste microelemento sofrem, na realidade, de uma avitaminose B-12.

Para todo este maravilhoso trabalho de decomposição dos alimentos brutos, para síntese de proteínas e de vitaminas, para sua multiplicação e sua sobrevivência, os microrganismos do rume necessitam de Energia. Essa energia lhes é proporcionada por carboidratos facilmente fermentáveis contidos nos alimentos. O melhor aproveitamento das proteínas brutas dos alimentos, e, principalmente, a maior utilização da amônia, por parte das bactérias, depende das quantidades de energia disponível para os microrganismos. A relação Energia/proteínas ou Energia/N reveste-se de grande importância para a nutrição dos ruminantes.

Além disso, para sintetizar proteínas, as bactérias não utilizam apenas Nitrogênio. Este elemento é parte essencial dos

aminoácidos que compõem as proteínas, mas além do Nitrogênio os aminoácidos contêm outros elementos como fósforo, enxofre, etc.

Esses elementos precisam estar presentes nos alimentos brutos contidos no rume para que as bactérias possam realizar seu trabalho com eficiência. Cálcio, fósforo, potássio, sódio, magnésio, ferro, ro, enxofre, cobre, cobalto, zinco são elementos importantes para manutenção e desenvolvimento da flora microbiana do rume. O cobalto é incomparável a vitamina B-12. O enxofre entra na composição de aminoácidos como metionina e cistina. A metionina, por sua vez, contribui para a síntese de vitaminas do complexo B, para maior aproveitamento da uréia e para melhor digestão da celulose.

Embora os ruminantes apresentem, assim como os outros animais esta vantagem de fazer o auxílio de microrganismos na digestão e na síntese de nutrientes essenciais (proteínas e vitaminas) e ainda produção de ácidos graxos voláteis, se estarmos da realidade, se supusermos que esses microrganismos realizassem todo o trabalho e que para estes animais ruminantes, o valor biológico das proteínas não seria importante. De fato, o valor não é tão importante como para outros animais não ruminantes, porque deve-se admitir que não há tempo suficiente para que as bactérias, tão pequenas, possam efetuar toda a produção necessária para vacas de alta produção.

Estas, provavelmente, necessitam receber quantidades extras de proteínas de boa qualidade sem as quais não podem desempenhar suas funções intensivamente elevadas.

A PRODUÇÃO DO LEITE

Mas a maravilha do organismo de uma vaca ainda oferece outros aspectos interessantes.

A produção leiteira é toda ela controlada por um sistema de glândulas e secreção interna cujas funções, através dos hormônios, presidem o desenvolvimento das glândulas mamárias, a reprodução, formação e a secreção do leite.

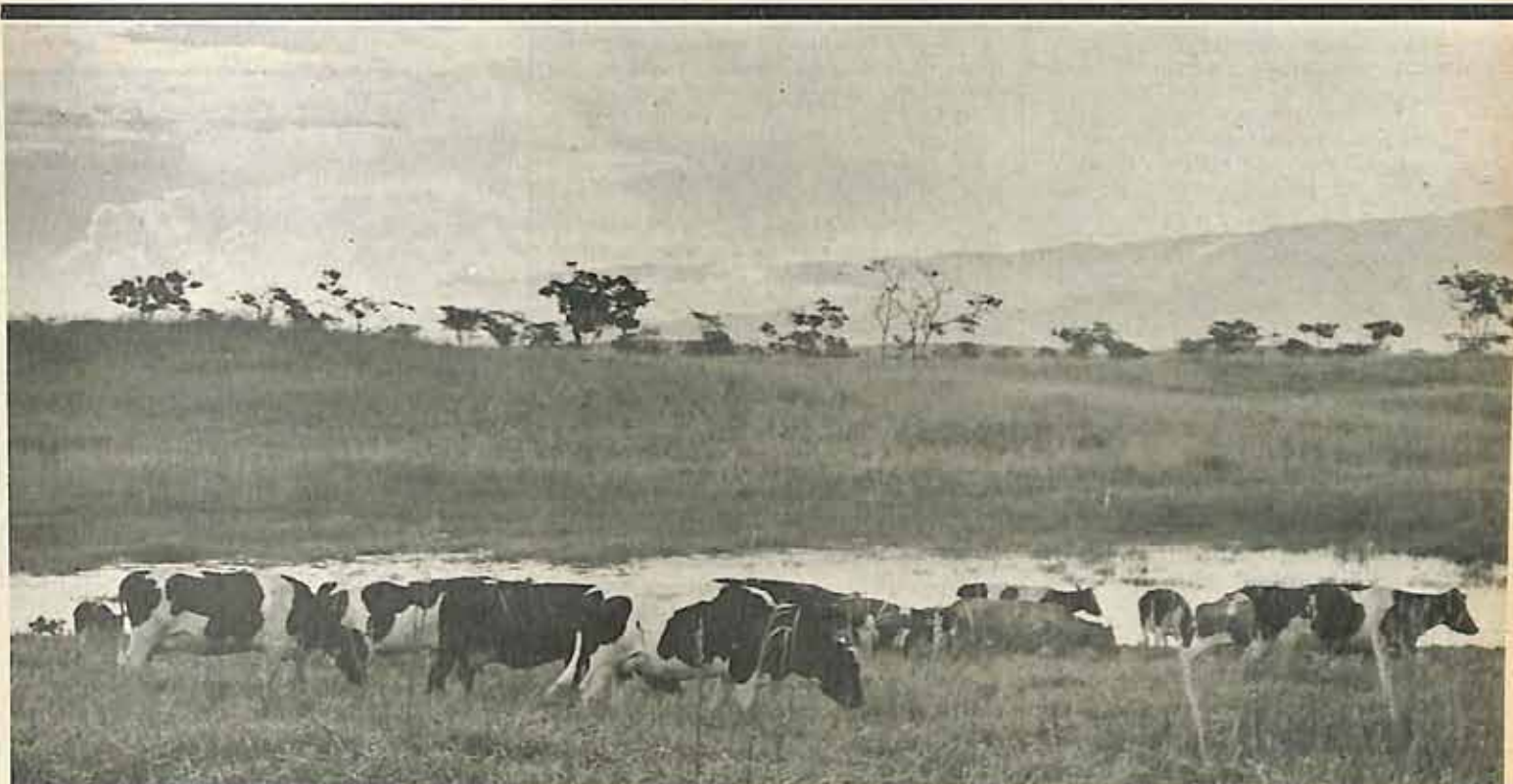
Esses hormônios, da hipófise, da tireoide e de outras glândulas, atuam de maneira sincronizada e qualquer desequilíbrio reflete-se, quer na regularidade da reprodução, quer na da produção do leite.

O leite de uma fêmea é um produto que em nada beneficia ao seu organismo.

Destina-se exclusivamente à alimentação de seus produtos. No caso das vacas leiteiras, das cabras, das ovelhas e búfalas, destina-se também a beneficiar o Homem.

Por tal motivo o Homem procura selecionar animais cada vez mais produtivos.

As grandes produtoras de leite perderam sem dúvida, a rusticidade primitiva, e já são mais delicadas, mais sensíveis às enfermidades.



vos, exacerbando a função produtora de leite a níveis elevadíssimos.

A vaca, que na vida primitiva produzia leite suficiente para a criação de seu produto, foi transformada numa máquina de alta eficiência produtora, proporcionando produções muitas vezes superiores que às necessárias para criação de seu filho.

Esta exacerbação da sua atividade produtiva em benefício do Homem tornou-a totalmente dependente dele. As grandes produtoras de leite perderam, sem dúvida, a rusticidade primitiva, já não conseguem satisfazer suas necessidades em nutrientes apenas com alimentos das pradarias naturais, já são mais delicadas, mais sensíveis a enfermidades, já têm um período de vida mais curto e certamente desapareceriam se totalmente abandonadas, se mantidas com alimentos não artificiais criados pelo Homem para explorá-las.

A elevação da capacidade produtora das grandes raças leiteiras levou também, inevitavelmente, à criação de ambientes apropriados (clima, alimentação, cuidados, defesa sanitária, etc.).

Muitas raças foram por isso praticamente criadas para determinados ambientes e fora deles são incapazes de apresentar os mesmos desempenhos ou as mesmas performances.

Estes fatos têm sido subestimados por criadores de países que desejam introduzir, em suas regiões, animais superespecializados de outros países onde foram

formados e onde são melhor adaptados, sem considerarem que, em suas áreas, não podem oferecer, a esses animais, condições ambientais semelhantes.

RAÇAS LEITEIRAS

A seleção local ou regional de agrupamentos de animais destinados à exploração de uma função econômica, carne, leite, lã, etc., levou os criadores à formação de "raças", uma das manias do Homem, de querer sistematizar coisas muitas vezes sem bases suficientemente concretas, científicas ou práticas.

A noção de "raça", em Zootecnia, difundida por todo o mundo criador, embora indescritível, indefinível e inexplicável, poderia ter servido, nos tempos antigos, no princípio da formação de agrupamento de animais, para distingui-los uns dos outros, para promoção de criadores ou até de países, comerciantes e exportadores. Para isso foram de grande utilidade a criação de Herd Books e a expedição de certificados de Genealogia.

Tais Herd Books e tais certificados criaram a errônea noção de "pureza" que tantos males tem causado ao progresso e ao melhoramento dos animais nos países que precisam desenvolver sua produção.

É que a "pureza" garantida por extensas árvores genealógicas associou-se a noção de garantia de qualidade. Há muito se sabe e, hoje, mais do que antes se reconhece, que apenas a "pureza" não é tudo e que mesmo raça "pura" em

Zootecnia, de acordo com os modernos preceitos de genética, é utopia. "Pura" no quê? Ou "pura" para quê?

Se o próprio Homem, dentro de sua espécie não se preocupe em manter-se "puro", racialmente falando, procurando varrer da terra o racismo inconcebível, por que mantê-lo entre os animais quando os princípios de "raça pura" não se ajustam às reais necessidades de uma exploração econômica?

O QUE É RAÇA?

Em 1936, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos lançou os primeiros protestos contra a sistemática adotada na classificação ou diferenciação de raças.

Um autor europeu, Taussig, num amplo trabalho de consulta às maiores autoridades da época não conseguiu, de cada zootecnista consultado, duas definições semelhantes para "raça". Dezenas e dezenas dessas definições poderão ser encontradas sem que pouco ou nada de novo tenham a dizer.

Lerner e Donald em seu livro "Recentes Progressos no Melhoramento Genético dos Animais" (Ed. Polígamo e Ed. da Universidade de São Paulo) entretanto, apresentam uma definição "para fins práticos" que vale a pena mencionar.

"Uma população de animais domésticos é uma raça quando:

A) tem algumas características que a identificam;



B) tem uma Associação formal de criadores;

C) quando certos representantes do governo afirmam que ela é.

Este último item é uma realidade em muitos países. As autoridades oficiais é que decidem se uma população de animais constitui ou não uma raça, se um grupo de criadores associados deve ou não receber a concessão para organizar livros genealógicos e expedir certificados de registro.

Essa definição de Lerner e Donald acentua que na classificação de raças não se consideram determinadas características muito importantes tais como desempenho, adaptação ao meio ambiente, fertilidade, etc.

Em suas primeiras fases, a formação de todas as atuais raças existentes do mundo tiveram um centro geográfico mais ou menos isolado que permitiu aos criadores da região conjugarem seus esforços e suas orientações no sentido da seleção para determinadas características e para a comercialização. Isso não impediu, em muitos exemplos e, mesmo na maioria deles, que esses animais recebessem sangue de outras procedências, isto é, que a maioria das atuais raças chamadas "puras" tenham sido originadas de produtos de cruzamentos ou de "mestiços".

Hoje muitas raças podem ser reconhecidas pelo porte, pela cor, pelo formato da cabeça, pelos chifres e pelas orelhas, mas uma definição genética, excetuando-se algumas características de menor importância não é fácil.

Não é fácil, também, dentro de um agrupamento biológico distinguir as famílias ou as variedades locais de uma raça.

O conceito de raça em zootecnia, mais que pureza genética, inclui uma população de animais cruzados entre si e caracterizados por frequências de genes que lhes conferem algumas médias e variações específicas. "Os acasalamentos entre animais dentro de uma raça estão sujeitos às mesmas restrições impostas aos acasalamentos humanos que estabelecem isolamento hierárquico e profundo fluxo direcional de genes. O efeito nítido desse sistema é uma força gerada pela atração de classes ou de elites que mantêm uma raça unida e intocável".

Os principais característicos de uma raça, os mais preservados e ciosamente mantidos, são as características chamadas "raciais", quase sempre detalhes específicos de cor, de formato de corpo, de posição e direção de chifres, de nuances que pouco ou absolutamente nada têm a ver com a função econômica dos indivíduos.

Tais características, apesar disso, determinam uma certa uniformidade aparente através da qual as raças podem ser diferenciadas uma das outras.

"Atinal, concluem Lerner e Donald, é uma característica muito humana ser atraído por simples aparências e esse é o motivo pelo qual, enquanto usuários e criadores de animais forem numerosos, há de haver, por muito tempo, um mercado influenciado por animais atraentes.

Não há dúvida que a beleza funcional, entretanto, pesará cada vez mais e que a criação e a produção de animais cairão totalmente nas mãos dos que colocarem a produção acima das aparências.

A tendência moderna é considerar as características raciais, no sentido em que atualmente são conhecidos e considerados, irrelevantes e dar ênfase às características de produtividade. Isso já sucedeu às aves onde raças, no sentido que se lhes dá em zootecnia, já desapareceram substituídas por produtos de cruzamentos, de "híbridos" tanto para produção de carne como de ovos.

Os suínos passam agora pelo mesmo processo para aumento de suas produções ou para criação de novos tipos, para maiores índices de fertilidade e de natalidade e de viabilidade. Também modernamente criam-se rapidamente novas "raças" de bovinos, produtos de cruzamentos de duas ou mais outras "puras" e ganham em poucos anos, o "status" de raça "pura" porque são defendidas por Associação de criadores e são aprovadas pelos órgãos competentes dos governos de cada país.

A QUESTÃO DA PUREZA

Correntemente a "pureza" de um animal é julgada de várias maneiras, quer pelo exame visual de criadores ou de "técnicos" que possuem dons imperceptíveis e provavelmente supragenéticos, até hoje não identificados ou, mais frequentemente, pelo meticuloso sistema de registro genealógico, isto é, pelo pedigree.

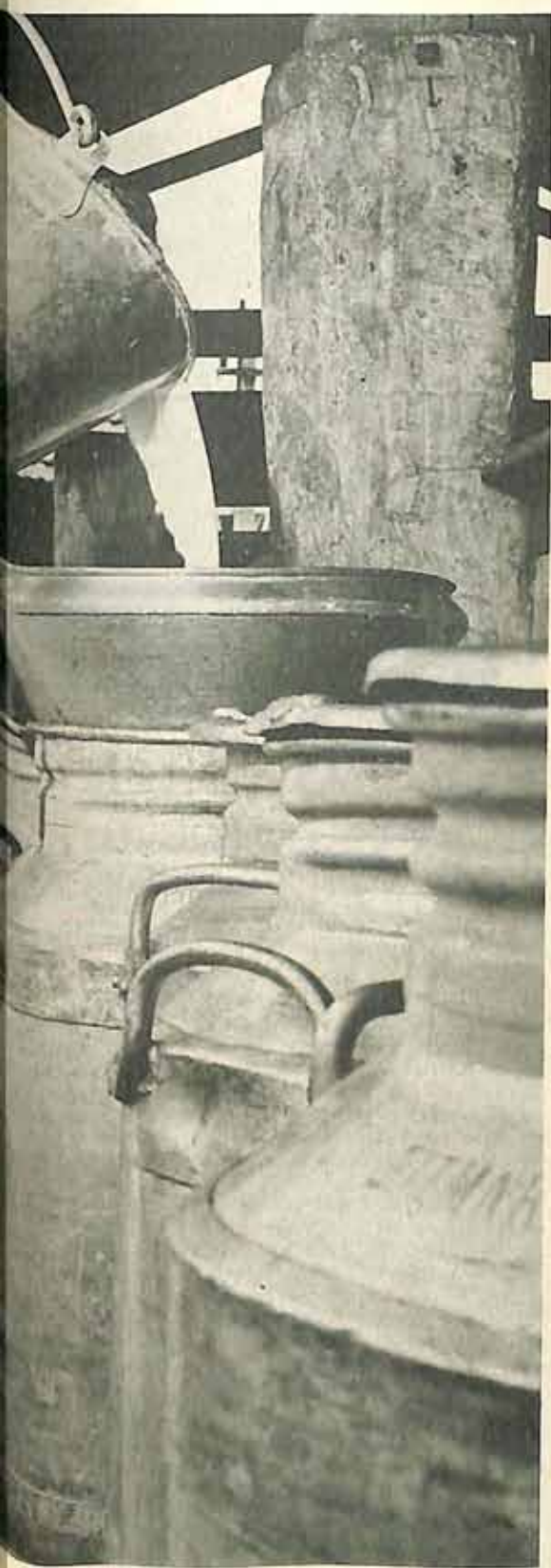
O imaculado valor de um pedigree baseia-se tenuemente na idoneidade dos criadores que comunicam coberturas e nascimentos e por Associação que procedem aos registros.

Entretanto, não há meios precisos de se provar, com raras exceções, que no passado e no presente não se tenham processado em animais "puros" de cada raça, migrações de genes provenientes de outras raças ou de estranhas origens, através de cruzamentos acidentais, ou mesmo, de cruzamentos sub-reptícios intencionados.

A genealogia dentro de uma raça é um assunto delicado e discutível não tanto pela falta de escrúpulos dos que intencionalmente prevaricam, mas pela frequência de erros de anotações, de acidentes e da falta de um mais rigoroso controle. A inseminação artificial dá mar-



Os erros, enganos cometidos nas importações de raças e de reprodutores podem, inclusive, ser multiplicados com as importações de sêmen.



gem ampla para que a frequência desses enganos se avolume.

Duas são as principais razões que levam criadores ou países a tentar o isolamento de grupos de animais como "raça", ambas particularmente influenciadas por questões comerciais. A primeira se baseia no desejo desses criadores em manter uma semelhança genética que garanta ao grupo uma aparente diferença entre as demais linhagens altamente selecionadas, ou grupos de animais distintos e intensamente desejados pela moda ou pelo seu real valor, evitando sua diluição que os tornaria menos valiosos, caso se multiplicassem e aumentassem de número demasiadamente.

Em segundo lugar, o valor comercial de uma "raça pura", para muitos criadores reside na suposição de que essa "pureza" é uma segura garantia de qualidade.

Entretanto essas e outras razões não têm qualquer consistência quando se comparam as produções de rebanhos de animais de pedigree com rebanhos de animais comuns ou mestiços. Esses animais cruzados com reprodutor de alta qualidade, podem gerar filhos mestiços superiores aos seus ascendentes "puros" sob muitos aspectos. Esse fato é sobejamente conhecido por criadores que exploram animais exclusivamente para produção econômica de carne ou de leite.

Os criadores que efetivamente visam produções econômicas de seus animais, preferem os mestiços ou os cruzados aos "puros" e, em muitos exemplos, não têm outra alternativa para garantirem melhores rendimentos.

Nada mais justo do que registrar esses animais mestiços em livros abertos, classificados por seu desempenho e não por suas características raciais.

Algumas associações já cuidam de adotar ou mesmo já adotam esse sistema de cruzamentos de absorção, mas muitas delas ainda incidem nos erros originais.

Entretanto, nos países em desenvolvimento, que não possuíam bovinos ou que os possuíam sem qualquer melhoramento genético, constituem a grande maioria de seus rebanhos, os mestiços e os cruzados marginalizados sem "documentos" mas que, mesmo assim, são o sustentáculo das produções de leite e de carne.

Afinal, um 1/2 sangue, filho de um touro de alta estirpe poderá, inclusive, ser geneticamente superior a muitos "puros" de pedigree. Os exemplos são tão numerosos e tão chocantes que se torna inexplicável esse arraigado e prejudicial apego a "pureza" racial.

A inseminação artificial é uma revolucionária arma que vem dilapidando o monopólio hierárquico de castas, de linhagens e de agrupamentos antes fechados e detidos por reduzidos grupos de criadores.

O sangue nelore dos melhores reprodutores conhecidos no mundo está, hoje, à disposição de qualquer criador comum que pode introduzi-lo em qualquer de seus animais, mesmo nos das castas inferiores.

Ela vem abalando inexoravelmente os negócios dos detentores dos melhores agrupamentos de genes que, desse modo, realizavam excelentes negócios.

Mais rapidamente e mais facilmente que antes, através de inseminação artificial, os criadores estão entendendo que produções mais rendosas não dependem tanto de raças ou de reprodutores de marcas famosas, mas de uma feliz combinação genética de dois indivíduos "puros" ou não.

Mais do que necessário porém, imprescindível, é que os criadores compreendam que a inseminação artificial em si não é tudo. Através dela também se podem cometer os mesmos erros caso a escolha dos reprodutores doadores de sêmen persista dando ênfase aos característicos raciais.

Na intensa competição estabelecida entre as grandes organizações comercializadoras de sêmen, todas tiveram necessidade de divulgar os méritos genéticos de seus animais baseados na transmissão da capacidade de produção. Os criadores estão cada vez mais informados sobre o que seja um touro "provado" e tendem abandonar seu julgamento por simples aparências.

Entretanto nem tudo está completamente resolvido.

Os erros, os enganos cometidos nas importações de raças e de reprodutores podem, inclusive, ser multiplicados com as importações de sêmen. É que os animais se "provam" em regiões e sob as condições nela imperantes onde deverão ser explorados.

O total ou quase total desprezo dos criadores pela interação animal-ambiente é que os levou a grandes prejuízos e desilusões.

Esse desconhecimento, que diz respeito à adaptação dos animais a novos ambientes, diferentes dos de suas regiões de origem para as quais foram selecionados, foram gerados pela irrestrita confiança depositada nos méritos genéticos de raças e de reprodutores sem qualquer consideração ao meio ambiente.

Para produzir e ser economicamente útil, não basta nem é imprescindível ao animal ser "puro". É preciso que se acomode, que adapte às novas condições oferecidas. Se estas condições forem iguais ou melhores que as condições imperantes nas regiões de origem da "raça", não haverá problemas mais sérios. As raças Inglesas e do Continente Europeu não encontraram sérios obstáculos para se estabelecerem em regiões de países



que possuíam clima, alimentos e homens que lhes ofereciam as mesmas condições de suas regiões originais. Os Zebus encontraram no Brasil condições semelhantes de clima e até melhores de alimentação que as imperantes na Índia.

Mas quando raças encontram num país ou nas regiões para onde são transportados, condições extremamente adversas, mesmo que "puras" ou "puríssimas", poderão não apresentar desempenhos sequer equiparáveis aos mestiços mais comuns, nativos e adaptados, a menos que se lhes ofereçam condições artificiais sempre dispendiosas e antieconômicas.

A adaptação de uma raça não se mede por uma produção elevada, obtida a custa de sacrifícios e de artificialismos custosos. A adaptação é muito mais que isso; é uma vida útil prolongada; é a manutenção de altos índices de fertilidade e de baixos índices de mortalidade; é a apresentação de elevada resistência às enfermidades e, acima de tudo, de rendimentos econômicos.

Para o caso particular de países de climas tropicais e subtropicais, as raças de climas temperados não encontram condições ideais de conforto. Para maior agravamento de sua baixa tolerância ao calor essas raças ainda encontram, nessas regiões, dificuldades para se nutrir de acordo com suas necessidades, enfermidades que jamais haviam experimentado e um sistema de manejo desajustado às suas características.

Com as importações indiscriminadas de raças, de reprodutores e de sêmen, sobretudo atualmente de sêmen, nada mais estamos fazendo, com grandes despesas, que testar reprodutores exóticos e selecionar os melhores para nosso meio.

A capacidade de adaptação é um atributo individual. Dentro de uma mesma "raça pura" há indivíduos que se adaptam melhor que outros a determinados ambientes.

Esse fato não será difícil de ser demonstrado pelo exame metódico da descendência de famosos touros provados nascidos em determinadas regiões de nosso país.

Para nós esses touros estão sendo realmente provados aqui, muito embora essas provas não obedeçam métodos e sistemas adequados para melhor segurança.

Com a intensa comercialização de pintos de um dia importados procederam-se, nos países importadores, a verdadeiras provas do valor das numerosas marcas oferecidas. De dezenas de marcas surgidas poucas restaram e foram, justamente, as que apresentaram melhores resultados, as que desapareceram do mercado. As outras desapareceram do mercado.

Essas provas, os países importadores as fizeram gratuitamente para os fornecedores das marcas de pintos de um dia, mas certamente arcaram com enormes

despesas e consideráveis prejuízos. Note-se que às aves podem ser oferecidas condições artificiais, alimentação, cuidados e defesa sanitária tão eficientes como as de seus países de origem. E que as aves exploradas o são num curto ciclo até que cessem suas atividades produtoras de carne ou de ovos.

Em bovinos nem essas condições artificiais poderão ser economicamente oferecidas, nem a alimentação é tão equilibrada, nem os cuidados com os animais são tão adequados. Além do mais, os bovinos são importados para se multiplicarem, para se expandirem em número, para permanecerem produtivos e econômicos, por gerações.

Portanto, só raça ou apenas "pureza" pouco podem significar em termos de produtividade, resistência e longevidade. Os méritos genéticos de uma raça ou de um reprodutor somente se exteriorizam associados a condições do meio que lhe são compatíveis. O desempenho de um animal é a resultante de seu mérito genético e do estímulo ambiental. Dessa interação animal-ambiente é que resulta o desempenho ou a performance de uma raça ou de um grupo de indivíduos.

A errônea noção de "pureza" racial tem levado criadores a se olvidarem do resto necessário para observação do mérito genético: o ambiente.

Temos sido grandes importadores de patrimônios genéticos e de pedigrees e péssimos melhoradores do meio ambiente, quando por condições ambientes se consideram, principalmente, alimentação, defesa sanitária, manejo e clima.

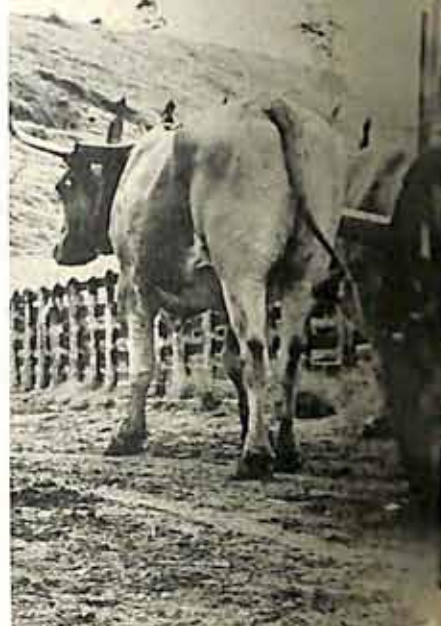
Até certo ponto os três primeiros componentes do meio ambiente podem ser melhorados e aperfeiçoados pelo Homem. Mas os fatos adversos do clima, sobretudo as altas temperaturas para raças com baixa tolerância ao calor, não podem ser economicamente modificados. Quando muito podem ser ligeiramente aliviados.

EFEITOS DOS CLIMAS DE TEMPERATURAS ELEVADAS SOBRE VACAS LEITEIRAS POUCO TOLERANTES AO CALOR

O primeiro efeito adverso diretamente exercido por temperaturas ambientais sobre os bovinos é reduzir, nesses animais, a possibilidade de perderem calor corporal e, portanto, de manterem normal a temperatura de seus organismos.

Os efeitos de temperatura ambiente elevada são agravados pelos altos níveis de umidade do ar. Os elevados níveis ou umidade do ar impedem ou reduzem a evaporação da água através da pele e da respiração, vias naturais pelas quais os bovinos dissipam calor corporal.

Indiretamente os efeitos do clima podem se revelar na incidência de enfermi-



dades, na nutrição, na reprodução e na produção.

O clima afeta também a produção e a qualidade dos alimentos produzidos na região. A produção forrageira, por exemplo, pode ser afetada por intensos períodos de seca. A intensidade de chuvas pode de carrear nutrientes minerais solúveis do solo para partes mais profundas não atingidas pelas forrageiras.

Sob condições de temperatura elevada, de umidade e de luz, as plantas forrageiras desenvolvem-se com bastante rapidez como também desenvolvem elevados níveis de fibras que determinam uma redução no teor de proteínas e de carboidratos. Para se nutrir com esses alimentos as vacas também revelam diferenças entre si quanto ao aproveitamento do material consumido.

A vaca leiteira, como todos animais de sangue quente, procura manter uniforme sua temperatura corporal ajustando ganhos e perdas de calor mediante mecanismos reguladores.

O calor corporal é produzido pela gestão dos alimentos digeridos, pelos movimentos musculares, pelo crescimento pela secreção do leite, pelo reparo de tecidos etc.

Todo esse calor produzido pelo organismo poderia ser classificado de várias origens:

- 1) Calor proveniente da digestão dos alimentos;
- 2) Calor resultante do metabolismo basal;

(As vacas inadaptadas aos trópicos, tendem a ter reduzidas suas produções, seus índices de fertilidade e sua longevidade.)



3) Calor resultante das atividades de produção (crescimento, produção de carne, de leite etc.).

A esse calor produzido pelo organismo soma-se à carga de calor recebida do meio ambiente, do sol (por radiação) ou do ar, quando a temperatura ambiente é mais elevada que a temperatura normal do corpo do animal.

As perdas de calor corporal, por sua vez, processam-se pelas seguintes vias:

1) pela radiação de calor corporal para ambientes mais frios que circundam o organismo animal;

2) pela condução e conexão através do ar;

3) pela evaporação da umidade da pele e do aparelho respiratório.

Estando impossibilitado de eliminar o calor corporal em excesso, o animal sofre consequências que caracterizam seu desconforto: sua temperatura corporal eleva-se; seu ritmo respiratório aumenta, bem como seus batimentos cardíacos. Exposta ao sol, a temperaturas superiores a 30-35°, uma vaca pode apresentar temperaturas corporais acima de 40 °C e um ritmo respiratório acima de 150 movimentos por minuto (normalmente esse ritmo é de 14-15 movimentos por minuto).

Esses estados de desconforto afetam a produção ou o desempenho das vacas, tanto mais quanto maior for sua atividade produtiva, porque, para sustentar altas produções a vaca precisa ingerir grandes quantidades de alimentos e a digestão desses alimentos gera calor.

Uma consequência da baixa tolerância ao calor que também é uma autodefesa do organismo é justamente a redução da ingestão de alimentos para reduzir a produção de calor interno. Mas não consumindo alimentos em quantidades suficientes o animal não recebe a matéria-prima para crescer, para produzir carne ou leite, para reproduzir-se e até para garantir melhor resistência às enfermidades.

A mais imediata resposta do bovino às temperaturas elevadas, acima da zona de conforto, afeta rapidamente suas produções: ritmo de crescimento e produção de leite ou de carne. Os machos não adaptados a temperaturas elevadas apresentam reduzida capacidade fertilizante nos períodos do ano de calor mais intenso. Nas raças ou em indivíduos não adaptados observam-se alterações no sangue, principalmente acentuada redução de glóbulos vermelhos e de hemoglobina.

Há raças e há indivíduos mais tolerantes ao calor que outros. O Zebu é um animal adaptado aos trópicos. As faixas de conforto baseadas em temperatura e umidade variam, entretanto, entre as raças conhecidas por sua fraca tolerância ao calor.

Aparentemente, pelo que acima foi exposto, as altas produções e o rápido ritmo de crescimento (precocidade) seriam desfavoráveis para uma melhor tolerância ou calor.

A mudança dos hábitos de pastejo ou do manejo das vacas em pastagem podem, até certo ponto, aliviar nos animais menos tolerantes ao calor, os efeitos adversos de altas temperaturas. Animais desse tipo deveriam ser levados às pastagens nas horas de calor menos intenso, pela manhã, pela tarde e à noite e mantidos à sombra, nos estábulos, nas horas de temperatura mais elevada.

Os pastos com árvores ou com abrigos que projetem áreas sombreadas, auxiliam os animais e aliviam o desconforto. Mesmo assim, nos dias mais quentes não é incomum observarem-se vacas, nos pastos, ao sol com acelerado ritmo respiratório, a boca aberta e a língua exposta. Nesse paradoxal aumento de movimentos musculares sua produção de calor aumenta e a perda de saliva chega a ser de 8 a 10 quilos por dia.

Quando há água por perto, as vacas penetram nas lagoas, nos córregos e até nos bebedouros procurando, nada mais, que reduzir sua temperatura corporal. Submetidas a esse "stress" não consomem alimentos, não caminham e parecem exaustas e tristes. Esses efeitos adversos e continuados determinam graves consequências a curto e a longo prazo.

As raças inadaptadas aos trópicos tendem a ter reduzidas suas produções, seus índices de fertilidade e sua longevidade.

Vários métodos de aliviar os efeitos de altas temperaturas sobre vacas leiteiras, têm sido preconizados.

O sucesso da maioria dessas práticas dependerá de seus resultados econômicos. Assim, são por vezes eficientes, a manutenção dos animais em locais sombreados, bem ventilados, a administração de uma dieta alimentar de fácil digestibilidade, com ingredientes com pouca fibra e baixa energia. Em certas regiões dos Estados Unidos (vale de S. Joaquim, na Califórnia) animais que possuíam, à disposição, de locais sombreados produziram de 10 a 15% mais de leite ou de carne que outros expostos ao tempo sem abrigos. Estábulos em ar condicionado, aspersão de água sobre os animais várias vezes ao dia são outros expedientes experimentados, mas todos eles devem consultar os resultados econômicos.

Nos trópicos, o tipo de instalações precisam ser convenientemente estudados para que os estábulos possam oferecer às vacas melhor conforto. Na avicultura tropical experimentamos numerosos tipos de galinheiros, os primeiros copiados de plantas elaboradas para climas temperados, até chegarmos ao tipo mais adaptado para nossos climas. Nas regiões do nordeste os galinheiros mais funcionais são os que são circundados por ampla varanda que impede a penetração do sol e mantém a temperatura interna mais amena.

A altura, o tipo de telhado, a cubagem do ar e o número de cabeças alojadas são todos elementos importantes a serem considerados em projetos dessa natureza destinados a oferecerem, ao gado exótico inadaptado, melhor conforto.

COMO DEVE SER A VACA LEITEIRA?

Independentemente de raças, a seleção das vacas leiteiras levou criadores e técnicos à criação de um tipo chamado "tipo leiteiro".

Esse tipo, de todos conhecido, pois tem sido há anos divulgado seria, em rápida descrição, o de um animal anguloso, de cabeça e pescoço delicados, de tórax profundo, de costelas arqueadas dirigidas para traz e bem separadas, de garupa hori-



zontal, com boa largura entre as ancas e entre os isquios, descarnados, com amplo e harmonioso desenvolvimento da região abdominal e, principalmente, com ubre bem constituído, bem inserido, com tetas de tamanho médio, com volumosas e sinuosas veias mamárias e amplas "fontes" de leite.

Todos os criadores estão familiarizados com esse "tipo" chamado "ideal" preferido pelos selecionadores de todas as raças leiteiras.

É fácil verificar, confrontando os padrões das raças leiteiras, que pelas descrições das características de conformação e excluídos os chamados característicos raciais, todas essas raças, para um leitor menos conhecedor, seriam iguais ou semelhantes.

Deveriam ser iguais quanto à conformação geral, mas não são e ainda diferem, quanto a cor, ao perfil craniano, à forma e à implantação dos chifres, isto é, quanto às características raciais. Contrariando os padrões oficiais, as raças leiteiras variam em porte, em peso, em formato de ubres, em tamanho de tetas; umas são mais compactas e mais musculosas, outras são mais descarnadas e mais angulosas.

Há sensíveis diferenças, quanto ao tipo, entre uma Jersey e uma Holandesa ou entre uma Shorthorn leiteira e uma Ayrshire. Todas, entretanto, são raças leiteiras e têm sido selecionadas especialmente para essa função. Também dentro de uma mesma raça "pura" podem ser observadas diferenças acentuadas quanto ao tipo. As raças mais difundidas no mundo, como a Holandesa e a Jersey, sofreram modificações por vezes acentuadas, no porte, na conformação e no peso, de acordo com as regiões para onde foram levadas e reproduzidas. Uma Jersey americana, por exemplo, é bem mais desenvolvida que a Jersey originária da ilha que lhe deu origem. O gado Holandês originário da Holanda, mais compacto e mais musculoso, sofreu sensíveis modificações após anos e anos de seleção nos Estados Unidos, no Canadá, na Alemanha ou na Inglaterra. Em muitos países uma mesma raça sofreu, inclusive, modificações nos chamados caracteres raciais. A distribuição das malhas do Holandês branco e preto nos Estados Unidos e no Canadá, por exemplo, nem sempre está de acordo com os padrões observados na Holanda, desde que naqueles países há animais dessa raça quase que totalmente brancos ou quase que totalmente pretos.

Entretanto, todas essas raças e esses tipos são produtores de leite e se consideram "puros".

Mas há, ainda, algo muito interessante. Depois de séculos de seleção para a pro-

dução de leite, determinadas raças, hoje, revelam-se importantes produtoras de carne, quando se considera essa produção em termos de ganho diário de peso, porcentagem de carne limpa, relação músculo/ossos e reduzida quantidade de gordura. A raça Holandesa é um exemplo desse fato.

E há, também, outras raças, embora produtoras de leite de grande importância nas regiões onde são criadas, que fogem totalmente ao "tipo leiteiro" clássico, preconcebido, "ideal".

As raças indianas consideradas leiteiras como a Sahiwal, a Tarparkar, a Gir e a Guzerá, se classificadas pelo tipo leiteiro fariam uma triste figura, mas nem por isso deixam de apresentar, nas regiões onde estão adaptadas, rendimentos econômicos.

E para não prolongarmos o assunto há, ainda, o caso das búfalas. Estes animais, de espécie diferente das tradicionais raças leiteiras bovinas, chegam a produzir em média, tanto ou mais, nos trópicos, que algumas das tradicionais raças leiteiras e seu tipo dificilmente se aproximaria do tipo leiteiro "ideal".

O que se disse para indivíduos de raças "puras" poder-se-á estender aos animais mestiços ou aos animais produtos de cruzamentos.

Em resumo, o exacerbado valor conferido ao tipo não resiste a um confronto mais perfunctório quando se procuram correlacionar tipo e produção.

Da existência de várias raças leiteiras e de variados tipos, conclui-se que essa função, produção de leite, não é propriamente apanágio de raças nem de tipos, mas qualidades inerentes a indivíduos.

É claro que após anos e anos de seleção para a produção de leite, as raças leiteiras foram conduzidas no sentido de apresentarem maiores e melhores concentrações e combinações de genes relacionados com essa produção. Por outras palavras, dentro das raças leiteiras é de se esperar que a maioria dos indivíduos a ela pertencentes possuam maiores concentrações de potencial genético para essa produção que entre raças não leiteiras.

Mas como a concentração desse potencial é efetuada através da reprodução, esse potencial para a produção leiteira, tanto pode ser transmitido aos animais "puros" como aos cruzados ou aos mestiços. A transmissão do potencial genético de ascendentes para descendentes obedece às mesmas leis da genética, às mesmas probabilidades, de modo que, nesse particular, nada há que impeça uma feliz combinação de genes favoráveis à produção leiteira, em animais mestiços ou em animais cruzados.

Os criadores, e também muitos outros, levaram ao exagero o valor de determinado formato, de determinada formação de cada região do corpo e de determinados "sinais" leiteiros especialmente procurados nos chifres, na espessura da pele, na implantação dos peitos (os escudos de Guenon) e que, quando esses característicos foram confrontados com a capacidade leiteira de um animal, a maioria deles, se não totalmente, revelou qualquer relação significativa com a produção.

Se a escolha dos animais pudesse ser feita pelo simples exame de características raciais, pelo tipo, ou pelos "sinais" leiteiros, então nada mais fácil seria escolher os animais de acordo com esse método visual e subjetivo de julgamento e tudo estaria resolvido.

Mas esse tipo de seleção morfológica é extremamente falho. Em alguns casos



(Enquanto existirem compradores que preferem pagar pelas aparências do animal, existirão criadores e até associações que as cultivarão.)

morfologia de uma região ou de um órgão ou de um aparelho assume relativa importância na escolha de uma vaca leiteira, como no caso dos ubres, mas não é suficiente. O ubre precisa ser dotado de glândulas mamárias bem desenvolvidas, de tetas regulares, deve ser volumoso, bem irrigado, mas tudo isso não é suficiente porque a secreção do leite não depende apenas dele, mas, também, de hormônios que desencadeiam todo o processo secreto.

Desde há muitos anos (1924), com os estudos de Gowen já foi dado a conhecer que as correlações entre tipo ou entre determinada conformação de regiões corporais de uma vaca e sua produção leiteira eram muito baixas. Os trabalhos de Gowen consistiram no estudo de correlações entre determinados característicos e a produção dos animais num controle de 7 dias (idade constante).

Essas correlações são as do quadro VI.



QUADRO VI

Correlações entre alguns característicos corporais e produção leiteira

Caráter	Coefficientes de correlação com a produção
Peso	0,42
Comprimento de corpo	0,36
Perímetro torácico	0,25
Altura nas ancas	0,24
Largura do peito	0,28
Altura no garrote	0,22
Comprimento da garupa	0,18
Veias mamárias	0,30
Tamanho e qualidade do ubre	0,30

GOWEN, J.W., 1924. Milk Secretion. J. Wiley N.J.

Outros autores, mais recentemente, estudando o mesmo assunto chegaram a conclusões semelhantes.

Freeman e Dumbar estudando 1080 vacas da raça Ayrshire não encontraram correlações significativas entre os diferentes componentes do tipo e a produção e nem mesmo entre classificação final pelo tipo e produção.

QUADRO VII

Correlações entre característicos corporais e produção leiteira

Caráter	Coefficientes de correlação com a produção
Cabeça e pescoço	0,05
Espadura e peito	0,02
Dorso e lombo	0,08
Garupa e coxa	0,00
Ubre (forma e tamanho)	0,10
Ubre (qualidade, tetas e veias)	0,12
Qualidade geral	0,14
Tipo racial	0,07
Classificação final (pelo tipo)	0,07

Freeman, A.E. e Dumbar, T.S., 1955. J. Dairy Sci 38: 428-437.

Essas correlações são extremamente baixas e, portanto, desprovidas de significação.

A produção de leite, medida no balde ou na balança através do controle leitei-

ro, é a melhor maneira de se avaliar a capacidade ou o desempenho de uma vaca.

Selecionar características que pouco têm a ver com a capacidade de produção é complicar e entrar o progresso genético, pois se a seleção para a produção leiteira isoladamente já é um trabalho bastante complexo, associá-la à seleção de outros característicos de menor importância é perder tempo e dinheiro. De dinheiro, talvez não, pois há ainda os que pagam um preço melhor pelas aparências. Enquanto existirem compradores que preferem pagar pelas aparências do animal existirão criadores e até associações que as cultivarão. Mas em produção leiteira já se vislumbra intensa difusão do valor real de um animal baseado na sua capacidade de produção e certamente os que enveredarem por este caminho serão os vencedores. Hoje já não há mais tempo a perder com belezas convencionadas.

A verdadeira beleza, em Zootécnica é Produção Econômica.

O Quadro seguinte (VIII) é um exemplo de correlações entre classificação pelo tipo e produção de leite entre raças leiteiras.

QUADRO VIII

Correlações entre classificação final pelo tipo e produção de leite

Raças	Correlações
Ayrshire (gordura)	0,16
Ayrshire (leite)	0,08
Holandesa (leite)	0,18
Jersey (gordura)	0,12

Fonte — R. Briquet, Jr. 1963 — Sel. Zoot. — ano (25): 14-16.

Tais correlações, tão baixas, também não apresentam valor estatístico significativo.

O Gado Frísio Europeu apresentou modificações nas suas características de conformação, num período de 35 anos (de 1913 a 1958). A altura no garrote de vacas registradas que em 1913 era, em média, de 1,36 m, em vacas de 3-3,5 anos, caiu, em 1958, para 1,29 m.

O comprimento do corpo reduziu-se de 1,54 m para 1,50 m, enquanto que as medidas corporais de circunferência, de profundidade e de altura do tórax, e largura da pélvis continuaram as mesmas. O desenvolvimento muscular nessa raça acentuou-se na direção de um tipo misto (carne e leite) porque na Europa o valor dos animais leiteiros para o corte não pode ser subestimado.



Essa tendência, nos tempos atuais, acentua-se em quase todos os países da Europa cujas raças leiteiras e mistas são selecionadas, cada vez mais, para produzir, concomitantemente, mais carne. As raças leiteiras e mistas na Alemanha Ocidental, as Holandesas das variedades preta e branca e vermelha e branca, a Schwyz, a Fleckvieh e a Gelbvieh são controladas e selecionadas para ambas as produções, leite e carne, e apresentam atualmente poderoso desenvolvimento de massas musculares, peso elevado nas idades mais jovens e conformação mais apropriada para melhores rendimentos de carne. As raças classificadas como mistas ganham popularidade e são intensamente promovidas. E para ganhar tempo, intensificam-se cruzamentos entre raças tradicionalmente leiteiras, com raças tradicionalmente de corte. Numerosas pesquisas vêm sendo efetuadas e têm revelado que ambas as produções, leite e carne, não são totalmente incompatíveis.

A mudança do tipo Frísio Europeu, para um tipo mais compacto e mais provido de musculatura desenvolvida não afetou a produção média leiteira dessa raça.

Pelo contrário, na Holanda, apesar dessa modificação do tipo de 1913 a 1958, a produção média de leite dessa raça aumentou, de 3.118 para 3.678 kg de leite por lactação.

Se esses aumentos na produção de leite foram processados através do melhoramento dos níveis de alimentação e daí, através do ritmo de crescimento ou através do manejo mais adequado, o certo é que a mudança para um tipo mais musculoso, mais compacto e menos tipicamente leiteiro, não exerceu qualquer efeito depressor na produção de leite.

O gado Holandês transferido para a América do Norte (Holstein Friesian) no século passado por sua vez sofreu, nos Estados Unidos e no Canadá, forte pressão de seleção dirigida primordialmente para aumento da produção de leite. As médias de produção de leite do Holstein Friesian passaram a superar as médias dos rebanhos dos quais foram originados. O tipo modificou-se sensivelmente, os animais ganharam em porte, em altura e comprimento. A distribuição das manchas pretas típicas da raça na Holanda foi deixada de lado.

As raças assim, modificam-se, quer por serem transferidas de seus ambientes originais, quer por sofrerem pressões de seleção em sentidos diversos. Modificam-se também formando linhagem, famílias, subtipos e até novas raças quando assim julgam criadores reunidos em Associações ou quando assim o determinam autoridades oficiais.

Uma raça malhada de vermelho ou de amarelo originária da Suíça e difundida na Europa Central, na França, na Alemanha, na Áustria, na Hungria e na Checoslováquia recebe diferentes nomes.

Em quase todos os países de regiões centrais da Europa é denominada de Fleckvieh, mas os famosos animais malhados suíços do Simental receberam o nome dessa região. Animais desse mesmo grupo formam três "raças" na França: a Montbeliarde, a Pic Rouge e a Abondance. A Federação Européia de Criadores desse grupo étnico, criada recentemente, resolveu incluir todas no grupo Fleckvieh-Simental, mas em cada país ela apresenta distintos característicos quer para a produção de carne quer para a de leite. Nesse grupo étnico, provavelmente se tenha o mais belo exemplo de feliz associação entre produção de carne e de leite, principalmente na Alemanha onde a pressão de seleção é exercida em ambos os sentidos. A média da produção de leite de centenas de milhares de vacas Fleckvieh controladas é superior a 4.200 quilos de leite e isso não impede que seus novilhos atinjam, aos 12-14 meses de idade, pesos para o abate de 480 a 500 quilos.

O "tipo" leiteiro, pois, apresenta um valor relativo e de pouca consistência na seleção de raças leiteiras. A preocupação de se selecionarem ao mesmo tempo tipo, caracteres raciais e produção somente pode reduzir a eficiência do progresso que se procura nos ganhos em produção, simplesmente porque não há entre esses característicos, consistentes correlações genéticas.

É muito importante, para concluir este capítulo, a opinião de Ray H. Cliever, diretor do Programa de Desenvolvimento e Pesquisas da "Holstein Friesian of America" (in La Hacienda, Janeiro, 1974, págs. 22-25).

Diz Cliever: "Os melhoramentos da produção e dos característicos do tipo não se realizam automaticamente".

"A seleção apenas pela produção não resulta automaticamente em melhoramento do tipo e vice-versa".

E conclui estranhamente.

"Você terá que selecionar, concomitantemente, para ambas as cousas".

E nós perguntamos: por quê?

Gostaríamos de ter uma resposta plausível e convincente. No mínimo, uma resposta de acordo com a realidade de nossa época atual e de acordo com as características ambientais tão diferentes em toda a terra e mesmo, num mesmo país.

Preferimos ficar com as conclusões de Tabler e Toucheberry (1955) por óbvias razões. Esses autores demonstraram que quando se selecionaram animais ao mesmo tempo para tipo e produção, os pro-

gressos no melhoramento da produção foram 15% menores que quando se selecionam somente para produção.

Mas será conveniente esperar, na exploração das vacas leiteiras, apenas produção?

E, mais que isso, produções cada vez mais elevadas?

Uma vaca leiteira é um animal no qual se investe uma boa quantia até que inicie sua produção. A recuperação do investimento será tão mais compensadora, quanto mais cedo esse animal iniciar sua primeira lactação, quantas vezes ela repetir essas lactações com regularidade, e quanto maior for sua vida útil como produtora.

Em resumo, uma vaca leiteira, independentemente de raça, de mestiçagem ou de cruzamento para ser útil necessita reunir determinadas condições:

1) Deve ser precoce, isto é, deve produzir seu primeiro produto e efetuar sua primeira lactação o mais cedo possível sem que essa precocidade não venha prejudicar seu futuro como produtora.

2) Deve ser fértil e fecunda, isto é, deve fecundar-se com facilidade e produzir um bezerro a intervalos superiores a 12-14 meses.

3) Suas lactações devem ser longas, aproximando-se o mais possível dos 300 dias.

4) Deve manter, durante a lactação, uma intensidade de produção que lhe permita alcançar, ao final, um bom desempenho.

5) Deve ser resistente às condições ambientais e ao sistema em que é explorada.

6) Deve ser eficiente transformadora de alimentos em leite.

7) Deve ser dócil e capaz de produzir leite na ausência do bezerro.

8) Deve ser capaz de transmitir aos seus descendentes suas melhores qualidades.

9) Deve ser dotada de uma constituição que lhe proporcione uma vida útil e produtiva.

Essas características procuradas na vaca leiteira em parte dependem das heranças de seus ancestrais, mas muito boa parte dependem também do Homem que a explora e do meio ambiente.

Dentro de uma mesma raça "pura" animais de maior porte, há animais de porte médio e há, inclusive, animais de pequeno porte. Da mesma forma, dentro dessas mesmas raças "puras" há vacas de alta produção, de produção média e de produção baixa.

Também dentro de uma mesma raça há vacas férteis e fecundas, há vacas

(É preciso reconhecer, que quanto mais
melhorado for um animal, tanto mais exigente ele
se tornará, ou tanto mais dependente ficará
de condições ambientais melhores.)

baixa ou média fertilidade e há vacas inférteis.

E há também, dentro de uma mesma raça, animais mais robustos, mais resistentes a determinadas enfermidades, a temperaturas menos confortáveis, como há animais extremamente delicados, sensíveis e que exigem maiores cuidados.

Entre animais de raças diferentes essas diferenças acentuam-se. Há raças cujos representantes são pouco tolerantes às temperaturas imperantes nos climas tropicais e subtropicais; há animais resistentes aos ataques de parasitos externos como carrapatos e bernes, como há indivíduos cuja vida útil é mais ou menos prolongada.

As variações que se observam num rebanho ou numa população originam-se de duas fontes. Uma parte dessa variação total deve-se às diferenças do potencial genético entre os animais que compõem a população ou o rebanho. Praticamente inexistem dois animais geneticamente iguais, excluídos os casos de gêmeos univitelinos.

A outra parte da variação total observada deve-se às condições ambientais.

Tais condições ambientais, constituem um complexo número de fatores dentre os quais: clima, alimentação, enfermidade, manejo, etc.

O meio ambiente atua estimulando ou deprimindo a expressão do potencial genético. Para que este potencial possa exprimir-se na sua total capacidade deve encontrar condições ambientais que lhes sejam adequadas.

O desempenho de um animal, portanto, é o resultado de uma interação genético-ambiental.

A partir da fertilização, isto é, do encontro do óvulo e do espermatozoide, a nova célula formada, o ovo, já começa a ser influenciada pelo meio ambiente, nos órgãos maternos e daí, durante toda sua vida, no meio externo.

Determinados caracteres são pouco influenciados pelos componentes do meio ambiente. Um animal com genes para a cor preta, será preto em qualquer ambiente ou em qualquer região. A tonalidade ou a intensidade da cor poderão ser apenas ligeiramente modificadas pela exposição ao sol, pela alimentação, pelos cuidados ou por enfermidades, mas o animal será sempre preto.

Mas os característicos de produção como produção de leite ou de carne, ritmo de crescimento, fertilidade fecundidade, são característicos bastante dependentes das condições ambientes.

Um animal não atingirá sua total capacidade de crescimento se não for sufici-

entamente alimentados, se sofrer os efeitos de enfermidades infecciosas e parasitárias ou se não for suficientemente tolerante ao clima onde está se desenvolvendo.

Seu ritmo de crescimento poderá ser acelerado ou reduzido de acordo com as condições proporcionadas pelos vários componentes do meio ambiente.

Da mesma forma, dependem sensivelmente das condições ambientais, os desempenhos dos animais como produtores de leite ou de carne e como reprodutores.

A parte da variação total dependente de fatos genéticos é herdada pelos animais, de seus ascendentes. A parte da variação determinada pelos fatores ambientais não se transmite.

O progresso da capacidade produtora dos animais é executada através dos melhoramentos genéticos, isto é, da concentração nos indivíduos, de genes e de combinações de genes ligados a produção. Mas o melhoramento da produtividade de um rebanho depende, concomitantemente, da qualidade genética desse rebanho e das condições ambientais que se lhes oferecerem, próprias para suas características herdadas.

Os criadores, de modo geral, têm subestimado estes conhecimentos dando extrema e exagerada ênfase ao melhoramento genético e pouca ou nenhuma atenção às condições ambientais. Daí o motivo pelo qual depositam exagerada confiança em reprodutores chamados "puros", mesmo que essa "pureza" não seja suficientemente comprovada. Na realidade, a "pureza", no sentido lato da palavra, inexistente nos animais domésticos analisados como um todo. Um animal pode ser "puro" para determinado característico que depende de uns poucos pares de genes. É o caso da tonalidade da cor, mas não o caso da mera distribuição e da extensão de malhas pretas ou vermelhas sobre a pelagem branca e muito menos com relação à capacidade produtiva.

É fácil compreender que inexistem animais "puros" para a produção de leite, tantos são os genes que podem direta ou indiretamente afetar essa função. Se as raças fossem realmente "puras", sob condições ambientais semelhantes, seus representantes deveriam apresentar desempenhos uniformes. Entretanto, todos sabemos que indivíduos de uma mesma raça, todos "puros", nascidos, criados e explorados sob condições semelhantes, apresentam desempenhos que variam de produções altas a médias ou baixas; que variam em produção de gordura do leite, ou produção de proteína; que variam na persistência e na intensidade das lactações, etc.

Não é fácil a diferenciação, num rebanho, da parte da variação que é devida aos fatores genéticos e da parte que é devida aos fatores ambientais.

Entre dois criadores vizinhos, explorando animais da mesma raça "pura" e até da mesma procedência, podem-se observar sensíveis diferenças no desempenho de seus animais e tais diferenças ocorrem, principalmente, devido aos cuidados, ao manejo, à defesa sanitária, à alimentação, isto é, às condições ambientais deferentes que cada um deles poderá proporcionar aos seus animais.

Sendo os caracteres de produtividade sensivelmente influenciados pelo meio ambiente, de nada valerá, aos criadores, insistir unilateralmente no melhoramento genético, sem proporcionar qualquer melhoramento nas condições a que são submetidos seus animais.

É preciso reconhecer que quanto mais melhorado for um animal para a capacidade de produção, tanto mais exigente ele se tornará, ou tanto mais dependente ele ficará, de condições ambientais melhores.

Um acentuado desequilíbrio entre potencial genético para produção e condições ambientais acaba por produzir, nos animais sensíveis, desequilíbrios que comprometem toda sua estrutura, quebra de resistência orgânica, baixa fertilidade, redução da longevidade, fraca resistência às enfermidades e descartes excessivos, etc.

As diferenças em potencial genético para produção leiteira entre raças "puras" e cruzadas não são tão grandes como se julga. As grandes diferenças que se observam ou a maior porção das variações observadas, devem-se mais às variações ambientais, não condizentes como potencial de cada indivíduo.

Por exemplo: todos sabemos que animais de raças leiteiras de regiões temperadas têm pouca tolerância ao calor. Submetidas às condições dos trópicos não são capazes de apresentar os mesmos desempenhos que apresentariam em seus países de origem.

Sua situação agrava-se quando essas raças, além do clima que lhes é adverso, ainda são afetadas por doenças e por parasitos que jamais experimentaram, por alimentos de qualidade inferior e por um tratamento ou manejo que não lhes convêm.

Quando isso sucede, diz-se que tais animais não se adaptaram e as consequências são o definhamento ou a degeneração caracterizados pelas baixas produções, pelos elevados índices de descartes, pelos altos índices de mortalidade e até pela total incapacidade de sobrevivência como raça útil e econômica.



Outras raças, porém, adaptadas aos trópicos, resistem a tais condições mas não possuem potencial de produção leiteira elevada.

Os cruzamentos entre raças de alta produção mas não adaptadas aos trópicos com raças de baixa produção mas adaptadas às condições da região, determinam a produção de um indivíduo que reúne condições de adaptabilidade ao meio que se aproximam das raças adaptadas e condições de produção que se aproximam e às vezes superam a média da produção das raças não adaptadas.

Esses indivíduos, embora cruzados ou "mestiços" chegam a produzir, em média, mais que a média da raça não adaptada embora esta seja melhor dotada de potencial genético para, em outros ambientes mais favoráveis oferecerem melhor desempenho.

Os produtos de leite, isto é, os que realmente vivem da exploração do gado para venda do produto estão mais do que suficientemente informados a este respeito e não titubeiam em pagar mais por uma "mestiça" ou por uma vaca de 1/2 sangue Europeu X Zebu que por uma 3/4 Europeu ou por uma "pura".

Seus argumentos são irretorquíveis: as "mestiças" ou as "cruzadas", dizem, dão menos trabalho, seus bezerros criam-se com mais facilidade e o leite produzido embora em menores quantidades vem a ser obtido por menores custos.

Tanto "puros" como mestiços ou como cruzados exigem condições mínimas de fatores ambientais diretamente relacionadas ao seu potencial genético.

A exarcebada elevação do potencial genético para produção leiteira já não pode ser suportada pelos nutrientes oferecidos pelas pastagens, mormente nos períodos de escassez, no inverno ou na seca. Há necessidade de suplementarem as deficiências dos pastos com outros alimentos para animais desse valor. Por outro lado, as de menor capacidade produtiva podem ter sua produção equilibrada com o valor nutritivo das pastagens de acordo com seu mais reduzido potencial de produção.

Entretanto, deve ser lembrado aos criadores que efetuam cruzamentos para obtenção de animais mais adaptados a determinados fatores ambientais, que essa adaptação se consegue para alguns fatores do ambiente, não para todos. Por exemplo: há animais que se adaptam melhor que outros, a climas quentes, que apresentam mais resistência a determinadas enfermidades, que vivem no campo, que se satisfazem com alimentos grosseiros e volumosos, etc.

Entretanto não há, e certamente não haverá jamais animais resistentes à fome.

Os criadores que efetuam cruzamentos visando animais resistentes e produtivos apenas porque empregam reprodutores de raças melhoradas em matrizes não melhoradas, precisam compreender que a qualquer melhoramento genético para a capacidade de produção deve corresponder um certo melhoramento ambiental.

Há, neste país, uma extrema defasagem entre melhoramento genético e melhoramento ambiental. Somos grandes importadores de touros e de sêmen da mais alta qualidade e péssimos tratadores e cuidadores de animais.

É muito provável e mesmo até é certo que, com o mesmo rebanho que atualmente possuímos, com o potencial genético que já reunimos, poderemos duplicar, triplicar e até decuplicar nossas produções oferecendo a esses rebanhos melhores condições ambientais, alimentação apropriada, defesa sanitária e manejo adequado.

Esses três componentes do meio ambiente para surtirem resultados econômicos devem ser dosados de acordo com o potencial genético do rebanho. Nem mais, nem menos.

Assim como uma vaca de boa qualidade não dará mais leite por mais abundante que for seu nível de alimentação, uma vaca de alto potencial genético também pouco produzirá se suas necessidades nutritivas não forem satisfeitas.

—x—x—

Os caracteres que são fracamente influenciados pela ação do meio são facilmente selecionáveis porque exteriorizam-se nos mais diferentes ambientes. Sua "herdabilidade" é classificada como alta ou elevada.

Os caracteres que dependem extremamente do ambiente somente se exteriorizam na sua mais alta potencialidade em meios ambientes apropriados e não em qualquer meio ambiental. São por isso, chamados de baixa herdabilidade.

A herdabilidade de determinado característico é variável de rebanho para rebanho. A herdabilidade média da produção leiteira, calculada em numerosos rebanhos por grande número de pesquisadores é igual a 0,30 ou 30%. Esse nível de herdabilidade é considerado baixo (os níveis considerados altos são superiores a 0,50 ou 50%).

Trinta por cento da herdabilidade significa, trocado em miúdos, a variação total que se observa num rebanho com relação à produção dos indivíduos. Os restantes 70% da variação total correm por conta dos efeitos ambientais sobre esses indivíduos.

De tal sorte, uma pressão de seleção sobre características de herdabilidade alta oferece prontos resultados, mas a seleção de características de baixa herdabilidade oferece resultados com bastante lentidão ou oferecem resultados praticamente inexpressivos.

Se assim é, porque devotar inútil perda de tempo selecionando caracteres de baixa herdabilidade quando tais caracteres pouco têm a ver, com a produção?

Pior ainda, por que tornar mais complexo e mais lento o processo de melhoramento genético para a produção, complicando-o com a seleção de caracteres que pouco ou nada têm a ver com o desempenho dos animais?

QUADRO IX

Herdabilidade de alguns caracteres leiteiros em vacas leiteiras

Caráter	Herdabilidade
Produção de leite	0,25
Porcentagem de matéria graxa	0,55
Tamanho e formato do ubre	0,14
Inserção posterior do ubre	0,30
Inserção anterior do ubre	0,16
"Caráter" leiteiro	0,25
Pernas e pés	0,17
Horizontalidade da bacia	0,12

Carter, H. W. et alli, 1963, N.I. College

Agr. Cornell Ext. Bul. 1115

Nota: Níveis de herdabilidade menores de 0,50 são considerados baixos.

Acima de 0,70 são considerados altos.

O já citado Diretor do Programa Desenvolvimento e Pesquisa da "Holstein Friesian Society of America", Ray Cliever, apresenta um minucioso estudo sobre a herdabilidade de numerosos caracteres das vacas dessa raça.

Esses estudos estão concentrados no quadro X.

O exame desse quadro dispensa comentários. Atente-se, porém, ao exagerado valor que se tem dado a caracteres do tipo cuja herdabilidade é extremamente baixa.

Atente-se, ainda, para a herdabilidade dos característicos leiteiros classificados pelo julgamento através de escalas pontuais.

(Somos grandes importadores de
touro e de sêmen da mais alta
qualidade, e péssimos
tratadores e cuidadores de animais.)

QUADRO X

Herdabilidade de caracteres descritos no padrão da raça em vacas Holstein Friesian

Caráter	Descrição	Herdab.	Caráter	Descrição	Herdab.
1 — Porte	Elevado	0,47	8 — Ubre Parte anterior	Bem inserido	0,87
	Médio	0,12		Pouco saliente	0,12
	Baixo	0,51		Pequeno	0,18
2 — Cabeça	Ideal	0,17	9 — Ubre Parte posterior	Pendente	0,17
	Forte grosseira	0,07		Com rutura de ligamen- tos	0,33
	Curta	0,44		Alto e largo	0,28
	Fraca	0,23		Médio	0,00
3 — Porte ant. do corpo	Peito forte e amplo	0,17	10 — Ligamentos do Ubre	Baixo	0,10
	Médio	0,05		Estreito, apertado	0,26
4 — Dorso	Forte largo	0,18	11 — Ubre qualidade	Fortes	0,21
	Médio	0,05		Soalho Baixo	0,24
	Lombo fraco	0,28		Inclinado	0,33
5 — Garupa	Comprida e larg. nivelada	0,14		Rutura	0,35
	Média e larga, nivela- mento regular	0,12	12 — Tetas	Suave, com pregas	0,09
	Ancas muito altas	0,28		Intermediário	0,05
	Ancas estreitas	0,26		Carnudo	0,10
	Inclinada	0,46		Desejáveis e bem colo- cadas	0,22
6 — Membros posteriores	Fortes bem colocados	0,28		Acceptáveis	0,07
	Ossos finos	0,27		Posteriores colocadas muito atrás	0,83
7 — Pés e Cascos	Bem formados	0,16		Dianteiras, muito grandes	0,30

Fonte: Ray H. Cliever — Diretor do Programa de Desenvolvimento e Pesquisas de "Holstein-Friesian Society of America"
La Hacienda, Janeiro — 1974: 22-25.

QUADRO XI

Herdabilidade da classificação por tabela de pontos em vacas Holstein Friesian.

Pontos para	Herdabili- dade
Classificação final	0,31
Aparência Geral	0,29
Temperamento leiteiro	0,19
Capacidade corporal	0,27
Aparelho mamário	0,22

Ray H. Cliever, 1974. La Hacienda. Janeiro, pág. 22-25.

Esses característicos, tão enfatizados nos padrões de raças e nos julgamentos

em exposição, revelam-se ser de baixa herdabilidade sendo a seleção, por esse processo, para aumento da produção, bastante precária.

Para que a seleção, através dos caracteres morfológicos, repercutisse na produção leiteira seria necessário que entre eles e a produção houvesse alta correlação genética. Infelizmente esse não é o caso. Esse assunto já foi mencionado nos quadros VI-VII e VIII e pode ainda ser considerado no quadro XII.

QUADRO XII

Correlações genéticas entre medidas corporais e produção de leite na raça Monbeliarde.

Medidas	Correlações
Perímetro Torácico	0,23
Altura no garrote	0,15
Largura nas Ancas	0,17
Largura na Bacia	0,12
Perímetro torácico/alt., no Garrote	0,08

Aureol, P. e B. Mougiin. 1961. Ann. Zoot. 10: 1-5.

As correlações acima são muito reduzidas.

Uma correlação alta, digamos de 0,80 daria boa probabilidade de um determinado característico estar ligado, geneticamente, à produção.



4. Algumas falhas que impedem melhores rendimentos em rebanhos leiteiros

A exploração da produção do leite, como negócio, não consiste apenas numa coleção de vacas de alto potencial produtivo. Essa exploração depende de um número complexo de fatores dentre os quais a qualidade dos animais é um, mas não todos, nem tudo. As vacas leiteiras precisam ser submetidas a um método racional de trabalho, precisam ser convenientemente alimentadas, precisam ser defendidas contra enfermidades ou contra outras condições adversas e precisam ser conservadas produtivas durante a maior parte de sua vida. Neste particular, o emprego dos alimentos assume importância capital, pois é o item que mais onera os custos da produção.

A vaca leiteira é dentre os animais domésticos um dos que melhor convertem nutrientes dos alimentos brutos em produtos próprios para o consumo humano: ela tanto pode usar alimentos volumosos de baixa qualidade, como alimentos concentrados de alto valor energético.

Sendo a vaca, como ruminante, capaz de utilizar palhas, forragens verdes ou conservadas, subprodutos da indústria de alimentos, essa sua característica deve ser utilizada de maneira racional, pois há grande diferença entre os preços dos alimentos volumosos, grosseiros, de plantas forrageiras e os preços dos alimentos concentrados.

Apesar de ser uma versátil consumidora de alimentos, de volumosos a concentrados, cabe ao Homem estabelecer de um modo racional as proporções desses alimentos para que a produção da vaca, traduzida em quantidades de leite e de carne, venha a ser suficiente para pagar o custo desses alimentos, os custos de mão-de-obra e dos demais itens que compõem o custo de produção de um litro de leite, e ainda deixar um lucro razoável para o produtor.

Um ponto muito importante, na exploração de vacas leiteiras não é, como erroneamente se supõe, elevar ao máximo sua capacidade produtora. O ponto importante é elevar ao máximo sua eficiência na conversão dos alimentos sem perder de vista o custo da produção a ser obtida. Por outras palavras: em termos de economia, a produção leiteira consiste em obter um equilíbrio entre um máximo de produção compatível com o menor custo.

As vezes não é conveniente empregar rações que venham determinar o máximo de eficiência produtora de uma vaca. O mais conveniente é explorar a eficiência produtora das vacas em termos de baixos custos de produção por litro de leite.

De modo geral, as rações que contêm baixa concentração de energia são utilizadas com menor eficiência pelas vacas, que rações contendo altas proporções de concentrados. Mas, muitas vezes é preferível empregar rações utilizadas com menor eficiência, quando essas rações de menor eficiência resultam numa produção por custos mais reduzidos. A diferença a mais na produção de leite que se obtém de uma vaca com alimentos concentrados de alta energia pode não ser suficiente para remunerar a diferença dos preços desses alimentos comparados com os preços de alimentos menos eficientes. O produtor de leite para manter sua empresa rentável deve criar animais eficientes, mas alimentá-los de maneira racional para deles obter lucros. Uma regra empírica, nos Estados Unidos, indica que na exploração leiteira, a renda bruta deve subrepujar, em dobro, o custo dos alimentos. Essa regra pode não se ajustar a todos os países ou a todas as situações, mas sendo a alimentação o item mais importante na composição dos custos da produção é a ela que se deve dar maior atenção. Mas há, ainda, outros importantes fatores

que direta ou indiretamente implicam em despesas com alimentação, mão-de-obra, etc., que também precisam ser cuidadosamente observados, pois o custo geral da alimentação em todo o rebanho é rateado para avaliação do custo de produção de leite. Nessas circunstâncias, vários fatores tais como composição do rebanho, fertilidade, idade na primeira cria, índice de mortalidade ou de sobrevivência, são também fatores importantíssimos, pois tanto animais em produção, como animais em crescimento ou animais em repouso, são consumidores de alimento seja das pastagens, seja de alimentos suplementares.

Em termos mais modernos poder-se-ia dizer que a economia da produção leiteira também está intimamente relacionada à redução da "capacidade ociosa" das máquinas produtoras de leite, que são as vacas, bem como da capacidade ociosa que pode ocorrer no uso menos racional das instalações produtoras de alimentos, e, ainda, da capacidade ociosa da mão-de-obra, das instalações, etc.

Eficiência, pois, na exploração leiteira significa economia. Dentre os fatores que podem aumentar a eficiência da produção dos rebanhos citaremos alguns.

I — QUALIDADE DAS VACAS

Em situações normais, isto é, quando há uma razoável relação entre custos de alimentos, volumosos e concentrados, e o preço do leite comercializado, as vacas de alta capacidade produtora são mais econômicas.

Há alguns anos a Associação para o Melhoramento do Gado Leiteiro dos Estados Unidos indicava que o aumento da produção média de um rebanho de 3.600 kg para 7.700 kg por lactação de 305 dias, determinava um aumento de despesas em alimentação, equivalente a 67%, e mais o custo de produção de um quilo de leite era reduzido em cerca de 20%. Desse modo, a renda obtida sobre os custos da alimentação aumentava cerca de 168%.

Esses resultados, entretanto, como foi dito, foram obtidos em condições de equilíbrio entre preços dos alimentos para as vacas e o preço do leite comercializado, especialmente se os preços dos alimentos concentrados. Quando os preços dos últimos alimentos se elevam demasiadamente, sem que, paralelamente, se elevem os custos da comercialização do leite, aquelas relações se modificam e podem, inclusive, apresentar resultados negativos.

Por esse motivo, o produtor de leite não pode deixar de estar permanentemente atento à avaliação dos preços dos alimentos para suas vacas para estabelecer, entre eles e a produção, uma margem compensadora.

Quando determinado alimento, embora considerado bom, atinge preços inconvenientes não há outra alternativa senão substituí-lo por outro que venha a fornecer nutrientes pelo menor custo.

A substituição de um determinado alimento por outro, entretanto, precisa ser feita na base dos nutrientes que ambos contêm.

Essa comparação não é fácil e encontra algumas dificuldades.

Em vários países tem-se procurado unidades de comparação do valor dos alimentos, a maioria delas na base de seu valor energético. Vários sistemas têm sido propostos tais como o do Valor Amido de Kellner, o dos Nutrientes Digestivos Totais (NDT) de Morrison, os das Unidades Forrageiras, da Escandinávia, e o da Energia Líquida em vários países. A utilização de energia dos alimentos, pela vaca, vem sendo intensamente estudada em vários centros de pesquisa. Da energia ingerida o animal utiliza apenas uma parte denominada Energia Metabolizável. O nível da energia utilizável, entretanto, é variável de acordo com a composição dos alimentos. Um alimento será tanto mais eficiente quanto maior for a parte utilizada de sua energia, isto é, quanto menor for a parte de energia perdida.

(Uma vaca que produz leite com mais teor de gordura, requer mais nutrientes que outra produzindo menor teor de matéria graxa.)

Infelizmente, o cálculo da energia líquida e metabolizável dos alimentos é dispendioso, motivo pelo qual os dados existentes não são numerosos e ainda não se conhecem bem as reais necessidades dos bovinos em energia.

Mas, para se compreender melhor o que foi acima mencionado, de que vacas mais produtivas são mais econômicas, devemos examinar o gráfico a seguir, após as seguintes explicações:

1.º) A vaca, produzindo leite ou não, consome certa quantidade de alimentos para manter seu organismo em funcionamento.

2.º) Produzindo leite, estando em crescimento ou estando em gestação, além do necessário para sustentar seu organismo em funcionamento, a vaca necessita de nutrientes para essas produções (leite, ou crescimento ou gestação).

3.º) A ração, isto é, tudo que uma vaca consome em 24 horas do dia, pode ser dividida em 2 partes:

a — Uma parte destina-se à manutenção do organismo e se costuma denominar **ração de manutenção**. Os nutrientes que compõem uma ração de manutenção são proporcionais ao peso da vaca. Uma vaca de 700 kg necessita de mais nutrientes para se manter, que uma vaca de 350 kg. Entretanto é importante saber, que duas vacas de 350 kg exigem mais alimentos para manutenção que uma de 700 kg. Portanto, nesse particular, despesas para simples manutenção, dentro de uma mesma raça, as vacas maiores, são em geral mais econômicas.

b — A segunda parte da ração total destina-se à produção, seja do leite, seja para o crescimento, seja para a engorda, seja para gestação e denomina-se **ração de produção**.

A parte da ração para a produção também é proporcional à quantidade e a qualidade da produção: uma vaca que está produzindo 20 kg de leite necessita de mais nutrientes que outra que esteja produzindo 10 kg; uma novilha para ganhar 900 g de peso por dia necessita de mais alimentos ou de mais nutrientes que outra que esteja crescendo 450 g por dia; uma vaca em gestação pouco necessita de alimentos adicionais nos primeiros meses de gestação quando o feto se desenvolve lentamente, mas necessita de mais nutrientes para esse fim, nos últimos 2 ou 3 meses de gestação. Uma vaca que produz leite com mais elevado teor de gordura requer mais nutrientes que outra produzindo menor teor de matéria graxa.

Isto posto, uma vaca adulta, seca, utiliza todo o alimento que estiver consumindo apenas para manutenção de seu organismo. Se esse alimento excede às suas necessidades para simples manutenção, ela passa a ganhar peso, isto é, a engordar.

Uma vaca em produção retira parte dos alimentos consumidos para sua manutenção e parte para a produção de leite.

Acontece, porém, que as vacas, à medida que elevam suas produções tornam-se mais eficientes transformadoras de alimentos ou, pelo menos, despendem proporcionalmente menos nutrientes para a manutenção, e mais para a produção de leite.

Exemplifiquemos, para exemplo, a utilização de nutrientes por parte de vacas secas e de vacas produzindo 3-6-9 e 12 kg de leite por dia.

Tanto no caso das proteínas consumidas, como no caso dos Nutrientes Digestíveis Totais, a vaca seca utiliza-los-ia apenas para sua manutenção ou, no caso de excesso, para a engorda. Então, 100% das proteínas ou dos NDT da ração seriam exclusivamente para esse fim. Quando porém a vaca produz 3-6-9 ou 12 kg de leite, verifica-se que as porcentagens dos nutrientes dirigidos para a produção aumentam ao mesmo tempo que se reduzem as porcentagens de ração destinadas à manutenção.

Utilização da Proteína Digestiva (Vacas de 500 kg)

	% de P. D. para	
	Manutenção	Produção
12	35,4	64,6
9	42,2	57,8
6	52,3	47,7
3	68,7	31,3
0	100	

Se essas vacas, todas de 500 kg, estiverem recebendo as mesmas quantidades de proteínas digestíveis suficientes para a produção de 12 kg de leite, a vaca seca consumirá 100% dessas proteínas e nada produzirá de leite. Parte da proteína em excesso estará sendo perdida ou parte poderá ser utilizada para engordar.

Mas se uma vaca tiver capacidade para produzir os 12 kg de leite ela utilizará 64,6% das proteínas recebidas para essa produção e apenas 35,4% para sua manutenção.

Se a potencialidade de uma vaca, também com 500 kg de peso, for suficiente para produzir somente 3 kg de leite, ela empregará, nessa produção, apenas 31,3% das proteínas ingeridas e 68,7 % delas para manutenção.

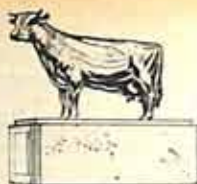
Sucedará, então, que uma ração com proteína suficiente para 12 kg de leite manterá em produção sem que a vaca venha perder ou ganhar peso. As vacas de menor produção, desviando nutrientes para seu próprio organismo tenderão a engordar.

Como no caso das P.D., sucede o mesmo com os Nutrientes Digestíveis Totais (NDT).

Utilização dos NDT (Vacas de 500 kg)

	% de NDT para:	
	Manutenção	Produção
12	50,4	49,6
9	57,6	42,4
6	67,1	32,9
3	80,3	19,7
0	100	

(Gráficos adaptados de Roston, A.J., 1974. An. Agr. Bras. 10-15)



Desses gráficos se poderá deduzir que:

1.º) As vacas de melhor qualidade para a produção são mais eficientes no aproveitamento dos nutrientes para a produção.

2.º) Vacas de potencial diferente para a produção devem receber rações de diferentes composições em nutrientes ou, pelo menos, se a composição da ração for idêntica, quantidades variáveis dessa ração.

Esta segunda dedução não tem apenas valor para os criadores que se utilizam de concentrados para melhorarem a composição das rações de seus animais. Tem especial valor, também, para melhor aproveitamento do potencial de pastagens.

Em certas épocas do ano o potencial das pastagens pode chegar a ser suficiente para sustentar 2 ou 3 vacas por hectare com produção média de 10 kg de leite. Se nessa mesma área se mantiverem 2 ou 3 vacas com potencial para apenas 5 quilos estar-se-ão perdendo 50% do potencial das pastagens ou sejam 15 kg de leite a menos por hectare/dia.

A qualidade das vacas, pois, é de real importância. Mas não deve ser esquecido que se deve associar, a esse potencial, uma ração compatível para obtenção do leite pelo menor custo.

Suponhamos, para simples exemplo, que um pasto de alta qualidade, em determinada época do ano venha a ter 12% de proteína digestível, na base de Matéria Seca. As vacas de alta capacidade produtiva conseguem ingerir desse bom pasto 2 a 3% de Matéria Seca, em relação ao seu peso vivo. Então, uma vaca de 500 kg ingerindo 2% de Matéria Seca estará ingerindo 10 kg de Matéria Seca e, com ela, 1,200 kg de Proteína Digestível. Essa quantidade de proteína seria utilizada para uma vaca produzindo 12 kg de leite nas seguintes proporções: 425 g de proteínas para manutenção e as restantes 775 g para a produção. Ora, 775 g de Proteínas digestíveis seriam totalmente suficientes para produção de 12 kg de leite.

Admitindo-se que as forrageiras contivessem 22% de Matéria Seca, para consumirem os 10 kg de Matéria Seca, as vacas deveriam consumir 45 kg de forragem verde. Esse consumo é facilmente realizado por vacas de 500 kg em pastagens de alta qualidade com 12-15 cm de altura (quando chegam a consumir mais de 60 kg).

Dando-se a esse capim um valor de Cr\$ 0,05 por quilo, cada vaca estaria consumindo, por dia, Cr\$ 2,25 de ração. Cada litro de leite estaria sendo desse modo produzido à razão de Cr\$ 0,19 por quilo com relação ao custo do alimento. Se se adotar a prática, corrente entre nós, de dar 1 kg de concentrado para 3-4 kg de leite (na seca se dá até 1 kg para cada 2 kg de leite), na base do valor de uma mistura de concentrados cujo preço dificilmente será inferior a Cr\$ 0,80, essa mesma vaca estaria consumindo, por dia, de Cr\$ 2,40 a Cr\$ 3,20, só custo de seu leite somente baseado no preço da pastagem. O passaria a ser de Cr\$ 0,20 a Cr\$ 0,26, ou seja, uma despesa, a mais por vaca, de Cr\$ 0,15 a Cr\$ 0,84 por dia.

Um concentrado comum valendo Cr\$ 0,80 por quilo contém, em média, 18% de Proteína Digestível. Consumindo desse concentrado 3 a 4 kg, as vacas estariam recebendo de 540 g a 720 g de proteínas, quantidade esta que deverá ser completada com pasto para que fossem atingidas as 1.200 g fornecidas por uma pastagem de boa qualidade.

Para completar essas 1.200 g de proteínas a vaca deverá receber das pastagens de 480 a 660 g de proteína, ou, aproximadamente 4-5 kg de matéria seca de um pasto com 12% de proteína. Isso corresponderia a um consumo de 18 a 20 kg de forragem verde que custariam de Cr\$ 0,70 a Cr\$ 0,90. O custo de um litro de leite com pasto mais concentrado ascenderia, então, para Cr\$ 0,28 ou Cr\$ 0,34.

II — EFICIÊNCIA DOS ALIMENTOS DAS PASTAGENS

É extremamente difícil avaliar-se, em primeiro lugar, quanto uma vaca consome de forrageiras das pastagens e, em segundo lugar, desse alimento consumido, o quanto ela recebe de nutrientes para cobrirem suas reais necessidades.

A quantidade de forragens verdes colhidas por uma vaca durante o pastejo, varia consideravelmente, devido a numerosos fatores, dentre os quais:

- a) palatabilidade das forrageiras;
- b) altura das plantas;
- c) densidade do relvado;
- d) área disponível por animal (lotação);
- e) tempo de permanência nas pastagens;
- f) temperatura ambiente e período do dia destinado ao pastejo.

A palatabilidade das forrageiras depende de vários fatores, dentre os quais: das espécies das plantas; de seu estado de maturação e da proporção de folhas e caules. O estágio de desenvolvimento das plantas parece controlar o consumo de forrageiras pelas vacas. As plantas amadurecidas, fibrosas, são consumidas em menor quantidade que as plantas jovens, com altas porcentagens de folhas verdes, tenras e facilmente recolhidas pelo animal.

A qualidade das pastagens, pois, influi no maior ou menor consumo de alimentos volumosos nos pastos.

Essa qualidade varia quer de acordo com o tempo de permanência dos animais nos pastos, quer de acordo com a lotação nesses pastos e ainda à medida que as plantas progredem em seu ciclo evolutivo.

A máxima capacidade de ingestão, por vacas (68 kg de massa verde) foi observada em relvados densos com altura de 10-13 cm. Com essas quantidades as vacas ingeriram 14 kg de Matéria Seca. Para vacas de 500 kg de peso vivo, isso representaria uma ingestão de aproximadamente 3 kg de Matéria Seca por 100 kg de peso vivo. (3% do Peso Vivo).

Alguns dias após, tendo parte das forrageiras sido consumidas, especialmente folhas e caules mais tenros, as vacas consumiram apenas 41 kg de massa verde contendo, tão-somente 9 kg de Matéria Seca. Posteriormente o consumo caiu para 20 kg de massa verde e apenas 4,5 kg de Matéria Seca.

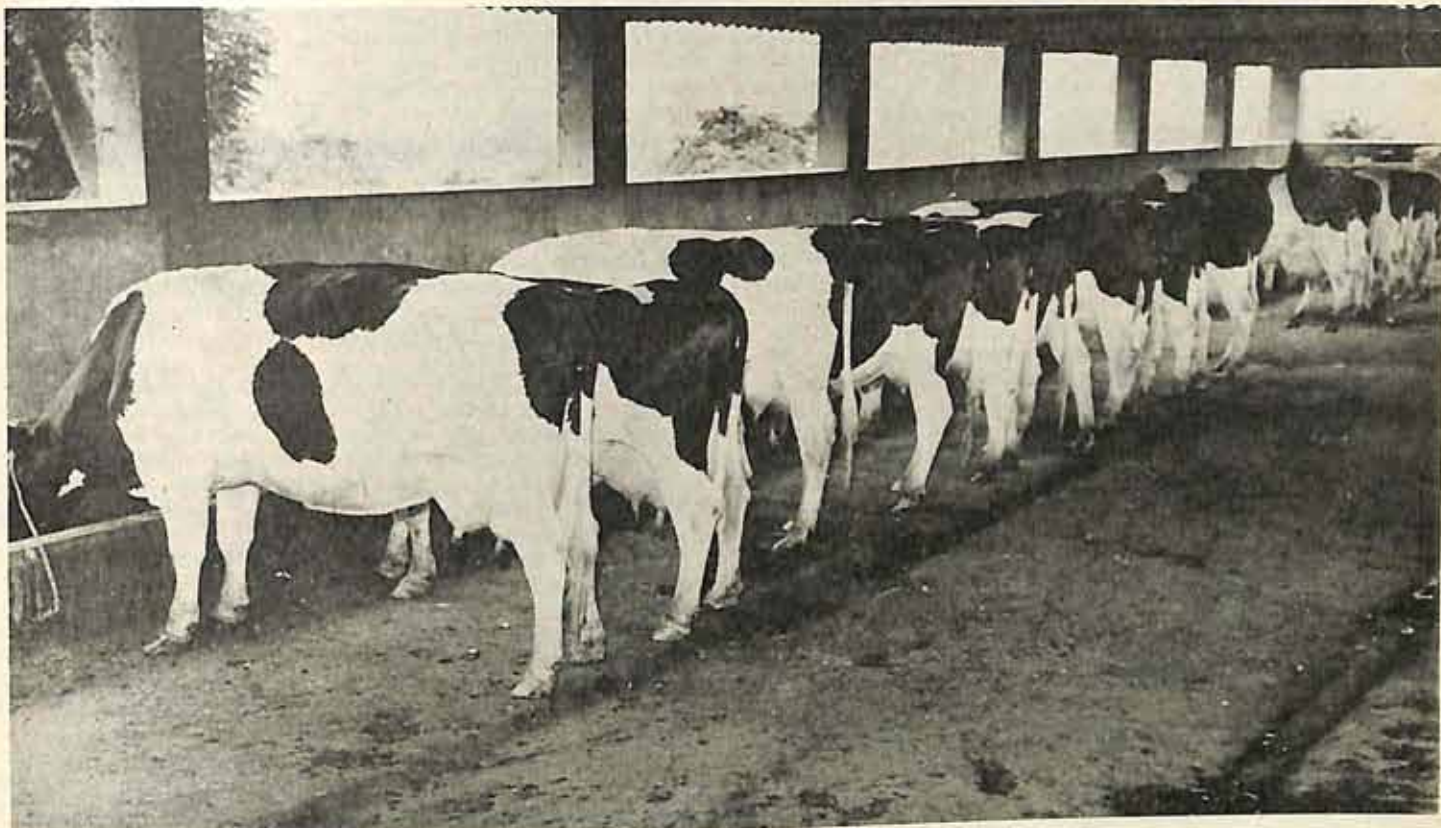
Em pastagens mais altas, embora com produções de massa verde por hectare mais elevada, as vacas consumiram apenas 32 kg de verde que continha somente 9 kg de Matéria Seca. Essas observações, efetuadas na Universidade de Cornell, indicam que as vacas têm mais facilidade e maior capacidade de ingestão de plantas forrageiras, em pastagens de relvado denso, quando as plantas atingem cerca de 15 cm de altura e estão inteiras, isto é, providas de amplas proporções de folhas tenras e macias.

A medida que as vacas consomem as partes mais nutritivas das plantas ou à medida que estas vão perdendo seu maior valor nutritivo, o consumo vai se reduzindo e a quantidade de nutrientes ingeridos se torna cada vez menor.

Mesmo que se admitisse, para simples exemplo, que as forrageiras mantivessem, durante o período de observação, mesmo valor nutritivo, as vacas estariam recebendo, após vários dias de pastejo, quase três vezes menos alimentos que no primeiro dia, numa mesma área pastejada.

As plantas reagem aos cortes realizados pelas vacas, reduzindo, procurando novamente crescer, mas é óbvio que a oportunidade de recuperação dependerá do número de cortes que elas receberão num determinado período de tempo. O número de animais por área, isto é, a lotação das pastagens, ainda, o tempo de permanência dos animais nessas áreas e a determinará maiores ou menores possibilidades das plantas.

(O pastejo rotacionado seria o método melhor indicado para se permitir às plantas período de repouso quando livres das vacas, para poderem se refazer.)



recuperarem ou crescerem. O pastejo rotacionado seria o método melhor indicado para se permitir às plantas períodos de repouso, quando livres das vacas, podem se refazer.

Por outro lado, quando as lotações dos pastos são insuficientes, e quando o tempo de permanência dos animais em pastejo é curto, boa parte da produção forrageira não será colhida e, com o crescimento contínuo e seu amadurecimento, perder-se-ão substanciais quantidades de nutrientes.

Pastejo contínuo ou pastejo rotacionado são sistemas de manejo de pastagens.

A superioridade de um desses sistemas sobre o outro não reside, apenas, em se efetuarem ou não as rotações. Reside, principalmente, na habilidade do homem em saber manejar as pastagens, controlando racionalmente a lotação, de acordo com a capacidade das pastagens e com o valor nutritivo de

suas forrageiras. O pastejo nada mais significa que uma competição entre as plantas que procuram desenvolver-se e as vacas que procuram consumi-las. O homem, nessa competição deve ser o árbitro da contenda para dela tirar o melhor partido. As pastagens devem ser manejadas para que maiores quantidades de nutrientes possam ser colhidas por área. O sistema rotacionado parece oferecer vantagens quanto a qualidade e a quantidade de nutrientes colhidos por área, desde que seja racionalmente executado. Mas em muitos exemplos também se conseguem excelentes rendimentos mesmo em regime de pastejo contínuo ou contínuo alternado.

Em pastejo, os animais procuram selecionar o que de melhor lhes apetece ou convém. O grau de seletividade dependerá, entretanto, da pressão do pastejo ou da lotação por área.

QUADRO XIII

Influência da altura e da densidade das forrageiras sobre o consumo diário de vacas leiteiras

Estado do relvado	Forragens disponíveis por hectare		Quantidades consumidas por vaca	
	Verde	Mat. seca	Verde	Mat. seca
Denso com 10-13 cm de altura	5.140 kg	1.120 kg	68 kg	14,5 kg
Alguns dias após o pastejo	2.460 kg	560 kg	41 kg	9 kg
Muitos dias após	1.230 kg	280 kg	20 kg	4,5 kg
Reservado com 25-30 cm de altura ..	5.600 kg	1.340 kg	32 kg	9 kg

Adaptado de Levy, E.B. e P.D. Sears, 1951 Am Improving the world's grasslands FAO. Roma.



Quanto maior for a lotação, menor será esse grau de seletividade. Foi verificado, por exemplo, que animais em pastejo apresentavam melhores desempenhos quando pastejavam livremente, de que quando recebiam, em cochos, as mesmas forrageiras colhidas e picadas, da mesma área de pastagem. É que, nos pastos, esses animais exerciam seu poder de seletividade ingerindo parte das plantas, provavelmente mais nutritivas, folhas e caules tenros, ao passo que, no caso das forrageiras ceifadas, teriam que ingerir tudo o que fora colhido pela máquina, boa parte do que não comeriam pastejando.

A excessiva intensidade do pastejo em outros sistemas de pastejo rotacionado, com altas lotações por curto período, não favorecem as vacas no seu trabalho seletivo. Pelo contrário nesse sistema, bem cedo elas aprendem a comer rapidamente o que puderem para não ficarem privadas de alimentos. As altas lotações, ou a maior pressão de pastejo, dessa forma, se por um lado aumenta a produção de carne ou de leite por área, reduz, por outro lado, a produção por animal.

É claro que o que se visa, no aproveitamento das produções das pastagens é a obtenção de maiores quantidades de carne e de leite por área, mas essa produção não pode ser levada a exaustão porque, como vimos, a produção aumentada reduz, proporcionalmente, o volume destinado à manutenção.

Exemplificando: um grande número de vacas por área poderá levar a se produzir mais leite por área, embora a média de produção por cabeça seja mais reduzida. Mas nesse caso, haverá também mais consumo de alimentos utilizados para simples manutenção de muitos animais.

Por outro lado, lotações pouco intensas poderão determinar aumentos na produção, por cabeça, mas, poderão, também, determinar o aproveitamento apenas parcial do potencial das pastagens.

Manejar bem uma área de pastagens é, pois, uma técnica e, até, uma arte. Não haverá sistemas melhores ou piores de pastejo, rotacionados ou contínuos, caso o manejo não venha a ser racionalmente aplicado.

Um importante ponto a ser considerado no uso racional dos alimentos das pastagens é a sazonalidade das produções das forrageiras. A produção das plantas das pastagens não é uniforme durante todos os períodos ou estações do ano. Qualquer que seja o tipo de manejo das pastagens, haverá sempre um período de produção abundante no verão úmido e um período de escassez no inverno seco.

Estudos realizados em Nova Odessa (Divisão de Nutrição Animal e Pastagens) por Pedreira (1968) revelaram que o crescimento (produção) de várias gramíneas realiza-se, em média, cerca de 80-90% nos meses de verão e apenas 10-20% no inverno (seca).

De acordo com esses estudos, a lotação das pastagens deverá obedecer a essa produtividade das pastagens: maiores lotações no verão e menores lotações no inverno.

Durante o verão a produtividade das pastagens é elevada que poderá ultrapassar a capacidade das vacas em efetuar toda a colheita. Assim haverá sobras. Por outro lado, se for mantido o mesmo número de cabeças por área, no inverno, não haverá alimento suficiente para todos os animais.

A maior produção das forrageiras no verão está ligada à carga de energia solar recebida pelas plantas, à temperatura e à umidade. No verão os dias são mais longos, há maior incidência de chuvas e a temperatura do ar é mais elevada.

As tentativas efetuadas para se elevarem as produções de forrageiras tropicais no inverno, através de irrigação, adubações, etc., não apresentaram resultados compensadores em muitos exemplos. Em outros, porém, verificou-se alguma resposta de melhores produções no inverno, associando-se irrigação com adubações.

Em 1966, Ladeira e colaboradores conseguiram aumentar a produção dos capins sempre-verde e pangola, no inverno combinando adubações com irrigação. Apenas com adubação de nitrogênio (20 kg de N/ha) houve um acréscimo de 32% na produção no inverno; com apenas irrigação esse acréscimo foi de 26%; a combinação adubação + irrigação proporcionou um acréscimo de 65%.

Pereira e colaboradores verificaram que a produção de napier, no verão, conseguia atingir cerca de 200 toneladas por hectare e apenas 15 a 20 toneladas no inverno. Quando empregaram uma adubação com 80 kg N/ha, o aumento da produção não apresentou melhores resultados. Mas a associação da adubação com irrigação elevou a produção no inverno cerca de três vezes, enquanto que a irrigação, isoladamente, chegou a duplicar a produção.

De qualquer modo, embora se consiga um ligeiro aumento da produção através da irrigação, e um aumento ainda maior utilizando-se, ao mesmo tempo, fertilizantes mais irrigação, o fato é que a produção de inverno, com plantas tropicais, permanece sempre inferior à produção do verão.

Se a produção das forrageiras é tipicamente sazonal, se as necessidades dos animais são permanentes, nada mais natural que no inverno sejam necessárias suplementações para que os níveis de alimentação das vacas não venham a diminuir e assim influir decisivamente nas produções.

Essa suplementação poderá ser executada de várias maneiras:

1.) Preservando ou conservando parte das sobras verificadas no verão para serem dadas aos animais no inverno. O que sobra no verão pode ser colhido e conservado de duas maneiras pela fenação ou pela ensilagem.

2.) Suplementando os animais com grãos de cereais com concentrados.

3.) Produzindo, onde for viável, forrageiras de inverno. No primeiro caso, fenação e ensilagem, usam-se os produtos da própria área de pastagem ou de áreas especializadas.

QUADRO XIV

Produção média de matéria seca (kg por hectare) de diversas gramíneas, de acordo com as estações.

ANO	Período	Colonião	Gordura	Jaraguá	Pangola
1965-1966	verão	12.400 (92%)	6.700 (79%)	13.000 (94%)	15.500 (92%)
	inverno	1.000 (8%)	1.800 (21%)	800 (6%)	1.300 (8%)
	Total	13.400	8.500	13.800	16.800
1966-1967	verão	9.900 (93%)	5.300 (78%)	9.500 (90%)	11.500 (91%)
	inverno	700 (7%)	700 (22%)	800 (10%)	1.200 (9%)
	Total	9.600	6.800	10.560	12.700

Fonte: Pedreira.

(A qualidade de um feno, depende da
qualidade do material usado, do seu
preparo e dos cuidados
observados no seu armazenamento.)

preparadas para esse fim. No segundo caso empregam-se grãos de cereais (milho, sorgo, cevada) produzidos no local ou adquiridos, e concentrados (geralmente resíduos de indústrias, tais como farelo de trigo ou arroz e farelos de tortas de oleaginosas, como de soja, de algodão, de amendoim, de girassol, etc.). No terceiro caso, recorre-se à produção de forragens verdes, de inverno, entre as quais, aveia, cevada, etc.

Resta verificar quais dessas medidas seriam mais convenientes, do ponto de vista econômico.

FENO E SILAGENS

O valor de um feno ou o valor de uma silagem dependem da qualidade do produto conservado, bem como do modo de seu preparo. O material destinado à produção de feno ou de silagem terá um valor correspondente ao material colhido na época do seu preparo.

Fenação é um método de conservação de forragens através de sua secagem parcial. Mas um feno para ser considerado bom, deve ser preparado na época certa em que as forrageiras apresentam seu melhor valor nutritivo. Cada forrageira tem sua época apropriada para o corte destinado à fenação. Por isso mesmo, de uma mesma forrageira podem-se fazer fenos excelentes, bons, regulares e péssimos. Quem fena e armazena uma forrageira no apogeu de seu valor nutritivo com os devidos cuidados, prepara um feno de boa qualidade. Quem fena uma forrageira amadurecida, seca, fibrosa, não está produzindo um bom feno, mas apenas amontoando ou enfardando palha.

Assim é importante saber que não basta a um feno ser de leguminosa ou de gramínea, ser de alfafa, de soja, de galactia ou de siratro; ser de pangola, de gordura ou de braquiária. Com qualquer dessas forrageiras se pode produzir feno excelente, regular e péssimo.

Por exemplo: um feno de alfafa, excessivamente seco, amarelo, constituído quase que totalmente de hastes, sem folhas, é um feno de má qualidade, inferior, mesmo, a um feno de gramínea, bem preparado, de cor verde, folhudo, sem mofo.

A qualidade de um feno, pois, depende da qualidade do material utilizado, do seu preparo e dos cuidados observados no seu armazenamento.

O que se disse a respeito do feno e da fenação vale, também, para silagem. O valor da silagem também depende do produto ensilado, do preparo e dos cuidados tomados na ensilagem. Ninguém poderá esperar que uma silagem de capim napier venha ser igual, em valor nutritivo, a uma silagem de milho ou de sorgo, mormente quando se ensila esse capim depois de seu amadurecimento.

As plantas forrageiras empregadas para confecção de silagem também têm época apropriada para o corte, como no caso do feno. Assim, o valor nutritivo de uma silagem de milho pode variar consideravelmente, dependendo da qualidade do milho, especialmente no número de espigas que possui, da época de corte das plantas, do seu acondicionamento nos silos, etc.

A silagem, como o feno, pode ser preparada com o próprio material das pastagens. Fenos e silagens produzidos com material de boas pastagens, colhidos na época apropriada, produzirão alimento de valor equivalente, descontadas as perdas naturais que essas operações determinam e concorrem para aumentar o rendimento e a eficiência das pastagens, evitando as perdas indevidas da produção não consumida na época de abundância.

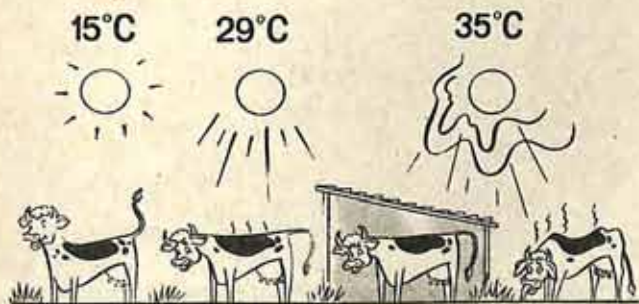
Um quilo de feno equivale, aproximadamente, a 3 quilos de silagem confeccionada com o mesmo material. Essa relação corresponde à água retirada das plantas na fenação.

A eficiência da produção forrageira a ser utilizada como alimento para os animais consiste, principalmente, em se conseguir fazer com que os animais consumam as maiores quantidades possíveis de forrageiras.

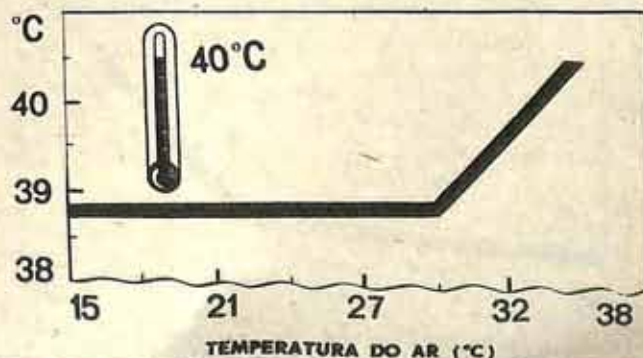
O consumo de silagem, por exemplo, aumenta quando a silagem é preparada de um modo especial que os americanos denominam de "haylage". Essa palavra é um híbrido das palavras "hay" (feno) e "silage" (silagem). O feno-silagem ou "haylage" é uma silagem preparada com a massa forrageira anteriormente submetida a uma pré-secagem. Esta pré-secagem, não só determina um aumento na capacidade de armazenamento de nutrientes do silo (por se ter excluída boa parte da água das plantas), como determina um consumo maior por parte dos animais.

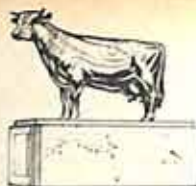
Também na confecção de feno há processos industriais de desidratação que não só reduzem as perdas comuns observadas na fenação convencional, como retêm, no produto fi-

O que acontece com
a vaca sob temperatura
confortável e sob
temperatura alta
(na sombra e ao sol)



Quanto maior o calor,
maior é a
temperatura do corpo





nal, melhor valor nutritivo e, sobretudo, maiores quantidades de caroteno (pró-vitamina A).

Enfim, fenos e silagens serão alimentos preparados e preservados, oriundos ou não das próprias áreas de pastagens, destinados à alimentação dos animais em períodos em que as áreas disponíveis para o pastejo não oferecem suficientes quantidade e qualidade para suprirem as necessidades dos animais.

A eficiência das áreas de pastagens pode assim ser aumentada, aproveitando-se ao máximo os nutrientes produzidos. A produtividade dessas áreas, por sua vez, pode ser ampliada, mediante o emprego de plantas forrageiras de boa qualidade, gramíneas e leguminosas, executando-se um trabalho de conservação do solo, eliminando plantas daninhas, corrigindo as deficiências da terra através de fertilização corretamente aplicada e corando-se todo esse trabalho com um manejo racional.

CULTURAS DE INVERNO

Em regiões onde há clima apropriado e terras frescas, no inverno, culturas anuais de forrageira de inverno, como aveia, cevada ou centeio, proporcionam massa verde de excelente qualidade para vacas leiteiras, quer em pastejo quer em cortes sucessivos.

Tudo quanto for organizado para aumentar o volume e a qualidade da produção das forrageiras por área, redundará, se bem aproveitado, em maior quantidade de leite por área. Ao que parece, ou é mesmo certo, o custo da produção de leite depende, consideravelmente, desses alimentos volumosos produzidos nas pastagens.

III — COMPOSIÇÃO DO REBANHO

Na exploração da produção de leite, como numa indústria, não convém manter máquinas, equipamentos e mão-de-obra ociosos. A máquina animal, em muitos pontos semelhante à máquina convencional, entretanto, difere desta última num ponto muito importante. Ambas para produzirem necessitam de energia ou de combustível. Os motores ou as máquinas convencionais são acionados pelo vapor, pela eletricidade, pelos derivados do petróleo e até pela energia

nuclear. As máquinas animais são mantidas em funcionamento com um combustível especial que são os nutrientes dos alimentos. As máquinas convencionais, paralisadas, não despendem energia ou combustível. Mas as máquinas animais mesmo nada produzindo, permanecem consumindo combustível (alimentos) para se manterem vivas.

Se não convém manter ociosas as máquinas convencionais, muito menos conveniente será manter, fora de linha de produção, as máquinas animais.

Os pontos críticos, pois, na exploração da produção de leite são, principalmente:

1 — Preparar o mais rapidamente possível as máquinas para iniciarem a produção. Este item diz respeito à criação de bezerras e de novilhas. Quanto mais cedo essa máquina iniciar sua produção, tanto mais cedo ela começará a pagar o que nela foi investido desde seu nascimento, e tanto mais cedo se começarão a obter dela rendimentos.

Isso significa que as novilhas devem ser criadas convenientemente para estarem aptas para a reprodução precocemente.

Entretanto essa precocidade não pode ser explorada de modo indiscriminado.

A maturidade sexual não corresponde à maturidade física ou corporal.

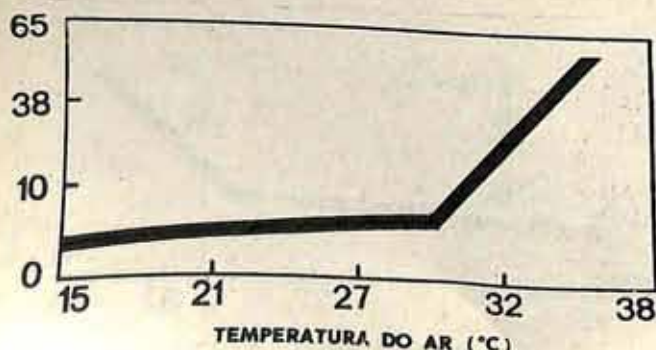
Portanto, não se trata de fixar idade para reprodução, mas, desenvolvimento para reprodução.

As raças leiteiras são, de modo geral, precoces. Mas a precocidade depende intensamente da alimentação. Uma novilha atinge a puberdade dos 12 aos 14 meses, mas isso não significa que esteja em condições de poder ser aproveitada para a reprodução sem danos para sua futura produção. Nas grandes raças leiteiras considera-se que as novilhas podem ser fecundadas ao atingirem 285-300 quilos de peso vivo. Esse peso, tanto pode ser atingido aos 16-18 meses como aos 36 meses, dependendo da qualidade das novilhas e mais especialmente de sua alimentação.

É lógico que serão preferíveis novilhas parindo aos 27 meses ou, no máximo, aos 3 anos de idade, que novilhas que vão produzir seu primeiro bezerro aos 45-48 meses.

As novilhas não devem ser superalimentadas para atingirem rapidamente o peso apropriado para reprodução. A superalimentação determinando excessiva gordura corporal.

Quanto mais o calor,
mais o animal
respira



Quanto maior o calor,
menor é o
consumo de alimentos



(A fecundação de uma vaca não depende apenas
dela. Depende também, da qualidade do
sêmen, do reprodutor, do sêmen utilizado na
hora da inseminação, do inseminador, etc...)

prejudicará o desenvolvimento de suas glândulas mamárias de maneira irreversível. As novilhas devem ser criadas para se desenvolverem normalmente, para crescerem com bom desenvolvimento ósseo e muscular.

2 — Descartar, o mais rapidamente possível, as máquinas improdutivas, as de baixo rendimento econômico ou as que não deverão ser utilizadas no futuro.

Isso significa manter o rebanho sob controle, vendendo vacas velhas, inférteis, vacas de baixa fertilidade, vacas defeituosas ou de baixa produção e bezerras e bezerras que não se destinarão à incorporação do rebanho. Todos esses animais comem, exigem assistência, cuidados, tratamentos, mão-de-obra, etc., e tudo isso incidirá no custo de produção do leite.

3 — Manter em produção o maior número possível das vacas do rebanho.

Este item é, talvez, o mais importante. A porcentagem de vacas produzindo num rebanho, em relação às vacas existentes, ou em relação ao rebanho total depende de numerosos fatores dentre os quais:

- a) Fertilidade;
- b) Duração do período de lactação;
- c) Intervalo entre partos.

Considera-se uma lactação normal, um período de 300 dias. Há vacas que superam facilmente esse período e há outras que não chegam a superar 200 dias de lactação. As vacas de lactação curta não são vacas econômicas, pois permanecerão longos períodos ociosas. Por todos os motivos, uma vaca deve parir anualmente para que, anualmente, produza leite.

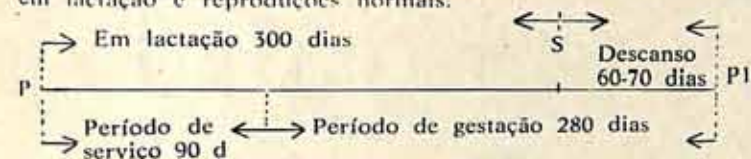
Também, normalmente, uma vaca leiteira necessita de 2-3 meses de repouso para recuperar-se da lactação anterior, antes de iniciar nova lactação. Esse período de repouso é muito importante para que ela possa refazer seus tecidos e ganhar estado para o pesado encargo de produzir leite novamente. Assim, não convém que as vacas "emendem" as lactações. Quando isso sucede, quase sempre as vacas produzirão menos na lactação seguinte do que produziriam se tivessem tido oportunidade para um razoável descanso.

O período de gestação nas vacas de raças leiteiras gira em torno de 275-280 dias.

Sendo assim, para um período de lactação de 300 dias e um descanso de 60-70 dias, a vaca parida deve ser fecundada 60 a 90 dias após o parto.

O período decorrido entre o parto e a nova fecundação denomina-se "tempo de serviço".

No gráfico abaixo verifica-se o desempenho de uma vaca em lactação e reproduções normais.



De acordo com esse gráfico temos:

Período de serviço = 90 dias
Período de gestação = 280 dias

370 dias

Sendo o intervalo entre o primeiro parto (P) e o segundo (P1) de 370 dias e mantendo-se em lactação 300 dias, a vaca terá e deverá repousar cerca de 70 dias.

Nesses 70 dias de descanso ela deve receber alimentos para ganhar peso e preparar-se para nova lactação. Também nos últimos 90 dias é que seu novo produto apresenta mais rápido crescimento na vida intra-uterina.

Uma vaca leiteira, produzindo leite durante longo período e em grandes quantidades retira de seu próprio organismo

matéria-prima que entra na composição do leite, pois nem sempre os nutrientes recebidos através dos alimentos são suficientes. Seus tecidos ósseos, por exemplo, perdem cálcio e fósforo, sua reserva de gorduras desaparece e os tecidos do aparelho mamário se desgastam. Por tal motivo é necessário um período de repouso para que a vaca se recomponha e para que inicie a nova lactação em perfeitas condições.

Há vacas que mantêm persistente a lactação e que, apesar de próximas a dar nova cria, continuam dando leite.

Tais vacas precisam ser "secadas". A secagem efetua-se de várias maneiras, quer reduzindo-se a qualidade e a quantidade das rações por alguns dias, quer espaçando-se o intervalo entre as ordenhas.

De qualquer forma, ao secar-se uma vaca é muito importante tomar os cuidados necessários para que ela não venha a se contaminar e a contrair infecções (mastites) no aparelho mamário. Uma vez seca, a secreção do canal das tetas solidifica-se como uma cera, obstruindo a entrada e impedindo, dessa forma, a penetração de germes. Essa defesa natural do organismo não deve ser destruída, isto é, não se deve ordenhar uma vaca seca ou uma novilha prestes a parir, abrindo-se a porta de entrada às infecções que podem afetar a mama.

O tempo de serviço de 90 dias é o tempo normal para uma vaca leiteira das raças mais especializadas. As vacas com sangue zebuino por vezes têm retardado esse tempo de serviço. Normalmente quando uma vaca está suficientemente preparada, isto é, em excelente estado na época de parição, o primeiro cio ocorre nos primeiros 60 dias após o parto. A ascensão da produção de leite iniciada após a parição atinge seu ápice no 3.º ou 4.º meses de lactação. Por essa época a vaca estará despendendo considerável energia, nutrientes protéicos e minerais com o leite produzido e poderá, se não for fecundada antes, retardar seu tempo de serviço. Um rigoroso controle dosaios deve ser organizado para que não se percam os dias certos para a inseminação ou a monta natural, dentro do período desejado.

Há vacas que revelam facilmente os sintomas do cio. Outras porém podem não os revelar suficientemente para serem percebidos. Osaios chamados "silenciosos" constituem problemas em certas vacas e concorrem para que o tempo de serviço seja prolongado.

O exame para o diagnóstico da gestação, efetuado periodicamente para todas as vacas servidas, ou inseminadas após 42 dias da cobertura sem retorno ao cio, é um exame importantíssimo para se detetarem não só as que estão prenhas como para se verificarem os motivos do não retorno ao cio ou da possível perda de um cio silencioso. Esse exame permite tomarem-se medidas adequadas, pois cada cio perdido representa 3 semanas de atraso na fecundação e, portanto, 3 semanas de prolongamento do intervalo entre partos.

Vacas, que repetem seguidamente o cio, precisam ser examinadas e cuidadas e as causas determinantes dessas repetições bem esclarecidas. Na maioria das vezes as causas são inerentes à própria vaca (infecções, insuficiência hormonal, etc.) mas outras vezes as causas podem não estar ligadas à reprodutora. A fecundação de uma vaca não depende apenas dela. Depende, também, da qualidade do sêmen do reprodutor, do sêmen utilizado na inseminação, do inseminador, da hora exata da inseminação, etc., etc.

Admitindo-se apenas quatro fontes importantes que podem influir na fertilização de uma vaca, verificar-se-á que as probabilidades de fecundação dificilmente são de 100%.

Assim, considerando o sêmen do touro, o inseminador, a vaca, e o momento de inseminação, para termos 100% de probabilidades de fecundação, cada elemento desses quatro componentes deveriam estar 100% perfeitos.



Touro x Vaca x Inseminador x Momento de inseminação = 100%

100% 100% 100% 100%

Basta que um desses componentes não esteja funcionando 100% para que as probabilidades de fecundação se reduzam.

Admitamos, por exemplo, que o valor do sêmen como material fertilizante seja de 90% que a vaca apresente 90% de capacidade de ser fecundada, que o inseminador execute a inseminação corretamente e no momento certo.

Então a probabilidade de a vaca ser fecundada seria:

$$90 \times 90 \times 100 \times 100 = 81\%$$

Basta pois, que um componente não esteja em perfeitas condições para que a probabilidade de fecundação seja reduzida. Se o sêmen for de qualidade regular, digamos de 60%; se a vaca estiver com todas as suas condições perfeitas (100%), mas se o inseminador não for suficientemente hábil, digamos 80% e a vaca for inseminada muito antes ou muito depois da hora mais apropriada, digamos 50%, as possibilidades dessa vaca se fecundar seriam neste caso:

$$60 \times 100 \times 80 \times 50 = 24\%$$

Portanto, nem sempre a vaca é a causa de baixos índices de fecundação. Ao examinar-se uma reprodutora que não se fecunda facilmente, todas as causas independentemente dela também devem ser examinadas.

Não obstante, na maioria dos casos, as vacas "repetidoras" ou vacas "problemas" são mais freqüentes que sêmen de má qualidade ou que inseminadores inábeis. Mas há que se julgar corretamente. Num rebanho em que se imputava à maioria das vacas um baixo índice de fertilidade verificamos que o único causador era o touro cujo sêmen era de péssima qualidade. Em outro rebanho, com alta incidência deaios irregulares, retardados, com períodos de 40-50 dias, verificamos que a causa era a leptospirose e que as vacas regularmente fecundadas expeliam os embriões entre 35 a 45 dias após a fecundação, daí retornando ao cio em intervalos anormalmente prolongados.

O controle do comportamento sexual das vacas, a anotação de todos osaios, de todas as inseminações ou de todas as coberturas, as datas de parição e a data do primeiro cio após o parto são dados inestimáveis que facilitam o trabalho de diagnóstico por parte do veterinário. E o exame sistemático para o diagnóstico das prenhez não pode deixar de assumir grande importância. Foi através de exames sistemáticos de prenhez, por exemplo, que levantamos a hipótese de uma infecção por leptospirose num rebanho, hipótese essa posteriormente confirmada em laboratório. Além disso, não raro se encontram vacas que, mesmo prenhas, revelam periodicamente e às vezes até dias antes do parto, sintomas de cio.

O exame para diagnóstico de prenhez permite, com grande antecedência, a tomada de importantes decisões: tratamento, correções de manejo, descartes, etc. Uma vaca em longo tempo de serviço, com numerosas "repetições", com intervalos entre partos muito prolongados é uma vaca antieconômica, com longos períodos ociosos durante os quais permanece ocupando áreas de pastagens, consumindo alimento, e exigindo determinadas despesas extras com cuidados, medicamentos, etc.

O índice de fertilidade de um rebanho influi decisivamente no custo da produção de leite. Se esse índice for elevado, haverá, na composição do rebanho, alta porcentagem de vacas em lactação e pequenas porcentagens de vacas "se-

cas". Haverá mais bezerros para venda, mais novilhas para uma seleção mais apurada e maior produção anual de leite.

O quadro XVI, organizado pelo Eng. Agr. Adibe Jorge Roston, Diretor de Divisão de Zootecnia da CATI, Secretário da Agricultura de São Paulo, nos dá uma idéia de como a composição de um rebanho pode ser modificada, de acordo com o índice de nascimento de bezerros.

Para organização desse quadro, o autor levou em consideração os seguintes índices zootécnicos:

Início das lactações: dos 30 aos 36 meses

Reposição de matrizes: 20%

Período de lactação: 280 dias

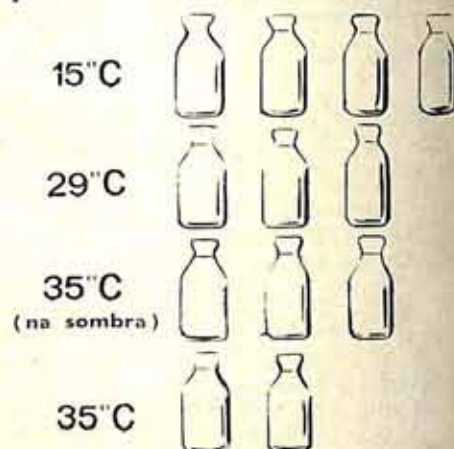
Mortalidade até a desmama: 5%

Produção média vaca/dia: 8 litros

De acordo com o quadro XVI, com índice de natalidade equivalente a 50%, e desde que no rebanho se verifiquem os índices zootécnicos anteriormente referidos, haverá apenas 33% de matrizes em produção, 50% de vacas secas e 17% de novilhas para darem a 1.ª cria, em média, anualmente. Mas com 85% de natalidade o número médio de vacas em lactação passará a ser de 57%, o de vacas secas cairá para 26% permanecendo as 17 novilhas em idade de produção.

No primeiro caso haverá, para venda na desmama, 5 fêmeas e 23 machos. No segundo caso (85% de natalidade) poderão ser vendidas na desmama: 21 fêmeas e 39 machos.

Quanto maior o calor,
menor é a
produção de leite



(A aftosa pode ser prevenida mediante
correta e sistemática aplicação de
vacinas de boa qualidade de
4 em 4 ou de 3 em 3 meses.)

Mais importante ainda, com 50% de natalidade, 33 vacas em lactação, produzindo 8 litros de leite em média por dia, produzirão 264 litros. Mas com 85% de natalidade, com a mesma média de produção por vaca/dia, serão produzidos, por 57 vacas, 456 litros, isto é, 192 litros a mais, sem aumentar substancialmente o número de UA. Com 50% de natalidade o número de Unidade-Animal é de 115 e passará, com 85% de natalidade, para 123. Mas a produção de leite sofrerá um acréscimo de 73%.

A combinação de melhores índices zootécnicos, natalidade, duração do período de lactação e produção média por lactação resultará, ainda, em melhores resultados na produção de leite.

Assim, no quadro XVI, a produção média das vacas calculadas para exemplo era de 8 litros por dia e a duração da lactação, 240 dias. A produção anual média por vaca era então, de 1.920 kg. Se as vacas mantivessem a mesma média diária, porém com uma lactação de 300 dias, sua produção anual passaria a 2.400 litros.

Nesse caso, de acordo, com os índices de natalidade, com lactação de 300 dias e produções médias de 2.400 litros por vaca teríamos os seguintes aumentos:

Natalidade	50%	60%	80%	85%
Vacas em lactação	33	40	53	57
Produção por dia (l)	264	320	424	456
Produção anual	79.200	96.000	127.000	136.800

Com 50% de natalidade, manter-se-ão em lactação 33 vacas que produzirão anualmente 79.200 litros de leite. Mas com 85% de natalidade poderão estar em lactação anualmente 57 vacas que produzirão 136.000 litros de leite (58% a mais).

O índice de nascimento é, pois, um importante fator que influi decisivamente na produção de leite de um rebanho.

IV — OUTROS FATORES IMPORTANTES

Além da fertilidade e da fecundidade, da persistência e da intensidade nas lactações e da longevidade das vacas, outros fatores importantes influem sobre a quantidade de leite produzido anualmente pelo rebanho.

Dentre esses fatores podem ser citados as enfermidades infecciosas e parasitárias, os cuidados dispensados às produtoras pelos tratadores e pelos ordenhadores, o manejo dos animais nas pastagens e nos estábulos e obviamente a alimentação. Desta última já falamos o suficiente. O leite, como a carne, como os ovos, como a lã, são produtos elaborados pelos animais através da transformação de nutrientes recebidos em sua alimentação.

Dentre as enfermidades que podem afetar desfavoravelmente as produções das vacas podem ser citadas: a aftosa, a brucelose, a leptospirose, a tuberculose, os parasitas internos e externos e as infecções do ubre. A aftosa pode ser prevenida mediante correta e sistemática aplicação de vacinas de boa qualidade, de 4 em 4 ou de 3 em 3 meses. A brucelose deve ser eliminada do rebanho através de vacinação das bezerras de 4 aos 6 meses de idade e exclusão das vacas adultas reagentes positivos. A tuberculose é controlada mediante exames periódicos e eliminação dos animais reagentes positivos. A leptospirose também pode ser diagnosticada através de exames de

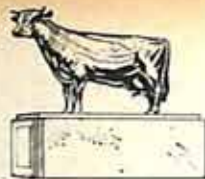
QUADRO XVI

Modificação na composição e produção do rebanho pela variação da natalidade

Composição do rebanho	Número de matrizes = 100							
	Natalidade							
	50%	55%	60%	65%	70%	75%	80%	85%
Vacas em lactação	33	37	40	43	47	50	53	57
Vacas secas	50	46	43	40	36	33	30	26
Fêmeas de 2-3 anos	9	9	9	9	9	9	9	9
Fêmeas de 1-2 anos	17	17	17	17	17	17	17	17
Fêmeas de 0-1 ano	23	26	28	31	33	35	38	40
Machos de 0-1 ano	24	26	29	31	33	36	38	41
Reprodutores	3	3	3	3	3	3	3	3
Número de U.A.*	115	116	117	118	119	121	122	123
Vendas de Fêmeas	5	8	10	12	14	16	19	21
Machos	23	25	28	29	31	34	36	39
Produção diária de leite (litros)	264	296	320	344	376	400	424	456
Aumento percentual	100	112	121	130	142	152	161	173

Fonte: Roston, A.J., 1975. An. Agr. Bras. 11:10-15.

* U.A. = Unidade animal = animal adulto com 500 kg de peso vivo. Exemplo: 2 novilhas de 250 kg cada, equivalem a 1 U.A.



sangue. Os ectoparasitas combatem-se com banhos carrapaticidas e bernicidas. As verminoses controlam-se, quando necessário, com vermífugos apropriados. As mamites ou mastites constituem um sério problema que não só pode afetar a capacidade produtora de uma vaca, mas também inutilizá-la. Além disso o leite de uma vaca contaminada poderá ser causa de rejeição de todo leite produzido. O combate às mastites se realiza através de medidas preventivas mediante exames periódicos, semanais, do leite de cada vaca. Várias provas são indicadas para esse fim, não se devendo subestimar o exame diário dos primeiros jatos do leite lançados através de um recipiente provido de fina tela de arame. Uma vaca tratada precocemente contra uma mastite incipiente pode ser facilmente recuperada. Dificilmente se consegue salvar um quarto afetado por uma mastite crônica. A higiene na ordenha, a desinfecção do ubre, a limpeza das mãos do ordenhador, a limpeza e a desinfecção dos estábulos, a rigorosa desinfecção do equipamento de ordenha mecânica, o combate às moscas, são medidas importantes para o combate às mastites. A manutenção, na linha de ordenha, de uma única vaca atingida pela mastite, constitui um sério e iminente perigo para todas as companheiras.

Uma séria afecção que concorre para redução temporária de produção de leite de uma vaca é a infecção dos pés também conhecida por "foot rot" ou podridão dos cascos. Este tipo de infecção determina súbita queda na produção de leite e, não sendo tratado imediatamente, poderá determinar deformações no pé do animal atingido. Medidas de higiene como limpeza dos cascos, desinfecção, pedilúvios são indicados para evitar essa infecção que, em alguns rebanhos, constitui sério problema.

A habilidade do ordenhador e a conduta dos tratadores também influem na produção de leite. As vacas são extremamente sensíveis aos maus tratos, aos castigos, aos gritos, às agressões e o medo pode determinar redução em sua produção. As vacas devem ser tratadas com carinho, pacientemente, os horários devem ser obedecidos e a movimentação nos estábulos deve ser realizada sem atropelos. As tímidas ou as humildes merecem cuidados especiais e as agressivas devem ser evitadas. A presença de pessoas estranhas, animais como cães, de ruídos estranhos, enfim, de qualquer anormalidade na ocasião da ordenha pode perturbar o desempenho dos animais.

V — CRIAR OU NÃO CRIAR OS BEZERROS?

A decisão de se criarem ou não os bezerros machos num rebanho leiteiro depende das condições locais e das facilidades

existentes. Os machos leiteiros representam um grande potencial de carne em muitos países, especialmente na Europa. Até pouco tempo, alguns anos atrás, foi calculado que só no Estado de São Paulo abatiam-se, após o nascimento, cerca de 100 mil bezerros leiteiros. O motivo principal desse abate, ou da venda de bezerros nas primeiras semanas de vida era, provavelmente, o custo de sua criação à base de leite. Hoje, porém, há métodos e sistemas de se criarem machos e fêmeas com reduzidas quantidades de leite, aproveitando-se produtos da própria fazenda (bons pastos, feno, silagens, grãos de cereais, etc.) e alguns concentrados capazes de tornarem econômica a manutenção de machos para serem vendidos posteriormente para corte, desmamados, para recria, ou mesmo como novilhos para o abate. Uma produção de machos bem organizada poderá concorrer, aos preços atuais de carne, para reduzir, também, os custos da produção de leite. Mais de 60% da carne produzida na Inglaterra provém de machos leiteiros; e para esse fim, mais de 30% das vacas leiteiras são cruzadas com touros de raças de corte. Os machos com sangue Holandês são excelentes ganhadores de peso, e os cruzados com zebu revelam-se bem melhores para serem tratados a campo. A decisão de se criarem os machos reside na possibilidade de se lhes oferecerem condições econômicas de crescimento, livres das enfermidades e da subnutrição para serem rapidamente comercializados.

VI — RAÇAS "PURAS" OU CRUZADAS?

Esta questão está fora de nossa explanação atual. Para os cruzados as vacas devem ser, antes de mais nada "leiteiras". E além de leiteiras devem ser econômicas. Acreditamos que anteriormente já discutimos, à saciedade, o que significa um rebanho leiteiro e o que ele necessita para produzir leite pelo mais baixos custos.

"Puros" ou cruzados devem ser criados e explorados em ambientes que mais lhes convenham.

Apenas para concluir, devemos repetir que o leite, como a carne, não se produz apenas com pedigree, certificados genealógicos, "raça" ou cruzamento. É necessário algo mais também muito importante: fertilidade, fecundidade, resistência, longevidade, defesa sanitária, manejo, pessoal habilitado, alimentação e contabilidade.

Produção leiteira não é apanágio de raças nem de métodos. É qualidade inerente a indivíduos selecionados para esse fim que exigem condições especiais adequadas para revelar sua capacidade ou desempenho. O custo da produção é o resultado de perfeito equilíbrio entre o potencial dos animais e do meio, racionalmente explorados. ■



Krishna S.V.R. Kasudi II DC



Arjun Nalini II DC



Patnino



GIR - NELORE - GUZERÁ - MURRAH

REPRODUTORES ZEBU
ALTA LINHAGEM

SEMEN CONGELADO

SEMEN DE NOSSOS RAÇADORES E DE OUTROS TOUROS
FAMOSOS DO BRASIL, INDUSTRIALIZADOS DENTRO DOS
MELHORES PADRÕES TÉCNICOS.

AGRO PECUÁRIA GARCIA CID LTDA.

CENTRAL DE INDUSTRIALIZAÇÃO DE SEMEN
LABORATÓRIO: RODOVIA BR - 369 - KM 7 - FONE: 23-4969
ESCRITÓRIO: RUA TUPI, 378 - FONES: 22-1265 - 23-1996
86.100 - LONDRINA - PARANÁ - BRASIL



1º LEILÃO **15 NOVEMBRO / 9 hs.** **PRESIDENTE PRUDENTE**

HIROSHI YOSHIO
ALCIDES PRUDENTE PAVAN
FARHAN BUCHALLA
JOSÉ EDUARDO R. CABRAL
WALDEMAR NEME

200 ANIMAIS
MACHOS E
FEMEAS
DO MAIS ALTO PEDIGREE,
INCLUSIVE P.O.

criam campeões para você

Maiores informações:



TRAJANO SILVA Promoção de Leilões Ltda.

São Paulo: R. Cel. Xavier de Toledo n.º 105 - 14.º andar - Fones: 35-9400 - 35-8457 - 32-1006
Porto Alegre: Avenida Independência, 779 - Fone: 25-8006



Leite industrializado vive entre dois fogos

FREDERICO HELLER

Houve tempo em que sua participação era, além de louvada, até mesmo sugerida pelas autoridades federais. Ultimamente, porém, analisada de modo apressado, a industrialização de leite parece haver sido marcada por um estigma nada atraente: transformou-se em "perigo" para o abastecimento e se vê sob ameaça latente de intervenção direta. Curioso é que a louvação e incentivo de ontem partem das mesmas fontes que hoje assentam suas baterias sobre a indústria de leite no país.

Entre dois fogos, o setor ainda não conseguiu encontrar a fórmula que o livre de chamear-se e, por não lograr nortear-se com segurança em campo tão delicado, vai vivendo, como seu produto-base — o leite — ao sabor do comportamento irregular da produção. Ora a industrialização cresce em alguns setores, ora se retrai para atender a necessidades consideradas mais prementes do abastecimento de leite em áreas que, com maior poder de coerção política, chamam a atenção do Governo em tom mais patético.

Assim foi, por exemplo, na safra de 1967/68 quando — em regime de oferta abundante da produção primária —, a industrialização foi recomendada pelo Ministério da Agricultura, após estudos de nível nacional (até o inexpressivo Amapá e distante Amazonas ganharam grupos de estudo especiais), como fim desejável, com ênfase na expansão das linhas oferecidas ao consumo, pela criação de "novos mercados com produtos

diferenciados em condições de atingir as diferentes faixas de renda". E, nos dias de hoje, item importante de portarias que regulam o comércio do leite deixa claro que, a qualquer momento, poderá a SUNAB estabelecer cotas de utilização do leite "in natura" pela indústria, reduzindo seu disponível para transformação, em benefício de maiores volumes a distribuir para abastecimento do produto sob a forma de pasteurizado líquido...

AS BACIAS

Não obstante as inconseqüências e variações da política oficial para o leite — apenas nos últimos meses ganhando aparências de seriedade e metas previsíveis —, industrialização e abastecimento de leite "in natura" concorrem na busca do produto-base praticamente nas mesmas áreas geográficas do país, como um todo, apesar de observar-se certa regionalização interna.

A razão é das mais simples: a distribuição da produção de leite está condicionada à distribuição dos rebanhos bovinos no território nacional e ela se mantém uniforme, com pequenas e pouco significativas alterações ao longo dos anos. Isso pode ser facilmente verificado pelos quadros 1 e 2, apresentados à parte.

Embora registrando um declínio em sua participação, no período 1960/70, é a região Sudeste do país que se caracteriza como a principal produtora, concentrando 34,0% do gado bovino e 60,3% da produção comercializada de leite, em

1970, com destaque para os Estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. É possível observar-se, ainda, que a atividade leiteira no país se desenvolve numa área praticamente contínua, abrangendo, além dos Estados citados, mais o Norte do Paraná, o sudeste de Mato Grosso e o sul da Bahia.

É essa região, assim, que constitui a principal bacia leiteira disponível. Outras, que mereceriam a caracterização de secundárias, com importância restrita e de ação apenas regionalizada, são: no Nordeste, ocupando áreas adjacentes de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e norte da Bahia, e no Sul, abrangendo áreas delimitadas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

AS INDÚSTRIAS

Intimamente ligada ao problema do abastecimento do mercado interno, a localização da indústria de laticínios no país deve, forçosamente, ocorrer nessas áreas de oferta concentrada da produção. Isso em função dos seguintes fatores:

- concentra-se na região Sudeste 60% da produção disponível e 34% do gado bovino nacional, independentemente de sua aptidão produtiva;
- para transformar-se em supridor do mercado nacional de derivados do leite — em especial nas áreas do leite em pó, queijo e manteiga —, a indústria deve localizar-se onde a oferta garanta disponibilidades no

volume requerido pelo parque fabril instalado;

— atendimento a imperativos econômicos, já que é na região Sudeste que se concentram, igualmente, 43% da população nacional consumidora e 65% da renda nacional, com destaque para o eixo São Paulo-Rio de Janeiro, onde vive 24% da população e se acumula 47% da renda nacional.

Por outro lado e consequência direta desses fatores é em Minas Gerais — onde ocorre o maior volume da produção nacional de leite — que se opera sua grande utilização para o fabrico de queijo e

manteiga (acima de 70% da produção total, em números redondos), cabendo a São Paulo a primazia da produção de leites em pó, condensado e creme de leite.

A grosso modo, admite-se que a industrialização, em todas as suas formas, responde pela absorção de 25% da produção nacional de leite "in natura", assim discriminada: queijos, 8%, leites em pó, 7%, manteiga, 6% e outros produtos, 4%. Os restantes 75% da produção nacional de leite fresco, hoje estimada em perto de 8 milhões de toneladas, são comercializados "in natura", sob a forma de pasteurizado e cru.

Longe, no entanto, de constituir — ao co com certa freqüência se alegou no passado próximo — em oportunidade de "desvio" do leite necessário para a tecimento "in natura" aos grandes centros populacionais, é em verdade a industrialização a garantidora desse suprimento regular, por sua condição de escoamento natural para os excedentes da produção sazonal.

PERSPECTIVAS

Submetida durante um longo período de mais de 30 anos às variações de uma política irracional e demagógica — aparentemente buscando a defesa prioritária

QUADRO 1

DISTRIBUIÇÃO DO GADO BOVINO E DA PRODUÇÃO LEITEIRA NO TERRITÓRIO NACIONAL 1960

Unidades Fisiográficas	Gado Bovino		Produção de Leite		% Leite + % Gado
	(1.000 cabeças)	(Particip. %)	(1.000 l)	(Particip. %)	
Norte	1.235	2,2	14.316	0,3	0,1
Rondônia	3	0,0	180	0,0	—
Acre	33	0,1	3.438	0,1	1,0
Amazonas	141	0,2	3.427	0,1	0,5
Roraima	167	0,3	456	0,0	—
Pará	845	1,5	6.325	0,1	0,1
Amapá	46	0,1	490	0,0	—
Nordeste	11.556	20,6	338.352	11,0	0,5
Maranhão	1.381	2,4	9.952	0,2	0,1
Piauí	1.156	2,0	13.033	0,3	0,2
Ceará	1.354	2,4	65.147	1,3	0,5
R.G. do Norte	487	0,9	43.487	0,9	1,0
Paraíba	766	1,4	46.745	1,0	0,7
Pernambuco	930	1,7	85.869	1,7	1,0
Alagoas	412	0,7	36.373	0,7	1,0
Sergipe	495	0,9	26.162	0,5	0,6
Bahia	4.595	8,2	213.584	4,4	0,5
Sudeste	21.040	37,5	3.190.769	65,1	1,7
Minas Gerais	11.964	21,4	1.621.640	33,1	1,6
Espírito Santo	854	1,5	65.264	1,3	0,9
R. de Janeiro	1.073	1,9	294.540	6,0	3,2
Guanabara	18	0,0	4.000	0,1	—
São Paulo	7.131	12,7	1.205.325	24,6	1,9
Sul	11.678	20,9	780.808	15,9	0,8
Paraná	1.666	3,0	187.032	3,8	1,3
Sta. Catarina	1.202	2,2	212.554	4,3	2,0
R.G. do Sul	8.810	15,7	381.222	7,8	0,5
Centro-Oeste	10.533	18,8	375.571	7,7	0,4
Mato Grosso	3.654	10,1	47.789	1,0	0,1
Goiás	4.863	8,7	327.782	6,7	0,8
Dist. Federal	16	0,0	—	—	—
Brasil	56.042	100,0	4.899.816	100,0	—

Fonte: I. B. G. E.

QUADRO 2

DISTRIBUIÇÃO DO GADO BOVINO E DA PRODUÇÃO LEITEIRA NO TERRITÓRIO NACIONAL 1970

Unidades Fisiográficas	Gado Bovino		Produção de Leite		% Leite + % Gado
	(1.000 cabeças)	(Particip. %)	(1.000 l)	(Particip. %)	
Norte	1.709.890	2,2	34.133	0,5	0,2
Rondônia	23.223	0,0	187	0,0	—
Acre	71.840	0,1	4.434	0,1	1,2
Amazonas	262.811	0,4	17.486	0,3	0,8
Roraima	237.550	0,3	200	0,0	0,0
Pará	1.047.082	1,3	10.275	0,1	0,1
Amapá	67.384	0,1	1.551	0,0	—
Nordeste	13.777.431	17,6	857.468	12,0	0,7
Maranhão	1.470.528	1,9	25.178	0,4	0,2
Piauí	1.197.393	1,5	22.194	0,3	0,2
Ceará	1.713.792	2,2	124.115	1,7	0,8
R.G. do Norte	603.578	0,8	82.566	1,2	1,3
Paraíba	865.391	1,1	81.341	1,1	1,2
Pernambuco	1.190.568	1,5	115.931	1,6	1,3
Alagoas	482.133	0,6	58.977	0,8	1,1
Sergipe	614.926	0,8	41.109	0,6	0,8
Bahia	5.639.122	7,2	306.057	4,3	0,8
Sudeste	26.783.934	34,0	4.297.150	60,3	1,8
Minas Gerais	15.108.980	19,2	2.452.737	34,4	1,8
Espírito Santo	1.382.589	1,8	159.074	2,2	1,2
R. de Janeiro	1.187.166	1,5	320.521	4,5	1,3
Guanabara	13.969	0,0	6.116	0,1	—
São Paulo	9.091.230	11,5	1.358.702	19,1	1,3
Sul	18.949.790	24,2	1.436.690	20,1	0,9
Paraná	4.687.863	6,0	467.804	6,3	1,1
Sta. Catarina	1.963.118	2,5	308.876	4,3	1,1
R.G. do Sul	12.298.809	15,7	660.010	9,3	0,6
Centro-Oeste	17.231.098	22,0	506.608	7,1	0,3
Mato Grosso	9.419.746	12,0	108.629	1,5	0,1
Goiás	7.780.958	10,0	396.779	5,6	0,8
Dist. Federal	30.394	0,0	1.200	0,0	—
Brasil	78.452.143	100,0	7.132.049	100,0	—

Fonte: I. B. G. E.

de preços baixos para o consumidor das cidades —, a produção leiteira apresentou, até poucos anos, os reflexos dessa inconstância, variando a oferta de laticínios e derivados segundo a eficácia de estímulos temporariamente oferecidos ou eficiência de freios aplicados.

A partir do ano passado — após algumas tentativas sem a seqüência indispensável, ensaiadas nos três anos anteriores — parece haver o Ministério da Agricultura optado por uma fórmula que, gradualmente, leve o leite à normalidade de sua oferta, com base, ao que se supõe, em um plano escalonado:

- numa primeira fase (iniciada efetivamente em outubro do ano passado), restabelece-se a confiança na atividade, pelo aceno de preços estimulantes e facilidades de crédito subvencionado;
- numa segunda fase, mantida essa política por determinado período, sem solução de continuidade apesar de pequenos excedentes sem comercialização imediata, parte-se para a liberação dos preços, ao nível do produtor, deixando às forças naturais do mercado a adequação de preços de remuneração ao nível de fazenda e das quantidades requeridas pelo mercado.

Segundo fontes ligadas a empresas representativas do setor, podem ser consideradas otimistas as perspectivas para a industrialização de leite no país, se confirmadas as disposições de tais planos. Não obstante, põem reparos em determinados aspectos da orientação oficial para o leite, em especial no tocante à diferenciação de preços estabelecida para o produto primário, conforme sua destinação final.

Tem sido habitual considerar um deságio no preço do produto "in natura", quando entregue para industrialização. Concordam os industriais com essa política em tese, já que não mais se observa, numa mesma bacia leiteira, o critério de remuneração ao leite conforme o distanciamento do estabelecimento produtor das zonas de consumo concentrado. É essencial, no entanto, que seja mantida certa paridade. Em outras palavras: o deságio deve funcionar como instrumen-

to de equalização dos preços para o leite "in natura", compensando o menor ônus de transporte, quando encaminhado às indústrias.

Acima de tudo, porém, insistem essas mesmas fontes na necessidade de, fixadas em definitivo as linhas-mestras do comportamento oficial em relação ao leite, sejam elas seguidas sem alteração de substância, pois a atividade laticinista, em todos os seus níveis, se caracteriza por lenta maturação de resultados. Só dessa forma — frisam — se conferirá ao setor, como um todo, a indispensável solidez, requerida com a mesma segurança pela produção e industrialização.

No particular, citam os industriais a oportunidade de se criarem condições — a exemplo do realizado este ano — para estocagem financiada de certos produtos industrializados, como leites em pó, queijos duros e manteiga, com a dupla finalidade de se garantir a absorção total

da produção de leite nos períodos de safra e abastecimento normal do mercado consumidor interno nos de entressafra. A manutenção dessa política evitará importações de laticínios, para colocação no mercado a preços duplamente subsidiados, mas sempre a dano da produção e industrialização nacionais.

PRODUÇÃO NACIONAL DE LEITE E DERIVADOS

Submetida a dois regimes de fiscalização — federal, quando para comercialização interestadual, e estadual e/ou municipal, quando para comércio dentro dos limites do Estado e município — a produção de leite e derivados oferece apenas estatísticas sofríveis, não representativas do total para boa parte dos produtos de laticínios. Têm sido tomadas como aceitáveis somente as oriundas da fiscalização federal (DIPOA), que são as seguintes:

	1971	1972	1974
Leite pasteurizado B — litros	3.093.099	12.048.033	100.724.327
Leite pasteurizado C — litros	1.180.722.771	1.104.497.332	1.343.409.449
Desidratado integral — pó — kg	69.117.620	83.263.511	62.150.068
Desidratado desnatado — pó — kg	3.909.802	5.302.602	3.354.888
Desidratado modificado — pó — kg	5.520.112	6.663.301	8.279.793
Industrial integral — pó — kg	4.426.140	7.116.642	6.682.383
Leite fermentado (iogurtes) litros	—	10.279.561	14.832.319
Leite condensado — kg	27.155.970	35.502.122	36.941.397
Concentrado industrial — kg	—	3.052.159	3.291.749
Crema de leite — kg	9.228.981	7.599.418	11.451.366
Crema de leite industrial — kg	26.130.830	24.487.117	53.193.777
Doce de leite — kg	3.744.670	4.257.778	4.914.653
Farinha láctea — kg	3.851.731	4.055.369	4.214.881
Caseína alimentar — kg	469.974	556.644	241.422
Caseína industrial — kg	66.890	124.677	157.426
Manteiga extra — kg	3.305.571	9.391.309	9.842.366
Manteiga de 1.ª — kg	—	7.994.076	5.136.063
Manteiga comum — kg	26.983.495	15.819.055	16.518.543
Queijo Minas — kg	16.418.755	16.444.576	13.577.319
Queijo Prato — kg	23.567.943	23.472.224	24.877.891
Queijo Parmesão — kg	6.610.868	7.487.271	6.790.805
Queijo mussarela — kg	7.278.211	8.043.054	9.265.985
Queijo Reino — kg	2.614.461	2.789.093	2.837.587
Queijo Estepe — kg	2.856.318	2.693.684	1.611.670
Queijo Fundido — kg	1.524.588	1.507.368	1.610.937
Requeijão — kg	2.698.701	3.006.532	2.950.463



Leite e saúde pública

WALTER LESER
GIL VIANA PAIM

O leite, por suas qualidades nutritivas, por ser altamente perecível, por seu grande consumo, por poder servir como veículo de germes patogênicos, pela possibilidade de incorporar, em sua composição, agentes sensibilizantes (como os antibióticos), produtos químicos tóxicos (como os inseticidas) e elementos radioativos (como o estrôncio 90 e o iodo 131), é um alimento que exige especial atenção, do ponto de vista da saúde pública.

Quanto às qualidades nutritivas, basta referir que um litro de leite de vaca fornece, com relação às necessidades diárias de um indivíduo adulto, a quantidade de cálcio e fósforo adequado, cerca de 1/3 de proteína, 1/4 das calorias e suficiente quantidade de vitamina A. Além do mais, são elevados os índices percentuais de digestibilidade: 99% para as suas gorduras, 97% para as proteínas e 98% para os carboidratos (ADAMS, H. S. *Milk and food sanitation practice* Cambridge (EUA), Harvard University Press, 1947).

A contaminação do leite com antibióticos ocorre, geralmente, quando animais em lactação são tratados de afecções do úbere, como, por exemplo, a mastite. Nos EUA, estudos para determinar o nível de antibióticos no leite têm ressaltado a importância do problema, especialmente com relação à penicilina. As consequências, do ponto de vista da saúde pública, da presença de antibióticos no leite de consumo (o calor e, portanto, a pasteurização, não afetam sensivelmente os antibióticos) são: aparecimento de raças de estreptococos patogênicos antibiótico-resistentes, interferência no equilíbrio e composição da flora intestinal humana e ocorrência, em pessoas sensibilizadas, de processos alérgicos. Em decorrência destes estudos, as autoridades norte-americanas têm alertado aos fazendeiros para desprezar todo o leite produzido após as 72 horas que se seguem ao tratamento das vacas leiteiras com antibióticos. No nosso meio, MELLO Filho et al, analisando o leite de consumo da cidade de São Paulo, verificaram a presença de antibióticos em 9% das 1.000 amostras examinadas. (MELLO Filho et al. *Rev. Inst. Adolfo Lutz* 25/27 : 69-93, 1965/67). Os mesmos autores, estudando, de modo similar, o leite em pó dado ao consumo em São Paulo, verificaram que este também se encontra contaminado com antibióticos (MELLO Filho et al. *Rev. Inst. Adolfo Lutz* 28: 27-41, 1968).

Os inseticidas são excretados, em parte, no leite, após as vacas leiteiras ingerirem alimentação contaminada ou receberem aplicação destas substâncias. Dos dois grupos de inseticidas sintéticos mais importantes, os compostos clorados constituem o principal perigo para a saúde dos consumidores de leite. Entre nós, provando a existência e a agudeza do problema, ALMEIDA & BARRETO (1971), analisando, quanto à presença de resíduos de pesticidas clorados, o leite distribuído ao consumo, concluíram que todo o leite consumido em São Paulo está contaminado e em desacordo com a legislação vigente. (ALMEIDA & BARRETO *Resíduos de pesticidas clorados em leite consumido em São Paulo*. *Rev. Inst. Adolfo Lutz* 31: 13-20, 1971). Outrossim, como os hidrocarbonetos clorados se associam à gordura do leite, a manteiga feita de leite contaminado contém bem mais inseticida do que o leite "in natura".

O uso e as sucessivas provas de armas nucleares vêm provocando a contaminação atmosférica com radioisótopos, o que redundará na contaminação do solo e das plantas e, conseqüentemente, dos animais, dos alimentos consumidos pelo homem e do próprio homem. Felizmente, ao que parece, este tipo de poluição ainda pode ser considerado desprezível entre nós. SILVA & LIMA encontraram teores de estrôncio-90, em leite de várias procedências do Estado de São Paulo, abaixo do nível máximo permissível. (SILVA & LIMA *Determinação de estrôncio-90 em leite* *Bol. Ind. Animal* 28: 83-92, 1963).

O LEITE COMO VEÍCULO DE GERMES

Ao deixar o úbere, mesmo de vacas sadias, o leite contém algumas poucas bactérias, originárias dos ductos lactíferos e da cisterna, que constituem sua flora microbiana normal. Durante o processo de ordenha, usualmente são acrescentadas outras bactérias, com variadas proveniências: ar, pelo animal, insetos, utensílios (baldes, latões) e muitos outros. Assim, pode ser veiculada uma gama imensa de contaminantes, incluindo patogênicos de origem intestinal da vaca, como salmonelas e estreptococos fecais (enterococos) e de origem do trato respiratório do animal, como o *Staphylococcus aureus*. A água usada na lavagem de utensílios pode, igualmente, con-

tribuir para a contaminação do leite, não podendo ser esquecido o papel do próprio ordenhador, possível fonte de infecção no que se refere a vários agentes patogênicos (bacilos tíficos, diftéricos, shigellas, cistos de amebas, etc.).

Quando a ordenha é levada a efeito por ordenhadeiras mecânicas, a maioria destes fatores ambientais perde importância. Entretanto, o equipamento (a própria ordenhadeira, bem como as tubulações) pode servir como uma fonte de contaminação se não for cuidadosamente limpo e higienizado. Entre os contaminantes originários do equipamento estão os estafilococos, micrococos e organismos termo-resistentes que nele tendem a crescer (SHARP et al. *Staphylococci and micrococci associated with dairying Jour Appl. Bact.* 25 (3): 403 - 415, 1962).

Claro está, ainda, que o leite proveniente de animais não saudáveis pode conter microrganismos patogênicos para o homem. A mastite é uma doença comum do úbere das vacas e os germes responsáveis (*Staphylococcus aureus*, micrococos, estreptococos) são, conseqüentemente, eliminados com o leite. Outros germes patogênicos, como os causadores da tuberculose bovina e da brucelose, entre outros, podem igualmente estar presentes no leite de vacas doentes.

Depois da ordenha, o leite passa por uma série de manipulações antes de chegar ao consumo: na zona de produção, do balde passa, através de filtros, para o latão, sendo assim transportado até postos de resfriamento e destes até as usinas de pasteurização; destas, por fim, já acondicionado, é distribuído às casas varejistas que o entregam ao público consumidor.

Durante todas essas manipulações novas contaminações podem acontecer, a partir do manipulador, do equipamento (filtros, tubulações, tanques, etc.) ou, por conta de fatores ambientais. Além disto, durante todo esse tempo, se existirem condições técnicas favoráveis, poderá haver multiplicação dos germes já existentes. Compreende-se a importância desse crescimento da população bacteriana lembrando que, durante ele, alguns germes são capazes de elaborar enterotoxinas termo-resistentes que não serão destruídas pela pasteurização. Este fato pode ser ilustrado com os surtos de envenenamento alimentar ocorridos em 1956, em Porto Rico, devidos à presença, em leite em pó, de toxinas termo-estáveis que haviam resistido à inativação pelo calor durante a fabricação do pro-

duto. (ARMIJO et al. *Food poisoning outbreaks with spray dried milk Amer. Jour. Publ. Health* 47: 1093-1100, 1957).

O processo de pasteurização objetiva eliminar, antes de tudo, os patogênicos e, ao mesmo tempo, matar a maioria dos outros microrganismos presentes no leite cru. Isto se consegue pela aplicação de calor, abaixo do ponto de ebulição, levando-se em conta o binômio tempo-temperatura, já que não devem ser alteradas as qualidades físico-químicas do leite. A pasteurização rápida, o processo mais em voga, consiste no aquecimento a 75°C durante 15 segundos. Após a pasteurização, o leite deve ser mantido sob refrigeração.

O Decreto-lei Federal n.º 923 de 10 de outubro de 1969 e seu respectivo regulamento (Decreto Federal n.º 66 183, de 5 de fevereiro de 1970) proibiram a venda, em todo território brasileiro, de leite cru para consumo direto da população, permitindo oferecer, a título precário, a sua comercialização em área que não possa ser abastecida permanentemente com leite pasteurizado. Infelizmente, ainda hoje é grande o número de municípios brasileiros que não são providos com leite beneficiado; outrossim, em outras localidades onde há distribuição de leite pasteurizado, há concomitantemente o problema da venda clandestina de leite cru.

Os derivados do leite, igualmente, devem ser fabricados somente a partir de leite pasteurizado e toda a manipulação tecnológica deve ser cuidadosa para ser evitada a recontaminação. O queijo, por exemplo, em várias ocasiões tem sido incriminado em surtos de toxinfecções alimentares. Um surto de gastroenterite ocorrido recentemente (fins de 1971) nos EUA deveu-se à ingestão de queijo importado e afetou, no mínimo, 387 pessoas (na maioria adultos), dispersas por 13 Estados norte-americanos e no espaço de tempo de 4 semanas. O germe patogênico responsável foi uma cepa enteropatogênica de *Escherichia coli*, que é geralmente associada à doença em crianças. (GASTROENTERITIS from cheese *British Medical Journal* 2 (5909): 2, 1974).

Finalizando, não é demais insistir em que, sejam quais forem as condições de extremo cuidado, obedecendo rigorosamente às mais estritas exigências técnicas, com que se faça a coleta, transporte e distribuição do leite, é indispensável a pasteurização; ela oferece ao consumidor a maior segurança possível, no que toca ao risco de infecções veiculadas pelo leite. ■

Em Ibiá, MG,
localiza-se a
maior fábrica
de leite em pó
do país.



Na base das atividades da Nestlé, está o leite

Em 1886, em Vevey, na Suíça, um químico de nome Henri Nestlé, empenhado em experiências de laboratório, descobriu uma farinha que verificou ter grande aplicação na alimentação de recém-nascidos. A divulgação do uso dessa farinha foi o passo inicial de uma empresa que, assim, há cerca de noventa anos vem beneficiando a população infantil do mundo todo. No Brasil, data de 1921 a instalação desse grande complexo industrial. Foi na cidade paulista de Araras que se abriu a primeira usina de condensação do leite, por isso mesmo enlatado com o nome de Leite Condensado Nestlé. Daí para cá, o ramo brasileiro da importante organização suíça

cresceu, contando-se hoje doze centros de produção, nos quais trabalham mais de cinco mil brasileiros. Os produtos Nestlé distendem-se por uma linha que começa com o leite em pó e o condensado Moça e vai às farinhas compostas, ao café solúvel, aos chocolates e derivados, aos caldos e sopas, aos biscoitos. Um dos traços característicos da ação da Nestlé no Brasil é a assistência que ela proporciona aos produtores de leite, que é o produto básico de sua atividade. Trata-se realmente de uma ação pioneira no País. Antes que os governos se movimentassem para oferecer aos pecuaristas o lastro educativo de que eles necessitam, a Nestlé já propagava nas populações rurais, por meio de médicos veterinários, engenheiros agrônomos, zootecnistas e técnicos agrícolas, as indispensáveis noções básicas para apresentação de um produto hígido, como o necessário para o preparo de seus alimentos. Assim, regiões inteiras se beneficiaram da presença de uma usina leiteira, passando a ter não apenas um ponto de apoio para seu desenvolvimento, mas principalmente um comprador certo para o leite ordenhado. Fixou-se o produtor leiteiro à terra, progredindo ele na aplicação de normas tecnológicas de alimentação, profilaxia e higiene do gado. Além de tudo, a Nestlé ainda proporciona financiamentos e vende, a preço de custo, bezerros de linhagem que levam sangue novo aos rebanhos.

Em Ibiá, no Estado de Minas, a Nestlé resolveu aproveitar as possibilidades

regionais para instalação de uma fábrica. Antes, porém, julgou necessário preparar os criadores para o fornecimento da matéria-prima de que iria precisar. Por isso, destacou seus técnicos para lá, os quais ensinaram aos sítiantes desde a formação de pastagens até as práticas de ordenha; financiaram a melhora do gado, construíram pontes e estradas, de maneira que o leite, produzido em condições higiênicas, pudesse chegar facilmente à fábrica. Essa preparação durou quatro anos e, em 1956 a usina entrou em funcionamento. Cresceu tanto a produção leiteira da região que essa fábrica já não bastou: projeta-se a construção de nove unidades industriais para aproveitá-la integralmente.

A região de Ituiutaba foi escolhida para a instalação da maior indústria de leite em pó da América do Sul, obra da Nestlé, no Brasil chamada Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares, cuja sede é São Paulo, sob a direção geral do sr. Jean Pierre Brulhart.

Orientação fundamental

A preocupação da Nestlé é com a qualidade dos produtos que expõe à venda. Para assegurá-la, conta com um batalhão de sessenta especialistas, que se dedicam a estudos e pesquisas que levaram à conclusão de que grande parte dos brasileiros ainda vive em estado de subnutrição. Para eles se voltam todas as atenções, em busca



A fábrica de biscoitos (São Luiz Extra), está localizada em São Paulo.

dos alimentos que lhes forneçam proteínas e vitaminas. Um dos problemas é o custo desses produtos, cujo preço nem sempre está ao alcance de todos, muitas vezes também impedidos por hábitos alimentares, por verdadeiros tabus, que vedam a ingestão deste ou daquele elemento nutritivo. Daí a necessidade de preparar também o consumidor para a mudança de alimentação.

O êxito da Nestlé nesse capítulo está demonstrado pelo fato de ter crescido 11% quando todo o setor de alimentos cresceu 10%. Aliás, os produtos Nestlé são muito conhecidos, principalmente os que têm por base o leite. A empresa, porém, milita em outros campos: produz o chá Cross & Blackwell, as sopas e caldos Maggi, os biscoitos São Luiz e os supergelados Findus.

Lançado em 1928, o leite Ninho, um dos mais antigos produtos Nestlé, é considerado um substitutivo do leite materno. Nessa mesma data foi lançado o primeiro leite em pó da linha dos "modificados": era o Lactogeno, ao qual se juntou dez anos depois o Nestogeno; em 1932, o Nescau; em 1953, o Nescafé, o primeiro café solúvel nacional e o primeiro a ser exportado pelo Brasil.

Em 1957, a CICOBRA adquiriu em São Paulo a fábrica de chocolates Gardano; em 1959 lançou o primeiro chocolate Nestlé. Essa fábrica entretanto, foi substituída, em 1971, pela fábrica de Caçapava, a maior fábrica de chocolates da América Latina.

Em 1967, adquiriu a marca São Luiz. Em ação conjunta com a Pascal, em 1971, passou a produzir peixes e camarões supergelados marca Findus. Em 1973, passou a fabricar em São José do Rio Pardo (SP) sopas, caldos e condimentos desidratados Maggi; farinhas e alimentos infantis Baby e Júnior Foods.

Em 1972, associada à Companhia de Alimentos Chambourcy, lançou iogurtes, leites gelificados e sobremesas lácteas. Desse mesmo ano é o sorvete Yopa.

Todas essas atividades Nestlé desenvolvem-se em ritmo acelerado. Ativam-se agora as obras em Araçatuba, Ibiá, Ituiutaba, Três Corações, Calciolândia, São José dos Campos, São Miguel de Guamã, no Pará e em outros pontos do Território Nacional.

As multinacionais

Falando à Revista "Tendência", o sr. Jean Pierre Brulhart, diretor-geral da Nestlé, declarou:

— "O governo colocou corretamente a posição das multinacionais dentro do panorama econômico do Brasil, no segundo plano nacional de desenvolvimento. A intenção é aproveitar a tecnologia e o "know-how" dessas empresas em favor do País. As multinacionais são instrumentos excelentes para desenvolver o setor industrial, visando particularmente as exportações, dado o nível de qualidade dos produtos, o que, por sua vez, concorre para amenizar o déficit causado pelas importações de petróleo. Entretanto, deve-se

definir a importância da presença dessas empresas internacionais, porque a importação de "know-how" não é um pacote fechado que, ao ser aberto, tem aplicação imediata. Da chegada da tecnologia até sua utilização prática, há um passo grande a ser dado, e muito tempo é gasto na adaptação aos novos processos por parte dos técnicos do país importador. A Nestlé, por exemplo, é grande transportadora de tecnologia de alimentos, processos de fabricação e embalagem." A organização brasileira da Nestlé acompanha as demais filiais da Nestlé suíça no que tange à política de aprimoramento de técnicas, desenvolvimento do setor administrativo e orientação da estratégia de "marketing". Para avaliar o cuidado que a Nestlé põe na sua produção, basta lembrar que a adoção de uma embalagem exige o preenchimento de nada menos que duzentos requisitos de qualidade e segurança. Milhares de toneladas de folha de Flandres são gastas por ano pela empresa. Uma fábrica-padrão da Nestlé, processando trezentos mil litros de leite por dia, dá lugar indiretamente a trinta mil empregos.

Nescau e Nescafé são os dois maiores produtos da exportação da Nestlé. 75% do Nescafé são consumidos no mercado interno. Datam de 1930 os primeiros estudos da Nestlé a respeito do café solúvel, os quais se prolongaram até 1950, quando o Exército Nacional incluiu o solúvel na ração dos nossos soldados. Daí para cá, foi posto à venda e seu consumo só tem progredido.

A história e a origem do leite B, e suas exigências

WALTER C. BATTISTON

A vaca é a fêmea que maior quantidade de leite produz além da necessidade para criar o bezerro, e de um só tipo; porém, conforme o modo dela se alimentar, sua idade e a do bezerro, o estado de saúde, a raça e as condições de higiene do estábulo e aparelhamento de ordenha, esse leite pode variar em qualidade e em quantidade, de um para outro animal ou de uma para outra lactação da mesma vaca.

As condições em que o leite é produzido, ligadas diretamente ao estado sanitário da vaca e às condições higiênicas do meio, podem determinar, porém, os chamados "tipos" de leite; atualmente são considerados como principais, os tipos "C" e "B", mas há alguns anos passados havia o tipo "A".

Os tipos "A" e "B" são considerados como "leite de granja" e somente são obtidos nas fazendas ou chácaras que preencham alguns requisitos, relacionados com o tipo e local da construção, higiene, saúde do gado e outros detalhes, regulados por legislação federal.

O leite tipo "C", ou popular é obtido na maioria das propriedades agrícolas sem os devidos cuidados mencionados; e representa mais de 3/4 do leite produzido e consumido nas grandes cidades e quase a totalidade nas pequenas. A industrialização é totalmente feita com leite tipo "C".

As exigências rigorosas no trato dos animais, o preço elevado dos minerais, a necessidade da proximidade da usina, e a diferença de preço em relação ao tipo "C" é que determinam ao criador a orientação para o leite "B". Este tipo começa a ser fiscalizado desde o rebanho, submetido periodicamente a exame de brucelose e tuberculose, por médicos veterinários credenciados, até as instalações e o trato da vaca, a ordenha e manutenção do líquido. O vestuário dos leiteiros e destruição dos detritos também são fiscalizados.

A produção de leite "C" depende bem pouco da distância onde se localiza a usina, pois será pasteurizado ou industrializado a fim de serem eliminadas as doenças transmissíveis ao homem.

O leite "A", que nas décadas passadas era produzido em granjas bem próximas a São Paulo e pasteurizado na própria fazenda, desapareceu graças à concorrência desleal dos "leiteiros", que mantinham

o gado nas várzeas do Tietê e Pinheiros e as "cocheiras" com pouca ou nenhuma higiene nos bairros "afastados" de Pinheiros, Butantã, Casa Verde e Freguesia do O, e vendiam leite cru (com péssimos índices de gordura e sanidade) diretamente ao freguês.

Foram precursores do tipo "A" em São Paulo as granjas São Martinho, Irohhy, Itahye e Santa Maria, as quais no menor tempo possível colocavam próximo ao consumidor o melhor leite que fosse possível produzir e comercializar na ocasião; a falta de transporte e de vasilhame e as más estradas, e também a concorrência mencionada afastaram esses pioneiros.

FAZENDA DO MEL

MUNICÍPIO DE MORRO-AGUDO-SP

de

Joaquim

Paolielo Junqueira

End. para correspondência:

R. Brigadeiro Luiz Antonio, 3.176

Fone: 288-1645

SÃO PAULO — CAPITAL



HIRTIUS DA S.C. — Aos 42 meses, pesou 860 kg. Reservado Campeão em Avaré-72 e premiado em diversas exposições do Brasil, obtendo os últimos títulos de Campeão Touro Jovem Regional e de Exposição em Barretos/74.

Os chamados "estábulo de leite B" devem apresentar instalações adequadas ao clima, boas aguadas ou poços artesianos, higiene no piso, nos cochos e bebedouros e lugares adequados para ordenha, limpos pelo menos duas vezes por dia. O ordenhador ou "leiteiro" terá que apresentar de "macacão" higiênico, desinfetar o úbere da vaca e desprezar os primeiros jatos de leite. Os latões previamente esterilizados (como todo o aparelhamento da ordenha) deverão estar na usina no decorrer de duas horas.

Na usina, o leite será filtrado, homogeneizado, pasteurizado, automaticamente e sob as vistas do inspetor oficial; quando em quando são colhidas amostras, para testar o estado higiênico e finalmente o produto é refrigerado para ser embalado em vasilhame adequado.

Em várias fazendas, as primeiras operações citadas são feitas na própria fazenda de ordenha e o vasilhame é guardado em refrigeradores apropriados até a chegada do "caminhão do leite".

Segundo a lei, o leite "A" não pode conter mais de 500 bactérias por/cm³; deve ser isento de germes do tipo bacilo; o tipo "B" não pode ter mais de 50 mil bactérias por/cm³ nem coliformes totais, mas o leite tipo "C" pode conter até 300 mil/cm³ de coliformes.

Com a refrigeração rápida (na fazenda) consegue-se diminuir cerca de 20 milhões de bactérias por grama de leite.

A classificação do leite pelo teor e pela dureza pouco valor alimentício teria por base a gordura quase que somente saem as vitaminas "A" e "D", encontradas, geralmente, em alimentos mais baratos. Consideram-se ideal 3,3% de gordura para o "B" e 3,1% para o "C".

O brasileiro, por hábito, ingere pouco leite, não obstante seja dos mais baratos alimentos por seu valor nutritivo. 200 gramas médias por habitante das grandes cidades maiores estão muito longe da necessidade, calculada em 300 gramas para adultos e o dobro para crianças e lactantes. Em certas regiões do Brasil, vez essa média não seja atingida nem 30 dias de um mês.

Segundo dados publicados pela "Revista dos Criadores", em 1973, uma grande produtora de leite "B", com alqueires, localizada na bacia de Campinas apresentará o seguinte orçamento

CAPITAL

Custo da propriedade e construções	68,5%
Adaptações para produção de leite "B"	1,37%
Compra de 180 vacas cruzadas	24,8%

Tratos e implementos	1,8%
Perua para entrega	1,1%
Touros (5) Holandês	1,4%
Animais de custeio, picadeiras, carroças, ferramentas	1,1%

DESPESAS MENSAS

JUROS (1%) sobre o capital	50,37
IMPOSTO I.B.R.A. e FUNRURAL	2,07
Rações e sais minerais	18,73
Perdas de animais (morte, mastite)	2,30
Medicamentos Assist. Veterinária etc.	3,83
Campeiro (1) (Ordenhador (6)	5,64
Mão de obra para corte de cana, cercas, limpeza etc.	5,61
Carreto de leite à usina	1,68
Manutenção de equipamento e veículos	8,14
Administração	8,13
TOTAL	100,00%

Sobre o total das despesas %	Sobre o valor do capital %
50,37	1,00
2,07	0,04
18,73	0,37
2,30	0,04
3,83	0,07
5,64	0,12
5,61	0,12
1,68	3,34
8,14	3,65
8,13	16
100,00%	24,79%

Com a produção de 30 mil litros de leite nessa propriedade, haverá a seguinte renda mensal:

25 mil litros de leite tipo "B"	57,67%
5 mil litros de leite tipo "C" (excesso)	7,71
5 bezerros	2,76
5 bezerros	5,52
TOTAL	73,66%

Primeira	Segunda
1,14%	57,67%
0,15	7,71
0,05	2,76
0,10	5,52
1,44%	73,66%

A porcentagem da primeira coluna é sobre "capital" e a segunda sobre "despesas mensais".

Nos cálculos das despesas, não foram computados adubos químicos, defensivos agrícolas, eletricidade e pequenas despesas; nas "rendas" foram calculadas a possibilidade teórica de serem as 180 vacas ordenhadas e o nascimento e cria de 120

bezerros por ano. Na realidade, cerca de 120 vacas poderão entrar em ordenha e o índice de desmama ou venda de bezerros estará ao redor de 90 bezerros (um ano).

Para que se tenha idéia do volume de leite recebido pelas usinas sob inspeção federal, damos o quadro abaixo da produção de leite e derivados em 1972 e 1973, em quilos:

	1972	1973	Diferenças
Leite tipo "C"	1.146.467.203	1.514.217.256	3.677.500.530
Leite tipo "B"	12.048.033	64.634.327	52.586.294
Diferenças do "B" para o "C"	1,03%	4,09%	

(fonte: "Boletim do Leite", no n.º 594 — Julho/1974).

Em 1973, segundo o "Boletim do Leite", de outubro de 1974, o abastecimento de leite para São Paulo, atingiu 485.944.230 litros do tipo "C" e 95.404.733 litros do tipo "B", o que dá a porcentagem de 19,63% deste último em relação ao "C".

Em 1974, o quadro geral, porém, modificou-se contra os produtores de leite "B", que vinham aumentando a porcentagem em relação ao tipo "C" de anos para cá. Infelizmente não temos ainda os dados oficiais de 1974 para os devidos estudos, mas em contacto com os produtores já se percebe o problema.

Regulamentados pela portaria federal 0028/15-10-74, as normas para produção de leite "B", "trocadas em miúdos" como se costuma dizer, são as seguintes:

ESTABULO E CURRAL

O piso do estábulo deve ser impermeável, com cimento ou outro material adequado, com canaletas para escoamento de água; paredes revestidas de azulejo. "gressit" ou coisa semelhante até 1,20 m de altura. Se houver parede divisória entre os animais, as exigências serão as mesmas, mas é aconselhado o uso de correntes ou canos galvanizados para essa separação.

O piso direito deve ter no mínimo 3,00 m de altura; a critério do inspetor, poderão ser toleradas pequenas diferenças.

O curral, deve ter piso de paralelepípedo de pedra rejuntada ou concreto, com a área mínima de 2,50 m² por cabeça e a mangueira com água com pressão e qualidade para correta limpeza. Toda a água usada para limpeza deve ter fácil escoamento.

ORDENHA

A ordenha pode ser feita no próprio estábulo, desde que seja mecânica e seja mantida em higiene essa dependência. É recomendada a construção de sala de ordenha de acordo com os seguintes itens: pé direito com 300 metros de altura; paredes revestidas com barra de azulejo até 2 metros de altura; piso impermeabilizado; forro; iluminação; água em quantidade e esgoto de fácil escoamento.

A sala de ordenha deve estar afastada do estábulo, ou pelo menos separada deste.

A água será, "potável", na proporção de 100 litros para cada vaca a ser ordenhada.

OUTRAS DEPENDÊNCIAS

Todas as instalações para o gado e ordenha devem ser afastadas dos pontos que exalem mal cheiro e dos lugares contaminados. Os depósitos de estrume (esterqueira) devem ser construídos pelo menos a 50 metros do estábulo e sala de ordenha.

O bezerreiro, o depósito de ração e máquinas também devem estar afastados. Os sanitários para uso dos empregados, distantes dos demais, são obrigatórios e em número suficiente.

É permitida a construção de silos, depósitos de forragens, banheiros carrapaticidas, tanque para melaço e cevada (com tampa) desde que essas dependências fiquem distantes o suficiente para que não transmitam cheiro ou gosto estranho ao leite.

CONTROLE SANITÁRIO DOS ANIMAIS

Sendo leite de tipo melhor, as condições sanitárias das vacas também devem ser boas e para isso é obrigatório o exame periódico de brucelose (soro-aglutinação) e tuberculose (tuberculinização) feito por médico veterinário credenciado, que fornecerá os respectivos atestados. Todos os animais reagentes devem ser afastados do rebanho.

Para melhor execução desse controle, é imprescindível que todo animal seja identificado, com fichas apropriadas e fotografia.

Deve haver controle também dos berneiros, carrapatos, mamites, aftosa e outras

moléstias, para que o leite seja o mais sadio possível.

EXECUÇÃO DA ORDENHA

O máximo de cuidado higiênico deve ser empregado no decorrer da ordenha. Para isso, a região do úbere da vaca e as mãos dos leiteiros devem estar limpas e desinfetadas.

Recomenda-se lavar o úbere e adjacências bem como as mãos do ordenhador com bastante água e depois passar desinfetante do tipo hipoclorito de sódio. Este produto é posto na base de 100 gramas em 1 litro de água (10%); dessa mistura põem-se 15 cm cúbicos em 10 litros de água, conseguindo-se a solução desinfetante final que será passada no úbere. Antes da ordenha, enxugar tudo com pano limpo, que será depois lavado, desinfetado e enxugado.

Desprezam-se os primeiros jatos de cada teta, aproveitando a ocasião para verificar se há mamite (teste da peneira). As vacas com mamite devem ser ordenhadas em separado, no final. Quando se estiver medicando com antibiótico, o leite

somente poderá ser aproveitado após 3 dias em que se parar o tratamento.

O pessoal que ordenha, devidamente uniformizado com macacão, gorros e botas, tudo limpo, não pode tratar dos bezerros ou ficar amarrando vacas.

Todo o pessoal de estábulo, especialmente aqueles que lidam diretamente com o leite, deve ter exame médico (carteira de saúde) periódico e bons hábitos de higiene pessoal. Não é permitido fumar durante a ordenha.

Todo o equipamento de ordenha e latões devem ser limpos e devidamente desinfetados.

O leite da tarde pode ser estocado até o dia seguinte, desde que permaneça a menos de 5 °C e chegue à usina no máximo com 10 °C.

Nos locais de recebimento e industrialização, também sob controle da inspeção federal, são feitos vários testes para se conhecer o estado de sanidade do leite recebido.

DOCUMENTAÇÃO

O primeiro passo a ser dado pelo produtor é conseguir a quota na usina, o que não é tão fácil, como pode parecer às vezes, como aconteceu no final de 1954, se os industriais resolvem "cortar" o recebimento dos tradicionais fornecedores (até 40%) o que dizer dos novos?

Conseguida a autorização de entrada do leite, o interessado deve requerer às autoridades sanitárias (DIPOA) que o estábulo seja **relacionado** no respectivo Grupo Executivo de Inspeção de Produtos de Origem Animal — GEIPOA, requerimento ao chefe desse grupo, a qual deve juntar os seguintes documentos:

- 1) memorial descritivo da construção (tamanho, localização, proprietário etc);
- 2) planta do estabelecimento, nas seguintes escalas: situação 1:500, fachada e cortes 1:50, planta baixa 1:100, devidamente assinada por engenheiro ou agrônomo;
- 3) memorial descritivo econômico (tipos de cochos, raça do gado, número de vacas, informações sobre o gado e tipo de ordenha etc), assinado pelo proprietário e pelo médico veterinário;
- 4) declarações assinadas por médico veterinário, responsabilizando-se pelo estado sanitário do rebanho.

Quando esse requerimento for dado, deverá ser apresentado o atestado de exame para brucelose e tuberculose assinado por veterinário, que pode ser "particular", e mais o laudo de inspeção feito pelo veterinário oficial do DIPOA.

Para todos esses documentos existem modelos, que podem ser encontrados na sede do Departamento Nacional de Produção de Origem Animal (DIPOA) ou na Associação dos Produtores.



parto
normal
e bezerro
sadio

**nova vacina
contra a
brucelose**

DUPHAVAC N.A.

DUPHAVAC N.A. oferece as seguintes vantagens:

- 1 • Em apenas 3 meses, protege contra a brucelose todas as fêmeas vacinadas (antes, você precisava de 7/8 anos).
- 2 • Pode ser aplicada nas fêmeas de todas as idades, a partir dos seis meses.
- 3 • Permite revacinações, o que significa ampliar a margem de imunidade, protegendo o animal por toda sua vida.
- 4 • Não infecta o vacinador.
- 5 • Suprime ou reduz, em curto prazo, a ocorrência de abortos, evitando maior disseminação da doença.

duphar

Um produto da
PHILIPS DUPHAR S.A.
Produtos Químicos e Biológicos

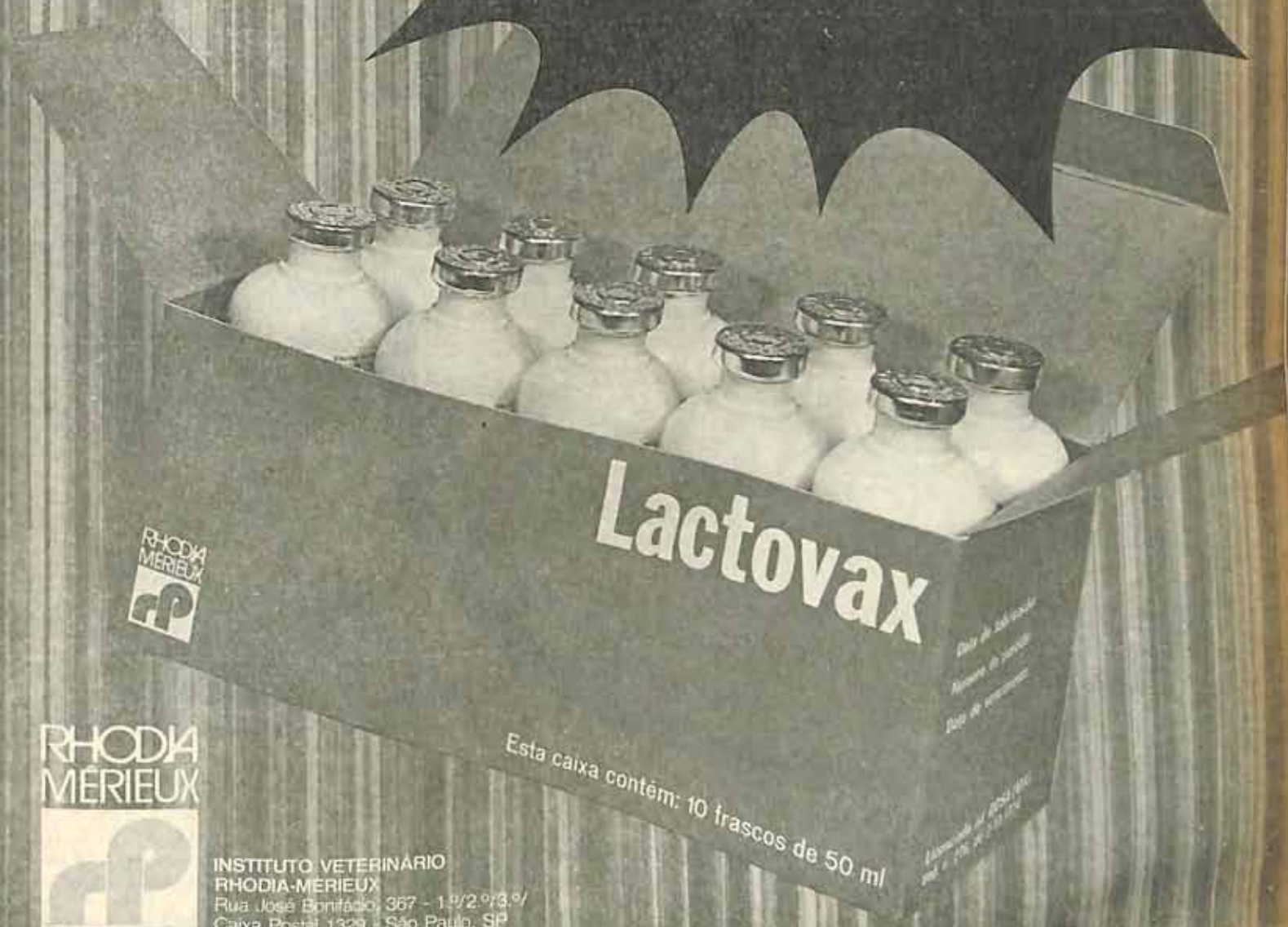
Distribuído em todo o Brasil por

**2222
BLEMCO**

LEITE MAIS PURO!

vacas
vacinadas
contra
mamite com

Lactovax



Lactovax

Esta caixa contém: 10 frascos de 50 ml

RHODIA
MERIEUX



INSTITUTO VETERINARIO
RHODIA-MERIEUX
Rua José Bonifácio, 367 - 1.º/2.º/3.º/
Caixa Postal 1329 - São Paulo, SP

URÉIA: alimentação ideal com grande economia

Você já pensou quanto gasta em rações para que seu gado consuma a quantidade ideal de proteínas?

E se você puder reduzir bastante essa despesa, deixando seu rebanho igualmente alimentado?

Pois bem, a fórmula é a seguinte: URÉIA 46,5%N.

Ela se transforma em proteínas, no estômago dos ruminantes, devido a ação dos milhões de bactérias nele existentes.

A M. Cassab lhe fornece URÉIA com 46,5% de nitrogênio — o teor perfeito para a alimentação de ruminantes — em prática embalagem plástica de 50 Kg.

Converse com seu médico-veterinário ou com a casa da lavoura da região. Eles explicarão como transformar a URÉIA em proteínas, com todas as vantagens e sem qualquer risco.

E faça bom uso do dinheiro que lhe sobrar.



M. CASSAB

FENÍCIA IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Av. Bernardino de Campos, 185 - SÃO PAULO - BRASIL
Fones: 287-1722 - 287-6581 - Teleg. "CASSIMPORT"
Telex 1122587 JCAS - BR - C.G.C. 44.072.346/0001-70

Produção de bezerro em vacas incubadoras

Pode-se quintuplicar uma ou várias vezes o número de bezerros em um ano zootécnico. Outras técnicas estão sendo agora investigadas que serão futuramente de enorme importância para a pecuária. O leitor é convidado a acompanhar-nos nesta visita:



As seqüências das fotos mostra as diferentes fases do processo, da extração de ovos de vacas doadoras, até a sutura da ferida aberta na vaca receptora ou incubadora.



LEILÃO DE MANGALARGA

de 7 a 10 de novembro

Parque da Água Branca
SÃO PAULO

LEILÃO PROMOVIDO PELA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
CRIADORES DE CAVALOS DA
RAÇA MANGALARGA

A Fazenda Santa Virginia
comunica aos amigos e criadores
de Mangalarga, que enviará para
leilão, os seguintes animais:

XISTOSA F.S.

nasc. 09 de outubro de 1974
Por Durango e Redondilha,
esta por Enigma e Normanda

XERES F.S.

nasc. 18 de novembro de 1974
Por Sondá e Laguna F.S.,
esta por Durango e Desforra

XIMARRÃO F.S.

nasc. 13 de novembro de 1974
Por Sondá e Estampa,
esta por Enigma e Republica

XADRES F.S.

nasc. 04 de janeiro de 1975
Por Sondá e Itauna,
esta por Bazar e Aurora

DANUBIO DA CABREUVA

nasc. 26 de novembro de 1974
Por Sondá e Marmita,
esta por Durango e Lolita

DEMANDA DA CABREUVA

nasc. 31 de dezembro de 1974
Por Sondá e Resenha,
esta por Eclipse e Novela

CHARADA DA CABREUVA

nasc. 16 de novembro de 1973
Por Durango e Marmita,
esta por Durango e Lolita

FAZENDA
SANTA VIRGINIA

CAFELÂNDIA — CX. POSTAL 26
TELEFONE 10 — SIMÕES

Criadores:

FAUSTO SIMÕES e
AGENOR SIMÕES NETTO

Achamo-nos em uma sala de cirurgia, como a de qualquer moderno hospital, onde todas as instalações e equipamentos são a última palavra do que se conhece sobre o assunto em países avançados.

Em uma mesa de operações, de forma e mecanismo singulares, encontra-se uma vaca anestesiada que momentos depois será objeto da intervenção de um perito cirurgião. Trata-se de um espécime de puro sangue que será submetido à uma operação obstétrica muito delicada. Sua criação e trato representam para seu proprietário uma grande soma em dinheiro. A operação a que será submetida também não custa menos do que 2.500 dólares (mais de Cr\$ 20.000,00) embora essa quantia seja inferior à que o pecuarista espera desse animal, com essa operação cirúrgica, ou seja, obter proveitos muitas vezes maiores que os custos da criação e manutenção da vaca e da própria operação. É uma meta que será repetida muitas vezes na vida útil desse animal.

O estabelecimento em que se realiza a cirurgia está localizado nas imediações de River Falls, Wisconsin, EUA, no Centro de Investigações dos International Cryo-Biological Services, Inc. de St. Paul, Minnesota.

O Dr. M. L. Fahming, vestido com um avental verde, gorro e máscara de hospital executa a operação.

TRANSPLANTE OVULAR

Decorreram somente 12 anos desde que, em 1962, o Dr. Fahming e seus colaboradores conseguiram, com todo o êxito, transplantar em vacas óvulos fertilizados. * Antes de sua nomeação como Vice-Presidente e Diretor de Investigações dos ICBS, esse proeminente cirurgião veterinário foi professor auxiliar dos Departamentos de Pecuária Leiteira e Anatomia Veterinária da Universidade de Minnesota, além de catedrático de Obstetrícia e Ginecologia Veterinária desse estabelecimento.

A finalidade do transplante de ovos é obter o maior número possível de bezerros concebidos por uma vaca de muito valor genético. Daí, pois, a importância que esta novíssima técnica de produção animal tem para os criadores de animais de estirpes muito valiosas. Tal é o caso da vaca escolhida para servir como doadora de ovos. Dela o ginecologista veterinário retirará grandes quantidades de ovos fertilizados pelo sêmen de touros também de grande valor genético e esses ovos serão colocados em outras fêmeas de menor qualidade que assim servem para levá-los em seus ventres durante a prenhez até o parto.

Em resumo, utilizando os ovos recém-concebidos de uma vaca muito boa em outras vacas de menos valor, o pecuarista pode acelerar a gestação e o nascimento de sua descendência em grande número, ao cabo de um ano, sem ter que deixar transcorrer o lapso normal de tempo para obter um bezerro cada ano.

FASES PRELIMINARES

Nos preparativos para o transplante ovular, os técnicos dos ICBS estudam observam a vaca doadora no curso de dois períodos de cio a fim de determinar o momento mais oportuno para a operação. Cinco dias antes do cio vem aplicada uma injeção de soro de equo prenhe para estimular o desenvolvimento de folículos ovarianos múltiplos, passa-se a que se denomina "superovulação" ou "multiovulação". Outros cinco dias depois de que a vaca doadora mostra sinais de cio faz-se um exame retal para conhecer o grau de multiovulação. Se grau for adequado insemina-se artificialmente a fêmea com várias doses de sêmen de um touro superior, processo que se repete até que a ovulação tenha completado.

Três dias mais tarde retira-se toda a ração da doadora para facilitar o acesso cirúrgico à cavidade abdominal e para evitar a regurgitação durante a anestesia. Dois dias após a doadora está pronta para o transplante ovular pois nesse momento seus ovos se desenvolveram na fase de 8 a 12 células.

A doadora recebe um sedativo e depois o gás anestésico. Em seguida coloca-se o animal em uma mesa de operação especial. Cortam-se os pelos da região abdominal, raspa-se a navalha e esfrega-se bem o couro cabeludo com água e sabão. Após isto esteriliza-se o campo operatório para eliminar as bactérias e depois são feitos todos estes preparativos introduzindo-se a vaca na sala de operações para colocá-la na mesa cirúrgica provida de suspensão hidráulica. Os ajudantes registram cuidadosamente nos aparelhos monitorando o regime respiratório e a profundidade da anestesia.

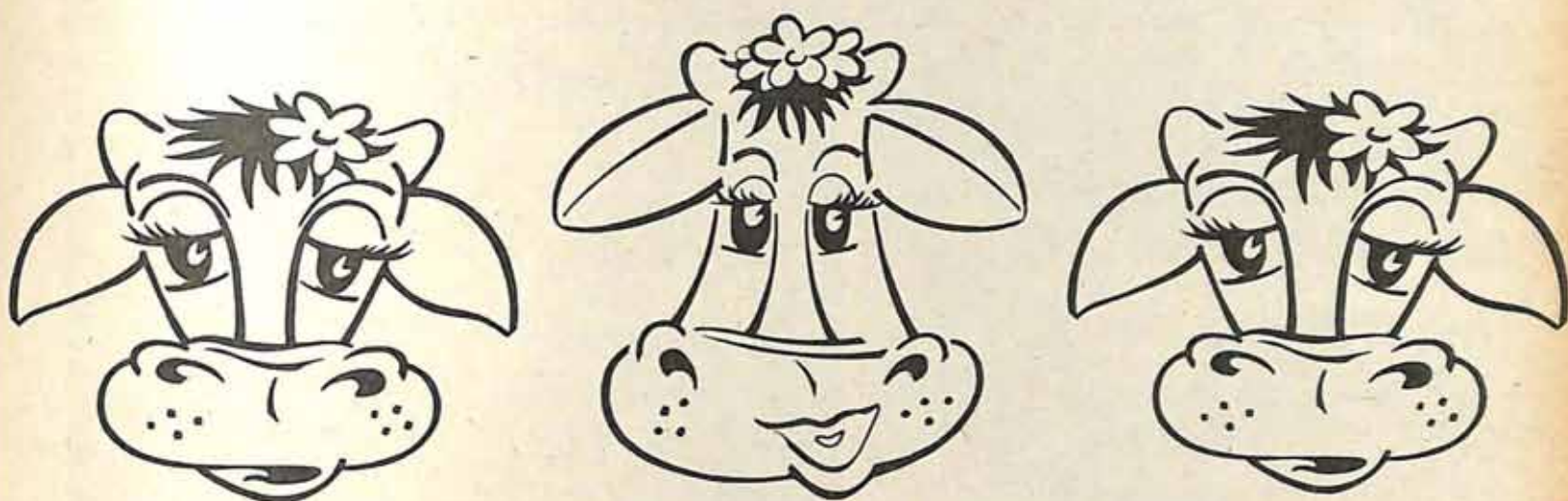
A OPERAÇÃO

A primeira incisão é feita através da pele, bem pouco adiante do úbere, sobre a linha média do animal. Durante o processo a vaca perde muito pouco sangue. O cirurgião introduz sua mão enluvada na cavidade abdominal e através da incisão puxa os órgãos do aparelho reprodutor, mantendo-os em posição adequada por meio de fios de catgut ou seda cirúrgica.

A COLHEITA DE OVOS

Os ovos são retirados por meio de lavagem com uma solução nutritiva através do aparelho genital dirigida para o fundo até o corno uterino e o oviduto, depositando a solução usada em uma cuba de vidro. O processo de lavagem requer grande cuidado para assegurar a obtenção dos ovos muito valiosos da doadora.

Um ajudante do cirurgião utiliza o microscópio para examinar a solução lavadora e, ao mesmo tempo, introduz a mão na cavidade abdominal os órgãos reprodutores da doadora, colocando-os em sua posição correta. Ali, nos meses seguintes, esses órgãos seguirão produzindo ovos superiores do ponto de vista genético para novos transplantes. A vaca doadora



MIMOSA, RISOLETA, DULCINÉIA... E TODAS AS OUTRAS VÃO FICAR MAIS SAUDÁVEIS, PRODUZINDO MUITO LEITE COM RAÇÕES MASTER MIX.

Não só a Mimosa, a Risoleta e a Dulcinéia vão ser beneficiadas.

As rações e concentrados MASTER MIX são produtos básicos para todo o gado bovino, complementando perfeitamente todos os tipos de forragens. Para o desenvolvimento de novilhas e bezerros, e para gado de corte, MASTER MIX oferece produtos específicos, com teores diferentes de proteínas, de acordo com as necessidades de cada caso. Consulte o Distribuidor MAS-

TER MIX de sua região. Ele poderá orientá-lo sobre o melhor para o seu rebanho.

- Ração Master Mix Inicial Bezerros.
- Ração Master Mix Desenvolvimento de Novilhas.
- Rações Leiteiras Master Mix 16%, 20%, 22%.
- Concentrados Master Mix 32% e 38%.
- Concentrado Master Mix Gado de Corte 32%.

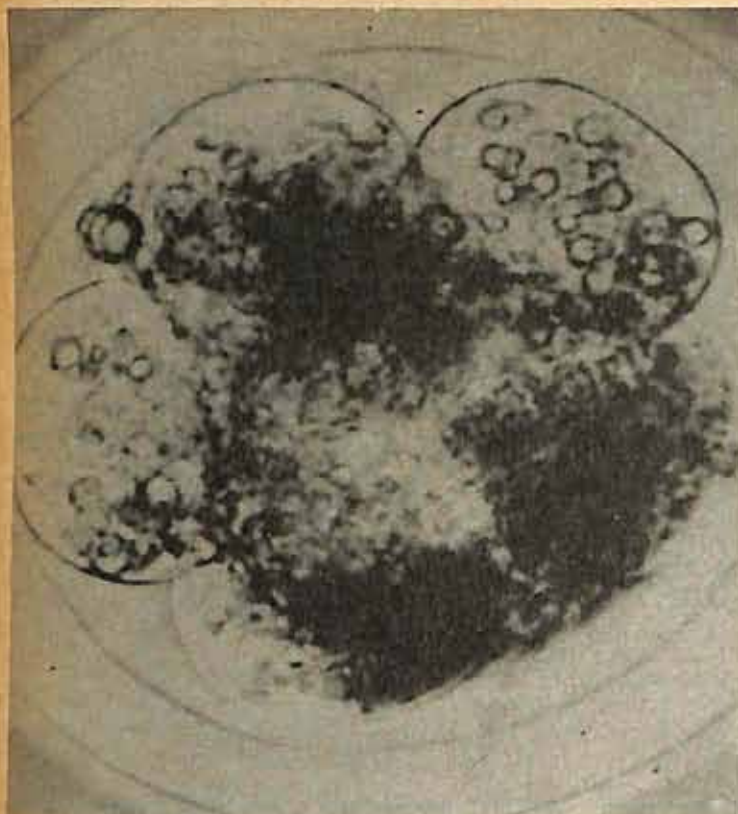


FABRICAÇÃO:
CENTRAL SOYA ALIMENTOS LTDA.

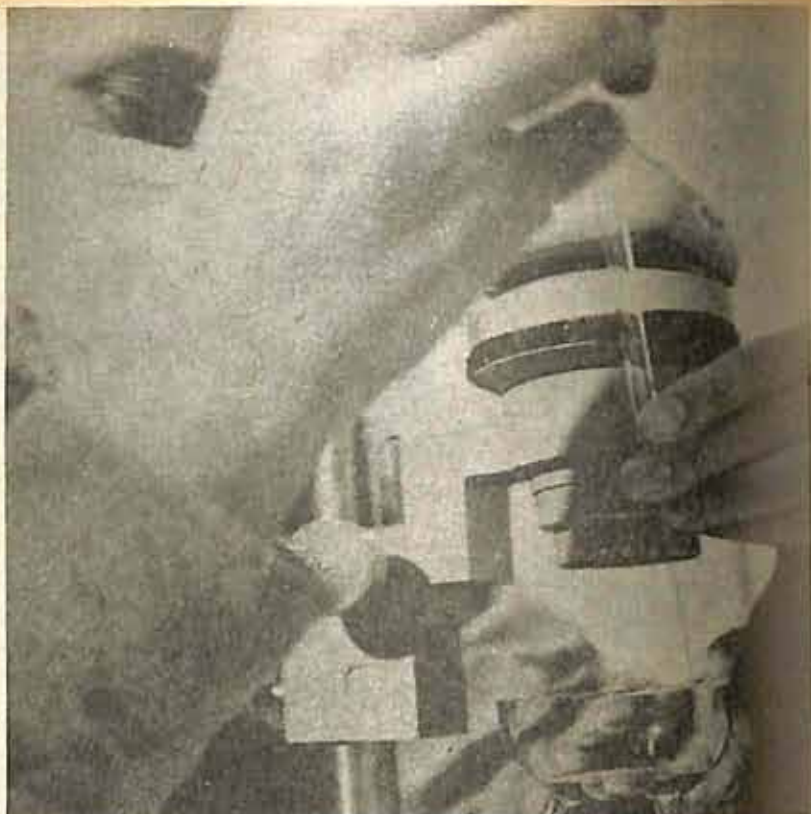
Av. Andrade Neves, 2253 a 2259.

Tel.: 2-6702, 2-9862 e 2-6325

Fábricas em: Campinas (SP), Apucarana (PR),
Curitiba (PR), Passo Fundo (RS).



Ovo fecundado de vaca doadora, antes de sua introdução nos órgãos da vaca incubadora.



O exame microscópico do líquido de lavagem que contém os ovos da doadora.

mantém sua capacidade para conceber, gerar e parir com toda a normalidade seus próprios bezerros.

A obtenção dos ovos é feita sob um trabalho contínuo, tedioso, cuidadoso sob o microscópio. À medida que cada ovo é localizado aumenta-se a magnificação do microscópio para inspecioná-lo mais acuradamente e determinar a conveniência de seu transplante. O número de ovos obtidos de uma doadora varia de uma fêmea para outra, mas sua média é de três a quatro. Entretanto seu número verdadeiro pode ser zero ou ir a 20 ou mais.

O ciclo de vida do ovo bovino é relativamente curto, questão de horas. Daí a grande importância de transplantá-lo o mais depressa possível. Os ICBS o fazem segundo o processo industrial de produção em série. A disponibilidade de um número adequado de mesas cirúrgicas e de equipamento anestésico permite terminar a cirurgia de uma vaca enquanto se faz o preparo de outras.

A vaca receptora é preparada da mesma maneira que a doadora. É escolhida de um plantel em condições de receber por transplante um ovo, visto achar-se em igual fase do ciclo reprodutivo da doadora. Se bem que a vaca receptora não seja um animal tão valioso como a doadora, deve servir perfeitamente para receber um embrião sumamente valioso, tornando-se para isso todas as precauções para assegurar sua saúde e bom estado durante os atos cirúrgicos e depois de feito o transplante.

Na vaca receptora a operação principia com uma pequena incisão abdominal idêntica à da vaca doadora, mas diferentemente do que se faz com esta, na receptora não há necessidade de exteriorizar todo o aparelho reprodutor. O cirurgião faz a punctura ou orifício minúsculo na parede do corno uterino perto de seu entroncamento com o oviduto. Em seguida insere uma pequena pipeta de vidro que contém um só ovo e uma pequena quantidade de solução nutritiva. Força-se a passagem da solução fazendo-a sair da pipeta para a cavidade do corno uterino, ficando assim terminado o transplante. O pequenino orifício fecha e sara por si mesmo. O cirurgião fecha e sutura a incisão abdominal e a vaca receptora é conduzida à sala de recuperação. Ao mesmo tempo outras receptoras vão passando sucessivamente para a sala de operação.

A prenhez pode ser diagnosticada ao cabo de uns 30 dias. As prenhez completas nas vacas receptoras resultam em produtos com as características genéticas da vaca doadora e do touro fornecedor de sêmen. As receptoras não têm nenhuma influência genética nos bezerros que estão em seu ventre. Ao término de um ano a vaca doadora pode ter "produzido" mais bezerros que toda a produção de que seria capaz por prenhez naturais, esperada de sua vida inteira. Entretanto, com o transplante ovular sua vida produtiva apenas se inicia. Seis ou oito semanas depois da primeira opera-

ção o processo pode ser repetido na mesma doadora e com um novo lote de vacas receptoras.

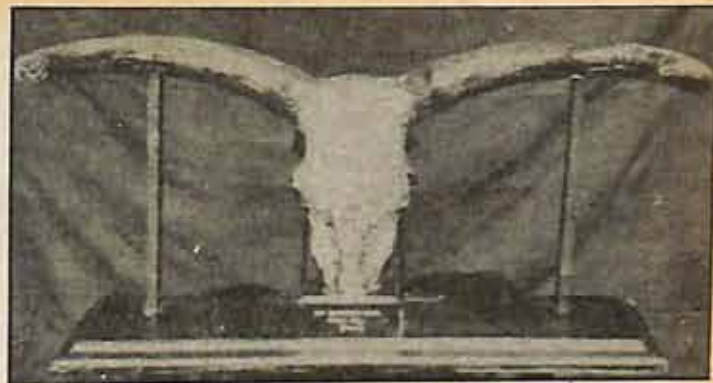
Sob a direção do Dr. M. L. Fahmy, Chefe de Investigação, a empresa leva a efeito estudos para a congelação de ovos de vaca por longo prazo, tal como se faz hoje com o sêmen de touros. Com isso e outros procedimentos que se investigam nos ICBS, talvez se possa inocular cada ovo (inovular) sem necessidade de cirurgia na vaca receptora, por via de uma técnica semelhante à da inseminação artificial.

As implicações que resultam do transplante ovular são realmente espantosas e notáveis. No entanto, trata-se verdadeiramente tão-só da aplicação prática da ciência. Os pecuaristas mais proeminentes podem utilizar presentemente este processo cuja economia e técnicas são precisas e convenientes para acelerar a produção de gado de elite por suas características genéticas. ■

° N. do Trad.: Segundo Mello-Leitão, C. Dicionário de Biologia, Comp. Editora Nacional, s/d, ovo (s.m.) é a célula reprodutiva feminina dos animais, o mesmo que macrogameta. É errado dizer hoje que o ovo é o óvulo fecundado; o óvulo ficou restrito ao megasporângio das Espermatófitas, e os modernos biólogos falam em ovo virgem e ovo fecundado. (Traduzido de "Producción de becerros en vacas incubadoras", Agric. Americanas, 23 (10):6-10, 1974, por L.P. Jordão).



Bos Acutifrons foi o mais antigo membro conhecido da família das vacas. Os chifres desse boi mediam 86,5 polegadas e embora quebrados ainda mediam mais de 3 polegadas de diâmetro.



Bos Namadicus descendeu do **Bos Acutifrons**. Um esqueleto que foi encontrado nas montanhas Siwalik na Índia, foi o primeiro instrumento de pedra bruta reconhecido do primitivo homem daquela área.

A odisséia da vaca leiteira

POR R.B. BECKER E C.J. WILCOX

A vaca do gênero "Bos" tem uma história longa e interessante. As pessoas que examinarem os caminhos da evolução desse animal através dos séculos aprenderão melhor sobre os antecedentes e os serviços prestados por ela: fonte de carne, animal de trabalho, patrimônio seguro, além de ser produtora de bom leite.

O gado primitivo, gênero "Bos", encontrava-se em estado selvagem nos montes Siwalik, na Índia, no começo da Época Glaciária (Época Plistocênica). Em 1874, Hackett descobriu uma caveira de touro numa formação geológica superficial, no Vale Narbada. Seus chifres mediam 22 centímetros, e, mesmo separados ao meio passavam de 8 centímetros de diâmetro. Falconer e Cautley deram-lhe o nome de "**Bos acutifrons**", devido a linha proeminente que descia até a testa. Foi o boi autêntico mais antigo a ser descoberto.

Um crânio "**Bos Namadicus**" foi encontrado mais tarde num terreno mais elevado do Vale Soan. O homem primitivo teve contacto com ele, pois instrumentos primitivos de pedra "artefatos Soan" foram encontrados por perto. Estes eram obtidos, limando-se um calhaus polido pela água, de modo a formar um corte afiado. Lois S. B. e Mary D. Leaky encontraram muitos instrumentos toscos num acampamento primitivo na colônia

de Kenya, localizada no este da África Central.

O frade belga, Ludwig A. Bojanus, reconheceu um crânio de dimensões elevadas como sendo de um boi, achado nos cascalhos nas correntes de um riacho, na França. Chamou-o "**Bos Primigenius**", e colocou uma inscrição em latim, no ano de 1827. Ossos dessa espécie foram encontrados em cavernas com sedimentos contrários, nas camadas mais fundas das povoações lacustres. O "**Bos Primigenius**" era caçado na Europa para prover carne, couro e ossos. Alguns dos animais ficavam somente feridos e escapando, afoavam-se em pântanos de turfas. O professor Sven Nilsson testemunhou a res-tauração de um esqueleto, datado de 1840, encontrado a 3 metros abaixo, numa turfa, em Onnarp, Suécia. O processo lateral de uma vértebra lombar tinha sido quebrado, quando o animal tinha 1 ano de idade. O animal escapou e o osso cicatrizou-se. Quando tinha 5 ou 6 anos de idade, ele abriu caminho pelo gelo e afogou-se.

Trabalhadores escavando para encontrar nódulos de fosfato, sob uma turfa em Burnwell Fen, perto de Cambridge, Inglaterra, encontraram um esqueleto quase completo. Na sua testa foi encontrado um celta quebrado (machado de pedra). Durante uma escavação numa turfa perto de Vig, na ilha de Sjaelland, na Dinamarca, foi descoberto o esqueleto de

um touro com pequenos microlitos de quartzo em duas costelas. Estas são provas de que o homem procurava beneficiar-se com a caça do gado selvagem.

DESENHOS DE GADO PRIMITIVO

Antes da época da história escrita, os artistas pintaram ou gravaram figuras de gado nas paredes das cavernas e nos abrigos das rochas. Abbe Henry Breuil registrou muitos deles. Conseguiu permissão de F.W. Windell para que dois desses quadros fossem reproduzidos da publicação "Four Hundred Centuries of Cave Art". Um quadro na Caverna Lascaux, na França, mostrava um choço perfurando o focinho de um touro "**Bos Primigenius**" e uma lança apontada para sua cabeça. Outra pintura representava uma vaca fugindo.

F.E. Zeuner, autoridade britânica, considerou a domesticação da vaca como a maior aquisição do homem com respeito ao reino dos animais selvagens. O cão tornou-se o maior companheiro de caçadas do homem, como mostram os ossos roídos encontrados nos abrigos das cavernas. Os carneiros e os caprinos foram domesticados a seguir.

Charles A. Reed chegou a conclusão de que os agricultores que colhiam cereais, domesticavam o "**Bos Longifrons**", que eram "ladrões de colheita". Ele acreditava que esses fatos tivessem ocorrido

nas montanhas Zagros, mais ou menos no ano 6.000 A.C.

O "Bos Longifrons" foi levado para o oeste, acima do rio Danúbio, dentro dos Alpes por um povo Ariano, depois para as ilhas Channel e ilhas Britânicas, através de ligações por terra. Através da análise do Radiocarbono-14, foi descoberto o local, perto do Danúbio, cerca do ano 4.000 A.C.. O povo desse lugar se dedicava à agricultura e pesca.

A expedição Frobenius-Fox encontrou pinturas murais no Deserto da Líbia, representando pessoas admirando sua vaca. O grupo de Henri Lhoti's chegou até um "plateau" de arenito submetido a erosão a sudoeste de Trípoli, onde copiou quadros de gado domesticado. Num rebanho de 65 animais, uma carcaça estava sendo retalhada para obtenção de carne.

O secretário Geral Henry Musso dirigiu os membros da "Association for the Study Protection and Illustration of the Valley of Marvels", do Monte Bego, nos Alpes marítimos, para observarem quadros de pessoas arando a terra perfurados nas rochas de xisto verde-azulado tornadas lisas pela erosão de gelo pleistoceno. Os glifos estavam próximos à linha onde não havia árvores e representavam o gado como visto do alto das montanhas.

Ake Fredsjo guiou o cônsul K.M. Andersen e decano da Paróquia de Tanum, Suécia, onde uma espessa camada de gelo havia polido o duro granito rosa e cinza. Uma cena de aradura e bois domesticados eram vistos de um lado da planície. Os desenhos tinham sido feitos com dificuldade, dentro da rocha de granito, ponto por ponto.

NA PALAVRA ESCRITA

Muitas palavras nas línguas Arianas estão relacionadas com gado. "Gopad" era defensor ou deus do gado. A palavra "filha" em Sânscrito e no Grego primitivo referia-se à "leiteira". Palavras correspondendo a dinheiro ou valor tinham relação com gado. Áreas de terra demarcavam pastagens. O gado era um meio de troca ou câmbio. Na astronomia, Touro, o Touro, era parte do Zodíaco. A via Láctea circundava o céu.

Na Sagrada Escritura: a Bíblia menciona muitas vezes os vocábulos gado e leite. Os Hebreus consideravam que na Terra Prometida corria o leite e o mel. A manteiga era servida num prato real. Salomão mencionava o leite entre seus alimentos favoritos. A mãe de Davi enviou-o com 10 queijos ao capitão para que trouxesse notícias de seus irmãos. Nessa ocasião, ele matou Golias com um calhau polido, atirado com sua funda e depois removeu-lhe a cabeça.

Os seguidores da religião de Zoroastro tinham o Avesta, dividido em várias partes. As "Canções de Louvor" prestavam homenagem ao boi:

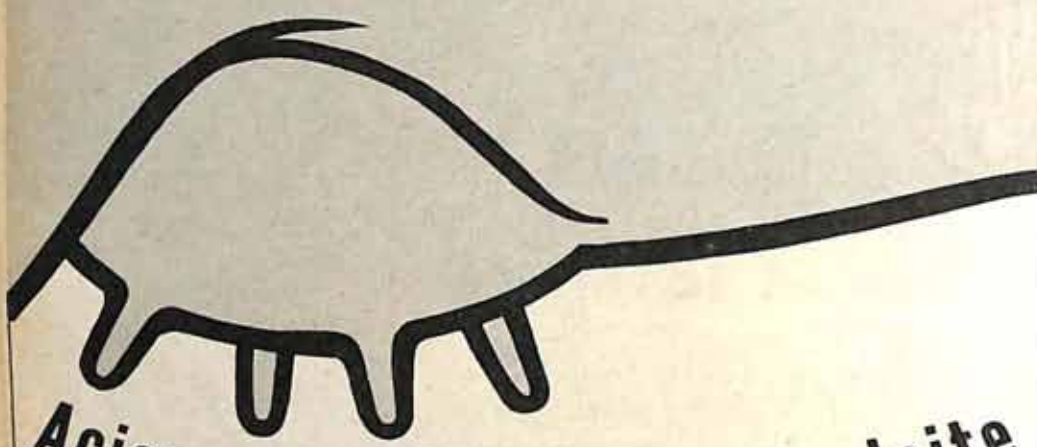
No boi está a nossa força
No boi está a nossa palavra
No boi está a nossa vitória
No boi está o nosso sustento
No boi está o nosso vestuário
No boi está a nossa agricultura
No boi está o nosso alimento"

Os "Hinos Védicos", o livro sagrado mais antigo da Índia, eram escritos em Sânscrito. A divindade Ariana, era mencionada como um touro; as nuvens eram vacas e a chuva o seu leite.

C. Leonard Woolley escavou o templo de Ninkhursag Al'Ubaid, perto de Ur dos Caldeus. Encontrou um friso que representava uma antiga cena de ordenha, a tirada do leite e a sua guarda em recipientes para alimentar o jovem rei. Salomão nasceu em Ur dos Caldeus, 400 anos mais tarde.

Os escritores gregos e romanos descreviam a seleção de bois para o trabalho e o uso das terras para pastagens de seus animais. O inverno de 1853-1854 foi frio e seco. Caiu pouca neve dos Alpes. O nível da água tornou-se muito baixo no lago Zurich. Dois agricultores construíram um dique perto da linha d'água na margem este, entre Dollikon e Meilen e colocaram atrás com lama do fundo do lago. Encontraram chifres de veados, ossos e outros restos domésticos.

O professor do lugar reconheceu alguns objetos de cultura humana e chamou a atenção do Dr. Fernando Keller. As povoações lacustres tornaram-se então conhecidas como tais. Cerca de 200 locais de habitações lacustres foram estudados mais tarde. Ossos de "Bos Primigenius" e de outros animais selvagens foram encontrados em camadas mais profundas. O do "Bos Longifrons" domesticado, juntamente com alguns ossos de carneiros, foram encontrados nas camadas superiores.



Acione a máquina de fazer leite



**RAÇÕES PARA
VACAS LEITEIRAS
BEZERROS
TOUROS**

CONCENTRADO PARA VACAS LEITEIRAS

MOINHO PRIMOR S/A

MATRIZ — São Paulo: Av. Nações Unidas, 7815 (Pinheiros) —
Caixa Postal, 11.104 — Telefone: 210-3822 PABX
End. Tel. "RAÇÕESPRIMOR" — São Paulo

FILIAL — Paraná: Av. Marinho da Rocha, 2141 — Telefone: 22-0432
APUCARANA

Instrumentos de osso e de pedra, cerâmica primitiva e armas de madeira foram encontrados nas camadas inferiores do entulho.

Os estágios culturais progrediam vagarosamente. O bronze foi trazido para a Bretanha pelas regiões do Reno. As forças romanas ocuparam grande parte da Bretanha, desde 55 A.C. até 400 D.C. os Saxões se fixaram a partir de 447 D.C.

Os Escandinavos invadiram a Inglaterra e mais tarde levaram gado mocho para as instalações costeiras. O domínio feudal desenvolveu-se gradualmente sob o divino direito dos Reis. Homens livres e pequenos arrendatários "recomendavam-se" para maior proteção. Lord Ernle (R.E. Prothero) descreveu a evolução da Agricultura Inglesa a partir do sistema senhorial. Muita terra era cultivada em comum e a criação era pastoreada durante a estação da safra.

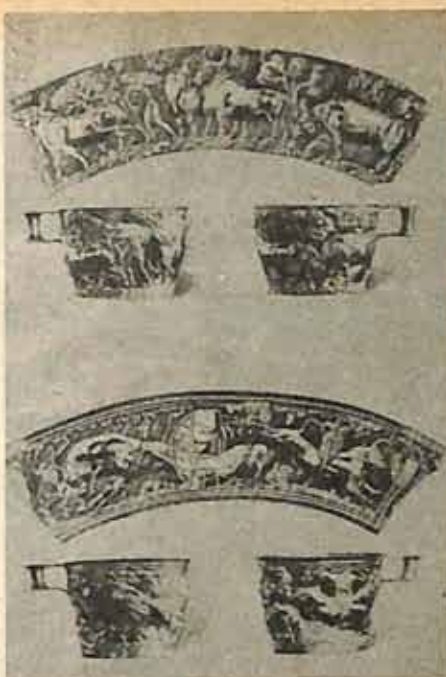
Depois dessas colheitas os animais procuravam às soltas o restolho e os resíduos das safras. Os touros do povoado e os carneiros não castrados corriam em liberdade. Um pouco da forragem podia ser guardada para as estações de escassez. Muito gado tornava-se fraco e descarnado. Grupos de homens iam de estábulo a estábulo colocavam o gado fraco numa carreta e dirigia-o para os pastos novos, na esperança de que ele sobrevivesse. Estes eram chamados "dias de recuperação".

As feiras e mercados eram contratados para troca ou venda de gado ou de produtos específicos de agricultura. Os que escreviam sobre agricultura descreviam o gado pela raça, ou como gado preto, vermelho e malhado. Este também era chamado da espécie Holandês, na costa nordeste da Inglaterra, para onde alguns animais tinham sido levados dos Países Baixos através do "Oceano Germânico" (Mar do Norte).

George Culley foi o primeiro a reconhecer "tipos" de gado, um como sendo o "Alderney", como eram chamados os das ilhas Channel. Ambas as espécies Holandês e Alderney requeriam alimentação mais rica do que a que era requerida para outro tipo de gado.

As sociedades de agricultura foram organizadas, uma das primeiras na Escócia, em 1723. Em 1756 os primeiros prêmios foram distribuídos para queijo de leite de vaca, para manteiga salgada e para o maior número de bezerras alimentados e vendidos aos açougueiros com pelo menos 6 semanas de idade.

O Parlamento aprovou perto de 4.000 leis entre 1760 e 1884, que autorizavam as comitativas a dividir terras públicas entre os primeiros usuários. Esta mudança permitiu aos lavradores ou criadores planejarem individualmente seus sistemas de colheita e selecionarem os touros e carneiros não emasculados para uso de seus animais. Começaram o cultivo dos trevos e nabos em sulcos. Melhores rações permitiram aos criadores melhorarem as condições e qualidade de seus animais.



Duas taças de ouro do túmulo em Vaphio, Grécia, mostrando **Bos Primigenius**, presos em armadilhas e domesticados.

Uma cena semelhante de lavoura foi laboriosamente esculpida, ponto por ponto, em granito rosa e cinza, perto de Tanum, Suécia.



Barbara Gilmore fugiu para a Irlanda para evitar a perseguição religiosa. Ela voltou em 1688 para a fazenda de Hill na freguesia de Dunlop sabendo como fazer queijo.

John Dunlop trouxe algumas grandes vacas de cor vermelha e branca de Teeswater e de outra qualidade britânica, que eram boas leiteiras. O Conde de Marchmont comprou um touro e várias vacas grandes do bispo de Durham. Espalhou-se a indústria do queijo tornando-se conhecidos os queijos de Dunlop, devido a sua alta qualidade.

A medida em que o gado de cor aumentava, foi ficando conhecido, primeiro como Dunlop, depois como Cunningham (do distrito) e "Ayrshires" primeiramente pelo Reverendo David Ur, 1793.

O clube dos agricultores Kilmarnock, fundado em 1786, apresentou sua primeira exposição de gado em 1793. Gilberto Burns escreveu 2 anos depois que "... muito fica por fazer. Deve ser dada atenção à aparência total do animal, como a sua cor e chifre".

Os juizes da exposição gradualmente começaram a dar muita atenção às tetas pequenas e bem colocadas no úbere e outros detalhes. O duque de Athole considerava que havia um certo exagero nisso e cria que a produção de leite é que devia ser levada em conta. Ele patrocinou a primeira experiência feita durante 5 dias em Ayr, em 1860, com 5 vacas competindo. Eventualmente uma "Nova Exposição" deu ênfase à produção na avaliação de "Ayrshires" na pista.

A Sociedade de Promoção da Agricultura de Massachusetts estava entre os primeiros importadores de Ayrshires, colocando-os como elementos que concordavam em multiplicar essa espécie e mantê-la pura. O secretário mencionou que uma de suas vacas teve 4 crias todas de primeira classe. Ele comparou esses animais com as famosas vacas "nativas" que não deixavam progênie igual a elas mesmas.

A grande vaca "Brown Swiss", (Schwyz), desenvolveu-se mesmo antes da Confederação da Suíça ser organizada por ajustamentos de fronteiras depois da Guerra Napoleônica. A raça descendia principalmente do antigo "Bos Longifrons" de tamanho maior devido, em parte, a alguns imigrantes germânicos na Liga das Três Comunidades, durante a era feudal. Seus animais ajudaram a melhorar o tamanho do gado. O de tamanho maior foi popularizado e foi espalhado devido à influência das exposições.

Os Schwyz eram julgados por sua tripla finalidade: leite, trabalho e carne. As fazendas eram pequenas e as raças às vezes ficavam por meio dia arreadas para produzir e carregar ração para as outras vacas no estábulo. Bezerras de ano e algumas vacas pastavam nas montanhas durante cerca de 90 dias no verão.

As primeiras vacas "Schwyz" foram selecionadas desse grande gado em 1869, por Gottfried Burgi, para embarque para Henry M. Clark de Belmont, Massachusetts, um touro e sete novilhas cobertas. O sistema de exposição de raça-de-touros e de vacas foi sem precedentes para localizar animais de procriação.

O gado "Schwyz" foi exibido como gado de dupla finalidade nos Estados Unidos, inicialmente devido ao seu tamanho. Entretanto, os criadores do "Schwyz" queriam competir no National Dairy Show em Chicago em 1906 que era destinada somente para raças leiteiras. Os criadores se encontraram com o Secretário A. S. Glover (editor do Hoard's Dairyman 1918-1949) e votaram pela declaração do "Brown Swiss" (Schwyz americano) como uma raça estritamente leiteira.

H.E. Goode descreveu a influência das exposições: "A exposição colocou os "Brown Swiss" no caminho do progresso rápido para as características de indústria leiteira e a experiência oficial foi o fator que demonstrou a produtividade da raça".

O gado Gurtenvieh, ou "confinado" desenvolveu-se nos vales do Tirol e no cantão Appenzell no nordeste da Suíça, mas desapareceu devido ao uso dos touros

"Brown Swiss" posteriormente aparecidos na região. O rei de Württemberg comprou seus resultados com outras raças e verificou que elas se aproximavam das raças: "Friesian" e "Brown-Swiss" na produção de leite.

A nobreza levou-as aos Países Baixos e manteve pequenas fazendas de bons animais. T.R. Pirtle declarou que 69 cabeças de gado "Dutch Belted" foram importadas antes de 1920. Jesse Holbert perdeu 42 animais num incêndio. Na "World's Columbian Exposition" em Chicago, em 1893, 16 cabeças foram exibidas, 13 das quais foram vendidas para a cidade do México, depois da exposição.

A raça Guernsey foi criada na Comarca de Guernsey, na ilha de Guernsey de 24,5 milhas quadradas. Os veleiros aportavam na ilha de Alderney (506 milhas quadradas) como última escala, na volta dos portos ingleses. Os marinheiros diziam terem vindo de "Alderney", daí o nome ser aplicado tanto ao gado Guernsey como ao Jersey, na Bretanha e na América.

A marca registrada dos produtos Guernsey é a cor forte do seu leite e da manteiga, devido à passagem do caroteno das ferragens sem mudança, para o leite. O caroteno é a fonte da vitamina A na nutrição, daí vem sua popularidade e valor.

O "Enclosure Act" de 1717 restringiu o gado em liberdade, permitindo aos criadores planejar os acasalamentos para melhorar seus animais. O "Queen's (King's) Cup Show" representou o ápice de qualidade nas filhas. O sistema de registro de produção foi adotado da mesma forma que o usado nos Estados Unidos. Todos os touros "Guernsey" que são do público têm que atender a condições.

A raça de gado conhecida como "Holtstein-Friesian" nas Américas, é chamada "Friesian" nos Países Baixos e em muitas partes dos Domínios Britânicos.

Têm havido aumentos substanciais na percentagem de gordura na manteiga e em alguns dos sólidos — não gordurosos — ou nos conteúdos de caseína no leite "Friesian" o que muito contribui para a melhoria da raça nos Países Baixos.

O gado "Jersey" vem sendo o maior das principais raças leiteiras, ainda em John Perree, há muito tempo um criador e exportador de "Jersey", tenha declarado em 1938, que a procura Americana levou à criação de animais maiores na ilha do que anteriormente. A estatura é uma das características que é enfatizada para o tipo na classificação dos "Jerseys", hoje em dia.

A ORDENHADEIRA ALFA-LAVAL LHE DÁ MUITO MAIS DO QUE LEITE. DÁ LUCROS

A ordenhadeira Alfa Laval foi projetada não somente para reduzir em 50% o tempo de ordenha, mas também para melhorar a saúde dos úberes.

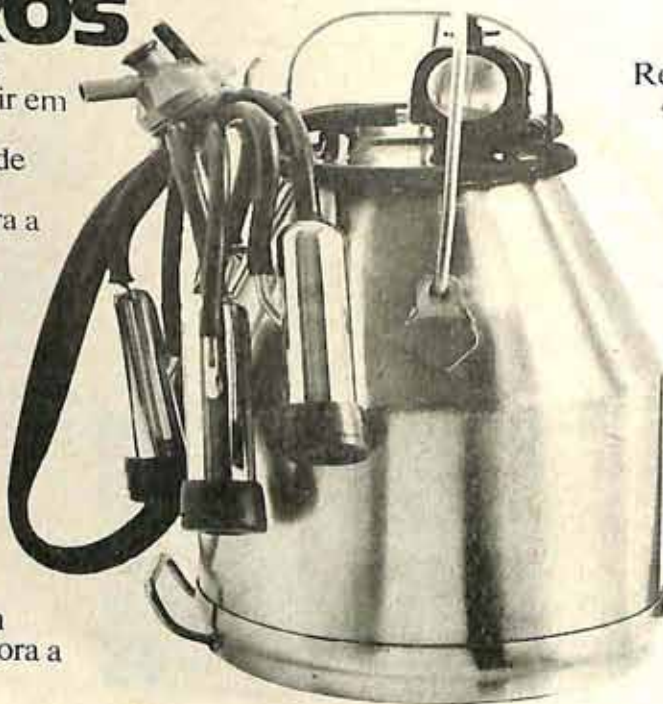
Reduz a mão de obra, melhora a higiene e a qualidade do leite.

Ela assegura um aumento de 5% no rendimento de cada vaca.

Faça os cálculos. Ordenha após ordenha, dia após dia.

É uma quantidade que não deve ser desprezada.

O desenvolvimento técnico do hidropulsador Alfa Laval além de garantir uma sucção rápida e eficiente, proporciona à vaca uma agradável sensação de massagem que estimula a produção e melhora a circulação sanguínea do úbere.



Retira todo o leite em apenas 4 ou 5 minutos, sem deixar praticamente nenhum leite residual.

Hoje, a maioria dos criadores, preocupados em melhorar cada vez mais o seu rebanho, usa a ordenhadeira Alfa Laval. Eles já sabem como tirar lucro fácil do leite.

ALFA-LAVAL
Separadores Alfa Laval S.A.
Av. das Nações Unidas, 3115 - Santo Amaro
Tel.: 247-0344
Caixa Postal: 2952 - S.P.

Há, no mínimo, duas razões muito importantes para se semear o Colonião **AGROCERES**

A primeira, é que o Colonião Agroceres tem alto Valor Cultural. Isso quer dizer que as porcentagens de pureza e germinação do Colonião Agroceres estão acima da média. A segunda, é que essas sementes levam a garantia Agroceres. Quando você compra Colonião Agroceres, pode ter certeza de que receberá, realmente, sementes de Colonião de alta qualidade. Sem misturas.

As sementes do Colonião Agroceres, com germinação e pureza garantidas, permitem que

a formação de pastagens seja efetivada em menos tempo. Consequentemente, não há perda de trabalho.

Nem de dinheiro. (você economiza carroto, pois gasta muito menos sementes). Quem quer formar pastagens mais rapidamente, a custos menores, semeia o Colonião Agroceres. Se você está interessado em formar melhores pastagens, fale conosco. Qualidade em sementes de gramíneas e leguminosas forrageiras leva a marca



AGROCERES

Reservas com o Sr. Bellini,
pelo tel.: 35-7354 - S.P.

Av. Dr. Vieira de Carvalho, 40 - 3.º
Tels.: (PABX) 36-1590, 32-4811, 32-1646, 35-9541 e
239-1584 - São Paulo - S.P.

FAZENDAS

SANTA RITA DE MINAS LTDA — VERÍSSIMO — MG
SANTA CLARA — VERÍSSIMO — MG
SANT'ANA — VERÍSSIMO — MG

PROPRIETÁRIOS

OSWALDO MAESTRELLO e
NILO PEREIRA DA SILVA

ENDEREÇO: Escritório Central: Rua 7 de Setembro, 965 — Tel. 25-0997
RIBEIRÃO PRETO — SP

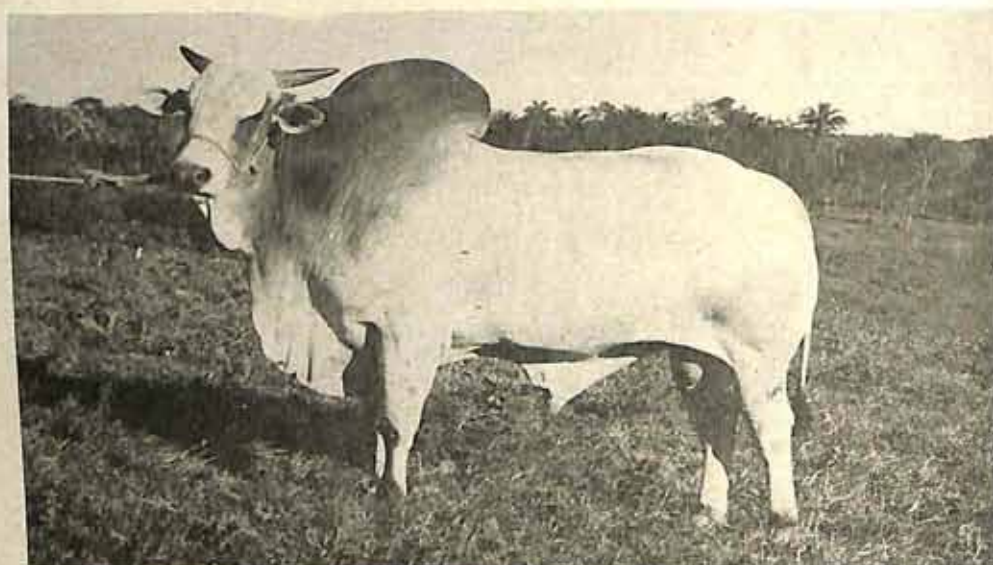
MARCA
DO
GADO

SR



MAIOR
PESO
EM
MENOR
TEMPO

Denia da Sta. Rita, Diarca da Sta. Rita, Direta da Sta. Rita,
Drusa da Sta. Rita, Ducha da Sta. Rita e Dobrada da Sta. Rita.



GAVARRO DA RANCHO VERDE — nasc. 20-12-69, contr. 1.212,
reg. 7.758. Peso atual (63 meses): 960 kg.

PATERNAL		MATERNA	
BASTA - IMF	GENEALOGIA	VASCONTA 1212	
R. N.º 7084		R. N.º 8223	
		INDIO-OM	
		R. N.º 891	
		DIANA-OM	
		R. N.º 3062	
		ALGAZARRA-IBD	

A produção de carnes Bovinas

O autor deste trabalho, E. M. Hutton, é Chefe da Divisão de Agronomia Tropical da CSIRO, mundialmente famoso órgão de pesquisa australiano, com sede em Mill Road, Queensland. Nele são enfatizados vários tópicos importantes sobre pastagens de diferentes países tropicais, mormente latino-americanos, com destaque especial para várias gramineas e leguminosas relativamente conhecidas de pecuaristas brasileiros.

A

alimentação dos animais em curral é considerada a única forma eficaz de produção de carne bovina. Embora ela produza carne de qualidade superior, os custos são elevados e a demanda do produto

é orientada para a carne boa mas de preços conveniente. No decorrer dos últimos 15 a 20 anos as investigações realizadas na Austrália sobre produção de bovinos tropicais demonstraram que o tipo de carne para os mercados internos e externos pode ser produzido a baixo custo nas pastagens tropicais melhoradas.

Os trópicos encerram considerável potencial para enfrentar a crescente demanda mundial de carne bovina mediante melhoramento extensivo dos pastos. Austrália e vários países da América do Sul e da África dispõem de grandes áreas de pastos tropicais, savanas ou glebas de solos áridos e inférteis. Entre as primeiras zonas em apreço podem ser citadas a zona de "speargrass" (espécie de capim-lanceta) *Heteropogon contortus*, da região nordeste da Austrália, as regiões de cerrado e a Amazônia do Brasil, as planícies da Venezuela e Colômbia. Essas terras são impróprias para a cultura agrícola e relativamente baratas, mas semeadas para formação de pastagens baseadas em leguminosas melhoradas, são capazes de produzir elevadas quantidades de carne bovina boa e barata. O gado apascentado movimenta-se, alimenta-se e propaga-se com plena autonomia e com insumos mínimos converte as forragens fibrosas em proteínas de alta qualidade. O sistema de pastejo, ao contrário do que sucede com o de cultivo e de engorda com cereais, exige poucos combustíveis fósseis. Melhorando e fertilizando as pastagens mistas de leguminosas-gramíneas aumenta-se marcadamente o rendimento de car-

ne, graças à maior capacidade suporte, o menor tempo necessário para alcançar o peso de abate, as maiores porcentagens de parição e a cobrição mais precoce das novilhas.

Durante a estação seca o gado vacum conserva ou aumenta em geral seu ganho de peso vivo nas pastagens melhoradas que são de melhor qualidade maior resistência à seca que as naturais ou indígenas.

Em muitos países o melhoramento das pastagens tropicais ainda se acha em seus albores e seu desenvolvimento depende da combinação dos atuais conhecimentos com intenso programa de investigação. A investigação deve concentrar-se na ministration de leguminosas e gramíneas adaptadas, na correção das deficiências de elementos nutritivos do solo e numa utilização mais eficaz dos pastos pelos animais. Estes são os três principais temas que serão tratados neste artigo.

LEGUMINOSAS E GRAMÍNEAS TROPICAIS EM PASTAGENS MELHORADAS

A Austrália é surpreendentemente deficiente em leguminosas e gramíneas aborígenes que possam ser utilizadas como base para melhoramento de pastagens e quase todos os nossos cultivares pratenses (variedades cultivadas para prados ou pastagens) derivam de introduções procedentes das Américas Central e do Sul, assim como da África. Há um campo considerável para que os investigadores latino-americanos e africanos selecionem cultivares pratenses prometedores de suas regiões ricas em gramíneas e leguminosas indígenas. Em muitos dos países tropicais um dos principais fatores limitantes do melhoramento das pastagens em grande escala é a falta de fornecimento de sementes relativamente baratas de cultivares pratenses.

Dentre as leguminosas tropicais obtidas na Austrália figuram o estilosante de

Townsville (*Stylosanthes humilis*), o estilosante perene (*S. guyanensis*), o siratro (*Macroptilium atropurpureum*), a centrosema (*Centrosema pubescens*), o desmodio-de-folha-verde (*Desmodium intortum*), a glicínia ou soja perene (*Glycine wightii*), a puerária (*Pueraria phascoloides*) e a leucena (*Leucaena leucocephala*). Várias destas espécies têm diversos cultivares e quando houve necessidade selecionaram-se e criaram-se outras novas para superar as deficiências existentes.

O estilosante de Townsville provém de uma introdução acidental no norte da Austrália, havida em torno de 1900. Quando semeado nas pastagens de "speargrass" (*Heteropogon contortus*), indígenas, especialmente com a aplicação de superfosfato, aumenta marcadamente a produtividade durante todo o ano (Shaw, 1961). No norte da Austrália foram introduzidos muitos ecótipos de *Stylosanthes* e vários deles foram selecionados por seu potencial como nova leguminosa pratense. Recentemente foi distribuído como novo cultivar de leguminosas uma linhagem de *Stylosanthes hamata* com o nome de "Verano Caribbean stylo", mais produtiva e persistente que o estilosante de Townsville (Anon., 1973). Também oferecem perspectivas promissoras para os trópicos monçônicos mais áridos da Austrália, linhagens selecionadas de *S. viscosa* e *S. scabra*.

Entre as gramíneas tropicais mais importantes figuram o capim-colônio (*Panicum maximum*), o "green panic" (*P. maximum* var. *trichoglume*), o "buffel" (*Cenchrus ciliaris*), o capim-de-rodas (*Chloris gayana*), a setária (*Setaria anceps*), o capim-pangola (*Digitaria decumbens*) e o "sinalo" (*Brachiaria decumbens*). Cabe também mencionar o *Paspalum plicatum* que pode tolerar solos sumamente ácidos. Como grande proporção das pastagens tropicais consiste de gramíneas que perdem rapidamente seu valor forrageiro com a maturidade é evidentemente necessário obter novos culti-

Venda Permanente
Holandês P.O. e P.C.
Cavalos Mangalarga
Reprodutores



Nosso lema é: «Servir bem,
para servir sempre».

FAZENDA VALE VERDE

Município de Arujá — Estado de São Paulo. A 5.800 m do início da Mogi-Dutra
Em São Paulo: R. Nova Barão, Edif. III, 5.º andar, conj. 505 — Fones: 32-9941 - 37-5705

vares de gramíneas com maior capacidade para manter a ingestão e digestibilidade durante todo o ano. O valor nutritivo das leguminosas declina lentamente com a idade, de forma que as pastagens com grande porcentagem dessas forrageiras tendem a manter a qualidade e a produção animal durante todo o ano. Quando a pastagem tem leguminosas suficientes, evita-se também que os teores de proteína baixem a mais de 7% e fique limitado o consumo da gramínea tropical associada (Milford & Minson, 1966). As pastagens mistas de leguminosas-gramíneas bem formadas e de alta produtividade contêm cerca de 40% de leguminosas no momento culminante da atividade vegetativa (Evans, 1970).

Entre os vários exemplos de misturas de gramíneas-leguminosas tropicais para solos pobres solódicos e latossólicos e sua densidade de semeadura por hectare figuram os seguintes:

1. Para uma precipitação anual de 1.500-2.000 mm, em época seca de 4 meses, as misturas e suas densidades de semeadura adequadas por ha são: centrosema 3 kg; puerária 2kg; estiloso-perene 2kg e capim-colômbio 3kg.

2. Para uma precipitação anual de 1.000-1.500 mm e uma época seca de 4-5 meses: siratro 3 kg (ou siratro 2 kg + centrosema 2 kg); estiloso-perene 2 kg e capim-colômbio 3 kg.

3. Para uma precipitação anual de 600-1.000 mm e um período seco de 7-8 meses: nas zonas mais favoráveis, siratro 3 kg; "buffel grass" 3 kg ou "green panic" 3 kg; nas zonas monônicas áridas e quentes, o estiloso de Townsville 3 kg; o "Verano Caribbean stylo" 3 kg, semeados sobre a gramínea nativa.

Com exceção da leucena, em geral, não há dificuldades para o estabelecimento da maioria das leguminosas e gramíneas citadas. O método mais custoso de estabelecimento é o arrancamento e queima dos arbustos seguido de aração e gradagem para obter uma boa base para a pastagem mista. O processo mais barato consiste em reduzir a densidade dos arbustos matando-os com "Tordon" (herbicida), fazer pastar o prado muito rente



Pastagem de setária-de-folha-verde — desmódio Nandi, bem equilibrada, em que se aplicaram 250 kg/ha/ano de superfosfato simples e 60 kg/ha/ano de cloreto de potássio, com pastejo contínuo, à razão de 1,7 cabeças por ha, na Samford Pasture Research Station, perto de Brisbane, Austrália.

ao solo ou queimando-o para estabelecer em seguida a mistura pratense na superfície com uma grade de discos, uma semeadeira distribuidora de superfosfatos e um rolo, todos eles combinados e arrastados por um trator. Uma aplicação suficiente de superfosfato simples é importante no momento do estabelecimento e depois anualmente para manter o equilíbrio e vigor das pastagens mistas de leguminosas-gramíneas nos solos áridos e pobres.

LEUCENA, VALIOSA LEGUMINOSA ARBÓREA

A leucena medra em solos bem permeáveis dos trópicos, com uma precipitação anual de 900-1.000 mm ou mais. Pode ser empregada como forragem rica de proteínas para fins especiais (Hutton

& Bonner, 1960) para acabamento rápido de animais de engorda e para obter alto rendimento em leite das vacas. O bovino de corte que paste essa leguminosa frequentemente ganha 1 kg diário. Devido à sua resistência à seca a leucena também serve para proporcionar aos bovinos um alimento de boa qualidade durante essa estação quando sói acontecer grave escassez de proteínas e de calorías digestíveis. Contém até 10% de mimosina, inibidor indesejável da divisão celular (Hogarty et alii, 1964), que em geral se decompõe no rúmen, pelo que as vezes pode ocasionar perdas de pelos na região da anca e da cauda e mau estar passageiro.

A leucena adapta-se aos solos calcários, mas também cresce bem em solos ácidos nos quais seu estabelecimento é auxiliado pela aplicação de 250 kg/ha de carbonato

FAZENDA RIO DAS PEDRAS

BARÃO GERALDO — FONE 9-7789 — CAMPINAS — SP

Proprietária: ADALPRA S. A. AGRÍCOLA E COMERCIAL

Presidente: J. ADHEMAR DE ALMEIDA PRADO

Criador de gado Santa Gertrudis, Schwyz e Red Sindi

de cálcio anexado aos 250 kg/ha ou mais de superfosfato essencial. A semente é deixada em água a 80°C durante 4 minutos e depois de inoculada com o rizóbio específico é imediatamente semeada, sobre a superfície, à razão de 4 kg/ha, em sulcos espaçados de 2,5-3 mm. Durante o estabelecimento a leucena é muito suscetível à competição das ervas daninhas. Quando tem quase 1 m de altura pode ser semeada entre as fileiras uma gramínea adequada como o capim-colômbio, a setária, o pangola ou a *Brachiaria decumbens*, com a qual obtém-se uma pastagem de duas camadas bastante produtiva. Pangola e braquiária são gramíneas de boa qualidade, muito competitivas para todas as leguminosas rasteiras e sua associação com a leucena permite aproveitar suas vantagens, sem recorrer a um dispendioso regime de fertilização nitrogenada.

Em condições favoráveis as pastagens mistas de gramíneas-leucena podem suportar uma densidade de pastejo de 2,5 animais ou mais por hectare, preferentemente em rotação, com intervalos prolongados de utilização, o que reduz ao mínimo os problemas da mimosina, mantendo a persistência e o vigor. Os talos flexíveis da leucena resistem ao pisoteio, o que também constitui fator importante para sua persistência. Prestando-se a devida atenção às densidades de pastejo, será mantida a massa de forragem bem equilibrada, mas, se necessário, com uma carpa intensiva pode-se combater a vegetação que fica fora do alcance dos animais.

DEFICIÊNCIAS MINERAIS DO SOLO

A correção dos diferentes solos quanto às deficiências de elementos nutritivos das plantas é vital para a persistência e produtividade das pastagens mistas de leguminosas melhoradas e gramíneas. Os solos ácidos, pobres, costumam ter carência de nitrogênio e este elemento é fornecido pelas leguminosas ou fertilizantes nitrogenados. Estes últimos não produzem rendimento, a não ser em situações muito favoráveis e há vários problemas associados ao seu emprego — outros elementos nutritivos importantes, tais como fósforo, enxofre e potássio são necessários; a perda de nitrogênio pelo ar; os efeitos acidificadores; o nível de ordenação necessário e o valor nutritivo relativamente pequeno da massa de forragem produzida (Henzell, 1968).

O fracasso das pastagens mistas de leguminosas melhoradas e gramíneas em várias zonas tropicais é devido frequentemente à pouca atenção dispensada aos problemas de nutrição das plantas. O principal requisito para conservação da produtividade de uma pastagem costuma ser a aplicação de um superfosfato simples que forneça tanto o fósforo como o enxofre, elementos de igual importância na nutrição das leguminosas e gramíneas (Andrew & Robins, 1969; Andrew e cols., 1974). O nível de nitrogênio nas leguminosas pratenses guarda uma relação íntima com seu teor de fósforo (Andrew & Robins, 1969). A necessidade de calagem é mínima, posto que as leguminosas



Vacas Droughtmaster (Shorthorn x Brahman) pastando a razão de 0,4 cabeça por hectare em pastagem de estilante-de-Townsville-capim-lanceta, em que se aplicaram 125 kg/ha/ano de superfosfato simples, na Landsdown Pasture Research Station, perto de Townsville, Austrália.

tropicais mais importantes (exceto a soja-perene) e as gramíneas estão adaptadas aos solos ácidos e as leguminosas têm, além disso, capacidade para extrair cálcio de solos pobres deste elemento (Andrew & Norris, 1961).

As necessidades das leguminosas tropicais em cálcio e rizóbios já foram documentadas (Norris, 1966, 1967) e algumas dessas plantas inclusive a leucena e várias espécies de estilantes requerem rizóbios específicos. É freqüente a deficiência de molibdênio nas leguminosas que crescem em solos ácidos, o que pode ser corrigido com aplicações periódicas de 100-200 g/ha do princípio ativo, o trióxido de molibdênio, como suplemento do superfosfato utilizado, ou revestindo as sementes da leguminosa com o trióxido (Kerridge e cols., 1973), ou ainda pulverizando a pastagem com solução que contenha amoníaco ou molibdato de sódio. Por vezes há necessidade de microelementos tais como cobre e zinco e em alguns solos observam-se carências de potássio em pastagens velhas com longa utilização de pastejo.

A aplicação de superfosfatos relativamente baratos é vital para que os países latino-americanos, africanos e alguns da Ásia sul-oriental intensifiquem sua produção de carne bovina utilizando pastagens baseadas em uma leguminosa. Para fornecer fósforo e enxofre, elementos essenciais, em quantidades suficientes para o sistema de pastagens, poderá haver necessidade de se aplicarem 125 kg/ha/ano de superfosfato simples, quando a precipitação anual é inferior a 1.000 mm e de 250 kg/ha/ano, ou mais, quando a precipitação anual ultrapassa 1.000 mm. O valor da carne produzida adicionalmente a partir de uma pastagem vigorosa e bem equilibrada do norte da Austrália é pelo menos 10 vezes maior do que o custo do superfosfato necessário. Em solos muito ácidos (4,0-5,0 de pH) os fosfatos solúveis reagem com os compostos de alu-

mínio e ferro, formando produtos insolúveis; mas com a aplicação de cal à razão de 250 kg/ha ou mais, aumenta-se a capacidade de assimilação e de utilização do fósforo pelas plantas forrageiras. Quando se empregam doses de 250 kg/ha/ano de superfosfato, a produção de carne bovina

FAZENDA RIBEIRÃO DOS DOURADOS CONQUISTA — MG SELEÇÃO DE INDUBRASIL

Dr. Roberto Cortez
Magalhães Gomes

Rua São Sebastião, 40
Fones: 32-1371 - 32-3576
UBERABA - MG

MARCA

CARIMBO

71

C1



MONGE — Reg. 2564
Peso 1020 kg

Sêmen à venda
a cargo da CIPARI



Ferro, cobre, cobalto, manganês, zinco, iodo e cálcio, fórmula completa criada pelos técnicos da Associação Brasileira de Criadores, (ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos) para assegurar a fertilidade, a saúde e a lucratividade do rebanho, tanto de corte como de leite.

Adiciona-se ao sal comum, na proporção de 1 quilo para 60 quilos e, à ração, na quantidade de 2 gr. para cada litro de leite produzido.

Embalagens plásticas de 1 quilo.
Preço: 13,00 (1 quilo)

O ABC DA CRIAÇÃO DE GADO: SAIS MINERAIS CONCENTRADOS ABC

ABC ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
(ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos)
Rua Jaguaribe, 634 - Tels.: 51-6960 - 51-6380 - 51-6963
51-6498 - Caixa Postal 9194 - São Paulo - SP.

extrai 2 kg/ha/ano de fósforo do sistema leguminosas-gramíneas, assim que as aplicações ordinárias desse fertilizante se traduzem por um acúmulo de fósforo no solo, até a profundidade de 10-12 cm. Como o superfosfato tem marcado efeito residual (C. K. Jones, 1968) pode-se chegar a uma fase em que a produção animal não é afetada de forma notável, reduzindo a quantidade de aplicação anual de conservação ou utilizando aplicações periódicas, especialmente nas zonas mais áridas. No entanto, o acúmulo de fósforo no solo só é de assimilação lenta pelas plantas pratenses; conseqüentemente é necessária uma reposição sistemática de fósforo facilmente assimilável (como o superfosfato) para manter o vigor, especialmente no caso das leguminosas. As necessidades de fósforo das plantas podem ser determinadas mediante análises de solo, mas como a planta apresenta fatores relativos ao solo e ao ambiente, a análise foliar, especialmente das leguminosas, constitui o melhor indicador das necessidades de fósforo e de outros elementos nutritivos das pastagens (Andrew, 1968).

SISTEMAS PRÁTICOLAS PARA AUMENTAR A PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA

Nos trópicos, as pastagens nativas, sem melhoramento, ocupam grandes extensões em muitas das explorações durante tempo considerável no futuro, de forma que se impõe um sistema integrado no qual sejam aproveitados da melhor maneira durante todo o ano, tanto as pastagens aprimoradas como as nativas. Deve-se evitar o superpastejo das áreas melhoradas utilizadas para acabamento da engorda e para a estação de monta das vacas a fim de aumentar a taxa de reprodução. As pastagens nativas produzem brotos tenros de boa qualidade no início da temporada vegetativa, mas, à medida que vão amadurecendo seu valor forrageiro declina rapidamente. Especialmente as pastagens nativas ficam acentuadamente deficientes de proteínas, de forma que podem ser utilizados com variação, na época seca, suplementos tais como os contidos em cilindros de lambede melado-uréia (Alexander, 1972). A seguir são dados alguns exemplos de vários sistemas práticos baseados em uma leguminosa, que permitiram aumentar bastante a produção de carne bovina no norte da Austrália e que poderão ser aplicados em zonas semelhantes, em outros países tropicais:

Exemplo 1: — O vale costeiro úmido de Queensland meridional, Austrália, onde a precipitação anual varia de 1.750 mm ao sul a 1.000 ao norte, é uma região de áreas ácidas e brancas, sumamente inférteis, onde os investigadores criaram pastagens baseadas em uma leguminosa produtiva (Brejan, 1973; Evans & Brejan, 1973). Em outras zonas tropicais encontram-se algumas regiões semelhantes. A aplicação inicial em doses fortes de superfosfato simples, carbonato de cálcio e cloreto de potássio, com adição de elementos secundários tais como cobre, zin-



Cultura de leguminosa centrosema na Beerwah Research Station a 80 km ao norte de Brisbane, Austrália.

co e molibdênio são indispensáveis para o estabelecimento de pastagens. A dose anual de conservação que faz falta por hectare é de 250 kg de superfosfato e 60 kg de cloreto de potássio. As leguminosas empregadas foram o desmódio-de-folha-verde, o lotononís Miles (*Lotononis bainesii*), o trevo-branco (*Trifolium repens*) e as gramíneas englobavam o capim-pangola, o capim-mel (grama-comprida, *Paspalum dilatatum*), o panizo e o *P. plicatum*. Com densidade de pastejo de 2,47 novilhos/ha obtiveram-se com estas pastagens ganhos em peso vivo de até 365 kg/ha na parte meridional do vale e de 480 kg/ha na setentrional. O trevo-branco-de-Quênia (*Trifolium semipilosum*) é uma leguminosa que poderá aumentar a produtividade das pastagens desta zona (R. J. Jones, 1973).

Exemplo 2: — A costa úmida tropical do norte de Queensland, a princípio coberta de vegetação higrofitica, tem afinidades com extensas zonas de outras partes dos trópicos úmidos. A precipitação anual é de 1.800-4.500 mm e os solos variam de basálticos a graníticos, passando pelos metamórficos, alguns deles formados a partir de areias de praias. Entre as plantas forrageiras adequadas figuram as leguminosas centrosema, puerária, estilante-perene e "hetero" (*Desmodium heterophyllum*); e entre as gramíneas o capim-colômbio, o capim-angola (*Bracharia mutica*), o capim-sinal e o capim-pangola. A mistura para pastagens (1), anteriormente citada, e que compreende centrosema, puerária, estilante-perene e capim-colômbio, que receba 250 kg/ha/ano de superfosfato, além dos elementos secundários de que tenha necessidade, po-

derá manter 3-4 novilhos/ha/ano e produzirá ganhos anuais de peso vivo de até 900 kg/ha (Teitzel e cols., 1974). Nesta zona a leguminosa hetero tem capacidade para formar pastagens produtivas equilibradas com as gramíneas pangola e sinal que, em geral, podem vir a ser demasiadamente competidoras quando associadas às leguminosas rasteiras.

Exemplo 3: — A extensa zona de capim-lanceta nativo (*Heteropogon contortus*) que se estende pelo centro e sul de Queensland, é atualmente a zona produtora de carne bovina mais importante do norte australiano e se assemelha com amplas regiões pecuárias dos trópicos, como a do centro do Brasil. Na Baía de Rodd, centro de Queensland, com uma precipitação anual de 850 mm e uma estação seca de 4-5 meses, a semeadura do estilante-de-Townsville nas pastagens dessa gramínea, com aplicações de 125 kg/ano de superfosfato molibdenizado, permitiu triplicar nas pastagens nativas a densidade de pastejo anual, passando de 0,27 a 0,8 novilho/ha e sextuplicar o ganho em peso vivo kg/ha/ano de 25 para 150 kg (Shaw, 1961; Shaw & Mannetje, 1970). Entre outros benefícios alcançados com essa pastagem figura o fato de poder-se vender os novilhos quase dois anos antes do que se fazia antes e a possibilidade de manter o gado vacum durante as secas. Na estação experimental de Narayen, a 320 km a noroeste de Brisbane, obtiveram-se resultados semelhantes em solos graníticos pobres, com uma precipitação anual de 700 mm e uma estação seca de 7,5-8 meses. A pastagem nativa de capim-lanceta fertilizada com 125 kg/ha/ano



Pastagem de setária-siratro
Nandi bem equilibrada na
Samford Pasture Research
Station, perto de
Brisbane, Austrália.

de superfosfato molibdenizado e usando uma densidade de 0,27 novilho/ha/ano proporcionou um ganho em peso vivo de 34 kg/ha/ano, ao passo que uma pastagem de siratro-Biloela buffel grass fertilizada de igual maneira e com uma densidade de pastejo de 1,09 novilho/ha/ano, produziu um ganho médio em peso vivo de 147 kg/ha/ano (Mannetje, 1973). Os novilhos entraram nas pastagens aos 10 meses de idade e foram sacrificados 12 meses mais tarde, obtendo-se carcaças de primeira qualidade de 250 kg com a pastagem de siratro-buffel grass e de segunda qualidade de 212 kg com a nativa. Durante as intensas secas de 1968-69 a pastagem de gramínea-leguminosa melhorada suportou uma carga de 0,82 novilho/ha/ano e os animais engordaram.

Exemplo 4: — Os trópicos monçônicos áridos e quentes do norte de Queensland e do Território do Norte (Austrália), que abrangem uma extensão considerável, com menos de 1.000 mm de precipitação anual e uma estação seca muito rigorosa de 8 meses, são semelhantes a outras regiões tropicais semi-áridas, como as que se encontram no nordeste do Brasil e em parte da costa venezuelana. Na Estação de Investigações Práticas de Landsdown (precipitação de 870 mm/ano) perto de Townsville, em Queensland, as pastagens mistas de estilossante-de-Townsville-capim-lanceta utilizadas durante 4 anos com densidade de pastejo de 0,4 e 0,8 vaca Droughmaster/ha, deram uma porcentagem média de pastagem de 66%, sem aplicação de superfosfato, de 74% com 126 kg desse fertilizante/ha/ano e de 85% com a aplicação de 377 kg do referido/ha/ano (Edye e cols., 1971). Com aplicação de superfosfato aumentou o peso vivo das vacas, o peso e a porcentagem de bezerros desmamados (Edye e cols., 1972) e os conteúdos de fósforo e enxofre da pastagem. O teor de fósforo dos componentes da pastagem e o de enxofre do estilossante-de-Townsville guardavam importante relação com as porcentagens de prenhez das vacas (Ritson e cols., 1971). Com uma densidade de pastejo de 0,4 vaca/ha as pastagens foram dominadas por gramíneas perenes e com

a densidade de 0,8 vaca/ha o estilossante-de-Townsville e gramíneas anuais foram dominantes, motivo pelo qual este sistema de pastagem foi considerado instável em Landsdown. Também foi instável em Katherine (890 mm de precipitação/ano) no Território do Norte e o principal objetivo de nossas investigações é, pois, a obtenção de sistemas mais estáveis, baseados nas espécies perenes de estilossantes, *S. humata*, *S. viscosa* e *S. scabra*.

CONCLUSÕES

A tríplex combinação de pastagens baseadas em uma leguminosa melhorada, a aplicação de superfosfato e um gado bovino tropical selecionado tem resultado em aumentos espetaculares e rendosos da produção de carne bovina nos trópicos australianos. A adaptação e aplicação desta tecnologia prática às condições locais de vários países tropicais podem servir para alevantar da mesma forma sua produção dessa carne. A falta de espécies forrageiras essenciais e de superfosfatos em quantidades suficientes por preço ao alcance do pecuarista limitam a melhoria extensiva das pastagens tropicais e da produção de bovinos em vários países da América Latina, África e Sudeste da Ásia. A produção comercial de sementes de plantas forrageiras é uma atividade especializada que exige toda classe de estímulos em um país para que logre êxito. Afortunadamente, o mundo está bem dotado de recursos fosfáticos (Phillips & Webb, 1971) e nos trópicos deve-se dar prioridade às prospecções em busca de fosforita nativa e estabelecimento de indústrias de superfosfatos situadas estrategicamente. Sem superfosfato será impossível tornar realidade o potencial que encerram vastas regiões tropicais de solos ácidos e inférteis para produzir carne bovina barata de que tanto necessita um mundo faminto de proteínas.

(Hutton, E. M. — Los pastos tropicales y la producción de carne de vacuno. R. Mund. Zoot. (12):1-7, 1974 — 27 refs. — Trad. L. P. Jordão). ■

esta só levanta



com

PROPEN

a mais moderna arma
contra **INFECCÕES**

**AÇÃO IMEDIATA E
EFEITO PROLONGADO**

CONTRA

- Pneumonias e Broncopneumonias
- Abscessos
- Mamiões
- Metrites
- Infecções resistentes a outros antibióticos

1 única dose cada 24 a 72 horas

PROPEN
PROBENECID PENICILINA

Rápido retorno do animal à
linha de produção



LABORATÓRIO ISA
SOCIEDADE ANÔNIMA

Rua Eneas Luis Carlos Barbante, 211
Caixa Postal 1.767 - End. Teleg. IBEPEQUE
Tele. 266-6538 - 266-1355 S. Paulo 0291



**Se o seu sucesso
depender
de financiamento
conte com
o Mercantil.**



BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO
—o mais alto padrão de serviços

Os premiados na Água Branca

Publicamos abaixo a relação dos criadores que ganharam medalhas de ouro, bem como a relação dos animais premiados na categoria de grande campeão e reservado grande campeão, na XIX Exposição-Feira de Gado Leiteiro, realizada no Parque da Água Branca (SP), durante o mês de junho do corrente.

Criadores que ganharam Medalhas de Ouro

Raça Holandesa preta e branca

Olinto Marques de Paulo — Fazenda Marjan — Valinhos, SP — com 591,3 pontos

Raça Holandesa vermelha e branca

João Passarelli — Fazenda Santa Inês — Itaquaquetuba - SP — com 466,5 pontos.

Raça Jersey

Albino Malzone — Chácara Suissa — Itupeva - SP — com 350,6 pontos.

Raça Schwyz

Cia. Agropecuária Santa Madalena — Jacarezinho - PR — com 542,0 pontos.

Raça Gir Leiteiro

José F. de Carvalho — Estância Silvânia — Jacaré - SP — com 291,2 pontos.

Os Campeões

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA — ANIMAIS IMPORTADOS

Grande Campeão — Hamlet Seele Gene Marquis — Faz. Marjan — Valinhos - SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Grande Campeã — A. Melow Breeze Marquis Sue — Faz. Marjan — Valinhos - SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Reservado Grande Campeão — Marjan Mago Star — Faz. Marjan — Valinhos - SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Reservada Grande Campeã — Santa Angela's Mistyvale C. Sover — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Campeã Vaca Adulta — A. Melow Breeze Marquis Sue — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Reservada Campeã Vaca Adulta — Bond Haven Supreme Sally C — Faz. São Joaquim — Itatiba — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

Rumifós-44. O mais alto teor de fósforo. Mais saúde e mais vida para a sua criação.

Indicações:

- Nascimento de bezerros mais fortes.
- Maior peso à desmama.
- Maior precocidade para abate e reprodução.
- Maior fertilidade dos reprodutores.
- Resistência às infecções.
- Suprimento de minerais.
- Engorda mais rápida.
- Maior produção de leite.
- Menor mortalidade até a fase de recria.
- Menos refugos.

Rumifós-44

A melhor maneira de mineralizar o seu rebanho

Vantagens:

- Cálcio e fósforo sob a forma de ortofosfato bicálcico.
- Maior nível de R_2O_3 em um suplemento: 44%.
- Relação Ca/P estreita (1,1:1) para corrigir a deficiência de fósforo no solo e pastagens.
- Relação Fe : Cu : Mn : Co : Zn : . . . 6,0 : 0,6 : 1,0 : 0,3 : 1,2
- Fórmula equilibrada em quantidades certas de macro e microelementos. Possui excelente palatabilidade.
- Os animais aceitam bem o produto, mesmo quando fornecido puro.

pfizer

PFIZER QUÍMICA LTDA.

Divisão Agropecuária
Via Dutra, km 291 - Guarulhos - SP



Campeã Vaca Jovem — Glenafton Pansy Tulip — Faz. São Joaquim — Itatiba — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

Reservada Campeã Vaca Jovem — Provale Amy Ava — Faz. São Joaquim — Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

Campeã Novilha Maior com atestado de prenhez — Provale Texal Amy — Faz. São Joaquim — Itatiba — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

Campeão Senior — Hamlet Seeley Gene Marquis — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Reservado Campeão Sênior — Bond Haven Marquis — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Campeão Touro Jovem — Glenafton Lindley R — Faz. Bonança — Bragança Paulista — SP. Exp. Claudio V. Roberti.

Reservado Campeão Touro Jovem — Glenafton Royal Emperor — Faz. São Joaquim — Itatiba — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

Concurso de úbere — 1.º lugar — Provale Amy Ava — Faz. São Joaquim — Itatiba — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

2.º lugar — Glenafton Pansy Tulip — Faz. São Joaquim — Itatiba — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

Conjunto Progenie de Pai — Júnior — 1.º prêmio — Marjan Venus Cotty Marquis — Marjan Hada Crisscross Marquis — Marjan Tintila Marquis — Marjan Toliman Insp. Marquis — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Conjunto Progenie de Mãe — Júnior — 2.º prêmio — Marjan Kita Mar — Marjan Talent Citation Marquis — Marjan Peralta Burk Marquis — Marjan Torry Burke Mar-

quis — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Conjunto Progenie de Pai — Sênior — 1.º prêmio — Melow Breeze Marquis Sae — Romandale Reflection Baroness — Bond Haven Marquis — Hamlet Seeley Gene Marquis — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Conjunto Progenie de Mãe — 1.º prêmio — Condon T. Bessie — B. Haven Supreme C. Bessie — Pinebush T. Paula — B. Haven S. Sally C. — Faz. São Joaquim — Atibaia — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

Conjunto Progenie de Mãe — 2.º prêmio — Marjan Ruby Mar — Marjan Santa Angela's — Mistyvale C. Sover — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Conjunto Progenie de Mãe — 2.º prêmio — Provale Texal Amy — Provale Amy Ava — Faz. São Joaquim — Itatiba — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA — ANIMAIS PUROS DE ORIGEM NACIONAIS

Campeã Vaca Adulta — PON — Santa Angela's Mistyvale — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Reservada Campeã — Joma Gina Dictador Victor — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Campeã Vaca Jovem — JPR Elis — Faz. São Joaquim — Itatiba — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

Reservada Campeã Vaca Jovem — PON — Marjan Julia Star — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Campeã Novilha Maior — com atestado de prenhez — PON — Campeã Marjan Ruby Mar — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Reservada Campeã Novilha Maior — Marjan Leia Mar — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Campeã Novilha Menor — 33 Electra Maravilha Emperor — Faz. Sítio 33 — Santo Amaro — SP. Exp. Dr. Benedito José Soares de Mello Patti.

Reservada Campeã Novilha Menor — Marjan Ancorá Ball — Faz. Marjan — Olinto Marques de Paulo.

Campeã Bezerra Maior — JPR Elveia — Faz. São Joaquim — Itatiba — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

Reservada Campeã Bezerra Menor — Marjan Pitu Reflection Star — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Reservada Campeã Bezerra Maior — Marjan Venus Cotty Marquis — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Campeã Bezerra Menor — Marjan Sagu Tornlea Mago — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Campeão Sênior — Marjan Mago Star — Faz. Marjan — Valinhos — Exp. Olinto Marques de Paulo.

Reservado Campeão Sênior — Marjan Citation Tonrlea — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Campeão Touro Jovem — 33 Dollar Rockman — Faz. Sítio 33 — Santo Amaro — SP. Exp. Dr. Benedito S. de Mello Patti.

Reservado Campeão Touro Jovem — Marjan Boto Star — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

SAL DO RIO GRANDE DO NORTE - MACAU

A qualidade garante o seu lucro



**SAL
LUZENTE**

**SAL
BOIADEIRO**

**"NAVIO"
SAL DE MACAU**

IRNE - COMPANHIA INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO NORTE

MATRIZ: Ilha do Alagamar - Macau-RN - (Salinas e Refinaria) Tel. 95 NATAL-RN - Rua Chile, 184 Tel. 2-4507 (Depósito) ADM. CENTRAL - Rio de Janeiro-GB - Av. Rio de Janeiro, 2185 - Av. Presidente Vargas, 417 - 21.º Tel. 244-3655 Rio de Janeiro-GB - Av. João Tibiriçá, 1.020 - Tels. 260-9558 e 260-9959 (Depósito) FILIAIS - SÃO PAULO - Rua Eduardo Guinle, Armazém XII/Est. - Tel. 2-9256 (Escritório e Depósito) - SANTOS-SP - Av. Eduardo Guinle, Armazém XII/Est. - Tel. 3-1537 - (Escritório e Depósito) - GOIÂNIA-GO - Rua 5, Vila Abalá - Tel. 3-1537 - (Escritório e Depósito)

Campeão Júnior — C. R. Adonis Mannie Marquis — Faz. Bonança — Bragança Paulista — SP. Exp. Claudio V. Roberti.

Reservado Campeão Júnior — JPR Gino — Faz. Bonança — Bragança Paulista — SP. Exp. Claudio V. Roberti.

Campeão Bezerra Maior — JPR Herdeiro — Faz. São Joaquim — Itatiba — SP. Exp. Joaquim Peixoto Rocha.

Reservado Campeão Bezerra Maior — Marjan Tuliman Insp. Marquis — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

Reservado Campeão Bezerra Menor — 33 Fra Diavolo Medalist — Faz. Sítio 33 — Santo Amaro — SP. Exp. Dr. Benedito José Soares de Mello Patti.

Campeão Bezerra — Marjan Torry Burke Marque — Faz. Marjan — Valinhos — SP. Exp. Olinto Marques de Paulo.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA — ANIMAIS PUROS POR CRUZA

Campeã Vaca Adulta — Gesta do Pau D'Alho — Faz. Bonança — Bragança Paulista — SP. Exp. Cláudio V. Roberti.

Reservada Campeã Vaca Adulta — Duqueza de Bela Vista — Faz. Sta. Helena — Bocaina — SP. Exp. José Bán Hajduk e Dr. Alcides C. Nigro.

Campeã Vaca Jovem — Lorena Alvaide Jack do Pau d'Alho — Faz. Bonança — Bragança Paulista — SP. Exp. Claudio V. Roberti.

Reservada Campeã Vaca Jovem — CR. Juliana Haven da Bonança — Faz. Bonança — Bragança Paulista — SP. Exp. Claudio V. Roberti.

Campeã Novilha Maior — Chantilly Duqueza Paschoal's — Faz. Santa Helena — Bocaina — SP. Exp. José Bán Hajduk e Dr. Alcides C. Nigro.

Reservada Campeã Novilha Maior — Dália Bambina Paschoal's — Sta. Helena — Bocaina — SP. Exp. José Bán Hajduk e Dr. Alcides C. Nigro.

Campeã Novilha Menor — Alaban Rockman da Bonança — Faz. Bonança — Bragança Paulista — SP. Exp. Claudio V. Roberti.

Reservada Campeã Novilha Menor — Diadema Duqueza Paschoal's — Faz. Sta. Helena — Bocaina — SP. Exp. José Bán Hajduk e Dr. Alcides C. Nigro.

Campeã Bezerra Maior — Esmirna Verusca Paschoal's — Faz. Sta. Helena — Bocaina — SP. Exp. José Bán Hajduk e Dr. Alcides C. Nigro.

Reservada Campeã Bezerra Maior — Etoile Alba Paschoal's — Faz. Sta. Helena — Bocaina — SP. Exp. José Bán Hajduk e Dr. Alcides C. Nigro.

Campeã Bezerra Menor — Bessie Ivanhoe Ultimate CR — Faz. Bonança — Bragança Paulista — SP. Exp. Claudio V. Roberti.

Reservada Campeã Bezerra Menor — Erótica Cleopatra Paschoal's — Faz. Sta. Helena — Bocaina — SP. Exp. José Bán Hajduk e Dr. Alcides C. Nigro.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

Grande Campeão — S.J.T. Surodana Cita-

tion Pegassus Red — Faz. Santa Inês — Itaquaquetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Grande Campeã — Espiga Royal Red do Morro Alto — Faz. Santa Inês — Itaquaquetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Reservado Grande Campeão — JP. Jangadeiro Royal Red de Santa Inês — Faz. Santa Inês — Itaquaquetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Reservada Grande Campeã — Morro Alto Faceira Transmitter Jack — Faz. Santa Inês — Itaquaquetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Campeão Sênior — PON — Surodana (S.J.T.) Citation Pegassus Red — Faz. Santa Inês — Itaquaquetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Campeã Vaca Adulta — Castro Flora 1 (PON) — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Campeão Júnior — PON — JP. Jangadeiro Royal Red de Santa Inês — Faz. Santa Inês — Itaquaquetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Campeã Vaca Jovem — PON — Morro Alto Faceira Transmitter Jack — Faz. Santa Inês — Itaquaquetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Reservada Campeã Vaca Jovem — PON — Mar Havaiana Pegassus Red — Faz. Santa Inês — Itaquaquetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Reservada Campeã Vaca Adulta — PON — São Nicolau Regina Roland — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

solutetra
é mais que um
antibiótico

SOLUTETRA
Antibiótico - Antifebri
Analgésico e Cardiotônico

SOLUTETRA
ANTIBIÓTICO DE ALTA
CONCENTRAÇÃO
PRAZO DE TRATAMENTO
DE 5 DIAS, DO DIA 1º
APRESENTAÇÃO:
FRASCOS DE 20 ML

É antibiótico
na concentração
de 1g, antifebri, analgésico
e cardiotônico, contra todas as
infecções causadas por germes gram
negativos e gram positivos.

VITASUL
VITASUL SA. IND. E COM.
Rua Vaconde do Rio Branco, 794 - Fone 22.6050 - PORTO ALEGRE - RS

Campeã Novilha Menor — PON — JP. Ira Royal de Santa Inês — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Reservada Campeã Novilha Menor — Galaxia Marite Dag Magesti — Faz. Santa Maria — S. Carlos — SP. Exp. Joaquim Procopio de Araujo.

Campeã Bezerra Menor — PON — Corona Brisa Duquesa's Jack — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Reservada Campeã Bezerra Menor — CR. Brigitte R. Maple Red (PON) — Faz. Bonança — Bragança Paulista — SP. Exp. Claudio V. Roberti.

Campeão Bezerra Menor — PON — JP. Ator Pioner de Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Campeã Vaca Adulta — POI — Willi's Rubi Plutolat Victorina — Faz. Bonança — Bragança Paulista — SP. Exp. Claudio V. Roberti.

Reservada Campeã Vaca Adulta — POI — Krens Dale Dandy Dinah Red — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Campeã Vaca Jovem — POI — C. Donagres Citation Arlene Red — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Campeã Novilha Maior — POI — Ridges Wood Robaron Nettie Red — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Campeã Novilha Menor — POI — Foxeart Lotus 3 RD — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Conjunto Progenie de Pai — Júnior — 1.º prêmio — JP. Hera R. de Santa Inês — JP. Alga Royal Red de S. Inês — JP. Ira R. Red de S. Inês — JP. Jangadeiro R. Red de Santa Inês — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Conjunto Progenie de Pai — Júnior — 2.º prêmio — Ciranda S. Corona — Jôia S. Corona — Samba S. Corona — Lua S. Corona — Faz. S. Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Conjunto Progenie de Mãe — 1.º prêmio — Castro Flora I — Corona Colombina Royal — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Conjunto Progenie de Mãe — HVB — 2.º prêmio — Morro Alto Faceira Transmitter Jack — JP. Rebeca Sultan Magestic de Santa Inês — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Conjunto Progenie de Pai — Sênior — HVB — 1.º prêmio — Foxeart Etti 4th — Foxeart Unwym 2nd — Foxeart Natalie 3rd — Foxeart — Effie 2nd — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Conjunto Progenie de Pai — Sênior — HVB — 2.º prêmio — Mar Hucha Pegassus Red — Mar Havaiana Pegassus Red — Hidra do Mar — JP. Idai Pegassus Red de Santa Inês — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA — ANIMAIS PUROS POR CRUZA

Campeã Vaca Adulta — Cailara do Morro Alto — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Reservada Campeã Vaca Adulta — Alfa do Morro Alto — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Campeã Vaca Jovem — Espiga Royal Red do Morro Alto — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Reservada Campeã Vaca Jovem — Argentina Corona — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Campeã Novilha Maior — Flamengo Roland do Morro Alto — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Reservada Campeã Novilha Menor — Juliana Majority de Santa A. — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Campeã Novilha Menor — UP. Hera Royal de Santa Inês — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Reservada Campeã Novilha Maior — Estrela Senator Corona — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Campeã Bezerra Maior — JP. Alga Royal Red de Santa Inês — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Reservada Campeã Bezerra Maior — JP. Réplica de Santa Inês — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

Da Holanda para o Brasil

DENKAVIT=TOPFOK=

Alimentação especial para
Criação de bezerras.

Um perfeito substituto do leite
de vaca.

DENKAVIT

DISTRIBUIDORES E AGENTES:
CIA. CONTINENTAL DE CEREAIS "CONTIBRASIL"

Av. Dr. Vieira de Carvalho, 40 - 10.º andar - São Paulo
Tel.: 220-4322 - Telex São Paulo 021-616 e 021-617
Caixa Postal 4877 - Telegramas "CONTIBRASIL"





Fertilidade tem marca

Você está vendo a marca da LAGOA DA SERRA. Por onde passam os técnicos e veterinários da LAGOA DA SERRA, as marcas logo aparecem: reduz-se a perda de cabeças, diminui a incidência de doenças, aumenta a fertilidade do rebanho, ocorre sensível melhoria de produto, etc, etc. A grande meta do pecuarista é o aumento qualitativo e quantitativo do rebanho. Quanto mais, maiores os lucros. E a grande marca LAGOA DA SERRA é essa: o aumento da fertilidade. LAGOA DA SERRA aumenta e melhora, com economia, o seu rebanho. Mantendo as fêmeas sob controle sanitário e ginecológico, inseminadas

artificialmente pelos melhores reprodutores do Brasil, dando produtos superiores, aumentando a produtividade do seu rebanho.

LAGOA DA SERRA e suas atividades:

- Laboratório de Fisioterapia da Reprodução e Inseminação Artificial
- Treinamento de inseminadores
- Venda de sêmen
- Criação de Zebu

Olhe com bons olhos para marca LAGOA DA SERRA. Ela deixa marcas e lucros em sua fazenda. Faça como o Governo do Estado de Goiás: não perca tempo. Conheça as condições que esta marca lhe proporciona.



Fazenda Lagoa da Serra — Caixa Postal 60
Telefones: (0166) 42-2036 — 42-2299
14160 — SERTÃOZINHO — SP

Escritórios:

5.ª Avenida, 1.400 — Nova Vila
Telefone (0622) 22713
GOIÂNIA — GO

Rua 14 de Julho, 314 — sala 1
Caixa Postal 1.110 — Tel. 43969
CAMPO GRANDE — MT

Licenciado pelo Ministério da Agricultura sob n.ºs 1C-02 e PS-02

Campeã Bezerra Menor — Ciranda Senador Corona — Faz. São Judas Tadeu — Atibaia — SP. Exp. Amílcar Farid Yamin.

Reservada Campeã Bezerra Menor — P. Atenas Citation Pegassus Red de Santa Inês — Faz. Santa Inês — Itaquaquecetuba — SP. Exp. João Passarelli.

RAÇA JERSEY — ANIMAIS PUROS DE ORIGEM IMPORTADOS

Grande Campeão — Heretaunga Tio Pepe — Faz. Estância Nova Querência — Avaré — SP. Exp. Dr. Antonio Carlos Pinheiro Machado e Francisco H. de Mello.

Reservado Grande Campeão — Santana Confederado Malu — Faz. Santana do Rio Abaixo S.A. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Grande Campeã — Reboças Banda Skirfal — Faz. Chácara Suíça — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

Reservada Grande Campeã — NP. 0609 Santana Gilda 3 Sovereign — Faz. Santana do Rio Abaixo — S. José dos Campos — SP. Exp. Santana do Rio Abaixo S.A.

Campeão Touro Jovem — Heretaunga Tio Pepe — Faz. Estância Nova Querência — Avaré — SP. Exp. Dr. Antonio Carlos Pinheiro Machado e Francisco Homem de Mello.

Campeã Vaca Jovem — Wisdon Dazzling Lady — Faz. Nova Querência — Avaré — SP. Exp. Dr. Antonio Carlos Pinheiro Machado.

Campeã Novilha Maior — Beywood Ivy — Faz. Sítio São Francisco — Jundiá — SP. Exp. Dr. Mario Lopes Leão.

Campeã Novilha Menor — Wisdon Fillpail Wrinkle — Faz. Sítio São Francisco — Jundiá — SP. Exp. Dr. Mario Lopes Leão.

Reservada Campeã Novilha Menor — Hurwood Princes Snoball — Faz. Sítio São Francisco — Jundiá — SP. Exp. Dr. Mario Lopes Leão.

Campeã Bezerra Maior — Wisdon Fillpail Exigent — Faz. Sítio — Jundiá — SP. Exp. Dr. Mario Lopes Leão.

Reservada Campeã Bezerra Maior — Wisdon Iceland Poppy — Faz. Sítio São Francisco — Jundiá — SP. Exp. Dr. Mario Lopes Leão.

Conjunto Progenie de Pai — Júnior — 1.º prêmio — Hurwood Princes Snowball — Hurwood Geodrest Magic — Hurwood Yorick — S. Kely — Hurwood Midday — Faz. Sítio São Francisco — Jundiá — SP. Exp. Dr. Mario Lopes Leão.

Conjunto Progenie de Pai Júnior — 2.º prêmio — Suíça Gastão Generator — Suíça Cambraia Generator — Suíça Escandinava Generator — Santa Elisa Dany Generator — Faz. Chácara Suíça — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

Conjunto Progenie de Pai Sênior — 1.º prêmio — NP. 1759 Santana Gilda 4.º Wiseman — Santana 1547 Estrelinha 3.º Wiseman — NP. 1532 Santana 3.º Conquista Wiseman — NP. 1448 Santana Gilda 2.º Wiseman — Faz. Santana do Rio Abaixo — S. José dos Campos — SP. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Conjunto Progenie de Pai Sênior — 2.º prêmio — Santana Rey Wiseman — Santana Cassandra Wiseman — Santana Lanterna 3.º Wiseman — Santana Balisa 2.º Wiseman — Faz. Sítio São Francisco — Jundiá — SP. Exp. Dr. Mario Lopes Leão.

Conjunto Progenie de Mãe — 1.º prêmio — Santana Lanterna 3.º Sovereign — Santana Lanterna 2.º Wiseman — Faz. Sítio São Francisco — Jundiá — SP. Exp. Dr. Mario Lopes Leão.

Conjunto Progenie de Mãe — 2.º prêmio — NP. 1759 Santana Gilda 4.º Wiseman — NP. 0609 Santana Gilda 3.º Sovereign — Faz. Santana do Rio Abaixo — São José dos Campos — SP. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Concurso de úbere — 1.º lugar — Reboças Banda Skirfal — Faz. Chácara Suíça — Itupeva — Exp. Albino Malzone.

2.º lugar — NP. SANTANA MINERVA 4.º MARLU — Faz. Santana do Rio Abaixo — São José dos Campos — SP. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

RAÇA JERSEY — PC

Campeã Vaca Adulta — Reboças Banda Skirfal — Faz. Chácara Suíça — Itupeva — Exp. Albino Malzone.

Reservada Campeã Vaca Adulta — Suíça Escalada Nhonho — Faz. Chácara Suíça — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

Campeã Vaca Jovem — Suíça Estático Greeting's — Faz. Chácara Suíça — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

Reservada Campeã Vaca Jovem — Suíça Cristal Greeting's — Faz. Chácara Suíça — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

Campeã Novilha Maior — Suíça Elevado Milkman — Chácara Suíça — Itupeva — Exp. Albino Malzone.

Reservada Campeã Novilha Maior — Santa Eliza Laly Generator — Chácara Suíça — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

Campeã Novilha Menor — Suíça Alça Cabulete — Chácara Suíça — Itupeva — Exp. Albino Malzone.

Campeã Bezerra Maior — Suíça Escandinava Generator — Chácara Suíça — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

RAÇA JERSEY — ANIMAIS PUROS DE ORIGEM NACIONAIS

Campeão Sênior — Santana Confederado Malu — Faz. Santana do Rio Abaixo — SP. Exp. José dos Campos — SP. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Reservado Campeão Sênior — Suíça Globa Greeting's — Faz. Chácara Suíça — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

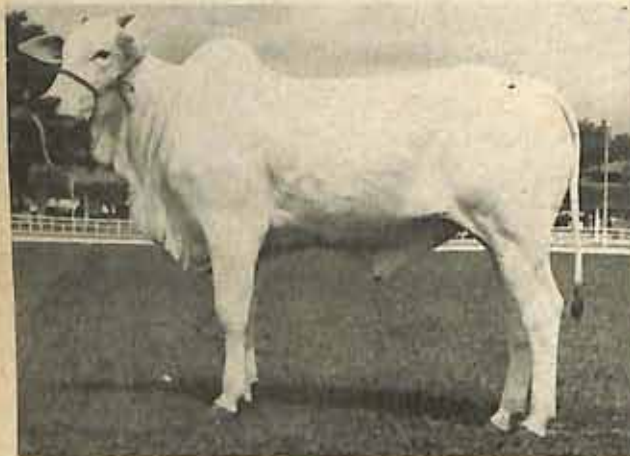
Campeão Touro Jovem — NP. 2053 Santana Padeiro Sovereign — Faz. Santana do Rio Abaixo — São José dos Campos — SP. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Campeão Júnior — NP. 2111 Santana Marítimo Luxemburgo — Faz. Santana do Rio Abaixo — São José dos Campos — SP. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Reservado Campeão Júnior — Suíça Inhoel Wrodrus — Faz. Chácara Suíça — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

Campeão Bezerra Maior — Suíça Estron do Princeless View — Faz. Chácara Suíça — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

NELORE DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL



CINDERELA
DA FAZENDINHA
Aos 18 meses,
427 quilos.

MARCA
BB

800 fêmeas em inseminação
500 fêmeas registradas

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS
BAUDILIO BIAGI

FAZENDA FAZENDINHA - BRODOSQUI - SP

End. p/ corresp.: Caixa Postal 2 — SERRANA - SP — Tel. Serrana 234 ou 317

MARCA
FF

DRACENA-SP



FAPIDRA "FEIRA SEM RETORNO"

Traga seu gado e volte com dinheiro

VII FAPIDRA - de 20 a 28 de setembro
DRACENA - SP

Reservado Campeão Bezerra Maior — NP. 2189 Santana Mineirinho Confederado — Faz. Santana do Rio Abaixo — São José dos Campos — SP. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Campeão Bezerra Menor — NP. Santana Café Napoleão — Faz. Santana do Rio Abaixo — S. José dos Campos — SP. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Reservado Campeão Bezerra Menor — Suissa Reglis Estelo — Faz. Chácara Suissa — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

Campeã Vaca Adulta — NP. 0609 Santana Gilda Sovereign — Faz. Santana do Rio Abaixo — São José dos Campos — SP. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Reservada Campeã Vaca Adulta — NP. 1187 Santana Reta Oassis — Faz. Santana do Rio Abaixo — S. José dos Campos — SP. Exp. Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Campeã Vaca Jovem — Suissa Pandora Golden Milad — Faz. Chácara Suissa — Itupeva — SP. Exp. Albino Malzone.

RAÇA SCHWYZ — ANIMAIS PUROS DE ORIGEM — IMPORTADOS

Grande Campeão — V.B. Crescente Pluribus — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Grande Campeã — V.B. Crescente Pluma Dinah — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Reservado Grande Campeão — S.M. Universe Duches Pron Queen — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Reservada Grande Campeã — V.B. Crescente Charmirt — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Campeão Sênior — POI — V.B. Crescente Pluribus — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Campeã Vaca Adulta — PON — Jarrimes Horizon Pamela de Santa Madalena — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Reservada Campeã Vaca Adulta — PON — Santa Carmelita Royal Jester — Faz. São Carlos — Caconde — SP. Exp. Dr. Carlos Cardoso de Almeida Amorim.

Campeão Touro Jovem — PON — S.M. Pluribus Kaadee — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Reservado Campeão Touro Jovem — PON — Maker Alices Gracie's Dawn de Santa Madalena — Faz. São Carlos — Caconde — SP. Exp. Dr. Carlos Cardoso de Almeida Amorim.

Reservado Campeão Sênior — POI — V.B. Crescente History Maker — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Campeã Vaca Adulta — POI — V.B. Crescente Dinah — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Reservada Campeã Vaca Adulta — POI — Herna — Faz. Santana — Campinas — SP. Exp. Agropecuária Suissa Brasileira.

Campeã Vaca Jovem — POI — V.B. Crescente Charmirt — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Reservada Campeã Vaca Jovem — POI — V.B. Duches Prom Queen — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Campeã Vaca Jovem — PON — Ruby Norvick Maker de Santa Madalena — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Reservada Campeã Vaca Jovem — PON — Liz Crescente de Santa Madalena Maker — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Campeã Novilha Maior — PON — Juta Nabuco Alaric de Santa Madalena — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Reservada Campeã Novilha Maior — PON — S.M. Emma Kat Maker — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Campeã Novilha Menor — PON — Altiva Príncipe Pluribus de S.M. — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Campeão Bezerra Maior — PON — S.M. Universe Duches Prom Queen — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Campeã Bezerra Maior — PON — Damata de São Carlos — Faz. São Carlos — Caconde — São Carlos — SP. Exp. Dr. Carlos Cardoso de Almeida Amorim.

Reservada Campeã Bezerra Maior — PON — Beth's Dooley Universe de Santa Madalena — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Campeão Bezerra Menor — PON — Universe Lila Patty de Santa Madalena — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Campeã Bezerra Menor — PON — Effêmera de São Carlos — Faz. São Carlos — Caconde — SP. Exp. Dr. Carlos Cardoso de Almeida Amorim.

Reservada Campeã Bezerra Menor — PON — Irene Norvick Universe de Santa Madalena — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Conjunto Progenie de Pai Júnior — 1.º prêmio — Henriqueta da Aliança — Humaitá da Aliança — Harmonia da Aliança — Hortaliça da Aliança — Faz. Aliança — São João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Conjunto Progenie de Pai Júnior — 2.º prêmio — Helite de São Carlos — Effêmera de São Carlos — Diamantina de São Carlos — Donzela II de São Carlos — Faz. São Carlos — Caconde — SP. Exp. Dr. Carlos Cardoso de Almeida Amorim.

Conjunto Progenie de Pai Sênior — 1.º prêmio — VB. Crescente Pluribus — VB. Crescente Pluma Dinah — VB. Crescente Charmirt — VB. Crescente Madeline Paula — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Conjunto Progenie de Pai Sênior — 2.º prêmio — Gaita da Aliança — Eterna da Aliança — Esperança da Aliança — Bandeira da Aliança — Faz. Aliança — São João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Conjunto Progenie de Mãe — 1.º prêmio — VB. Crescente Pluribus — VB. Crescente Pluma Dinah — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

Conjunto Progenie de Mãe — 2.º prêmio — Hiperbole da Aliança — Gelatina da Aliança — Faz. Aliança — S. João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Concurso de úbere — 1.º lugar — VB. Crescente Charmirt — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — PR. Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.

2.º lugar — Red Brae Lora — Faz. Santa Madalena — Jacarezinho — Exp. Cia. Agropecuária Santa Madalena.



GADO LEITEIRO
ração melhor,
rendimento maior.

**METADE DA
RAÇA ENTRA
PELA BOCA**

RIBEIRÃO PRETO - RUA INDUSTRIAL, 295
SÃO PAULO - RUA REGO FREITAS, 354 - 51/7

RAÇÕES FRI-RIBE

RAÇÕES QUE
ALCANÇAM
TODOS OS
OBJETIVOS.

FRI-RIBE
PITANGUEIRAS - SP

noticiário **TORTUGA**

20 ANOS DE TRABALHO PELO PROGRESSO DA PRODUÇÃO ANIMAL

BEZERRADA SADIA — ALICERCE DO REBANHO

NELSON CHACHAMOVITZ



BEZERRADA S

seque depressa, caia logo, evitando, ainda, as bicheiras.

O primeiro leite (colostro) é indispensável para o bezerro, pois rico em proteínas, vitaminas e anticorpos, que o protegerão nos primeiros dias de vida. Mesmo os bezerros alimentados no balde, devem receber, nas primeiras semanas, o leite da própria mãe. Não tendo, na primeira idade, outro alimento que o leite, são sempre propensos à anemia. As pesquisas demonstraram que o bezerro necessita, em média, 30 mg de ferro diários; apesar de encontrar-se em pequeníssimas quantidades (0,004% do peso corporal), este elemento desempenha papel preponderante na fixação do oxigênio no sangue, levando-o a todos os órgãos e tecidos do animal.

O leite da vaca em plena lactação (ao contrário do colostro) é pobre em ferro, contendo apenas 0,5 mg por litro. Assim, da 4.ª à 6.ª semana de vida, ocorre uma baixa do teor de hemoglobina, sendo esta ocasião considerada uma fase crítica. Vítimas da anemia, tendo todos os tecidos mal oxigenados, suas funções vitais ficam prejudicadas. Em decorrência, seu desenvolvimento será lento, a resistência decresce, tornando-o sensível às verminoses e a outras enfermidades, principalmente às pneumonias e diarreias, quase sempre fatais.

O recurso mais prático e seguro para prevenir este tipo de anemia, é a aplicação de uma injeção de 2 ml de ferro dextrano (Ferrodex), na primeira ou segunda semana de vida do bezerro, repetindo-se a mesma dose duas ou três semanas depois. Desta maneira, recompõem-se as reservas orgânicas de ferro.

Em artigo anterior, neste Noticiário, afirmamos que, da percentagem de bezerros criados, depende largamente a economia de uma fazenda. Os bezerros constituem a base de um rebanho, a reserva para renovação e melhoramento do plantel. Um amigo nosso, fazendeiro do Sul de Minas e acostumado a negociar com gado puro, sempre nos dizia que, para conhecer uma fazenda, deduzir o que ocorre na propriedade e se ela é rendosa ou não, inspeciona o bezerreiro, o curral onde estão as vacas e os pastos, porém, sempre começando pelo bezerreiro. Por isso, fêmeas ou machos, de raças leiteiras ou de corte, os bezerros, além de espelharem a criação, constituem capital inestimável e toda a despesa e todo o trabalho que a eles se dedicar, representam investimento seguro, de retorno certo e elevado. O bezerro, que morre ou que não recebe o trato devido, desenvolvendo-se mal, é um fator negativo na balança econômica da fazenda.

O TRATO COMEÇA ANTES DO NASCIMENTO

O nosso amigo mineiro tinha razão. O trato dos bezerros começa antes mesmo de seu nascimento. Uma vaca bem nutrida, mineralizada convenientemente, gerará bezerros fortes e sadios, mais resistentes às doenças neo-natais, mais fáceis de serem criados. Na fase de lactação, não se pode esquecer que a vaca, além de garantir sua própria manutenção, tem que assegurar a do filho, para ele transferindo grande parte dos alimentos ingeridos.

Este é o princípio básico da formação de um bom rebanho: cuidar bem das vacas e bem alimentá-las, para que tenham condições de procriar e amamentar suas crias.

O criador cuidadoso não deve esquecer da relação existente entre as fases de desmame e acabamento dos animais. O bezerro, que recebeu os devidos cuidados na sua primeira fase de vida, com toda certeza será um bom reprodutor ou, então, se destinado ao abate, possibilitará um acabamento precoce.

PRIMEIROS CUIDADOS

Logo após o nascimento, o primeiro cuidado a ser tomado é com o corte do umbigo. Um grande número das doenças neo-natais encontra, no umbigo indevidamente tratado, a porta de acesso ao organismo. A forma mais prática de tratamento é, logo após o corte, pulverizar o local com um bom desinfetante e cicatrizante (Tortuga Spray), fazendo com que o umbigo

DIA — ALICERCE DO REBANHO

EXPERIMENTAÇÃO COMPROVA

A este propósito, um trabalho bastante interessante foi realizado no ICA., na Colômbia, mostrando o efeito do ferro administrado via para-enteral sobre o crescimento dos bezerros. Trabalhando com vários grupos e doses diferentes de ferro-dextrano, concluiu-se que os melhores resultados foram obtidos com doses de 400 mg de ferro, aplicados na primeira semana e, posteriormente a cada 14 dias, nos 3 primeiros meses de vida do bezerro. A aplicação do ferro dextrano favoreceu o aumento dos níveis de hemoglobina, prevenindo as anemias nutricionais e, portanto, contribuiu para o desenvolvimento normal dos animais, observando-se ainda efeito favorável na média da altura dos bezerros.

VACA E BEZERRO

Em nosso meio, geralmente, a alimentação do bezerro até a desmama corre por conta do leite materno. Durante esta fase, seu desenvolvimento depende, portanto, da capacidade criadeira da vaca. A maior parte de nosso rebanho vive em regime exclusivo de pasto, apenas as vacas leiteiras recebem ração suplementar. Deve-se reservar para as vacas em lactação, os melhores pastos disponíveis. Além do mais, cuidar para que não falte mistura de sal e suplemento mineral, nos cochos, pois, cada quilo de leite contém de 7,5 a 8 g de minerais, o que significa que uma produtora de 10 quilos diários de leite perde, no mínimo, de 75 a 80 gramas destas substâncias. Por sua vez, muita atenção merecem o fósforo e o cálcio, os quais representam, aproximadamente, de 44 a 48% dos ele-

mentos minerais do leite. Fosbovi, administrado sistematicamente, garante uma mineralização racional e, para que esta seja assim considerada, deve conter todos os elementos minerais, além do cálcio e fósforo, indispensáveis à economia orgânica, capazes de cobrir os dispêndios com a produção, manutenção e, quando for o caso, com a gestação.

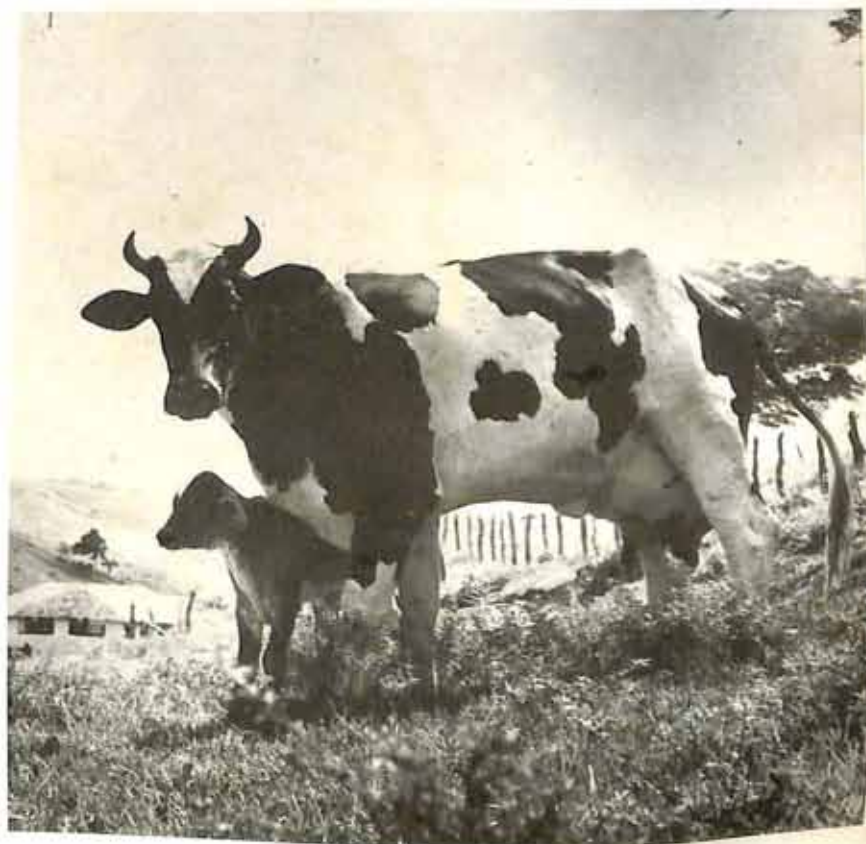
Do lado prático, observa-se que muitos de nossos criadores esquecem-se que os bezerros, em fase de acelerado crescimento, precisam também de receber uma mineralização adequada. Não raras vezes, os cochos de sal mineral, são colocados em altura tal, que impede o alcance pelos bezerros. E muitos casos de desmineralização aguda dos bezerros podem ser debitados a este

simples fato, embora o criador adote uma suplementação mineral de elevada qualidade.

Um pequeno cocho, com mistura de Fosbovi, sal comum e fubá fino, nos bezerreiros, garante os minerais, especialmente o Fósforo, essencial para o desenvolvimento normal do organismo.

Estas e outras normas de manejo e alimentação podem ser facilmente adotadas em qualquer criação. O certo é que as atenções dispensadas ao bezerro, na sua primeira fase de crescimento, influem decisiva em todas as demais etapas da sua vida, com resultados consequentes na economia do criador.

Nelson Chachamovitz
Médico Veterinário





Tratou o umbigo com TORTUGA SPRAY, cresceu com VITAGOLD POTENCIADO, se ocorresse infecção, TORMICINA a curaria. Anemia não criaria problemas, FERRODEX seria a solução. Recebeu as melhores atenções com FOSBOVI no cocho. Manteve-se livre dos vermes com TETRAMISOL TORTUGA. Superou as secas com VITAGOLD INJETÁVEL. Finalmente apresentou-se mais pesado com RALGRO. Terminou dando muito mais LUCRO.

ÊLE NÃO TERÁ PROBLEMAS PARA CRESCER RÁPIDO E SADIO.



TORTUGA SPRAY - Nas infecções cais, tratamento do umbigo, tem ação rápida e longo poder residual, é larvívora, bactericida, fungicida, samicida e repelente.



VITAGOLD POTENCIADO - O choque vitamínico indispensável na fase do crescimento.



TORMICINA - Antibiótico de largo espectro no combate de todas as infecções provocadas por germes Gram Negativos e Gram Positivos.



FERRODEX - Ferro dextrano - B. A. solução só aplicação, previne contra a anemia.



FOSBOVI - Mineralização correta com teor de fósforo de elevada assimilação.



TETRAMISOL - Anti-helmíntico de amplo espectro, combate, ao mesmo tempo, as verminoses pulmonares e intestinais com a máxima segurança.



VITAGOLD INJETÁVEL - Vitaminas essenciais de elevada concentração, uma só aplicação, garante por três a quatro meses.



RALGRO - Anabólico que proporciona maior assimilação do alimento e maior ganho de peso.



TORTUGA COMPANHIA ZOOTÉCNICA AGRÁRIA

MATRIZ - SÃO PAULO - SP
R. Progresso, 219
tel. 247-1086 PABX

FILIAL - PORTO ALEGRE - RS
Av. Farrapos, 295E
tel. 22-7747 eq. 2

ESCRIT. - BELO HORIZONTE - MG
Av. Afonso Pena, 748
tel. 226-0769 s/ 2001

ESCRIT. - GOIÂNIA - GO
Av. E. ou Rep. do Libano, 2051
tel. 0622-61196 set. Oeste

ESCRIT. - RIO DE JANEIRO - RJ
Av. 13 de Maio, 47
tel. 222-9197 s/ 1611

ESCRIT. - SALVADOR - BA
Av. 7 de Setembro, 53/55
tel. 3-2203 r. 35 s/ 504

FILIAL - BARRA DO GARÇAS - MT
Av. Min. João Alberto, 78
CEP 78300

RAÇA SCHWYZ — ANIMAIS PUROS POR CRUZA

Campeã Vaca Adulta — Bia da Aliança — Faz. Aliança — São João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Reservada Campeã Vaca Adulta — Bandeira da Aliança — Faz. Aliança — São João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Campeã Vaca Jovem — Esperança da Aliança — Faz. Aliança — São João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Reservada Campeã Vaca Jovem — Catita de São Carlos — Faz. São Carlos — Caconde — São Carlos — SP. Exp. Dr. Carlos Cardoso de Almeida Amorim.

Campeã Novilha Maior — Garbosa da Aliança — Faz. Aliança — São João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Reservada Campeã Novilha Maior — Gaita da Aliança — Faz. Aliança — São João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Campeã Novilha Menor — Doca de São Carlos — Faz. São Carlos — Caconde — SP. Exp. Dr. Carlos Cardoso de Almeida Amorim.

Reservada Campeã Novilha Menor — Gelatina da Aliança — Faz. Aliança — São João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Campeã Bezerra Maior — Heróica da Aliança — Faz. Aliança — São João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Reservada Campeã Bezerra Maior — Gemia Segunda da Aliança — Faz. Aliança — S. João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Campeã Bezerra Menor — Harmonia da Aliança — Faz. Aliança — São João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

Reservada Campeã Bezerra Menor — Humaitá da Aliança — Faz. Aliança — S. João da Boa Vista — SP. Exp. Francisco Amarante Mendes.

RAÇA GIR LEITEIRO

Grande Campeão — Iguatu de Brasília — Faz. Brasília — São Pedro dos Ferros — MG. Exp. Rubens Resende Peres.

Reservado Grande Campeão — Juassuy Virbay — Faz. Estância Silvana — Jacareí — SP. Exp. José Fernandes de Carvalho.

Campeão Sênior — Iguatu de Brasília — Faz. Brasília — São Pedro dos Ferros — MG. Exp. Rubens Resende Peres.

Reservado Campeão — Jagunço — Faz. Estância Silvana — Jacareí — Exp. José Fernandes de Carvalho.

Campeão Touro Jovem — Libelo de Brasília — Faz. Brasília — São Pedro dos Ferros — MG. Exp. Rubens Resende Peres.

Reservado Campeão Touro Jovem — Maravilha Expoente Faizão — Faz. Santa Cruz — Conceição Aparecida — MG. Exp. Manoel e José J. Rodrigues dos Reis.

Campeão Júnior — Juassuy Virbay — Faz. Estância Silvana — Jacareí — SP. Exp. José Fernandes de Carvalho.

Reservado Campeão Júnior — Maravilha Fustão Faizão — Faz. Sta. Cruz — Conceição Aparecida — MG. Exp. Manoel e J. João Rodrigues dos Reis.

Campeão Bezerra — Caxangá — Faz. Rancho Al Dorado — Tatuf — SP. Exp. João Medaglia.

Reservado Campeão Bezerra — Pacote — Faz. Estância Silvana — Jacareí — SP. Exp. José Fernandes de Carvalho.

Grande Campeã — Badalada — Faz. Estância Silvana — Jacareí — SP. Exp. José Fernandes de Carvalho.

Reservada Grande Campeã — Primazia — Faz. Estância Silvana — Jacareí — SP. Exp. José Fernandes de Carvalho.

Campeã Vaca Adulta — Badalada — Faz. Estância Silvana — Jacareí — SP. Exp. José Fernandes de Carvalho.

Reservada Campeã Vaca Adulta — Pratinha — Faz. Brasília — São Pedro dos Ferros — MG. Exp. Rubens Resende Peres.

Campeã Vaca Jovem — Santa Cruz Incrência Baden — Faz. Santa Cruz — Santa Conceição Aparecida — MG. Exp. Manoel e José J. Salgado Rodrigues dos Reis.

Reservada Campeã Vaca Jovem — Jacutinga de Brasília — Faz. Brasília — São Pedro dos Ferros — MG. Exp. Rubens Resende Peres.

Campeã Novilha Maior — Noronha — Faz. Estância Silvana — Jacareí — SP. Exp. José Fernandes de Carvalho.

Reservada Campeã Novilha Maior — Lupa de Brasília — Faz. Brasília — São Pedro dos Ferros — MG. Exp. Rubens Resende Peres.

Campeã Bezerra — Primazia — Faz. Estância Silvana — Jacareí — Exp. José Fernandes de Carvalho.

Reservada Campeã Bezerra — Maravilha — Faz. Santa Cruz — Conceição Aparecida — MG. Exp. Manoel e José J. Rodrigues Salgado dos Reis.

Conjunto Progenie de Pai Júnior — 1.º prêmio — Maravilha Fustão Faizão — Maravilha Gaiolão Faizão — Maravilha — Maravilha Farra Faizão — Faz. Santa Cruz — Conceição Aparecida — MG. Exp. Manoel e José J. Salgado dos Reis.

Conjunto Progenie de Pai Júnior — 2.º prêmio — Pacote — Osano — Primazia — Faz. Estância Silvana — Jacareí — Opeca — SP. Exp. José Fernandes de Carvalho.

Conjunto Progenie de Pai Sênior — 1.º Prêmio — Janican — Lupa de Brasília — Jacutinga de Brasília — Gelatina de Brasília — Faz. Brasília — São Pedro dos Ferros — MG. Exp. Rubens Resende Peres.

Conjunto Progenie de Mãe — 1.º Prêmio — Jagunço — Noronha — Faz. Estância Silvana — Jacareí — SP. Exp. José Fernandes de Carvalho.

Conjunto Progenie de Mãe — 2.º prêmio — Mustang — Iguatu de Brasília — Faz. Brasília — São Pedro dos Ferros — Minas Gerais — Exp. Rubens Resende Peres.

Conjunto Progenie de Pai Sênior — 1.º Prêmio — Janican — Lupa de Brasília — Jacutinga — Gelatina de Brasília — Faz. Brasília — São Pedro dos Ferros — Minas Gerais — Exp. Rubens Resende Peres.

Conjunto Progenie de Pai Sênior — 2.º prêmio — Mocotó — Jagunço — Natureza — Noronha — Faz. Estância Silvana — Jacareí — SP. Exp. José Fernandes de Carvalho.

Concurso de übere — 1.º lugar — Santa Cruz Alba Caximbo — Faz. Santa Cruz — Conceição Aparecida — MG. Exp. Manoel e José J. Salgado dos Reis.

2.º lugar — Lapela — Faz. Campo Grande — Jacareí — SP. Exp. Roberto Falcão. ■

Hospede-se bem no Rio de Janeiro

Hotel NOVO MUNDO

Vista para o mar e Parque do Flamengo.

Estacionamento próprio.

250 apartamentos completos, com banheiro, telefone, rádio, TV, ar refrigerado.

Restaurante internacional, Bar e esplêndidos salões. Conforto - distinção e bem estar. Diárias econômicas.

Praia do Flamengo, 20.
Tel.: 225-7366.

Grande Hotel OK

Em plena Cinelândia e centro comercial

180 apartamentos completos, com banheiro, telefone, rádio, TV, ar refrigerado. American Bar. TV a cores nos salões. Diárias econômicas. Só com café da manhã.

Rua Senador Dantas, 24.
Tel.: 221-4587.
Telegramas: "Hotelok".

Hotel NICE

Centro da cidade e comercial
Recém inaugurado

140 apartamentos completos, todos de frente, com telefone, ar refrigerado, TV, salas, salões com TV a cores. Ótimos serviços. Diárias econômicas.

Rua do Riachuelo, 201.
Tel.: 252-2042.

Hotel BRAGANÇA

Próprio para homens de negócios. Ótima localização, próximo do centro comercial e cinelândia. Completamente novo.

150 apartamentos muito bem decorados, com ar refrigerado, TV e telefone. Ótimos salões com TV a cores. Ótimos serviços. Diárias econômicas.

Av. Men de Sá, 117.
Tel.: 252-4191.

Em Guaratinguetá, **a maior** **concentração** **de gado** **holandês** **do Brasil**

TEXTO E FOTOS: J. H. MADRIGAL

No recinto permanente de exposições, localizado no km 233 da Via Dutra, inaugurou-se dia 1.º de Junho a maior concentração de gado holandês de alta qualidade que se tem conhecimento no País.

Pela 12.ª vez os criadores do Vale do Paraíba se reúnem anualmente para a realização de sua mostra agropecuária que a partir do ano passado tornou-se de iniciativa oficial através da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) pela sua divisão do Vale do Paraíba. Desta maneira, a exposição oficializada denominou-se Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados e este ano foi a segunda já com o patrocínio oficial da Secretaria da Agricultura além da participação da Prefeitura de Guaratinguetá, Sindicato Rural e Cooperativa de Laticínios de Guaratinguetá entre outras entidades agropecuárias.

Não fosse por si só, o Vale do Paraíba a maior bacia leiteira da América Latina — que garante à Exposição de Guaratinguetá apresentação de animais de alta qualidade — some-se a isto a realização simultânea da Exposição Brasileira de Gado Holandês que habitualmente é realizada na Água Branca e que este ano (numa tentativa bem sucedida de reunir maior número de expositores através da interiorização) foi realizada em Guaratinguetá.

O que motivou a escolha de Guaratinguetá para a realização da VII Exposição Brasileira de Gado Holandês foi a sua excelente localização, que permite o fácil acesso de expositores e visitantes de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Para avaliar o acerto da decisão tomada pelo Sr. Dario Freire Meirelles, Presidente da Associação Brasileira de Gado Holandês de interiorizar as exposições nacionais desta raça podemos ressaltar que vários criadores de outros Estados que não se apresentaram na Água Branca, este ano compareceram a Guaratinguetá e concorreram na Exposição Nacional, entre eles José Cipriano Sobrinho, de Cruzeiros, que além de ganhar o Grande Campeão da Exposição Regional, com o mesmo animal levantou o Grande Campeonato Nacional.

Fato idêntico se deu com Hugo Reinaldo Bueno, no Holandês Vermelho e Branco e que também não participava das exposições nacionais anteriores.

SOLENIIDADES INAUGURAIS

A solenidade de inauguração foi presidida pelo Secretário da Agricultura, Pedro Tassinari Filho, acompanhado do prefeito municipal de Guaratinguetá, Walter de Oliveira Melo, entre outras autoridades.

Após a inauguração oficial e hasteamento da bandeira nacional, autoridades e visitantes percorreram os pavilhões de gado.

JULGAMENTO

O julgamento dos animais começou na segunda-feira com o técnico gaúcho Antonio Soares e Soares como Juiz Único da Exposição Regional que apresentou 218



Festividades de encerramento
da VII Exposição
de gado holandês.



Espiga Royal do Morro Alto,
de João Passarelli,
a Grande Campeã H.V.B.



Ministro Alysson Paulinelli,
Dario Meirelles e João Passarelli,
proprietário da Grande Campeã H.V.B.

animais inscritos entre as duas variedades do holandês.

O critério adotado pelo juiz no julgamento do certame regional, teve sua confirmação logo a seguir na Exposição Nacional com a classificação dos mesmos animais para os Grandes Campeonatos.

Os resultados foram estes:

Gado Holandês Preto e Branco — Exposição Regional

Fernando Alencar Pinto 192,5 Pontos;
Belchior F. Batista 139,9 Pontos; Antonio C. Faria 132 Pontos.

Gado Holandês Vermelho e Branco — Exposição Regional.

Hugo Reinaldo Bueno 476 Pontos;
Paulo R. F. Vilela 62,2 Pontos; Agrovale 53,9 Pontos.

Os ganhadores das medalhas de ouro Regionais foram Fernando Alencar Pinto e Hugo Reinaldo Bueno.

O julgamento da Exposição Brasileira teve início na quarta-feira, após o término da Regional, e teve como juiz da variedade preta e branca o canadense Ray Brubaker, indicado pela Holstein Friesian of Canada.

Já é comum que o julgamento não agrade completamente a todos os expositores que invariavelmente sentem-se prejudicados por esta ou aquela decisão do juiz, mas o que não se esperava é um descontentamento tão grande sobre a atuação do juiz canadense, pois poucos foram os criadores que saíram realmente contentes, principalmente nas primeiras categorias que foram à pista.

Poderia atribuir-se a disparidade do critério adotado ao grande número de animais que concorreram em cada categoria o que poderia ter provocado a indecisão de Mr. Brubaker, mas isto não é admissível em um juiz internacional indicado pela própria Associação do Canadá.

Com o transcorrer do Julgamento e diante da grita geral parece que Mr. Brubaker conseguiu finalmente adotar critérios mais condizentes com a sua posição.

A variedade Vermelha e Branca da Exposição Brasileira foi julgada pelo americano W. O. Payne que não sofreu as críticas que o seu colega canadense, embora houvesse também algum pequeno descontentamento.

Os resultados foram estes:

Gado holandês preto e branco — Melhor Expositor — Exposição Brasileira.

Joaquim Peixoto Rocha 438,5 pontos;
Manuel Pontes Neto 341 pontos; Fernando Alencar Pinto 199,50 pontos.

Gado Holandês vermelho e branco — Melhor Expositor — Exposição Brasileira.



Grupo de vacas, destacando-se Condon Texal Bess, Grande Campeã H.P.B., propriedade de Joaquim Peixoto Rocha.



Alysson Paulinelli observa o gado de Amilcar Yamin.



Em primeiro plano o Grande Campeão H.V.B. Galv's Barroso de Hugo Reynaldo Bueno.

Faz. Pica-Pau Amarelo 427 pontos; Amilcar Yamin 312,50 pontos; João Passarelli 312,25 pontos.

Gado Holandês preto e branco — Melhor Criador — Exposição Brasileira.

Manuel Pontes Neto 224,25 pontos; Fernando Alencar Pinto 199,50 pontos; Joaquim Peixoto Rocha 182 pontos.

Gado Holandês vermelho e branco — Melhor Criador — Exposição Brasileira.

Antonio Carlos Rachou Vaz de Almeida 195 pontos; João Passarelli 155,75 pontos; Faz. Pica-Pau Amarelo 52,25 pontos.

Devemos ressaltar que a representação de vermelho e branco presente à Exposição de Guaratinguetá foi sem dúvida a melhor que já nos foi dado ver, seja pela quantidade como pela qualidade.

Os próprios criadores de preto e branco (variedade bem mais difundida no Brasil) foram unânimes em declarar que estavam impressionados com a alta qualidade do HVB exposto e esta melhoria deve-se a criadores como José Sylvio Magalhães, do Rio de Janeiro, João Passarelli e Amilcar Yamin, criadores de São Paulo, Antonio Carlos Rachou, de São Manuel, Hugo Reynaldo Bueno, de Cruzeiro entre outros de não menos valor, que trabalham para o aprimoramento da raça.

As medalhas de ouro da Brasileira foram assim distribuídas:

Melhor expositor HVB, José Sylvio Magalhães — Melhor Expositor HPB Joaquim Peixoto Rocha — Melhor Criador HPB Manuel Pontes Neto — Melhor Criador HVB, Antonio Carlos Rachou Vaz de Almeida.

A Exposição Brasileira apresentou 544 animais inscritos (pertencentes a 33 expositores) que somados aos 218 da regional formou um total de 762 animais inscritos representando plantéis de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná.

OS GRANDES CAMPEÕES

Grande Campeão preto e branco: Marjan Falcão Star que foi também o Campeão Sênior da Exp. Regional e é de propriedade de José Cypriano Sobrinho, criador de Cruzeiro.

Grande Campeã preto e branco: Condon Texal Bess (Importada) de propriedade de Joaquim Peixoto Rocha.

Grande Campeão vermelho e branco: Galv's Barroso que foi também o Campeão Sênior na Exposição Regional e pertence a Hugo Reynaldo Bueno, de Cruzeiro.

Grande Campeã Vermelha e branca: Espiga Royal do Morro Alto (GHB) do criador de Guaratinguetá, João Passarelli.



O secretário da Agricultura de São Paulo, Pedro Tassinari Filho, inaugura oficialmente a exposição



Detalhe dos pavilhões de gado, destacando-se a representação de Antonio C. Faria.



Manuel Pontes Neto cumprimentado pelo ministro Alysson Paulinelli por ser ganhador da Medalha de Ouro, Melhor Criador H.P.B.

A EXPOSIÇÃO

Foi registrada enorme afluência de visitantes durante os dias que se realizou a Exposição de Guaratinguetá. Além do público interessado em ver de perto os magníficos animais apresentados, compareceram também muitos criadores de vários pontos do País interessados em adquirir alguns animais para serem incorporados aos seus plantéis e dessa maneira melhorar os seus rebanhos.

Devido a esse interesse em adquirir reprodutores e matrizes de alta qualidade, o volume de negócios realizados na exposição foi bastante expressivo e a firma que realizou maior número de negócios foi a AGROVALE que vendeu todos os animais que foram levados com esta finalidade.

ENCERRAMENTO

As solenidades de encerramento estiveram a cargo do Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, que acompanhado de demais autoridades percorreu os pavilhões de gado, cumprimentando pessoalmente os proprietários e elogiou a qualidade dos animais.

GUARATINGUETÁ

O município de Guaratinguetá, implantado no Vale do Paraíba, faz parte da maior bacia leiteira da América Latina, com uma produção média de 8 litros diários de leite, cifra bastante expressiva se levarmos em consideração que a produção média no Brasil é de 3 litros por vaca/dia.

Para que fosse conseguido este índice de produção, muitas inovações foram introduzidas, tais como a eletrificação rural, o que permite o uso de ordenhadeiras mecânicas e o uso de maquinaria moderna.

A Cooperativa de Laticínios de Guaratinguetá congrega 1.340 associados que produzem 90 mil litros de leite diários dos quais 36 mil são do tipo B.

Se por um lado, a realização da Exposição Brasileira de Gado Holandês este ano em Guaratinguetá trouxe muito benefício para a região, também não resta a menor dúvida que Guaratinguetá retribui o benefício à Brasileira, pois enquanto esta última era apresentada na Água Branca, nunca alcançou um índice tão elevado de representações e animais expostos, principalmente no que se refere ao gado holandês vermelho e branco, o que assinalou um recorde de inscrições e podemos afirmar que os 211 animais inscritos desta variedade constituem a maior população já assinalada em qualquer exposição deste e de outros países.

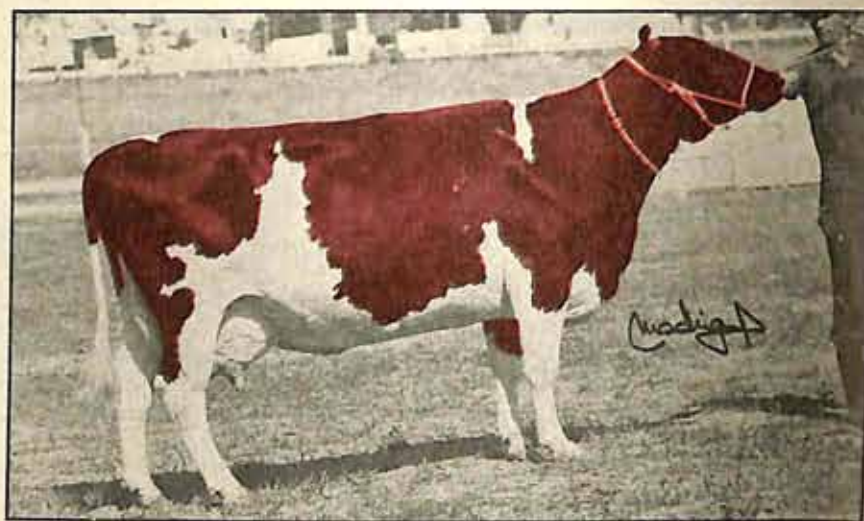
Parabéns a Guaratinguetá, ao seu povo, e aos promotores da Exposição pelo êxito alcançado, sem dúvida um marco que ficará registrado para sempre na história da pecuária leiteira.



MELHOR EXPOSITOR — 1975
VII EXP. BRASILEIRA DE GADO HOLANDÊS

NA VII EXP. BRASILEIRA DE GADO HOLANDÊS,
EM GUARATINGUETÁ, OBTIVEMOS:

Res. Grande Campeã — POI
Melhor Úbere — POI
2.º prêmio Progenie de Pai Jr. — PON
Campeã Bezerra — POI
Res. Campeã Bezerra — POI
Res. Campeã Novilha — POI
Res. Campeã 2 Anos — POI
Res. Campeã Vaca Adulta — POI
Campeã Novilha — PON
Campeã 3 Anos — POI
Campeã Vaca Adulta — POI
Res. Campeã Bezerra — PON
1.º prêmio Progenie de Pai Sr. — POI
1.º prêmio Progenie de Mãe — POI
7 primeiros prêmios
4 segundos prêmios
4 terceiros prêmios
2 quartos prêmios



C. ELLETA CITATION JONI RED — POI, nasc. 25-7-68,
filha de Rosafé Citation R e Jean Pontiac Revelation. Res. Grande
Campeã na VII Exp. Brasileira de Gado Holandês.



Úbere de SNOWBALL em plena produção com
32,500 litros de leite em duas ordenhas.
Produção: 4-9 364d 2x 5.430 kg de
leite e 204 kg de gordura 3,76% LM.

ÚBERES
PERFEITOS
EM
GRANDES
PRODUTORAS



Úbere excelente de IRIS que, recém-parida
e em controle oficial,
deu 22,600 kg de leite
em duas ordenhas.



FAZENDA DO PICA

RETA DO GUANDU, 139 — JESUITAS — SANTA CRUZ

OFERECER O MELHOR PRODUTORAS SÃO E CLASSIFICADAS NÓS TEMOS DE VOCÊ PROCURA

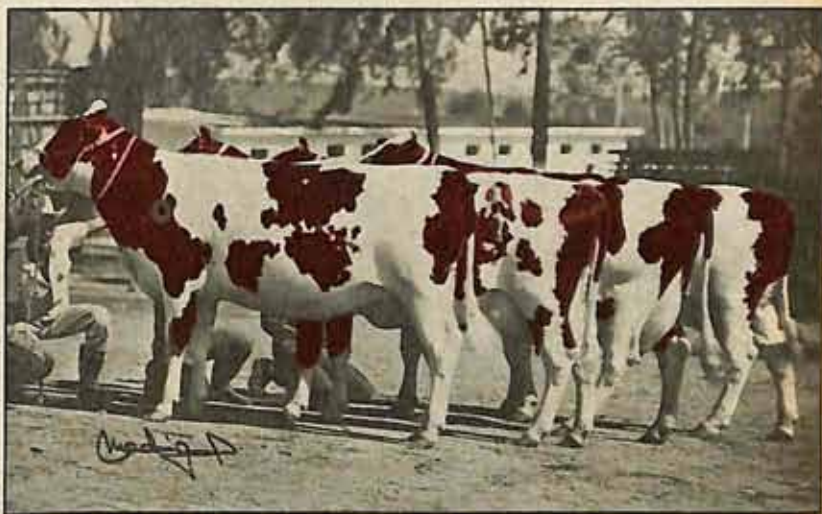


MELHOR EXPOSITOR-74 — MELHOR CRIADOR-74
MELHOR EXPOSITOR-75

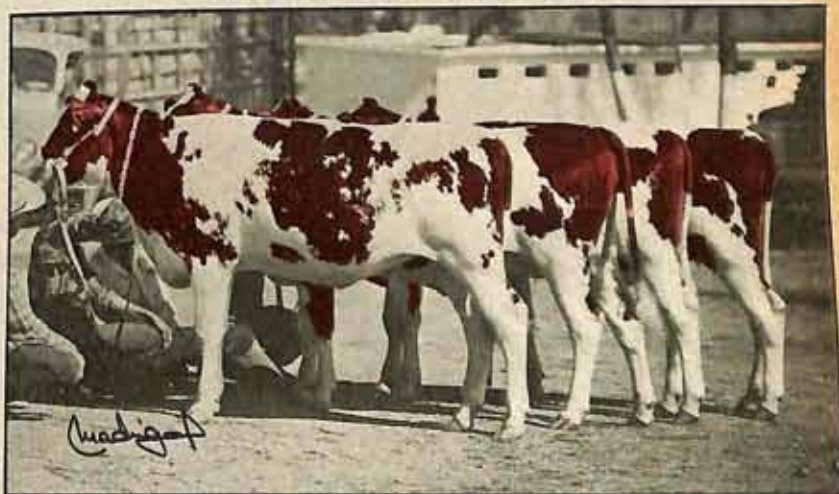
83 PONTOS DE MÉDIA!
101 VACAS CLASSIFICADAS!

N.º de animais	Classificação
6 vacas	Excelentes
5 "	88 pontos
5 "	87 "
8 "	86 "
6 "	85 "
22 "	84 "
22 "	83 "
14 "	82 "
23 "	81 "
3 "	80 "
2 "	78 "

CONTROLANDO TODAS AS VACAS DO
REBANHO, OBTIVEMOS DURANTE OS
ANOS DE 1971-72-73-74 A MÉDIA DE 16
LITROS DE LEITE, DANDO A LACTAÇÃO
MÉDIA DE 4.100 KG DE LEITE EM 305
DIAS EM DUAS ORDENHAS.



Conjunto Campeão Progênie de Pai Sênior — POI — na VII
Exp. Brasileira de Gado Holandês-75: C. Heatherica Citation Bess Red,
C. Goldayle Joan Red, C. Neylands Citation Cherryl
Red e C. Elleta Citation Joni Red.

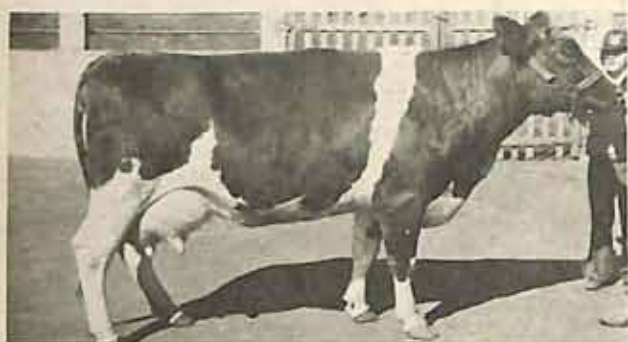


2.º Prêmio Progênie de Pai Júnior — PON — na VII Exp. Brasileira
de Gado Holandês-75: Eureka Roeland Mag's, Mag's Geiza Royal,
Mag's Dunleia Royal e Mag's Penelope Pioneer Royal.

AMARELO S.A.

— RIO DE JANEIRO — FONE: 395-0058

O autêntico "HOLANDO-BRASILEIRO"
vive na Fazenda Boa Esperança, de A.J. Meirelles



JARDINEIRINHA CITATION DE MEIRELLES — Rg GHB
Produção: 3a 5m 2x 299d 6.482 L 235 G 3,63% LE
Recordista brasileira em leite e gordura, classe BJ, 305d 2x.



DAMIETA EBAUMAR DE MEIRELLES — Rg GHB — 090
Prod. 7a 9m 2x 296d 8.645 L 301 G 3,49% LE
Com prod. média diária de 29,200 kg, tornou-se recordista nacional
classe D 2x 305d.



FADA PIONEER DE MEIRELLES — Rg GHB 176
Prod. 3a 9m 2x 310d 6.590 L 239 G 3,63% LM LE
Recordista brasileira classe 3½-4a 305d 2x



FLORISBELA DE MEIRELLES — Rg PC 4659
Produção: 6a 357d 8.591 kg 3,42%



ALVORADA CITATION R DE MEIRELLES — Rg PC SP45954
Juntamente com Azaleia, ao lado, formam uma forte
progênie de mãe.



AZALEIA CITATION DE MEIRELLES — Rg GHB — 231
Produção: 2-4 320d 4.200 kg 3,73%
Foi classificada no registro seletivo com 84 pontos.

FAZENDA BOA ESPERANÇA

ANTONIO JOSINO MEIRELLES E FILHOS

criação de gado holandês vermelho e branco de alta produção
BATATAIS — SP — Fone: 2161

RIBEIRÃO PRETO: Av. Independência, 1655 — Fone: 25-2639

5 VEZES GRANDE CAMPEÃO!

PEGASSUS

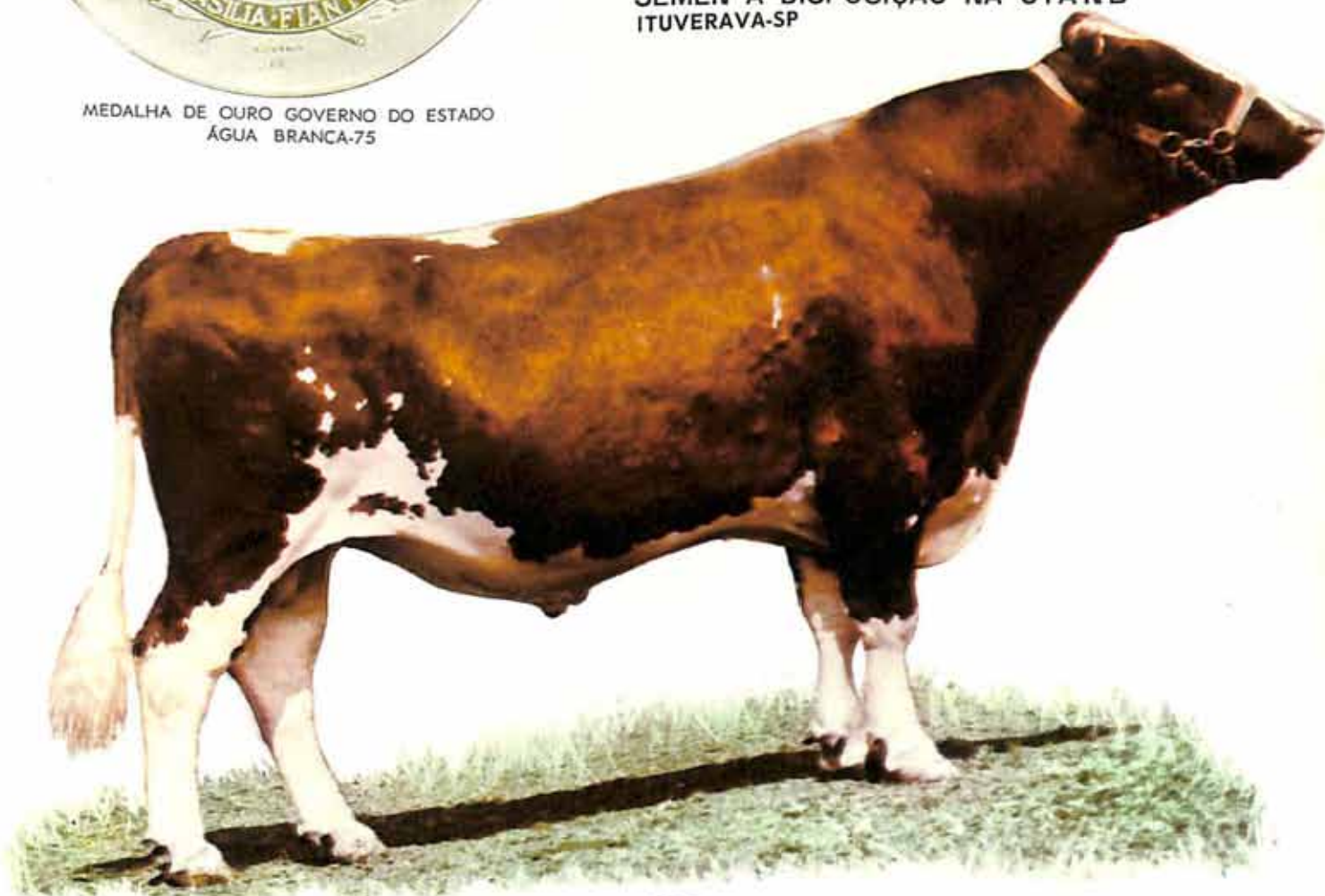
S.J.T. SURODANA CITATION PEGASSUS RED

Confirmando suas inegáveis qualidades por 5 vezes consecutivas, Pegassus sagrou-se Grande Campeão, fato inédito neste País sendo submetido ao critério de 4 juizes internacionais e 1 nacional que o elegeram: Grande Campeão na Exposição do Gado Leiteiro na Água Branca-74; Grande Campeão na Exposição de Guaratinguetá-74; Grande Campeão na Exposição Brasileira de Gado Holandês na Água Branca-74; Grande Campeão na Exposição do Gado Leiteiro na Água Branca-75; Grande Campeão na Festa do Leite em Batatais-75. Consideradas as 5 maiores Exposições de Gado Holandês do Brasil.

SÊMEN À DISPOSIÇÃO NA CIANB
ITUVERAVA-SP



MEDALHA DE OURO GOVERNO DO ESTADO
ÁGUA BRANCA-75



GRANJA SANTA INÊS DE JOÃO PASSARELLI
ITAQUAQUECETUBA - SP



ÁGUA BRANCA-75

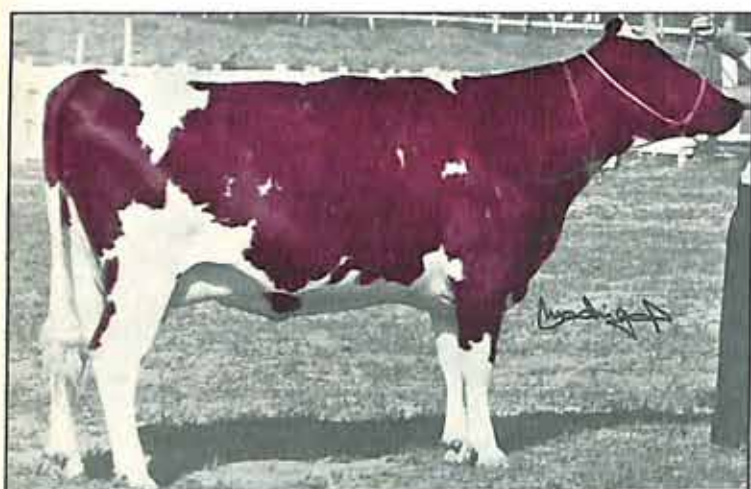
GRANJA SA

DE JOÃO PASSARELLI - ITAQUAQUECETUBA

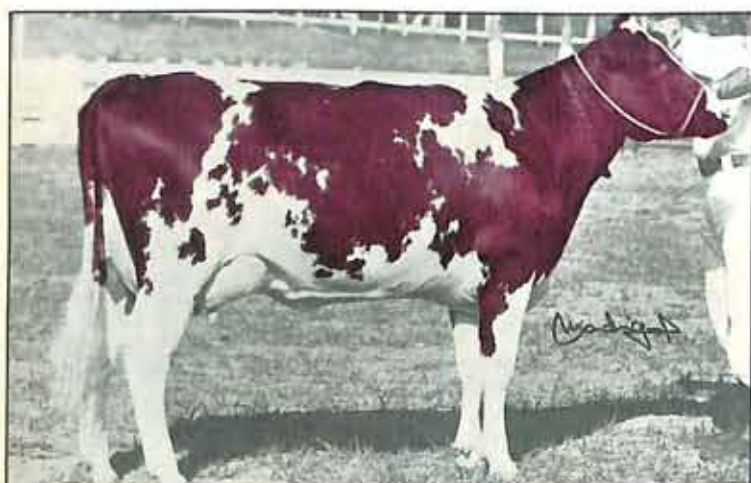
**Sucesso absoluto:
Medalha de Ouro C**

PRÊMIOS

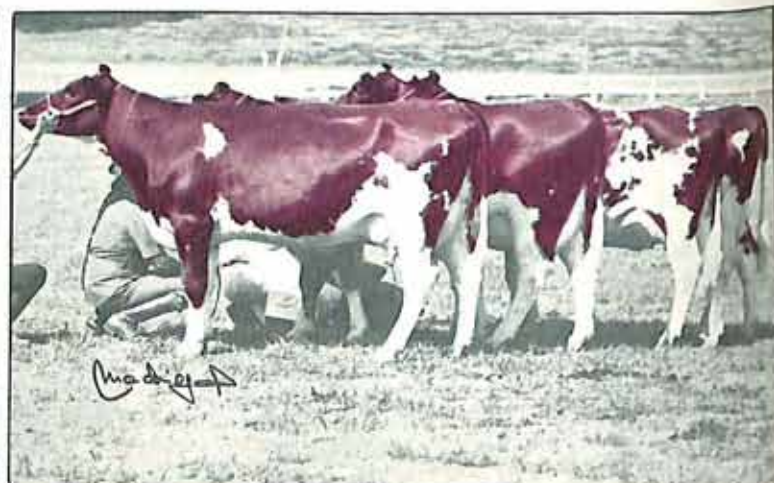
- Grande Campeão
- Grande Campeã
- Res. Grande Campeão
- Campeão Sênior — PON
- Campeão Júnior — PON
- Campeã Vaca Jovem — PON
- Res. Campeã Vaca Jovem — PON
- Campeã Novilha Menor — PON
- Campeão Bezerro Menor — PON
- Campeã Vaca Adulta — PC



MAR HAVAIANA PEGASSUS RED
Nasc. 13-3-72
Res. Campeã Vaca Jovem



MAR HUCHA PEGASSUS RED
Nasc. 26-6-72
Campeã Vaca Jovem



Conj. Progénie de Pai Sênior
Filhas do Grande Campeão Pegassus:
HAVAIANA, HUCHA, HIDRA, J.P. IDAI.

STA INÊS

SP - EM SÃO PAULO: FONE 221-5181

Água Branca-75

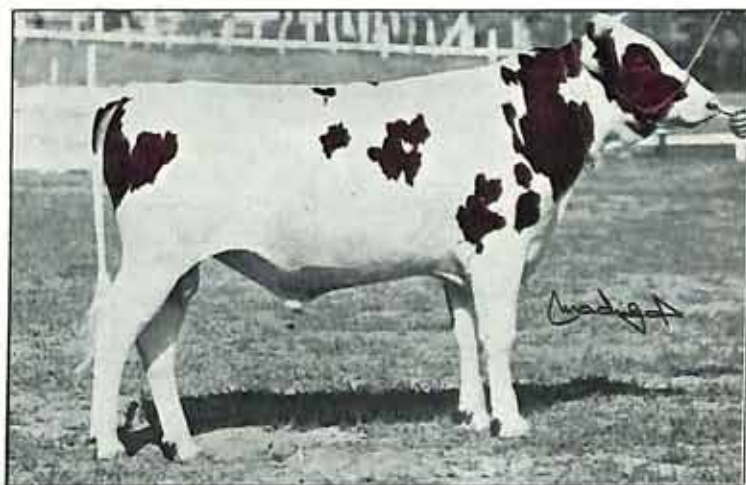
overno do Estado

OBTIDOS

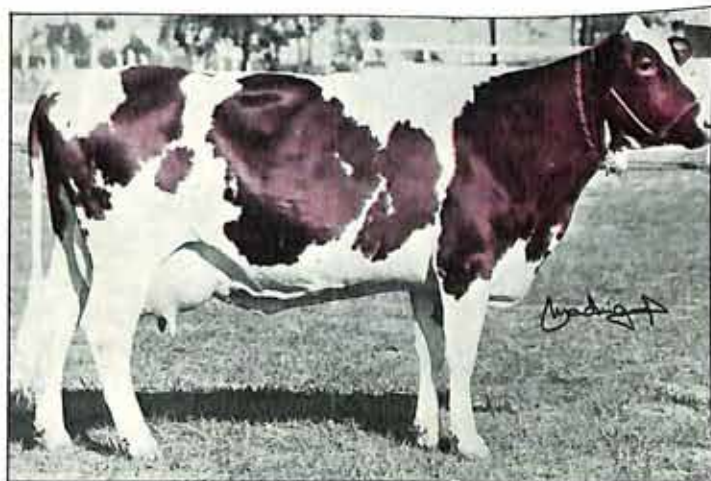
- Res. Campeã Vaca Adulta — PC
- Campeã Vaca Jovem — PC
- Res. Campeã Novilha Menor — PC
- Campeã Novilha Menor — PC
- Campeã Bezerra Maior — PC
- Res. Campeã Bezerra Maior — PC
- Res. Campeã Bezerra Menor — PC
- 1.º Conj. Progenie de Pai Júnior
- 2.º Conj. Progenie de Mãe
- 2.º Conj. Progenie de Pai Sênior



GUARATINGUETÁ-74



J.P. JANGADEIRO ROYAL RED DE STA. INÊS
Nasc. 25-11-73
Campeão Júnior e Res. Grande Campeão



CAIÇARA DE STA. INÊS
Nasc. 21-1-70
Campeã Vaca Adulta



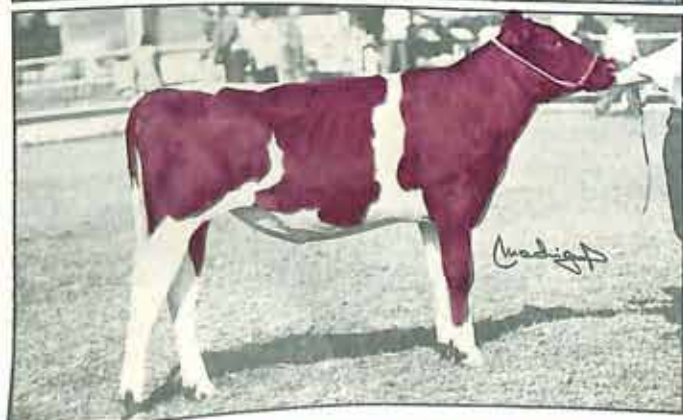
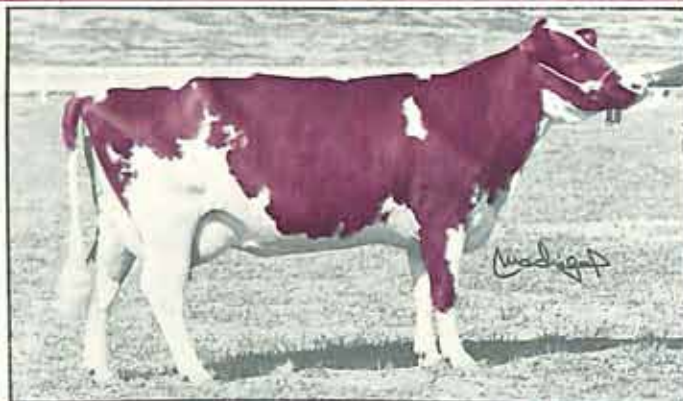
CONJ. PROGÊNIE DE PAI JÚNIOR
J.P. Jangadeiro, J.P. Ira,
I.P. Hera, J.P. Alga.

REBANHO DE ALTA PRODUÇÃO LEITEIRA...

... E grande caracterização de tipo comprovada através de muitos prêmios. VII Exposição Brasileira de Gado Holandês conquistamos o segundo lugar.

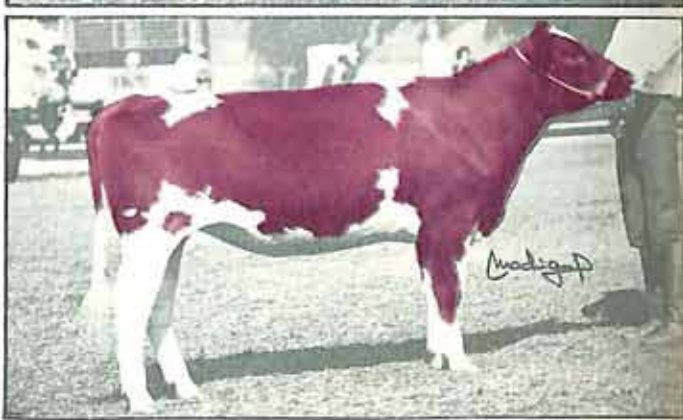
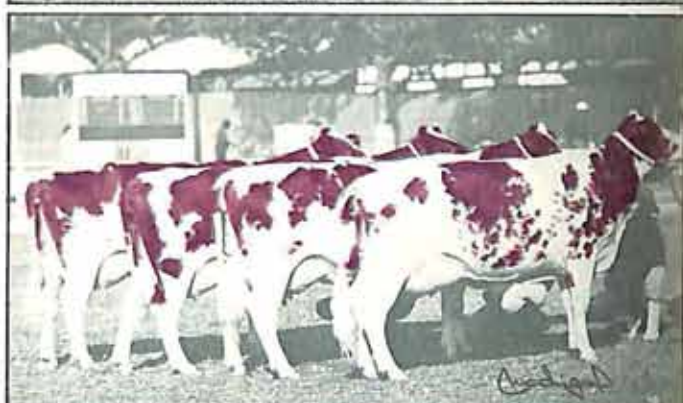
TIPO

Até julho de 1975, em 3 exposições, conquistamos os seguintes prêmios: 1 Grande Campeã; 1 Reservada Grande Campeã; 3 Campeãs Vaca Adulta; 2 Reservadas Campeã Vaca Adulta; 1 Campeã Vaca Jovem; 2 Reservadas Campeã Vaca Jovem; 2 Reservadas Campeã 3 anos; 1 Campeã 2 anos; 6 Campeãs Novilha; 2 Reservadas Campeã Novilha; 4 Campeãs Bezerra; 1 Campeão Bezerra; 1 Melhor Úbere; 1 segundo lugar de úbere; 2 primeiros Progênie de Pai Sênior; 1 segundo Progênie de Pai Júnior; 2 primeiros Progênie de Mãe; 1 segundo Progênie de Pai Sênior; 30 primeiros prêmios; 20 segundos prêmios.



LEITE

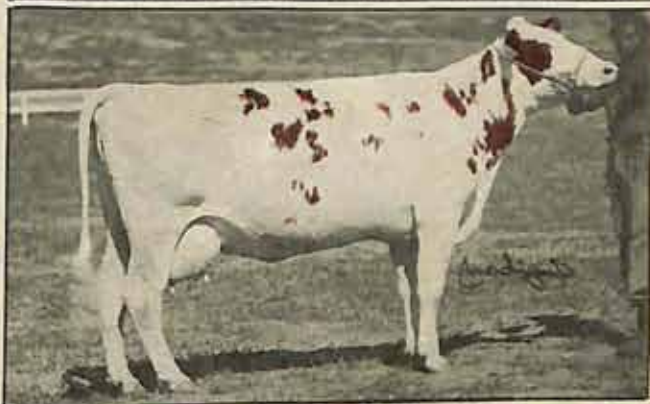
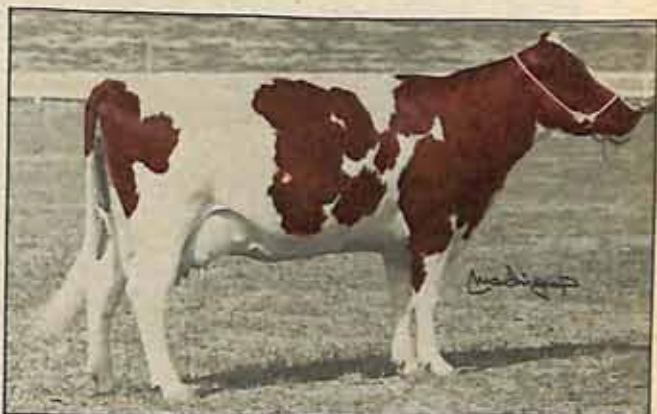
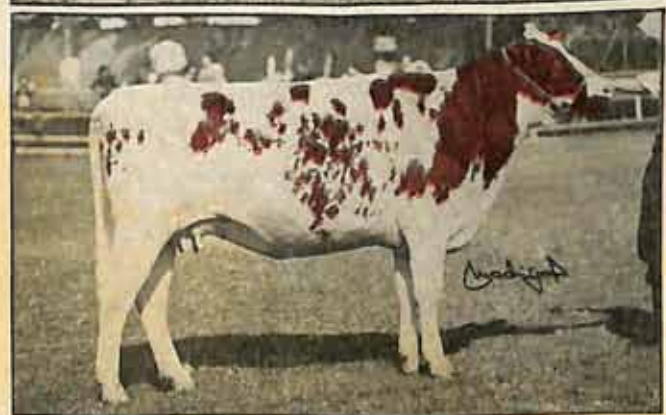
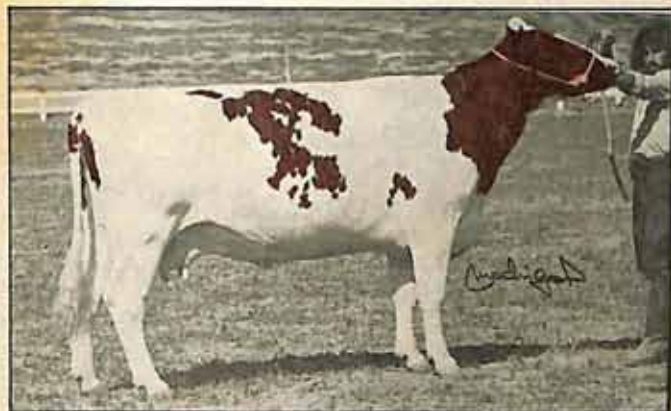
Até julho de 1975 produzimos em algumas lactações, no regime de 3 ordenhas: Colorida — 4,8 — 365 — 9.055 — 309 — 3,41% — LM; Lucélia — 5,3 — 361 — 9.721 — 314 — 3,23% — LM; Castro Linda — 4,6 — 365 — 9.726 — 325 — 3,34% — LM; Pereira Carla — 5,5 — 365 — 8.909 — 343 — 3,84% — LM; Perola — 4,10 — 365 — 7.238 — 250 — 3,45% — LM; Brasília — 7,4 — 365 — 7.683 — 259 — 3,37% — LM; Geitosa — 7,4 — 365 — 7.615 — 243 — 3,17% — LM; Mensageira — 4,6 — 365 — 7.931 — 253 — 3,19 — LM; Els 9 — 4,9 — 365 — 7.176 — 257 — 3,58% — LM; Opala — 5,0 — 365 — 7.069 — 264 — 3,73% — LM; Evocação — 2,7 — 365 — 7.685 — 258 — 3,00% — LM; Labareda — 4,1 — 365 — 7.972 — 269 — 3,37% — LM. Nos últimos 8 meses, em controle oficial, nosso rebanho com média de idade de menos de 4 anos, produziu a média de 22,20 quilos de leite por animal-dia.



conquistados nas melhores exposições do país, sendo que na
na contagem geral de pontos.

FAZENDA SÃO JUDAS TADEU

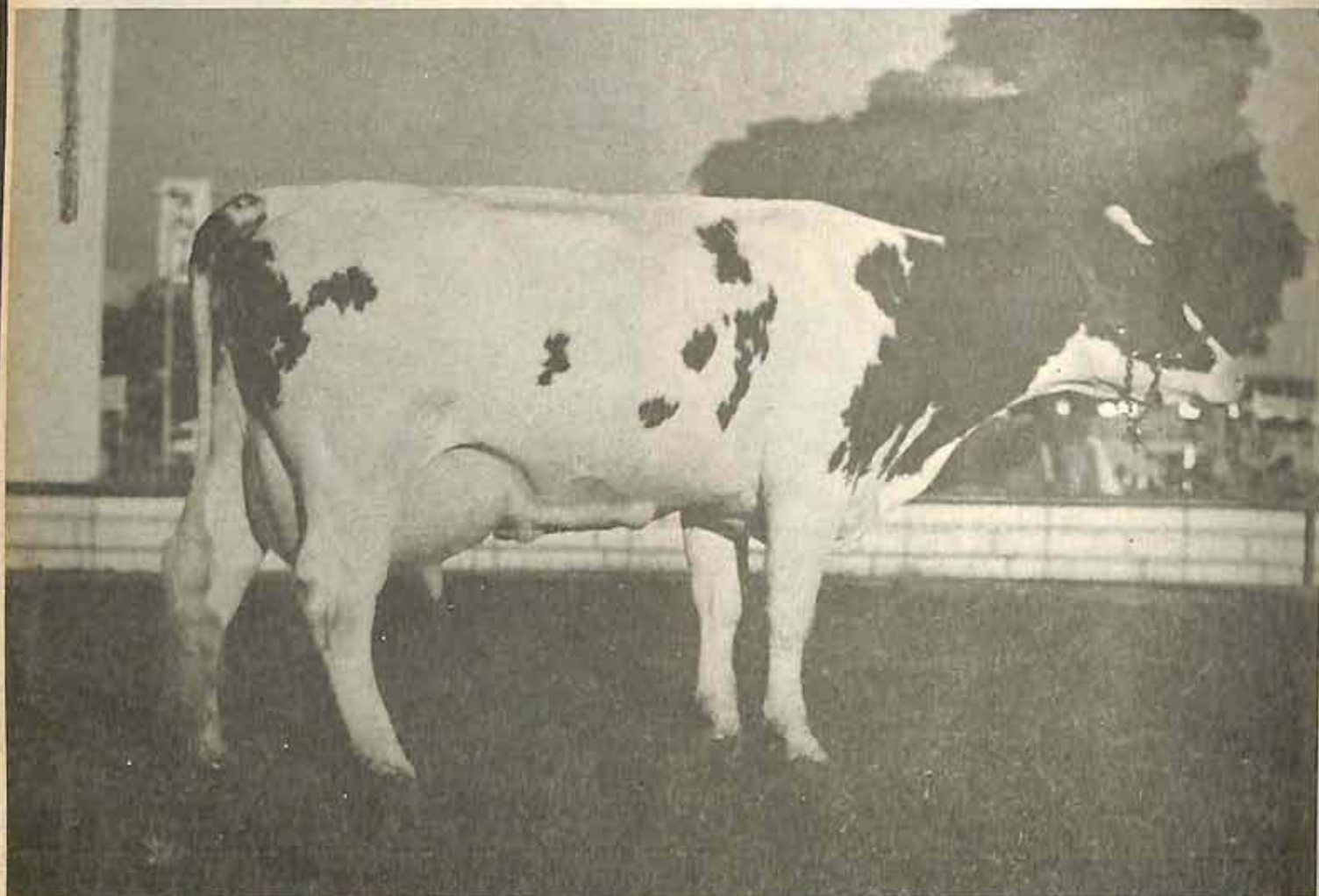
PROPRIETÁRIO:
AMILCAR YAMIN
ATIBAIA - SP



FAZENDA FUTURAMA

Prop. EDILBERTO NASCIMENTO

Rua 16 n.º 285 — Centro — Tel. 6-3433 — Goiânia-GO
CRIAÇÃO DE HOLANDES VERMELHO E BRANCO P.O. E P.C.



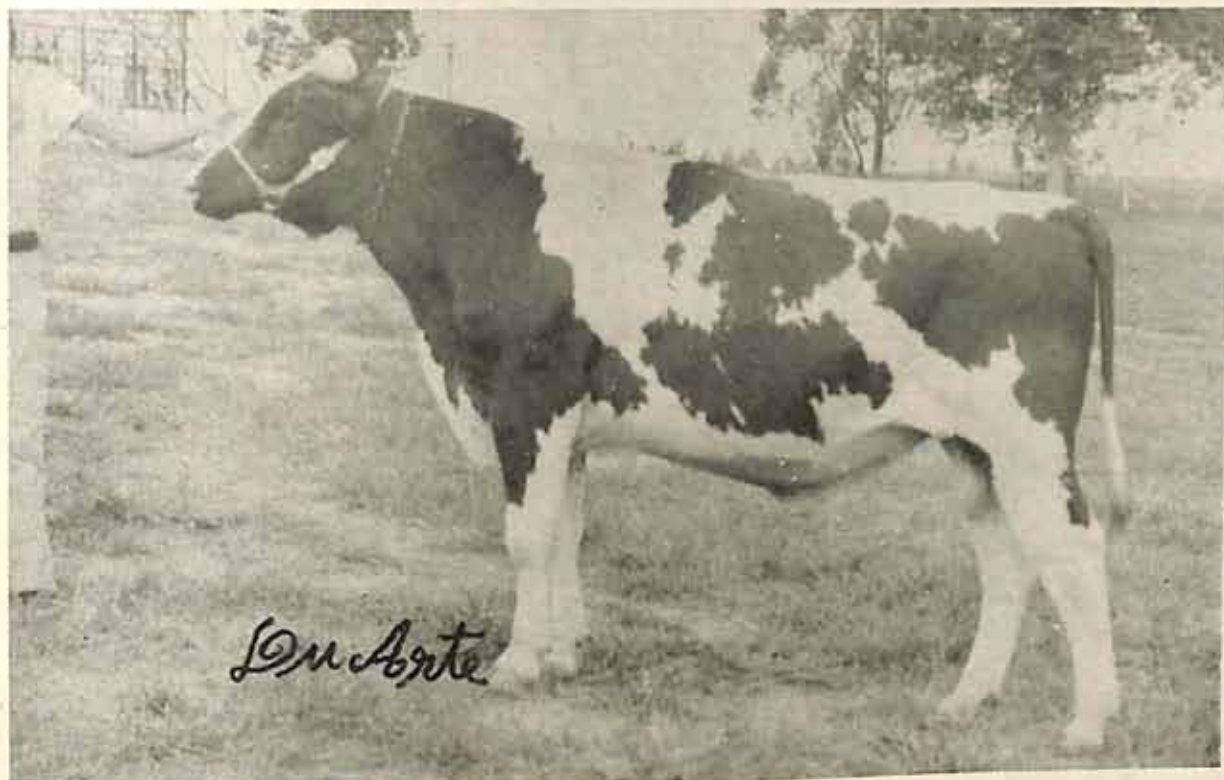
FUTURAMA PIONEER BETSY — HBB/BB.2699.
Grande Campeã e Campeã Vaca Adulta
na 31.ª Exposição de Goiânia-75.



FUTURAMA
MAIA PIONEER
SP. HBB, 21.363,
12 m. CAMPEÃ
BEZERRA E
RESERVADA
GRANDE CAMPEÃ
NA 31.ª
EXPOSIÇÃO DE
GOIÂNIA.

FAZENDA SÃO LOURENÇO

PROP. RODOLPHO FIGUEIRA DE MELLO
MUNICÍPIO TRÊS RIOS — KM 128 RODOVIA BR 135



OAK RIDGE TARQUIN-RED POI — fotografado aos 17 meses-filho de Rosafé Citation R. Oak Telstar Lana



A SUE NUGGET-RED — POI — Grande Campeã Cordero, Reservada Campeã Vaca Jovem na VI Expo Gado Holandês S. P. 74



MR. APOLO CARMAN-RED PON

HVB

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

INFORMAÇÕES E CORRESPONDÊNCIA: Rua Dr. Rodolpho Figueira de Mello, nº 6
CORRÉAS — Estado do Rio — TEL.: (DDD 0242) 720276

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES (PO e PC)



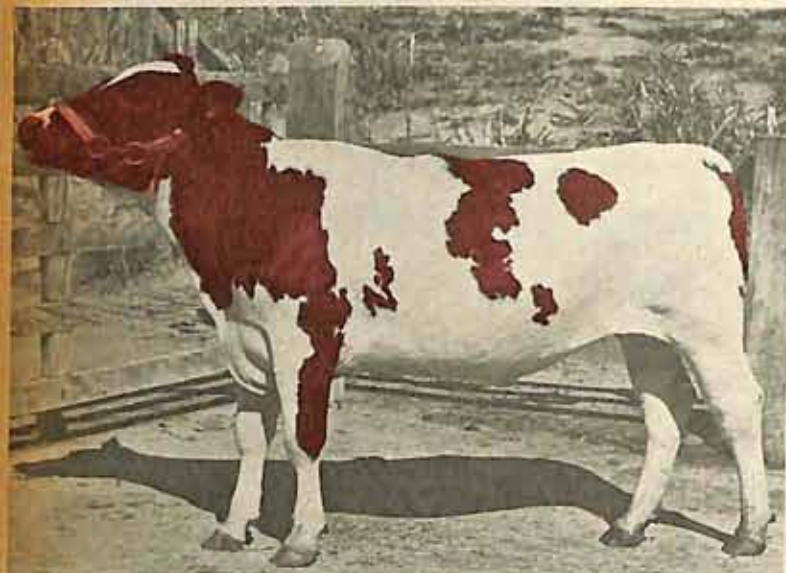
FAZENDA MORRO ALTO

QUALIDADE RENOVADA

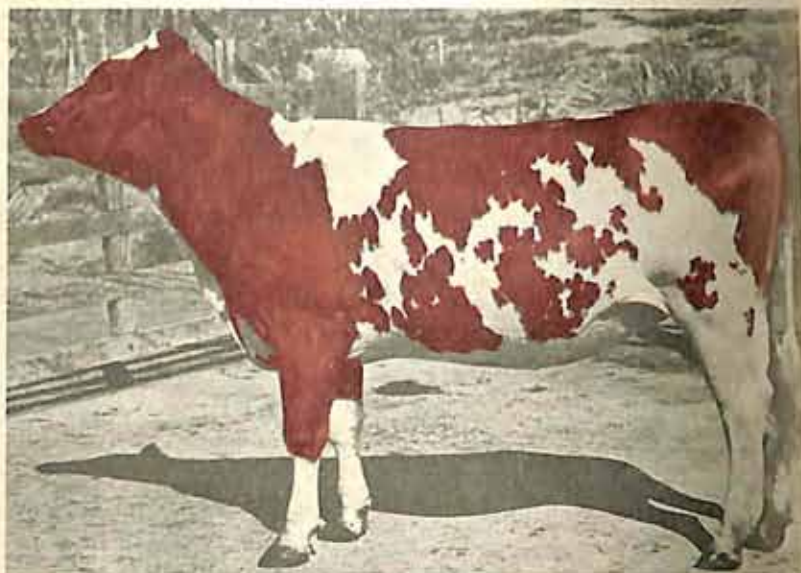
CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE HOLANDES VERMELHO E BRANCO

Venda permanente de machos e fêmeas

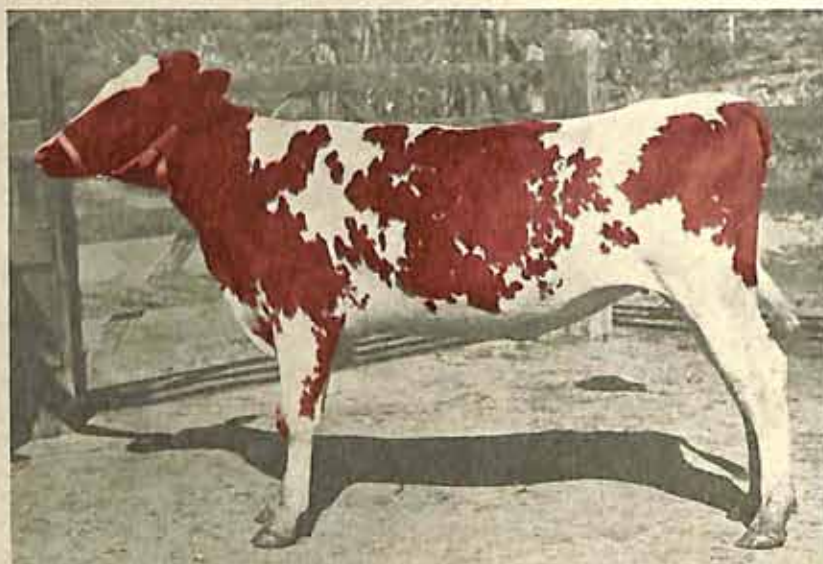
APRESENTAMOS NOSSOS MAIS RECENTES SUCESSOS:



ANDROMEDA SULTAN F.S.R. AMPARO
Nasc. 21-9-73, Campeã Bezerra P.C.
na VI Expo. Hol. 1974 — Água Branca-SP



GUANABARA ALOMA 1.º DO ROYAL
Nasc. 15-8-73, Campeã Bezerra P.O.
na I Exp. Bragança Paulista — 1974
Campeã Bezerra P.O. — Três Corações — MG-74



F.S.R. AMPARO BELLE SOVEREIGN
Nasc. 2-6-74, 4.º lugar Campeonato Bezerra
na VII Expo. Hol. Guaratinguetá-75

AGRO PECUÁRIA NOSSA SENHORA DO AMPARO S/A

AMPARO — SP — 360 — Km 123 — fones: 70-2341 e 70-2612
Em São Paulo, telefone: 36-7174

23.024 quilos de leite por ano. O Brasil precisa de vacas capazes de bater este recorde.



O recorde acima foi obtido pela vaca Mowry Prince Corinne, da raça Holandesa Preta e Branca, aos 9 anos e 9 meses de idade, da Fazenda Mowry, Roaring Spring, Pennsylvania, USA. Com duas ordenhas diárias, durante 365 dias, ela produziu 23.024 quilos de leite com 3% de gordura, batendo um recorde mundial.

Para obter este recorde uma vaca precisa honrar muito a sua raça e nunca esconder o leite. Exatamente como faz uma Jersey, por exemplo, ou uma Holandesa Preta e Branca, Holandesa Vermelha e Branca ou uma Brown Swiss. E quanto mais você apura a raça de qualquer uma destas vacas respeitáveis, mais elas retribuem com leite, troféus e recordes.

É aqui que entra a Cipari.

A Cipari é uma empresa de inseminação que coleta, industrializa e coloca à disposição dos criadores brasileiros o sêmen da raça Holandesa criada no Brasil e o importado das raças Jersey, Holandesa Preta e Branca e Brown Swiss. E agora a Cipari fez fusão com a ABS - American Breeders Service, a maior organização do mundo em inseminação. Com esta fusão o Brasil passa a dispor dos mais modernos recursos do mundo no setor. Tanto que a Cipari pode oferecer todo o material necessário à inseminação, prepara técnicos e dá assistência técnica.

Assim, os criadores poderão aprimorar geneticamente as raças e desenvolver matrizes e reprodutores de alta linhagem num prazo menor e de maneira mais econômica. Como você vê, está tudo pronto para começar o maior campeonato mundial de produção de leite.

E o Brasil desta vez poderá ganhar.

CIPARI



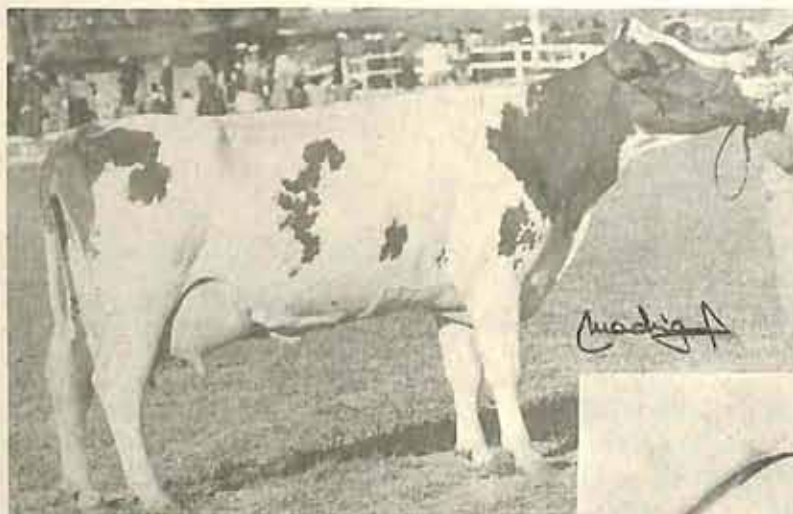
O GRANDE CAMPEÃO NACIONAL H. V. B.

VII EXPOSIÇÃO BRASILEIRA DE GADO HOLANDÊS - GUARATINGUETÁ - 75



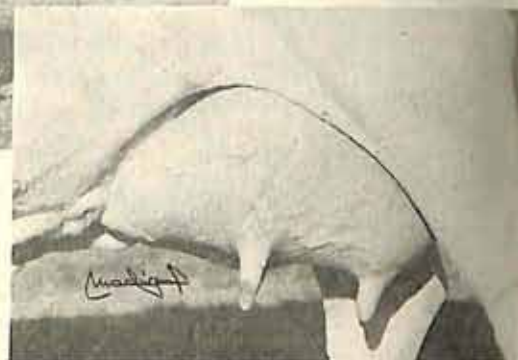
MEDALHA DE OURO
GUARATINGUETÁ-75

GALV'S BARROSO — nasc. 16-3-71, filho de Duallyn Luke's Citation e Kranz Dale P.O. Dundid. Campeão Bezerro na Água Branca-72; Campeão Touro Jovem na Água Branca-73; Campeão Touro Jovem e Res. Grande Campeão em Guaratinguetá-74; Campeão Senior e Grande Campeão em Cruzeiro-74; Campeão Senior e Grande Campeão na Exp. Regional em Guaratinguetá-75; Campeão Senior e Grande Campeão na Exp. Brasileira em Guaratinguetá-75.



VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES PO E PC DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS NACIONAIS E IMPORTADOS. SUA VISITA NOS DARÁ PRAZER.

S.J.T. TORO NOVA 355 — P.O., nasc. 1-12-70, filha de Surodana Citation Nova e Surodana Rebeca Toro. 1.º prêmio e Campeã Bezerra, Água Branca-72; Reservada Campeã Vaca Adulta na Exp. Brasileira de Guaratinguetá-75; Res. Grande Campeã na Exp. Regional de Guaratinguetá-75. Produção: 3-7 2x 306 6.768 250 3,69% LM LE. É Recordista de Classe em 305 dias na classe BS.



PRÊMIOS OBTIDOS

Grande Campeão H.V.B.
Res. Grande Campeão
Grande Campeã
Res. Grande Campeã

Campeã Vaca Adulta
Campeã Vaca Jovem
Campeã Novilha
Campeã Bezerra

Campeão Bezerro
(animal de nossa criação,
apresentado pelo sr.
Paulo Roberto F. Vilela)

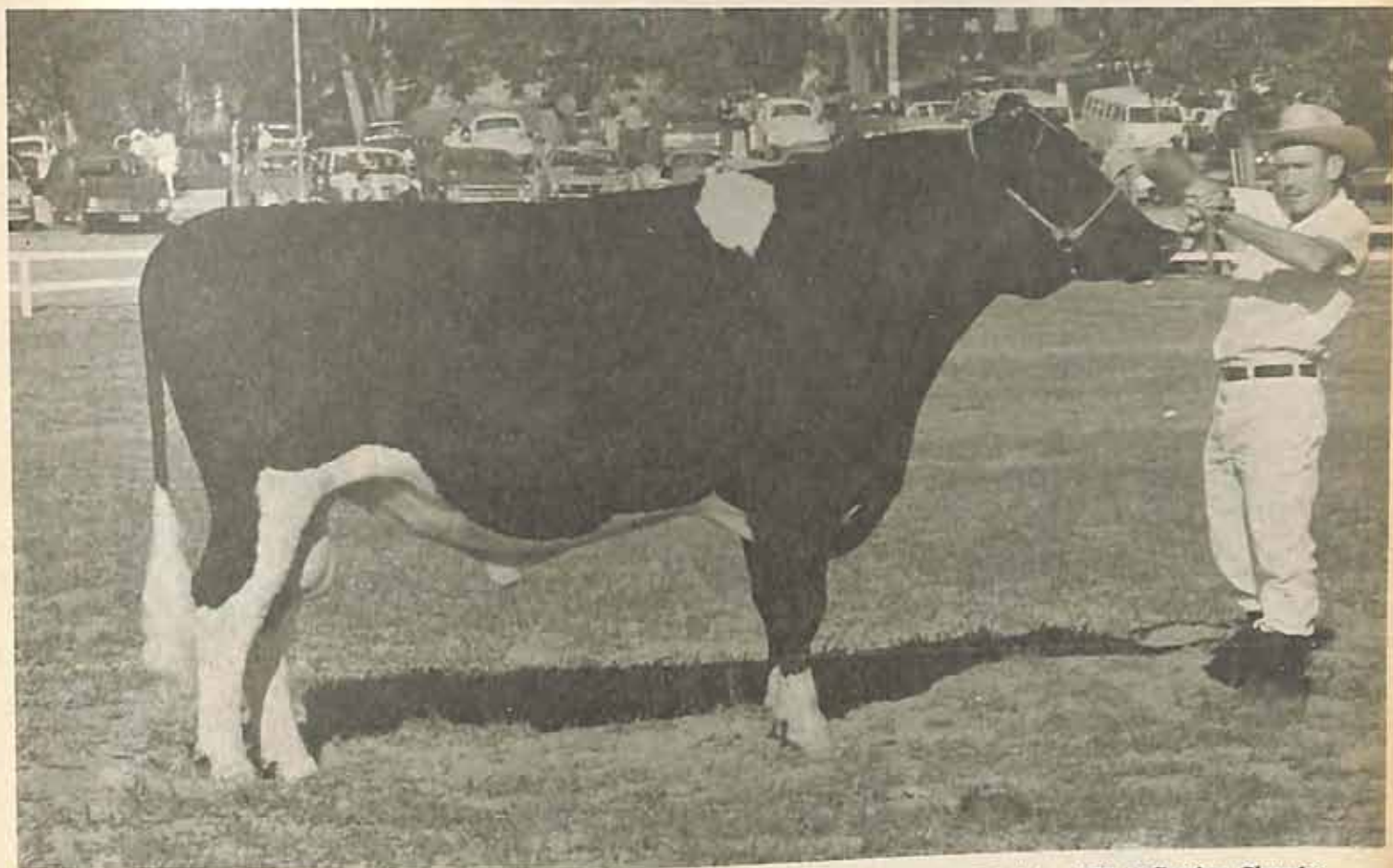
15 primeiros prêmios e 2 segundos prêmios

CHÁCARA LAGOA DOURADA
PROP. HUGO REINALDO BUENO

Caixa Postal, 27 — Fone: 44-0227
CRUZEIRO-SP

O GRANDE CAMPEÃO NACIONAL H. P. B.

VII EXPOSIÇÃO BRASILEIRA DE GADO HOLANDÊS - GUARATINGUETÁ - 75



MARJAN FALCÃO STAR — nasc. 21-5-72, filho de Bond Haven Rockman Star e Davicito B-58 Reflection Chumbo. Campeão Touro Jovem e Grande Campeão em Cruzeiro-74; Campeão Senior e Grande Campeão na Exp. Regional, em Guaratinguetá-75; Campeão Senior e Grande Campeão na Exp. Brasileira, em Guaratinguetá-75.



TRIGUEIRA PEREQUÊ — P.C.,
nasc. 20-10-73, filha de
Perequê Adema's Soberano e Columbia.



VITÓRIA — P.C.,
nasc. 19-7-69, filha de
San Geronimo 263 Glenvue Inkare e Vitória.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES H.P.B. — SUA VISITA SERÁ UM PRAZER

FAZENDA PEREQUÊ

PROP. JOSÉ CIPRIANO SOBRINHO

Rua Cap. Avelino Bastos, 315 — Fone: 44-0454
CRUZEIRO-SP

Com prazer nos dirigimos aos senhores criadores para participar que adquirimos a Fazenda Vargem Alegre, com todas as matrizes e reprodutores, onde funciona o PIONEIRO CENTRO DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL DO BRASIL para industrializar e comercializar semen bovino, fundado pelo dr. Milton Pannain.

Reconhecemos o valor daquele criador na melhoria da pecuária leiteira nacional e é uma honra para nós podermos continuar tão primoroso trabalho genético de cruzamentos de animais de alta linhagem e extraordinário pedigree.

Nosso desejo é servir no mais alto grau os interesses da pecuária nacional.

Cordialmente.

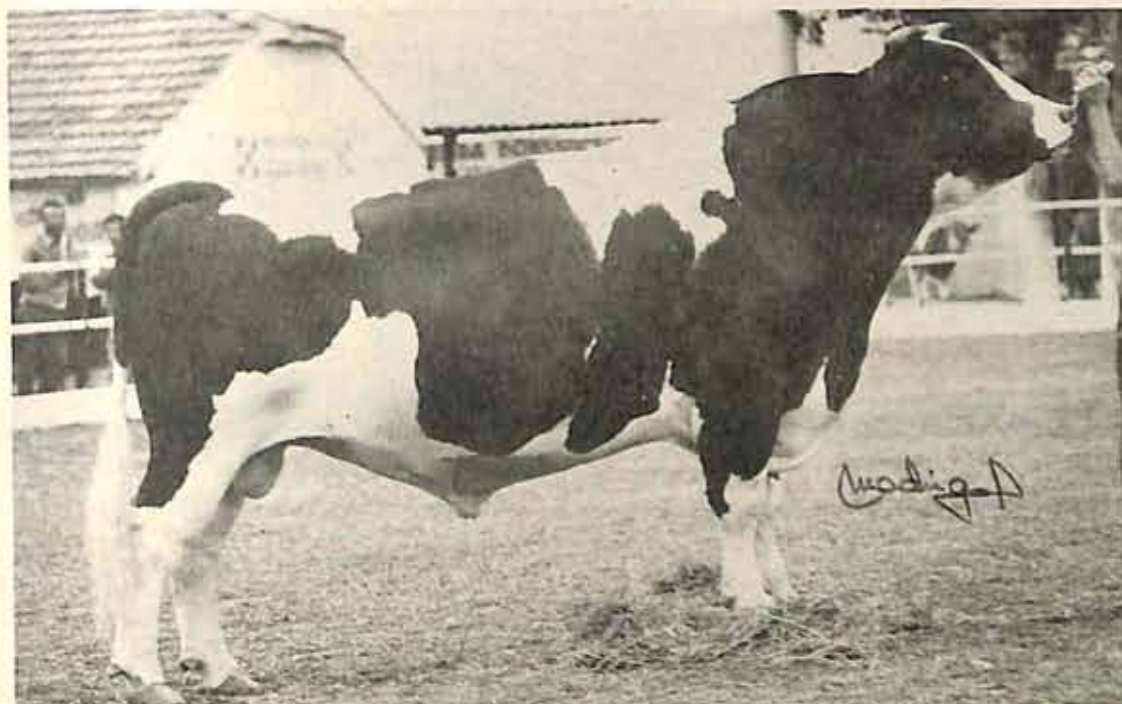


Fazenda Vargem Alegre

GADO HOLANDÊS PRETO E BRANCO

PROP. JOÃO DA SILVA

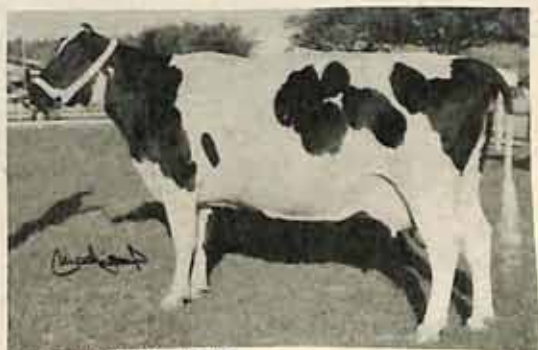
VARGEM ALEGRE — FONE 14 — BARRA DO PIRAI
ESTADO DO RIO DE JANEIRO — BRASIL



PREOCUPADOS COM A RENOVAÇÃO DE NOSSO PLANTEL, ADQUIRIMOS MAIS UM REPRODUTOR DA RAÇA HOLANDESA P. B., O MELHOR TOURO DO BRASIL. OLP 14 APOLO MODEL CITATION R. FOI O GRANDE CAMPEÃO DE ESTEIO-1973, CONFIRMANDO PRÊMIOS SEMELHANTES EM 1971 E 1972. É FILHO DO FAMOSO ROSAFÉ CITATION R. E DA RECORDISTA NACIONAL DE PRODUÇÃO DE LEITE, SYLVIA LETICIA MODEL.



ROSAFÉ CITATION R.
(EX. EXTRA)



SYLVIA LETICIA MODEL
8a - 3m 365d 16.315 kg 533 M.G. 3,27%
Recorde nacional de produção de leite

Sêmen disponível na

Ciaval - Centro de Inseminação Artificial Vargem Alegre Ltda.

Fazenda Vargem Alegre

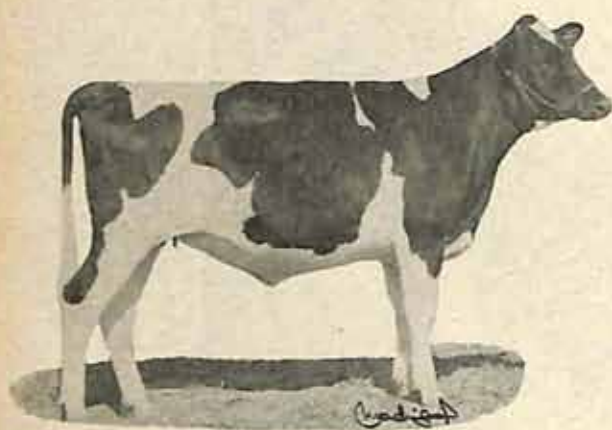
**SÊMEN BOVINO DE DIVERSAS RAÇAS
PROP. JOÃO DA SILVA**

VARGEM ALEGRE — FONE 14 — BARRA DO PIRAI
ESTADO DO RIO DE JANEIRO — BRASIL



GANHADOR DA MEDALHA DE OURO

VII EXPOSIÇÃO BRASILEIRA DE GADO HOLANDÊS DA AG
EM QUALQUER EXPOSIÇÃO, EXISTE



S.D. AMIZADE MARG, MARQUIS PRESIDENT (PON) — nasc.
10-1-74, filha de Enghill President Rockman e
Stewarthaven Marg Rebecca. Res. Campeã Bezerra
na VII Exp. Brasileira de Gado Holandês.



S.D. AMIZADE CRISSY PRESIDENT (PON)
— nasc. 29-4-74, filha de Enghill
President Rockman e River Valley Queen Crissy.

CONJ. CAMPEÃO PROGENIE DE PAI JUNIOR, FILHOS DE
ENGHILL PRESIDENT ROCKMAN

MEDALHA DE OURO



MELHOR CRIADOR



S.D. AMIZADE MARG, MARQUIS PRESIDENT, S.D. AMIZADE CRISSY PRESIDENT,
S.D. AMIZADE LENA ROCKMAN PRESIDENT, S.D. AMIZADE PRESIDENT DALILA ROCKMAN.



S.D. AMIZADE LENA ROCKMAN PRESIDENT (PON)
— nasc. 29-12-73, filha de Enghill
President Rockman e Calside Heptad Lena.



S.D. AMIZADE PRESIDENT DALILA ROCKMAN (PON)
— nasc. 15-4-74, filha de Enghill President
Rockman e Grahaven Citation Dianna.

FAZENDA SÃO DOMINGOS

PROP. DR. MANUEL PONTES NETO

Km 410 — Via Anhanguera — Fones: 2469 e 2070
ITUVERAVA-SP

MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL

BRANCA, ESTE ANO REALIZADA EM GUARATINGUETÁ

UM «SÃO DOMINGOS» CAMPEÃO!...



S.D. AMIZADE HELLEN 1 HAMLET GENE MARQUIS (PON)
— nasc. 24-3-73, Campeã Novilha Maior na
VII Exp. Brasileira de Gado Holandês.



ANN MARY PAULLETTE HAMLET MARQUIS (PON)
— nasc. 8-3-73, Res. Campeã Novilha Maior na
VII Exp. Brasileira de Gado Holandês.

CONJ. CAMPEÃO PROGENIE DE MÃE, FILHAS DE
INTERNACIONAL BONITA

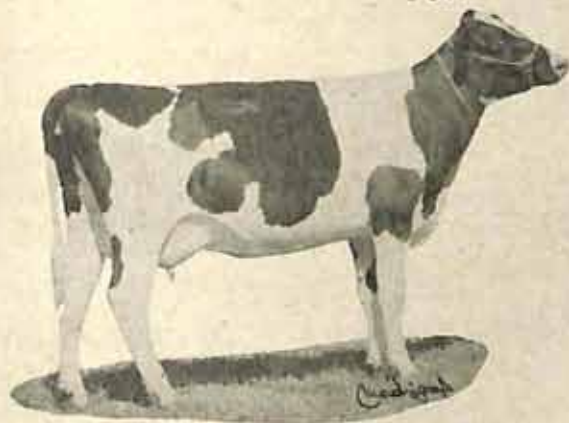


S.D. AMIZADE BABY INTERNACIONAL ROCKMAN
e S.D. AMIZADE INTERNACIONAL HAMLET MARQUIS

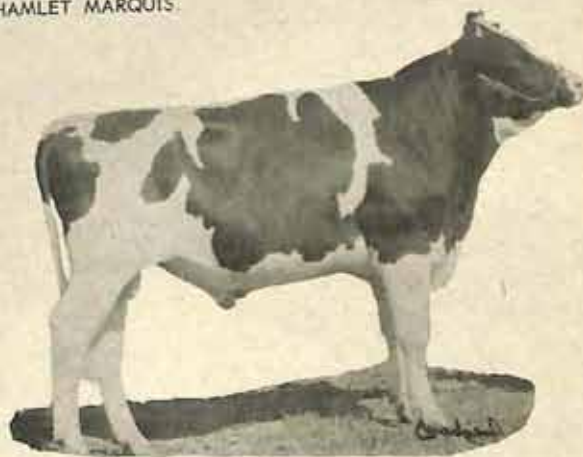
MEDALHA DE OURO



MELHOR CRIADOR



S.D. AMIZADE BABY INTERNACIONAL
ROCKMAN (PON) — nasc. 10-8-72, filha
de Internacional Bonita.



S.D. AMIZADE INTERNACIONAL HAMLET
MARQUIS (PON) — nasc. 13-7-73,
filho de Internacional Bonita.

FAZENDA SÃO DOMINGOS

PROP. DR. MANUEL PONTES NETO

Km 410 — Via Anhanguera — Fones: 2469 e 2070
ITUVERAVA-SP



FAZENDA SÃO FRAN



DE FERNANDO ALENCAR PINTO S/A KM

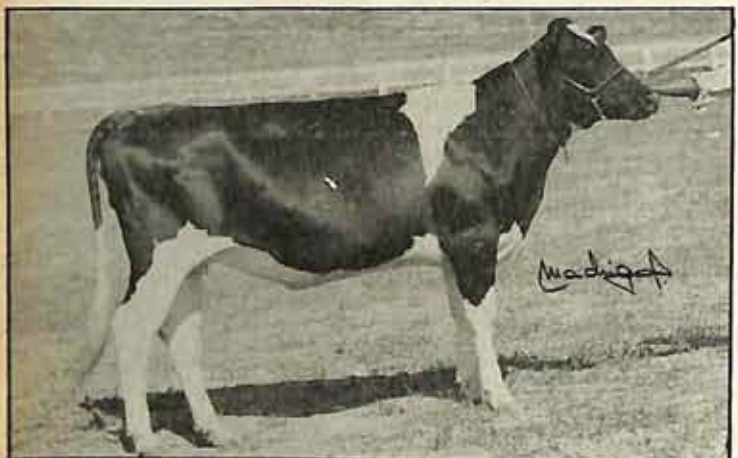
MEDALHA DE OURO NA EX



Conjunto Campeão Júnior na Exp. Regional de Guaratinguetá-75.



JANGADA OLHADA HELÍCULA BOOTMAKER
Res. Campeã Novilha Maior na Exp. Regional de Guaratinguetá-75.



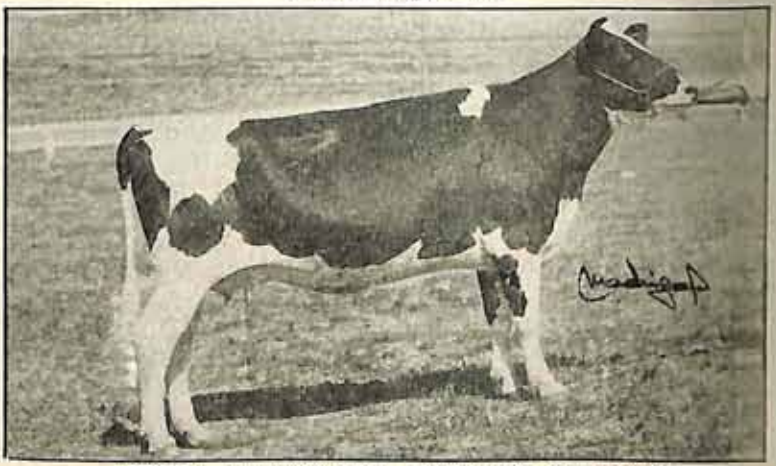
JANGADA ORGULHOSA JACUPIRANGA ULTIMATE
Res. Campeã na Exp. Regional de Guaratinguetá-75.



JANGADA PEREIRA LUSÍADA CAPSULE
Campeão Bezerro na Exp. Regional de Guaratinguetá-75.



JANGADA PINGA MADRASTA NERO ES
Campeã Bezerro na Exp. Regional de Guaratinguetá-75.



JANGADA MALHADA 0141 RAFAELINOS BUTTERMAN
Res. Campeã Vaca Jovem na Exp. Regional de Guaratinguetá-75.

O MAIOR REBANHO P. O. DO BRASIL

900 Animais P. O. - 550 Livro de Mérito - 166 Livro de Escol
16 Reprodutoras Eméritas - 9 Categoria de Longevidade

ESCO DA BELA VISTA

A VIA DUTRA - FONE RURAL 28 - PINDAMONHANGABA - SP

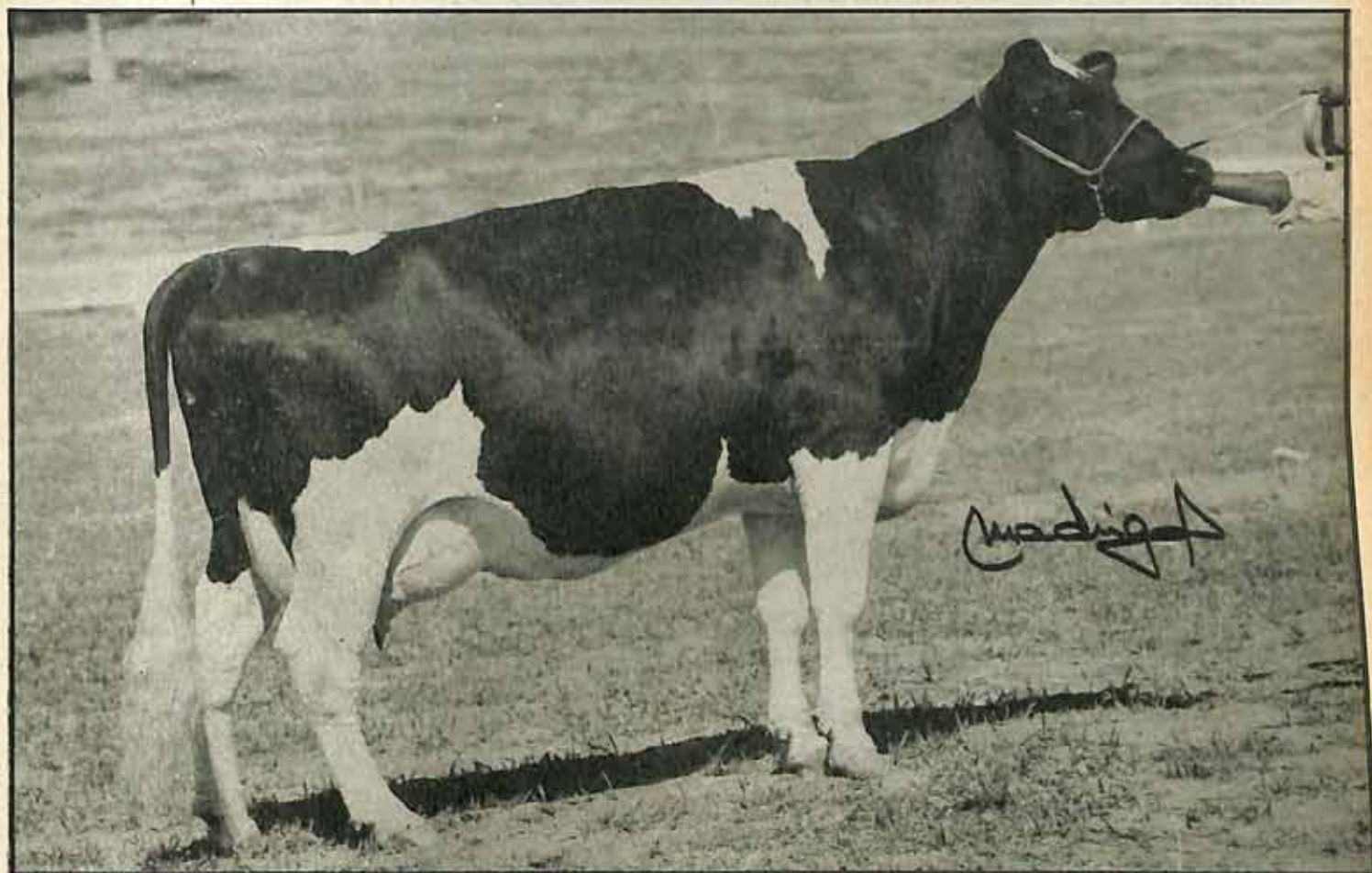
REGIONAL DE GUARATINGUETÁ - 75



15 PRÊMIOS CONQUISTADOS
GUARATINGUETÁ-75.



Conjunto Campeão Senior nas Exposições Nacional e Regional de Guaratinguetá-75.



JANGADA HERANÇA DIAMOND — Campeã Regional na Exp. de Guaratinguetá-75.

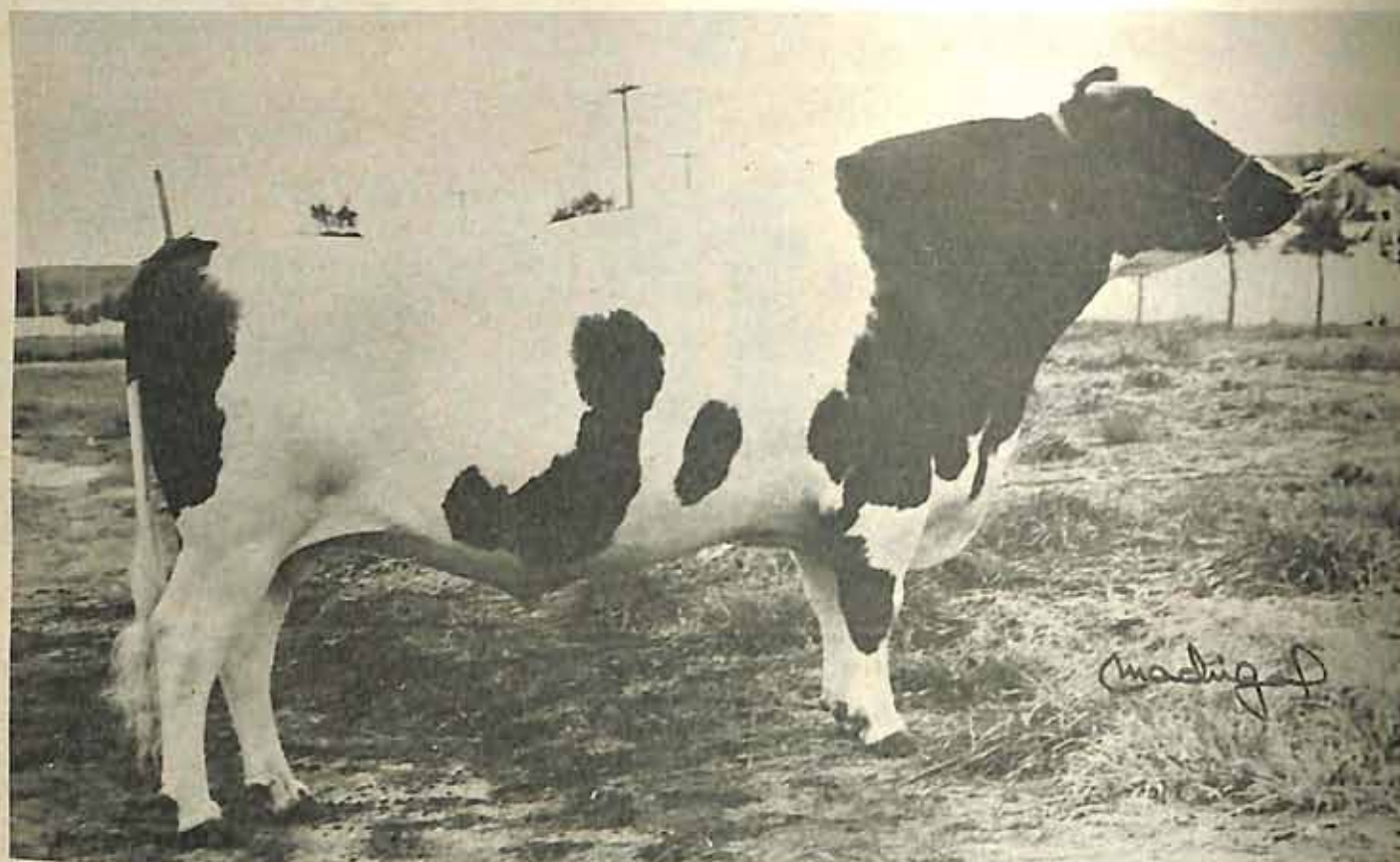
**EXPOSIÇÃO E VENDA PERMANENTE DE:
REPRODUTORES — GARROTES — NOVILHAS**

SANLUCI MONTAÑOSO MONTAÑA CAESAR

HPB - 01

EX. 90 PONTOS

A-10 951



SÊMEN À VENDA

PRODUÇÃO EM 1.ª CRIA DAS FILHAS DO TOURO CAESAR

	Idade	Dias	Ord.	Leite	%	Total	Classificação
H. Fini Jeltje 11	2-9	365	2	6820	3,05%	208.405	LM.
C. Fini Dora 31	2-5	365	2	6514	3,34%	217.905	LM.
H. St. Ruth 2	2-6	365	2	6485	3,24%	210.240	LM.LE.
H. Juliana Froukje 7	2-1	365	2	6331	3,35%	212.685	LM.
Stella Pedras Greta	2-3	361	2	6233	3,54%	220.571	LM.
C. Fini Dora 32	2-3	310	2	6137	3,36%	206.150	LM.
H. Lucas Willy 23	2-3	350	2	6049	3,75%	227.150	LM.
H. Lucas Margriet 50	1-11	365	2	5829	3,48%	203.305	LM.
H. Lucas Hennie 2	2-2	365	2	5719	3,45%	197.465	LM.LE.
H. Lucas Aaltje 1	2-0	357	2	5713	3,55%	203.133	LM.
H. Raul Silvina 2	2-1	337	2	5686	3,63%	206.581	LM.LE.
H. St. Rosanna 3	2-4	312	2	5455	3,89%	212.160	LM.
H. Fini Martje 9	2-0	365	2	5416	3,71%	201.115	LM.
C. Lucas Kroontje	2-1	365	2	5333	3,94%	210.240	LM.
C. Fini Dora 30	2-4	349	2	5219	3,22%	168.218	LE.
C. St. Janna	2-1	291	2	5162	3,46%	178.674	LM.LE.
C. St. Tietje 8	2-4	321	2	5157	3,69%	190.353	LE.
Stella Pedras Claras 3	2-2	357	2	5152	3,89%	200.277	LM.
H. Conde Geke 2	2-0	293	2	5047	3,69%	186.465	LM.LE.
H. Dijk Eke 11	2-3	316	2	5038	3,57%	179.962	LM.

MÉDIA POR ANIMAL: 5.724,70 kg

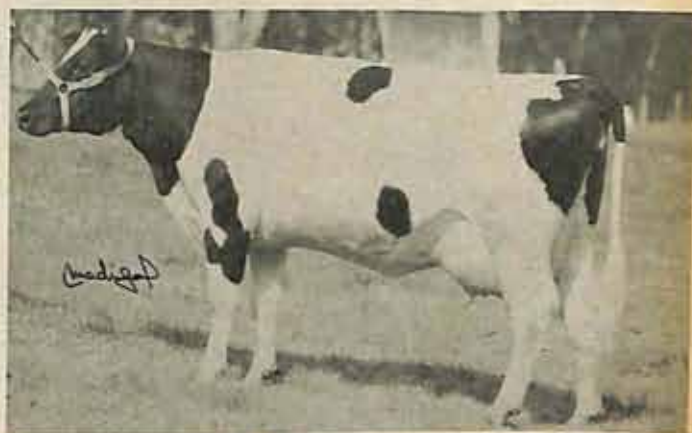
COOPERATIVA CENTRAL

FONE 332 - SÃO GO

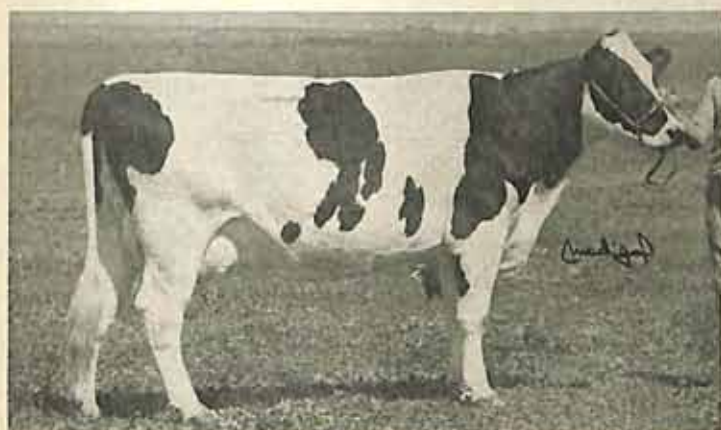
FILHAS DE SANLUCI MONTAÑOSO MONTAÑA CAESAR



HOLANDIA "LUCAS" MARGRIET 40 — nasc. 5-9-70. 2-7 345 d 2x 4.635 kg leite 3,58%.



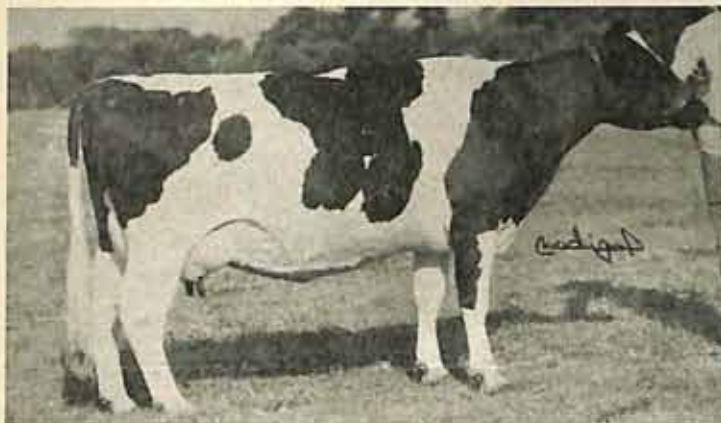
"CONDE" SINA 50 — nasc. 20-1-72. Em 1.ª lactação, com controle oficial em andamento, está produzindo a média diária de 20.400 kg leite com 3,40%



HOLANDIA "LUCAS" BONTJE 3 — nasc. 6-1-71. 1.ª lact.: 2-7 365 d 2x 6.525 kg leite 3,45% M.G. LM.



CASTROLANDA "CONDE" MINA 95 — nasc. 30-4-71. 2-1 305 d 2x 4.054 kg leite 3,67%.



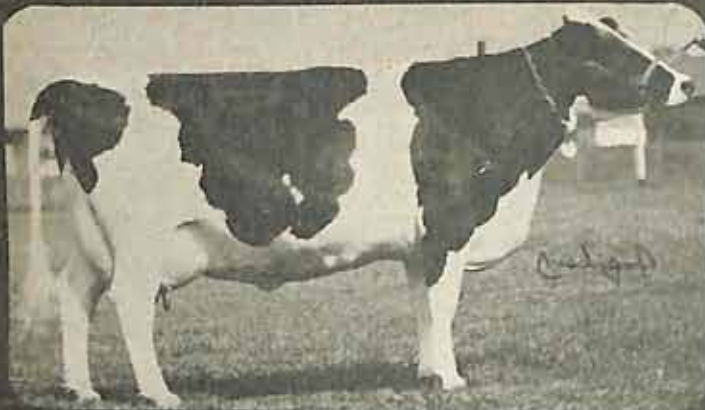
HOLANDIA "ROMI" JETSE 29 — nasc. 15-3-70. 1.ª lact.: 2-1 365 d 6.473 kg leite 3,66% LM.



HOLANDIA "SLINGERLAND" JAN-KE 5 — nasc. 10-6-70. 1.ª lact.: 2-1 317 d 2x 5.533 kg leite 3,38% — LM LE.



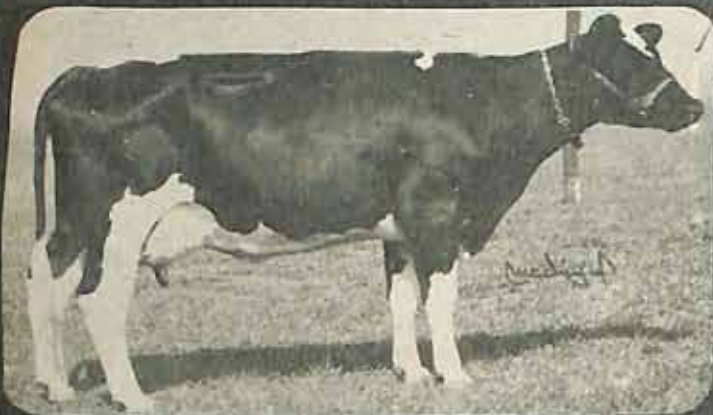
INSEMINAÇÃO SUL MINEIRA
DO DO SAPUCAÍ - MG



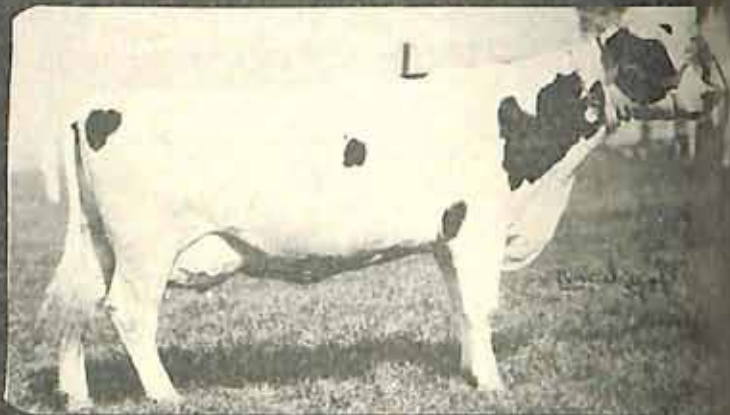
ROMANDEALE BONHEUR BEATRICE
(Importada do Canadá)



A. F. FORTALEZA GENOVA



A. F. FORTALEZA INDA



A. F. FORTALEZA GAMA

**Criamos Gado Holandês,
Cavalos Árabes e Mangalargas, tudo puro
e do melhor. Venha visitar-nos.**

**FAZENDA
FORTALEZA**

Km 116 da Via Anhangüera
Tel.: 70 - NOVA ODESSA - SP

SÍTIO SÃO FRANCISCO

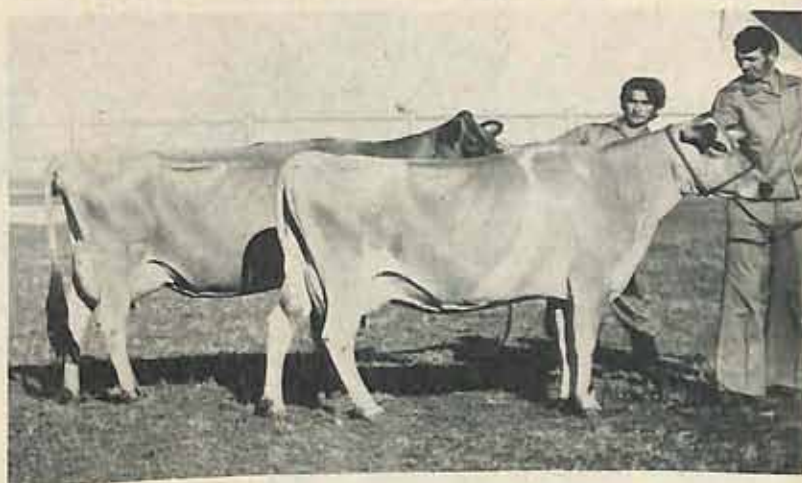
Criação, seleção e venda de reprodutores da raça JERSEY

PRÊMIOS NA XIX EXPOSIÇÃO-FEIRA DE GADO LEITEIRO — ÁGUA BRANCA — 1975



1.º prêmio
Campeã Novilha Maior
— Beeding Treasure

Conjunto Progenie de Mãe
— 1.º prêmio (PON)
— SA Lanterna 2.º Wiseman
— SA Lanterna 3.º Sovereign



Conjunto Progenie
de Pai Júnior (POI)
— Hurwood Princess Snowball
— Hurwood Goodrest Magic
— Hurwood Yorick's Kelly
— Hurwood Middy

Eng.º MARIO L. LEÃO

SÍTIO SÃO FRANCISCO — Av. Marechal Rondon (BR 300) km 75

JUNDIAÍ — Tel. 6-3263, ramal 262

SÃO PAULO — Tel. 81-2630 — Caixa Postal 6218

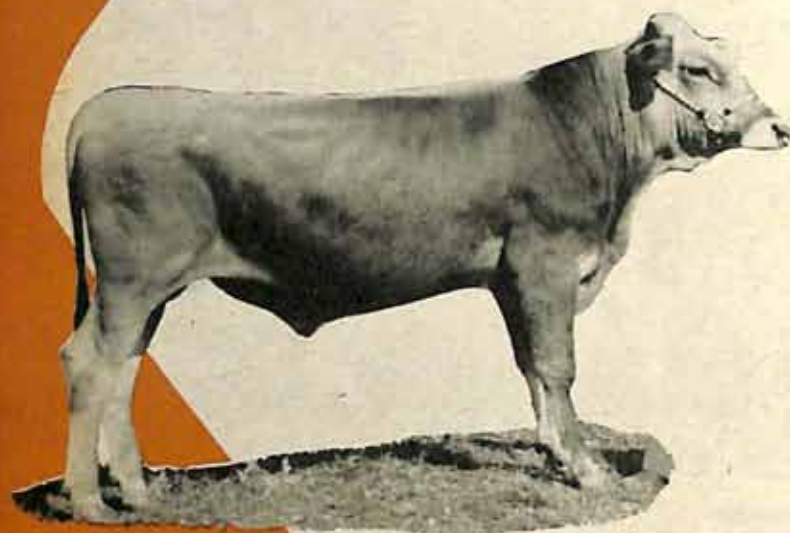
SCHWYZ

DA SANTA MADALENA

NA XIX EXPOSIÇÃO
DE GADO LEITEIRO-75



V.B. CRESCENT PLURIBUS — nasc. 10-7-72,
filho de Welcome In Moonlight e V.B. Pluma
Donna Pavanne. Campeão Touro Jovem e
Res. Grande Campeão da Raça na Exp.
G. Leiteiro — A. Branca-73; Grande Campeão
Campeão Senior na Exp. G. Leiteiro — A. Branca-74
Componente do Conj. Campeão Progenie de
Pai Senior, Água Branca-75.



S.M. UNIVERSE DUCHESS PROM QUEEN —
nasc. 24-4-74, filho de V.B. Crescent
Universe e V.B. Duchess Prom Queen.
1.º prêmio, Campeão Bezerro Maior e
Res. Grande Campeão — A. Branca-75.



RUBI NORVICK MAKER DE SANTA MADALENA —
nasc. 21-6-72, filha de V.B. Crescent History
Maker e Ruby Norvick de Santa Madalena.
1.º prêmio e Campeã Vaca Jovem — A. Branca-75.



Da esquerda para a direita: V.B. CRESCENT PLURIBUS,
V.B. CRESCENT PLUMA DINAH, V.B. CRESCENT MADELINE PAULA
e V.B. CRESCENT CHARMIT — 1.º prêmio Conjunto Campeão
— Água Branca-74 e 75.

FAZEND

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA AG
C.G.C. 78210341/001

JACAREZINHO —
TELEFONE: 23-04
CAIXA POSTAL

VENDA PERMANENTE DE
REPRODUTORES PO E PC



7^a

MEDALHA
DE OURO

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

V.B. CRESCENT PLUMA DINAH — nasc. 16-7-69,
filha de Welcome In Moonlight e V.B. Donna
Pavanne (imp. EUA). 1.º prêmio e 2.º Melhor Úbere
da Exp. G. Leiteiro — A. Branca-73; 1.º prêmio,
Campeã Vaca Adulta, Grande Campeã e Campeã de
Úbere na Exp. G. Leiteiro-74; 1.º prêmio,
Campeã Vaca Adulta e Grande Campeã-75.

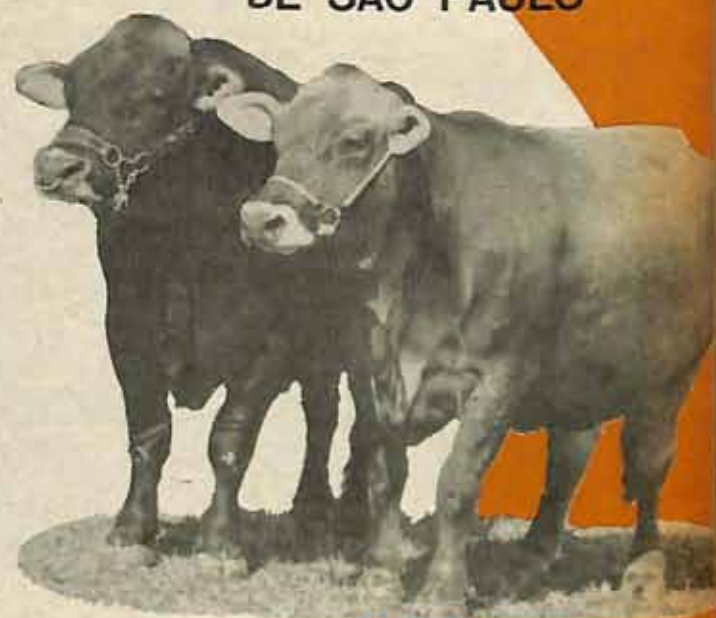
542 PONTOS

PRêmios CONQUISTADOS:

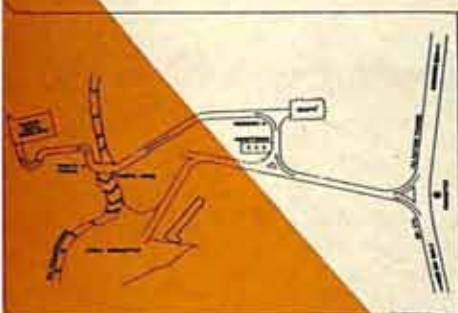
Grande Campeão
Grande Campeã
Grande Campeão
Grande Campeã
Campeão Senior (POI)
Campeã Vaca Adulta (PON)
Campeão Touro Jovem (PON)
Campeão Touro Jovem (PON)

Res. Campeão Senior (POI)
Campeã Vaca Adulta (POI)
Campeã Vaca Jovem (POI)
Res. Campeã Vaca Jovem (POI)
Campeã Vaca Jovem (PON)
Res. Campeã Vaca Jovem (PON)
Campeã Novilha Maior (PON)
Res. Campeã Novilha Maior (PON)
Campeã Novilha Menor (PON)
Campeão Bezerro Maior (PON)

Res. Campeã Bezerra Maior (PON)
Campeão Bezerro Menor (PON)
Res. Campeã Bezerra Menor (PON)
Conj. Progenie de Pai Senior-1.º
Conj. Progenie de Mãe-1.º
Concurso de Úbere — 1.º e 2.º
17 primeiros prêmios
4 segundos prêmios
2 terceiros prêmios
2 Menções Honrosas



V.B. CRESCENT PLURIBUS e
V.B. CRESCENT PLUMA
DINAH — Conj. Campeão
Progenie de Mãe
— Água Branca-75.



SANTA MADALENA

A SANTA MADALENA

Insc. A 50/100/518 K

d. em São Paulo:
a Libero Badaró, 293 — 23.º
conj. 23C — Tel. 35-1338



V.B. CRESCENT CHARMIRTH — nasc. 2-8-71,
filha de Welcome In Moonlight e V.B.
Charming Mirth. 1.º prêmio, Campeã Vaca
Jovem e Res. Grande Campeã.

Vale do Capim Agro-Industrial — No



O asfalto, em toda a frente, e a selva distante, no entorno, marcam os limites da Fazenda Vale do Capim, no Vale do Rio Capim, Pará. A duas horas de Belém, do Rio Amazonas e do Oceano Atlântico. O asfalto é a Rodovia Belém-Brasília — a mata virgem é o coração da Amazonia. Mas a Vale do Capim é pasto, é instalações, é gado no trato. É leite. Produzindo leite in-natura para sua produção industrial, o grupo Vale do Capim abastece Belém e as grandes cidades do Pará. E acha pouco. Pioneira e com recursos, a Vale do Capim está intensificando a produção do leite nas fazendas da Amazonia. Com projetos. Com financiamentos. Com sua experiência e visão. Instalações apropriadas lhe permitem suprir as necessidades e exigências da população consumidora atual. E, ampliada a bacia leiteira do Vale do Capim mais toda a vizinhança da Belém-Brasília, permitir-lhe-ão completar as possibilidades que a Amazonia representa para o Brasil e para o mundo. Não satisfeita tão só com sua excelente seleção de Gir leiteiro, a Vale do Capim se desdobra no rebanho mestiço, de alta mestiçagem leiteira. E envia esforços, com o exemplo e com a divulgação, para que os vizinhos e circunvizinhos transformem em leite o potencial inaproveitado das terras férteis do Pará. Equipe especializada no leite e técnicos capacitados na zootecnia e na fazendologia atendem aos interessados da região. Para melhorar os pastos, para melhorar a mestiçagem leiteira, para aumentar a produção do leite. Fomentando riqueza, construindo o progresso.



E as mestiças passam — dos pastos para os currais. Na rotina diária do bom alimento para a produção do melhor alimento para o ser humano. O cuidado aparentemente excessivo da Vale do Capim com os pastos compensa, pelo alto índice alcançado na produção do leite. Tal cuidado só é igualado na formação de suas mestiças. Reprodutores testados cobrem e inseminam matrizes selecionadas, comprovadamente leiteiras. Assim a produção de crias vai sempre melhorando e, em consequência, aumentando a média per capita do leite in-natura. Performance essa que breve será também a de todos os fazendeiros da região, na formação da Bacia Leiteira do tradicional Vale do Capim, no Pará.



Leite é pinga-pinga diário que ajuda ao produtor completa a alimentação do público consumidor. A Bacia Leiteira da Vale do Capim para o aumento substancial da própria produção, já conseguida, amplia-se agora na vizinhança para a formação da Bacia Leiteira. Com os resultados obtidos no apuro de sua criação para a produção de leite (pastos tratados, matrizes escolhidas e manejo adequado), a Vale do Capim espera os mesmos resultados em todas as fazendas da Bacia Leiteira. E, para facilitar o escoamento do produto in-natura, vem montando Entrepósitos, nos principais pontos de passagem obrigatória, para receber o leite e resfriamento do leite. — Na foto, um Entrepósito na Rodovia Belém-Brasília, como quê um prolongamento diário para se chegar a Belém.

dos e fundos do leite na Amazônia

GRUPO VALE DO CAPIM

DIRETORIA

JOSÉ CARLOS VILELA DE ANDRADE
MANOEL ELPIDIO PEREIRA DE QUEIROZ FILHO
RAUL CARVALHO VILLELA
JORGE AVELAR SILVA

ESCRITÓRIO EM SÃO PAULO:
AV. PAULISTA, 2073, 5.º ANDAR, CJ. 501, HORSAS I

FAZENDA VALE DO CAPIM,
VALE DO CAPIM AGRO INDUSTRIAL S.A.,
LOCALIZADA NO ASFALTO DA BELÉM-BRÁSILIA,
MUNICÍPIO DE IRITUIA.

POSTO DE RESFRIAMENTO
LEITE PARÁ, VILA AURORA, RODOVIA
BELÉM-BRÁSILIA, MUNICÍPIO DE IRITUIA.

ÁREA TOTAL 25.000 Ha
ÁREA EM PASTAGENS 3.700 Ha
ÁREA EM FORMAÇÃO 1.200 Ha
ÁREA DE INFRA-ESTRUTURA 50 Ha
RESERVA FLORESTAL 12.500 Ha
CAPITAL SOCIAL Cr\$ 15.000.000,00
INCENTIVOS Cr\$ 10.500.000,00
PRODUÇÃO/ANUAL/ EM 1974
CRIAS 1.014 CABEÇAS
LEITE CRU 526.070 LITROS
PRODUÇÃO/SEMESTRAL/EM 1975
CRIAS 427 CABEÇAS
LEITE CRU 335.929

USINA DE PASTEURIZAÇÃO,
CIA. DE LEITE PASTEURIZADO "COLEIPA",
NO KM 18 DA RODOVIA PARÁ-MARANHÃO,
MUNICÍPIO DE BENEVIDES.
POSTO DE RESFRIAMENTO
PIRIÁ, RODOVIA BELÉM-BRÁSILIA,
MUNICÍPIO DE PARAGOMINAS.
ESCRITÓRIO E ENTREPOSTO DE DISTRIBUIÇÃO
DE LEITE: AVENIDA PEDRO MIRANDA N.º 1387,
CIDADE DE BELÉM
CAPITAL SOCIAL Cr\$ 4.500.000,00
PRODUÇÃO/ANUAL/EM 1974
LEITE PARA CONSUMO 2.100.000 LITROS
MANTEIGA 16.400 QUILOS
PRODUÇÃO/SEMESTRAL/EM 1975
LEITE PARA CONSUMO 1.400.000 LITROS
MANTEIGA 10.000 QUILOS



A bezerrada
vem vindo assim.



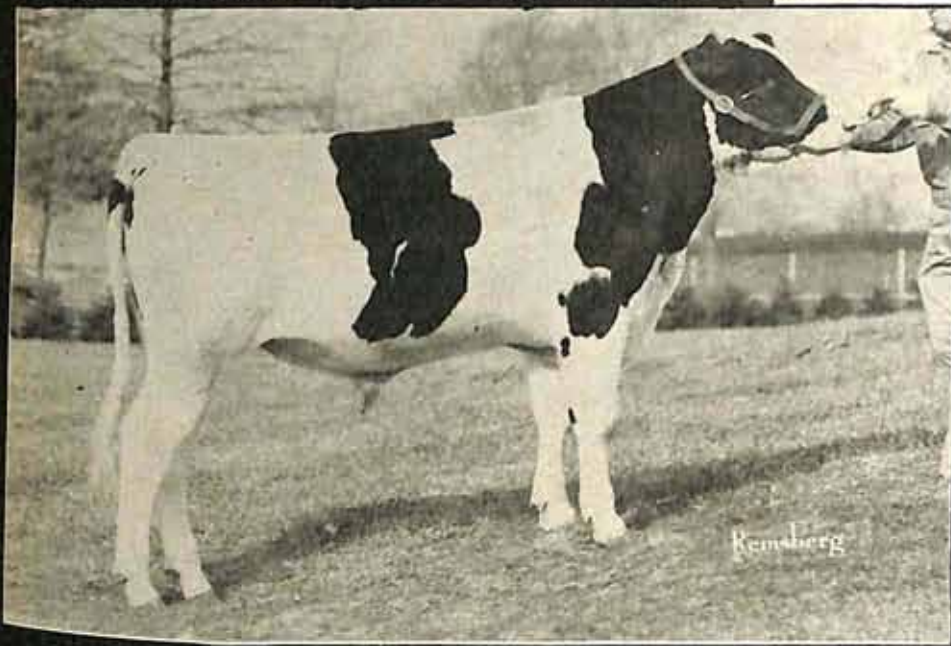
A novilhada,
mesmo na seca, em meados de setembro,
é assim.



Usina de pasteurização
"Coleipa", em Belém.

+

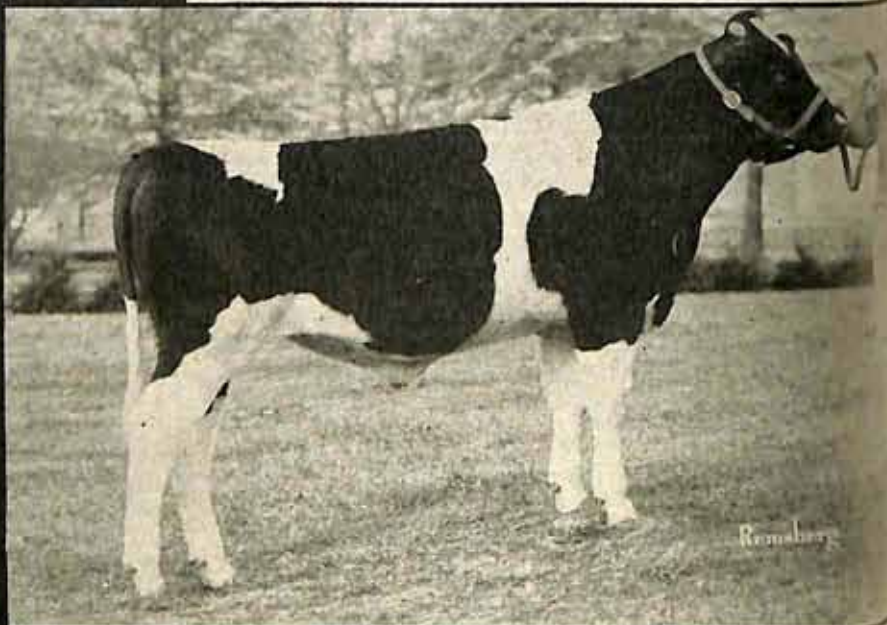
2

SINKING SPRINGS**APOLLO MAC**

- Diferença Prevista estimada para leite + 738 libras
Pai: HILTOP APOLLO IVANHOE (VG-GM)
Seus filhos vem se revelando altamente melhorantes para produção e tipo
- Mãe: SINKING SPRINGS TBE MANDAR (Excelente)
2.1a - 2x - 333d - 8.516 kg de leite - 4,2% G
Uma filha excelente do extraordinário TIDY BURKE ELEVATION
- Linhagem: IVANHOE — BURKE
- Pedigree: OSBORNDAL IVANHOE TIDY BURKE ELEVATION a mesma combinação que deu o fabuloso ROUND OAK RAG APPLE ELEVATION

STEWARTRIDGE**STAR DUKE**

- Diferença prevista estimada para + 846 libras
- Pai: PENSTATE IVANHOE STAR (VG-GM)
Um dos maiores filhos de IVANHOE
- Mãe: STEWARTRIDGE BONUS DOTTIE (GP-84)
4,5a - 2x - 376d - 11.423 kg de leite - 3,7% G
- Linhagem: IVANHOE — RAG APPLE
- Pedigree: OSBORNDAL IVANHOE + LAUXMONT ADMIRAL LUCIFER + IRVINGTON PRIDE ADMIRAL + COCHRAN GENERAL compõe um "pedigree" que é encontrado em muitos dos melhores animais da Pensilvânia.

**PROPEC**

Semen Disponível
P/Pronta Entrega

Rua Germaine Burchard, 264
Telefone 262-1538 - São Paulo

GIR LEITEIRO

UMA GRANDE RAÇA TROPICAL DE DUPLA APTIDÃO

No começo muitos criadores preferiam o Gir pela sua pelagem multicolorida.

Outros o selecionavam apenas com vistas a uma caracterização racial preciosa, e alguns, ainda, em busca de um animal de corte de excelente conformação frigorífica.

Há cerca de 20 anos a Fazenda Brasília resolveu iniciar um trabalho que, de certa forma, somaria muitas tendências: fixar um gado Gir que fosse simultaneamente bem caracterizado, com bom rendimento em carne e alta produção de leite.

Naturalmente que não foram esquecidos outros índices zootécnicos como fertilidade, rusticidade e docilidade.

Agora, vinte anos depois, podemos anunciar que nossa produção de leite tem a maior média mundial, com 3.450 kg de leite em 133 vacas.

Racionalmente, todos os animais são registrados ou controlados, aguardando idade para registro. Acima de 6.000 kg numa lactação, já possuímos uma vaca; 11, acima de 5.000 kg; 52, acima de 4.000 kg e 133, acima de 3.000 kg. A taxa média de gordura no rebanho é de 5,19%.



CRUZANDO COM HOLANDES O GIR LEITEIRO DA BRASÍLIA
PRODUZ NOVILHAS MARAVILHOSAS COMO AS DA FOTO.

Se os países da faixa temperada não tiveram problema com raças leiteiras porque, com ecologia similar à da Holanda, Grã-Bretanha ou Suíça, apenas bastava importar animais,

na faixa intertropical, produzir leite foi sempre um problema.

Agora, com o nosso trabalho e de outros pioneiros a solução começou a ser encontrada.

Milhares de produtores de leite, tão logo suas vacas atingem 3/4 de sangue europeu, buscam no Zebu leiteiro a solução para aumentar a produtividade ou mesmo melhorá-la.

E agora isto é mais fácil usando sêmen de

TOUROS PROVADOS DA FAZENDA BRASÍLIA

UM ESFORÇO
NA INICIATIVA
PRIVADA
EM FAVOR
DE MUITOS

RP

Use sêmen ou touros
da Fazenda Brasília,
para usar o
que há de
melhor no mundo.

RUBENS RESENDE PERES



IGUATU DE BRASÍLIA

RG A-6163

GRANDE CAMPEÃO E CAMPEÃO SENIOR NA EXPOSIÇÃO
DE GADO LEITEIRO - ÁGUA BRANCA - SÃO PAULO - 1975

Pai JAPÃO

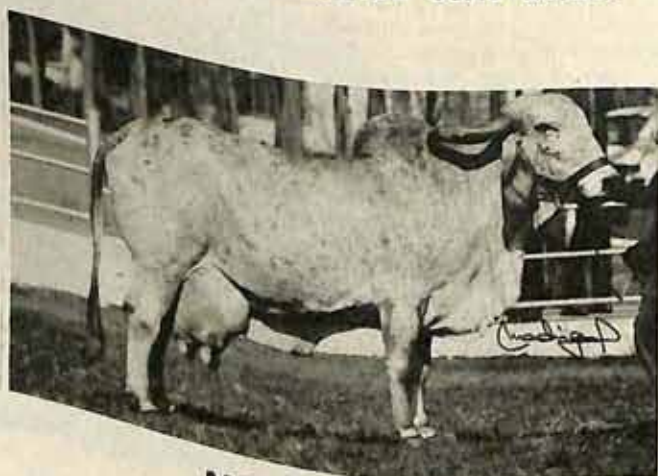
RG 4959

TOURO PROVADO
FORMANDO A MELHOR LINHAGEM DO NOSSO
REBANHO. EM TESTE DE PROGÊNIE REALIZADO
NA FAZENDA, A PRODUÇÃO MÉDIA DE SUAS FILHAS
FOI SUPERIOR A 1.900 KG DE LEITE DA
PRODUÇÃO MÉDIA DE SUAS MÃES.

SÊMEN

A VENDA NA

AGROPECUÁRIA BONFIGLIOLI S/A.
TEL. 66-4329 — SÃO PAULO



Mãe PRATINHA

RG C-4436

Produção: 6.121,0 kg de leite com 4,67% G.

COMPLETANDO A 7.ª LACTAÇÃO TOTALIZARÁ
35.000 KG DE LEITE

MÉDIA EM 7 LACTAÇÕES: 5.000 KG DE LEITE

RP

FAZENDA BRASÍLIA
RUBENS RESENDE PERES
SÃO PEDRO DOS FERROS - MG

APLICANDO A GENÉTICA
PARA UM MUNDO MELHOR



CAXANGÁ

RG. 3937

**GRANDE CAMPEÃO GIR LEITEIRO NA IX EXPOSIÇÃO
DE GADO LEITEIRO — SÃO PAULO**

REPRODUTORES COM 10 OU MAIS FILHAS CONTROLADAS, CUJAS MÉDIAS SUPERARAM A MÉDIA DA RAÇA, NO SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES, EM 1973

(305 dias — 2x — idade adulta)

NOME DO REPRODUTOR	Média das filhas	N.º de filhas
6 — RAÇA GIR — Média da raça em 1973: 2.478 kg.		
A — Produção de Leite		
Astuto-Cod. 6	2.718	56
Curvelo-3272	2.591	20
Bombaim-2320	2.543	62
Calife-3273	2.604	73
Pinhão	2.928	12
Colorado-2644	2.759	10
Astuto-Cod. 95	2.799	11
Zito-2714	2.492	56
Bimbo-123	2.535	11
Naidô-5131	2.858	51
Sdhano-6506	2.558	15
Krisma Sakina Pushpa-9335	2.592	17
Agogô	2.573	19
Caxangá-3937	3.277	13
B — Produção de Gordura — Média da raça em 1973: 121,5 kg.		
Astuto-Cod. 6	126,8	56
Curvelo-3272	128,6	20
Bombaim-2320	127,2	62
Calife-3273	126,4	73
Pinhão	143,0	12
Baluerte-4307	133,4	47
Colorado-2644	133,0	10
Astuto-Cod. 95	139,9	11
Adubo	123,2	46
Zito-2714	128,8	56
Bimbo-123	122,6	11
Naidô-5131	137,1	51
Krisma Sakina Pushpa-9335	129,4	17
Caxangá-3937	177,8	13

Como se pode observar nos resultados apresentados pelo Serviço de Controle Leiteiro da ABC, referentes a 1973, e publicados na Revista dos Criadores de Maio de 1975, as médias mais altas em produção de leite e de gordura foram alcançadas pelas filhas de Caxangá-RG 3937.

Pai:

BOMBAIM - RG 2320

Mãe:

ROXONA - RG D-5697

PRODUÇÃO: 4.493 KG DE LEITE 5,30% G 295 DIAS

SÊMEN À VENDA NA LAGOA DA SERRA LTDA.

SERTÃOZINHO — SP

TELS.: 42-2036 e 42-2299

RP

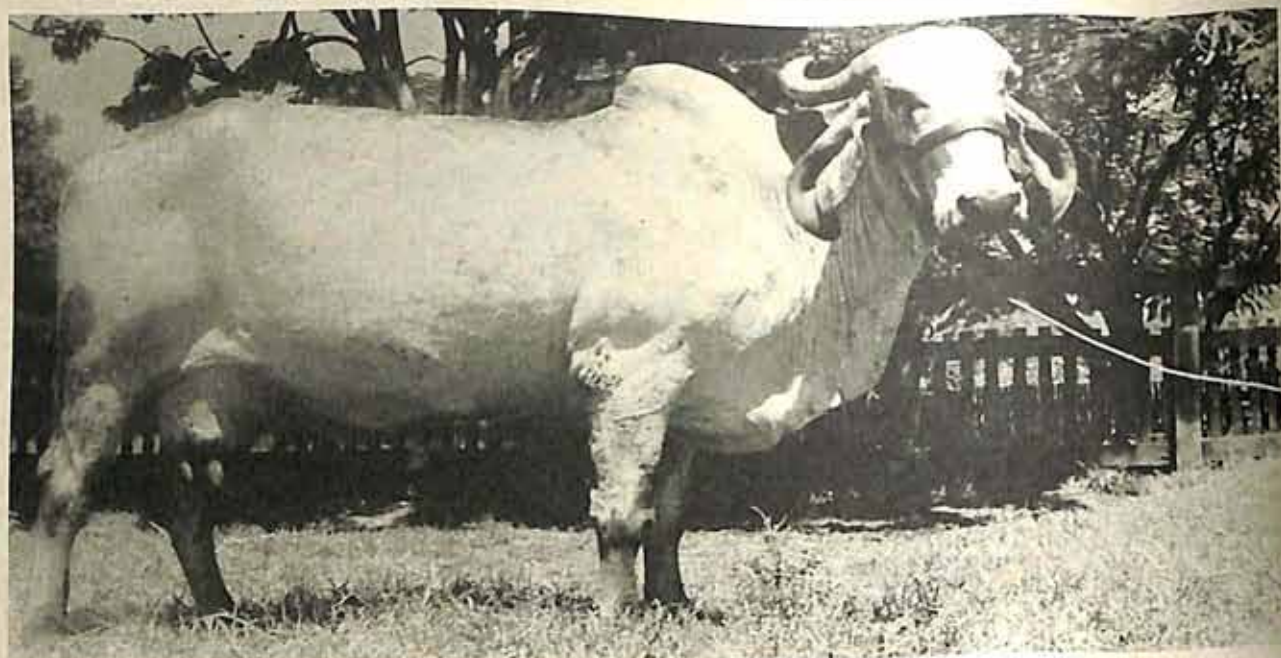
FAZENDA BRASÍLIA
RUBENS RESENDE PERES
SÃO PEDRO DOS FERROS - MG

UMA DAS FILHAS DE CAXANGÁ

FRANCELINE — RG M-6504

PRODUÇÃO: 5.311,6 Kg DE LEITE 5,36% G EM 313 DIAS
3 LM — 3 LE — REPRODUTORA EMÉRITA

ISTO SIM, É GIR LEITEIRO!



DEBUTANTE - RG G - 3042

**DEZ ANOS DE IDADE — 6 LIVROS DE MÉRITO
SETE LACTAÇÕES — 4 LIVROS DE ESCOL
29.000 KG DE LEITE, COM 5,30% G — REPRODUTORA EMÉRITA**



**LÍBERO DE BRASÍLIA — RG A-6269
FILHO DE DEBUTANTE, CAMPEÃO TOURO JOVEM NA
EXPOSIÇÃO DE GADO LEITEIRO,
ÁGUA BRANCA — SÃO PAULO — 1975.**



**HERANÇA DE BRASÍLIA — RG M-6495
FILHA DE DEBUTANTE.
NA SUA 2.ª LACTAÇÃO PRODUZIU
4.601,9 KG DE LEITE 4,67% G 365 DIAS.**

RP

FAZENDA BRASÍLIA

RUBENS RESENDE PERES

**PRAÇA JOSÉ PERES, 10 — TELEFONE: 127
SÃO PEDRO DOS FERROS — MG**

FAZENDA RANCHO ALEGRE

Prop. THELDO EMRICH

ROD. GO.3 — GOIÂNIA-TRINDADE, KM 7
TELEFONE 3-1795 — GOIÂNIA-GO

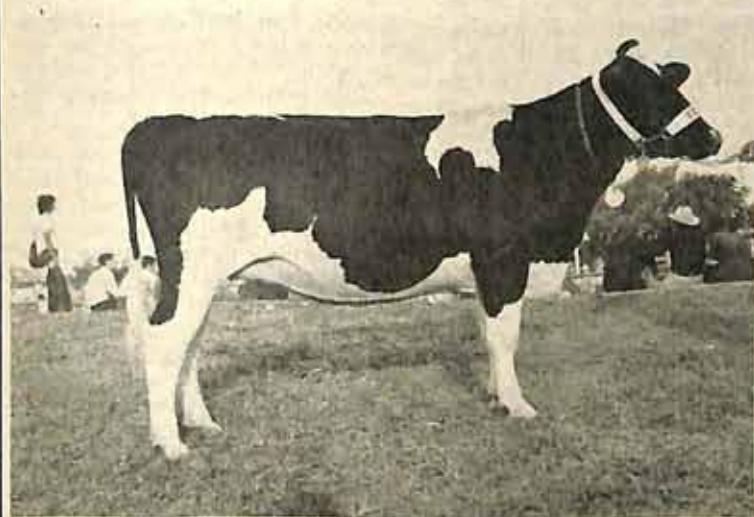
REDUTO DE HOLANDÊS PB P.O. DA LINHA CANADENSE EM GOIÁS



SULBRAS HELICE — P.O., reg. B.30.470,
nasc. 5-8-70. Campeã Vaca Adulta
na 31.ª Exposição de Goiânia.



T.E. LUANA TONY MARUSKA — P.C., Reg. 80.924,
nasc. 21-4-72. 1.º prêmio na
Exposição de Goiânia.



MARJAN TEIA LASOL — P.O., Reg. B.34.492,
nasc. 11-11-72. Campeã Vaca Jovem
na 31.ª Exposição de Goiânia-75.



MARJAN TRÊVA HADA — P.O., Reg. B.31.586,
nasc. 24-7-71. Res. Campeã Vaca
Jovem na 31.ª Exp. de Goiânia-75.

SULBRAS HAVANA — REG. 32.520, NASC. 20-12-70. RES. CAMPEÃ VACA ADULTA EM GOIÂNIA-75.

Estabilidade e os empregados de confiança

ROSEMBERG MARSON
Advogado

Gozam de estabilidade os empregados de confiança? — O gerente ocupa posição de confiança? — E o administrador de fazenda? — Como se paga a indenização? — Doutrina — Jurisprudência.

Hoje voltamos a tratar do problema da estabilidade dos empregados que ocupam cargos de confiança, no meio rural.

Rezava o art. 99 do Estatuto do Trabalhador Rural (ETR) que: "Não haverá estabilidade nos cargos de administrador, gerente ou outros de confiança imediata do empregador, ressalvado o cômputo do tempo de serviço para os demais efeitos legais".

Idêntica determinação se encontra no art. 499 da Consolidação das Leis do Trabalho (Decreto-lei n.º 5.452 de 1.º/5/43), que prevalece atualmente, em face da revogação do ETR pela Lei n.º 5.889/73.

A lei estatui que os administradores, gerentes e outros não adquirem a estabilidade. Portanto, em caso de despedida, não recebem a indenização em dobro, mas a indenização simples, qual seja: a quantia correspondente a um mês de salário multiplicado pelo número de anos de casa.

Mas, as coisas não são tão simples assim, nem param aí. Destarte, há que proceder a uma análise mais profunda do problema.

Que se deve entender por empregado de confiança?

Para DORVAL LACERDA é o que "exerce, por delegação, algumas ou todas as funções do empregador, de modo tal que pode, em seu exercício, alterar os destinos da empresa". Não é diferente o pensamento de ALUYSIO SAMPAIO, ao afirmar que se deve entender como cargo de confiança aquele no qual estejam compreendidos o mando geral, a superintendência ou a representação da empresa em face de terceiros.

Ocorre, verdadeiramente, substituição do empregador pelo empregado (gerente, administrador, capataz), que, dentre outras atribuições, acha-se investido na de admitir ou despedir empregados, sendo que os poderes do gerente são mais amplos que os dos outros.

A propósito da caracterização do homem de confiança, sublinha CARLOS

A. G. CHIARELLI suas dúvidas acerca dessa identificação. Considera difícil, em muitos casos, a aplicação do art. 99 do ETR (leia-se art. 499 da CLT), quando se trata de propriedades destinadas à criação de gado, em que ordinariamente não trabalham mais do que três peões com o mesmo status sócio-econômico. Cita o exemplo do empregado que desempenha as funções presumíveis de capataz (que não é o administrador de que fala o ETR), o qual não tem missão nem poderes que permitam entender goze ele da situação especial do ocupante de cargo de confiança. Para esse autor "existe certa impossibilidade fática de aplicação do mencionado artigo, principalmente para a atividade pecuária, já que existem muitos e muitos exemplos de estabelecimentos dedicados à criação de gado entregues aos cuidados de um só trabalhador, com salário ínfimo e sem nenhuma instrução".

Finaliza por lançar a dúvida seguinte: esse único empregado ("peão-capataz-vigia") é ou não homem de confiança? A primeira vista pareceria que sim, pois tudo está em suas mãos. Mas, se não tem qualquer poder de representação patrimonial no sentido de decidir sobre a venda de um lote de bezerras, ou decidir sobre qualquer outro problema que exija um pouco mais de discernimento, de experiência administrativa, enfim, mais cultura — ainda assim se pode falar em cargo de confiança? Esse é um sério problema que o art. 499 traz. (Cfr. "Teoria e prática da legislação rural", ed. Sulina, P. Alegre, 1971, pág. 231 e segs., de CARLOS A. G. CHIARELLI).

Vem bem a propósito o seguinte pronunciamento do E. Tribunal Regional do Trabalho, 3.º Região: "Somente quando o empregado enfeixa em suas mãos poderes de direção, de mando e de representação perante terceiros, agindo como se fosse a própria empresa, pode-se admitir, nessa hipótese, encontrar-se ele exercendo cargo de confiança. No caso, apesar de ser administrador da fazenda, nunca o reclamante deixou de trabalhar em iguais condições aos outros empregados, cuidando do gado, das cercas de arame e carregando outras utilidades para a mesma. Jamais desfrutou ele plena autonomia, nem representava e nem substitua o patrão". (Proc. 6.353/65, apud JOSÉ LUIZ FERREIRA PRUNES, "Guia prá-

tico do empregador e do trabalhador rural", ed. "LTr", SP, 1973, pág. 54).

Vê-se que as dificuldades não são poucas, de modo que a melhor solução para essas questões será o estudo de caso por caso, constituindo boa prática restringir as hipóteses de configuração de cargo de confiança, para benefício do próprio empregado, pois esta condição (empregado de confiança) só lhe traz redução das garantias legais em matéria trabalhista.

De qualquer modo, do estabelecido pelo art. 499 podem-se vislumbrar as seguintes consequências:

a) o empregado gerente, administrador ou de confiança não adquire estabilidade nesses cargos, podendo ser afastado deles a qualquer momento, bastando perder a confiança do patrão;

b) se o empregado foi admitido precipuamente para tais cargos, não adquire estabilidade, mesmo que tenha 10, 15, 20 ou mais anos de casa, tendo direito apenas à indenização simples;

c) se o empregado antes de passar a ocupar o cargo de confiança já era empregado estável, não poderá ser dispensado, ainda que perca a confiança do empregador; nesse caso, é obrigatória sua reversão ao cargo efetivo que ocupava anteriormente; e

d) na hipótese de o rurícola ser contratado para exercer cargo de confiança e depois, por mútuo acordo, passar para função efetiva (por exemplo, peão, vigia), tem assegurado o direito de ver computado o período em que ocupou o cargo de confiança, para todos os efeitos legais, até mesmo para a estabilidade.

Portanto, determina a "CLT" que o cômputo de tempo de serviço do empregado de confiança seja feito da mesma maneira que o dos outros empregados, com a diferença de que o administrador, gerente, etc. não atingem a estabilidade na função.

Noutras palavras: a indenização, no caso de despedida, é simples. Também poderá reverter à função anterior. Se, por exemplo, trabalhou seis anos como peão e depois mais sete como administrador, não tem estabilidade na função, mas a tem no emprego — já de treze anos.

Para o administrador, gerente, etc. não há estabilidade no emprego, desde que condicionado ao fato de não ter ele, antes, exercido outro cargo. Contratado co-

mo trabalhador braçal e em seguida promovido ao cargo de confiança, será estável no emprego, no décimo ano de casa. Se admitido precipuamente como administrador, nunca será estável. Na primeira hipótese — estável no emprego — o empresário poderá determinar seu retorno às antigas funções, sem que a lei o proíba; na segunda hipótese, o empregado não pode ser rebaixado de função, porque foi contratado especificamente para realizar aquilo; não obstante, sua despedida poderá dar-se a qualquer tempo de serviço, pagando-se-lhe indenização simples, mesmo após dez anos de serviço, pois o empregado não é estável.

HORARIO E ADICIONAL

Entendemos que ao administrador, ao gerente, etc., aplica-se o disposto no art. 62 da C.L.T.; sua jornada de trabalho é diferente da dos demais obreiros, isto é, ela não está limitada às oito horas diárias. Nem ao adicional por horas extraordinárias têm direito. E por que? Porque está implícito no seu salário o pagamento desse maior esforço e dedicação incomum. Todavia, o descanso semanal remunerado lhes é assegurado.

Ademais, não vemos, para caracterizar essa posição de mando, a necessidade de instrumento expresso (por escrito) de mandato, porquanto, se acordados, patrão e empregado-administrador, quanto a essa atribuição, cujo desempenho diário não encontra oposição do empresário, o qual, ao contrário, apóia os atos do administrador diante dos demais empregados, fica mais do que configurado o posto de mando do empregado de confiança.

DECISÕES DOS TRIBUNAIS DE JUSTIÇA TRABALHISTA

- Empregado que exerce cargo de confiança, não adquirindo estabilidade, só tem direito à indenização simples. (TST, 1.ª Turma, RR. 4.210/62).
- Empregado que exercia função de confiança adquire estabilidade no cargo efetivo anteriormente ocupado. (TRT, 1.ª Reg., 276/61).
- Embora tenha exercido cargo de confiança, faz jus o empregado à indenização por despedida injusta, desde que a rescisão contratual se tenha operado por culpa do empregador. (TRT, 2.ª Reg., Proc. 2.297/61).
- Devem-se considerar cargos de confiança apenas aqueles em que esteja compreendida alguma parcela de mando, superintendência ou representação da empresa, não sendo considerados como tais os em que o empregado opina, alvitra e nada resolve. (TST, 3.ª Turma, RR. 3.606/61).
- Administrador de propriedade rural não goza de estabilidade, não podendo receber indenização em dobro. (TST, 2.ª Turma, 5.12.68).
- Constitui modificação fundamental do pacto laboral a supressão de horas extras que vinham sendo concedidas desde 1967. Devem ser compreendidos como cargos de confiança somente aqueles em que o empregado esteja investido de poderes gerais diretivos e não somente os de chefia. (TRT, 2.ª Reg., Proc. 1.002/71, Ac. de 20-9-71).

WESTFALIA

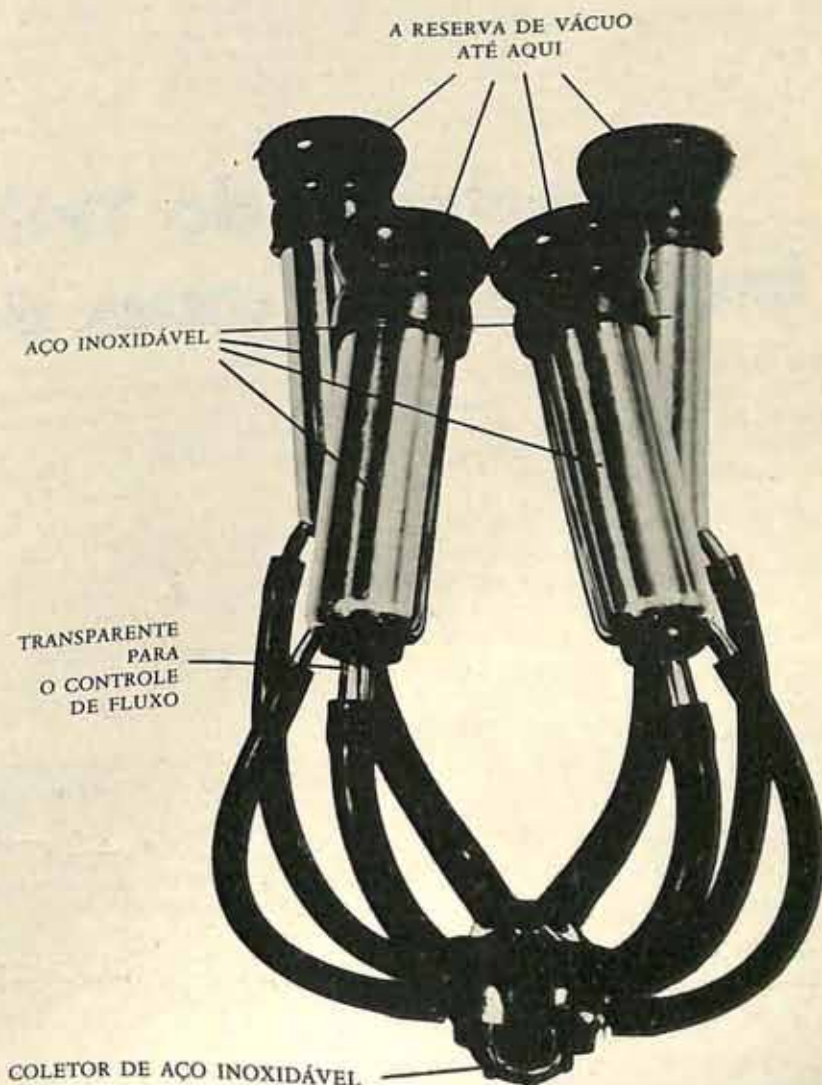
INFORMA

A BOMBA DE VÁCUO WESTFALIA — COM RESERVAS DE VÁCUO — GARANTE QUE A FORÇA DE SUÇÃO CHEGUE ATÉ O ÚLTIMO CONJUNTO E ATÉ CADA TETEIRA CONSTANTEMENTE. POR ESTA RAZÃO, PREFIRA SEMPRE WESTFALIA.

WESTFALIA SEPARATOR DO BRASIL
IND. E COM. DE CENTRÍFUGAS LTDA.

Escritório: Av. João Erbolato, 291 - Tels.: 8-2792 - 8-1675 - 2-0512 - C.P. 975
Telex - 19.1078 - End. Teleg. "WEFABRAS" - CEP 13100 - Campinas - SP
Fab.: Estr. Campinas Monte-Mor - km 12 - Tels.: 2056 - 2166 - CEP 13170 - Sumaré - SP

**WESTFALIA
SEPARATOR**



patol - CAMPINAS

Rescisão contratual de trabalhador rural — ausência de cumprimento de formalidades legais — fraude. Evidenciado o descumprimento das formalidades legais na rescisão amigável de contrato de rural, além de patente fraude, com subtração ao crivo judicial de período de trabalho, não há como se lhe emprestar eficácia.

Quitação — efeito restrito aos valores Restringe-se a eficácia da quitação aos valores consignados e não aos títulos pelos quais são resgatados.

Proc. n.º TST-RR-4.263/72.

Vistos, relatados e discutidos estes autos de revista n.º TST-RR-4.263/72, em que é Recorrente Agostinho Francisco de Moura e Recorrida Imapebra — Indústria de Madeiras Comercial e Pecuária Cabral S/A.

Considerou o v. acórdão regional carente o Autor de ação, visto haver celebrado acordo, a seu pedido, extinguindo as obrigações decorrentes do contrato de trabalho, devidamente homologado nesta Justiça.

Vem a revista com apoio em ambos os permissivos legais. Alega violação dos arts. 1.º e 98, da Lei n.º 4.214/63, além

de apontar dissídio jurisprudencial, para sustentar a limitação da eficácia da quitação.

Sem contra-razões, oficia a Douta Procuradoria Geral pelo desprovimento do recurso.

É o relatório.

VOTO

Vou conhecer do recurso por violação do art. 98, do E.T.R., assim como face à divergência pretoriana indicada sobre a eficácia da quitação.

Com efeito, dispõe o texto legal citado que a rescisão amigável do contrato de trabalho, "que importe demissão do trabalhador rural estável somente será válida quando feita com a assistência do respectivo sindicato ou de autoridade judiciária local competente para julgar os dissídios de contrato de trabalho". Ora, o "acordo" dito homologado refere-se a período inferior a dez anos, ao reconhecido pela Ré, como correspondente ao contrato de trabalho, para completar, em outro recibo, fase anterior à relativa à homologação. Esta apresenta flagrante defeito, visto não ter sido como ato de jurisdição graciosa privativo da autoridade judicial promovida por esta, no caso a Junta, mas por simples funcionário. De notar que os recibos — o da homolo-

gação, referente a período inferior a dez anos, e o complementar não oferecido ao crivo judicial, são datados do mesmo mês e não se acham assinados pelo Autor, que é analfabeto, constando apenas sua impressão digital. Esses aspectos foram tidos e bem analisados pela sentença de origem, que se ajustou ao texto legal citado, pois, como visto, contrariando a taxatividade da lei, não foi a rescisão amigável levada a Juízo como atinente ao empregado estável, daí não se lhe emprestar a eficácia de "acordo" como pretendeu a v. Decisão regional.

Por outro lado, como mero efeito restrito de quitação das parcelas pagas, não mais acertado à luz da lei e da jurisprudência cristalizada neste E. Tribunal, já pagos os valores complementares como o determinou a v. sentença de origem, cujo restabelecimento se impõe.

Isto posto:

ACORDAM os Ministros da Segunda Turma do Tribunal Superior do Trabalho em conhecer do recurso e dar-lhe provimento para restabelecer a decisão da primeira instância, unanimemente.

Brasília, 22 de maio de 1973.

Thelio da Costa Monteiro, Pres. Imp. eventual do efetivo.

Vieira de Mello, Relator Ciente: Celso Carpinteiro, Procurador

Decisões do Tribunal de Impostos e Taxas de São Paulo

COMPRA DE BOIS — AUTO DE INFRAÇÃO AMPARADO EM COMUNICAÇÕES DE PECUARISTA, PRESTADAS DOIS ANOS APÓS A OPERAÇÃO — INSUBSISTÊNCIA

Alegar-se simplesmente que os pecuaristas não teriam interesse, por motivo óbvio, em declarar vendas que não fizeram é deixar desarmado o suposto comprador, que teria de fazer a prova negativa, a que não estaria obrigado, de que não comprou. As circunstâncias que envolvem as comunicações, desacompanhadas de qualquer outro elemento ou esclarecimento, não permitem sua aceitação pura e simplesmente.

Decisão não unânime de 5-8-74, provendo o recurso, apenas, quanto à matéria aqui descrita — 3.ª Câmara — Rel. Mádio Chiarella, Proc. DRT-3 n.º 2.026/73.

PASSIVO FICTÍCIO — OPERAÇÕES ACOBERTADAS, NA CONTABILIDADE, SOB AS RUBRICAS "TÍTULOS A PAGAR" E "FORNECEDORES" — DE CORRENTES SAÍDAS DE MERCADORIAS SEM EMISSÃO DE DOCUMENTAÇÃO FISCAL — ACUSAÇÃO FISCAL NÃO REFUTADA

O passivo tem que ser comprovado, pois se o contribuinte declara que deve determinada importância a seus fornecedores, em contas-correntes, fica obrigado a dizer quais são, um a um, esses fornecedores, bem como a quantia que deve a cada um. Confessando não possuir documentação probatória, como aqui ocorre, claro é que o lançamento deve ser impugnado, por "fictício".

Decisão unânime de 20-3-74, negando provimento ao recurso — 2.ª Câmara — Rel. Dario Ranoya, Proc. DRT-7 n.º 672/73.

NOTAS FISCAIS DE VENDAS A CONSUMIDOR — NÚMERO DE INSCRIÇÃO ESTADUAL E DO CGC, NECESSÁRIAS CONSTANTES, NÃO PERTENCENTES AO CONTRIBUINTE SOLICITANTE DA IMPRESSÃO — GRÁFICA AUTUADA — MULTA CAPITULADA NO INCISO XIX, DO ARTIGO 158, DO RICM — RECURSO PARCIALMENTE PROVIDO, CAPITULANDO-SE-A NO § 1.º DO MESMO ARTIGO E REGULAMENTO

Se de um lado pode-se dizer que os documentos fiscais impressos pela recorrente, são inidôneos por conterem declara-

ções inexatas (inscrição estadual e CGCMF) nos expressos termos do artigo 98, § 1.º, item 4, do RICM, de outro lado pode-se afirmar que eles são perfeitamente identificáveis quanto à provável origem, pois declinam o nome comercial e o endereço correto de quem os mandou imprimir. Daí concluir-se que não são falsos. Da análise fria dos itens aludidos no artigo 158, do RICM, conclui-se não haver penalidade expressa para infração apontada na inicial, pelo que se deve aplicar o § 1.º deste artigo.

Decisão não unânime de 7-9-74, provendo parcialmente o recurso — 7.ª Câmara — Rel. Waldemar dos Santos, Proc. DRT-1 n.º 76.831/72.

OPERAÇÕES INTERESTADUAIS OCORRIDAS A PARTIR DE 1-1-71 — TRIBUTO CORRETAMENTE EXIGIDO PELO FISCO COM FUNDAMENTO NO DECRETO N.º 52.586/70 — DECRETO EDITADO EM CONSONÂNCIA COM A RESOLUÇÃO N.º 65/70 DO SENADO FEDERAL — RESOLUÇÃO CUJA DIRETRIZ FOI ACOLHIDA PELA SECRETARIA DA FAZENDA DO ESTADO DE SÃO PAULO (RESPONDA) À CONSULTA N.º 4.905/73) — DIRETRIZ CONSIDERADA LEGÍTIMA

LO TIT, EM SESSÃO DE CC. REUNIDAS DE 10-7-74

... a diretriz consubstanciada na Resolução n.º 65/70 do Senado Federal é a que se coaduna com os princípios constitucionais de isonomia e de uniformidade de alíquota. Nas operações interestaduais há dois poderes tributantes: o Estado de origem e o Estado de destino. Nas operações interestaduais, a mercadoria deve ser objeto de nova circulação no Estado de destino. O contribuinte localizado no Estado de destino lançará como crédito o imposto recolhido pelo contribuinte situado no Estado de origem (x %) e, quando da saída que efetuar (nova circulação), calculará o imposto mediante a aplicação de alíquota de x% + 2%. A diretriz se conforma com os princípios constitucionais aludidos porque o adquirente da mercadoria, situado no mesmo Estado do remetente, ou em

outro, suportará como contribuinte de fato, idêntico encargo tributário. Não há, pois, discriminação em função do domicílio do adquirente da mercadoria".

Decisão não unânime de 5-9-74, negando provimento ao recurso — 6.ª Câmara — Rel. Mozart Andrade Miranda. Proc. DRT-1 n.º 7.088/73.

MERCADORIA RECUSADA PELO COMPRADOR — DISCREPÂNCIA ENTRE O PEDIDO ORIGINAL E A MERCADORIA REMETIDA, ACUSADA NA PORTARIA DO ESTABELECIMENTO — AIIM ACUSANDO NÃO REGISTRO DO DOCUMENTO DE COMPRA E NÃO EMISSÃO NO RETORNO, COM ICM DEBITADO, DE NOTA FISCAL — INCORRÊNCIA DE ENTRADA DA MERCADORIA - RECURSO PROVIDO

A ocorrência "entrada de mercadorias" de que trata a legislação tributária não

pode ser entendida como a simples entrada física da mercadoria no estabelecimento, nem mesmo o seu recebimento por um funcionário subalterno (como ocorreu "in casu"). Esse termo regulamentar deve ser entendido como aceitação tácita ou explícita das mercadorias recebidas. Tácita quando o contribuinte recebe, retém a mercadoria em seu estabelecimento e a integra ao seu patrimônio. Explícita quando o contribuinte devolve ao remetente ou ao transportador, um recibo formal, o canhoto da nota devidamente assinado, ou qualquer outra manifestação de sua vontade de ficar com a mercadoria. Em qualquer outra hipótese, não ocorre a entrada de mercadoria de que fala o Regulamento do ICM.

Decisão unânime de 17-9-74, provendo o recurso — 8.ª Câmara — Rel. João Páez Parré. Proc. DRT-1 n.º 31.330/72.

Uso florestal regulado pelo IBDF

O presidente do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Paulo Berutti, assinou portaria que regulariza as instruções sobre exploração de florestas, industrialização de produtos florestais e sua

reposição tendo como base as informações prestadas pelas delegacias estaduais.

Entre as inovações incluídas na portaria, ficou determinada a reposição com a mesma espécie florestal, a partir de 1976, na proporção de 30 por cento, elevada para 50 por cento, em 1977, e para 10 por cento em 1978, para a exploração do pinho brasileiro, pinho bravo, canela preta, canela sassaparilla, copaíba, pau marfim, imbuia, maçaranduba e pau rosa.

A portaria aprova também normas que tornam obrigatório, para as indústrias siderúrgicas, de carvão vegetal e outras indústrias consumidoras do produto, o cumprimento de uma política florestal que possibilite o auto-abastecimento, numa base mínima de 50 por cento em 10 anos, e integralmente, no prazo de 20 anos.

Também ficou corrigido o coeficiente de reposição florestal de 6 para 8 árvores por metro cúbico de carvão vegetal, outro número corrigido foi o de reposição de palmito, exigido uma muda por exemplar abatido. Ao invés de uma planta por 5 unidades cortadas, como anteriormente vigorava.

Além de proteger o pinho brasileiro com a reposição gradual de até 100 por cento, em 1978, o IBDF determinou a elevação de 6 para 10 árvores, por metro cúbico de madeira roliça, para serem repostas por aqueles que cortam o pinho com diâmetro inferior a 40 cm.

Com relação a exploração de florestas na Amazônia, a portaria procura manter a regulamentação admitindo o cumprimento da reposição florestal com programa de reflorestamento em projeto próprio ou em contrato de participação em projetos de terceiros. Como alternativa, a instrução prevê o manejo florestal sustentável, admitindo o enriquecimento flo-

restal com essências nativas de comprovado valor econômico.

Além de vedar a realização de desmatamento mediante o emprego de herbíci-

FAZENDA SERRINHA

MUNICÍPIO DE GUAPO

Proprietários

Dario Teixeira
e Jair Teixeira

End.: Rua 6A n.º 573 - ap. 308
GOIÂNIA — GO



PARL DA ZEBULÂNDIA — Reg. A. 7150, 900 quilos aos 43 meses. Um dos mais expressivos filhos de Chumak.

FAZENDA AGUDO

PROPRIETÁRIA

Maria Cecília
Junqueira Netto
e Filhos

Fone: 2204 — Caixa Postal, 48
ORLÂNDIA-SP



Lote de bezerras
da Fazenda Agudo

A Fazenda Agudo produz e tem para pronta entrega, em grande quantidade, sementes de: Colômbio, Green Panic, Brachiária Decumbens, Kazungula, Siratro, Soja Perene, Tinaroo e Stylosantes Cook.

das antiflorestais, a portaria subordina a instalação de novas serrarias e a transferência das existentes, que utilizam madeira de pinho brasileiro, a comprovação de posse de reservas florestais capazes de abastecer de matéria-prima a indústria, por dois anos, no mínimo, é ao cumprimento da reposição florestal com a mesma espécie.

Ficou também cancelada a isenção de reflorestamento concedida aos consumidores de lenha e carvão vegetal, em quantidades mensais inferiores a 35 metros cúbicos.

PRODUÇÃO BRASILEIRA

Segundo relatório divulgado pelo Departamento de Industrialização e Comercialização do IBDF, a produção brasileira de madeira, em 1974, atingiu o volume de 9,3 milhões de metros cúbicos.

De acordo com o relatório foram exportados 417 mil metros cúbicos, particularmente de pinho, responsáveis por divisas da ordem de 97 milhões de dólares.

Ainda segundo o relatório, a queda de produção em 1974, de mais de 1 milhão de metros cúbicos, foi provocada pelo gradativo processo de exaustão que vem ocorrendo nas reservas de pinheiros, localizadas na região Sul.

FAZENDA SÃO JOÃO DA CRUZ

Prop. Nazir
Farid Safatle

Rua Pedro Ludovico, 508
Tel. 381 - Catalão - GO



JUNO DA MATINHA
FILHO DE EVARU VR

800 FÊMEAS
PRODUZINDO NELORE

EXPORTAÇÕES

Do volume de madeira de pinho produzido pelos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, foram dirigidos aos mercados externos 417.904 metros cúbicos, em 1974, que representaram em divisas cerca de 97 milhões de dólares. No exercício de 1973, porém, as exportações foram da ordem de 708.859 metros cúbicos e proporcionaram ao País 101 milhões de dólares.

Essa queda verificada nas exportações de madeiras de pinho se deveu, porém, à crise do petróleo que passou a provocar, a partir do segundo semestre de 74, um natural retraimento dos tradicionais mercados compradores.

Embora se saiba da ocorrência de cerca de 500 espécies de madeiras com possibilidades de serem comercializadas, somente participam do fluxo de exportações cerca de dez espécies da Amazônia. A ausência da madeira brasileira nos mercados externos vem ocorrendo em razão do desconhecimento de suas características por parte dos importadores estrangeiros, especialmente quanto à cor, a resistência e a sua aplicação industrial. Estão, assim, impossibilitados de compará-las com as espécies de outras procedências.

Com vistas a suprir essa falta de suporte tecnológico, o IBDF desenvolveu estudos junto ao laboratório do projeto PNUD, localizado em Brasília, referentes a mais de 100 espécies florestais da Amazônia, comparando-as, também, com as madeiras que tradicionalmente são comercializadas por outros países.

REGULAMENTO DO PROGRAMA SUBSÍDIOS AO PREÇO DE FERTILIZANTES

Informamos aos leitores que **INFORMATIVO RURAL — TRABALHISTA E FISCAL** está publicando na íntegra, o Regulamento do Programa de Subsídios ao Preço de Fertilizantes, matéria de grande interesse para os pecuaristas. Os interessados podem dirigir-se àquela publicação para adquirir o Regulamento.

EXPLORAÇÃO, REPOSIÇÃO FLORESTAL E PROJETOS DE REFLORESTAMENTO

A exploração de florestas depende de autorização prévia do IBDF, que obriga ao reflorestamento com espécies florestais adequadas. Este assunto, de magna importância, é objeto de extensa Portaria Normativa do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, cuja íntegra é encontrada no **INFORMATIVO RURAL — TRABALHISTA E FISCAL**. Os interessados em comprar os fascículos devem escrever para a Editora dos Criadores Ltda. — Av. Leopoldina, 1214 — Fundos "B" — Paulo de Faria, 1214 — Fundos "B" — Paulo de Faria.

Paragominas está convidando para sua exposição

Dizendo que na Amazônia está o futuro da pecuária brasileira, Antonio Carlos de Novais Araujo, presidente da Associação dos Criadores de Bovinos de Paragominas, convida para a IX Exposição Feira Pecuária de Paragominas, a ser realizada durante os dias 16 a 24 de agosto.

Paragominas, chamada de "A capital do boi gordo", fica no Estado do Pará, dentro da Amazônia legal, e o acesso é feito pela Belém-Brasília (asfaltada) ou pela Belém-Pará-Maranhão. A retaguarda bancária será feita pelo Banco do Brasil, Banco da Amazônia, e o Banco do Estado do Pará, além de outros da rede privada.



COMPANHIA DE SEGUROS DO ESTADO DE SÃO PAULO

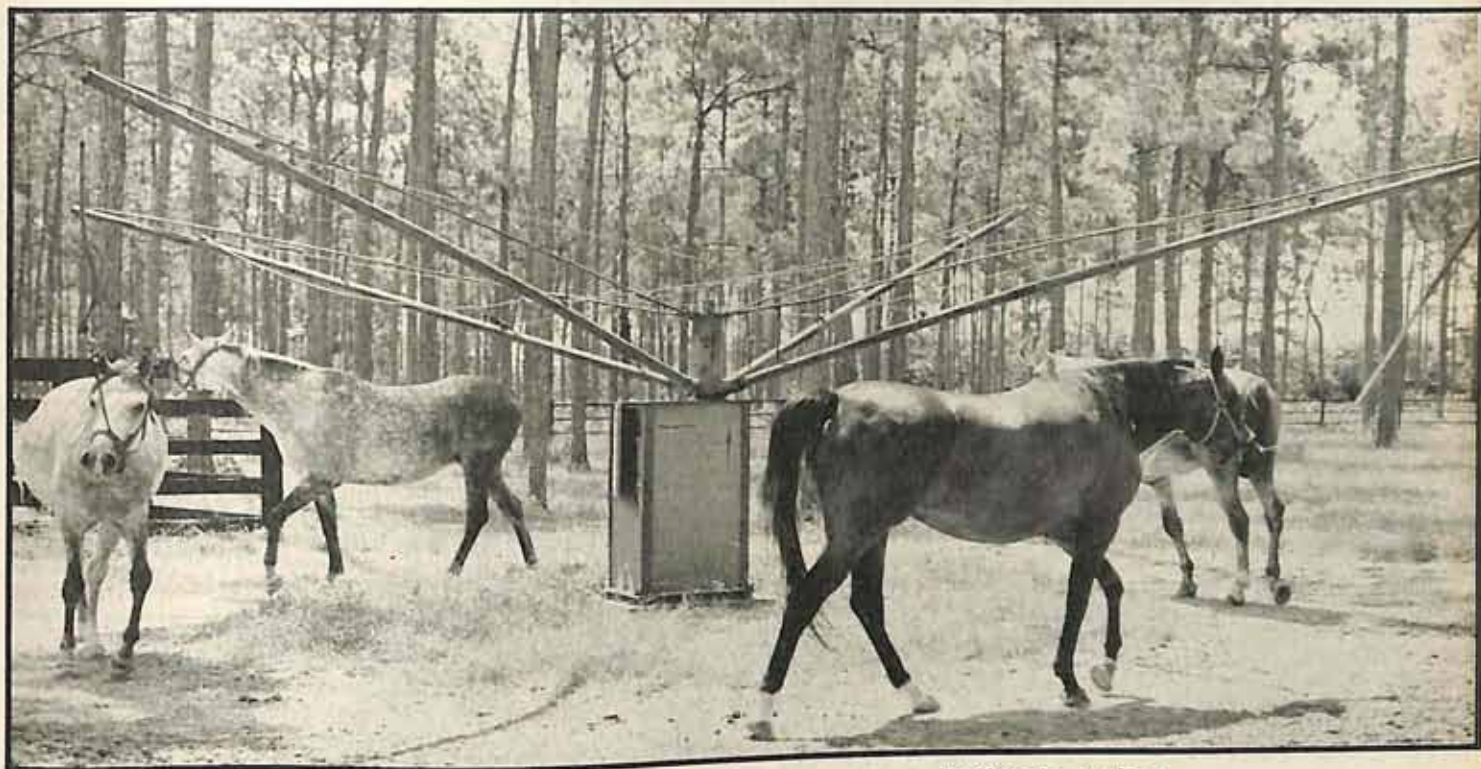
SEGURO RURAL — RISCOS CONTRA A GEADA E GRANIZO

Opera em todos os ramos

Rua Bráulio Gomes, 81 — Fone: 239-2911 — 01037 SÃO PAULO

O cavalo rural funcional

J. N. FROTA JR.



"Walker" ou "passador" mecânico em uso na Rafflinge Arabian Horse Farm, no qual aparecem três éguas e um reprodutor novo. Note-se que os "braços" estão colocados inclinados, o que evita que um animal nele esbarre, caso se assuste. (Foto gentileza do Dr. Carlos R. Penna).

"ROYAL VILLAGE"

"O primeiro loteamento de luxo onde o assunto galopa, salta obstáculos e vence grandes prêmios" começa dizendo o anúncio publicado no número de janeiro/fevereiro/75 de TURF E FOMENTO, a excelente publicação do Jockey Club de São Paulo.

A seguir explica, com maiores detalhes, o que será esse empreendimento imobiliário situado a apenas 128 km de São Paulo: "luxuosa sede social, 100 boxes, 2 maternidades, farmácia, veterinário, laboratório, etc. etc." e mais "enormes áreas verdes, duas piscinas, quadra de tênis, campo de pólo, raia, picadeiro, campo de golfe e... o puríssimo ar da região".

Serão 126 lotes de 5.000 m².

Em princípio a idéia é magnífica, uma vez que ali se reunirão precipuamente "homens-do-cavalo", com todas as facilidades para praticarem as mais variadas modalidades da equitação nas "enormes áreas verdes"...

Tal empreendimento — ao que parece o primeiro do gênero no País — vem preencher uma lacuna e poderá se transformar num ativo centro, talvez nacional, de atividades hípias, local sede dos futuros campeonatos nacionais de Concursos Completos de Equitação, como em Compiègne na França.

Lamentamos — e até invejamos — que tal iniciativa não tenha sido tomada na zona serrana de veraneio de Petrópolis (Itaipava e adjacências), onde nós e nossos amigos "amigos-do-cavalo" estamos espalhados e sem um clube ou coisa parecida, onde possamos nos reunir e dar vazão aos nossos "instintos cavaleirescos" e dos nossos familiares.

Desejamos o maior êxito aos idealizadores do ROYAL VILLAGE.

LEILÕES NAS COUDELARIAS DA REMONTA

Ainda como consequência da já referida extinção das coudelarias em questão, foram leiloados muitos animais machos

e fêmeas da raça Árabe, descendentes dos garanhões NAHRAWAN (SBB n.º 57), por SKROWNECK e NESSIMA (RIJM) e MELWAN (SBB n.º 58), por SKROWNECK e MAARHABA (Daoud), ambos oriundos do famoso haras de Lady Wentworth, na Inglaterra e importados pela Remonta em 1932.

SKROWNECK foi um dos mais famosos reprodutores da raça Árabe, havendo sido considerado como o "cavalo perfeito".

Na Coudelaria de Pouso Alegre, JECA (18 anos) foi arrematado por Cr\$ 3.150,00.

Na de Campo Grande, foram leiloados 3 machos: SOL NASCENTE (3 anos) — Cr\$ 13.500,00; BUQUÊ (3) — Cr\$ 12.000,00 e RAZAK (24) — Cr\$ 1.000,00, e 16 fêmeas cujas idades variavam de 4 anos (2), de 5 anos (3), de 9 anos (1), de 10 anos (2), de 11 anos (3), de 14 anos (1), de 16 anos (2), de 17 anos (1), de 18 anos (1) e de 21 anos (1).

Nas fêmeas em questão os preços mais altos foram de SULTANA (11 anos) —

Beneficiário	Animal	Raça	Idade (anos)	Sexo	Origem
Sec. Agric. de Pernambuco	Frison Joli Girila Guria	PSBP PSBP PSBP	6 5 5	Macho Fêmea Fêmea	Coudelaria de Tindiquera Aracária - PR
Escola de Agronomia do Nordeste (Arela-Parabíba)	Folião Favorita	PSBP PSBP	6 5	Macho Fêmea	
Colégio Agrícola Vital de Negreiros (Bananeiras-PB)	Noitot Joia Joia	PSI PSBP PSBP	12 2 2	Macho Macho Fêmea	
Sec. Agric. do Paraná	Cingapura Sidi Zorra	PSBP PSI PSBP	9 11 12	Macho Macho Fêmea	
Escola Superior de Agricultura da Universidade Federal de Viçosa - MG	Conde	PSBP	9	Macho	
Sec. Agric. do Estado de Goiás	Ciro	PSBP	13	Macho	
Escola de Agronomia e Veterinária de Jaboticabal - SP	Mosqueteiro	PSI	15	Macho	

Observação: PSBP = Puro Sangue Bretão Postier; PSI = Puro Sangue Inglês.

Cr\$ 10.500,00; UBÁ (9) — Cr\$ 6.000,00; ARA (5) — Cr\$ 5.700,00; OZONA (14) — Cr\$ 5.500,00 e SALSA (11) — Cr\$ 4.500,00.

Na Coudelaria de Tindiquera o único Árabe posto a venda, BALBEK, de 9 anos, foi arrematado por Cr\$ 6.000,00.

Os preços atingidos foram bem mais módicos do que os do leilão de São Carlos-SP.

Quem comprou fez boa compra: preços razoáveis, ou melhor, baixos e animais de boa linhagem.

DOAÇÕES DE EQUINOS PELO EXÉRCITO

Com a recente extinção da Diretoria de Remonta e conseqüentemente de suas coudelarias (só a de Campinas-SP foi mantida) o Exército, levando em conta solicitações recebidas, retirou de leilão e doou a vários órgãos estaduais e estabelecimentos de ensino, os animais constantes do quadro acima.

E POR FALAR EM ÁRABE...

O registro n.º 1 da raça Árabe feito no então HERD BOOK COLLARES (Pelotas-RS), cujo acervo passou para o Stud Book Brasileiro mantido atualmente pela A.B.C. do Cavalo Árabe, pertence a RASUL, alazão, nascido em 14.9.1926 no Haras de D. Hernán Ayerza (Argentina) e importado em 1930 pelo prof. Guilher-



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA
(Fundada em 1934)

QUEM SABE O QUE VALE
UM CAVALO É O CAVALEIRO
MONTE UM MANGALARGA
E VERIFIQUE O SEU VALOR

Sede:

Av. Francisco Matarazzo, 455
(Parque Fernando Costa)
05001 — São Paulo — SP
Tel.: 62-6269 (DDD 011)

me Echenique Filho (Haras Er-Rasul, Pelotas-RS).

RASUL era filho de RISFAN e RAIKA, por RUSTUAR.

CONCURSO DE MONOGRAFIAS SOBRE EQUÍDEOS

A Comissão Coordenadora da Criação do Cavalo Nacional — CCCCN vem de baixar novas normas para o concurso em tela, cujos principais pontos são os seguintes:

I — os assuntos que servirão de temas: a) — Defesa Sanitária Animal para Equídeos; b) — Fisiopatologia da Reprodução nos Equídeos; c) — Criação de Equídeos, e, d) — Seleção Funcional dos Equídeos para o Esporte Equestre Rural. Os dois primeiros temas serão reservados a veterinários legalmente registrados e os dois últimos serão abertos a quaisquer concorrentes;

II — Será exigido um mínimo de 3 (três) monografias para cada tema, para que se faça o respectivo julgamento, sendo permitido a um mesmo candidato, mas com pseudônimo diferente, concorrer com até 2 (duas) monografias em cada tema que lhe for permitido fazê-lo;

III — na ordem dos temas enunciados no item I; aos respectivos vencedores serão conferidos os prêmios "Ten Cel João Moniz Barreto de Aragão", "Prof. Américo Braga", "Mal Antonio da Silva Rocha" e "Criador João Francisco Diniz Junqueira", cada um no valor de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros). As monografias classificadas em cada tema em 2.º lugar receberão o prêmio de Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) cada uma e aos demais trabalhos classificados serão concedidos diplomas, reservando-se a CCCCN o direito de publicação dos trabalhos premiados, a qualquer tempo, sem pagamento de direitos autorais;

IV — as monografias deverão ter, no mínimo, 50 (cinquenta) folhas de tamanho ofício, datilografadas em espaço dois, em 4 (quatro) vias, assinadas com pseudônimo, acompanhadas de envelope fechado, em separado, contendo a identificação do autor e seu endereço. As fotografias que ilustrarem os trabalhos deverão ser em papel brilhante, preto e branco, preferencialmente em tamanho 9 x 12

em e os gráficos ou desenhos em nanquim sobre papel vegetal;

V — o prazo para entrega dos trabalhos termina em 15 de abril de cada ano, não sendo levadas em conta as que rem entrada no protocolo da CCCCN após essa data;

VI — a Comissão Julgadora será composta de 3 (três) membros e um secretário e seus nomes só serão divulgados após terminado o julgamento, sendo irreversível.

Esses os principais pontos do Concurso. O documento completo será enviado às Sociedades Veterinárias, de Zootecnia, aos Conselhos Federal e Regional de Medicina Veterinária, às Associações Criadores e aos jornais e revistas que tenham de assuntos ligados à Pecuária, como diretamente aos interessados que solicitarem pessoalmente ou por carta a CCCCN, cujo endereço é Avenida Franklin Roosevelt, 115 — Grupo 70 — 20.000 — Rio de Janeiro — RJ.

A iniciativa do Concurso de Monografias sobre assuntos relacionados com equídeos visa preencher a pobreza existente de obras editadas em português sobre o cavalo.

Convém salientar que o Concurso já existia há vários anos. Agora apenas reformulado, principalmente número mínimo de monografias para cada tema — antes era de cinco — e valor dos prêmios — antes para o vencedor de cada tema era de Cr\$ 2.000,00 e agora é de Cr\$ 5.000,00 e para o 2.º lugar passou de Cr\$ 500,00 para Cr\$ 2.000,00.

Foi criado ainda mais um tema — Seleção Funcional dos Equídeos para o Esporte Equestre Rural — para cujo vencedor foi instituído o prêmio "Criador João Francisco Diniz Junqueira", em homenagem ao pioneiro da seleção do cavalo da raça Mangalarga, autor da obra "Como Amansamos nossos Cavalos".

MEDIDA ACERTADA...

... pelo menos no nosso entender, que estão estudando os responsáveis pela equídeocultura nacional, qual a medida para limitar a idade máxima dos equídeos em concursos de morfologia.

Assim, por exemplo, na Nacional CCCCN, até agora a 4.ª Categoria aberta a animais acima de 48 meses (anos), sem limite máximo.

O assunto, aliás, já havia sido abordado no número de dezembro de 1974 (Considerações sobre Exposições e Concursos), quando escrevemos: "O fato de não haver limite para os ADULTOS, embora na qualidade de leigos que somos, honestamente pensamos que deveria haver um limite máximo de idade, ouvidos os técnicos, por eles estabelecido. Nada mais triste do que um consagrado raçador ser exibido com as primeiras marcas da velhice, desvios de aprumo ("ajoelhado"), o bo enclado", etc. Os ADULTOS deveriam ser expostos até quando, pelo menos, no ponto crítico máximo de sua beleza física."

Mas qual esse "ponto crítico máximo"? Nossa opinião: 10 anos.

VAMOS EVITAR O "REPLAY"?

Outro ponto que a nosso ver deveria ser objeto de estudos, é a reapresentação do Campeão(a) da Raça de uma exposição, nas imediatamente seguintes.

Entendemos ser mais benéfico para a avaliação do progresso morfológico de uma raça, que a cada ano se apresentem novos valores, pelo que achamos que ao Campeão(a) da Raça numa exposição Nacional só deveria ser permitido se apresentar novamente para a disputa do título dois anos depois.

Por exemplo.

O Campeão(a) da Raça em 1974 só poderia voltar a concorrer ao título em 1976, respeitado o limite máximo de idade.

Essa deliberação não seria impeditiva dos Campeões(as) se apresentarem "fora de concurso" às exposições em causa, como aliás prevê o respectivo Regulamento.

UMA CORRIDA DE QUARTO-DE-MILHA

Na cidade paulista de Piraju (próxima de Avaré) realizou-se em junho passado uma corrida de cancha reta para animais da raça.

O evento vem confirmar a previsão que há algum tempo fizemos sobre mais essa atividade esportivo-funcional dos QM.

A fotografia que nos enviou o Dr. Heraldo Araujo, secretário da ABQM demonstra, pela simplicidade da pista, que para as atividades funcionais de uma raça não são precisas instalações suntuosas. O que conta é o espetáculo.

PRIMEIRO HIPÓDROMO OFICIAL DE CANCHA RETA

A Sociedade Hípica de Itapetininga (São Paulo) teve recentemente o seu hipódromo localizado em Vila Regina, na-

quele município, reconhecido pelo Ministério da Agricultura (Portaria n.º 19 — Carta Patente n.º 22), o que lhe permite a realização de páreos em distâncias curtas, também chamados "corridas em cancha reta".

A inauguração oficial se deu com a realização do 1.º GRANDE PRÊMIO MINISTRO DA AGRICULTURA (1.º Grande Penca do Estado de São Paulo), disputado na distância de 500 metros no dia 15 de junho último.

A dotação total da penca (eliminatórias e páreo final) atingiu Cr\$ 97.000,00.

O hipódromo tem pista de areia com partidor automático e "photochart" para documentar os finais.

Dada a especialização dos Quartos-de-Milha nas distâncias curtas e sua consequente superioridade nessa modalidade de corridas, há páreos exclusivos para a raça...

DOS JORNAIS

I — O GLOBO de domingo, 29 de junho passado, informa que "para melhorar a raça do rebanho e compensar a redução do número de animais, por causa do surto de anemia infecciosa, Goiás vai importar cavalos do Oeste dos Estados Unidos. A Secretaria da Agricultura do Estado está adquirindo nos Estados Unidos e no México os primeiros 80 desses animais, descritos pelo Secretário Luiz Menezes como 'de extraordinário senso natural de pastoreio, ideais para Goiás'.

Os cavalos importados serão os 'quarter horse' (quarto-de-milha) e serão vendidos aos criadores a preço de custo".

II — JORNAL DO BRASIL de 5.ª feira, 4 de julho último, estampa em Lance-livre notícia do regresso do ex-Pre-sidente Médici da cidade de Campos, onde passou o fim da semana anterior numa fazenda da região. Na visita teve oportunidade de assistir a um rodeio (obviamente diferente daqueles parados

nos campos de Poncho Verde) e a um leilão de cavalos de raça.

LEITOR ASSÍDUO MESMO

Recebemos do criador Carlos Robichez Penna (Haras São Carlos — Brasília — DF), que se dedica à raça Árabe, mais uma carta, cujo assunto vai a seguir resumido.

Diz S.S.ª que leu num CAVALO RURAL FUNCIONAL uma informação, ilustrada com fotografia, na qual apresentávamos o aparelho denominado "walker" ou "passeador" mecânico, fabricado em Pres. Prudente e copiado do utilizado em larga escala nos EE.UU.

Em recente viagem que fez àquele país, encontrou um dos citados aparelhos na Raffling Arab Horse Farm (Miami-Florida), do qual tirou fotografia que está na página de abertura desta seção. Aqui chegando comparou os dois — o por nós divulgado e o americano — e observou que as hastes ou "braços" onde são amarrados os animais tinham posições diferentes: enquanto no modelo nacional eram horizontais, no americano eram inclinados.

A princípio tal modificação não parece ter grande significação, mas uma exame mais detalhado mostra a vantagem do modelo americano, uma vez que a posição inclinada da haste não permite aos animais nelas esbarrarem, no caso, por exemplo, de se espantarem.

Como procede a observação e a nossa missão é informar sempre o melhor, aqui reproduzimos o modelo americano, para que o leitor ou leitores que nos distinguem com a leitura de nossos escritos possam compará-lo com o que foi publicado no número 538 (nov./74) desta Revista.

REGISTRO DE APPALOOSAS

A grosso modo a raça americana Appaloosa não possui um tipo morfológico de-

Criação e venda NELORE HOLANDÊS CAVALO ÁRABE FAZENDA ESPERANÇA

Km 111 - Rodovia Raposo Tavares - Sorocaba - SP
São Paulo - Rua Brigadeiro Tobias, 356 - 2.º andar
Conj. 22 - Tel. 227-4928

finido, mas a respectiva associação de criadores exige, para registro, determinados caracteres físicos: esclerótica branca, cascos rajados verticalmente, focinho "marmorizado" e outros que tais, além, obviamente, a pelagem pintada.

A Quarto-de-Milha não registra animais com manchas ou malhas que possam caracterizá-los como "pampas" ou "pintados".

Mas também é fora de dúvida que há grande número de animais Appaloosas que se enquadram no atual padrão morfológico do QM, que todavia não podem ser registrados como tal.

Fomos informados que para esses Appaloosas tipo QM a A.B.Q.M. foi solicitada a executar o respectivo registro genealógico.

"QUARTER HORSES" ARGENTINOS

"Vendendo o peixe pelo preço que recebemos", isto é, nenhuma responsabilidade na divulgação da notícia, informamos haver gestões no sentido de que a A.B.Q.M. passe a executar o registro genealógico dos animais da raça americana nascidos no país amigo.

Se tal acontecer (e aproveitamos a oportunidade para solicitar ao Dr. Heroldo Pessoa uma manifestação sobre o assunto), o fato vem comprovar o alto conceito da A.B.Q.M. não só no Brasil como além fronteiras.

COMISSÕES TÉCNICAS NO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Com o objetivo de assessorar o Ministério da Agricultura na formulação da

política pecuária nacional, nos campos de Fisiopatologia da Reprodução e Inseminação Artificial; da Nutrição Animal e Agrostologia e da Criação e Melhoramento Zootécnico dos animais de grande médio e pequeno porte, foram criadas Comissões Técnicas para estudar os assuntos acima referidos.

Relativamente aos equídeos funcionais na DAGE (Divisão para Animais de Grande Porte) a Comissão Técnica de Equideocultura, cujos integrantes já foram convidados e que deverá se reunir no próximo mês de agosto.

Os membros das comissões não serão remunerados.

TABELA DE PONTOS PARA O MANGALARGA

Para satisfazer a pedido de um leitor, abaixo transcrevemos a Tabela de Pontos para o Mangalarga, utilizada para julgamento dos animais da raça, em exame estático e dinâmico, ressaltando, todavia, não sabermos se a mesma ainda está prevalecendo. Caso contrário, mesmo desatualizada, terá o leitor uma idéia do assunto.

EXPOSIÇÃO EM PRESIDENTE PRUDENTE

O Sindicato Rural, a Sociedade Rural do Sudoeste Paulista, a Prefeitura Municipal e a Divisão Rural Agrícola estão convidando os interessados para a XII Exposição de Animais e II Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados, que se realizará na cidade de Presidente Prudente (SP), no período de 5 a 14 de setembro vindouro.

Os equinos serão agrupados nas seguintes categorias (machos e fêmeas):

51a. —	Categorias de 12 até 18 meses
52a. —	" " 18 " 24 "
53a. —	" " 24 " 30 "
54a. —	" " 30 " 36 "
55a. —	" " 36 " 42 "
56a. —	" " 42 " 48 "
57a. —	" " 48 " 60 "
58a. —	" acima de 60 "

A) — Nas quatro primeiras categorias será vedada a apresentação de animais montados, não sendo permitida a inscrição nas demais categorias;

B) — Entre os primeiros prêmios das 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª categorias, sairá o Campeão (ã) e Reservado (a) Campeão (ã) Potro e Potra;

C) — Entre os primeiros prêmios das 5.ª, 6.ª, 7.ª e 8.ª categorias, sairá o Campeão (ã) e Reservado (a) Campeão (ã) Cavalos e Égua.

A Circular-Convite não esclarece se este ano serão disputadas as provas esportivo-funcionais que ali vêm sendo realizadas desde 1970.

ESTÁTICO

Cabeça:

Seca com perfil retilíneo	2
Boca rasgada, Narinas amplas e flácidas	1
Orelhas belas e bem inseridas	1
Olhos bem afastados, grandes, não oblíquos	1

5 pontos

Pescoço:

Bem ligado à cabeça e ao tronco, de bom comprimento, descarnado, forma de tronco de pirâmide, fazendo 45 graus com a horizontal

6 pontos

Tronco:

Espáduas amplas, bem inclinadas, cernelha alta, atrasada, não cortante	4
Lombo curto, linha de dorso perfeita, costelas bem arqueadas, boa cobertura de rins	6
Peito amplo e profundo	2

12 pontos

Garupa:

Ampla, bem musculada (próxima da horizontal)

5 pontos

Membros:

Bem aprumados (frente, perfil e por trás)	8
Fortes articulações, sólidas, quartela média e firme, canela curta, antebraços longos e musculosos, membro em proporção com o tronco	5
Limpas, sem derramas, casco circular (não fechados nem encastelados) e fortes	4

17 pontos

DINÂMICO

Aprumos:

O animal, quando puxado, visto por trás e pela frente o movimento de seus membros devem seguir uma trajetória que se aproxime do plano vertical que passa pelo centro de apoio

8

Deslocamento:

Visto de perfil, as passadas deverão ser longas, sincronizadas, graciosas, somente em diagonal, não muito alçada

12

Movimento parasita:

Isento de movimentos indesejáveis na paleta, garupa, membros ou outro qualquer que seja considerado parasita

7

Comodidade:

Pouco atrito para o cavaleiro, dando-lhe a sensação de segurança

7

Agilidade:

Galope fácil, agilidade e firmeza nos volteios

6

45 pontos

Temperamento:

Harmonia geral do conjunto

5

TOTAL GERAL

100 pontos.

Se não houver quebra das já quase tradicionais provas equestres, este ano será disputada a VI PROVA CAVALO DE PEÃO.

Para o ingresso no parque é exigido dos equinos, quando por ocasião do embarque para a exposição, de exame clínico declaratório de que o animal não é portador de Anemia Infecciosa e, em especial, para os animais provenientes de Haras, Jokeys Clubs e Sociedades Hípicas, atestado de exame hematológico efetuado em laboratório credenciado, de acordo com a legislação em vigor, com validade para três meses.

NOVA DIRETORIA DA A.B.Q.M.

Por unanimidade foi eleita a nova Diretoria da A.B.Q.M., na Assembléia Geral Ordinária realizada em 25 de abril último, cujo mandato vigorará para o biênio 1975/1977.

Para presidente foi reeleito o Dr. Euclydes Aranha Netto e foram poucas as modificações no quadro de Diretores.

Convém salientar, todavia, o aumento das Diretorias Regionais, criadas para maior facilidade dos interessados na raça, uma vez que junto às mesmas poderão colher todas as informações de que carecerem.

São os seguintes os Diretores Regionais:

Ricardo de Rezende Barbosa — Garça (SP)

José Carlos Delfim Miranda — Pres. Prudente (SP)

Waldemar Alves — Araçatuba (SP)

Lineu Rondon — Aquidauana (MT)

Romeu Pires de Campos Junior — Goiânia (GO)

Murilo Ferreira Tibery - Uberaba (MG)

Arnaldo M. A. de Lima e Motta — Avaré (SP)

REGISTRO GENEALÓGICO DO QUARTO-DE-MILHA

No quadro respectivo apresentamos o movimento do Stud Book da raça Quarto-de-Milha no 1.º semestre do corrente ano, segundo comunicação feita à CCCC, nos termos da Instrução 02/72, da DAGE.

Milha no 1.º semestre do corrente ano, segundo comunicação feita da Instrução 02/72, da DAGE.

Puros de Origem				Mestiços (nacionais)										
Importados		Nacionais		Machos				Fêmeas				Castrados		
M	F	M	F	1/2	3/8	3/4	7/8	1/2	3/8	3/4	7/8	1/2	3/8	3/4
32	98	14	16	47	—	16	2	94	6	15	8	29	5	1
130		30		65				123				35		
160				188								35		
383														

Fonte: CCCC

CURSO DE LAÇO DE BEZERRA

No período de 26 de junho a 9 de julho últimos a A.B.Q.M. fez realizar no Clube de Adestramento do Cavalo Rural, em Presidente Prudente, um curso prático de laço.

Ministrou-o o Sr. Bobby Seals, de Justin, Texas, U.S.A., um nome consagrado na especialidade e também na orientação de adestrar os animais para o serviço de laçar.

O curso foi aberto a quaisquer cavaleiros, inclusive menores a partir da idade de 10 (dez) anos, estes com a autorização e responsabilidade de seus pais.

A taxa cobrada foi de Cr\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos cruzeiros) por participante.

A iniciativa da A.B.Q.M. deverá trazer considerável melhoria nos índices de tempo conseguidos nesse tipo de prova, hoje compulsória em todas as reuniões esportivas promovidas pela Associação.

COM VISTAS AOS ARABISTAS

I — Das ilhas gregas recebemos amável cartão do criador Carlos Robichez Penna

nos informando que havia visitado, no sul da Inglaterra, mais precisamente no condado de Sussex, "os mais renomados criadores de cavalos Árabes, onde viu alguns animais extraordinários" e que a seguir "visitaria no Cairo (Egito) o famoso EL ZAHRA HORSE STUD".

Quando do seu regresso estamos certos de que S.Sa. brindará os leitores da RC com um belíssimo artigo.

II — Entre as muitas finalidades desenvolvidas pela WAHO (World Arabian Horse Organization), publicadas no excelente artigo da lavra do prof. Dr. A. Zaher, ex-Ministro da Agricultura do Egito (Notícias Médico-Veterinárias, n.º 3/74, do Laboratório Bayer), figura a seguinte recomendação:

Promover Corridas e Outras Provas de Resistência e Funcionalidade do Cavalo Árabe e seus Descendentes.

Interpretamos "descendentes" como "mestiços".

Razão, pois, temos nós quando, há vários anos, pedimos aos arabistas brasileiros que realizem provas funcionais para os seus animais.



Consulte nossa linha de Sorgos Graníferos e Milho Híbrido PIONEER

A melhor solução para a alimentação do seu gado

SORGOS FORRAGEIROS PIONEER.
SEMENTES

Sorgos específicos para: Silagem-931/Pastoreio Direto-988

Os melhores Sorgos Forrageiros do Brasil.

Mais de 50 toneladas de massa verde por hectare.

FORRAGEIRAS: Capim Rhodes, alfafa, pasto italiano, pensacola, aveia centeio, azevem, trevos.

Informações:

HY-LINE AGRO COMÉRCIO LTDA.

Rod. SP 332 - Km 122 (Campinas-Paulínia) C. Postal 1595 - Campinas
Tels.: 55-2144 e 55-2147 - Paulínia - SP - End. Telegr. "HYBRAZ"

Coragem e perícia, eis o polo

ANTONIO CARVALHO MENDES



FOTOS "O ESTADO DE S. PAULO"



O pólo requer a habilidade do cavaleiro.

Hoje vamos falar de um esporte hípico dos mais difíceis que se praticam no mundo: o pólo, pois requer habilidade do cavaleiro, coragem, perícia e resistência física.

Embora na segunda metade do século XX a sua popularidade haja aumentado consideravelmente, o pólo ainda guarda características de "esporte fechado", fora do alcance da maioria dos que o admiram, tal a soma de exigências que o tornam um esporte caro. O preparo das montarias demanda anos de treinamento até que possam participar de um simples jogo. Cada jogador necessita de cerca de seis cavalos à sua disposição, tamanho é o desgaste de energia dos animais durante as partidas.

ORIGEM TIBETANA OU PERSA

Segundo se sabe, a palavra "pólo" tem origem tibetana "pulu" significa uma espécie de bola coberta de pele de yack. Os persas teriam sido os grandes incentivadores desse esporte, embora também os tibetanos, mongóis, árabes e, mais tarde, os chineses e os hindus tenham praticado jogos coletivos que lembravam o pólo. Mas, segundo os entendidos, foi no fim do século XIX que esse esporte adquiriu o aspecto e a regulamentação ora em vigor.

Os ingleses afirmam que a primeira partida de pólo teria sido disputada na Pérsia, 525 anos antes de Cristo. Dario teria sido um afeiçoado em potencial do jogo de pólo. As cruzadas teriam trazido para a Europa um jogo em que se utilizavam os tacos, ao qual denominavam "chicane", derivado do persa "tschangan", que significa malho de madeira, ou um longo martelo de duas cabeças. Houve partidas que terminaram em batalha.

Uma das penalidades mais cometidas no pólo atual é a "cruzada", que ocorre quando um jogador cruza à frente do adversário que domina a bola ou segue a linha da bola. Mas, o espírito esportivo e as punições pela dureza do "jogo cruzado" só se manifestariam em meados do século XIX.

Se nos aprofundarmos na leitura de livros e compêndios sobre o pólo, mais e mais vão-nos chegando ao conhecimento coisas interessantes a respeito. Uma delas é que, nas fronteiras da Birmânia, mais precisamente no estado de Manipur, os plantadores ingleses de chá acabaram descobrindo o jogo de pólo, calorosamente praticado pelos homens da terra. Depois a chamada "febre" do pólo conquistou regimentos britânicos da Índia. Em 1869, foi disputada a primeira partida "oficial" de pólo na Europa, em Hounslow, no Middlesex. Defrontaram-se o 10.º de Hussardos e o 9.º de Lanciros, ambos procedentes da Índia. Após

essa partida, surgiria o Hurlingham Polo Association que, paulatinamente, foi elaborando o código do jogo. O sucesso não se fez esperar, e em pouco tempo expandia-se o pólo por toda a Inglaterra, pelas Américas do Norte e do Sul.

O JOGO DE PÓLO

O pólo é jogado num campo gramado cujas medidas máximas são 275 m de comprimento e 180 m de largura. Nas extremidades ficam as metas, formadas por dois postes em sentido vertical, que se separam por 7,50 m. O jogo é impulsionado por uma pequena bola, dura mas relativamente leve, até que ultrapasse a linha de gol. Para isso, os jogadores utilizam um longo taco de madeira que lhes permite golpear a bola (de madeira pesada, 130 gramas) sem se abaixarem muito.

Disputam uma partida duas equipes de quatro jogadores, numerados de 1 a 4. Os 1 e 2 são os dianteiros, 3 é o médio e 4 o zagueiro, embora essa disposição de campo não seja rígida.

A duração da partida varia de 8 a 10 tempos, com intervalos também variando de 5 a 3 minutos, para a troca de cavalos. Cada tempo dura 7 minutos. Quase sempre as partidas são arbitradas por dois juizes a cavalo, dadas a extensão do campo e a velocidade do jogo. Na Inglaterra, costuma-se dividir a partida em 7 tempos de 8 minutos cada um, de

minados **chuckkers**, concedendo-se um descanso de três minutos entre os **chuckkers** para troca de montarias. Nos Estados Unidos há preferência pelas partidas de 6 ou de 8 **chuckkers**, de 7 minutos e meio, com descansos de 3 minutos. Após cada gol, as equipes trocam de taco.

Para que os jogos de pólo fiquem mais equilibrados e interessantes, emprega-se o sistema de **handicap**, traduzido em tentos, de acordo com a classificação hipotética dos jogadores que integram as equipes, segundo suas qualidades. Se a diferença entre as equipes atinge o valor 5, automaticamente se adjudicam 5 tentos à mais fraca.

Os melhores polistas do mundo são os norte-americanos e os argentinos.

Para se ter uma idéia da importância desse esporte, basta que se diga que chegou a figurar na programação dos Jogos Olímpicos, com a equipe britânica triunfando nos idos de 1900, 1908 e 1920, e a Argentina nos anos de 1924 e 1936.

De quatro em quatro anos há a **Copa das Américas** que vem sendo vencida sempre pela Argentina, único país que consegue formar uma seleção em que todos os jogadores têm 10 gols de handicap. Também nos Jogos Olímpicos, o país irmão vem vencendo sucessivamente.

OS CAVALOS DE POLO

Os cavalos de pólo têm que ser submetidos a um treinamento especial. São todos de raça e exercitam-se diariamente meia hora, para manter os reflexos. Virar rapidamente para ambos os lados, parar instantaneamente e ter grande velocidade são qualidades indispensáveis a um cavalo de pólo.

DOIS CLUBES EM S. PAULO

Em São Paulo, o pólo é praticado em dois clubes: a Sociedade Hípica Paulista, que está completando 64 anos de existência e o Clube Hípico de Santo Amaro, que completa 40 anos de fundação. Essas duas entidades têm prestigiado muito o também considerado esporte dos reis. Muitas competições têm sido levadas a efeito nos tradicionais campos paulistas, contando com a participação de oficiais do glorioso Exército Brasileiro.

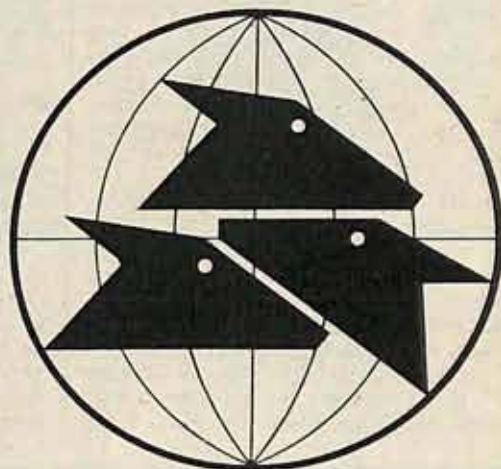
Jogadores de todas as partes do mundo já se apresentaram em São Paulo, contribuindo com a sua parcela, para a formação de verdadeiros esportistas. Com os que vêm aqui temos aprendido muito e eles levam do nosso País a certeza de que o polista brasileiro faz um esforço para um dia ombrear com as figuras exponenciais da Europa, Estados Unidos e Argentina.

Mas, tudo o que foi feito até agora foi possível graças a um animal nobre, que acabou trazendo para o campo pessoas de atividades diferentes, que se integram num esporte corajoso, em cuja prática a perícia e a resistência física são postas à prova: o **cavalo**. ■

Aprimore seu rebanho importando reprodutores através da

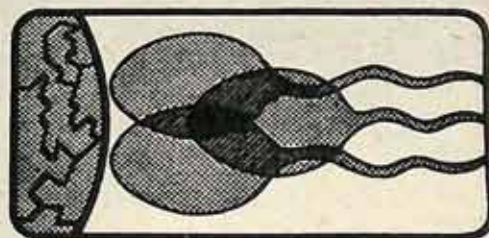
IMEX

Entidade oficial alemã de exportação de gado



SPERMEX

Gens superiores em ampolas



Escreva-nos solicitando informações sobre os itens abaixo:

- | | |
|---|----------------------------------|
| ☐ IMPORTAÇÃO DE REPRODUTORES | ☐ SCHWYZ |
| ☐ IMPORTAÇÃO DE SÊMEN | ☐ SUÍNOS |
| ☐ FLECKVIEH | ☐ OVINOS |
| ☐ FRISIO PB | ☐ EQUINOS |
| ☐ FRISIO VB | |

**IMEX
SPERMEX**

Rua Piauí, 43 - conj. 83 - Tel. 256-8837
01241 - São Paulo

Agora, a vez dos galgos

ANTONIO CARVALHO MENDES

Katia Lambert, entusiasta criadora de um dobermann de finíssimo pedigree, afirma que a corrida de galgos foi efetivada pela primeira vez na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, nos idos de 1870. Mas, as duas não tiveram grande sucesso. No início de 1920, foi feita nova experiência, à noite, nos Estados Unidos, iluminada por holofotes. O sucesso repetiu-se na Grã-Bretanha, em 1926.

Salienta Katia que, como grandes somas de dinheiro eram investidas nestas corridas, muitas irregularidades começaram a ocorrer e assim foi formada uma sociedade de controle. Em todos os países de língua inglesa, as sociedades operam em linhas similares. Na Grã-Bretanha, o "National Greyhound Racing Club" é a sociedade de controle. Todas as pistas têm o seu grupo de treinadores.

Os indivíduos que fazem correr seus cães não licenciados em pistas são prevenidos e seus cães impedidos de correr. O "National Coursing Club" registra todos os galgos num formulário que fornece a descrição detalhada de cada animal.

DISTÂNCIAS MAIORES

Demonstrando perfeito conhecimento do assunto, Katia explica que a tendência agora, na Grã-Bretanha, é aumentar a distância das corridas de 400, 440 e 525 jardas, para 700, 900 e 1.140 jardas.

Um galgo de corrida que pode pesar até 70 libras, pode fazer 440 jardas em 22 segundos. Ele começa a ser treinado na idade de 15 meses. Um cão saudável pode começar a correr com 6 a 8 meses e perderá 4 a 6 libras de peso no processo. Um bom treinador trata cada cão como um indivíduo. Mas sua vida é cur-

ta: alguns são dados de presente, maioria é sacrificada.

Somente na Grã-Bretanha meio milhão de libras esterlinas são apostadas nas corridas semanais. Alguns cães podem ganhar uma fortuna para seus proprietários. Sem dúvida alguma, a corrida de galgos é o maior negócio do mundo, afirma Katia.

A VELOCIDADE DOS CÃES

A velocidade dos cães corredores é difícil de se comparar. Um dos recordes do "English Greyhound Derby" pertence a Pigalle Wonder, conquistado no estádio de Wembley, em 1958. Sua velocidade foi de 37.76 milhas por hora. Um Saluki, entretanto, chegou a correr a 43 milhas por hora. Mas isto porque o Saluki correu em linha reta, enquanto o galgo corre numa pista oval. Infelizmente — a entrevistada — o Saluki não se presta por correr atrás de uma lebre mecânica, não podendo ser utilizado em corridas oficiais.

As velocidades médias dos cães de corrida são as seguintes:

Raças	Milhas por hora
Galgo	34
Whippet	32
Saluki	30
Borzoï	28½
Afghan	27½

CAÇA À LEBRE

Katia conclui a sua exposição informando que a caça à lebre pelos galgos foi criada no reinado da rainha Elizabeth da Inglaterra, no século XVI.

"Infelizmente, o Parlamento Britânico quer fazer passar uma lei proibindo o esporte, por ser a lebre animal vivo e mecânico como nas corridas. As lebres escolhidas são sempre fortes e já familiarizadas com a área. 7 entre 10 escapam por estas razões. A boca forte e os dentes agudos do galgo dão morte instantânea à lebre. Uma vez morta, o galgo possui qualquer interesse pelo animal".

O CANIL DO LAIO

Collies, Dálmatas, Pointers, Labradores e Afghans Hounds podem ser vistos frequentemente no Canil do Lailo. Carlos Lacerda e Ceres da Costa Almeida, à rua Valparaíso, 24, na Tijuca, no Rio de Janeiro. Fundado em 1969, seu nome é uma homenagem carinhosa ao meu



Whippets são muito bons para corrida: 32 milhas por hora.



O hexa-brasileiro e interamericano Laio of Lakefield que iniciou o Canil do Laio.



Campeão Blue Lucky of Collie Star Kennels, o "grande campeão" de Carlos Lacerda e Ceres Almeida.



Laddas do Laio, um filhote que promete muito para o futuro. É neto de Laio.

collie — Laio — que na sua curta mas profícua carreira conquistou 200 troféus.

Laio — diz Ceres Almeida — foi o primeiro cão do Rio de Janeiro e do Brasil a tomar parte numa exposição interamericana.

Inicialmente, o Canil criava apenas collies e lhasas. Depois, afghans e outras raças. Morrendo Laio, as atenções passaram para os seus filhos e "Blue Lucky" é um dos melhores que Laio deixou.

Carlos Lacerda, que em seu sítio cultivava as mais lindas variedades de rosas, embora prefira os lhasas pela alegria, tem

predileção especial por Lucky que ele sempre chama de **grande campeão**.

Blue Lucky of Collie Star Kennel, que recentemente competiu no parque da Água Branca, em São Paulo, é um collie cinza de criação do dr. Rubens Vieira Pinto, da Capital. Alegre e meigo, é sempre visto na Tijuca, em companhia de seu treinador Nino, ou em Petrópolis, no sítio de Carlos Lacerda.

Diversos são os campeões do Canil do Laio, entre eles o lhasa-apso Rondelay Too Tsie e o seu filho Tibet London do Laio.

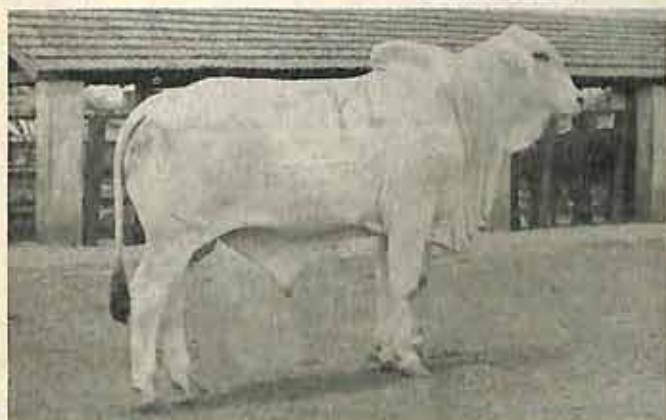
Ceres Almeida é uma personalidade romântica e nostálgica, tanto assim que para lembrar Laio, os animais nascidos no canil têm nome iniciado por La: Laddas, Laure e Lara.

Foi Carlos Lacerda quem, com sua grande personalidade, conseguiu fazer que Ceres não desistisse da criação com a morte de Laio. Ele achou que ela tinha condições para prosseguir e para tanto ofereceu uma parte do seu sítio, onde mantém o canil de que Ceres é co-proprietária. ■

Eu sou o Tabapuã mais pesado



fazenda morada da prata



CRIADOR: MARIA HELENA DUMONT ADAMS

E... PESO é mesmo conosco!

Este é o 4.º ano consecutivo em que ganhamos o 1.º lugar na

Prova de Ganho de Peso em Sertãozinho, com 391kg ajustado!

Aguardamos sua visita na Fazenda

Morada da Prata, em Batatais, SP,

fone 2026. Vendas a cargo do sr. Cassio.

FIM DA PRATA — nascido em 16-9-73, por Aclamado e Tróia. 391 kg de peso e raça! Campeão da Prova de Ganho de Peso em Sertãozinho - 1974.

Serviço de controle leiteiro



DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
(Ex Associação Paulista de Criadores de Bovinos)

Com a cooperação do Departamento da Produção Animal de São Paulo

DESTAQUE

RAÇA HOLANDESA — variedade preto e branco

FECHADURA DE STA. LUCIA, N.R., REPRODUTORA EMÉRITA, com novo Livro de Escol.

8-0	—	2x	—	337d	—	7.244	—	286,0	—	3,94%
9-1	—	2x	—	336d	—	6.498	—	236,9	—	3,64%
10-1	—	2x	—	313d	—	5.960	—	242,4	—	4,06%
11-1	—	2x	—	305d	—	5.150	—	186,5	—	3,62%

Prop.: VIVACQUA VIEIRA S/A

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS

RAÇA HOLANDESA — variedade preto e branco

IDENTIDADE DO PAU D'ALHO, Rg. 64.555, GHB, Pai: Sisson Farms Piebe Wis Ideal Rg.

57.975, mãe: BETERRABA DO PAU D'ALHO Rg. 42.779, obteve "LE" aos:

2-2	—	2x	—	308d	—	6.525	—	206,3	—	3,16%
3-2	—	2x	—	306d	—	8.124	—	264,4	—	3,25%
4-3	—	2x	—	302d	—	8.864	—	293,9	—	3,31%

Prop.: JACOB ROSIER DUTILH

ILIADA DO PAU D'ALHO, Rg. GHB/181, GHB, Pai: ARLINDA FORTY NINER STAR Rg. 57.031,

mãe: GONDOLA DO PAU D'ALHO Rg. 59.962, obteve "LE" aos:

2-1	—	2x	—	291d	—	5.042	—	170,5	—	3,38%
3-1	—	2x	—	339d	—	5.858	—	209,9	—	3,58%
4-3	—	2x	—	297d	—	7.398	—	262,9	—	3,55%

Prop.: JACOB ROSIER DUTILH



ESTA É A
MARCA

O CAMINHO
TRANQUILO
PARA O ÊXITO
DE SEU
REBANHO



FAZENDA SÃO SEBASTIÃO
Engenheiro Eduardo Simonsen
BRAGANÇA PAULISTA - SP
Em São Paulo: Telefone 211-1591

LACTAÇÕES TERMINADAS

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DE 14 MESES)

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	Nova Parição aos (dias)	Dias lac. prenhe	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg				
RAÇA HOLANDESA — variedade preto e branco					Três ordenhas (3x)					
CLASSE AJ — Até 2 ½ anos.										
S.D. Bartira G. Celebrity-1P-B31364	PO	2-0	39607	305	4.307	145,9	3,38	366	214	Manuel Pontes Neto
CLASSE AS — De 2 ½ a 3 anos.										
Jang. Magnesia J. Bootmaker-B31582	PO	2-8	39549	305	4.749	176,1	3,70	370	210	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Melica Iara Maple-B31860	PO	2-7	39552	305	4.724	164,2	3,47	368	212	Fernando A. Pinto S/A
S.M. Reflection Fury Bond-B31876	PO	2-8	40130	280	4.539	162,8	3,58	365	190	Dário Freire Meirelles
Jang. Marcelinha E. Buttermen-B31855	PO	2-7	39844	305	4.166	159,9	3,83	355	225	Fernando A. Pinto S/A
CLASSE BS — De 3 ½ a 4 anos.										
Jang. Lusa Reba Promis-B28661	PO	3-9	39545	305	4.618	163,8	3,54	356	224	Fernando A. Pinto S/A
CLASSE CS — De 4 ½ a 5 anos.										
Jang. Jundiaí Master Dean-B26216	PO	4-10	32230	305	5.463	192,9	3,53	361	219	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Jacauna Promis-B27468	PO	4-9	33408	298	4.972	186,6	3,75	356	217	Fernando A. Pinto S/A
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
River Valley Q. Crissy-B28164	PO	5-6	31176	296	6.860	214,4	3,12	399	172	Manuel Pontes Neto
Jang. Florida Duke Mark-B17552	PO	9-2	19313	257	6.131	199,6	3,25	372	160	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Eterna Burke-B16309	PO	10-1	19026	305	5.867	204,4	3,48	366	214	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Ingrata Lucifer-B24677	PO	5-6	31667	305	5.777	205,1	3,55	349	231	Fernando A. Pinto S/A
Glenafon Lora Evelyn-B28162	PO	5-10	31706	305	5.236	173,3	3,30	350	230	Manuel Pontes Neto
CLASSE AJ — Até 2 ½ anos.										
J.P.R. Fartura-B32753-LE	PO	2-2	39925	294	5.101	167,9	3,29	348	221	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.R. Erta-B32018	PO	2-4	39160	305	3.668	132,8	3,61	423	157	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.R. Frederica-B32022	PO	2-4	39408	285	3.292	129,3	3,92	382	178	Joaquim Peixoto Rocha
Palomita-HB/MG-21214	GC-3	2-3	39403	305	2.552	106,5	4,17	397	183	João Figueirado Frota
CLASSE AS — De 2 ½ a 3 anos.										
A.F. Fortaleza Jardineira-B31832-LE	PO	2-11	39783	305	5.338	210,9	3,95	365	215	Newton de P. Ferreira Filho
A. de Jonge Jacoba Emperor-B35246-LE	PO	2-8	39739	274	4.521	153,4	3,39	352	197	C.J. de Jonge - Arapoti
A.F. Fortaleza Javaneza-B31124-LE	PO	2-9	39484	274	4.512	153,5	3,40	355	194	Adm. Campo Grande Ltda.
Decampinas Celia Bootmaker-B32078	PO	2-11	39312	305	4.419	143,8	3,25	379	201	José Peres de Oliveira
Z 15 do Castelo-80056	PC	2-6	39673	290	3.529	114,9	3,25	345	220	Fazenda e Haras Castelo S/A
Par. Topazia Magnifico-B33447	PO	2-9	39423	303	2.341	85,4	3,65	376	202	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
A 1 do Castelo-80061	GC-3	2-6	39806	278	2.267	93,7	4,13	328	225	Fazenda e Haras Castelo S/A
Par. Tentadora Magnifico-B33428	PO	2-11	39431	260	1.076	38,6	3,62	389	146	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
CLASSE BJ — De 3 a 3 ½ anos.										
Pan Rockman J. Giordiana-B30375-LE	PO	3-2	37414	305	7.583	306,5	4,04	365	215	Washington L.C.V. da Silva
Italia A.E. do P. D'Alho-1P-GHB/065-LE	GHB	3-5	36117	305	7.128	268,1	3,76	387	193	Jacob Rosier Dutilh
A.F. Fortaleza Jaga-B30347-LE	PO	3-0	36972	305	5.920	207,6	3,50	388	192	Adm. Campo Grande Ltda.
S.N. Pavuna 1 Doble Adonis-B32052-LE	PO	3-0	39532	295	5.269	173,9	3,30	361	209	Emilio C. Kluppel - Arapoti
Cast. Conde Sina 50-B33720	PO	3-3	39733	268	4.249	144,5	3,40	342	201	L. Noordegraaf - Arapoti
Par. Serrilha Fidalgo-B34397	PO	3-4	39430	305	4.124	152,9	3,70	399	181	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Jang. La Plata I. Majority-B29434	PO	3-5	39333	305	4.053	144,2	3,55	388	192	Fernando A. Pinto S/A
Semawi Gabarita P. Ormsby-B33846	PO	3-2	38990	305	3.682	134,8	3,66	418	162	Manoel Garcia Filho
Semawi Generosa R. Adema-B33847	PO	3-3	38989	273	3.579	151,9	4,24	409	139	Manoel Garcia Filho
P. Suecia Noruega Gigante-B33914	PO	3-0	39485	305	3.148	108,1	3,43	404	176	Lelio de T. Piza e Almeida
CLASSE BS — De 3 ½ a 4 anos.										
Ingá do Pau D'Alho-73515-LE	GHB	3-10	35866	305	7.120	231,0	3,24	418	162	Jacob Rosier Dutilh
Mairatá 87 R. 1 W. D.S. Helena-72909-LE	PC	3-11	36963	305	5.061	177,4	3,50	380	200	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Par. Semelhancia Ace-B28635	PO	3-11	36801	305	4.503	160,1	3,55	385	195	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Marjan Beta Texal Hagen-B28949	PO	3-9	37462	258	4.419	166,7	3,77	323	210	Olinto Marques de Paulo
Stewarthaven Baron Selma-B30312	PO	3-6	36766	280	4.124	147,1	3,56	417	138	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Marjan Veneza D. Latina-B27576	PO	3-11	35811	305	4.060	146,2	3,60	411	169	Olinto Marques de Paulo
S.Q. Raiada P. Michelita R. 1507-B28128	PO	3-11	36523	305	3.758	136,0	3,62	391	189	Pecuária Anhumas S/A
Glenafon Marquis Carol-B28696	PO	3-6	37075	237	2.939	111,9	3,80	375	137	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE CJ — De 4 a 4 ½ anos.										
Identidade do Pau D'Alho-64555-LE	GHB	4-3	34588	302	8.864	293,9	3,31	371	206	Jacob Rosier Dutilh
Ilhada do Pau D'Alho-GHB/181-LE	GHB	4-3	34585	297	7.398	262,9	3,55	380	192	Jacob Rosier Dutilh
Arap. Bronkhorst Ineke 6-16630-LE	GC-1	4-4	35526	305	6.759	222,3	3,28	412	168	N.A. Bronkhorst - Arapoti
São Quirino Q 90-70344	PC	4-4	35319	305	5.151	161,4	3,13	424	156	Pecuária Anhumas S/A
A.F. Fortaleza Iaiá-B27952	PO	4-2	35135	305	4.562	151,6	3,32	403	177	Adm. Campo Grande Ltda.
S.Q. Quitada Obex Obreira-B28118	PO	4-5	35318	305	4.399	151,3	3,44	401	179	Pecuária Anhumas S/A
Stewarthaven Sky Estelle-B30299	PO	4-0	37309	290	4.385	149,4	3,40	366	199	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Arap. Conde Pukkie 15-16590	GC-1	4-3	35525	262	4.214	145,7	3,45	316	221	L. Noordegraaf - Arapoti
S.N. Skyrocket A. Verbena 1-B29243	PO	4-3	37037	149	4.147	151,4	3,65	357	67	Cabaña São Nicolau
Dec. Soneca Forty Niner-3P-B17643	PO	4-0	35716	204	2.965	71,6	2,41	407	72	José Peres de Oliveira
Navete-HB/MG-17883	GC-2	4-4	39766	237	2.816	121,6	4,31	330	182	João Figueiredo Frota
CLASSE CS — De 4 ½ a 5 anos.										
Reveaire Galaxy Dawn-B26731-LE	PO	4-9	33854	271	5.307	196,1	3,69	371	175	Joaquim Peixoto Rocha
S.H. Meiga 1 Fayne-67237	PC	4-11	37318	276	5.219	164,9	3,16	321	230	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Juanita Vermelha 21-HB/MG-21597-LE	GC-1	4-10	34049	305	5.208	245,8	4,72	413	167	João Figueiredo Frota
Odessa Inka 2 Dividend-B27597	PO	4-6	34344	260	4.270	139,0	3,25	369	166	Joaquim Peixoto Rocha

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	Nova Parição aos (dias)	Dias lac. prenhe	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg				
Mariana B. Chief-HB/MG-18367	GC-1	4-9	39405	295	4.114	165,1	4,01	377	197	João Figueiredo Frota
Santista 575 Sta. Constança-9777	7/8	4-11	36011	279	3.955	159,2	4,02	398	156	S.A. Cortume Carioca
Mococa-B30336	PO	4-10	39770	253	3.646	162,2	4,44	357	171	João Figueiredo Frota
Jang. Jacarei M. Deari-B26994	PO	4-8	32837	305	3.591	133,5	3,71	421	159	Fernando A. Pinto S/A
S.H. Chita 1 Arlinda-67250	PC	4-8	36965	292	3.557	125,9	3,53	377	190	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Par. Recoda Fidalgo-B26826	PO	4-11	37409	305	3.160	112,1	3,54	353	227	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Par. Rampa Magnifica-B22417	PO	4-10	39591	283	2.858	102,3	3,57	369	189	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Persia de Morada Nova	NR	4-11	36954	305	1.812	79,5	4,38	392	188	Flavio C.B. Gutierrez
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Surodana Rebecca Toro-B25304-LE	PO	5-10	30627	305	8.557	319,1	3,72	393	187	Luiz Carlos M. Lassance
Estatua do Pau D'Alho-GHB/065-LE	GHB	7-8	24548	305	7.201	245,0	3,40	397	183	Claudio V. Roberti
Monje Elena Ciceron Ideal-B25346-LE	PO	5-4	32749	293	6.998	229,6	3,28	379	189	Cia. Agr. Faz. Sta. Maria da Posse
Par. Margarita Fidalgo-3P-B13660-LE	PO	8-7	23293	305	6.678	241,0	3,60	374	206	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pecuária
Par. Ortega Luebe-LE	PO	6-6	32813	305	6.185	224,7	3,63	408	172	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pecuária
Castelo V 57-76422-LE	PC	8-3	39666	299	5.893	219,5	3,72	367	207	Fazenda e Haras Castelo S/A
Suspiro's Citation Rina 3-B21490	PO	6-10	26404	305	5.400	173,7	3,21	411	169	Cia. Agr. Faz. Sta. Maria da Posse
Par. Macedonia Fidalgo-B17540-LE	PO	8-10	22996	305	5.366	190,4	3,54	423	157	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Aplicada Panorama-71428-LE	PC	5-0	39191	305	5.356	190,9	3,56	381	199	Donald Graber
Par. Jatai Mona Galante-B15779-LE	PO	11-0	19500	305	5.292	191,7	3,62	410	170	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
S.H. Seleta 4 Fayne-67229	PC	5-1	32238	305	5.288	174,3	3,29	364	216	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Faxina Baby Rivella-B25420-LE	PO	5-5	32983	305	5.217	195,4	3,74	381	199	Margarida Polak Lara
Evita 4.ª de Paraiba-61471	PC	6-1	33528	305	5.212	171,7	3,29	420	160	Faz. Sant'Ana Rio Abaixo S/A
Par. Osmara Royter-1P-B15806	PO	6-11	29025	305	5.197	191,2	3,67	376	204	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
S.Q. Pamela B.M. Jarigada-B25196	PO	6-1	31208	290	5.177	178,4	3,44	366	199	Faz. e Haras Castelo S/A
A.F. Fortaleza Flecha-B21902	PO	6-10	27014	305	5.155	155,4	3,01	362	218	Adm. Campo Grande Ltda.
Fechadura de Sta. Lucia-LE	NR	11-1	25842	305	5.150	186,5	3,62	375	205	Vivacqua Vieira S/A
Par. Noemia Fidalgo-8P-B9/3149	PO	8-4	25940	305	4.964	177,8	3,58	355	225	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Ana de Sta. Helena-53049	PC	8-10	34936	287	4.961	159,3	3,21	366	196	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
S.H. Oressa 2 Fayne-60357	PC	5-11	37314	305	4.936	160,6	3,25	391	189	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Castrolanda Altio Anna-B17955-LE	PO	8-9	24501	268	4.934	187,4	3,79	351	192	C.J. de Jonge - Arapoti
Romandale Genius Rhonda-B28299	PO	8-4	34474	305	4.931	164,3	3,33	409	171	Fernando A. Pinto S/A
Javaneza de Sta. Helena-53118	PC	8-6	31362	291	4.755	147,8	3,10	346	220	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Posse Espuma-61563	PC	6-1	30650	260	4.693	166,2	3,54	354	181	Cia. Agr. Faz. Sta. Maria da Posse
Par. Panacea Fidalgo-2P-B15774	PO	6-3	29871	305	4.683	174,7	3,73	391	189	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Jang. Ivete Dunlogin Fayne-B23561	PO	6-1	29221	305	4.677	160,4	3,43	391	189	Fernando A. Pinto S/A
Pecoradale Pride Rae-B26623	PO	5-5	30862	269	4.671	156,2	3,34	376	168	Joaquim Peixoto Rocha
São Quirino Q 28-70368	15/16	5-2	39664	283	4.663	148,0	3,17	359	199	Faz. e Haras Castelo S/A
Jang. Irapuã M. Dean-B24667	PO	5-6	30709	305	4.653	164,2	3,52	374	206	Fernando A. Pinto S/A
Neblina de Sta. Helena-25502	PC	7-3	36206	305	4.568	160,4	3,51	371	209	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Par. Oposta Magnifico-B22291	PO	6-11	26762	305	4.558	165,9	3,63	369	211	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Ontario Chicuetta Canadã-B23736	PO	6-5	31341	305	4.524	166,2	3,67	382	198	Ramos, Medeiros & Cia.
Paraíso Mavia-49275	PC	9-0	25941	305	4.496	161,3	3,58	399	181	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Meriwether Admiral Rosie-B25000	PO	6-6	34399	275	4.461	155,4	3,48	320	230	Milton Pannain
V 27 do Castelo-73885	PC	6-4	39182	293	4.454	145,9	3,27	402	166	Faz. e Haras Castelo S/A
Pitanga 1263 Sta. Constança	NR	—	39874	297	4.449	179,5	4,03	336	236	S.A. Cortume Carioca
Joia Lins-63679	PC	5-10	29730	305	4.424	169,5	3,83	339	241	Waldir Junqueira de Andrade
Delicia 2 Sta. Lucia-4431	7/8	5-9	31335	285	4.419	178,6	4,04	403	157	Vivacqua Vieira S/A
Azeitona Sta. Constança-11273	3/4	8-8	33585	255	4.395	160,3	3,64	376	154	S.A. Cortume Carioca
Rio Verdinho Aroeira-B22987	PO	6-5	29189	305	4.374	162,5	3,71	410	170	Helio Moreira Salles
Canadá Itaguassú-B30237	PO	7-1	39672	290	4.367	166,4	3,81	351	214	Faz. e Haras Castelo S/A
Mentiroso 559 Sta. Constança-9769-LE	7/8	5-11	36010	279	4.365	217,3	4,97	399	155	S.A. Cortume Carioca
Obreira Sta. Constança-7714	3/4	6-10	33582	249	4.337	150,6	3,47	373	151	S.A. Cortume Carioca
Sylvia 3674 Pirajó-46768	PC	11-2	36764	260	4.200	147,1	3,50	339	196	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Bond Haven Sally Reward-B25264	PO	6-2	28813	267	4.175	154,9	3,70	370	172	Olinto Marques de Paulo
Par. Paulista Exotico-B26299	PO	6-1	36797	305	4.002	139,9	3,49	402	178	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Grahaven Ivanhoé Evelyn-B21940	PO	6-9	34469	282	3.894	150,0	3,85	387	170	Joaquim Peixoto Rocha
Odalisa Sta. Lucia	7/8	5-2	39039	305	3.884	145,0	3,73	427	153	Vivacqua Vieira S/A
Par. Licença Exotico-B16667	PO	9-8	23485	305	3.836	140,0	3,65	404	176	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Joma Brasília Pabst-B23526	PO	6-2	31044	289	3.815	127,4	3,34	402	162	Manoel Garcia Filho
Jang. Indigena D. Mark-B23572	PO	5-7	29960	301	3.749	129,0	3,44	403	173	Fernando A. Pinto S/A
S.H. 156 Mairatá 2 Fayne-67206	PC	5-7	37316	229	3.719	125,4	3,37	337	167	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Ali Especial Animosa-B27886	PO	5-6	34570	257	3.677	139,1	3,78	344	188	Ramos, Medeiros & Cia.
M's Victor Reflection 12-B25038	PO	5-1	32476	259	3.458	125,8	3,63	329	205	Olinto Marques de Paulo
Freebrook Ivanhoé Ideal-B26625	PO	5-4	32900	249	3.428	138,8	4,05	371	153	Manoel Garcia Filho
Guará Farroupilha-B23649	PO	6-5	28548	250	3.416	112,7	3,29	349	176	Antonio Coelho Guimarães
Par. Japonesa E. Pabst-44141	PC	11-2	16827	297	3.394	123,1	3,62	377	195	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
S.H. Cananeia Merrit-60377	PC	6-2	39535	287	3.384	112,4	3,32	368	194	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Franca de Morada Nova	NR	5-4	35113	305	3.311	131,5	3,97	342	238	Flavio C.B. Gutierrez
Brasinha 242 Sta. Constança	NR	—	33455	219	3.105	103,1	3,31	392	102	S.A. Cortume Carioca
Par. Partida Luebe-B26305	PO	6-1	31110	279	3.035	110,6	3,64	375	179	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Castelo V 11-73860	PC	6-6	39801	284	2.979	113,5	3,81	347	212	Faz. e Haras Castelo S/A
Par. Ramira Fidalgo-B26384	PO	5-2	34824	305	2.806	102,1	3,63	382	198	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Par. Rampa Luebe-B26394	PO	5-0	34322	292	2.759	104,3	3,78	365	202	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.

RAÇA HOLANDESA — variedade vermelho e branco

CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.

Guitarra N. Sant'Ana-9003-LE	GC-1	4-6	37253	305	7.085	250,2	3,53	354	226	Gabriel Dias Pereira
Betina's S.H. P. Flauta-62588	PC	4-7	35019	305	5.429	175,1	3,22	381	199	Pedro Conde

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade anos/meses	Nº SCL	Dias de lactação	Produção		%	Nova Parição aos (dias)	Dias lac. prenhe	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg				
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos										
Muquem Defesa-73153-LE	PC	5-7	36292	305	7.280	245,3	3,36	395	185	Antonio Carlos R.V. Almeida
Atibaia R.C.B.B.-65990-LE	PC	5-7	36291	305	7.253	255,0	3,51	404	176	Antonio Carlos R.V. Almeida
Terphuster Anna 11-BB-1736-LE	PO	8-7	21416	305	6.726	240,2	3,57	399	181	Gabriel Dias Pereira
Betina's L.N. Dinastia-54027-LE	PC	7-1	28680	305	6.619	239,8	3,62	392	188	Pedro Conde
Soraia Noble de Sant'Ana-RP/2688-LE	GC-1	5-1	31860	305	6.452	229,5	3,55	405	175	Gabriel Dias Pereira
Princesa de Sant'Ana-RP/3099-LE	127/128	8-11	21646	305	6.399	232,5	3,63	388	192	Gabriel Dias Pereira
Esperta L.N. Betina's-72047	PC	5-11	30726	305	4.934	171,1	3,46	398	182	Pedro Conde
Salopian Red Rose-BB-1786	PO	8-0	24014	305	4.446	164,0	3,68	404	176	Pedro Conde
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.										
E.S. Mina Pioneer S. S.-2P-GHB/108-LE	GHB	2-1	39326	305	4.938	179,0	3,62	389	191	Eduardo Simonsen
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.										
Catita Roel. R. Meirelles-SP/45940-LE	PC	2-8	39575	305	4.233	151,8	3,58	357	223	Antonio Josino Meirelles
Dança Lins-76820	GC-1	2-10	39567	305	3.446	121,1	3,51	368	212	Waldir Junqueira de Andrade
Melodia Lins-80784	PC	2-8	39568	305	3.240	127,2	3,92	381	199	Waldir Junqueira de Andrade
S.Q. Sarcastica O. Quadrica-LBB-172	PO	2-7	39630	225	2.568	109,2	4,25	339	161	Antonio de Toledo Lara Neto
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.										
S.J.T. Toro Nova353-176-LE	PO	3-7	39819	305	6.746	249,6	3,69	322	258	Hugo Reinaldo Bueno
Indiferença Royal da Mar.-10415-LE	GC-3	3-8	36219	294	5.521	193,9	3,51	374	195	José Sylvio Magalhães
Magali King Bet de Meir.-GHB/226-LE	GHB	3-11	36871	298	4.669	163,8	3,50	406	167	Antonio Josino Meirelles
Orgulhosa Jotatê-79326	PC	3-10	39787	303	3.570	117,2	3,28	358	220	Valentim dos Santos Diniz
Lisura de Morada Nova	NR	3-7	36363	305	2.414	100,5	4,16	383	197	Flavio Castelo B. Gutierrez
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
São Simão de Daniela-BB-2588	PO	4-3	37239	301	3.852	150,8	3,91	353	223	Antonio de Toledo Lara Neto
Dora-5890	GC-1	4-5	39277	286	2.914	114,4	3,92	422	139	Fazenda Planal Ltda.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Marambaia Dulce Royal-BB-1828-LE	PO	8-1	26955	305	6.847	224,3	3,27	390	190	José Sylvio Magalhães
Hol. King's Paula XX-BB-2413-LE	PO	5-4	31649	259	5.209	171,3	3,28	322	212	Hugo Reinaldo Bueno
Willy's Rubi P. Victorina-LBB-93-LE	PO	5-1	32134	293	4.970	172,9	3,47	380	188	Claudio V. Roberti
E.S. Eleita-BB-1808-LE	PO	8-11	23660	288	4.877	200,5	4,11	394	169	Eduardo Simonsen
Hillcroft Edna-LBB-26	PO	6-1	29561	298	4.692	162,3	3,45	397	176	José Sylvio Magalhães
Marambaia Amazonas Pelé-BB-2131	PO	6-4	30925	286	4.380	155,6	3,55	333	228	Hugo Reinaldo Bueno
S.M.P. Corista-43817	PC	10-1	20140	276	3.951	147,0	3,72	405	146	Antonio Carlos R.V. Almeida
Fanga Cigana Machiel S.A.-68543	PC	5-11	31964	296	3.775	140,5	3,72	359	212	Hugo Reinaldo Bueno
Hennie 2-BB-1749	PO	8-1	23559	305	3.632	167,4	4,60	410	170	Antonio de Toledo Lara Neto
RAÇA JERSEY										
Três ordenhas (3x)										
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.										
Suissa Elena Milad-511/64	PC	3-3	36933	305	2.702	136,5	5,05	414	166	Albino Malzone
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
S.A. Companhia 2.ª Marlu-8038-C-LE	PO	4-6	39294	305	3.410	181,5	5,32	397	183	Faz. Sant'Ana Rio Abaixo S/A
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
S.A. Ninon 2.ª Sovereign-6974-C-LE	PO	6-3	32799	305	4.183	203,9	4,87	415	165	Mario Lopes Leão
S.A. Lanterna 2.ª Wiseman-6976-C-LE	PO	6-3	32798	305	3.665	208,4	5,68	423	157	Mario Lopes Leão
S.A. Garzadeira, 2.ª Sovereign-7504-C-LE	PO	6-4	35297	305	3.318	180,9	5,45	410	170	Mario Lopes Leão
S.A. Normandia 2.ª Mimado-1364-C-LE	PO	6-6	39363	305	3.277	178,5	5,44	395	185	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Jamba Lidia Records-6808-C-LE	PO	8-7	24385	305	3.273	156,8	4,79	368	212	Eduardo Jenner de Faria
S.A. Urca Caiapó-5756-C-LE	PO	10-1	19617	296	2.936	165,6	5,64	357	214	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
S.A. Graciosa 2.ª Wiseman-7851-C	PO	5-10	30867	195	2.453	127,0	5,17	420	50	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Brisa do Boa Vida-6777-C	PO	7-9	31142	299	2.437	110,0	4,51	374	200	Augusto A. da Motta Pacheco
S.A. Mauritania Oasis-7561-C	PO	10-5	21237	117	1.506	75,0	4,98	371	21	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
RAÇA SCHWYZ										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.										
V.B. Banco Paula Raeta-4915-LE	PO	2-5	39346	305	3.779	157,6	4,17	399	181	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.										
V.B. Crescent Charmith-4909-LE	PO	2-8	39344	305	3.184	143,2	4,49	410	170	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Elverita-77562	PC	2-10	39451	220	2.159	88,7	4,10	368	127	Benedito Portugal Rennó
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
Mary Norvick Sta. Madalena-4560-	PO	4-0	35697	290	2.333	98,5	4,21	419	146	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Dora Norvick Sta. Madalena-4561	PO	4-0	35698	238	2.003	92,0	4,59	423	90	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Copacabana Escoteira-38864	PC	12-0	17169	305	3.658	141,7	3,87	391	189	Carlos Cardoso de A. Amorim
Bonita de Sant'Ana-3585	PO	9-4	21086	242	2.487	78,7	3,16	345	172	Fazenda Sant'Ana
Brigitt do P. Sta. Madalena-4054	PO	6-5	39243	227	1.961	84,0	4,28	423	79	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Bandeira de Sta. Madalena-74655	7/8	5-6	39350	193	1.392	59,9	4,30	410	58	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Pandega Sta. Madalena-56599	PC	6-11	31313	157	1.264	51,5	4,07	418	14	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
RAÇA FLAMENGA										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
Paladia-106	RE	4-2	39789	305	2.376	91,4	3,84	355	225	João Leite S. Ferraz Jr.
RAÇA DINAMARQUESA										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.										
Fada São José-169	PO	3-1	36689	264	3.077	123,9	4,02	353	186	Olavo Barbosa

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	Nova Parição aos (dias)	Dias lac. prenhe	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg				
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.										
Marmelada Independência-138-LE	3/4	4-2	35349	209	3.307	152,6	4,61	323	161	Jorge de Mello Sabugosa
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
R.D.M. Rigmor-53683-LE	PO	8-5	24002	297	4.636	189,0	4,07	392	180	Olavo Barbosa
Esportista São José-RP/75	PO	5-4	34554	294	2.824	111,4	3,94	390	179	Olavo Barbosa
RED-POLL										
					Duas ordenhas (2x)					
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
P. Dalia-54488	PC	7-2	30662	305	3.167	116,4	3,67	424	156	Livio Malzoni
Primavera Baimha-54528	PC	7-8	29748	247	1.664	65,5	3,93	362	160	Livio Malzoni
RED-POLL 5/8 X GUZERÁ 3/8										
					Duas ordenhas (2x)					
CLASSE AS — De 2½ a 3 anos.										
Brutela (H-608)		2-9	39756	260	1.557	61,3	3,93	312	223	S.A. Frigorífico Anglo
CLASSE BJ — De 3 a 3½ anos.										
Jurema (H-566)		3-4	39587	219	1.659	66,2	3,99	352	142	S.A. Frigorífico Anglo
CLASSE BS — De 3½ a 4 anos.										
Cocada (A-442)		3-7	39047	305	1.986	77,8	3,91	413	167	S.A. Frigorífico Anglo
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.										
Cachopa (9344)		4-3	36374	288	2.808	120,8	4,30	331	232	S.A. Frigorífico Anglo
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.										
Douradinha (2625)		4-7	37048	269	2.552	107,6	4,21	340	204	S.A. Frigorífico Anglo
Bordada (2608)		4-9	37049	225	2.399	96,6	4,02	365	135	S.A. Frigorífico Anglo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Nabuquinha (9031)-LE		9-5	21264	305	4.036	160,9	3,98	413	167	S.A. Frigorífico Anglo
Cuiabá (2450)-LE		6-8	29151	305	3.896	169,8	4,35	376	204	S.A. Frigorífico Anglo
Pantera (6167)-LE		11-7	17726	305	3.533	159,1	4,50	378	202	S.A. Frigorífico Anglo
Caninha (H-302)		7-9	28888	268	3.419	140,9	4,12	313	230	S.A. Frigorífico Anglo
Baunilha (8222)		10-7	20770	305	3.186	144,4	4,53	405	175	S.A. Frigorífico Anglo
Berruga (E-230)		8-10	26241	210	3.133	120,3	3,83	335	150	S.A. Frigorífico Anglo
Bainha (H-122)		10-3	18879	215	3.099	133,8	4,31	378	112	S.A. Frigorífico Anglo
Moeda (F-293)		9-5	23277	294	3.068	123,5	4,02	367	202	S.A. Frigorífico Anglo
Dinamarca (G-376)		6-0	32991	245	2.916	125,5	4,30	370	150	S.A. Frigorífico Anglo
Garboza (2448)		6-10	31437	257	2.785	118,4	4,25	333	199	S.A. Frigorífico Anglo
Coruja (0169)		15-7	10261	263	2.494	112,1	4,49	419	119	S.A. Frigorífico Anglo
Bela (6173)		11-8	16181	248	2.451	102,7	4,19	343	180	S.A. Frigorífico Anglo
Caninana (8347)		8-9	23259	267	2.396	107,7	4,49	344	198	S.A. Frigorífico Anglo
Pindorama (H-370)		6-4	30976	252	2.344	103,8	4,42	401	126	S.A. Frigorífico Anglo
Mascara (4256)		10-6	20767	242	2.306	101,7	4,40	339	178	S.A. Frigorífico Anglo
Aviação (E-307)		7-6	28140	273	2.250	92,1	4,09	381	167	S.A. Frigorífico Anglo
Curiosa (B-369)		8-8	25534	283	2.239	95,4	4,26	373	185	S.A. Frigorífico Anglo
Oitava (G-276)		7-7	29605	299	2.231	92,6	4,15	426	148	S.A. Frigorífico Anglo
Roraima (F-461)		6-10	32989	252	2.201	94,4	4,28	385	142	S.A. Frigorífico Anglo
Bellinda (3371)		6-11	29134	243	2.028	83,4	4,11	371	147	S.A. Frigorífico Anglo
Opera (4403)		7-7	28215	262	1.763	72,0	4,08	362	175	S.A. Frigorífico Anglo
Parreira (H-422)		5-9	35012	224	1.615	66,4	4,11	342	157	S.A. Frigorífico Anglo
RAÇA GIR										
					Três ordenhas (3x)					
CLASSE E — Adultas, de mais de 6 anos.										
C.A. Colina-13204-LE	RE	8-0	38793	305	3.796	198,9	5,24	397	183	Gabriela de Oliveira Costa
Grama (725)	NR	6-11	30063	255	3.036	160,1	5,27	397	133	Francisco F. Barretto
CLASSE D — De 5 a 6 anos.										
Sta. Cruz Alba Cachimbo-J-4838-LE	RE	5-5	32687	258	3.188	158,2	4,96	411	122	Manuel S. Rodrigues dos Reis
CLASSE E — Adultas, de mais de 6 anos.										
Gurjeia	NR	6-8	33431	251	2.128	83,9	3,94	385	141	Francisco F. Barretto
C.A. Folhagem	NR	—	39396	262	1.801	91,6	5,08	399	138	Gabriela de Oliveira Costa
Batucada-I-627	RE	11-9	17283	131	1.104	53,1	4,81	419	—	Francisco F. Barretto
SINDI										
					Duas ordenhas (2x)					
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.										
Arlete	NR	4-1	39622	305	2.374	118,1	4,97	346	234	João Carlos P. de Freitas
CLASSE E — Adultas, de mais de 6 anos.										
Sintética-505	RE	9-9	20213	296	2.306	116,7	5,05	390	181	João Carlos P. de Freitas
BÚFALA										
					Duas ordenhas (2x)					
CLASSE E — Adultas, de mais de 6 anos.										
Lagosta-200	NR	—	36432	242	2.072	153,2	7,39	372	145	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Jurava (111)	NR	—	36835	215	1.996	138,8	6,95	348	142	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Neve (414)	NR	—	36439	243	1.996	145,2	7,27	380	138	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Cigana (79)	NR	—	31318	224	1.699	120,7	7,10	360	139	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Dama da Noite (264)	NR	—	39852	197	1.655	121,0	7,31	316	156	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Inglês 2.º (06)	NR	—	34125	261	1.622	120,8	7,44	418	118	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Tabela (92)	NR	—	12986	212	1.502	107,2	7,13	347	140	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Manjuba (106)	NR	—	37442	210	1.479	104,9	7,09	343	142	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Barquinha (07)	NR	—	34120	225	1.283	94,3	7,35	390	110	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
Sanadlia (93)	NR	—	37106	147	1.053	71,0	6,73	386	36	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A

II DIVISÃO — LACTAÇÕES ATÉ 305 DIAS — TRES ORDENHAS (3x)

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
RAÇA HOLANDESA — variedade preto e branco.								
Três ordenhas (3x)								
CLASSE AJ — Até 2½ anos.								
Jang. Naza H. Performer-B32812-LM	PO	2-3	39840	351	5.441	212,7	3,90	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Nise J. II Seaman-B32809	PO	2-5	39985	330	5.376	197,3	3,67	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Nêspira I. Bootmaker-B32814	PO	2-3	39848	365	5.210	196,7	3,77	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Nadir E. Seaman-B33066	PO	2-5	39838	342	5.203	188,2	3,61	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Nini I 0116 J. Diamond-B32817	PO	2-4	39986	323	4.519	173,0	3,82	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Neve L. Seaman-B32808	PO	2-4	39846	349	4.220	163,6	3,87	Fernando A. Pinto S/A
CLASSE AS — De 2½ a 3 anos.								
Jang. Macaxeira G. Seaman-B32800-LM	PO	2-8	39845	365	5.344	202,9	3,79	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Marreca II J.J. Diamond-B31537	PO	2-10	39837	365	4.365	169,5	3,88	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Martinica I. Promis-B31528	PO	2-11	39842	365	4.249	152,5	3,59	Fernando A. Pinto S/A
CLASSE BJ — De 3 a 3½ anos.								
Jang. Manada I. Butterman-B30547-LM	PO	3-1	39836	365	7.333	263,8	3,59	Fernando A. Pinto S/A
CLASSE BS — De 3½ a 4 anos.								
Jang. Lebre II P. Caprula-B28295	PO	3-11	39835	365	5.962	205,2	3,44	Fernando A. Pinto S/A
Jang. Ladeira 0138 R. Majority-B29168	PO	3-9	39981	318	4.644	167,5	3,60	Fernando A. Pinto S/A
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.								
Jang. Ligia B. Promis-B28008	PO	4-5	34225	331	5.723	207,0	3,61	Fernando A. Pinto S/A
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.								
Jang. Jeny Master Dean-B27015	PO	4-11	32555	329	5.270	184,6	3,50	Fernando A. Pinto S/A
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Rafaelino's P. Wayne-B18733-LM	PO	9-10	21129	323	9.003	302,2	3,35	Milton Pannain
S.M. Astronaut I. Design-B25085-LM	PO	5-4	32600	365	7.245	290,1	4,00	Dario Freire Meirelles
Riverlea Ivanhoe Flora B26631-LM	PO	5-6	33852	325	6.834	265,1	3,87	Joaquim Peixoto Rocha
Jang. Esther Carnation-E16304	PO	9-8	20016	260	6.712	206,4	3,07	Fernando A. Pinto S/A
Arlete Jussara Duke-B23543	PO	6-3	34496	365	6.137	226,4	3,68	Manoel Alves de Castro
Bond Haven S.C. Bessie-B28161-LM	PO	5-9	31935	348	6.114	249,0	4,07	Joaquim Peixoto Rocha
Jang. Iberia D. Fayne-B24662	PO	5-10	30707	324	5.625	193,5	3,44	Fernando A. Pinto S/A
Thornstead Ivanhoe Bonnie-B27332	PO	5-1	32817	343	5.288	189,7	3,58	Joaquim Peixoto Rocha
Jang. Habildosa F.A.D. Mark-B21670	PO	6-8	31660	365	5.282	199,3	3,77	Fernando A. Pinto S/A
Arlete Belgica 3.ª-B21986	PO	6-8	30309	365	5.171	199,4	3,85	Manoel Alves de Castro
S.M. Nancy Flood Pat-B20578	PO	6-11	26652	143	2.595	95,7	3,68	Dario Freire Meirelles
CLASSE AJ — Até 2½ anos.								
Lisa do Pau D'Alho-RP/39737-LM	PC	2-3	39812	322	6.466	208,4	3,22	Jacob Rosier Dutilh
Liderança do Pau D'Alho-2P-GHB/057-LM	GHB	2-4	39610	365	5.784	216,7	3,74	Jacob Rosier Dutilh
Lingua do Pau D'Alho-LM	GHB	2-3	39611	332	5.689	208,2	3,65	Jacob Rosier Dutilh
R.M. Cassia Seaman-B33083-LM	PO	2-2	39626	357	5.424	188,9	3,48	Ramos, Medeiros & Cia.
Lacrada do Pau D'Alho-RP/40636-LM	PC	2-2	39811	323	4.713	184,8	3,92	Jacob Rosier Dutilh
Janina do Pau D'Alho-80196-LM	PC	2-3	38763	259	3.942	172,6	4,37	Jacob Rosier Dutilh
Arap. Trix Pietje 4-	PC	2-2	40429	307	3.649	141,4	3,87	A.F. de Kool - Arapoti
Colina Panorama-80356	PC	2-5	38854	280	3.220	137,6	4,27	Donald Graber
J.P.R. Folgada-B32760	PO	2-2	39940	317	3.132	112,9	3,60	Joaquim Peixoto Rocha
Amiz. Ingenua C. Pablo-B32533	PO	2-2	38765	226	1.708	70,9	4,15	Manuel Pontes Neto
CLASSE AS — De 2½ a 3 anos.								
A.F. Fortaleza Janga-B31722-LM	PO	2-7	39619	347	7.899	258,9	3,27	Adm. Campo Grande Ltda.
P. Tonelada Royal Master-B33445-LM	PO	2-11	39834	365	5.858	212,7	3,63	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Lanterna do Pau D'Alho-80200-LM	PC	2-6	39813	312	5.108	184,0	3,60	Jacob Rosier Dutilh
Jang. Moeda F. Butterman-B30550-LM	PO	2-11	39548	365	4.542	173,8	3,82	Fernando A. Pinto S/A
Arapoti Trix Romkje 29-B33141	PO	2-6	40413	318	4.392	157,7	3,59	A.F. de Kool - Arapoti
S.Q. Sardinha R. Narcisa-B32233	PO	2-7	39943	309	4.036	143,1	3,54	Pecuária Anhumas S/A
São Quirino S 37-79662	PC	2-11	39941	316	3.985	125,9	3,16	Pecuária Anhumas S/A
Ninfa Majority Guarapiranga-80224	PC	2-10	39721	337	3.762	140,4	3,73	Coml. Agro-Pec. Heliomar
Capituba Camélia-B35383(1)	PO	2-8	40596	211	3.646	118,7	3,25	Antonio C. Carrijo Farias
STM. Alfa Gisell Medalist-B32567	PO	2-8	39988	336	3.276	110,5	3,37	Guido Fabrocini
Dec. Perola Arlinda Chief-B32083	PO	2-6	38775	221	3.056	117,5	3,84	José Peres de Oliveira
Negativa J. Guarapiranga-80229	PC	2-7	38501	176	2.308	91,3	3,95	Coml. Agro-Pec. Heliomar
Cabriuva Panorama-80346	PC	2-6	38859	111	1.496	56,3	3,76	Donald Graber
CLASSE BJ — De 3 a 3½ anos.								
Pan Rockman J. Giorgiana-B30375-LM	PO	3-2	37414	344	8.494	307,3	3,61	Washington L.C.V. Silva
Monalita 11 Sta. Helena-78271-LM	PC	3-5	39851	365	5.332	182,6	3,42	Cia. Adm. Tec. Agr. Atagri
A. Mary I G.D. Rockman-B20547-LM	PO	3-2	40215	244	5.258	225,0	4,29	Cia. Agr. Faz. Sta. M. Posse
J.P.R. Emilia-B31651-LM	PO	3-1	39936	365	5.253	180,6	3,43	Joaquim Peixoto Rocha
S.J.T. Lady 2 Ellen 396-B31088-LM	PO	3-1	37468	322	5.181	210,7	4,06	Joaquim Peixoto Rocha
Lanterna Lins-76812-LM	PC	3-1	39566	365	4.878	198,1	4,05	Waldir Junqueira Andrade
Malorca Lins-76798	PC	3-0	39565	365	4.295	165,8	3,86	Waldir Junqueira Andrade
Dienwertje 263-B30132	PO	3-3	37046	310	3.830	150,5	3,93	Inst. Est. Pesq. S. Holambra
S.Q. Salseira Quefir Nena-B/	PO	3-1	39942	313	3.106	121,7	3,91	Pecuária Anhumas S/A
Tessel 104	PO	3-3	34880	310	2.602	103,1	3,96	Inst. Est. Pesq. S. Holambra
P. Sapopema 13 A. Gigante-33910	PC	3-4	40077	308	2.523	86,6	3,43	Lelio de T. Piza Almeida

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.								
Romandale Countess Alison-B28544-LM	PO	3-7	36582	345	5.993	220,8	3,68	Adm. Campo Grande Ltda.
Marjan Ka Hada-B28943-LM	PO	3-10	37777	311	5.944	234,0	3,93	Olinto Marques de Paulo
A.F. Fortaleza Imperatriz-B29276-LM	PO	3-10	36969	354	5.801	204,8	3,53	Adm. Campo Grande Ltda.
Dec. Cintia Royal Prince-B31282-LM	PO	3-8	37269	357	5.551	187,4	3,37	José Peres de Oliveira
Lontra Monitor C.A.B.-RP/35597-LM	PC	3-9	36719	365	5.355	208,0	3,88	Colégio Adv. Brasileiro
India II do Pau D'Alho-73525-LM	PC	3-8	35350	297	5.159	213,6	4,14	Jacob Rosier Dutilh
SMP. Posse Gravura Pac! 3P-B19134-LM	PO	3-11	35671	321	4.873	204,7	4,20	Cia. Agr. Faz. Sta. M. Posse
Distinta Model C.A.B.-78780	PC	3-8	37028	324	4.871	173,3	3,55	Colégio Adv. Brasileiro
São Quirino R 46-79620	PC	3-8	37071	365	4.806	133,2	2,77	Pecuária Anhumas S/A
Marjan Rosa Telstar-B28950	PO	3-6	37270	349	4.460	177,1	3,97	Olinto Marques de Paulo
Cristalina Lins-76809	PC	3-11	37231	322	4.061	145,5	3,58	Waldir Junqueira Andrade
Par. Sunga Fidalgo-B33381	PO	3-10	37665	324	3.657	132,2	3,61	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Par. Sardonica Skyliner-RP-B13668	PO	3-11	37404	319	3.098	111,1	3,58	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Nazaré Majority-HB/MG-18957	GC1	3-6	39266	239	2.412	104,3	4,32	João Figueiredo Frota
Gr. V. Havana R. Rocket-B31292	PO	3-7	36809	146	1.862	63,9	3,43	Joaquim Peixoto Rocha
Moguita Pet Guarapiranga-74267	PC	3-7	36513	94	1.369	45,3	3,31	Coml. Agro-Pec. Heliomar
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
Ilha do Pau D'Alho-64553-LM	GHB	4-3	34082	360	8.211	289,1	3,52	Jacob Rosier Dutilh
Pau D'Alho Importancia-B28354-LM	PO	4-2	34587	365	7.011	274,8	3,92	Jacob Rosier Dutilh
Acari Ensayos Calchaqui-B28051-LM	PO	4-0	35908	357	6.938	226,7	3,26	L.F. Moraes Rego ACAP
Malicia M. Guarapiranga-74261-LM	PC	4-1	39349	365	6.767	210,7	3,11	Coml. Agro-Pec. Heliomar
Dec. Orquídea S. Ray Master-B32059-LM	PO	4-2	36514	365	6.680	236,5	3,54	José Peres de Oliveira
Par. Selva Majority-B28644-LM	PO	4-0	36992	365	6.066	217,6	3,58	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Pan Majority Kate Francis-B27503-LM	PO	4-0	38831	286	5.443	205,5	3,77	Washington L.C.V. Silva
X 13 N do Castelo-73843	PC	4-2	39668	365	5.186	183,9	3,54	Faz. e Haras Castelo S/A
Par. Sabichona Fidalgo-B33648	PO	4-5	39833	365	4.994	183,5	3,67	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
RV. Corruira Muneco K. Astro-B27446	PO	4-5	37008	361	4.776	181,7	3,80	Helio Moreira Salles
Par. Silhueta Magnifico-B28643	PO	4-0	36993	365	4.590	164,2	3,57	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Par. Selva Forty Niner-5P-B15769	PO	4-0	36799	347	3.841	141,9	3,69	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Reeleita Sta. Helena	3/4	4-3	38900	225	3.539	140,4	3,96	Ryve Campos Barbosa
Francesa de Morada Nova	NR	4-5	37148	365	3.258	128,8	3,95	Flavio C.B. Gutierrez
Calmaria de Morada Nova	NR	4-0	37367	341	2.430	96,0	3,94	Flavio C.B. Gutierrez
América B.J.C.	NR	4-2	37674	237	2.301	95,9	4,16	Benedito José Corrêa
FSF. Dalila Alvorada R 37078(1)	PC	4-0	41407	103	1.562	62,8	4,01	Guido Fabrocini
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
Faxina Silvestre-2P-B20478-LM	PO	4-7	36137	364	6.271	269,8	4,30	Margarida Polak Lara
Danielle Farm H. Ginette-B26727	PO	4-11	34343	365	4.129	136,3	3,30	Joaquim Peixoto Rocha
Esquecida de Sta. Anazia-45351	PC	4-6	38905	238	2.916	107,5	3,68	Sylvio Lima Marinho
Lemax Ideal Daphne-B26722	PO	4-6	33358	279	2.739	105,9	3,86	Guido Fabrocini
Itatiba de Sta. Anazia-64835	PC	4-10	38778	164	2.265	88,3	3,89	Sylvio Lima Marinho
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Brilhante 254 Onakits-B24485-LM	PO	7-0	32978	365	10.373	310,2	2,99	Benedito J.S. de M. Pati
Rafaelinos Orquestra Wayne-B19529-LM	PO	8-8	22867	350	10.204	334,0	3,27	Vasco Mil Homens Arantes
P. Primavera Magnifico-B25646-LM	PO	6-0	30269	365	8.311	301,9	3,63	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Militer Aguilá A. Skokison-B23722-LM	PO	7-0	28669	365	8.146	274,6	3,37	Benedito J.S. de Mello Pati
Achalay I. Sabia Escolta-B22281-LM	PO	7-3	28670	348	8.025	291,6	3,63	Benedito J.S. de Mello Pati
Granj. 576 I. Man-O-War-B24548-LM	PO	7-5	34128	353	7.950	278,7	3,50	Vasco Mil Homens Arantes
Par. Moeda Fidalgo-49291-LM	PC	9-4	20861	362	7.835	297,1	3,79	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Carta II Medalist CAB-41491-LM	PC	12-5	13523	365	7.045	230,4	3,26	Colégio Adv. Brasileiro
Declina do Pau D'Alho-GHB/012-LM	GHB	8-3	22544	271	6.961	235,5	3,38	Jacob Rosier Dutilh
Panorama Garota-62450-LM	PC	5-11	39496	355	6.914	270,8	3,91	Donald Graber
Maranto 679 Pabst-48577-LM	PC	10-9	25220	365	6.868	227,4	3,31	Cia. Adm. Tec. Agr. Atagri
S.H. Mangueira-57260-LM	PC	5-8	37312	365	6.815	219,8	3,22	Cia. Adm. Tec. Agr. Atagri
São Quirino O 163-LM	NR	6-9	28700	365	6.737	210,8	3,12	Pecuária Anhumas S/A
Madreperla Sta. Lucia-LM	1/2	6-6	34411	365	6.534	239,8	3,67	Vivacqua Vieira S/A
Par. Jijú Dançarina Adonis-B15800-LM	PO	11-1	16108	365	6.515	231,5	3,55	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Galante-45623-LM	PC	10-9	22823	335	6.472	201,3	3,11	Claudio V. Roberti
Genebra do Pau D'Alho-GHB/129-LM	GHB	6-1	29974	364	6.464	234,4	3,62	Faz. e Haras Castelo S/A
Lorens B C. 1124 R 1475-B19528-LM	PO	8-9	23625	365	6.346	252,2	3,97	Luiz G. Serra P. Mazzilli
Aguardante Sta. Helena-53085	PC	9-1	28261	360	6.098	197,6	3,24	Cia. Adm. Tec. Agr. Atagri
S.H. Angela 1 Arlinda-49-67261	PC	5-0	39534	350	6.025	190,4	3,16	Cia. Adm. Tec. Agr. Atagri
Par. Liderança Fidalgo-B16678-LM	PO	9-9	21536	365	5.990	222,1	3,70	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Par. Leonora Exótico-49277-LM	PC	9-6	29017	365	5.902	220,6	3,73	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Par. Rosalia Magnifico-B26370-LM	PO	5-5	35005	326	5.889	218,8	3,71	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Par. Libra Exótico-B16650-LM	PO	10-1	19648	354	5.812	217,3	3,73	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
A.F. Fortaleza Georgia-B24529	PO	5-7	34604	365	5.804	195,5	3,36	Adm. Campo Grande Ltda.
Par. Palomar Luebke-B26328	PC	6-0	30773	337	5.723	205,4	3,58	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
S.L. Aliança Brasa-76419-LM	PO	7-1	39809	331	5.663	233,1	4,11	Faz. e Haras Castelo S/A
Par. Naokar Roburke-B22621	PO	7-5	27072	359	5.659	202,2	3,57	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Pir. Lana Re Echo Hutsin-B19345	PC	8-5	21559	351	5.640	201,9	3,57	Cia. Agr. Faz. Sta. M. Posse
S.H. Fortaleza 2 Wayne-67211	PO	5-8	37315	321	5.618	188,1	3,34	Cia. Adm. Tec. Agr. Atagri
RV. Bordinina C. 344 Mar.-B26229-LM	PO	5-1	37007	365	5.457	219,1	4,01	Helio Moreira Salles
Par. Ozela Magnifico-1P-B16656	PC	—	26516	365	5.457	194,4	3,56	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Posse Herança Mil-Key-SP/38373	NR	—	40005	289	5.451	194,1	3,56	Cia. Agr. Faz. Sta. M. Posse
Mirella F.N. Rosa	PO	5-7	39578	360	5.448	197,4	3,62	Carlos Antenor Consoni
Davar Imperial Polly-B26612-LM	PO	5-2	32655	342	5.431	214,1	3,94	Guido Fabrocini
Buttondale C. Trixy-B26672-LM	PO	5-2	36876	357	5.349	253,3	4,73	Guido Fabrocini
Vitamina Sta. Helena-LM	1/2	7-8	34867	328	5.155	228,8	4,42	Ryve Campos Barbosa

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Panorama Fatura-62430	PC	6-2	34731	337	5.089	177,4	3,48	Donald Graber
Campista Sta. Helena-LM	1/2	5-0	34173	351	5.076	241,4	4,75	Ryve Campos Barbosa
Yeda-B24954	PO	5-3	31149	356	5.042	192,7	3,82	João Figueiredo Frota
Herdeira M. da Posse-SP/39114	PC	—	39999	322	4.951	191,3	3,86	Cia. Agr. Faz. Sta. M. Posse
Analandia 27 R.D. Pabst-B27143	PO	5-2	31871	314	4.782	163,3	3,41	Milton Pannain
Maria Leticia-51824	PC	11-1	22616	365	4.742	181,8	3,83	Rubens V. de Brito
Rio Verdinho Alfa-B26226	PO	5-8	40036	312	4.719	184,9	3,91	Helio Moreira Salles
Par. Irá Inca Fidalgo-B13935	PO	11-11	14739	365	4.672	173,6	3,71	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Guará Izilda-B27093	PO	5-1	35077	365	4.641	171,3	3,69	Antonio Coelho Guimarães
Joia Lins-63679	PC	5-10	29730	341	4.600	178,0	3,81	Waldir Junqueira Andrade
S. Quirino Q 54-70484	PC	5-1	40098	319	4.571	171,5	3,75	Faz. e Haras Castelo S/A
Japona de Sta. Lucia-4451	7/8	7-2	32504	365	4.547	184,3	4,05	Vivacqua Vieira S/A
Rabanada Sta. Helena-	1/2	5-9	34172	365	4.486	192,4	4,28	Ryve Campos Barbosa
Guará Grinalda-69824	PC	5-7	31529	358	4.426	175,5	3,96	Antonio Coelho Guimarães
S.H. Catia 2 Dean-60381	PC	5-11	36007	365	4.401	160,2	3,63	Cia. Adm. Tec. Agr. Atagri
Castelo N 23-73884	PC	6-5	39805	338	4.329	159,6	3,68	Faz. e Haras Castelo S/A
Par. Peana Roburke-B25316	PO	6-1	31111	326	4.290	150,4	3,50	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Par. Jacobina G. Goiás-B17505	PO	10-11	16828	342	4.250	158,6	3,73	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Gloria Sta. Helena-	1/2	8-8	35477	365	4.216	167,5	3,97	Ryve Campos Barbosa
Billy Rose B. Signet-B21132	PO	8-4	21812	214	4.210	147,3	3,49	Joaquim Peixoto Rocha
Pan Butter Boy Eugenia-B25072	PO	5-6	31578	323	4.199	163,9	3,90	Milton Pannain
Jiboia P. Guarapiranga-60014	PC	5-9	31200	260	4.163	135,9	3,26	Coml. Agro-Pec. Heliomar
São Quirino M 164	PC	8-2	30589	262	4.064	142,5	3,50	Faz. e Haras Castelo S/A
Par. Paulistinha Roburke-RP/31574	PC	5-8	31998	365	4.058	149,6	3,68	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Suiça	NR	—	40064	309	4.048	162,1	4,00	S.A. Cortume Carioca
Par. Pará Roburke-B25344	PO	5-10	31956	331	4.041	146,0	3,63	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Panorama Riqueza-62437	PC	6-6	34736	326	4.004	138,6	3,46	Donald Graber
Balisa de Sta. Helena-53071	PC	7-7	34945	343	3.982	148,6	3,73	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
São Quirino L 92-47095	15/16	10-1	30357	313	3.959	115,5	2,91	Pecuária Anhumas S/A
Palatina de Paraíba-1292	PC	7-4	30425	327	3.891	136,3	3,50	Faz. Sant'Ana R. Abaixo S/A
Alada de Paraíba-42293	PC	10-6	24320	305	4.846	140,0	3,63	Faz. Sant'Ana R. Abaixo S/A
Mateusfield Hagen Jil-B26664	PO	5-4	33766	320	3.824	150,3	3,93	Guido Fabrocini
Gena de Morada Nova	NR	6-6	32885	365	3.796	150,5	3,96	Flavio C.B. Gutierrez
Castanha-38685	PC	13-10	16620	252	3.708	128,2	3,45	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Hespanha de Morada Nova	NR	—	32210	338	3.512	140,2	3,99	Flavio C.B. Gutierrez
S. Gloria R.A. Pabst-B13672	PO	13-10	11697	365	3.458	127,1	3,67	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Delicia de Morada Nova-10670	31/32	9-11	21368	365	3.376	128,0	3,79	Flavio C.B. Gutierrez
Mazza Capitu-B35378(1)	PO	5-3	40812	188	3.367	118,7	3,52	Antonio C. Carrijo Farias
Franca de Morada Nova-	NR	5-4	35113	333	3.350	133,7	3,99	Flavio C.B. Gutierrez
Bragança de Morada Nova	NR	11-7	20388	365	3.340	126,5	3,78	Flavio C.B. Gutierrez
Panorama Holanda-62426	PC	6-3	34734	274	3.264	117,6	3,60	Donald Graber
Jang. Historia D. Wayne-B21666	PO	6-9	28686	330	3.050	117,5	3,85	Fernando A. Pinto S/A
Cast. Conde Sita 13 B21368	PO	6-8	24292	256	2.992	133,4	4,45	Luiz G. Serra P. Mazzilli
Ani II	NR	—	39201	249	2.938	124,2	4,22	Luiz G. Serra P. Mazzilli
Romana de Morada Nova	NR	6-11	30409	365	2.757	113,8	4,12	Flavio C.B. Gutierrez
S. Ang's Della Adantha-B22471	PO	6-10	29034	140	2.730	96,5	3,53	Olinto Marques de Paulo
Joma Lola L. Fidalgo-B22471	PO	6-6	29035	145	2.625	91,9	3,50	Olinto Marques de Paulo
Adema de Morada Nova	NR	6-5	34434	365	2.606	122,7	4,70	Flavio C.B. Gutierrez
Isis Paga de Guarapiranga-60082	PC	6-5	35075	185	2.288	69,0	3,01	Coml. Agro-Pec. Heliomar
Frederikk-B19155	PO	8-5	24618	115	2.086	74,0	3,52	João Figueiredo Frota
São Quirino O 141-RP/29625	PC	6-4	29343	126	2.038	59,2	2,90	Pecuária Anhumas S/A
Delicat-72158(1)	PC	6-5	39139	114	1.807	53,5	2,96	Guido Fabrocini
Debora de Morada Nova-	NR	5-10	35673	289	1.678	72,7	4,33	Flavio C.B. Gutierrez
Arap. Bronkh. Wilhelmina 5-10442	GC2	6-9	27419	106	1.508	50,1	3,31	N.A. Bronkhorst-Arapoti
Amaz. B. 2396 Dona-43417	PC	10-7	38855	81	1.077	40,9	3,79	Donald Graber
RAÇA HOLANDESA — variedade vermelho e branco								
Três ordenhas (3x)								
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.								
Juriti RRR. Albertina's-1P-GHB/59-LM	GHB	2-5	40288	365	5.460	197,0	3,60	Pedro Conde
Branca de Sant'Ana-RP/10156	PC	2-5	38844	192	2.947	108,5	3,68	Pedro Conde
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Per. Marciana Noble-BB-LM	PO	5-3	31861	365	7.580	327,2	4,31	Gabriel Dias Pereira
Betina's L.N. Dinastia-54027-LM	PC	7-1	28680	365	7.247	266,8	3,68	Pedro Conde
Elegancia de Sant'Ana-6872-LM	PC	5-7	29987	365	6.920	245,9	3,55	Gabriel Dias Pereira
S.M.P. Comedia-GHB/C-3-LM	GHB	7-2	26899	360	5.609	237,7	4,23	Antonio C.R.V. Almeida
Galeria de Sant'Ana-RP/2384	GC1	5-9	33973	236	4.197	145,3	3,46	Pedro Conde
Alteza Corona-82264	PC	11-1	38709	210	3.255	99,3	3,04	Amilcar Farid Yamin
Duqueza Noble Sant'Ana-2585	GC2	5-3	33416	178	3.019	87,9	2,91	Pedro Conde
Duas ordenhas (2x)								
Ridgeswood Harriet Don Red-BB3200-LM	PO	1-11	39881	365	7.204	241,4	3,35	José Sylvio Magalhães
Macieira Royal SS. ES.-RP/10871-LM	PC	2-0	39814	327	6.130	258,4	4,21	Eduardo Simonsen
Mar Havaina P. Red-BB-2956-LM	PO	2-3	39533	359	6.121	228,9	3,73	João Passarelli
Mag's Lolita Roeland-BB-3053-LM	PO	2-4	40074	319	5.082	179,2	3,52	José Sylvio Magalhães
E.S. Mazurca-HB-SP/44184-LM	PC	2-5	39816	316	5.065	216,1	4,26	Eduardo Simonsen
Leia Shore A. Mag's-14072-LM	PC	2-5	40072	313	4.983	183,9	3,68	José Sylvio Magalhães
Ryga Osasco R. Sta. Inez-RP/10359-LM	PC	2-5	39645	365	4.973	158,7	3,19	Fazenda Planal Ltda.
Mira Royal SS.ES.-RP/10743-LM	PC	2-2	39815	316	4.958	195,9	3,95	Eduardo Simonsen
J.P. Restinga R.R. Sta. Inez-BB-3255	PO	2-3	39644	358	4.021	140,9	3,50	Fazenda Planal Ltda.

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		eº	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
E.S. Madressilva T.S. Seb.-BB-3029(1)	PO	2-5	40579	217	2.694	103,5	3,84	Eduardo Simonsen
America Expert 001	NR	2-4	38782	201	2.352	94,0	3,99	Marcos Polacow
Noiva E.S.-47350(1)	PC	2-0	41253	123	1.451	68,6	4,72	Eduardo Simonsen
CLASSE AS — De 2½ a 3anos.								
S.N. Noldien IV Centurion-BB2894-LM	PO	2-7	39743	346	8.159	243,0	2,97	Amilcar Farid Yamin
Mar. Rosalina R. Jack-BB-3216-LM	PO	2-11	40071	308	5.818	207,2	3,56	José Sylvio Magalhães
S.N. Grauna 4 Centurion-LBB-171-LM	PO	2-7	40406	322	5.641	198,2	3,51	Cabaña São Nicolau
Mar. Ontaria Sovereign-BB-3117-LM	PO	2-7	39880	365	5.414	198,5	3,66	José Sylvio Magalhães
Mag's Shore A. Lia-BB-3048-LM	PO	2-6	40070	311	4.230	165,1	3,90	José Sylvio Magalhães
E.S. Lucena T.S. Sebastião-RP/9655-LM	PC	2-7	38887	301	4.157	149,8	3,60	Eduardo Simonsen
E.S. Lady Wish S. Seb.-RP/9796	PC	2-6	38886	291	3.954	148,6	3,75	Eduardo Simonsen
Grinalda Lins-76821-LM	GC-1	2-11	39777	344	3.907	163,5	4,18	Waldir Junqueira Andrade
J.P. Revanche O.R. Sta. Inez-RP/10360	PC	2-6	40110	307	3.052	110,3	3,61	Fazenda Planal Ltda.
Balada Lins-76819	PC	2-11	37232	365	2.477	114,7	4,63	Waldir Junqueira Andrade
Judith Roeland Mag's-4778	GC1	2-8	38851	180	2.283	97,4	4,26	José Sylvio Magalhães
CLASSE BJ — De 3 a 3½ anos.								
J.P. Sinfonia A.R. Sta. Inez-BB-2782-LM	PO	3-5	37618	330	4.497	168,9	3,75	Fazenda Planal Ltda.
Amaral Batuta-BB-2870-LM	PO	3-2	39605	365	4.368	168,2	3,85	José Procopio Amaral
Eva Lins-80791-LM	PC	3-4	39569	350	3.914	173,7	4,43	Waldir Junqueira Andrade
Saionara II S. Sebastião-HB/MG7552	31/32	3-2	39923	323	3.644	140,0	3,84	Fazenda Planal Ltda.
E.S. Jane Transm. S. Seb.-BB-2629	PC	3-4	36564	242	3.113	101,3	3,25	Eduardo Simonsen
Amaral Biata-BB-3149	PO	3-0	40033	317	3.064	116,3	3,79	José Procopio do Amaral
Mar. Renda T. Jack-BB-2815	PO	3-4	38847	114	1.317	55,7	4,23	José Sylvio Magalhães
CLASSE BS — De 3½ a 4anos.								
Floresta T. de Meirelles-GHB/190-LM	GHB	3-8	37284	358	8.377	314,0	3,74	Antonio Josino Meirelles
S.J.T. Toro Nova 353-176-LM	PO	3-7	39819	306	6.768	250,4	3,69	Hugo Reinaldo Bueno
Carambola R.M. Alto-78884	PC	3-10	37334	350	3.583	135,9	3,79	Agro-Pec. N.S. Amparo S/A
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.								
Galaxia Joana Signet-RP-BB-1595-LM	PO	4-5	34556	365	4.731	169,8	3,58	Joaquim Procopio Araujo
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.								
E.S. Iracita T.S. Seb.-2505-LM	PO	4-8	34818	348	7.378	278,5	3,77	Eduardo Simonsen
Galaxia Iberia Signet-2P-BB2315-LM	PO	4-9	34377	351	6.000	206,5	3,44	Joaquim Procopio Araujo
Dirce William Marambaia-62973-LM	PC	4-8	34917	308	5.507	189,3	3,43	José Sylvio Magalhães
Bombinha-64669	PC	4-7	36772	289	4.065	146,2	3,59	Hugo Reinaldo Bueno
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
S.N. Jacatinga 1 Centurion-BB2266-LM	PO	6-0	30577	365	10.874	355,0	3,26	Cabaña São Nicolau
S.N. Bleske 1 Roland-BB-2263-LM	PO	6-1	37278	322	8.620	277,1	3,21	Cabaña São Nicolau
S.N. Jurujuba Paul-BB-1534-LM	PO	9-5	20762	365	8.404	313,8	3,73	Cabaña São Nicolau
S.N. Jacatinga 2 Centurion-BB2351-LM	PO	5-1	34834	324	8.162	271,6	3,32	Cabaña São Nicolau
Fada Batuta M.S.A.-68525-LM	GHB	6-4	33468	328	7.428	247,8	3,33	João Passarelli
Moderna Mauro-73132-LM	PC	5-9	36677	365	7.128	239,5	3,35	Antonio C.R.V. Almeida
S.N. Aafje Roland-BB-2112-LM	PO	8-0	25384	315	7.072	233,5	3,30	Cabaña São Nicolau
Gazeta de Sta. Lucia-LM	PC	5-9	30658	365	7.042	297,4	4,22	Christiano R. Meirelles
Draga de Sta. Lucia-52879-LM	PC	8-2	31103	337	6.514	253,1	3,88	Christiano R. Meirelles
Pitanga R. Marambaia-GHB/036	GHB	9-6	20632	312	5.953	199,3	3,34	José Sylvio Magalhães
Dengoza II S. Francisco-69699	PC	7-9	33549	365	5.533	205,1	3,70	Marcos Polacow
Patativa II J.B.-58316	PC	7-9	25826	342	5.277	176,7	3,34	Waldir Junqueira Andrade
Lina Jack Sta. Filomena-8379	GC2	5-5	39820	365	5.088	176,0	3,45	Carlos José S. Bernardes
Leme's Pepita-BB-1461	PO	10-7	18155	342	4.942	188,5	3,81	Marcos Polacow
Eulalia Mag's-3243	GC1	7-10	24205	301	4.909	183,0	3,72	José Sylvio Magalhães
Valsa Royal da Marambaia-GHB/042	GHB	9-1	20384	302	4.850	176,5	3,63	José Sylvio Magalhães
Jussara de S. Francisco-69695-LM	PC	6-10	34685	313	4.632	192,2	4,14	Marcos Polacow
Cristal Gasolina-51372	PC	8-9	23729	310	4.578	182,5	3,98	Antonio de T. Lara Neto
Salopian Red Geisha-BB-1793	PO	8-7	25962	331	4.326	165,1	3,81	José Procopio do Amaral
Zangada Lins-70830	PC	5-3	33706	365	4.225	159,1	3,76	Waldir Junqueira Andrade
G.P. Ita I-52265	PC	7-11	27976	321	4.141	154,8	3,73	Marcos Polacow
Desquitada do Mar-69287	15/16	5-8	36771	293	3.786	127,9	3,37	Hugo Reinaldo Bueno
Lembrança S. Francisco-69500	PC	9-8	34288	189	2.977	82,0	2,75	Marcos Polacow
Elegancia G. de Meirelles-52442	PC	6-10	28190	177	2.710	101,5	3,74	Antonio Josino Meirelles
Mimosa de Morada Nova	NR	—	26313	365	2.675	110,4	4,12	Flavio Castelo B. Gutierrez
Fortaleza Maurists III Willys-44493	PC	10-4	19286	228	2.111	64,8	3,06	Agro-Pec. N.S. Amparo S/A
RAÇA JERSEY								
Duas ordenhas (2x)								
Dione V. São Francisco-9753-C-LM	PO	2-3	39562	361	2.834	158,5	5,59	Mario Lopes Leão
S.M.S.C. Italia-P-3290	PC	2-5	38968	292	1.478	73,9	4,99	Decio Luiz M. Campos
CLASSE AS — De 2½ a 3 anos.								
S.A. Nostalgia 5.ª Marlu-8365-C	PO	2-10	39541	300	2.229	127,7	5,73	Faz. Sant'Ana R. Abaixo S/A
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.								
S.A. Conquista 3.ª Wiseman-8032-C	PO	4-10	39086	181	1.713	92,5	5,39	Faz. Sant'Ana R. Abaixo S/A
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
S.A. Irineia Castelo-LM	PO	10-4	17554	316	4.471	228,7	5,11	Faz. Sant'Ana R. Abaixo S/A
Jania de 3 Marias-6810-C	PO	7-6	32267	187	1.306	58,0	4,43	Eduardo Jenner de Faria
RAÇA SCHWYZ								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AS — De 2½ a 3 anos.								
V.B. Lady Proseleta-4908-LM	PO	2-11	39776	331	3.072	154,8	5,03	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade anos/meses	N° SCL	Dias de lactação	Produção		kg	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
CLASSE BJ — De 3 a 3½ anos.								
Esquadra da Aliança-77912-LM	PC	3-5	40029	309	4.299	175,1	4,07	Francisco Amarante Mendes
Santana Califa III Royal-4734	PO	3-1	40032	319	3.066	111,6	3,63	Carlos C. Almeida Amorim
Vela de Pinheiro-4693	PO	3-5	39871	365	2.257	103,5	4,58	Ministério da Agricultura
CLASSE BS — De 3½ a 4 anos.								
Bom Café Ioga-6164	PO	3-8	36784	347	2.553	106,9	4,18	Benedito Portugal Rennó
Mantiqueira Sta. Madalena-74661	PC	3-11	38786	203	1.562	58,6	3,75	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Hirschli-4862	PO	3-11	39371	251	1.123	43,4	3,86	Agro-Pec. Suíço Brasileira
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.								
Esmeralda de Maniçoba-76979	PC	4-2	36577	359	2.347	86,1	3,66	Orlando Pinto de Souza
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.								
Valencia Sta. Madalena-74676	PC	4-11	35878	197	1.392	60,3	4,33	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Cravina de Sta. Madalena-3696	PO	9-0	21880	344	4.191	167,8	4,00	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Devota-4122	PO	6-1	37684	354	4.133	147,8	3,57	Fazenda Sant'Ana
Vaidosa de São Carlos-81270	PC	7-0	39603	361	4.112	157,9	3,83	Carlos Cardoso A. Amorim
Bia da Aliança-67923	PC	5-5	32914	363	4.035	165,2	4,09	Francisco Amarante Mendes
Carlota Bom Café-3519	PO	8-6	34796	226	2.765	101,4	3,66	Sylvio Lima Marinho
Milva de Sta. Anezia-3981	PO	6-9	29815	227	2.729	101,9	3,73	Sylvio Lima Marinho
Albinha C. Sta. Madalena-4262	PO	5-9	30689	221	2.716	106,7	3,92	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Jamaica de Sta. Madalena-74671	PC	8-0	35282	249	2.129	77,5	3,63	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Castelã de Maniçoba-59309	PC	5-10	31183	365	2.053	77,4	3,76	Orlando Pinto de Souza
Bartira de Sta. Madalena-44040	7/8	11-8	20374	221	2.004	90,0	4,49	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Magnolia-1253	PC	11-11	30687	283	1.910	94,3	4,93	Gabriel Donato de Andrade
Rosinha de Sta. Madalena-51290	PC	8-2	23083	248	1.623	77,5	4,77	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Menina C. Sta. Madalena-4263	PO	5-9	32202	195	1.604	69,5	4,33	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Embolada-525	3/4	5-6	39691	227	1.342	62,1	4,62	Gabriel Donato de Andrade
Odalisca Crescent Sta. Mad.-4264	PO	5-8	31773	181	1.294	48,8	3,76	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Olaria de Pinheiro-101	15/16	9-10	27025	193	1.033	46,4	4,49	Ministério da Agricultura
SIMENTAL								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE BJ — De 3 a 3½ anos.								
Elwira-73	PO	3-4	40144	365	2.551	104,6	4,10	Agro-Pec. Suíço Brasileira
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.								
Watchtel-42	PO	4-2	37683	312	2.452	97,9	3,99	Agro-Pec. Suíço Brasileira
RAÇA DINAMARQUESA								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.								
S.A. Crilles Diana-RP/47-LM	PO	4-9	34662	365	5.504	266,0	4,83	De Paoli S/A — Faz. Sta. Alda
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Sta. Alda Partner Angelica-142-LM	PC	6-5	30427	365	6.146	297,4	4,83	De Paoli S/A — Faz. Sta. Alda
Voss-5	PO	8-2	28936	365	4.333	172,1	3,97	Olavo Barbosa
RED-POLL								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
P. Prata-54532	PC	9-8	29013	332	3.226	128,9	3,99	Livio Malzoni
P. Araruna-54529	PC	9-5	26422	301	1.726	62,7	3,63	Livio Malzoni
RED-POLL 5/8 X GUZERÁ 3/8								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE BS — De 3½ a 4 anos.								
Belgica (A-402)	3-11	38732	248	1.691	68,1	4,02	S.A. Frigorífico Anglo	
Brindada (A-416)	3-8	38719	218	1.598	66,2	4,13	S.A. Frigorífico Anglo	
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.								
Moderna (D-559)	4-2	39748	365	2.615	111,4	4,25	S.A. Frigorífico Anglo	
Rapoza (F-634)	4-0	36099	221	1.887	82,8	4,38	S.A. Frigorífico Anglo	
Lembrança (H-477)	4-4	36388	222	1.703	71,3	4,18	S.A. Frigorífico Anglo	
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.								
Jarra (B-618)	4-6	36411	219	1.213	49,2	4,05	S.A. Frigorífico Anglo	
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Pintada (8433)-LM	7-7	29819	359	4.411	194,3	4,40	S.A. Frigorífico Anglo	
Castoa (8463)-LM	7-0	31745	334	4.341	185,0	4,26	S.A. Frigorífico Anglo	
Paulistana (2470)	6-8	30966	330	3.670	153,1	4,17	S.A. Frigorífico Anglo	
Opar (8181)	11-7	18668	365	3.503	159,5	4,55	S.A. Frigorífico Anglo	
Formatura	—	28880	356	3.430	157,1	4,57	S.A. Frigorífico Anglo	
Qaudrada (8286)	9-9	22308	325	3.426	156,0	4,55	S.A. Frigorífico Anglo	
Cartela (F-281)	9-9	22695	313	3.193	141,7	4,43	S.A. Frigorífico Anglo	
Comandita (H-355)	5-11	31439	313	3.186	143,2	4,49	S.A. Frigorífico Anglo	
Cortina (E-243)	8-10	25868	317	3.057	126,7	4,14	S.A. Frigorífico Anglo	
Leivinha (6401)	7-11	30304	325	2.914	129,9	4,45	S.A. Frigorífico Anglo	
Normandia (6086)	12-10	14114	325	2.797	124,1	4,43	S.A. Frigorífico Anglo	
Espinata (3364)	7-0	31254	365	2.749	125,9	4,58	S.A. Frigorífico Anglo	
Ligeirinha (5163)	10-3	19960	231	2.629	107,9	4,10	S.A. Frigorífico Anglo	
Presa (F-259)	9-9	22692	365	2.621	117,5	4,48	S.A. Frigorífico Anglo	

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Giranda (K-098)		10-3	20772	303	2.598	116,8	4,49	S.A. Frigorífico Anglo
Ortiga (4266)		9-5	22323	257	2.173	89,7	4,12	S.A. Frigorífico Anglo
Selvagem (F-248)		9-5	24162	211	2.125	86,9	4,08	S.A. Frigorífico Anglo
Ganharon (D-424)		6-4	31451	296	2.035	90,4	4,44	S.A. Frigorífico Anglo
Serrana (K-008) (2)		12-4	15615	126	1.760	70,1	3,98	S.A. Frigorífico Anglo
Brincalhona (3410)		6-3	32181	220	1.276	51,9	4,06	S.A. Frigorífico Anglo
Serragem (7237) (2)		9-0	23836	130	1.274	53,7	4,21	S.A. Frigorífico Anglo
Cantina (3484)		5-1	35576	165	1.235	44,8	3,63	S.A. Frigorífico Anglo
RAÇA GUZERÁ								
				Duas ordenhas (2x)				
CLASSE E — Adultas, de mais de 5 anos.								
Estação J.O.	NR	—	39863	338	1.954	99,8	5,10	José Osorio de Azevedo Jr.
RAÇA GIR								
				Três ordenhas (3x)				
CLASSE E — Adultas, de mais de 6 anos.								
C.A. Bruxelas-I-3223-LM	RE	8-0	31483	363	4.078	200,7	4,92	Gabriela de Oliveira Costa
C.A. Alcione-209	NR	11-2	18907	365	3.790	186,0	4,90	Gabriela de Oliveira Costa
Guatemala-	NR	7-0	33618	307	3.729	180,2	4,83	Francisco F. Barretto
Gorjeta-I-670	RE	7-1	29519	271	3.373	172,0	5,10	Francisco F. Barretto
Graciosa	NR	6-7	33617	363	3.144	136,3	4,33	Francisco F. Barretto
Enfermeira-I-692	RE	8-11	24721	347	2.678	108,6	4,05	Francisco F. Barretto
CLASSE BJ — De 3 a 3½ anos.				Duas ordenhas (2x)				
Sta. C. Dama Cachimbo-O-7936-LM	RE	3-5	39711	352	3.363	177,9	5,28	José João S.R. dos Reis
CLASSE BS — De 3½ a 4 anos.								
C.A. Gracha-935	NR	3-9	39602	350	1.709	80,0	4,68	Gabriela de Oliveira Costa
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.								
C.A. Galaxia-855	NR	4-4	39598	358	3.038	147,0	4,83	Gabriela de Oliveira Costa
C.A. Gueicha-877	NR	4-2	39599	365	2.625	122,5	4,66	Gabriela de Oliveira Costa
Sta. C. Batucada Cachimbo-L-3009-LM	RE	4-2	35913	236	2.602	154,2	5,92	Manuel S. Rodrigues dos Reis
Paraíba	NR	4-0	39231	230	1.541	73,8	4,79	Gabriel Donato de Andrade
CLASSE CS — De 4½ a 5 anos.								
C.A. Farinha-814	NR	4-11	39601	365	2.625	120,7	4,60	Gabriela de Oliveira Costa
C.A. Folha-813	NR	4-11	39600	351	2.055	98,0	4,77	Gabriela de Oliveira Costa
CLASSE D — De 5 a 6 anos.								
C.A. Flauta-798	NR	5-0	39597	363	2.922	144,5	4,94	Gabriela de Oliveira Costa
Iberica-092	NR	5-6	39832	365	2.540	127,1	5,00	Francisco F. Barretto
Gazela de Brasília-M-6505	RE	5-7	36057	238	2.337	130,6	5,58	Rubens Resende Peres
Ensinada-351	NR	5-2	38986	297	1.871	81,0	4,32	João Leite S. Ferraz Jr.
Ervilha-M-2300	RE	5-10	39233	263	1.793	86,0	4,79	Gabriel Donato de Andrade
CLASSE E — Adultas, de mais de 6 anos.								
C.A. Alabama-241-LM	NR	10-2	20595	365	3.662	172,1	4,69	Gabriela de Oliveira Costa
Dedeira-M-1999	RE	6-8	36165	365	2.898	146,6	5,05	Gabriel Donato de Andrade
C.A. Amora-I-3220	RE	9-11	28334	363	2.343	112,4	4,79	Gabriela de Oliveira Costa
Dracena-I-9119	RE	6-9	36168	262	2.117	116,5	5,50	Roberto de Andrade
C.A. Anajá-257	NR	10-1	20405	308	2.087	104,3	4,99	Gabriela de Oliveira Costa
SINDI								
				Duas ordenhas (2x)				
CLASSE CJ — De 4 a 4½ anos.								
Arlete-	NR	4-1	39622	357	2.633	132,2	5,01	João Carlos P. de Freitas
CLASSE E — Adultas, de mais de 6 anos.								
Arena-1008	RE	8-0	24615	336	2.500	127,4	5,09	João Carlos P. de Freitas
BÚFALA								
				Duas ordenhas (2x)				
CLASSE E — Adultas, de mais de 6 anos.								
Serenata (24)	NR	—	34341	184	1.588	108,1	6,80	Faz. Sant'Ana R. Abaixo S/A
Viola (21)	NR	—	31848	179	1.226	87,0	7,09	Faz. Sant'Ana R. Abaixo S/A
Maconha 2.ª	NR	—	39465	182	1.125	87,1	7,74	Faz. Sant'Ana R. Abaixo S/A
Frineia (231)	NR	—	37255	114	1.018	69,2	6,80	Faz. Sant'Ana R. Abaixo S/A
TABAPUÁ DE UCHOA								
				Duas ordenhas (2x)				
CLASSE E — Adultas, de mais de 6 anos.								
Miralua da Sta. Cecilia-1278	RE	10-0	27265	365	2.245	109,6	4,88	Rodolpho Ortenblad
Granada da Sta. Cecilia-1647	RE	9-11	23631	352	1.891	101,3	5,35	Rodolpho Ortenblad
LM — LIVRO DE MÉRITO								
LE — LIVRO DE ESCÓL								
(1) — VENDIDA								
(2) — MORREU								

O que vai pelo controle leiteiro

DR. WALTER C. BATTISTON
CRMV — 4/0355
CHEFE DO S. C. LEITEIRO

Estiveram em controle, no decorrer de Maio, 547 fêmeas, das quais 150 (27,42%) na Divisão de 305 dias, e 14 raças, cruzamentos ou variedades de raças.

A grande maioria, isto é, 465 animais (85,01%) manteve-se em regime de 2 ordenhas, enquanto que os demais 82, representando 14,99% sofreram 3 ordenhas.

Alcançaram inscrição em Livro de Escol (LE) 78 vacas, o que dá 14,26% e em Livro de Mérito (LM) outras 100 (18,26%).

A raça Holandesa, com seus 336 representantes, correspondendo a 61,43% do total continuou a ocupar o 1.º posto; a variedade preta e branca, com seus 259 animais corresponde a 47,35% do total e 77,09% da raça, enquanto que as 77 vermelho e branco representaram 14,08% do total controlado e 22,92% da raça.

O 2.º lugar foi preenchido pela raça Pitangueiras, com 76 exemplares (13,89%) e a ela seguem-se pela ordem decrescente a raça Gir com 35 ou 6,39%, a Schwyz com 34 ou 5,21%, a Jersey com 26 ou 4,76% e a Dinamarquesa com 14 ou 2,37%.

Os bubalinos, com 13 animais, representando 2,37% ocupam o 8.º posto e a eles seguem-se o Tabapuã de Uchoa com 5 (0,91%), a Guernsey com 3 (0,54%), a Red Poll com 2 (0,36%) e Flamengo, Guzerá e Nelore com 1 só representante cada uma.

REPRODUTORAS EMÉRITAS

A fim de atender ao pedido de criadores e para que sejam melhor aquilata-

dos os valores dos animais, o relatório referente a Maio e os que se lhes seguirem terão mencionados os nomes dos pais das vacas que se destacaram, também como Reprodutoras Eméritas.

No presente Relatório, de n.º 366, encontram-se 4 vacas inscritas como Reprodutoras Eméritas.

SANT'ANA MINEIRA OASIS, da Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo S/A, é da raça Jersey, tem 11 anos e 3 meses e alcançou o título de Reprodutora Emérita mais uma vez, sempre em 2 ordenhas. Desta vez, com 276 dias, produziu 2.822 kg de leite.

Estrearam na categoria 3 fêmeas da raça Holandesa: KIM BONITA 4 CAROL é preta e branca e pertence a Luiz Carlos Moraes Lassance; aos 6 anos e 9 meses, em 2 ordenhas e 365 dias ela deu 8.614 kg de leite e 336,9 kg de gordura.

Da variedade Vermelha e Branca são "E. S. IVANDA KING BET DA S. SEBASTIÃO" e "CAIÇARA", ambas em 2 ordenhas e com 4 anos e 4 meses de idade.

A primeira, de Eduardo Simonsen, em 343 dias, deu 6.935 kg de leite e 289,6 kg de gordura, enquanto que a vaca de João Passarelli, em 310 dias, produziu respectivamente 4.994 e 182,4 kg.

RECORDISTAS DE PRODUÇÃO DE LEITE E DE GORDURA

Vários índices altos de produção de gordura e de leite ou de ambos foram ultrapassados no decorrer de maio.

Entre as vacas que alcançaram recorde em ambas as produções estão: XITA

OBERLAND DO BOQUEIRÃO — que em LE, aos 2 anos e 4 meses, produziu, em 265 dias, 6.005 kg de leite e 270,3 kg de gordura e conseguiu ultrapassar PATRICIA SILLIE DO PARADISE, que em 1973 dera 5.651 kg de leite e 260,7 de gordura. Ela pertence ao rebanho Guernsey de Custódio Cabral de Almeida e é filha de Western Glow Melbas Champion e Oberland Als Star.

V.B. BANCO PAULA RAETA, produzindo em 2 ordenhas, aos 2 anos e 5 meses, em LM, 355 dias, 4.035 kg de leite e 171,5 kg de gordura, derrotou os 3.591 kg de leite e 154,9 kg de gordura dados por sua companheira de rebanho JARRINE C. DE SANTA MADALENA (1973). Ela tem como pais SUGAR VALLEY UNITED BANCO e V.B. CRESCENT PAULA RAENA e nasceu na Fazenda Sta. Madalena, criadora de bons animais da raça Schwyz.

BELINA WISEMAN S. FRANCISCO pertence ao rebanho Jersey, de Mário Lopes Leão, e com seus 4.873 kg de leite e 263,9 kg de gordura, em LM, 2 ordenhas, em 365 dias, ultrapassou os 4.349 kg de leite dados por S.A. PENUMBRA INVENCIVEL (1971) e os 207,2 kg de gordura de ESTRELLA JUBILANT OLINDA (1973). Ela é filha de Suissa Greeting's Crystals of Wiseman e Taça Sirfall de Santa Hilda.

RECORDISTA EM PRODUÇÃO DE LEITE

Entre as vacas Holandesas da variedade Preta e Branca de Benedito José Soares

NELORE A 100 KM DE SÃO PAULO E 40 MINUTOS DO AEROPORTO DE VIRACOPOS



CINCO MEDALHAS DE OURO COMO CRIADOR DE GADO

MACHOS E FÊMEAS — NELORE — NELORE MOCHO — CHAROLÊS — TABAPUÃ — FLECKVIEH — HOLANDES PB.



Escolha seu reprodutor (a) de um plantel de mais de 500 vacas Nelore REGISTRADAS e enxertadas com os melhores touros do país — o que permitirá uma seleção segura para melhorar o seu rebanho.

Criador: LÉLIO DE TOLEDO PIZA E ALMEIDA FILHO

Estado de São Paulo: Município de Jarinu, Km 86 da Via D. Pedro I que liga Campinas a Rodovia Dutra. Em São Paulo: Rua João Bricola, 39 — 2.º — telefone 36-0674. Correspondência: Caixa Postal 7599.

CONFIE NA MARCA



de Mello Patti está **CALUNGA DIVIDEND VICTORIA**, filha de Willy's Dividend Victoria e Recodo 115 Graciana Buena 89.

Dando, aos 3 anos e 4 meses, em 357 dias, 9.039 kg de leite e 320,2 kg de gordura, ultrapassou a Recordista na Classe BJ, desde 1968, **AMAZONAS MARMAU-THE ENTUSIASMADA**, PCOD, que deu 8.313 kg de leite.

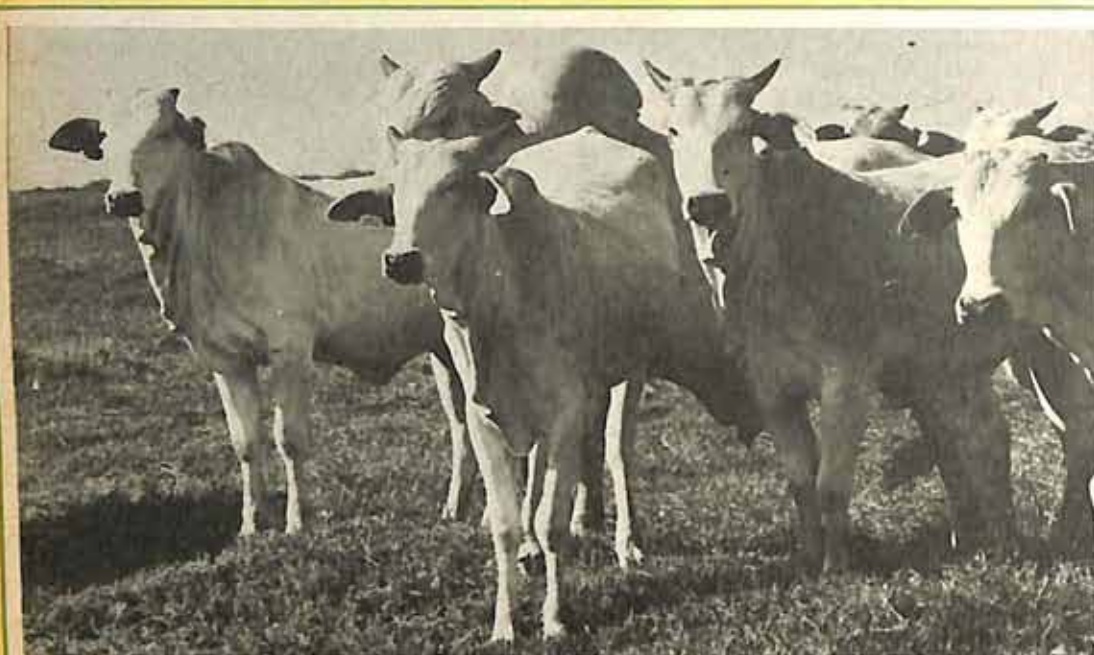
Na variedade Vermelha e Branca, de José Sylvio Magalhães, aparece a nova Recordista Classe D, **LILYDALE MARTHA 67th**, que, aos 6 anos e 10 meses, em 365 dias, deu 9.720 kg de leite e 315,3 kg de gordura, em 2 ordenhas. Esta filha de Lilydale Reflection Duck e Palma's Duchess Lass sobrepujou os 9.099 kg de que, desde 1963, **FANELA NOGAL** mantinha como recorde de produção de leite.

RECORDISTA DE PRODUÇÃO DE GORDURA

Na Classe CJ era recordista de produção de gordura (228,0 kg) **CAMPANA ROELAND NO MORRO ALTO** que agora foi sobrepujada por **E.S. IVANDA KING BET S. SEBASTIÃO**, que, em 305 dias, deu, aos 4 anos e 4 meses, em 2 ordenhas, 6.426 kg de leite e 266,8 kg. Esta é filha de Larry Moore King Bet e E.S. Eleita e pertence ao rebanho de Eduardo Simonsen.

RAÇA HOLANDESA VARIEDADE PRETA E BRANCA

Dos 259 representantes da variedade preta e branca, 63 estão na I Divisão e 196 na II Divisão, sendo que 6 obtiveram LE (9,53%) e 47 LM (23,99%).



VER-MI-SAL VER-MI-SAL mix IVAFÓS

responsáveis diretos pelo aumento da carne.

Sua ação é direta e imediata. VER-MI-SAL é vermífugo e mineralizante, contendo todos os micro elementos basicamente necessários: ferro, cobre, cobalto, iodo e manganês. Adiciona-se ao sal comum na proporção de 1 Kg. para 90 Kg.

IVAFÓS é fosfato bicálcico, ou seja, fósforo e cálcio na composição química mais assimilável que existe. E todos sabem quanto o fósforo e o cálcio são

importantes para o crescimento e a engorda dos animais.

VER-MI-SAL mix é a mistura de VER-MI-SAL com o sal de Mossoró, o melhor do País, acondicionado em embalagens plásticas - é só abrir e despejar no cocho.

Com VER-MI-SAL ou VER-MI-SAL mix mais IVAFÓS a disposição do gado, o aumento da carne é visível semana a semana.

VER-MI-SAL - barricas de 10, 25 e 50 quilos ou embalagens de 1 quilo.

VER-MI-SAL mix - sacos plásticos de 25 quilos.

IVAFÓS - sacos impermeáveis de 25 quilos.

Despachamos para todo o País

I.V.A. INSTITUTO DE VETERINÁRIA APLICADA S.A.

Alameda Barros, 101 - Sobreloja 22 - Tels. 66-5987 - 67-0276 - 67-8340
São Paulo - SP

(ACEITAMOS DISTRIBUIDORES PARA TODO O PAÍS)

Em 3 ordenhas aparecem 38 (14,67%) e em ordenha dupla (85,33%).

Na I Divisão, em regime de 3 ordenhas encontramos 3 vacas, sem Lactação Escol, a melhor das quais é **SIT LITA ELLEN**, de Manoel Poma dando aos 3 anos, em 266 dias, 4.575 kg de leite e 159,5 kg de gordura.

Em duas ordenhas colocaram-se 11 vacas, das quais 11 em LE, sendo a nova **V. ZINGARA 48 DELCOUNT**, com 2 anos e 2 meses, em 298 dias, 4.973 kg de leite e 159,5 kg de gordura.

Com 2 anos e meio, **JANGADA RAVILHA BOOTMAKER** obteve dando 5.144 kg de leite e 185,2 kg de gordura, na Fazenda de Fernando Pinto S/A, em 305 dias.

PARAISO SALUTAR DEE AN 4 anos, em 305 dias, produziu 8.313 kg de leite e 220,2 kg de gordura, o melhor animal "não adulto".

Na classe Adulta, além da **KIM BONITA 4 CAROL LULAS ESTAMPA 222 R 1886**, 4 anos e 2 meses, dando, em 305 dias, 7.406 kg de leite e 268,2 kg de gordura.

Sem alcançar LE, chama a atenção **OSCARITA MARSHAL**, a melhor de todo o controle, com somente 4 meses, dando, em 291 dias, 3.292 kg de leite e 126,9 kg de gordura, na Fazenda de João Figueiredo Frota.

Na II Divisão, entre os 196 animais 35 estiveram em regime de 3 ordenhas (14,85%), dos quais 6 obtiveram LE.

O mais novo de todos, com 2 anos e 4 meses, **JANGADA NAZARE MAR SEAMAN**, de Fernando Pinto S/A, obteve 6.009 kg de leite e 213,1 kg de gordura em 365 dias.

Boa produção, 8.391 kg de leite e 276,9 kg de gordura, em 365 dias, sentou **ELKOL W. JEWEL ALMA**, 5 anos e 1 mês, de Joaquim Rocha.

Em regime de 2 ordenhas, 34 vacas inscreveram-se em LM, sendo a mais nova, com 2 anos e 4 meses, **JANGADA NORUEGA IBERIA**, deu, em 365 dias 5.199 kg de leite e 159,5 kg de gordura.

CINCERRO ALGENILE CAPTAIN, de Luiz C. M. Lasserre, 2 anos e meio, obteve LM com 298,1 kg de leite e 298,1 kg de gordura, em 365 dias.

CALUNGA DIVIDEND VICTORIA com seus 9.039 kg de leite e 320,2 kg de gordura, em 357 dias, aos 3 anos e 4 meses, no Sítio 33, foi a melhor vaca entre as 161 vacas de toda a Divisão até 365 dias.

GLENAFTON CITATION com 8.931 kg de leite e 329,5 kg de gordura, na Fazenda de Luiz C. M. Lasserre, de estava também **KIM NEGRÃO CUANDO** que, aos 6 anos e 4 meses, em 353 dias, deu 8.481 kg de leite e 276,9 kg de gordura.

RAÇA HOLANDESA VARIEDADE VERMELHA E BRANCA

A variedade vermelha e branca possui 77 exemplares, dos quais

Divisão, representa 14,07% do total controlado e 22,91% da raça holandesa.

Mantiveram-se em regime de 3 ordenhas 28 vacas (36,36%) sendo só na I Divisão.

O total de inscrição em Livro de Escol foi de 6, o que representa 0,77% e, de Livro de Mérito 30, correspondente a 38,96%, percentagens bem expressivas.

Na divisão de até 305 dias, em regime de 3 ordenhas, aparece somente SÃO MANOEL PARAISO SANTANA CLARITA, de Antonio Carlos Rachou V. de Almeida, que em LE deu, aos 5 anos e 2 meses, 5.094 kg de leite e 197,2 kg de gordura.

Em regime de 2 ordenhas estão 15 vacas, das quais 5 em LE, todas em 305 dias e entre elas E.S. IVANDA KING BET S. SEBASTIÃO e CAIÇARA já comentadas em Reprodutora Emérita.

Com 2 anos e 3 meses, dando 3.687 kg de leite e 145,3 kg de gordura vem GALAXIA KATIA PIONEER atingir LE, na Fazenda de Joaquim Procópio de Araujo.

Hermengarda Brito Leme é a proprietária de ALTEZA URBANO LEME, que, aos 4 anos e 10 meses, deu 4.263 kg de leite e 157,5 kg de gordura, com LE.

Das 61 fêmeas colocadas na II Divisão, 27 estavam em 3 ordenhas, 22,59% tendo alcançado LM 17 delas (27,85%); das outras 34 em regime de 2 ordenhas, 13 obtiveram LE (21,31%).

Em regime de 3 ordenhas estão diversos bons animais, tanto como produtora de leite como de gordura, sendo que 17 obtiveram LM e os demais não, devido à Matéria Gord. É o caso, por exemplo, de BETINA'S R.R.P. JAYBA, que aos 2 anos e 3 meses deu, em 320 dias, 5.130 kg de leite e 165,7 kg de gordura.

Já BETINA'S RRR IDINEA, aos 2 anos e 8 meses, obteve LE, dando em 316 dias 5.513 kg de leite e 189,4 kg de gordura.

M. A. CAMBUQUIRA ROELAND, de João Passarelli, aos 4 anos, em 353 dias,

deu 7.220 quilos de leite e 258,0 kg de gordura.

Na classe adulta, de Pedro Conde, destacou-se RIDGEWOOD ROELAND R. AMY 2nd, em LE, com 7 anos, dando, em 354 dias, 8.509 kg de leite e 249,9 kg de gordura.

Também em LE, aparecem 2 vacas de Gabriel Dias Pereira, muito boas: SURPRESA DE SANT'ANA, com 6 anos e 9 meses, 361 dias, 8.359 kg de leite e 286,4 kg de gordura e DEFESA DE SANT'ANA, com 7 anos e 3 meses, 365 dias, 8.147 e 298,6 kg respectivamente.

Em regime de 2 ordenhas, entre as 13 que obtiveram LM está a "jovem" MOEDA WISH S. SEBASTIÃO E. S., com 2 anos e 1 mês, dando, em 333 dias 5.307 kg de leite e 205,2 kg de gordura, na Fazenda de Eduardo Simonsen.

Entre os 5 animais de José Sylvio Magalhães que alcançaram LM, destacam-se KERIDALE ATTRACTION STELLA, com 4 anos e 5 meses, (8.228 kg de leite e 264,8 kg de gordura, em 329 dias) a LILYDALE MARTHA 67th, com 6 anos e 10 meses, (9.720 kg de leite e 315,3 kg de gordura, em 365 dias).

FLORENÇA XANCA PHILOMEEN PIONEER, de João Passarelli, com 3 anos e 4 meses, obteve LM, dando, em 319 dias, 5.686 kg de leite e 206,5 kg de gordura.

RAÇA PITANGUEIRAS

Surpreende o grande número — 76 — de vacas da raça Pitangueiras controladas; elas representam 13,89% e colocam-se em 3.º lugar pela quantidade.

Também as qualidades zootécnicas são boas.

Todas estão em regime de 2 ordenhas e com exceção de 2, pertencem à S/A Frigorífico Anglo.

Na Divisão de até 305 dias, aparecem 28 animais, dos quais 2 inscritos em LE, ambos na classe adulta: NATIVA G — 479, com 4 anos e 6 meses, em 267 dias

deu 2.884 kg de leite e 122,8 kg de gordura.

Bastante "idosa", FLORISBELA, aos 11 anos e 10 meses, em 264 dias, obteve em LM com 4.167 kg de leite e 172,8 kg de gordura.

Na II Divisão, aparecem 48 vacas das quais 7 em LM (14,58%) e, destas, 2 pertencem a José Resende Peres, aliás as únicas que não são da S/A Frigorífico Anglo: ARPEGE e AMERICA.

MARAVILHA, aos 4 anos e 1 mês, em 365 dias, obteve seu LM com 4.174 kg de leite e 188,5 kg de gordura.

ARPEGE, um mês mais velha, em 341 dias, deu 3.696 kg de leite e 175,6 kg de gordura, obtendo LM, assim como sua companheira de rebanho, AMERICA, que aos 4 anos e 8 meses deu, em 344 dias, 4.766 e 224,7 kg respectivamente.

A melhor vaca "adulta", CINEMA H-411, embora desse, em 351 dias, 4.059 kg de leite e 172,2 kg de gordura, a melhor produção, não alcançou LM.

Nessa mesma classe, UMBURAMA, aos 11 anos e 5 meses, em 365 dias, obteve LM com 4.019 kg de leite e 173,9 kg de gordura.

RAÇA GIR

Ocupando o 4.º posto, os 35 representantes da raça Gir apresentam-se, quase todos, com exceção de C. A. ANDORINHA, na I Divisão.

Em regime de 3 ordenhas, aparecem 15 vacas das quais 9 (69,25%) em LM, sendo a mais nova HERANÇA DA BRASÍLIA, com 4 anos e 8 meses, dando, em 365 dias, 4.602 kg de leite e 219,8 kg de gordura, na Fazenda de Rubens Resende Peres.

Na classe adulta, 8 estão em LM, restando somente 2 sem consegui-lo.

Dois criadores dividiram essa honra: — Francisco F. Barretto com 5 em LM e Rubens Resende Peres com 3 animais.

A melhor produção, 5.376 kg de leite e 236,9 kg de gordura, em 365 dias, foi a de GALILEIA, de Mococa, aos 6 anos e 7 meses.

FAZENDA SANTA MÔNICA

Proprietários: Rômulo Marques e Ataulfo Martins

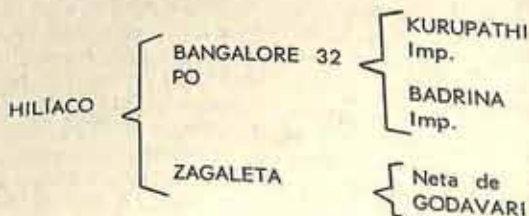
MUNICÍPIO DE PALMEIRAS DE GOIÁS — GO

End.: Rua 6A n.º 597 — ap. 202 — Tel. 6-2148 — SETOR AEROPORTO — GOIÂNIA - GO



HILÍACO DA AURI VERDE
23 meses, 595 quilos.
Reservado Campeão
Junior em Goiânia-75.

**É MOCHO
BOM DE TIPO
BOM DE SANGUE
TUDO ISTO NESTE ANIMAL**



**SÊMEN À VENDA
A CARGO DA CIAMB**

Em regime de 2 ordenhas, HIDRAULICA, aos 5 anos e 7 meses, em 365 dias, alcançou LM, dando 3.369 kg de leite e 159,7 kg de gordura, na Fazenda de Francisco F. Barretto.

DELICADA DE BRASÍLIA, em 318 dias, produziu 3.538 kg de leite e 166,5 kg de gordura e obteve LM, em São Pedro dos Ferros.

RAÇA SCHWYZ

Somente 5 bovinos alcançaram LM entre os 34 da raça Schwyz, colocados 6 na I Divisão e 28 na II Divisão, todos em 2 ordenhas.

Na Divisão de até 305 dias aparecem 5 animais da Cia. Agro Pecuária Santa Madalena e 1 de Carlos Cardoso de Almeida Amorim.

O melhor de todos foi JARRIME'S HORIZON PAMELASANTA MADALENA, com 3.953 kg de leite e 139,9 kg de

gordura em 298 dias, aos 5 anos e 1 mês de idade.

Na II Divisão, a jovem V.B. BANCO PAULA RAETA, com 2 anos e 5 meses, alcançou LM, dando, em 355 dias, 4.035 kg de leite e 171,5 kg de gordura.

Também da Cia. Agro Pecuária Santa Madalena, V.B. DUCHESS PROM QUEEN conseguiu LM aos 2 anos e 8 meses, em 352 dias dando 4.242 kg de leite e 169,5 kg de gordura.

De Gabriel Donato de Andrade, DEFE-SA 441, aos 6 anos e 9 meses, em 352 dias, deu 4.523 kg de leite e 213,8 kg de gordura, com LM.

RAÇA JERSEY

Ocupando o 6.º lugar, com 26 vacas a raça Jersey representa 4,75% do total. São 15 animais colocados na I Divisão dos quais 1 em 3 ordenhas e 11 na II Divisão (de 365 dias) com 2 em 3 ordenhas. Conseguiram inscrever-se em LE 5 vacas e em LM 3 outras.

Na I Divisão, em regime de 3 ordenhas, a única vaca inscrita foi SUISSA ALVORADA NHONHO, que aos 4 anos e 7 meses deu 3.004 kg de leite e 198,9 kg de gordura em 305 dias.

Em regime de 2 ordenhas, todas as 14 vacas pertencem à Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo S/A, 5 delas conseguiram LE, uma das quais é a já mencionada S.A. MINEIRA OASIS. Reprodutora Emérita.

A melhor de todas foi S.A. NAIR 3.º NADO, que, aos 4 anos e 6 meses, em 305 dias, deu 3.532 kg de leite e 195,3 kg de gordura.

Na II Divisão, das 11 fêmeas, 2 estão em regime de 3 ordenhas, ambas de Albino Malzone, uma destas, S. A. CAMPOLINA INVENCIVEL, com 8 anos e 2 meses, obteve LM, dando em 347 dias 4.677 kg de leite e 228,7 kg de gordura.

Em regime de 2 ordenhas houve 2 que alcançaram LM.

BELINA W. S. FRANCISCO, de Mario Lopes Leão, aos 3 anos e 8 meses, teve seu LM, dando, em 305 dias, 3.764 kg de leite e 195,1 kg de gordura, aos 11 anos e 10 meses.

RAÇA DINAMARQUESA

Os 14 representantes da raça Dinamarquesa estão em duas ordenhas, sendo 3 na I Divisão; é interessante notar-se que 92,86% desses animais foram inscritos em livros especiais: 3 em LE e 10 em LM.

Na I Divisão, colocaram-se 3 animais todos em Livro de Escol, sendo 1 de Jorge de Mello Sabugosa, MONICA INDEPENDENCIA, e 2 de De Paoli S/A — Faz. Sta. Alda: SANTA ALDA CRILLES LOLA, com 4 anos e 11 meses (4.685 kg de leite e 205,0 kg de gordura em 305 dias e S.A. PARTNER NORMALISTA, com 6 anos e 4 meses (4.148 kg de leite e 184,7 kg de gordura, em 305 dias).

Na II Divisão, aparecem 11 vacas, das quais 10 em LM (90,91%); 3 delas pertencem a Olavo Barbosa, 2 de De Paoli S/A — Faz. Sta. Alda e as demais de Eitor Angelini.

SANTA ALDA CRILLES entre as não adultas, foi a melhor, seus 6.213 kg de leite e 268,9 kg de gordura, em 365 dias, aos 3 anos e 1 mês de idade.

Outro bom animal foi COQUEL GAIVOTA, de Eitor Angelini, com 4 anos e 1 mês, em 365 dias, 5.202 kg de leite e 226,2 kg de gordura.

Excelente a produção de 10.472 kg de leite e 414,3 kg de gordura, em 365 dias de PHILIPPA, aos 8 anos e 7 meses, Fazenda Santa Alda.

BUBALINOS

Foram 13 as búfalas, todas em 2 ordenhas e pertencentes à Fazenda Santa do Rio Abaixo S/A; desse lote, 8 mais estão na Divisão de até 305 dias.

VANUZA (182), em 228 dias, deu 1.000 kg de leite e 195,4 kg de gordura, em I Divisão.

CARIOCA (344) foi a única inscrita na II Divisão e deu, em 236 dias, 1.200 kg de leite e 128,4 kg de gordura.

TABAPUÁ DE UCHOA

A raça explorada por Rodolpho e Eitor Angelini apresentou-se com 5 animais em duas ordenhas, sendo duas na I Divisão de até 305 dias.

Na II Divisão, TATUZINHA DA TA CECILIA, com 9 anos e 6 meses, deu em 326 dias 2.238 kg de leite e 195,4 kg de gordura.

RAÇA GUERNSEY

Todas as 3 vacas Guernsey em I Divisão, alcançaram LM e pertencem a Custódio Cabral de Almeida.

XITA OBERLAND DO BOQUEIRÃO, com 2 anos e 4 meses, em 295 dias, deu 6.005 kg de leite e 270,3 kg de gordura.

PAX ALVA GOLD BANNER DO TO, com 3 anos e 6 meses, em 295 dias, deu 5.245 kg de leite e 241,1 kg de gordura.

RED POLL

Com duas vacas, uma em cada Divisão, Livio Malzoni inscreveu seus animais.

O melhor dos dois foi PRIMA BOLIVIA que aos 9 anos e 6 meses, em 327 dias, deu 2.310 kg de leite e 84,4 kg de gordura.

RAÇA GUZERÁ

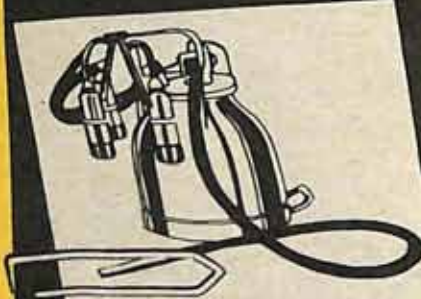
HIPOTESE J.P., de José Resende, foi a única Guzerá e conseguiu LM com 4.217 kg de leite e 232,7 kg de gordura, aos 8 anos, e, em 336 dias.

RAÇA NELORE

TILAPIA, com 5 anos e 5 meses, em 327 dias, deu 1.306 kg de leite e 100 kg de gordura na fazenda de Gabriel de Andrade, representando a melhor "leiteira" da raça Nellore.

ORDENHADEIRA

MANUS
Trilhoteiro



- Equipada com Aerodyn — o pulsador mais simples e perfeito que existe.
- Perfeito esgotamento do úbere em menos tempo de trabalho.
- Robusta e higiênica, e de fácil limpeza.
- Conjuntos para qualquer tipo de necessidade, seja Balde ou Tarro (tipo clássico) ou por Tubulação acrílica (tipo Pipe Line).
- Assistência técnica permanente.

Fabricantes
Trilhoteiro
marcas de qualidade e bons serviços

Trilho Otero Ind. de Máq. Agrícolas Ltda.
Rua Dona Teodora 1461 CP 125, Ext. 34 Trilhoteiro
Porto Alegre RS
PELOTAS RIO GRANDE CURITIBA SÃO PAULO

ANUÁRIO DOS CRIADORES

Publicação de consulta e de registro dos principais acontecimentos pecuários do ano. Verdadeiro CATÁLOGO DE REPRODUTORES. Mais de 400 páginas.

PRODUÇÃO DE CARNES BOVINAS NO BRASIL —

Prof. João S. Veiga

I — Introdução

Quanto bovinos temos?
Quanto produzimos de carne?
Quanto consumimos?
Que vem a ser desfrute?
Onde produzimos?
Endereços de Criadores.

II — Medidas para elevar as taxas de desfrute e permitir um ritmo de crescimento mais acelerado do rebanho.

Elevando a eficiência
Um pouco de genética
Os característicos econômicos de produtividade dependem de muitos genes
O que é heritabilidade?
Seleção de reprodutores
Progressos no melhoramento
Como avaliar animais para reprodução?
Orientação nos acasalamentos
Responsabilidades dos criadores de reprodutores
O importante papel representado pelo meio ambiente
O que vale registrar?

III — Características de produtividade

1 — Fertilidade e fecundidade
Fatores ambientais que podem influir nas taxas de fertilidade e de fecundidade:
Clima
Alimentação
Manejo



Sanidade
Estações de Monta
Manejo das matrizes
Programação do manejo para reprodução
Valor de alguns nutrientes para aumentar a fertilidade
Defesa Sanitária

Preço
do
volume:
Cr\$ 80,00

Idade para reprodução
2 — Características maternas das reprodutoras
3 — Ganhos de peso
4 — Longevidade
5 — Qualidade das carcaças

IV — Recomendações úteis

Alguns cuidados que devem ser tomados na formação de um rebanho de corte
a) aquisição de touros
b) identificação dos animais
c) livros de registro
d) livros de cobertura
e) fichas

V — Reduzindo os índices de mortalidade dos bezerros

- Aspecto mundial da moderna criação de gado de corte
- Construção de cercas de arame liso com balancins
- Instalações e equipamentos para suínos
- As raças ibéricas e as nacionais derivadas
- Cultura do milho
- Cultura da mandioca
- Campeões nas exposições de São Paulo, Uberaba e Esteio
- Catálogo de reprodutores - 196 páginas de publicação sobre nossos principais plantéis
- Como fazer um bom concreto
- Fabricação e uso de lajotas pré-moldadas, de mourões e blocos de concreto
- Banheiros carrapaticidas
- Endereços de Ministério e Secretarias da Agricultura
Confederação e Federações Rurais
Sindicatos Rurais
Associações de Registro Genealógico

Pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Av. Pompéia, 1214 - Fundos - São Paulo

Destques do Serviço de Controle Ponder

DR. WALTER C. BATTISTON
CHEFE DO S.C.D.P.

Estiveram em pesagens, no decorrer de maio, 79 bovinos, dos quais 38 (48,11%) machos, correspondente a 5 raças.

A raça Nelore, com seus 27 machos e 38 fêmeas ocupa o 1.º posto na relação, representando 82,27% do total controlado; a seguir aparecem os 8 Guzerá e os 3 Charoletes; em 4.º lugar está a raça Sta. Gertrudis, com seus 2 representantes e encerrando a lista o único exemplar da raça Marchigiana.

Em regime de pasto, vamos encontrar 30 machos e 38 fêmeas, e em pasto com suplementação 8 machos e 11 fêmeas.

Os machos mais pesados foram **HERDEIRO-SC-149**, com 616 kg, Guzerá, da S/A Cortume Carioca e **160-160**, com 610 kg, da raça Sta. Gertrudis da Adalpra S/A Agrícola e Comercial.

Entre as fêmeas, destacaram-se, na I divisão, **HACHITA-803**, com 398 kg e **HEBRICA-781**, com 390 kg ambas Nelo-

Somente 10 machos e 30 fêmeas chegaram à pesagem final, dos 730 dias; com as médias de 393 e 338 kg respectivamente.

HERDEIRO-SC-149 é filho, por inseminação artificial, de **SARAGHAL** e de **PALOMA**, tendo nascido, aos 18-4-73 com 37 kg.

160-160, Sta. Gertrudis da Adalpra S/A Agrícola e Comercial, nasceu em março de 1973 com 41 kg filho de **TS-4-134** e de **FSI-1710-8275**.

RAÇA NELORE

Entre os 65 bovinos da raça Nelore, 27 são machos e, destes, 22 estão na I divisão e 5 na II divisão; das 38 fêmeas, 35 estão colocadas na I divisão.

Somente 7 machos, com a média de 399 kg mantiveram-se na pesagem final e,

destes, destacaram-se **HUMORADO-776**, com 435 kg e **HALOGÊNIO-795**, ambos de Arnaldo Zancaner.

HUMORADO-776, nascido em abril de 1973 com 36 kg obteve 180, 256, 393 e 435 kg.

HALOGÊNIO-795 nascido no mesmo mês, com 33 kg, filho de **OCEANO** e de **CAMELIA** obteve as pesagens de 188, 259, 284 e 432 kg.

Entre as fêmeas, destacaram-se **HACHITA-803**, nascida em maio de 1973 com 30 kg, filho de **NANO** e de **LAJA** e que obteve 159, 226, 259 e 398 kg e sua companheira **HEBRICA-781**, nascida em abril de 1973, com 34 kg, filho de **OCEANO** e de **BITOLA** e que pesou posteriormente 173, 245, 267 e 390 kg.

A média de peso aos 205 dias foi de 177 kg para os machos e 157 kg para as fêmeas, na I divisão, e respectivamente 151 e 168 kg na II divisão.

Mantiveram seu rebanho Nelore controlado, os seguintes criadores: Arnaldo Zancaner, com 9 machos e 24 fêmeas, José Eduardo Rocha Cabral, com 4 machos, José Luiz Niemayer dos Santos, com 4 machos e 4 fêmeas, Cond. Maria do Carmo Torres Peduti com 2 machos e 2 fêmeas, Sérgio A. Toledo Piza, com 5 machos, Jamil Nicolau Aun, com 3 machos, Fábio Leopoldo e Silva, com 2 machos e 1 fêmea, Fausto Simões com 1 macho e 1 fêmea, Mauro Conrado Mesquita com 2 machos e Agro P. Primavera S/A com 1 macho e Walter H. Zancaner com 2 machos.

RAÇA GUZERÁ

Os 8 representantes da raça Guzerá são 6 machos e 2 fêmeas, estando 6 em regime de somente pasto e 2 em regime de pasto e ração suplementar.

Somente o já citado **HERDEIRO-149** e **HIATO-SC-150** atingiram a gem final, ambos da S/A Cortume Carioca.

HERDEIRO-SC-149 obteve as pesagens de 245, 398, 431 e 616 kg, enquanto **HIATO-SC-150**, que é filho de **GIL** I e da vaca **CONDESSA**, nasceu em maio de 1973 com 25 kg, alcançou 324, 397 e 526 kg.

A média de peso aos 205 dias, na divisão, foi de 154 kg para os machos e 141 kg para as fêmeas, enquanto na II divisão somente estiveram os machos já citados, com a média de 205 kg.

Os criadores de Guzerá foram Agro P. Filadelfia Ltda., com 2 machos e 2 fêmeas, Walter H. Zancaner com 1 macho, e S/A Cortume Carioca com 1 macho.

RAÇA CHAROLESA

Os 2 machos e 1 fêmea da raça Charolesa são da Agro P. Primavera e estão na I divisão, isto é, em regime de pasto.

Nenhum deles ultrapassou a 2.ª divisão e todos os 3 nasceram em regime de pasto.

O animal mais pesado foi P. 145 com seus 217 kg aos 205 dias de idade e promissor garrote.

RAÇA STA. GERTRUDIS

Ambos os machos que representam a raça Sta. Gertrudis são da Adalpra S/A e Comercial e se mantiveram em regime de pasto.

O melhor dos 2 foi o citado com 41 kg de **TS-4-134** e de **FSI-1710-8275** alcançou 209, 316, 414 e 610 kg.

TABAPUÃ DA FAZENDA DO CARMO

Consiga em apenas 24 meses engordar seu boi para abate, utilizando os nossos reprodutores Mocho Tabapuã



TOPÁZIO — 38 meses — 802 kg
Campeão Touro Jovem em Gov. Valadares, 1973 e 74
Campeão Touro Jovem em Cordeiro, 1973
Campeão Touro Jovem em Campos, 1973 e 74
Grande Campeão em Campos, 1974

FAZENDA DO CARMO — 3.º Distrito de Cachoeiras de Macacu — Estado do Rio de Janeiro — Km 32 da estrada Parada Modelo — Friburgo — Rio — tel.: 260-4216 e 267-7652

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES



AKARORE — 11 meses — 342 kg
Campeão Bezerro em Gov. Valadares, 1974
Campeão Bezerro em Campos, 1974

RESULTADOS PARCIAIS DO CONTROLE

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Contrôle	Dias de lactação	Leite	%
RAÇA HOLANDESA — variedade preto e branco						
Comercial Industrial e Agrícola I.A.D. Ltda. Campinas, SP. Em 19-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
São Rafael 29 Bragantina	GC-1	9-2	5.º	129	19,0	3,10
Carol Ann Maple Rancho Isa	GC-2	3-0	5.º	128	17,0	3,23
Rancho Isa Segunda Geminis	PCOD	5-4	5.º	122	15,0	3,01
S. Rafael 49 Cromada	GC-1	8-6	5.º	118	17,0	3,17
Etrusca 173 Golden Duke de S.R.	GC-1	5-11	5.º	183	18,0	3,18
Rancho Isa Morena	PO	4-11	5.º	142	17,0	2,80
São Rafael 35 Coimbra	GC-1	8-9	4.º	106	19,0	2,66
Mira Seaman G.D. Rancho Isa	GC-2	2-4	4.º	93	16,0	3,00
Branca Jupiter do Rancho Isa	GC-2	3-2	4.º	96	17,0	3,02
Fanta 273 Noel de S. Rafael	GC-2	5-7	3.º	91	21,0	2,59
S. Rafael 41 Cinderela	GC-1	8-9	3.º	68	25,0	2,51
Rancho Isa Brava Jupiter	GC-1	3-2	3.º	82	15,0	2,79
Cora	—	—	3.º	75	21,0	2,89
S.R. 153 Espuma Golden Duke	GC-1	6-8	2.º	55	23,0	2,93
Corada do Rancho Isa	GC-2	4-2	2.º	61	19,0	3,35
Fritura 271 G. Duke de S. Rafael	GC-1	5-7	2.º	44	17,0	2,64
Holambra Atje XX (H1172/1362)	PO	8-9	1.º	13	24,0	2,87
São Rafael 44 Cartilha	GC-1	8-10	1.º	33	27,0	2,64
S. Rafael 155 Espiã G. Duke	GC-1	6-9	1.º	10	24,0	3,43
S. Rafael 222 Fanela G. Duke	GC-1	6-0	1.º	7	18,0	3,31
Dr. Carlos Antenor Consoni. Ribeirão Preto. SP. Em 12-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Alteza da Rosa	PCOC	10-6	4.º	102	24,0	3,42
Altezinha da Rosa	PCOD	7-9	6.º	143	16,0	3,66
Consoni Forty Niner Fond Hope	PO	5-9	2.º	48	18,0	3,33
Consoni Diamond Burke	PO	6-0	4.º	107	16,0	3,68
Opala Master Dean da Rosa	PCOC	5-7	9.º	262	13,0	3,89
Ambro Herdmaster Connie	PO	4-11	7.º	192	13,0	3,65
Ira Alert da Rosa	PCOC	5-11	7.º	195	15,0	3,61
Spring Burke Atration Jess	PO	5-4	4.º	122	21,0	3,74
Glencloskey Alert Rose Ana	PO	4-0	4.º	126	17,0	3,52
Pan Rockman Flamina	PO	4-8	4.º	102	14,0	3,60
Musky Mylady	PO	2-8	4.º	126	18,0	3,87
Pan Rockman Spring Frida	PO	5-0	4.º	106	14,0	3,50
Glencloskey Fondcit Charlotte	PO	3-9	3.º	67	16,0	3,65
Vivacqua Vieira S/A. Cachoeiro de Itapemirim. ES. Em 16-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Ingleza de Sta. Lucia	15/16	8-7	3.º	71	21,0	4,07
Fechadura de Sta. Lucia	1/2	12-1	1.º	7	21,0	3,84
Noturna 7 de Sta. Lucia	3/4	7-6	4.º	130	17,0	3,31
Delícia 2 de Sta. Lucia	7/8	6-9	1.º	13	21,0	3,93
Estima 3 de Sta. Lucia	7/8	6-0	2.º	35	19,0	4,02
Guatemala de Sta. Lucia	1/2	11-5	4.º	122	17,0	4,61
Rendeira 4 de Sta. Lucia	3/4	8-10	3.º	88	21,0	4,07
Odalisca de Sta. Lucia	7/8	6-4	1.º	17	19,0	4,01
Natalina de Sta. Lucia	1/2	5-7	4.º	87	13,0	3,98
Pecuária Anhuas S/A. Campinas. SP. Em 29-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
3 ordenhas						
L.A. Carla Admiral 35	PO	8-5	6.º	151	22,0	3,48
São Quirino R 42	PCOC	4-3	6.º	151	20,0	3,12
2 ordenhas						
São Quirino K 79	PCOC	11-7	2.º	63	22,0	2,93
São Quirino L 170	PCOC	10-5	1.º	26	21,0	3,19
São Quirino M 137	GHB	9-7	2.º	40	22,0	3,11
São Quirino M 107	GHB	9-5	5.º	150	22,0	3,11
Martindale Torch 219	PO	8-10	2.º	47	23,0	3,22
São Quirino N 23	GC-2	9-0	2.º	41	25,0	2,72
São Quirino M 147	GC-2	9-7	1.º	17	24,0	3,26
S.Q. Omega Dinah Pat Evita	15/16	7-5	2.º	65	23,0	4,28
S.Q. Ortencia Marajá Maltaca	PO	7-4	2.º	35	21,0	2,85
S.Q. Paisagem Duke M. Heloisa	PO	7-1	2.º	64	23,0	3,16
São Quirino P 84	NR	6-8	2.º	60	22,0	3,12
São Quirino P 34	NR	6-8	2.º	93	22,0	2,73
S.Q. Parda Dunloggin Apple 23	PCOC	6-10	4.º	57	23,0	2,75
São Quirino N 22	PO	6-7	2.º	77	21,0	3,28
São Quirino Q 21	GC-2	8-11	3.º	66	21,0	2,64
S.Q. Quitada Obex Obreira	PCOD	6-0	3.º	24	26,0	2,73
São Quirino Q 90	PO	5-7	1.º	7	22,0	3,10
S.Q. Raposa Pride Namasca	PCOC	5-6	1.º	16	20,0	3,30
Jacob Rosier Dutilh. Campinas. SP. Em 4-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Chupa-Flor do Pau D'Alho	GHB	10-2	7.º	200	21,0	3,03

FRANCISCO F. BARRETTO

Fazenda N. S. da Serra
Km 295 da estrada
Mococa-Cajuru
Fone: 50-801

MOCOCA — Fone 50-085
Caixa, 18

SÃO PAULO — Rua 15 de
Novembro, 193 - 3.º andar
Fone 33-48-30

38 anos na Seleção do
Gir Leiteiro

380 vacas em CONTROLE
OFICIAL pela Associação
Brasileira de Criadores

OUTRA NOSSA GRANDE
PRODUTORA:



ESCALA-541 — REGISTRADA —
RG-ABCZ H-1650, SCL-26.091, nascida em 21/12/1965, filha de HINDOSTAN-P.O. - RG 7.098 e JARRINHA-108 - RG 1-641, produziu 6.418,890 quilos de leite e 277,838 quilos de gordura, em 365 dias de lactação, com média diária de 17,586 quilos de leite.

Industrialização e venda de Sêmen:
LAGOA DA SERRA - Fone 25 -
Caixa 139
SERTÃOZINHO - Estado de S. Paulo

GIR LEITEIRO DE MOCOCA

MAIS CARNE
MAIS LEITE

307 Vacas no Livro de Mérito
11 Vacas no Livro de Escol

Brasil avança na tecnologia da inseminação

Dentro em breve teremos a mais evoluída tecnologia do mundo na captação, industrialização e aplicação de sêmen bovino, conforme foi comunicado ao ministro Alysson Paulinelli, da Agricultura, por diretores da Cipari — Cia. Paranaense de Inseminação (Grupo Cacique) e da W. R. Grace, que se associaram para desenvolver no país a inseminação de gado bovino.

A "American Breeders Service", uma divisão do grupo norte-americano W. R. Grace, é a maior organização do mundo em inseminação. A CIPARI, por sua vez, é a maior empresa do Brasil nesse setor respondendo por mais de 26% do mercado de inseminação, segundo dados levantados pelo Ministério da Agricultura.

Pelos termos do acordo, foi constituída nova empresa, a CIPARI — Genética Animal S/A, com capital de Cr\$ 15 milhões, dos quais a American Breeders Service ficou com 1/3. Agora, esse investimento, a ABS proporcionará ampla assistência técnica a sua associada brasileira para produção de sêmen bovino no Brasil, especialmente mediante treinamento de brasileiros em suas instalações nos EUA, de onde sai para o mercado norte-americano e exterior mais de 4,5 milhões de ampolas de sêmen por ano.

Compareceram à audiência concedida pelo ministro Alysson Paulinelli os srs. M. A. Johnson, diretor do Grupo W. R. Grace, e José Eduardo Rocha Cabral, presidente da CIPARI, Annibal Siqueira Cabral e Hiroshi Yoshio, vice-presidente.

FAZENDA MISTA EM SÃO MANUEL

Com topografia ótima,
diversos pastos, aguadas,
açúde, café, benfeitorias
diversas, curral completo, luz,
sede, cocheira, etc.

Próxima da
Via Marechal Rondon.

Área 160 alqueires.
Cr\$ 4.500.000,00 a combinar.

Negócio direto pelos
fones 35-7680 ou 36-4932
(São Paulo).

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite
Doçura do Pau D'Alho	GHB	9-4	9.º	264	17,0
Esperança do Pau D'Alho	PCOC	8-9	7.º	188	22,0
História do Pau D'Alho	GHB	5-11	3.º	69	33,0
Helena do Pau D'Alho	GHB	4-9	11.º	313	14,0
Igaçaba do Pau D'Alho	GHB	4-10	5.º	125	26,0
Haifa do Pau D'Alho	GHB	4-8	10.º	292	19,0
Identidade do Pau D'Alho	GHB	5-4	1.º	2	27,0
Ideografia do Pau D'Alho	GHB	4-6	10.º	289	16,0
Ibitinga do Pau D'Alho	PCOC	4-5	7.º	176	17,0
Inspiração do Pau D'Alho	GHB	4-8	5.º	125	22,0
Indaiatuba do Pau D'Alho	GHB	4-11	3.º	80	34,0
Indígena do Pau D'Alho	GHB	4-5	7.º	192	16,0
Ingá do Pau D'Alho	GHB	5-0	1.º	4	37,0
Instância do Pau D'Alho	GHB	4-3	5.º	135	21,0
Italia A. Estatua P. D'Alho	GHB	4-6	1.º	16	28,0
Incidência do Pau D'Alho	GHB	4-6	3.º	60	27,0
Julie Jack F. Pau D'Alho	GHB	4-1	4.º	93	23,0
Infanta do Pau D'Alho	PCOC	4-1	6.º	164	18,0
Jequituba C. Gancia Pau D'Alho	GHB	4-1	3.º	65	28,0
Ipiranga R.D. Pau D'Alho	GHB	4-3	2.º	40	26,0
Jubilosa do Pau D'Alho	GC-1	4-2	1.º	2	24,0
Joaninha do Pau D'Alho	PCOC	3-4	11.º	299	13,0
Japonesa do Pau D'Alho	GHB	3-3	10.º	267	16,0
Jardineira R.M.B. Pau D'Alho	GHB	3-2	7.º	187	22,0
Jamanta Mil Key A. Pau D'Alho	GHB	3-3	7.º	174	15,0
Jamba do Pau D'Alho	PCOC	3-4	3.º	76	23,0
Lisboa Bonus F. Pau D'Alho	GHB	2-4	10.º	269	19,0
Imediata do Pau D'Alho	PCOC	3-11	9.º	264	15,0
Jaboticaba America F. Pau D'Alho	GHB	3-3	9.º	261	13,0
Liberdade do Pau D'Alho	PCOC	2-4	9.º	264	14,0
Limeira do Pau D'Alho	PCOC	2-7	8.º	235	15,0
Lituana do Pau D'Alho	PCOC	1-11	8.º	217	15,0
Limpeza do Pau D'Alho	PCOC	2-5	7.º	197	15,0
Licença do Pau D'Alho	PCOC	2-7	7.º	197	16,0
Lata do Pau D'Alho	GC-5	2-6	6.º	144	16,0
Jaguariuna do Pau D'Alho	GHB	3-6	6.º	168	22,0
Lua do Pau D'Alho	PCOC	2-4	5.º	149	13,0
Lisura do Pau D'Alho	PCOC	2-2	5.º	127	14,0
Pau D'Alho Luz S. Imperatriz	PO	2-9	5.º	123	23,0
Ligeira do Pau D'Alho	PCOC	2-2	4.º	114	15,0
Milagrosa P.F. Pau D'Alho	GHB	2-0	3.º	80	21,0
Lat Via do Pau D'Alho	PCOC	2-3	3.º	59	23,0
Juiza P. Esmeralda P. D'Alho	GHB	3-6	2.º	48	19,0
Juventude do Pau D'Alho	GC-4	3-5	2.º	35	27,0
Lusiada do Pau D'Alho	GC-3	2-4	2.º	22	18,0
Mecha do Pau D'Alho	PCOC	2-1	2.º	23	23,0
Miramar H.M.I. Pau D'Alho	—	—	1.º	4	18,0

Administradora Campo Grande Ltda. Nova Odessa, SP. Em 30-5-1975. Regime com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

A.F. Fortaleza Flecha	PO	7-10	1.º	20	29,0
A.F. Fortaleza Gaza	PO	6-8	2.º	36	31,0
A.F. Fortaleza Iaiá	PO	5-4	1.º	27	32,0
A.F. Fortaleza Jaga	PO	4-1	1.º	29	35,0
International Patrícia	PO	4-10	1.º	8	27,0
A.F. Fortaleza Lagoa	PO	3-0	2.º	38	27,0
A.F. Fortaleza Javaneza	PO	3-9	1.º	29	25,0
A.F. Fortaleza Jinga	PO	3-7	1.º	10	21,0
A.F. Fortaleza Madre	PO	2-1	1.º	15	24,0
A.F. Fortaleza Lapa	PO	2-7	1.º	3	20,0
A.F. Fortaleza Macula	PO	2-2	1.º	24	23,0
A.F. Fortaleza Ladainha	PO	3-2	1.º	24	25,0

2 ordenhas

Gray View Blooming	PO	9-3	4.º	116	22,0
A.F.F. Edição Fond Hope Karen	PO	8-11	6.º	178	20,0
A.F. Fortaleza Gavea	PO	6-7	3.º	69	27,0
A.F. Fortaleza Havana	PO	6-0	3.º	68	30,0
A.F. Fortaleza Ilusão	PO	4-9	3.º	87	25,0
A.F. Fortaleza Inda	PO	4-6	2.º	61	31,0
Romandale Bonheur Beatrice	PO	4-9	3.º	80	23,0
A.F. Fortaleza Jaboticaba	PO	3-8	7.º	191	16,0
A.F. Fortaleza Jabota	PO	4-1	2.º	41	19,0
A.F. Fortaleza Jaleca	PO	4-0	2.º	51	30,0
Romandale Maple Sherry	PO	4-10	3.º	74	25,0
International Wanda	PO	4-8	3.º	89	28,0
A.F. Fortaleza Ladeira	PO	3-1	2.º	60	20,0
Romandale Rockman Marsia	PO	4-7	5.º	153	21,0
A.F. Fortaleza Lampa	PO	2-8	3.º	79	24,0

José Peres de Oliveira. Campinas, SP. Em 10-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Pir. Imagem S. Starlight	PO	10-7	3.º	97	17,0
--------------------------	----	------	-----	----	------

Uso do leite substituto ao leite natural, na alimentação de animais

Dentro das normas convencionais de criação, o leite da vaca é o alimento natural para os bezerros, porém, atualmente, este não é o ideal tendo em vista que, para o consumo humano e para a fabricação de produtos laticínios tais como: manteiga, queijo, leite condensado, yogurt, etc., o leite da vaca dá bom preço, tornando-se assim um alimento caro para alimentar as crias.

Considerando-se os lucros que a substituição do leite materno pode proporcionar aos criadores, é óbvio que os cientistas pesquisam incansavelmente em busca de um produto adequado, que satisfaça plenamente as necessidades nutricionais dos bezerros. Visando esse objetivo, os técnicos da DENKAVIT conseguiram formular um "leite substituto", em cuja composição entram as seguintes matérias primas:

Leite em pó desnatado — Subprodutos de laticínios — Gorduras vegetais e animais (não derivadas de produtos laticínios) — Proteínas (não provenientes de produtos laticínios) — Fontes de energia (não provenientes de produtos laticínios) — Minerais e micro-ingredientes tais como vitaminas e elementos-traços para melhorar a saúde e o crescimento, tais como antibióticos e quimioterapêuticos.

O produto em pó é hidratado com água na proporção de 1 kg de "leite substituto" em pó para 7,5 litros de água, obtendo-se assim 8 litros de leite.

A substituição do leite natural apresenta as seguintes vantagens:

1. O preço de um litro de "leite substituto" é mais barato que o do leite de vaca. Tendo em vista que esse produto é um substituto perfeito do leite de vaca, as quantidades oferecidas aos bezerros são iguais, resultando assim em menor custo de criação.

2. Em muitos países do mundo o leite de vaca é deficiente de alguns minerais.

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite	%
Anama Preciosa I Misterio	PO	10-1	1."	26	27,0	3,06
V. Zoraia E. Advancer	PO	9-10	1."	4	26,0	3,78
Emetea White 4 Burke Inspiration	PO	9-10	2."	86	22,0	3,78
Emetea Carita 4 M. Inportante	PO	9-7	9."	250	19,0	3,57
Bolinha	NR	—	7."	218	20,0	3,80
Decampinas Dana	PO	7-8	10."	301	17,0	3,44
Decampinas Melindrosa	PO	7-8	2."	61	23,0	3,21
Decampinas Lou'dinha	PO	6-1	11."	312	15,0	3,32
Sta. Terezinha Bailarina	GC-1	8-7	4."	106	22,0	3,94
S.T. Gina	PCOC	7-2	1."	4	24,0	3,28
Decampinas Amalia	PO	7-2	2."	52	27,0	3,08
Decampinas Leo	PO	5-2	10."	286	19,0	3,32
Decampinas Martinha Piebe	PO	4-11	6."	166	17,0	3,32
Decampinas Gracinda	PO	6-3	4."	131	14,0	3,94
Holambra Zwaartje L	PO	6-3	8."	286	14,0	3,47
Dec. Soneca Lorty N'ner	PO	5-1	1."	22	15,0	2,60
Dec. Doroteia Royal Master	PO	4-7	6."	166	16,0	3,66
Sta. Terezinha Medalha	PCOC	5-4	10."	281	13,0	4,13
Dec. Katia R. Prince	PO	4-3	6."	166	19,0	3,46
Dec. Florida A. Chief	PO	4-1	3."	81	18,0	3,00
Dec. Mariza A. Chief	PO	4-1	3."	91	20,0	3,32
Dec. Lu Forty Niner	PO	4-7	3."	76	27,0	3,28
Sta. Terezinha Cotuba	PCOD	6-2	3."	62	22,0	3,11
Dec. Celia Bootmaker	PO	3-11	1."	27	14,0	3,71
Dec. Malva Bootmaker	PO	2-8	9."	252	21,0	3,78
Sta. Terezinha Jugara	PCOD	7-9	8."	222	20,0	3,38
Dec. Famosa C. Sovereign	PO	4-0	8."	219	14,0	3,47
Dec. Piloto Bootmaker	PO	2-4	7."	203	13,0	3,66
Sta. Terezinha Lameira	GC-1	7-1	5."	129	16,0	2,77
Dec. Independente Rag Apple	PO	2-7	5."	128	18,0	3,12
Dec. Caravela Bootmaker	PO	3-4	5."	128	20,0	3,16
Dec. Salina Bootmaker	PO	2-3	4."	105	15,0	3,22
Sta. T. Longarina Buddy	GC-1	5-1	4."	106	21,0	3,04
Dec. Ema Comet Sovereign	PO	4-6	3."	69	17,0	3,76
Dec. Nero Arlinda Chief	PO	3-8	3."	115	14,0	3,16
Dec. Japonesa Capsule	PO	3-6	3."	75	21,0	2,71
Sta. Terezinha Joaninha II	GC-1	8-0	1."	7	26,0	2,80
Dec. Renda Bootmaker	PO	3-3	1."	44	20,0	3,23
Amilcar Farid Yamin. Atibaia. SP. Em 18-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Roland 1554 Leda Inka	PO	7-6	2."	31	30,0	2,74
Maracanã Inka	PO	4-8	3."	74	34,0	3,10
Dário Freire Meirelles. Campinas. SP. Em 23-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Videsa 644 Royal Esther	PO	10-8	2."	51	32,0	2,96
Sylvia Aiuba Captain	PO	10-5	4."	112	18,0	3,13
São Martinho Patricia Hop Pat	PO	8-7	3."	74	18,0	3,39
Alder Grance Carol Supreme 1	PO	9-4	2."	30	30,0	3,59
Linmack Della	PO	7-7	2."	47	27,0	3,26
S.M. Simone Triune Fury	PO	5-9	9."	242	18,0	3,92
S.M. Myra Advocate Fury	PO	6-1	3."	80	32,0	3,34
S.M. Hazel Reflection Fury	PO	5-8	5."	132	22,0	3,56
S.M. Den Walker Centurion	PO	5-11	3."	70	25,0	3,08
S.M. Ilean Starman Mingo	PO	5-6	10."	284	14,0	4,80
Três Irmãos Diana Maud 2	PO	4-5	6."	167	16,0	4,01
S.M. Yara Ace Centurion	PO	5-1	3."	87	26,0	3,18
C.V. Barbosa Citation Hagen	PO	4-8	4."	101	19,0	3,63
S.M. Jackeline H. Promis	PO	5-1	3."	80	16,0	3,93
S.M. Abby Hope Pat Pride	PO	4-11	4."	122	18,0	3,42
Jangada Louvada G. Capsule	PO	4-8	3."	82	18,0	3,71
S.M. Starlet Centurion	PO	4-9	5."	127	16,0	3,43
S.M. Monalisa Fadar	PO	5-3	2."	35	14,0	3,28
S.M. Markise Premier Model	PO	4-2	5."	131	18,0	3,21
S.M. Reflection Fury Bond	PO	3-8	1."	22	21,0	3,35
S.M. Myra Fury Bootmaker	PO	2-3	9."	266	15,0	3,52
S.M. Beulah Madcap Centurion	PO	3-11	9."	258	15,0	3,88
S.M. Patricia Pat Bootmaker	PO	3-1	8."	234	14,0	3,51
Três Irmãos Provinciana Maud	PO	3-5	6."	167	15,0	3,66
S.M. Duchess Mark Capsule	PO	2-6	3."	95	17,0	4,01
S.M. Gal Reflection Bond	PO	3-1	3."	87	17,0	3,32
S.M. Bambi Ivanhoe Capsule	PO	3-0	3."	75	15,0	3,89
C.V. Alpha Rocket Citation	PO	5-3	3."	71	24,0	3,26
Três Irmãos Ormsby Leda 2	PO	3-10	2."	39	23,0	3,23
São Martinho Inka S. Bond	PO	—	1."	9	19,0	3,09
São Martinho Ferpa R. Maple	PO	—	1."	46	21,0	3,33
Olinto Marques de Paulo. Valinhos. SP. Em 27-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Grahaven Citation Dawn	PO	12-9	1."	2	22,0	4,22
Braeholm Leader Aggie	PO	8-4	6."	207	14,0	3,88

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite	%
M's Golden P.S. Reflection 15	PO	9-10	7."	249	17,0	3,93
M's Victor Elector 1	PO	10-1	1."	1	27,0	3,26
Martona's Victor Nell 2	PO	8-11	3."	93	22,0	3,66
S.A. Mistyvale C. Sovereign	PO	7-11	3."	106	20,0	4,20
Pickland F. Hope 141	PO	7-4	5."	153	15,0	4,05
Bond Haven Sally Reward	PO	7-2	1."	34	28,0	3,49
M's Paragon Golden Prilly 1	PO	9-4	9."	304	14,0	4,10
Joma Lola Luebke Fidalgo	PO	7-9	2."	77	14,0	4,23
Oak Ridges Citation Dora	PO	9-4	4."	100	21,0	3,42
Joma Luta Luebke	PO	6-11	7."	246	13,0	3,34
Angle Roxie Bell	PO	8-10	9."	323	14,0	5,15
Joma Suna Reflection Para-on 1	PO	6-0	6."	225	17,0	4,53
M's Victor Reflection 12	PO	6-0	2."	67	25,0	4,52
M's Victor Beacon 1	PO	6-2	2."	68	21,0	3,69
Glenafon Simbol Joyce	PO	6-11	2."	41	23,0	4,08
Romandale Reflection Baroness.	PO	6-3	5."	162	16,0	4,23
M's Victor G. Prilly 10	PO	5-6	9."	302	15,0	3,99
Bond Haven Marquis S. Beauty	PO	6-7	2."	40	21,0	3,51
M's Classic Victor 1	PO	6-3	1."	35	30,0	3,59
Alsarm Crisscross Ella	PO	6-0	3."	88	24,0	3,51
Enghill Rockman Tamy	PO	5-2	4."	121	17,0	3,95
Joma Miss Mistyvale Emperor	PO	5-4	2."	57	20,0	3,64
Glenafon Rockette Corrine	PO	6-0	4."	148	20,0	3,67
Marjan Beta Texal Hagen	PO	4-7	1."	5	16,0	4,06
Marjan Melissa Re-Echo	PO	4-1	4."	128	14,0	3,55
Marjan Gama Hada	PO	4-0	6."	206	18,0	3,62
Marjan Persia Perseus	PO	3-7	4."	125	15,0	3,34
Marjan Viva Star	PO	3-9	1."	9	27,0	3,31
Marjan Atenas Benton	PO	3-10	3."	97	16,0	3,97
Marjan Judia Burke	PO	4-0	3."	86	16,0	3,89
Ali Magic Hada Cotty	PO	4-11	2."	36	18,0	2,97
Marjan Brama Bentum	PO	2-11	8."	284	14,0	3,78
Marjan Tula Marquis Telstar	PO	3-1	6."	187	13,0	3,83
Marjan Flora Star	PO	2-11	2."	61	15,0	3,87
Marjan Balada Star	PO	2-5	2."	61	18,0	4,24

Comercial, Industrial e Agrícola I.A.D. Ltda. Campinas. SP. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

S. Rafael 29 Bragantina	GC-1	9-2	6."	151	18,0	2,79
Carol Ann Maple Rancho Isa	GC-2	3-0	6."	150	18,0	3,36
Rancho Isa Segunda Geminis	PCOD	5-4	6."	144	16,0	3,43
S. Rafael 49 Cromada	GC-1	8-6	6."	140	15,0	2,73
Etrusca 173 Golden Duke S. Rafael	GC-1	5-11	6."	205	20,0	2,57
Rancho Isa Moreira	PO	4-11	6."	164	18,0	2,87
São Rafael 35 Coimbra	GC-1	8-9	5."	128	21,0	3,17
Mira Seaman G.D. Rancho Isa	GC-2	2-4	5."	115	17,0	2,61
Branca Jupiter do Rancho Isa	GC-2	3-2	5."	118	19,0	2,79
Fanta 273 Noel de S. Rafael	GC-2	5-7	4."	112	21,0	2,71
São Rafael 41 Cinderela	GC-1	8-9	4."	90	25,0	2,56
Rancho Isa Brava Jupiter	GC-1	3-2	4."	104	16,0	2,54
Cora	—	—	4."	97	21,0	3,22
S.R. 153 Espuma Golden Duke	GC-1	6-8	3."	77	24,0	2,75
Corada do Rancho Isa	GC-2	4-2	3."	83	18,0	3,27
Friteira 271 G. Duke S. Rafael	GC-1	5-7	3."	66	21,0	3,44
Holambra Atje XX (H-1172/1362)	PO	8-9	2."	35	22,0	2,96
São Rafael 44 Cartilha	GC-1	8-10	2."	55	26,0	2,73
S. Rafael 155 Espiã G. Duke	GC-1	6-9	2."	32	25,0	3,03
S. Rafael 222 Flanela G. Duke	GC-1	6-0	2."	29	22,0	2,86
S.R. 171 Escuna 30 Golden Duke	GC-2	6-6	1."	16	29,0	3,44
Flor de Lis 273 Noel S. Rafael	GC-2	6-1	1."	10	30,0	3,54
Glenafon Apple do Rancho Isa	GC-2	4-4	1."	10	30,0	3,29

Continuação dos resultados parciais de controle

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite	%
Cia. Agrícola Fazenda Sta. Maria da Posse. Itupeva. SP. Em 12-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Amazonas G.M. Clemencia	PCOC	3-3	6."	152	14,0	4,20
Nonales Rocket Adantha	PO	12-4	5."	141	14,0	3,21
Balada	GHB	9-8	3."	90	24,0	3,30
Sta. Annela Skokie S. Walker	PO	7-4	5."	142	17,0	4,00
Ontario Habanera Fairlea	PO	8-2	5."	142	17,0	3,04
S.J.T. Ligia Re-Echo Skytidy	PO	8-5	2."	33	19,0	3,27
Suspiro's Citation Rina 3	PO	7-11	1."	20	27,0	3,25
Dina S.M. Posse	PCOC	7-2	6."	158	18,0	3,98
Posse Espuma	PCOC	7-1	1."	5	32,0	3,94
Ch.P. Mar. G.R. Apple 440 Car.	GC-2	6-0	4."	130	15,0	3,15
Ch.P. Baukje P. 443 de Car.	GC-2	6-7	6."	167	14,0	3,18
Pe-se Extra	PCOC	7-2	4."	97	30,0	3,08
Monje Elena Ciceron Ideal	PO	6-4	1."	13	22,0	2,20
F.C. Ada Supreme Pabst	PO	5-7	7."	198	16,0	3,16
Favela Master Dean Posse	GC-2	6-3	2."	32	28,0	3,08
Surodana Susie Toro	PO	5-11	8."	221	15,0	3,08
Malena 301 General Reven	PO	6-3	6."	156	15,0	3,08
Fabula Brisa Piebe Posse	PCOC	4-10	9."	262	13,0	3,08
Farpa Bragança Piebe Posse	GC-3	5-5	6."	165	15,0	3,08
Surodana Missy Toro	PO	6-11	4."	93	23,0	3,08

elementos-traços e vitaminas, devido à resistência nas pastagens e alimentação adequada.

O "leite substituto" é enriquecido com esses nutrientes em quantidades adequadas, cientificamente dosadas, resultando no melhor crescimento e saúde dos bezerros do que quando alimentados com leite de vaca.

3. Um bom "leite substituto" é nitidamente livre de bactérias patogênicas (tais como tuberculose e brucelose), tornando-se então um alimento seguro, aumentando a resistência dos animais.

O "leite substituto" tem invariavelmente a mesma composição, enquanto a composição do leite de vaca pode variar de acordo com a alimentação e período de lactação, o que é prejudicial ao desenvolvimento da cria.

4. O "leite-substituto" contém elementos essenciais para o crescimento e saúde dos bezerros, tais como antibióticos e quimioterapêuticos, assegurando um processo de crescimento normal, sem problemas e com maior aproveitamento em menos tempo. A Denkanit Nederland recomenda um programa de alimentação perfeito que, com a combinação de distribuição, atenção às instalações adequadas, ou seja, um bom manejo, assegurará o crescimento rápido dos bezerros, tornando-os animais saudáveis, produtivos, bem desenvolvidos e com grande resistência à moléstias. Novas crias bem criadas poderão procriar e produzir pela primeira vez na idade de 24/26 meses. No caso de novilhas criadas com leite de vaca, a sua primeira cria só ocorrerá aos 36 meses o que se torna caro e anti-econômico.

Em resumo, a continuidade no uso dos produtos Denkanit proporciona aos criadores melhoria de seu plantel e, conseqüentemente, maiores lucros.

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite %		
S.J.T. Cora Senreflect 328	PO	4-8	5."	137	22,0	3,64	Juiza P. Esmeralda P. D'Alho	GHB	3-6	3."	76	17,0	4,61
Gondola Balada Maple Posse	GC-2	5-1	3."	84	27,0	3,50	Juventude do Pau D'Alho	GC-4	3-5	3."	63	26,0	3,18
Garrucha da Posse	PCOC	4-6	4."	91	23,0	3,55	Lusiada do Pau D'Alho	GC-3	2-4	3."	50	20,0	3,79
S.M.P. Gralha A. Pineyhill	PO	4-9	2."	70	16,0	3,86	Mecha do Pau D'Alho	PCOC	2-1	3."	51	22,0	3,30
Kate Galera S.M. Posse	PCOC	4-5	5."	121	19,0	3,46	Miramar H.M. Ipiranga P. D'Alho	—	—	2."	32	21,0	3,82
Surodana Bertha Toro	PO	6-7	7."	184	14,0	3,74	Dr. Flavio Castelo Branco Gutierrez. Sete Lagoas. MG. Em 9-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Westering Frida 2 Carambei	GC-1	5-9	2."	41	16,0	2,73	Biboca de Morada Nova	31/32	12-11	3."	91	15,0	3,53
S.M.P. Goiaba Burke Kate	PO	4-3	3."	89	21,0	2,91	Elegancia de Morada Nova	NR	11-11	6."	157	15,0	4,36
Firmes 448 Bruma Hazelwood	PO	7-9	10."	288	14,0	3,82	Alfafa de Morada Nova	NR	9-5	1."	27	14,0	3,19
Posse Hera Majority	GC-2	3-8	5."	137	16,0	3,55	Ovelha de Morada Nova	NR	7-1	4."	98	14,0	4,13
Posse Hortencia D. Burke	GC-3	3-1	6."	152	15,0	3,30	Palma de Morada Nova	NR	5-11	4."	99	16,0	4,77
Gr. V. India Rockman	PO	3-7	3."	88	17,0	3,49	Cordeira de Morada Nova	NR	6-10	1."	26	15,0	3,90
Gr.V. Izabel Araruama Capsule	PO	3-6	4."	98	18,0	3,43	Quina de Morada Nova	NR	7-11	3."	78	13,0	3,66
Martha Rockman de Ann Mary	PCOC	4-1	3."	89	17,0	4,75	Tabela de Morada Nova	NR	6-4	1."	23	18,0	3,25
V Z 48 Delfina Count	PO	3-1	2."	54	21,0	2,49	Franca de Morada Nova	NR	6-3	1."	14	18,0	5,30
A.M. Silvia C. Charmer	PO	3-6	2."	45	15,0	3,62	Semente de Morada Nova	NR	6-0	3."	79	13,0	3,43
A.M.I. G. Diplomata Rockman	PO	3-10	2."	34	15,0	5,12	Persia de Morada Nova	NR	6-0	1."	4	15,0	3,37
Ann Mary Margo C. Charmer	PO	2-9	8."	222	14,0	3,55	Dr. Sylvio Lima Marinho. Andradina. SP. Em 2-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Conchita Cit. C. de Ann Mary	PO	2-9	8."	211	13,0	3,50	Trebol Marina	PO	6-1	5."	141	17,0	3,28
Imbuia Kate da Posse	PCOC	2-6	6."	178	14,0	4,02	Potiguar Bella Roburke Leader	PO	4-4	5."	142	14,0	3,27
Ann M. Marilyn Forsyte	PO	2-5	6."	149	14,0	3,54	Sta. Anezia M. Mosquita B.	—	—	1."	10	20,0	3,28
Ann M. Julie Hagas Forsyte	PO	2-5	5."	134	14,0	3,41	João Figueiredo Frota. Varginha. MG. Em 3-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
S.M.P. Ilusão B. Kate da Posse	GHB	2-6	5."	126	17,0	3,25	Julia Champion SS	GC-1	7-10	3."	73	22,0	3,67
G.V. Jane High Brow	PO	2-11	4."	115	14,0	3,30	Lenda Champion SS	GC-1	10-6	6."	143	20,0	4,03
S.M.P. India Astronaut	PO	2-5	4."	103	15,0	3,95	Juanita Vermelha 21	GC-1	6-0	1."	18	28,0	4,84
A.M. Cora Diplomata Rockman	PO	2-3	3."	90	19,0	3,96	Menina Laura 6 SS	NR	—	2."	30	30,0	5,92
Ina Dina Kate da Posse	PCOC	2-8	2."	58	17,0	3,30	Malva SS	NR	—	2."	55	26,0	3,53
Jacumauba da Posse	PC	1-4	2."	55	16,0	3,74	SS Nicacia	PO	4-10	2."	56	24,0	4,43
Jabulicada da Posse	PC	2-2	2."	52	22,0	3,36	Nazaré Majority	GC-1	4-8	1."	38	21,0	4,09
A.M. Florida D. Rockman	PO	2-4	2."	41	18,0	3,74	Mademoiselle SS	PO	5-9	3."	78	23,0	3,62
Inajahara Capsule da Posse	PC	2-9	2."	40	15,0	3,64	Mariana Brigeen Chief	GC-1	5-10	1."	23	21,0	4,35
Ann Mary Susie I D. Rockman	PO	2-6	2."	35	22,0	3,29	Oscarita Mashall	PO	2-3	2."	51	22,0	4,36
Ann Mary S. Hamlet Marquis	PO	2-1	2."	29	17,0	3,35	Napolitana SS	GC-1	5-4	2."	29	27,0	5,21
Janauba da Posse	PO	2-3	1."	25	18,0	2,92	Mococa SS	PO	5-10	1."	1	21,0	3,26
Ann Mary Nettie H. Marquis	PO	2-2	1."	19	15,0	3,76	Pachola Royal Master	GC-3	3-6	1."	26	21,0	4,86
Ann Mary Ellen D. Rockman	PO	2-6	1."	10	26,0	3,33	Instituto de Estudos e Pesq. Sociais Holambra II. Parapanema. SP. Em 3-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Ann Mary Susie II D. Rockman	PO	2-7	1."	9	19,0	3,65	Bertha 60	PO	4-11	2."	42	14,0	3,52
Jacob Rosier Dutilh. Campinas. SP. Em 1-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Guido Fabrocini. Salto SP. Em 2-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Chupa-Flor do Pau D'Alho	GHB	10-2	8."	228	25,0	2,67	Pecoradale Mr. Monarch Nelda	PO	6-3	2."	57	16,0	3,52
Doçura do Pau D'Alho	GHB	9-4	10."	292	17,0	4,35	Inglis Modeling Berta	PO	6-1	3."	72	24,0	3,31
Esperança do Pau D'Alho	PCOC	8-9	8."	216	23,0	5,26	Merry Ayr Coronado Rose	PO	6-3	2."	29	15,0	3,91
Henrietta do Pau D'Alho	GHB	6-1	1."	16	34,0	4,21	Thornstead Ivanhoé Theresa	PO	5-10	5."	129	15,0	3,52
Hisotria do Pau D'Alho	GHB	5-11	4."	97	33,0	3,26	Bud Ranch Apryl Ben	PO	5-9	6."	150	13,0	4,33
Igaçaba do Pau D'Alho	GHB	4-10	6."	153	23,0	3,34	Embar Olan Zipp	PO	5-9	4."	102	14,0	4,13
Haifa do Pau D'Alho	GHB	4-8	11."	320	18,0	4,22	Freetridge Monitor Suzy	PO	5-8	6."	169	14,0	3,93
Iliada do Pau D'Alho	GHB	5-3	1."	16	32,0	4,32	Len Lyn Jane Girl Burke	PO	5-8	3."	80	14,0	3,38
Identidade do Pau D'Alho	GHB	5-4	2."	30	35,0	3,41	Willow Terrace Reflector Lydie	PO	5-3	3."	70	21,0	2,98
Ibitinga do Pau D'Alho	PCOC	4-5	8."	204	19,0	4,48	Willow Terrace Ivan La Granny	PO	5-6	5."	116	14,0	3,98
Inspirada do Pau D'Alho	GHB	4-8	6."	153	22,0	3,43	Emerling Dandy Mandy	PO	5-5	5."	134	16,0	4,00
Indaiatuba do Pau D'Alho	GHB	4-11	4."	108	29,0	3,50	Mears G.B. Kerk	PO	6-0	5."	138	16,0	3,81
Indi-ena do Pau D'Alho	GHB	4-5	8."	220	18,0	4,28	Flax Mill Fern Minuteman	PO	5-8	4."	113	17,0	3,45
Inqá do Pau D'Alho	GHB	5-0	2."	32	40,0	2,79	S.T.M. Beatriz D. A. Majority	PO	3-3	1."	40	15,0	3,54
Instancia do Pau D'Alho	GHB	4-3	6."	163	22,0	3,77	Dr. Manoel Carlos Aranha. Itupeva. SP. Em 15-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Italia A. Estatuza Pau D'Alho	GHB	4-6	2."	88	31,0	3,61	Joanita da Prata	PCOD	7-4	6."	212	19,0	4,29
Incidencia do Pau D'Alho	GHB	4-6	4."	88	28,0	3,43	Didinha da Prata	GC-2	5-8	6."	208	20,0	4,21
Julie Jack F. do Pau D'Alho	GHB	4-1	5."	121	24,0	3,49	Bianca da Prata	GC-1	4-10	6."	201	16,0	3,74
Infanta do Pau D'Alho	PCOC	4-1	7."	192	16,0	4,05	Araçatuba da Prata	GC-1	4-8	6."	190	19,0	3,55
Jequitiba Comet G. Pau D'Alho	GHB	4-1	4."	93	27,0	2,56	Linda da Prata	GC-1	5-7	6."	186	20,0	3,11
Ipiranga R. Decima Pau D'Alho	GHB	4-3	3."	68	27,0	2,94	Elsa da Prata	PCOD	8-4	6."	171	18,0	4,10
Jubilosa do Pau D'Alho	GC-1	4-2	2."	30	28,0	3,36	Jandira da Prata	PCOD	7-3	6."	168	20,0	3,46
Japonesa do Pau D'Alho	GHB	3-3	11."	295	14,0	3,56	Belgica da Prata	PCOD	11-9	6."	180	17,0	3,17
Jardineira R.M.B. Pau D'Alho	GHB	3-2	8."	215	22,0	4,04	Barrinha da Prata	PCOD	6-0	5."	149	28,0	2,51
Jamanta Mil-Key A. Pau D'Alho	GHB	3-3	8."	202	14,0	4,06	Delicada da Prata	GC-1	5-8	5."	138	20,0	3,92
Pau D'Alho Jasmin M. Bertha	PO	3-11	1."	8	25,0	3,59	Famosa da Prata	GC-2	3-9	5."	124	18,0	3,90
Jamba do Pau D'Alho	PCOC	3-4	4."	104	24,0	3,64	Lindolia da Prata	GC-1	2-9	4."	134	15,0	3,46
Jandiroba do Pau D'Alho	PCOC	3-9	1."	27	32,0	3,03	Janusia da Prata	PCOD	7-4	4."	113	18,0	3,18
Lisboa Bonus F. Pau D'Alho	GHB	2-4	11."	297	16,0	4,37	Dagmar da Prata	GC-1	6-0	4."	110	15,0	3,82
Leiteira do Pau D'Alho	PCOC	2-4	11."	295	14,0	5,12	Mimosa da Prata	PCOD	7-10	4."	109	19,0	4,12
Imediata do Pau D'Alho	PCOC	3-11	10."	292	15,0	4,66	Elaine da Prata	PCOC	5-11	4."	103	21,0	3,67
Liberdade do Pau D'Alho	PCOC	2-4	10."	292	15,0	4,66	Batuta da Prata	PCOC	3-9	4."	97	17,0	3,23
Largura do Pau D'Alho	PCOC	2-1	9."	258	14,0	3,99							
Lobinha do Pau D'Alho	PCOC	2-3	9."	246	14,0	3,90							
Lituana do Pau D'Alho	PCOC	1-11	9."	245	14,0	4,06							
Limpesa do Pau D'Alho	PCOC	2-5	8."	225	15,0	4,35							
Lata do Pau D'Alho	GC-5	2-6	7."	172	16,0	3,93							
Jaguaruna do Pau D'Alho	GHB	3-6	7."	196	24,0	4,01							
Lisura do Pau D'Alho	PCOC	2-2	6."	155	15,0	4,09							
P. D'Alho Luz Sov. Imperatriz	PO	2-9	6."	161	20,0	3,43							
Ligeira do Pau D'Alho	PCOC	2-2	5."	142	15,0	4,27							
Milagrosa P.F. do Pau D'Alho	GHB	2-0	4."	108	20,0	3,49							
Lat Via do Pau D'Alho	PCOC	2-3	4."	87	23,0	2,52							

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con-trole de lactação	Dias de Leite	%
Catita da Prata	GC-1	2-7	3.º	89	18,0 3,46
Jupira da Prata	GC-2	2-7	3.º	104	16,0 3,33
Niquelandia da Prata	31/32	7-1	2.º	61	26,0 2,60
Soberana da Prata	GC-1	2-10	2.º	59	19,0 3,85
Vanda da Prata	31/32	3-7	2.º	56	19,0 4,03
Dorinha da Prata	GC-1	3-11	2.º	56	19,0 3,75
Renuncia da Prata	GC-1	4-7	2.º	42	20,0 3,59
Ermelinda da Prata	GC-1	10-2	2.º	31	35,0 4,62
Mira da Prata	PCOD	6-6	1.º	25	31,0 3,76
Maruja da Prata	PCOD	6-10	1.º	15	29,0 3,13
Plateia da Prata	GC-1	6-4	1.º	9	28,0 5,27
José Saad. Cabreuva. SP. Em 7-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Cast. Raul Dina 140	PO	7-2	2.º	56	17,0 3,73
Roland 1592 Laura Mirta	PO	7-5	2.º	35	14,0 3,52
Car. C.P. Mine Citation 462	PO	5-5	1.º	22	17,0 3,68
Degeus Nelia Pila	PO	4-6	4.º	223	18,0 3,06
Anama Cinta Dividend	PO	4-3	4.º	110	14,0 2,85
Cast. Jager Antje 101	PO	4-11	4.º	88	14,0 3,87
N.S.C. Bibi	PO	6-6	3.º	75	19,0 3,44
M. Elena 434 Desiderio Domino	PO	4-6	3.º	65	13,0 3,34
Adherbal Ribeiro Avila. Pindamonhangaba. SP. Em 2-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
Jarrinha do Burity	31/32	7-10	1.º	27	30,0 3,07
Estrela do Burity	31/32	6-7	1.º	27	29,0 3,06
Marisol do Burity	31/32	6-4	1.º	82	27,0 2,69
Linda Flor do Burity	31/32	8-7	1.º	63	25,0 2,89
Rosa Branca do Burity	31/32	6-10	1.º	27	18,0 3,08
Dr. André Broca Filho. Guaratinguetá. SP. Em 7-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Antartica Dedé	PCOD	5-6	10.º	278	16,0 4,69
Dedé Camurça	PO	4-6	9.º	256	14,0 3,18
Karelina	PO	8-4	4.º	102	19,0 3,84
Rainha Dedé	PCOD	8-0	4.º	92	16,0 3,90
Aliança Dedé	PCOD	5-9	4.º	126	15,0 4,38
Dedé Antuerpia M. Frans	PO	6-4	2.º	73	17,0 4,08
Dedé Dama	PO	3-9	2.º	83	20,0 3,44
Dr. Manoel Alves de Castro. Passa Quatro. MG. Em 4-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
Arlete Gina	PO	11-8	1.º	10	18,0 3,98
Arlete Clara Seringueira	PO	7-5	1.º	10	17,0 3,76
Arlete Poesia 2.ª	PO	6-11	4.º	106	17,0 3,46
Arlete Luneta	PO	6-5	2.º	32	18,0 3,44
Arlete Balada Ultima 69	PO	5-4	2.º	48	16,0 4,08
Cia. Baptista Scarpa Ind. e Comércio. Itanhandú. MG. Em 5-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					
3 ordenhas					
Belesa Jardim	GHB	12-0	4.º	117	19,0 3,70
2 ordenhas					
Jardim Oliveira	PO	4-8	2.º	46	18,0 3,43
Jardim Portuguesa	PO	3-11	2.º	31	17,0 3,06
Mario Bernardo Garnero. Souza. SP. Em 18-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Paraíso Saliente Fidalgo	PO	5-3	1.º	49	22,0 3,29
Paraíso Semelhança Ace	PO	5-0	1.º	39	24,0 3,28
Paraíso Topazia Magnifico	PO	3-10	1.º	44	22,0 3,72
Paraíso Ultrafé Astronaut	PO	2-8	1.º	48	20,0 3,24
Paraíso Ultra Burke Kate	PO	2-9	1.º	48	17,0 4,00
Paraíso Uchima Burke Kate	PO	2-11	1.º	44	16,0 3,79
Par. Tocantina Fidalgo	PO	3-10	1.º	26	21,0 3,27
Par. Solista Fidalgo	PO	4-7	1.º	24	26,0 3,17
Par. Universal Burke Kate	PO	3-3	1.º	15	19,0 2,92
Par. Unilona Fidalgo	PO	2-10	1.º	15	16,0 4,00
Par. Uplana Magnifico	PO	2-10	1.º	8	16,0 2,84
Margarida Polak Lara. Santa Gertrudes. SP. Em 27-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Faxina Liz Taylor	PO	3-9	3.º	97	15,0 4,21
Faxina Elvira	PO	7-4	2.º	58	25,0 3,57
Faxina Baby Rivella	PO	6-6	1.º	25	29,0 4,23
Faxina Maria Theresa	PO	5-9	7.º	201	13,0 3,43
Colégio Adventista Brasileiro. Santo Amaro. SP. Em 25-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Prima Medalist II C.A.B.	GHB	11-3	3.º	88	14,0 2,19
Beladona Medalist C.A.B.	GHB	9-1	7.º	223	13,0 2,31
Banqueira Medalist II C.A.B.	GC-6	7-11	7.º	212	15,0 4,74

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con-trole de lactação	Dias de Leite	%
C.A.B. Flautista II Medalist	PO	7-11	1.º	71	14,0
Delicada Medalist II C.A.B.	GHB	7-9	3.º	89	18,0
Belica Medalist C.A.B. II	GHB	7-1	7.º	215	18,0
Festiva Medalist C.A.B.	PCOC	7-4	3.º	79	19,0
Preferida Colonel C.A.B.	GHB	6-3	8.º	225	13,0
Fontenova Colonel C.A.B.	PCOC	6-11	4.º	111	17,0
C.A.B. Florada Medalist II	PO	6-9	8.º	234	16,0
C.A.B. Sensata Medalist II	PO	6-7	5.º	135	16,0
Complicada Medalist C.A.B.	PCOC	5-9	7.º	204	15,0
F.L.G. Radiosa Flashy Medalist	PO	7-0	5.º	134	14,0
Franca Medalist II C.A.B.	PCOC	5-6	5.º	134	19,0
Basica Medalist II C.A.B.	PCOC	5-6	5.º	146	15,0
C.A.B. Formada Medalist	PO	5-2	2.º	41	20,0
Fama Maple C.A.B.	PCOC	4-9	4.º	101	25,0
Marjan Neba Cotty	PO	4-0	9.º	261	14,0
Bonança Model C.A.B.	GC-8	4-0	8.º	234	14,0
Romã Model C.A.B.	PCOC	4-1	8.º	244	15,0
C.A.B. Faroleza Monitor	PO	3-11	9.º	287	12,0
Fábula Graciela C.A.B.	GHB	3-9	5.º	164	14,0
Certeza Graciela C.A.B.	GC-4	3-10	4.º	132	12,0
C.A.B. Seiva Graciela	PO	3-8	3.º	87	12,0
Dotada Graciela C.A.B.	GC-7	3-11	4.º	98	18,0
Beleza Majority C.A.B.	PCOC	4-1	4.º	66	24,0
C.A.B. Soberana Graciela	PO	4-1	1.º	7	20,0
Brasília Graciela C.A.B.	GC-6	3-10	1.º	19	19,0
Risonha Monitor C.A.B.	PCOC	2-8	9.º	271	12,0
C.A.B. Sauna Centurion	PO	3-0	5.º	145	14,0
Falada Graciela C.A.B.	PCOC	3-6	5.º	151	14,0
C.A.B. Fatura Majority	PO	4-2	4.º	99	12,0
C.A.B. Sombra Monitor	PO	3-2	1.º	116	13,0
C.A.B. Tirana Centurion	PO	2-8	3.º	65	12,0
Lady Centurion C.A.B.	PCOC	2-11	3.º	86	14,0
Fenda Monitor C.A.B.	PCOC	2-5	3.º	76	20,0
Fulgorita C.A.B.	PCOD	2-8	1.º	12	17,0
Batuta Perseus C.A.B.	GHB	2-5	1.º	21	15,0
Bertioga Majority C.A.B.	GHB	3-1	1.º	27	12,0
Dr. Roberto Calmon B. Barreto. Descalvado. SP. Em 24-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Borboleta Besita	PCOD	4-10	5.º	139	12,0
Ultratil Magnifico do Paraíso	PCOC	2-6	5.º	140	17,0
Paraíso Uatapu Mil-Key	PO	3-1	5.º	137	19,0
Uruguia Besita	PCOD	8-9	5.º	148	15,0
Manita Besita	PCOD	7-9	5.º	150	15,0
Vistosa Besita	PCOD	7-10	5.º	144	13,0
Garcinha Besita	PCOD	3-4	5.º	176	16,0
Aleluia R.C.B.B.	PCOD	6-5	4.º	108	22,0
Atilia R.C.B.B.	PCOD	6-5	4.º	107	23,0
Ramos. Medeiros & Cia. São João Novo. SP. Em 30-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					
3 ordenhas					
Trebol Enriqueta B.	PO	7-5	4.º	116	15,0
Ali Sunbeam Import. Carla	PO	6-0	5.º	128	14,0
Ali Ricarm 1058 Geraldine	PO	6-0	3.º	66	15,0
Valeria do Lago	PCOD	6-7	3.º	102	16,0
2 ordenhas					
Brillante 285 Solita Patriado	PO	7-4	2.º	68	13,0
Ontario Chicuetta Canadá	PO	7-5	1.º	38	17,0
Ali Especial Animosa	PO	6-5	1.º	20	14,0
Carlos José da Silva Bernardes. Lorena. SP. Em 16-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Arapoti Conde Pukkie 12	PC	7-1	2.º	77	13,0
Hilda Doly B. 1869 de Car.	PC	4-5	2.º	152	13,0
Hilda Rag Apple Maaike 2	PO	4-7	2.º	137	16,0
Hilda Dean W. Farroupilha	PO	5-11	1.º	11	18,0
Belchior Fernandes Batista. Cruzeiro. SP. Em 11-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Nhandu Libra	PO	3-5	2.º	79	13,0
Maridon Empress Karry	PO	4-8	2.º	87	19,0
Nhandú Lometa Charm	PO	4-1	1.º	12	16,0
Dr. Manuel Pontes Neto. Ituverava. SP. Em 16-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
Cuarajhia Dandy Senoria	PO	10-3	3.º	62	20,0
Suspiro's Citation Ruperta 10	PO	7-7	4.º	101	20,0
River Valley Queen Crissy	PO	6-7	1.º	9	24,0
Angle Telstar Terry	PO	8-6	1.º	15	21,0
International Bonita	PO	7-5	6.º	164	20,0
Grahaven Citation Dianna	PO	10-2	3.º	72	21,0
Glenafon Lora Evelyn	PO	6-9	1.º	2	20,0

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos	Con- trôle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos	Con- trôle	Dias de lactação	Leite %		
Romandale Ormsby Flora	PO	5-5	4.º	97	15,0	3,73	Jang. Irmã I D. Fayne	PO	6-6	2.º	42	28,0	3,80
Elmlyn Citation Polly	PO	7-4	7.º	211	18,0	4,72	Jang. Invejada D. Fayne	PO	5-9	10.º	298	16,0	4,40
Stewardhaven Marg Rebeca	PO	5-0	4.º	94	18,0	3,82	Jang. Independencia Lucifer	PO	6-1	6.º	154	20,0	4,19
S.J.T. Michelita Ellen 393	PO	3-11	2.º	33	26,0	3,68	Jang. Irmã II D. Fayne	PO	6-6	2.º	45	37,0	3,31
Amizade Angela P. Rockman	PO	3-7	3.º	80	17,0	3,70	Martona's Victor F. Row 5	PO	6-6	4.º	94	28,0	3,82
S.D. Bartira Glenvue Celebrity	PO	3-0	1.º	10	20,0	3,78	Jang. Jundiá Master Dean	PO	5-10	1.º	33	23,0	3,58
S.D. Amizade Bony Rockman	PO	2-6	4.º	120	14,0	3,50	Jang. Japona Promis	PO	5-9	1.º	27	23,0	3,43
A.M. Simone Diplomata Rock.	PO	2-6	4.º	115	18,0	3,94	Jang. Judite Master Dean	PO	6-3	2.º	57	16,0	4,05
A.M. P. Leopoldina Rockman	PO	2-7	3.º	86	19,0	4,10	Jang. Justiça Diamond	PO	5-9	6.º	163	17,0	3,81
S.D. Amizade G. R. President	PO	3-2	3.º	105	17,0	4,10	Jang. Jacqueline Master Dean	PO	5-9	2.º	65	24,0	3,08
S.D. Amizade B. Rockman	PO	2-3	1.º	3	18,0	3,81	Jang. Jacarei Master Dean	PO	5-10	1.º	32	24,0	4,00
S.D. Amizade Ellen I H. G. Mar.	PO	2-3	1.º	2	23,0	3,32	Jang. Jaceguai Master Dean	PO	5-10	1.º	38	20,0	3,92
Comendador João da Silva. Vargem Alegre. R.J. Em 19-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Jang. Jaboticaba Master Dean	PO	5-5	6.º	182	16,0	3,93	
Granjeira 377 Glenvue Inkari	PO	11-5	2.º	48	21,0	2,42	Jang. Javalina Promis	PO	5-8	2.º	45	29,0	3,32
Glen Forest Admiration Melody	PO	11-9	5.º	128	16,0	2,74	Jang. Jacuana Promis	PO	5-8	1.º	21	24,0	3,15
Carnation Marie Flo Princess	PO	7-10	9.º	251	16,0	2,11	Jang. Jaqueta T. Promis	PO	5-6	2.º	62	21,0	3,70
Paquequer Melkbron Baiona	PO	8-6	3.º	102	19,0	1,99	Jang. Lena Hercília Promis	PO	4-11	7.º	198	18,0	4,31
Earlyway Criss-Cross Anie Twin	PO	7-6	5.º	140	14,0	3,08	Jang. Janete Diamond	PO	5-9	4.º	118	26,0	3,79
Elms Comet Gypsy Rockette	PO	7-8	1.º	26	19,0	2,17	Jang. Lidia Honesta Promis	PO	5-2	4.º	106	27,0	3,38
Rowntree Marquis Fern	PO	7-5	6.º	161	14,0	3,87	Romandale Genius Rhonda	PO	9-6	1.º	15	31,0	3,17
Kuipercrest Royal Lassie	PO	8-6	4.º	115	19,0	2,41	Jang. Jaqueira Promis	PO	5-8	2.º	43	25,0	3,15
Oak Ridges Royal Jean	PO	9-3	1.º	27	19,0	2,22	Jang. Lucrecia F. Inf. D. Mark	PO	5-2	1.º	35	22,0	3,43
Piper View Moore Maple Kate	PO	6-10	9.º	229	14,0	2,47	Jang. Loteria H.G. Promis	PO	4-10	3.º	91	23,0	3,68
Americana 68 Burke Inka	PO	12-9	3.º	81	19,0	1,63	Jang. Leila Golondrina Promis	PO	4-5	9.º	265	17,0	4,00
Roglia's Nube Inka President	PO	6-11	1.º	1	18,0	3,07	Jang. Leni Raelwi Promis	PO	5-0	2.º	47	24,0	3,39
Oak Ridges Ormsby Lola	PO	5-7	9.º	254	14,0	3,88	Jang. Leopoldina I. Promis	PO	4-7	6.º	163	21,0	3,71
Meriwether Cloud Harriet	PO	6-3	2.º	51	25,0	2,48	Jang. Marília Hydra Buttermann	PO	3-7	10.º	294	18,0	3,85
Oak Ridges Shirley R.	PO	6-5	1.º	20	20,0	2,00	Jang. Jacarta Miga de Ouro	PO	5-10	2.º	40	28,0	3,68
Werrcroft Model Molly	PO	7-1	3.º	84	16,0	3,85	Jang. Moela Eliada Buttermann	PO	3-8	7.º	226	19,0	3,72
Opache Carmen R.	PO	6-0	1.º	2	23,0	6,35	Jang. Meire Hipolita Buttermann	PO	4-4	1.º	16	26,0	3,48
Opache Citation Gay	PO	5-9	5.º	126	16,0	2,17	Jang. Marta Itaoca Buttermann	PO	3-7	7.º	209	17,0	4,16
Meriwether Admiral Rosie	PO	7-5	1.º	4	21,0	2,84	Jang. Leviana Cleo Promis	PO	4-9	3.º	91	26,0	3,19
Werrcroft Model Doreen	PO	7-7	2.º	48	22,0	1,95	Jang. Lucinda L. Majority	PO	4-8	2.º	45	27,0	3,34
Pan Criss Rockman Francisca	PO	4-10	2.º	56	18,0	2,47	Jang. Maringa 0148 Buttermann	PO	3-8	4.º	98	19,0	4,10
Pan Criss Rockman Fedra	PO	4-10	2.º	48	25,0	1,70	Jang. Maravilha C. Bootmaker	PO	3-8	2.º	44	25,0	3,92
Pan Melody Perseus Gizela	PO	4-2	2.º	45	23,0	2,08	Jang. Libre I. Royal Master	PO	4-6	2.º	49	21,0	3,90
Ebyholme Reflection Jennie	PO	6-2	2.º	50	23,0	1,64	Jang. La Plata I. Majority	PO	4-6	1.º	27	17,0	3,83
Pan Ivanhoé Rockman Helga	PO	2-7	6.º	168	16,0	2,65	Jang. Maionese J.I. Diamond	PO	3-9	2.º	49	19,0	4,24
Waldir Junqueira de Andrade. Lins. S.P. Em 18-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Jang. Maruja J. Bootmaker	PO	3-6	3.º	96	26,0	3,88	
Flora III Lins	PCOD	10-10	2.º	45	14,0	4,21	Jang. Mumia Grauna J. Diamond	PO	3-6	2.º	53	22,0	3,49
Pera Lins	PCOD	6-10	11.º	36	19,0	3,76	Jang. Lusa Reba Promis	PO	4-9	1.º	29	27,0	3,54
Suissa Lins	PCOD	6-10	11.º	309	19,0	3,95	J. Magnesia Japira Bootmaker	PO	3-8	1.º	25	24,0	3,56
Vazante Lins	PCOD	3-11	2.º	34	16,0	4,31	Jang. Melica Iara Maple	PO	3-7	1.º	12	27,0	3,75
Vasco Mil Homens Arantes. São Carlos. S.P. Em 11-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Jang. Marcelinha E. Buttermann	PO	3-7	1.º	4	18,0	4,25	
Efigie Willy's S.A.	PCOC	6-7	9.º	253	22,0	3,70	Jang. Nova Lidia Seaman	PO	2-7	7.º	204	17,0	3,29
Embaixatriz Willy's S.A.	GC-1	6-7	7.º	188	25,0	3,51	Jang. Neblina J. Model	PO	2-7	7.º	178	16,0	3,55
S.A. Farpa Machiel	PCOC	6-0	6.º	148	25,0	3,69	Jang. Nara Samokov Seaman	PO	2-5	6.º	161	16,0	3,72
Felicia Willy's de S.A.	PCOC	5-6	9.º	235	24,0	3,26	Jang. Mista H. Bootmaker	PO	3-10	2.º	50	27,0	3,66
Flamula Willy's de S.A.	PCOC	5-6	9.º	258	22,0	3,52	Jang. Madalena D.J. Diamond	PO	3-11	2.º	54	23,0	3,20
Granjeira 687 Romano Sarah	PO	6-1	6.º	201	26,0	3,83	Jang. Niteroi Lucelia Seaman	PO	2-11	2.º	52	20,0	4,50
Granjeira 521 Celebrity Madcap	PO	8-7	6.º	158	21,0	3,55	Jang. Manga G. Buttermann	PO	3-10	1.º	35	26,0	3,17
Geralda Espanhola	—	—	2.º	32	35,0	3,22	Jang. Novara Lima J. Diamond	PO	2-11	1.º	32	17,0	3,59
Jandira	—	—	2.º	32	26,0	3,53	Jang. Lebre I Passau Capsule	PO	4-10	1.º	37	27,0	3,96
Fernando Alencar Pinto S/A. Pindamonhangaba. S.P. Em 17-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						Jang. Madre Exp. Inf. D. Mark	PO	4-2	1.º	23	25,0	3,82	
3 ordenhas						Jang. Liberia 0116 R. Promis	PO	4-7	1.º	34	25,0	4,11	
Jangada Eterna Burke	PO	11-1	1.º	11	24,0	3,46	Jang. Lais Hulha Promis	PO	5-4	1.º	25	26,0	3,56
Jang. Florida Duke Mark	PO	10-2	1.º	27	29,0	3,83	2 ordenhas						
Jangada Eliada Diamond	PO	10-5	7.º	215	22,0	4,20	Jang. Herdeira Diamond	PO	8-0	5.º	124	16,0	3,59
Jang. Garota A. Three	PO	8-11	6.º	168	23,0	4,14	Jang. Hera Dunlogin Fayne	PO	7-3	5.º	142	17,0	3,50
Jang. Guaraciaba F.D. Mark	PO	8-9	2.º	42	24,0	3,73	Jang. Herna Lucifer	PO	7-3	5.º	125	21,0	3,75
Jang. Garatuza Fidalgo D. Mark	PO	8-9	1.º	10	23,0	3,62	Jang. Honrada Diamond	PO	7-7	3.º	74	19,0	3,39
Jang. Guariba F.D. Mark	PO	8-1	7.º	295	20,0	4,12	Jangada Hepica Lucifer	PO	7-4	3.º	80	17,0	3,89
Coyman	PO	8-8	1.º	38	29,0	4,15	Jang. Helimar Lucifer	PO	7-3	3.º	80	22,0	3,20
Jangada Honesta Diamond	PO	7-7	2.º	56	27,0	3,64	Jang. Jornada Presidente	PO	5-10	5.º	137	22,0	3,10
Jang. Guaranesia Diamond	PO	8-2	4.º	118	26,0	3,47	Jang. Jurada Diamond	PO	5-9	4.º	119	17,0	3,67
Jang. Ivete Dunlogin Fayne	PO	7-2	1.º	26	27,0	3,27	Jang. Javanesa Gov. Leader	PO	5-10	3.º	73	20,0	4,31
Jang. Inedita F. Duke Mark	PO	7-1	1.º	24	29,0	3,33	Jang. Jarrinha Esfera Promis	PO	5-6	3.º	82	23,0	3,36
Demerts Rosana 416 R 1579	PO	7-8	1.º	13	25,0	3,97	Jang. Janusa Promis	PO	5-5	5.º	148	19,0	3,58
Jang. Iara Dunlogin Fayne	PO	6-11	4.º	106	20,0	4,05	Jang. Ligia Garatusa Promis	PO	4-10	3.º	75	19,0	3,66
Jang. Indigena Duke Mark	PO	7-0	1.º	4	28,0	3,26	Jang. Lima Guimar R. Master	PO	5-2	3.º	82	19,0	3,64
Jang. Ibiá Alert Michael	PO	6-4	8.º	244	20,0	3,98	Jang. Lorota Garota Capsule	PO	4-9	3.º	79	20,0	3,49
Jang. Imagem F.A. Duke Mark	PO	6-10	1.º	32	33,0	2,93	Jang. Miss Inedita Buttermann	PO	3-8	3.º	88	16,0	3,41
Jang. Inspirada Duke Mark	PO	6-7	4.º	100	20,0	3,59	Jang. Leontina H.R. Master	PO	5-1	3.º	79	20,0	3,76
Martona's Victor F. Row 5	PO	6-6	3.º	88	25,0	4,09	Jang. Maringá J. Seaman	PO	3-6	3.º	81	20,0	3,65
Jang. Irapuá Master Dean	PO	6-6	1.º	27	26,0	3,61	Jang. Minerva J. Buttermann	PO	4-0	3.º	75	17,0	3,78
							Jang. Lanterna I.R. Master	PO	3-9	9.º	301	17,0	4,40
							Jang. Naja 0137 Bootmaker	PO	2-8	4.º	99	17,0	3,36
							Jang. Lontra Carnauba G. Three	PO	4-7	3.º	90	18,0	4,07
							Jang. Lotus Boa Viagem Promis	PO	4-6	3.º	95	19,0	4,35
							Jang. Marie 0134 Promis	PO	3-4	3.º	86	19,0	3,42
							J. Mirassol Janice J. Diamond	PO	3-8	3.º	84	17,0	4,40
							Jang. Mariposa E. Diamond	PO	3-7	3.º	70	19,0	4,18
							Jang. Manequim J. Model	PO	3-4	3.º	103	17,0	3,68

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle de lactação	Dias de Leite	%
Jang. Mooca 0135 Seaman	PO	3-5	3.º	80	16,0 3,62
Dr. Lelio de Toledo Piza e Almeida. Jarinú. S.P. Em 20-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Rory's Zagala Tronador	PO	7-10	6.º	157	15,0 2,94
13 de Abr. 317 Olli Vigo Paine	PO	8-9	2.º	33	16,0 2,86
Likiano	PO	8-9	1.º	21	20,0 3,21
Paulineira Primavera	PCOD	6-10	2.º	41	17,0 2,98
Novela	PCOD	6-6	2.º	33	21,0 3,44
Hilda	PCOD	6-8	2.º	36	15,0 3,21
Quisiana Primavera	PCOD	6-6	2.º	33	19,0 3,62
Pamona	PCOD	6-6	2.º	48	18,0 3,73
Quelinda Rests Son Dona	PCOD	5-9	1.º	28	14,0 2,95
Espuma	PCOD	6-10	1.º	19	16,0 3,21
P. Sevilha Anette Gigante	PO	4-3	2.º	52	15,0 3,35
Dr. Claudio V. Roberti. Bragança. S.P. Em 7-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
Dorneira do Pau D'Alho	GHB	9-5	8.º	201	19,0 3,38
Esmeralda do Pau D'Alho	GHB	8-7	7.º	177	25,0 2,96
Estatua do Pau D'Alho	GHB	8-9	1.º	1	28,0 2,83
São Quirino M 129	GHB	9-3	8.º	211	20,0 3,54
Grama Divina Xeura	PO	8-0	8.º	202	19,0 2,76
Gesta do Pau D'Alho	GHB	6-6	9.º	239	22,0 3,60
Hilaria do Pau D'Alho	GHB	5-8	6.º	147	29,0 3,19
International Nanie	PO	5-7	9.º	230	19,0 3,68
Intensa do Pau D'Alho	GHB	4-7	6.º	165	25,0 3,63
J.P.R. Divina	PO	5-0	5.º	126	26,0 2,87
Mil-Co 52 Sirena 2 Cotty 22	PO	6-1	2.º	28	27,0 3,56
Lorena Alvaide J. Pau D'Alho	GHB	3-2	3.º	85	21,0 3,54
C.R. Juliana Haven da Bonança	GC-5	2-6	5.º	130	21,0 4,09
Lillicroft Sheila Red	PO	2-8	4.º	85	20,0 3,64
Joadá H.F. do Pau D'Alho	GHB	3-6	2.º	38	21,0 3,53
Maretona Alba	GC-5	2-9	2.º	36	21,0 3,36
Isca do Pau D'Alho	GC-1	4-9	2.º	28	29,0 3,39
Dr. Manoel Garcia Filho. Itú. S.P. Em 11-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Joma Brasília Pabst	PO	7-3	1.º	24	19,0 3,35
Olsumit Jewel Cad Scoth	PO	6-2	1.º	16	20,0 3,86
Freebrook Ivanhoé Ideal	PO	6-4	1.º	15	16,0 3,51
Jaway Togus Gipsy R. Urn	PO	5-8	4.º	91	15,0 4,05
S.T.M. Asteca Bucky T. Majority	PO	3-8	1.º	22	17,0 3,55
Semawi Generosa R. Adema	PO	4-5	1.º	37	16,0 3,74
F.C. Generosa R. Adema	PO	6-7	5.º	124	14,0 3,31
S.J.T. Inka 2 Governor 345	PO	4-8	1.º	1	20,0 3,31
Glenafon Mistress Myra	PO	2-10	1.º	122	19,0 3,32
Glenafon Empress Trudie	PO	2-5	1.º	138	15,0 2,52
L.F. Moraes Rego Arq. Const. Agro-Pec. Ltda. São José dos Campos. S.P. Em 28-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Acari Planita Payanca	PO	5-1	3.º	79	13,0 4,08
Anavil Aleta Cotty Rosaura	PO	3-11	5.º	154	21,0 3,20
Anama Beta R. 1929	PO	4-4	1.º	15	23,0 3,40
Luromas Flaca Faber Artista	PO	4-4	4.º	118	13,0 3,07
Darcy	PCOD	4-2	1.º	19	14,0 3,65
Magnolia	PCOD	4-1	8.º	216	14,0 3,70
13 de Abr. 527 M. Vigo Paine	PO	7-5	4.º	128	16,0 3,49
Dalia	PCOD	3-11	4.º	90	17,0 3,72
Malhada	PCOD	4-4	4.º	116	19,0 3,05
White Way S. Empress	PO	4-0	3.º	71	19,0 4,29
Dilma	PCOD	4-0	3.º	70	15,0 4,33
Amapola Iara M. Bavar L.F.	GC-1	2-7	1.º	11	17,0 3,62
Alice Capela M. Bavar L.F.	PCOC	2-9	1.º	13	19,0 3,18
Dr. Benedito José Soares de Mello Pati. Santo Amaro. S.P. Em 2-7-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					
3 ordenhas					
33 Coroadá Maravilha Reflector	PO	3-6	6.º	175	37,0 3,18
2 ordenhas					
Achalay Universo L. Promocion	PO	8-7	2.º	44	38,0 2,86
Anama Chicha Pow	PO	9-7	8.º	233	15,0 3,04
Valdivia's Tres Bis 145 Chumbo	PO	7-9	3.º	99	40,0 2,82
Militer Fulvia M. Taperito	PO	7-3	5.º	176	33,0 2,82
Ariense Perfecta R. Leona	PO	7-4	7.º	202	24,0 2,88
Achalay Oro Elevada Opinion	PO	7-8	8.º	229	24,0 2,78
Brillante 254 Onakita	PO	7-0	12.º	365	24,0 2,86
33 Arena Rag Apple Premier	PO	4-9	11.º	344	16,0 3,09
33 Cinderella Chumbo Model	PO	3-10	5.º	131	26,0 2,91
33 Corbelle Skokison Maple	PO	2-9	11.º	312	20,0 2,97
33 Donna Flor M. Maple	PO	2-3	9.º	267	25,0 2,62
33 Eporina Chumbo Delight	PO	—	2.º	44	22,0 2,80

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle de lactação	Dias de Leite	%
33 Escolta Marchs Premier	PO	—	2.º	44	21,0
Agência Marítima Johnson S/A. Itatiba. S.P. Em 19-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
F.B.A. Baroneza Hassa	PO	4-4	4.º	81	23,0
Fazenda e Haras Castelo S/A. Jaguariuna. S.P. Em 20-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Kea	PO	8-10	2.º	35	23,0
Jangada Helcia Lucifer	PO	7-6	2.º	34	23,0
São Quirino M 164	PCOC	9-2	4.º	116	16,0
S.Q. Pamela Duke Mark Jangada	PO	7-1	1.º	29	26,0
Aumich Rag Apple Ann	PO	6-2	3.º	65	23,0
Hiacinta do Pau D'Alho	PCOC	5-10	2.º	40	17,0
B.V. Belinha Aspirante Regal 10	PO	5-9	2.º	59	16,0
Gr. V. Helena Kuperus Citation	PO	4-10	2.º	38	22,0
Gr. V. Havana R. Rocket	PO	4-9	1.º	4	17,0
J.P.R. Excelente	PO	3-9	1.º	21	19,0
São Quirino Q 17	PCOC	6-1	3.º	77	24,0
V 52 do Castelo	PCOD	6-4	3.º	70	21,0
Canadá Florença	PCOD	6-10	2.º	38	23,0
São Quirino Q 81	PCOC	5-5	3.º	82	17,0
V 8 do Castelo	PCOD	9-1	3.º	91	14,0
X 17 N do Castelo	PCOD	5-5	3.º	63	24,0
São Quirino Q 24	PCOC	6-0	4.º	103	21,0
Arapoti Conde Irene 5	PO	4-5	4.º	110	16,0
J.P.R. Europeia	PO	3-9	2.º	38	16,0
V 50 do Castelo	PCOD	7-1	2.º	45	19,0
São Quirino Q 49	PCOC	5-9	4.º	112	13,0
S.L. Hanna Borbol. Calchaqui	PO	6-5	4.º	99	22,0
Canadá Bariri	GC-1	8-0	1.º	24	23,0
São Quirino Q 63	PCOC	5-9	3.º	72	23,0
São Quirino Q 26	GC-4	6-2	2.º	41	24,0
São Quirino P 94	GC-5	6-9	2.º	42	24,0
S.L. Arataka Baliza Astro	PCOD	7-1	3.º	69	18,0
Castelo V 12	PCOD	6-4	3.º	80	19,0
São Quirino Q 37	15/16	5-11	4.º	93	24,0
S.L. Asilada Boneca Marajá	PCOC	7-2	3.º	90	17,0
V 47 do Castelo	15/16	6-11	3.º	73	21,0
N 27 do Castelo	PCOD	7-5	1.º	27	23,0
J.P.R. Frederica	PO	3-4	1.º	30	18,0
Castelo X 21	PCOD	7-5	2.º	46	20,0
São Quirino Q 53	GC-1	5-11	2.º	38	23,0
S.Q. Papista Merrit L 168	PO	6-8	3.º	62	16,0
São Quirino Q 28	15/16	6-2	1.º	29	27,0
Castelo V 57	PCOD	9-3	1.º	9	31,0
Canadá Itaguassú	PO	8-1	1.º	16	23,0
Z 15 do Castelo	PCOC	3-5	1.º	22	18,0
Castelo V 11	PCOD	7-6	1.º	14	18,0
A 1 do Castelo	GC-3	3-4	1.º	28	18,0
A 13 do Castelo	GC-1	2-10	4.º	91	19,0
Castelo V 49	PCOD	6-9	3.º	91	13,0
F.H.C. Manon A. Otimista	PO	2-7	3.º	73	18,0
S.Q. Oblata Dean Wayne Gigi	PO	8-2	3.º	66	16,0
C.R.C. Argentina Monarch	PO	2-5	1.º	24	19,0
Yakult S.A. Indústria e Comércio. Bragança. S.P. Em 8-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Cinderela	PCOD	3-7	4.º	85	12,0
Margarida	31/32	3-11	3.º	64	15,0
Maruja	31/32	4-2	2.º	52	14,0
Balalaica G.A.G. 632	31/32	4-6	2.º	48	14,0
Marreca	31/32	4-3	2.º	47	13,0
Jandaya do Yakult	31/32	4-11	2.º	38	15,0
Escaleta 1 Var D. S.H.	GC-2	4-1	2.º	30	14,0
Falsa	31/32	3-11	2.º	28	13,0
Felga	31/32	3-6	1.º	26	15,0
Signet do Yakult	31/32	4-5	1.º	25	14,0
Inês	31/32	5-4	1.º	21	19,0
Fabula de Yakult	31/32	6-4	1.º	15	19,0
Madrigal	31/32	4-2	1.º	14	18,0
Aura	31/32	4-2	1.º	14	13,0
Anama Decidora Real	PO	5-3	1.º	2	21,0
Filosofica	31/32	3-9	1.º	1	14,0
Mien da Pequena Holanda	31/32	3-10	1.º	1	13,0
Antonio Custodio Carrijo Farias. Guaratinguetá. S.P. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Lonelm Mark Sybil	PO	7-1	11.º	312	17,0
S.J.T. Ode Hoarne Milord	PO	5-5	4.º	110	20,0
Cast. Excelsior Sammentje	PO	5-11	1.º	13	20,0
S.J.T. Ofelia Dina 2 Milord 291	PO	5-11	1.º	3	18,0

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con- trôle de lactação	Dias de Leite	%
Joaquim Peixoto Rocha. Itatiba. S.P. Em 25-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					
3 ordenhas					
S.M. Hope Patricia Mark	PO	10-4	8."	219	22,0 3,37
S.M. Hope Priscilla Walker	PO	8-5	3."	90	25,0 4,08
Linmack Alberta	PO	8-5	2."	117	21,0 3,67
J.P.R. Cristi	PO	6-2	4."	94	32,0 3,19
Pecoradale Pride Rae	PO	6-6	1."	25	29,0 3,81
J.P.R. Cisplatina	PO	6-0	2."	44	29,0 3,45
Pecoradale Ivanhoe Sue	PO	6-0	2."	59	32,0 3,09
J.P.R. Chispa	PO	5-9	5."	139	24,0 3,42
Fotter Farms Kennedy Bromada	PO	5-8	4."	101	27,0 3,62
Durwick Burke Hansel	PO	5-9	3."	67	31,0 2,86
Glenafon Hags Joyce	PO	5-11	2."	39	32,0 3,13
Tops Hagen Bon Edie	PO	5-9	2."	42	20,0 3,50
J.P.R. Catucha	PO	5-10	3."	90	22,0 3,25
Keeneland D.A. Pride Fanet	PO	5-0	2."	34	25,0 3,85
Macs Clan Juniper	PO	6-2	4."	101	27,0 2,76
Olsummit Cop Togus T. Joh	PO	5-9	3."	92	22,0 3,23
Bunker Hill Farm C. Wendy	PO	6-0	2."	39	32,0 3,25
Beaver Creek Best Bent	PO	6-1	2."	46	35,0 2,83
Carwythan Black Eagle Fern	PO	5-11	1."	27	28,0 3,12
Bond Haven Marquis Juliete	PO	6-9	4."	90	23,0 3,09
Romandale Reflection Ivy	FO	8-2	6."	164	23,0 2,77
Jaway Hagen Cris	PO	5-6	4."	117	21,0 3,39
Reveaire Galaxy Dawn	PO	5-9	1."	32	31,0 2,87
Odesa Inka 2 Dividend 315	PO	5-7	1."	23	25,0 3,15
Grahaven Ivanhoe Evelyn	PO	7-9	1."	27	22,0 3,56
Glenafon Hags Doreen	PO	6-5	4."	143	18,0 3,88
Beaver-Creek Buddy Penney	PO	6-0	1."	32	30,0 3,20
Elmcraft Gemini Bessie	PO	5-0	7."	186	19,0 3,70
Glenafon Citation Babe	PO	4-11	1."	18	32,0 3,64
Randale Centurion Kate	PO	5-1	4."	98	20,0 3,29
Jaway Togus Irma N. Troble	PO	6-3	4."	98	25,0 3,73
J.P.R. Dernier	PO	4-5	2."	58	24,0 2,93
Lady Crissliner 359	PO	4-4	2."	50	29,0 3,52
Ipuã Governess 318	PO	5-0	6."	154	22,0 3,86
Glenafon Marquis Carol	PO	4-6	1."	26	19,0 3,25
Roybrook Peg	PO	5-1	4."	103	29,0 3,61
Mohrdale Centennial Design	PO	5-5	5."	129	21,0 3,82
J.P.R. Elite	PO	4-0	4."	110	23,0 3,48
J.P.R. Esperança	PO	3-8	3."	81	22,0 3,67
J.P.R. Eleonora	PO	3-10	1."	13	30,0 3,25
J.P.R. Defensora	PO	4-7	1."	28	32,0 2,75
J.P.R. Encomendada	PO	3-6	4."	109	19,0 3,41
J.P.R. Fartura	PO	3-2	1."	22	22,0 3,28
Frenrick C.M.B. H. Prosperity	PO	5-2	7."	215	25,0 3,38
Glenafon Pansy Tulip	PO	2-3	2."	59	20,0 4,19
J.P.R. Gabby	PO	2-4	1."	25	22,0 3,88
J.P.R. Eterna	PO	3-6	1."	4	27,0 3,60
2 ordenhas					
Vauville Ena Royal	PO	7-4	3."	92	22,0 3,49
Sprucegate Majority Birdie	PO	6-0	2."	35	18,0 5,64
Dr. Carlos Antenor Consoni. Ribeirão Preto. S.P. Em 11-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Alteza da Rosa	PCOC	10-6	5."	132	17,0 3,56
Altezinha da Rosa	PCOD	7-9	7."	173	14,0 3,64
Consoni Forty Niner Fond Hope	PO	5-9	3."	78	16,0 3,43
Consoni Diamond Burke	PO	6-0	5."	137	14,0 3,42
Ira Alert da Rosa	PCOC	5-11	8."	225	13,0 3,73
Spring Burke Atraction Jess	PO	5-4	5."	152	18,0 3,73
Glencloskey Alert Rose Ana	PO	4-0	5."	156	15,0 3,83
Musky Mylady	PO	2-8	5."	156	14,0 3,83
Dr. Rubens V. de Brito. Atibaia. S.P. Em 18-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Linda	PCOC	11-5	1."	11	17,0 3,67
13 de Abril Fantasia H. Patsy	PO	8-3	4."	96	14,0 3,54
S. Elenas Mister. Temporal M.	PO	8-3	3."	79	14,0 3,94
R.V.B. Alteza Fond Hope	GC-1	5-10	1."	25	20,0 3,39
Eliana	NR	—	2."	36	15,0 3,16
Jacira	NR	—	2."	29	13,0 3,88
Antonio Moscoso. Passa Três. R.J. Em 13-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Oriente Cent. A.B.C. Matador	PO	2-1	11."	319	20,0 3,97
Oriente Debora A.B.C. Matador	PO	—	7."	205	17,0 4,07
Oriente Vanda Criss-Cross	PO	—	7."	214	16,0 3,51
Oriente Marcia R. Maple	PO	2-6	2."	56	22,0 3,68
Oriente Alfa S. Rockman	PO	2-4	2."	48	23,0 3,53
Oriente Sandra A.B.C. Matador	PO	2-10	2."	32	24,0 3,61
Luiz Carlos Moraes Lassance. Casemiro de Abreu. R.J. Em 23-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					
3 ordenhas					
Surodana Rebeca Toro	PO	7-1	1."	16	43,0 3,83
Surodana Ollie Toro	PO	5-5	12."	341	26,0 4,85
Kim Talla 7 Quando	PO	6-7	1."	20	35,0 3,76
Bond Haven Ormsby Colleen	PO	5-1	6."	159	32,0 3,80
2 ordenhas					
Surodana Lola Toro	PO	6-5	10."	297	15,0 3,98
Enghill Rockman Patsy	PO	6-5	12."	342	13,0 4,44
Kim Bonita 4 Carol	PO	7-10	2."	70	34,0 3,64
Kim Pollila 12 Quando	PO	5-8	12."	344	17,0 4,28
Surodana Janie Toro	PO	5-8	11."	321	26,0 4,13
Cincerro Beta Quando Captain	PO	3-8	4."	147	21,0 3,58
Enghill Rockman Patty	PO	—	10."	290	18,0 3,83
Cincerro Meisa Quando Captain	PO	2-7	11."	318	15,0 3,91
Cincerro Rigel C. Eclipse	PO	2-7	7."	207	17,0 3,89
Jac Never Fear Dianne	PO	2-9	7."	188	17,0 3,89
Cincerro Mira Nichola's	PO	2-10	6."	152	16,0 3,73
Cincerro Capella Quando Captain	PO	3-7	4."	144	30,0 3,87
Cincerro Adhara Citat. Eclipse	PO	3-0	4."	115	19,0 3,78
Washington Luiz C. Vianna da Silva. Casemiro de Abreu. R.J. Em 25-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Pan Rockman Joan Giorgiana	PO	4-2	1."	5	33,0 3,14
Areal Sandra C. Reflection	PO	2-10	10."	291	21,0 3,87
Areal Liliane Burke Reflection	PO	2-6	7."	194	19,0 3,87
Areal Aurora Pabst High Mark	PO	2-5	7."	189	20,0 4,14
Areal Lorena Pabst Royal Master	PO	2-5	4."	116	18,0 3,66
Areal Gabriela B. Reflection	PO	2-7	4."	137	19,0 3,20
Areal Mara Royal Master	PO	2-3	4."	120	15,0 4,11
Areal Lavinia B. Reflection	PO	3-10	4."	104	21,0 3,17
Pan Charmer Lucifer Helen	PO	2-7	4."	130	22,0 3,27
Pan Reflection Monarch Helga	PO	3-4	2."	44	28,0 3,18
Pan Seiling M. Homera	PO	2-6	2."	42	26,0 3,45
José Carlos Pereira Guimarães. Cachoeiro de Macacu. R.J. Em 28-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Trebol Leader Zagala	PO	10-7	10."	285	17,0 3,53
Fiel Gauchita 395 F. 142	PO	7-4	6."	235	16,0 4,21
Valdivia 404 Peugeot 65 Bonita	PO	6-5	2."	104	21,0 4,30
Patricia 112 Signet Master	PO	8-11	2."	89	35,0 3,51
Suprema Eladios Madcap	31/32	6-10	6."	161	21,0 3,87
Caçadora P.U. 544	31/32	4-7	6."	178	18,0 4,13
Lulas Estampa 222 R. 1866	PO	6-1	2."	32	28,0 3,43
Areal Soraya Fond Hope	PO	4-3	10."	336	17,0 4,33
Admiral Eladios Madcap	31/32	6-3	10."	312	16,0 4,30
Rafaelinos Corsa Crisco	PO	4-4	10."	305	18,0 4,29
Carabis E.A.Q. 1041	31/32	4-7	6."	231	16,0 4,13
Acarí Pericia Ovacion	PO	5-9	6."	170	17,0 4,33
Rafaelinos Cloner Crisco	PO	4-3	2."	110	20,0 3,88
Lucia Sir Maple de S. José	GC-2	2-6	2."	104	20,0 3,86
Lessie da Esperança	PCOD	6-2	2."	57	19,0 4,25
Rafaelinos Clareta Crisco	PO	4-2	2."	32	26,0 3,29
Areal Eva Madcap Pabst	GC-1	5-6	2."	32	24,0 4,01
Vera Furtado de Andrade. Calciolandia. M.G. Em 23-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Irça	PO	11-4	5."	128	14,0 2,10
Hera	NR	—	2."	45	16,0 3,40
Ilha	NR	—	2."	47	14,0 3,21
Calciolandia Fada Domino	PO	5-9	1."	16	17,0 2,75
Ebonite	PCOC	7-1	1."	10	16,0 2,83
Hebe de Calciolandia	PO	3-11	1."	29	16,0 2,65
Famosa de Calciolandia	31/32	5-10	1."	29	19,0 3,24
Calciolandia Hazel	PO	4-2	1."	21	15,0 2,65
Helio Moreira Salles. Casa Branca. S.P. Em 16-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Rio Verdinho Boneca	PCOC	11-8	7."	211	17,0 3,51
Amazonas Mr. Filmada	PCOC	10-7	5."	134	23,0 3,54
Santabri Alada Sylvia Ajax	PO	10-7	6."	164	16,0 3,38
Malberty 601 Reviens Pabst	PO	9-10	5."	137	22,0 3,74
Malberty 616 Barrida Pabst	PO	9-9	2."	47	29,0 3,38
13 de Abril 105 Fundadora CIS	PO	10-3	6."	155	16,0 3,72
Recodo 60 Ernestina J. Kay 129	PO	9-3	10."	289	22,0 3,60
Malberty 585 Disparate Pabst	PO	9-8	8."	186	19,0 3,50
Achalay Imperio Nave Rutina	PO	9-8	5."	137	28,0 3,45
Cume-Co Skyrocket Ursula	PO	8-11	3."	88	22,0 3,26
Malberty 641 Zoraida Cubano	PO	9-6	2."	60	24,0 3,43
13 de Abril 419 Incapit Paine	PO	8-7	4."	112	20,0 3,85
Rio Verdinho Aroeira	PO	7-6	1."	24	27,0 3,15
Rio Verdinho Barqueira	PO	6-1	3."	69	26,0 3,36

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle de	Dias de lactação	Leite	%
Rio Verdinho Diana	PCOC	6-6	7.º	204	17,0	3,96
Rio Verdinho Dora	PCOC	6-1	5.º	138	14,0	3,24
Rio Verdinho Alba	PO	6-6	3.º	85	18,0	3,64
R.V. Balsa Asdrubal B.G. Boy	PO	5-9	3.º	64	21,0	3,30
R.V. B. Skyroke Roburke G.B.	PO	5-5	4.º	107	23,0	4,00
R.V. Corticeira Jemline Burkeboy	PO	4-6	8.º	229	16,0	3,95
R.V. Cabr. Lochinvar Burkeboy	PO	4-10	3.º	85	19,0	3,30
R.V. Batura P. Altaneira Astro	PO	5-3	4.º	122	22,0	3,82
Rio Verdinho Elna	PO	2-8	10.º	283	14,0	3,97
R.V. Denda Malberty 564 Astro	PO	3-8	10.º	287	14,0	3,50
R.V. Copacab. H.M. Martindero	PO	3-11	10.º	287	13,0	3,96
R.V. Carita Skymaster Astro	PO	3-9	9.º	278	16,0	3,55
R.V. Dalila Alfa Bingo	PO	3-0	9.º	275	15,0	3,26
R.V. Delta Amazonas Binga	PO	2-10	9.º	268	15,0	3,71
R.V. Cristalina Ursula Burkeboy	PO	4-3	9.º	265	17,0	3,33
R.V. Dama Luminosa Bingo	PO	3-2	9.º	245	13,0	4,42
R.V. Cravina Escravo Martindero	PO	4-5	7.º	199	19,0	3,48
R. Verdinho Ema	PO	2-10	5.º	144	14,0	3,68
R.V. Catia Olli Carnation Astro	PO	4-6	5.º	131	19,0	3,46

S.A. Fazenda Paraíso Agro-Pecuária. São João da Boa Vista. S.P. Em 2-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

S. Guanabara E. 177 Marksman	PO	14-10	2.º	59	15,0	2,86
Par. Japona Lita Adonis	PO	11-8	3.º	104	21,0	3,69
Par. Japonesa Estrofe Pabst	PCOC	2-3	1.º	4	24,0	3,20
Sertão Ipeca Batuta	PCOD	12-5	3.º	89	21,0	3,59
Par. Jaborandy Firts Fidalgo	PCOC	11-9	3.º	70	15,0	3,09
Par. Lamy Adonis	PO	10-8	1.º	26	24,0	3,24
Par. Jatai Mona Galante	PO	12-2	1.º	34	25,0	3,52
Par. Malvina Adonis	PO	9-9	5.º	144	15,0	3,52
Par. Mococa Iena	PCOD	9-11	3.º	97	16,0	3,99
Par. Macedônia Fidalgo	PO	10-0	1.º	7	18,0	3,04
Par. Margarita Fidalgo	PO	9-7	1.º	15	24,0	3,09
Par. Mulata Exotico	PO	9-6	3.º	73	20,0	4,18
Par. Licença Exotico	PO	10-9	1.º	29	16,0	2,80
Par. Mattera Exotico	PCOC	8-11	7.º	197	18,0	3,75
Par. Natalia Jaguar	PO	8-7	9.º	260	15,0	3,92
Par. Macula Mark	PCOC	9-6	4.º	123	18,0	3,98
Paraíso Nadia	PCOD	9-0	3.º	89	22,0	3,73
Paraíso Violeta	NR	—	4.º	105	18,0	3,43
Paraíso Natura Jaguar	PO	8-11	2.º	50	20,0	3,33
Paraíso Noemia Fidalgo	PO	9-4	1.º	22	16,0	3,44
Paraíso Mavia	PCOD	10-1	1.º	16	22,0	3,16
Par. Oposta Magnifico	PO	8-0	1.º	12	17,0	2,79
Paraíso Neliza Fidalgo	PO	8-5	2.º	48	30,0	3,08
Par. Nucy Fidalgo	PO	8-5	4.º	106	18,0	3,66
Par. Ontaria Fidalgo	GC-1	7-10	4.º	106	22,0	4,10
Paraíso Nagy Spring	PCOC	8-7	1.º	41	25,0	3,34
Par. Ondulada Keystone	PO	8-1	3.º	67	25,0	3,31
Par. Obita Fidalgo	GC-3	8-0	3.º	69	22,0	3,65
Par. Ossa Fidalgo	PO	7-8	4.º	112	21,0	3,58
Par. Olvidada Fidalgo	PCOC	6-11	8.º	215	18,0	3,55
Par. Ogenia Fidalgo	PCOC	7-9	2.º	47	23,0	3,08
Par. Olivia Luebke	PO	7-11	1.º	14	31,0	3,20
Par. Oblita Jupiter	PCOD	7-2	7.º	183	16,0	3,47
Par. Osmara Ruyter	PO	8-0	1.º	38	22,0	3,34
Par. Oteliã Exotico	PO	8-3	2.º	48	26,0	3,33
Par. Odete Roburke	PO	7-8	4.º	123	19,0	3,38
Par. Pateca Magnifico	PO	7-2	2.º	61	24,0	3,79
Par. Panacea Fidalgo	PO	7-4	1.º	33	28,0	3,38
Par. Parafina Magnifico	PO	7-0	3.º	84	20,0	3,76
Par. Omiste Exotico	PO	8-1	2.º	59	16,0	3,35
Par. Penha Roburke	PO	6-9	7.º	185	15,0	4,04
Par. Promessa Magnifico	PO	6-6	5.º	148	15,0	3,19
Par. Pamela Magnifico	PO	6-10	3.º	69	23,0	2,96
Par. Portomac Fidalgo	PO	6-10	2.º	45	19,0	3,34
Par. Obrigada Exotico	PO	7-7	8.º	214	19,0	3,36
Par. Paulina Roburke	PO	6-10	7.º	208	15,0	3,56
Par. Parada Luebke	PO	6-10	4.º	106	20,0	3,38
Par. Partida Luebke	PO	7-1	1.º	16	20,0	3,48
Par. Rama Fidalgo	PO	6-2	2.º	63	29,0	3,70
Par. Primitiva Fidalgo	PO	6-1	7.º	195	18,0	3,53
Par. Provincia Magnifico	PO	5-8	10.º	271	18,0	3,34
Par. Ortega Luebke	PO	7-8	1.º	36	30,0	2,90
Par. Rampa Luebke	PO	6-0	1.º	35	17,0	3,01
Par. Ramira Fidalgo	PO	6-3	1.º	12	20,0	2,78
Par. Pastela Luebke	PO	6-9	4.º	104	20,0	3,64
Par. Moca Jaguar	PCOC	9-4	2.º	57	22,0	3,30
Par. Rosely Magnifico	PO	5-11	3.º	95	16,0	3,37
Par. Prodigia Magnifico	PO	6-8	2.º	65	20,0	3,20
Par. Sociavel Citation	PO	5-1	5.º	128	25,0	4,10
Par. Rosamelia Fidalgo	PO	5-7	1.º	4	22,0	3,25
Par. Recepcionista Fidalgo	PO	5-4	2.º	45	23,0	3,82

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle de	Dias de lactação	Leite	%
Par. Saleta Fidalgo	PO	5-1	3.º	97	20,0	3,97
Par. Salutar Dee Ann	PO	5-1	2.º	58	40,0	4,02
Par. Saliva Fidalgo	PCOD	5-0	3.º	105	16,0	3,62
Par. Paulista Exotico	PO	7-2	1.º	27	17,0	3,27
Par. Senzala Magnifico	PO	4-11	2.º	47	18,0	3,60
Par. Simbolista Magnifico	PO	4-8	3.º	101	24,0	4,02
Par. Recoda Fidalgo	PO	5-11	1.º	11	20,0	3,20
Par. Palha Roburke	PO	6-11	1.º	27	18,0	3,60
Par. Regencia Luebke	PO	5-9	4.º	109	16,0	3,95
Par. Sociavel Dee Ann	PO	4-3	3.º	101	18,0	3,60
Par. Tambica Dale	PO	4-4	1.º	5	22,0	3,22
Shorelea Annie 12 R.	PO	5-4	1.º	7	19,0	3,19
Par. Tambauba Royal Master	GHB	4-1	2.º	46	22,0	3,62
Par. Taloza Fidalgo	PO	4-0	1.º	11	20,0	3,20
Par. Sementeira Ace	PO	4-10	3.º	80	17,0	3,50
Par. Sodomia Majority	PO	4-7	1.º	15	19,0	3,19
Par. Trovisca Rosafé Junior	PO	3-6	1.º	20	19,0	3,19
Par. Timoneira Fidalgo	PO	4-0	2.º	43	17,0	3,50
Par. Serrilha Fidalgo	PO	4-5	1.º	28	19,0	3,52
Par. Rampa Magnifico	PO	5-10	1.º	33	17,0	3,52
Par. Ugaia Magnifico	PO	2-7	5.º	146	15,0	3,45
Par. Tartufa Fidalgo	PO	3-9	4.º	101	17,0	3,50
Par. Ubaracá Astronaut	PO	2-7	3.º	98	15,0	3,45
Urla Bootmaker do Paraíso	GHB	3-2	2.º	40	20,0	3,60
Paraíso Umburana Magnifico	PO	2-8	2.º	40	17,0	3,50
Elbank Justice Debbie	PO	3-6	2.º	46	15,0	3,45
Paraíso Rotalia Fidalgo	PO	5-8	1.º	18	18,0	3,60
Paraíso Pampa Exotico	PO	6-11	1.º	28	20,0	3,60

RAÇA HOLANDESA — variedade vermelho e branco.

Amilcar Farid Yamin. Atibaia. S.P. Em 18-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Bacana Corona	PCOD	6-3	8.º	224	26,0	4,02
Brasília Corona	PCOD	9-0	5.º	129	27,0	4,02
Opala Corona	PCOD	6-3	5.º	143	22,0	3,62
Evocação Noble de Sant'Ana	GC-2	3-11	5.º	139	27,0	4,02
Labareda Coração	PCOD	5-3	5.º	137	29,0	4,02
Barbacena	—	—	2.º	31	35,0	4,02
Riza Corona	15/16	6-0	4.º	103	33,0	4,02
Kranz-Dale Dandy D. Red	PO	4-2	7.º	226	21,0	3,97
Holandia Harm Selma	GC-1	3-1	7.º	196	20,0	3,90
S.N. Lena VI Centurion	PO	2-5	6.º	175	23,0	4,02
Foxearth Cilla II	PO	3-3	4.º	108	23,0	4,02
Ridges-Wood M.C.R. Inka Red	PO	3-6	3.º	80	21,0	3,90
Dolores Marquis Ned S.M.P.	GHB	2-10	2.º	31	24,0	4,02
Solange Marquis Ned S.M.P.	GHB	2-10	2.º	31	24,0	4,02
Loira Corona	31/32	2-9	2.º	31	27,0	4,02
Caviuna Corona	31/32	2-3	2.º	31	26,0	4,02
Foxearth Hetty 4 Th	PO	2-11	1.º	19	24,0	4,02

Dr. Marcos Polacow. Campinas. S.P. Em 12-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Leme's Orly	PO	13-0	4.º	108	24,0	4,02
Leme's Pati	PO	11-3	4.º	111	17,0	3,90
Leme's Renata	PO	10-3	5.º	142	18,0	3,90
Emberrada de Sant'Ana	PCOD	13-3	3.º	78	18,0	3,90
Leme's Valeria	PO	6-9	4.º	108	17,0	3,90
Elegancia I de Serra Negra	PCOD	8-9	2.º	45	23,0	4,02
Barra Mansa de Serra Negra	PCOD	5-9	4.º	106	24,0	4,02
Menina de Serra Negra	PCOD	6-2	4.º	106	22,0	3,90
Leme's Vereda	GC-4	6-4	3.º	74	19,0	3,90
Paraíba de Sant'Ana	GC-1	3-8	7.º	185	22,0	3,90
Leme's Vicky	PO	6-3	5.º	135	17,0	3,90
Alfa 003 Expert	GC-2	3-3	3.º	79	21,0	4,02
Leme's Cereja D. Hirsch	PO	3-4	8.º	219	16,0	3,87
Brunella	—	—	1.º	2	16,0	3,87

Dr. Roberto F. Cantusio. Campinas. S.P. Em 20-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Roselira's Hosana Bet	PO	3-8	1.º	29	24,0	4,02
Roselira's Indiana Signet	PO	2-8	2.º	36	23,0	4,02
Historia	—	—	1.º	10	16,0	3,87

Dr. Flavio Castelo Branco Gutierrez. Sete Lagoas. M.G. Em 2-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Encantada de Morada Nova	31/32	—	1.º	27	14,0	3,15
Serena de Morada Nova	NR	11-7	3.º	73	14,0	3,15
Lisura de Morada Nova	NR	4-8	1.º	28	16,0	3,33

Dr. Sylvio Lima Marinho. Andradina. S.P. Em 2-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite	%
Traviata Lins	31/32	4-4	1.º	33	17,0	3,67
Praça Lins	15/16	6-2	1.º	33	18,0	4,28
Espolio de Gabriel Dias Pereira, Olímpio de Noronha, M.G. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
3 ordenhas						
Terphuster Anna 11	PO	9-8	1.º	3	31,0	3,73
Princesa de Sant'Ana	127/128	9-11	1.º	14	24,0	3,45
Cantareira de Sant'Ana	31/32	11-0	1.º	4	24,0	3,44
Pecadora de Sant'Ana	GC-2	8-11	8.º	269	18,0	3,70
Vitoria de Sant'Ana	31/32	8-0	7.º	215	21,0	4,66
Pereira Tania Gosseana	PO	7-7	1.º	1	17,0	4,72
Salonara de Sant'Ana	GC-1	6-9	11.º	344	14,0	4,29
Magetade de Sant'Ana	GC-3	6-9	11.º	337	15,0	3,51
Soraia Noble de Sant'Ana	GC-1	6-2	1.º	16	30,0	3,44
Surdina de Sant'Ana	GC-1	4-5	11.º	338	22,0	3,34
Guitarra Noble de Sant'Ana	GC-1	5-5	1.º	15	32,0	3,06
Jazida Noble de Sant'Ana	GC-1	4-2	7.º	211	18,0	4,60
Tula Noble de Sant'Ana	GC-2	3-2	1.º	18	19,0	3,37
2 ordenhas						
Dinamarca de Sant'Ana	PCOD	8-11	5.º	110	20,0	3,49
Baroneza Noble de Sant'Ana	GC-2	6-3	4.º	91	18,0	3,38
Fabula Noble de Sant'Ana	GC-1	5-8	3.º	66	23,0	4,05
Tiroleza Gosseana de Sant'Ana	GC-2	6-2	6.º	185	19,0	4,20
Colombina de Sant'Ana	GC-1	10-10	5.º	126	20,0	3,13
Carinhosa de Sant'Ana	31/32	7-10	6.º	159	20,0	3,10
Solange Noble de Sant'Ana	GC-1	3-10	5.º	116	14,0	3,19
Betty de Sant'Ana	GC-1	6-6	5.º	131	16,0	4,12
Pereira Jezebel	—	—	6.º	136	13,0	2,87
Asteca de Sant'Ana	31/32	7-0	5.º	130	21,0	2,89
Leonora Noble de Sant'Ana	GC-1	3-3	5.º	129	14,0	3,70
Dr. Claudio V. Roberti, Bragança, S.P. Em 7-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Willy's Rubi Plutolat Victorina	PO	6-1	2.º	44	21,0	3,69
Fazenda Planal Ltda. Jarinú, S.P. Em 29-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Tietê Pirajá	PO	7-2	2.º	57	18,0	3,77
Escritura do Mar	PCOC	5-4	3.º	106	15,0	2,46
Mariana	GC-1	3-9	3.º	105	15,0	3,07
Formosa de João Alves	GC-1	3-7	3.º	110	15,0	2,98
Elaine	GC-1	4-3	3.º	106	13,0	2,54
Mar Bardine Gargalheira	PO	3-11	4.º	113	14,0	3,95
Diva	GC-1	4-1	1.º	18	14,0	4,06
Xlva Moore Pioneer	GC-1	4-4	3.º	86	15,0	2,74
Dora	GC-1	5-7	1.º	14	16,0	3,55
Agro-Pec. Nossa Senhora do Amparo S/A. Amparo, SP. Em 16-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
3 ordenhas						
Biela do Morro Alto	GC-3	6-4	1.º	10	20,0	2,97
2 ordenhas						
Fortuna F.S.R. Amparo	31/32	8-2	1.º	8	15,0	2,90
Dr. Carlos Whately, Bernardino de Campos, SP. Em 21-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Sta. Cecilia Arara	GC-3	2-8	1.º	20	15,0	3,91
Dr. Pedro Conde, Sorocaba, SP. Em 22-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 4 e 3 ordenhas.						
4 ordenhas						
Betina's L.N. Dinastia	PCOD	8-2	1.º	15	27,0	3,54
Betina's L.N. Esperta	GC-1	7-0	1.º	21	23,0	3,50
Betina's S.H.P. Flauta	GC-3	5-7	1.º	7	29,0	3,49
Japoneza Galv's	GC-1	5-1	1.º	14	27,0	2,86
Betina's R.R.P. Guaraná	GC-1	5-4	1.º	18	31,0	3,55
Babá Galv's	GHB	4-2	1.º	3	22,0	3,27
Betina's R.R.P. Jaray	GC-3	2-5	1.º	31	28,0	2,82
Galv's Cinara	GC-3	2-11	1.º	16	27,0	2,86
3 ordenhas						
Aquarela	PCOC	10-11	2.º	46	38,0	3,47
Salopian Red-Rose	PO	9-1	1.º	10	23,0	2,93
Duqueza de Sant'Ana	31/32	9-5	3.º	88	22,0	2,72
Betina's L.N. Dina	PCOC	7-6	7.º	201	23,0	3,73
Leviana de Sant'Ana	PCOD	9-0	8.º	215	27,0	2,72
Merryhill Cross Rose	PO	7-1	3.º	76	27,0	3,50
Klug Aristocrat Majority	PO	6-5	2.º	44	28,0	3,20
Betina's R.R.P. Geny	GC-2	4-9	7.º	215	21,0	3,65
Betina's R.R.P. Guapa	PCOC	4-6	9.º	248	22,0	3,17
Betina's R.R.P. Grelha	GC-2	4-8	5.º	125	34,0	3,43
Betina's R.R.P. Guadalajara	GC-3	4-10	3.º	65	29,0	3,07
NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite	%
Albertina's B. A.B. Gitana	PO	5-0	3.º	84	29,0	3,27
Albertina's A.B. Gavea	PO	4-6	6.º	175	26,0	3,20
Betina's R.R.P. Gana	PO	4-7	6.º	170	22,0	2,72
Betina's H.P. Guitarra	PCOC	5-1	1.º	7	23,0	3,38
Betina's O.R.C.D. Grapete	GC-2	4-4	3.º	78	31,0	3,43
Ridges Wood Cit-R-Joan Red	PO	4-5	2.º	46	28,0	3,33
Albertina's R.R.P. Itirapina	PO	3-7	6.º	160	21,0	3,64
Betina's A.B. Giusta	PCOC	4-8	4.º	125	23,0	3,32
Albertina's R.R.R. Iacy	PO	3-9	4.º	90	22,0	3,38
Albertina's L.M.F.J. Jamy	PO	2-6	5.º	116	21,0	3,49
Vasco Mil Homens Arantes, São Carlos, SP. Em 11-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Hortencia de S.A.	7/8	7-1	4.º	92	28,0	3,70
Ingá Larry Moore de S.A.	GC-2	2-2	7.º	182	19,0	3,22
Dr. José Sylvio Magalhães, Santa Cruz, RJ. Em 25-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
3 ordenhas						
Maywood Cici Ty Duchess	PO	7-4	2.º	56	45,0	3,20
C. Ellecta C. C. Joni Red	PO	6-10	2.º	47	42,0	3,03
C. Goldayle Joan Red	PO	4-1	2.º	39	32,0	3,17
2 ordenhas						
Ridgehood Blosson	PO	7-7	8.º	225	21,0	3,14
Marambaia Dulce Royal	PO	9-1	1.º	29	36,0	2,84
Marambaia Natalia Royal	PO	7-6	9.º	278	18,0	3,10
Lynnview Snowball	PO	6-11	6.º	174	26,0	2,54
Alluviadale Org C. Annete	PO	7-0	9.º	236	13,0	2,85
Hillcroft Edna	PO	7-2	1.º	7	32,0	2,68
Achilles Golden Pietje	PO	6-7	9.º	275	13,0	2,83
Halda Roeland Mag's	GHB	5-3	4.º	112	26,0	2,99
L.D.B. Lukes Elsie	PO	6-3	3.º	74	31,0	3,09
Mag's Mandi Destiny J. Herta	PO	5-4	5.º	129	22,0	2,94
Pupila Royal da Marambaia	GC-2	6-9	2.º	55	31,0	3,26
Marambaia Nave Royal	PO	5-7	1.º	27	30,0	3,00
Roland 1860 Prins Maud	PO	5-6	3.º	65	19,0	2,91
Indiferença R. da Marambaia	GC-3	4-8	1.º	1	27,0	3,49
Marambaia Jaganá Sovereign	PO	5-5	1.º	23	24,0	2,84
Soneca Royal da Marambaia	PCOC	3-8	10.º	288	13,0	3,40
Sereia Sovereign da Marambaia	GHB	3-11	7.º	200	18,0	3,36
Medoholm Lorna Chieftain Red	PO	3-9	8.º	217	16,0	2,90
Riree Piper Red	PO	4-7	9.º	276	15,0	3,08
Ridges Wood R. Rosanne Red	PO	4-3	4.º	116	27,0	2,93
Beija-Flor Sovereign da Mar.	PCOC	3-6	4.º	116	19,0	2,68
Ridges-Wood Harriet Dom Red	PO	1-11	13.º	354	19,0	3,03
Saratanda Sovereign da Mar.	PC	3-2	11.º	334	14,0	3,18
Judith Bossanova Magic Mag's	PCOC	2-11	10.º	285	13,0	3,37
Jaira Bossanova Magic Mag's	PCOC	3-1	9.º	268	14,0	3,13
Mag's Julia Reflection	PO	2-11	9.º	275	15,0	3,19
Janusa Roeland Mag's	PCOC	2-10	9.º	252	15,0	2,75
E.L.V. Royal Rosy Hope	PO	2-5	8.º	241	13,0	4,24
Mag's Glenafon R. Zanda	PO	2-5	8.º	213	14,0	3,36
Libia Bossanova M. Mag's	GHB	2-10	7.º	206	16,0	3,11
Meiga Pioneer Mag's	PCOC	2-6	7.º	184	13,0	2,70
Leadholm Fern Fond Cit Red	PO	3-0	6.º	166	16,0	2,90
Mag's Reflection Linda	PO	2-11	6.º	165	20,0	2,75
Vera's Sylvio Duda S.N. Paraizo	PC	2-8	5.º	134	24,0	3,70
Sarita William Mag's	GHB	2-7	5.º	126	13,0	3,43
Duallyn Dawn Prudy-Red	PO	2-5	5.º	125	30,0	2,55
Gemicrest Blondie Red	PO	2-7	5.º	237	21,0	2,77
Noemi Citation Rolly Mag's	—	2-6	4.º	118	20,0	2,96
Keendale Lodge S. Iris Red	PO	3-6	4.º	105	18,0	3,66
Uva Transmitter Jack Mag's	PCOC	2-10	3.º	74	20,0	3,04
Mag's Haven Maple Aidê	PO	2-11	3.º	68	29,0	2,89
Antonio de Toledo Lara Neto, São Simão, SP. Em 14-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Hennie 2	PO	9-3	1.º	10	18,0	3,66
São Simão Coroa	GC-1	6-0	2.º	32	16,0	3,83
Canela de São Simão	GC-3	6-0	2.º	39	16,0	3,53
Carinhosa de São Simão	GC-3	5-8	3.º	81	14,0	4,13
São Simão Daniela	PO	5-2	1.º	17	19,0	3,48
Antonio Josino Meirelles, Batatais, SP. Em 20-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Miss Theodor de Meirelles	PCOC	8-10	2.º	37	22,0	4,07
Sayonara Theodor de Meirelles	GC-1	6-3	1.º	28	22,0	4,04
Pioneira Pioneer de Meirelles	GHB	4-10	6.º	102	34,0	3,45
Magali King Bet de Meirelles	GHB	5-0	1.º	31	23,0	3,79
Far. Enamorado de Meirelles	GC-1	4-11	1.º	29	20,0	4,01
Hidra Transmitter de Meirelles	GHB	4-3	2.º	37	30,0	3,75
Catita Roeland R. de Meirelles	GC-2	3-8	1.º	30	21,0	4,16
Praia	—	—	1.º	9	15,0	4,25

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos	Con- trôle	Dias de lactação	% de Leite
Dr. Joaquim Procópio de Araújo. São Carlos, SP. Em 21-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Galaxia Helena Jack	PO	6-8	7.º	207	14,0 3,06
Galaxia Hosana Maninho	PO	5-11	7.º	207	14,0 3,88
Galaxia Idalina Row	PO	5-9	6.º	177	13,0 3,67
Galaxia Karenina Pioneer	PO	3-7	1.º	12	20,0 3,95
Ann Mary Patricia Porangi	PO	3-5	2.º	53	17,0 3,29
Hugo Reinaldo Bueno. Cruzeiro, SP. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Marambaia Amazonas Pelé	PO	7-3	1.º	33	13,0 3,74
Santana Deca II Geese	PO	6-11	6.º	181	13,0 4,10
Holambra King's Paula XX	PO	6-2	1.º	17	30,0 3,03
Fanga Cigana Machiel S.A.	GC-1	6-11	1.º	17	22,0 3,34
Dora da Planície	GC-1	6-4	1.º	17	25,0 3,12
Advancer Pauline Red Twin	PO	5-0	8.º	237	17,0 3,91
Stockholm Agnes Noel	PO	5-9	8.º	236	14,0 3,95
Duallyn Ivanhoé Corrie Red	PO	6-3	1.º	43	35,0 3,27
Carina da Planície	GC-1	7-6	8.º	220	13,0 3,79
Iata Citation Mag's	GHB	4-10	1.º	1	22,0 3,60
Eliria do Mar	GC-1	5-6	1.º	38	20,0 3,35
Duallyn Pilots Pearl Red	PO	5-10	11.º	333	16,0 3,68
L.D.B. Ivanhoé D. Lass Red	PO	5-3	7.º	186	21,0 3,49
XIV Citation R. da Planície	GC-1	4-5	4.º	118	16,0 3,77
S.J.T. Toro Nova 353	PO	3-7	1.º	17	35,0 3,30
Elite de Cruzeiro	PCOD	6-9	1.º	33	25,0 3,17
Hermengarda de Brito Leme e Outros. Pinhal, SP. Em 25-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					
3 ordenhas					
Tietje 11	PO	10-6	2.º	32	19,0 4,18
Leme's Carmen	—	—	2.º	32	14,0 3,82
2 ordenhas					
Leme's Samoa	GC-4	9-10	2.º	47	17,0 3,42
Alteza Urbano Leme	GC-1	6-0	2.º	49	15,0 3,66
Leme's Dina	—	—	2.º	55	15,0 3,56
Valentim dos Santos Diniz. Itirapina, SP. Em 28-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Jotatê Limpesa	PCOC	7-4	2.º	65	20,0 2,44
Jotatê Nota	PCOC	5-11	5.º	133	17,0 3,71
Ninfa Jotatê	PCOC	5-10	1.º	17	18,0 4,25
Omega Jotatê	PCOC	4-8	1.º	32	18,0 2,61
Aliança V.D.	PCOC	3-1	1.º	31	18,0 2,63
Olinda Jotatê	PCOC	5-0	1.º	25	18,0 2,38
Waldir Junqueira de Andrade. Lins, SP. Em 18-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Virgula 25 Lins	PCOD	10-10	1.º	24	18,0 3,29
Faculdade Lins	GC-1	7-4	4.º	114	15,0 2,92
Dança Lins	GC-1	3-10	1.º	19	17,0 3,09
Melodia Lins	GC-2	3-9	1.º	6	13,0 2,71
Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Jaguariuna, SP. Em 30-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Paraguai da Holambra	PCOC	3-7	6.º	156	19,0 3,25
Cantora da Holambra	PCOC	3-8	8.º	209	13,0 3,89
Joia da Holambra	GC-6	3-8	5.º	145	19,0 3,49
Carlos José da Silva Bernardes. Lorena, SP. Em 16-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Eulalia Mag's	GHB	9-1	1.º	27	16,0 3,45
Springbank Citation Daisy	PO	7-1	2.º	41	19,0 4,65
Ida Roland Mag's	PC	4-9	2.º	119	14,0 4,06
Marazul Jack Sta. Filomena	GC-1	4-5	1.º	35	18,0 3,74
Jorge da Rocha Camargo. Bragança, SP. Em 7-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Manchete Muquem I	PCOD	8-2	1.º	27	23,0 3,63
Rama Muquem	31/32	10-9	3.º	83	19,0 3,50
Joia Muquem	PCOD	11-11	1.º	32	21,0 4,20
Serenata S.H.	GC-1	8-10	3.º	92	16,0 4,05
Bacana de Sta. Rosária	GC-1	4-9	3.º	62	15,0 3,19
Adelina de Bragança	GC-1	3-8	3.º	88	17,0 4,00
Beata de Sta. Rosária	GC-1	4-9	1.º	40	17,0 2,77
Dr. Eduardo Símonsens. Bragança, SP. Em 9-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					
3 ordenhas					
E.S. Giovana	PO	8-3	1.º	23	51,0 3,08
2 ordenhas					
E.S. Edina	GHB	10-3	1.º	20	37,0 2,82
E.S. Eleita	PO	10-0	1.º	34	33,0 3,17
NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos	Con- trôle	Dias de lactação	% de Leite
E.S. Inesita Transmitter S.S.					
E.S. Ibira	PO	5-8	5.º	153	20,0 3,20
E.S. Ivanda King Bet S.S.	PO	5-5	2.º	44	21,0 3,18
E.S. Irana King Bet S.S.	PO	5-6	1.º	34	20,0 3,18
Jeitosa Pioneer S.S.E.S.	GHB	4-11	2.º	46	20,0 3,18
E.S. Jordania Pioneer S.S.	GHB	4-7	4.º	112	20,0 3,18
E.S. Juvenia Transmitter S.S.	PO	4-6	5.º	143	20,0 3,18
E.S. Julinha Transmitter S.S.	PO	4-11	2.º	46	20,0 3,18
E.S. Jenina Pioneer S.S.	GHB	4-6	4.º	115	20,0 3,18
Levita Transmitter S.S.	PCOC	3-6	8.º	246	20,0 3,18
E.S. Lucy Pioneer S.S.	PO	3-10	5.º	150	20,0 3,18
E.S. Luzia Transmitter da S.S.	PO	3-4	3.º	92	20,0 3,18
Janatuba Roeland S.S.E.S.	PCOC	4-6	5.º	143	20,0 3,18
E.S. Lili Wish da S.S.	PO	3-6	2.º	54	20,0 3,18
E.S. Ninfa Pioneer S.S.	GHB	3-2	1.º	7	20,0 3,18
Manchete Transmitter S.S.E.S.	GHB	2-5	12.º	334	20,0 3,18
E.S. Manita Royal da S.S.	PO	2-2	11.º	314	20,0 3,18
Maliciosa Royal S.S.E.S.	PCOC	2-3	10.º	292	20,0 3,18
E.S. Jumbaba Roeland S.S.	PO	4-5	9.º	283	20,0 3,18
Mara Royal da S.S.E.S.	PCOC	2-2	9.º	253	20,0 3,18
Manta Royal da S.S.E.S.	PCOC	2-3	8.º	242	20,0 3,18
Majestade Pioneer S.S.E.S.	PCOC	2-6	8.º	233	20,0 3,18
E.S. Nina do Silo S.S.	PO	2-0	5.º	137	20,0 3,18
Moranga E.S.	PCOD	2-3	5.º	136	20,0 3,18
E.S. Miralta do Silo S.S.	PO	2-2	4.º	113	20,0 3,18
E.S. Nobreza Wish S.S.	PO	2-1	3.º	87	20,0 3,18
Nevada Royal S.S.E.S.	PCOC	2-0	3.º	94	20,0 3,18
E.S. Nevoa Royal S.S.E.S.	PO	2-0	3.º	83	20,0 3,18
Messina Wish da S.S.E.S.	PCOC	2-5	3.º	70	20,0 3,18
Monareta Wish S.S.E.S.	PCOC	2-4	2.º	53	20,0 3,18
Maitaca do Silo S.S.E.S.	GHB	2-5	1.º	36	20,0 3,18
Ninfa Baby S.S.E.S.	PCOC	2-1	1.º	35	20,0 3,18
Noviga Baby S.S.E.S.	PCOC	2-1	1.º	24	20,0 3,18
Moeda Wish S.S.E.S.	PCOC	3-1	1.º	15	20,0 3,18
Antonio Carlos Rachou Vaz de Almeida. São Manuel, SP. Em 1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					
3 ordenhas					
S. Manuel Paraíso Caricia	GHB	10-10	6.º	203	15,0 3,18
Sta. Izabel Fabula	GHB	10-11	4.º	134	14,0 3,18
S. Manuel Paraíso Corista	PCOD	11-2	1.º	40	24,0 3,18
Didi Mag's	GHB	8-7	4.º	155	19,0 3,18
Marambaia Rapsodia Royal	PO	9-1	2.º	69	22,0 3,18
S.M. Paraíso Canfora	GHB	9-0	4.º	172	14,0 3,18
S.M.P. Santana Cancela	GHB	7-10	2.º	55	34,0 3,18
S.M.P. Santana Colina	GHB	6-6	5.º	172	16,0 3,18
S.M.P. Santana Celita	GHB	6-5	5.º	196	16,0 3,18
S.M.P. Santana Clarita	GHB	6-4	2.º	75	22,0 3,18
Atibaia R.C.B.B.	PCOD	6-8	1.º	36	30,0 3,18
Sylvia Marquis Ned S.M.P.	GHB	4-8	2.º	69	20,0 3,18
S.M.P. Pocahontas Marquis Ned	GHB	3-8	9.º	277	18,0 3,18
S.M.P. Susan Marquis Ned	GHB	3-9	4.º	177	15,0 3,18
S.M.P. Priscilla Marquis Ned	GHB	3-10	2.º	59	27,0 3,18
Mantiqueira Mauro	PCOD	6-7	1.º	32	24,0 3,18
S.M.P. Sensation M. Ned	GHB	2-9	7.º	258	14,0 3,18
Caco's Belina	—	—	5.º	153	14,0 3,18
S.M.P. Natalia Marquis Ned	—	—	1.º	32	18,0 3,18
2 ordenhas					
Muquem Defesa	GHB	6-8	1.º	32	28,0 3,18
Moderna Mauro	PCOD	5-9	10.º	355	13,0 3,18
Mag's Ajan B. Topper	PO	2-7	3.º	103	14,0 3,18
S.M.P. Angela Marquis Ned	GHB	2-8	3.º	96	15,0 3,18
Dr. Rodolpho Figueira de Mello. Três Rios, RJ. Em 1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Ali Esplanada Rockwood Red	PO	6-6	3.º	64	23,0 3,18
Penha Longa	7/8	8-4	5.º	189	19,0 3,18
Milonguita	31/32	7-1	3.º	100	17,0 3,18
Ortholm Polly Atraction Red	PO	4-10	5.º	189	20,0 3,18
A. Sue Nugget Red	PO	4-7	5.º	132	22,0 3,18
White Way Stellar Gind-Red	—	—	5.º	148	13,0 3,18
Ramada	—	—	5.º	189	13,0 3,18
Estrelina	—	—	5.º	217	17,0 3,18
Serenata	—	—	3.º	95	19,0 3,18
Cereja	—	—	3.º	67	16,0 3,18
Conquista	—	—	3.º	83	19,0 3,18
Dr. Adhemar de Barros. Jaú, SP. Em 24-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Magnolia	31/32	4-4	2.º	54	12,0 3,18
João Passarelli. Itaquaquecetuba, SP. Em 29-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite %
1 ordenhas					
Cristal Larry Moore Galera	GC-2	7-2	1."	25	29,0 4,12
Fada Batuta Machiel de S.A.	GHB	7-3	1."	10	31,0 4,10
Calçara	GC-1	5-4	2."	45	33,0 3,75
Morro Alto Faceira T. Jack	PO	2-3	2."	45	28,0 4,16
J.P. Itaici Pegassus Red S. Inez	PO	2-2	2."	50	25,0 3,82
Ilusão do Mar	GC-5	2-2	2."	49	24,0 3,93
J.P. Imagem Pegassus R. S. Inez	PO	2-3	1."	6	26,0 4,05
2 ordenhas					
Oferenda Potomac do Mar	PCOC	8-1	6."	178	22,0 3,75
Mar. Rafia Paganini	PO	7-0	5."	139	18,0 3,75
Holambra V.D. Groes Irene	PO	7-6	3."	70	17,0 3,83
Cristal Larry Moore Ribeira	GC-3	7-0	4."	114	20,0 3,73
Alfa do Morro Alto	GC-3	6-6	6."	186	16,0 4,05
S.N. Aafje Paul	PO	9-5	7."	216	15,0 4,30
Apodis do Morro Alto	PCOC	6-3	5."	128	16,0 3,54
Campanha Roeland do M. Alto	GC-1	5-1	4."	95	28,0 3,12
Dubne Royal R. do Morro Alto	PCOC	3-5	4."	102	20,0 3,10
Greta Bancada Bet	PCOC	6-0	4."	94	20,0 3,45
Hidra do Mar	PCOC	2-8	9."	252	13,0 4,44
Certeza do Monte Alvão	PCOD	5-8	9."	273	14,0 3,64
Mar Hucha Pegassus Red	PO	2-9	4."	111	18,0 3,62
Harpa Pitanga Michael	GC-1	5-0	3."	73	25,0 3,57
J.P. Idai Pegassus R. S. Inez	GC-1	2-1	3."	65	20,0 3,87

Dr. José Procópio do Amaral. São João da Boa Vista. SP. Em 14-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Amaral Rebeca	PO	8-5	3."	102	16,0 3,27
Algeme de São Geraldo	PCOC	4-10	1."	23	17,0 3,53
Amaral Carinhosa Bardine	PO	2-8	4."	98	15,0 4,10
Amaral Cinderela Romandale	PO	2-10	1."	13	18,0 3,32

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Jaguariuna. SP. Em 30-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Paraguai da Holambra	PCOC	3-7	7."	187	16,0 3,02
Joia da Holambra	GC-6	3-8	6."	176	17,0 3,35
Anelica da Holambra	GC-2	3-7	1."	14	19,0 3,69
Holambra D. P. (H-497/634)	PO	3-8	1."	22	18,0 3,88

Aqostinho Loyolla Junqueira. Poços de Caldas. MG. Em 23-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Filipina Junqueira	PCOD	4-6	5."	155	14,0 4,31
Estrela Junqueira	PCOD	4-10	5."	123	15,0 3,93
Bandeira Junqueira	PCOD	4-10	4."	110	14,0 3,30
Fantasia Junqueira	31/32	4-9	2."	118	15,0 3,69
Golana Junqueira	31/32	3-8	2."	108	13,0 3,74
Thalassa Primrose 6 Th	PO	3-5	2."	48	19,0 3,48
Amorosa Junqueira	PCOD	2-7	1."	34	14,0 3,45
Indalecia Junqueira	—	—	1."	10	15,0 3,48
Indiana Junqueira	PCOD	2-6	1."	22	15,0 3,63
Anabela Junqueira	PCOD	2-9	1."	27	17,0 3,38

RAÇA JERSEY

Dr. Mario Lopes Leão. Jundiá. SP. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Sonia Jubilant de Sta. Hilda	PO	7-0	8."	213	13,0 5,33
Suissa Grandeza Nhonô	PO	6-9	1."	22	15,0 5,84
S.M.S.C. Esfera	PC	6-10	2."	37	16,0 5,24
Estrela Jubilant de Olinda	PO	6-3	3."	59	13,0 6,29
S.A. Cassandra 2.° Wiseman	PO	6-9	3."	51	16,0 6,10
S.A. Lanterna 2.° Wiseman	PO	7-5	1."	5	14,0 4,89
S.A. Ninon 2.° Sovereign	PO	7-5	1."	10	14,0 5,03
S.A. Garzadeira 2.° Sovereign	PO	7-5	1."	23	10,0 5,10
S.A. Esperança 5.° Lider	PO	5-9	3."	87	13,0 5,75
S.A. Esperança 6.° Wiseman	PO	5-11	1."	14	12,0 5,77
Kandinha de Três Coqueiros	PO	9-9	2."	39	11,0 5,84
S.A. Espiral 4.° Trademark	PO	3-11	8."	243	11,0 5,62
S.E. Clarinha Snowman	PC	2-11	2."	35	12,0 4,31
S.E. Vanuza Fantare	PO	2-8	1."	8	11,0 5,72

Dr. Albino Malzone. Jundiá. SP. Em 8-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Estella	—	—	2."	37	15,0 4,57
---------	---	---	-----	----	-----------

Dr. Eduardo Jenner de Faria. Tatuf. SP. Em 12-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Jamba Lidia Records	PO	9-7	1."	19	14,0 5,12
Ativa de 3 Marias	PO	3-8	2."	61	10,0 4,87

Dr. Augusto Amelio da Motte Pacheco. Tatuf. SP. Em 14-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Brisa da Boa Vida	PO	8-9	1."	4	12,0 3,79
-------------------	----	-----	-----	---	-----------

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite %
----------------	----------------------	------------------------	---------------	------------------------	------------

RAÇA SCHWYZ

Adalpra S.A. Agrícola e Comercial. Campinas. SP. Em 19-5-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Adalpra Acacia	PCOD	13-11	3."	95	15,0 4,18
Adalpra Al Galheta Belem	PO	6-9	2."	35	15,0 3,84

Dr. Orlando Pinto de Souza. Pôrto Feliz. SP. Em 5-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Cantora de Maniçoba	15/16	6-7	1."	17	13,0 3,58
---------------------	-------	-----	-----	----	-----------

Dr. Sylvio Lima Marinho. Andradina. SP. Em 2-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Kaki de Sta. Anezia	PO	6-3	1."	26	18,0 3,68
Belinha de Sta. Anezia	PO	6-11	1."	20	17,0 3,88

Cia. Agro-Pecuária Sta. Madalena. Jacarezinho. PR. Em 7-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Mentira de Sta. Madalena	PO	10-0	3."	95	17,0 4,55
Francesa de Sta. Madalena	PO	9-8	6."	206	18,0 4,46
Beth de Sta. Madalena	PO	8-3	4."	127	14,0 4,05
Fragata de Sta. Madalena	PCOC	8-10	3."	102	14,0 3,49
Albinha Crescent S. Madalena	PO	7-0	1."	12	26,0 3,87
Menina Crescent S. Madalena	PO	6-11	1."	9	23,0 3,24
Jarrime H. Pamela S. Madalena	PO	6-2	2."	47	15,0 3,06
Diana de Sta. Madalena	PCOC	7-9	2."	28	14,0 4,06
Ce. Verna C. Sta. Madalena	PO	5-3	3."	70	13,0 5,26
Marusca Crescent S. Madalena	PCOC	5-3	1."	19	15,0 3,18
Bayaria de Sta. Madalena	PCOD	6-0	2."	29	19,0 4,41
Mary Norvick Sta. Madalena	PO	5-1	1."	14	17,0 4,22
Dora Norvick Sta. Madalena	PO	5-1	1."	12	17,0 3,29
Sultana Norvick I S. Madalena	PCOC	4-10	2."	55	14,0 4,70
Suzana Norvick de S. Madalena	PCOC	5-1	2."	28	18,0 5,13
Pamela Crescent S. Madalena	PO	4-2	4."	124	14,0 4,10
Odete Crescent 2.° S. Madalena	PO	4-7	1."	21	15,0 3,02
Red Brae Mod Joy	PO	3-5	2."	50	20,0 4,18
V.B. Banco Paula Reeta	PO	3-6	1."	9	19,0 3,99
Coroa do Jupiter S. Madalena	PCOC	4-4	3."	86	13,0 3,98
Rivalina de Sta. Madalena	7/8	3-5	2."	34	13,0 4,48

Benedito Portugal Rennó. Jacutinga. MG. Em 12-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Elvirita	PCOD	3-11	1."	10	21,0 4,57
Bom Café Ivonita Alaric I	PO	2-4	11."	287	13,0 4,98
Bom Café Simone Topper II	PO	2-7	2."	41	15,0 5,53

Dr. Carlos Cardoso de Almeida Amorim. Caconde. SP. Em 26-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Copacabana Escoteira	PCOC	13-1	1."	7	14,0 3,99
Veluda	1/2	—	2."	58	18,0 4,28

Francisco Amarante Mendes. São João da Boa Vista. SP. Em 28-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Chatinha da Aliança	PCOD	5-1	1."	3	13,0 3,34
---------------------	------	-----	-----	---	-----------

Dr. Gabriel Donato de Andrade. Calciolandia. MG. Em 18-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Descoberta	NR	—	2."	43	13,0 3,47
------------	----	---	-----	----	-----------

RAÇA GUERNSEY

Dr. Custódio Cabral de Almeida. Itaguaí. RJ. Em 16-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Raemelon M.D. Magic	PO	6-1	10."	281	15,0 5,03
Wayside B.S. Sillie	PO	6-8	9."	247	19,0 4,63
Pax Alva Gold Banner do Alto	PO	4-6	2."	36	19,0 4,96
Gold Banner Princess Ivy	PO	6-9	6."	168	15,0 4,30
Patricia Sillie do Paradise	PO	4-5	4."	121	14,0 5,38
Eber Lea Princess Clare	PO	7-0	2."	30	18,0 4,34
Princess Sillie do Paradise	PO	3-6	11."	306	19,0 4,82
Hickory Groves Peers Sunray	PO	6-4	8."	222	15,0 5,63
Lilac Dividend do Boqueirão	PO	4-5	4."	107	16,0 4,70
Xita Oberland do Boqueirão	PO	3-4	2."	46	14,0 6,10
Pax Bibelo Brutus do Alto	PO	3-2	2."	30	20,0 5,02
Xeura Phillip's K. do Tinguá	PO	1-11	8."	239	17,0 5,30
Pax Cereja Eber Lea do Alto	PO	2-3	2."	40	22,0 5,11

RAÇA FLAMENGA

Dr. João Leite Sampaio Ferraz Jr. Reginópolis. SP. Em 7-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Paladia	RE	5-2	1."	5	14,0 4,17
---------	----	-----	-----	---	-----------

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con- trôle de lactação	Dias de Leite	%		NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con- trôle de lactação	Dias de Leite	%	
Eleita da Bentoca	RE	6-8	2.º	33	12,0	3,89	Sta. C. Alba Cachimbo	RE	6-7	1.º	3	17,0	1,14
Pajucara	RE	5-0	1.º	7	11,0	4,01	C.A. Escopeta Curvelo	RE	6-7	1.º	17	11,0	1,14
Panela	RE	5-3	1.º	5	11,0	4,40	S.C. Brauna Cachimbo	RE	5-4	4.º	109	24,0	1,14
							S.C. Ditosa Cachimbo	RE	3-6	4.º	109	24,0	1,14
RAÇA DINAMARQUESA							Francisco F. Barretto, Mocóca, SP. Em 19-6-1975. Regime com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Dr. Jorge de Mello Sabugosa, Bananal, SP. Em 11-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Campinas 1.º	NR	16-7	5.º	129	21,0	1,14
Iraní Independência	PO	6-8	1.º	23	13,0	5,30	Balança	RE	12-11	2.º	41	11,0	1,14
Ingrid Independência	PO	6-11	2.º	35	14,0	5,43	Baleia 1.º	NR	12-10	1.º	5	11,0	1,14
Marmelada Independência	3/4	5-0	1.º	22	20,0	4,16	Batucada	RE	12-11	1.º	3	11,0	1,14
Coral Independência	3/4	4-8	4.º	98	18,0	5,95	Bolacha	NR	12-7	2.º	47	20,0	1,14
							Cachola	RE	11-10	2.º	57	24,0	1,14
Dr. Eitor Angelini, Araras, SP. Em 21-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Cabreuva	NR	11-10	5.º	146	24,0	1,14
Eudoxia dos Coqueiros	PCOD	6-6	2.º	41	16,0	4,16	Manteiga	NR	15-0	1.º	18	18,0	1,14
							Cachucha	RE	11-10	2.º	60	12,0	1,14
De Paoli S/A-Faz. Santa Alda, Porto Novo do Cunha, MG. Em 6-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Dolencia	RE	10-5	3.º	88	24,0	1,14
Sta. Alda Partner Normalista	PO	7-3	2.º	53	19,0	5,01	Dourada	RE	10-5	4.º	99	12,0	1,14
Sta. Alda Crilles Marquesa	PO	5-2	12.º	299	13,0	5,99	Dorna	NR	10-4	5.º	121	12,0	1,14
Sta. Alda Crilles Lola	PO	5-11	2.º	39	15,0	5,44	Empada	RE	9-11	2.º	29	12,0	1,14
							Estampa	RE	9-7	1.º	25	12,0	1,14
Olavo Barbosa, Guaxupé, MG. Em 26-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Estola	NR	9-7	2.º	33	12,0	1,14
R.D.M. Rigmor	PO	9-6	1.º	10	14,0	3,88	Escala	RE	9-2	5.º	146	24,0	1,14
Joensvu	PO	8-3	5.º	141	13,0	3,68	Empreita	NR	9-8	3.º	84	12,0	1,14
Nikelli	PO	8-0	1.º	17	15,0	3,99	Feição	NR	8-7	4.º	115	12,0	1,14
Fada São José	PO	4-1	1.º	16	14,0	4,28	Fiada	NR	8-5	5.º	146	12,0	1,14
Viena São José	PO	4-8	6.º	173	13,0	3,68	Fechadura	RE	8-7	5.º	127	12,0	1,14
							Flor	NR	8-7	1.º	4	11,0	1,14
SUECA VERMELHA							Fauna	NR	8-10	2.º	47	14,0	1,14
Agência Marítima Johnson S/A, Itatiba, SP. Em 19-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Gorjeta	RE	8-4	1.º	7	14,0	1,14
Bona	PO	8-9	9.º	241	18,0	4,23	Garatuja	NR	8-1	5.º	127	12,0	1,14
							Goiaba	NR	7-9	9.º	249	12,0	1,14
RED-POLL							Galga	NR	7-10	6.º	173	14,0	1,14
Dr. Livio Malzoni, Jundiá, SP. Em 11-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Groelandia	RE	7-8	2.º	65	12,0	1,14
P. Arara	PCOC	10-2	6.º	167	11,0	3,24	Galocha	NR	7-10	4.º	103	12,0	1,14
Primavera Bainha	PCOC	8-8	1.º	21	10,0	3,80	Grama	NR	8-0	1.º	2	12,0	1,14
Primavera Dalia	PCOC	8-4	1.º	10	12,0	3,58	Fornalha	NR	8-2	5.º	121	12,0	1,14
Primavera Candidata	PCOC	8-8	5.º	138	10,0	2,95	Goiabada	NR	7-5	2.º	61	12,0	1,14
(13)	—	—	1.º	3	13,0	4,05	Gurgeia	NR	7-9	1.º	8	12,0	1,14
(8)	—	—	1.º	18	14,0	4,52	Ginja	NR	7-7	1.º	2	12,0	1,14
							Hiena	NR	6-11	2.º	76	14,0	1,14
RED-POLL 5/8 X GUZERÁ 3/8							Historieta	NR	7-2	1.º	5	14,0	1,14
Dr. José Resende Peres, São Pedro dos Ferros, MG. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							Hospedagem	NR	8-2	5.º	121	12,0	1,14
Alvorada (H-289)	8-9	1.º	10	27,0	3,84		Igaçaba	NR	6-11	4.º	110	12,0	1,14
Amélia (H-308)	8-7	1.º	10	24,0	4,23		Itaipava	NR	—	1.º	7	14,0	1,14
							Itatiara	NR	4-10	11.º	320	12,0	1,14
RAÇA GUZERÁ							Dr. Gabriel Donato de Andrade, Calciolandia, MG. Em Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Dr. José Resende Peres, São Pedro dos Ferros, MG. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							Bilha	NR	9-7	2.º	41	12,0	1,14
Falva J.P.	RE	10-2	9.º	258	11,0	6,03	Desafiada	RE	7-7	1.º	1	11,0	1,14
Jussara J.P.	RE	6-11	5.º	131	12,0	6,27	Elanca	NR	—	2.º	32	11,0	1,14
Gemada J.P.	NR	5-0	7.º	199	17,0	4,76	Belesa	RE	5-3	1.º	1	14,0	1,14
Vista Alegre J.P.	NR	4-6	6.º	165	18,0	4,81	Jaleca	NR	8-0	1.º	8	12,0	1,14
Impetuosa J.P.	—	—	5.º	141	13,0	4,25							
RAÇA GIR							Gabriela de Oliveira Costa, Casa Branca, SP. Em 18-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
Dr. José João S. Rodrigues dos Reis, Conceição Aparecida, MG. Em 1-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							3 ordenhas						
Sta. Cruz Batucada Cachimbo	RE	5-4	2.º	54	16,0	5,46	C.A. Beladona	RE	9-9	2.º	45	18,0	1,14
Sta. Cruz Cabrocha Cachimbo	RE	4-8	3.º	31	13,0	5,15	C.A. Aruanã	NR	11-1	1.º	25	14,0	1,14
Sta. Cruz Encrenca Baden	NR	2-4	7.º	205	11,0	5,19	C.A. Benzina	NR	9-2	7.º	207	12,0	1,14
							C.A. Baladeira	RE	9-6	2.º	38	14,0	1,14
Dr. Manuel Salgado Rodrigues dos Reis, Rio das Flores, RJ. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							C.A. Colina	RE	9-1	1.º	26	14,0	1,14
Manolita	RE	9-2	6.º	151	12,0	5,60	C.A. Açucena	NR	10-5	4.º	116	14,0	1,14
Manchete	NR	8-10	11.º	313	12,0	5,34	C.A. Dracena	NR	8-1	2.º	62	14,0	1,14
							C.A. Colombina	NR	8-4	4.º	111	17,0	1,14
							C.A. Cachemira	RE	8-7	2.º	38	21,0	1,14
							C.A. Deuza	RE	8-1	4.º	103	14,0	1,14
							C.A. Espadilha	NR	6-6	10.º	314	16,0	1,14
							C.A. Fartura	RE	6-0	1.º	33	16,0	1,14
							C.A. Distra	NR	7-11	2.º	38	18,0	1,14
							2 ordenhas						
							C.A. Castanhola	RE	4-0	1.º	6	12,0	1,14
							C.A. Andaluza	RE	13-1	3.º	71	17,0	1,14
							C.A. Tartaruga	RE	4-1	1.º	6	16,0	1,14
							C.A. Bolena	NR	9-6	1.º	37	15,0	1,14
							C.A. Cantiga	RE	9-2	1.º	5	14,0	1,14
							C.A. Diadema	NR	8-0	2.º	46	14,0	1,14
							C.A. Dominique	NR	8-1	1.º	24	12,0	1,14
							Leia	NR	—	4.º	100	10,0	1,14
							C.A. Draga	NR	7-10	3.º	71	10,0	1,14
							C.A. Europa	RE	7-2	2.º	37	14,0	1,14

C.A. Elegancia	RE	6-11	2.º	48	11,0	5,12
C.A. Babá	NR	10-5	1.º	7	13,0	4,46
C.A. Guiné	NR	4-11	1.º	4	10,0	4,72

Andorinha	NR	4-3	5.º	137	10,0	5,37
Arlete	NR	5-0	1.º	26	11,0	4,70

OBSERVAÇÕES: Hol. — Holandesa; pb — preta e branca; vb — vermelha e branca; NR — não registrada; PCOC — puro por cruz de origem conhecida; PCOD — puro por cruz de origem desconhecida; PO — puro de origem; RP — registro provisório; RE — registrada; GHB — Gado Holando Brasileiro. São Paulo, Junho de 1975.

Dr. João Soares Veiga
Gerente Técnico

SINDI

João Carlos Pedreira de Freitas. Arceburgo. MG. Em 21-6-1975.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.
Sintética RE 10-9 1.º 54 13,0 4,51
Sintética RE 10-9 2.º 84 11,0 4,88

RELATÓRIO N.º 70 — JULHO DE 1975

Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal da ABC

Em cooperação com a Secretaria de Agricultura de São Paulo e o INDA

RESULTADOS PADRÕES DE:

N.º SCDP		NOME	Nasc. mês e ano	Pêso Padrões (Kg) Idades — (dias) 205 365 550 730				N.º SCDP		NOME	Nasc. mês e ano	Pêso Padrões (Kg) Idades — (dias) 205 365 550 730			
RAÇA NELORE — Divisão I — Regime de pasto															
MACHO															
7.803	Hellasta, 813		05-73	231	304	361	514	8.041	Herculânia, 823		06-73	159	222	279	364
8.063	Hosio, 847		07-73	229	—	406	508	8.044	Hio, 827		06-73	150	189	268	359
8.060	Hebon, 844		07-73	229	—	436	502	8.074	Humbe, 859		07-73	150	197	287	361
8.054	Haren, 837		07-73	220	300	352	430	8.429	Favorecido Gr, 919		07-73	148	—	—	—
8.046	Hangar, 829		06-73	217	271	349	441	8.426	Fatigante Gr, 916		07-73	145	—	—	—
	Dr. Arnaldo Zancaner								Dr. Jamil Nicolau Aun						
8.178	J.E. Interprete, 1157		07-73	216	—	—	—	8.037	Huguenote, 818		06-73	144	230	259	371
	José Eduardo R. Cabral							8.070	Hamburgo, 855		07-73	140	179	264	333
8.072	Hungaro, 857		07-73	216	—	384	466		Dr. Arnaldo Zancaner						
8.053	Hathor, 836		07-73	214	—	386	445	9.276	Badiano S. Cecilia, 22		07-73	136	—	—	—
8.058	Helos, 841		07-73	209	—	405	466		Dr. Rodolpho Ortenblad						
8.076	Herbário, 861		07-73	209	—	362	437	RAÇA NELORE — Divisão I — Regime de pasto							
	Dr. Arnaldo Zancaner							FÊMEA							
8.197	Hoquei, 502		07-73	207	248	—	—	8.066	Hágia, 850		07-73	212	251	310	387
	Dr. Walter H. Zancaner							8.077	Hungara, 862		07-73	206	209	278	337
7.993	Heral, 442		06-73	206	283	—	407	8.051	Hecla, 834		07-73	199	245	309	382
	José Luiz N. dos Santos							8.062	Hidra, 846		07-73	195	227	322	382
7.805	Henrique VIII		05-73	206	271	317	445	8.069	Haia, 853		07-73	192	218	280	349
	Dr. Arnaldo Zancaner							8.071	Hoa, 856		07-73	187	215	297	357
8.100	P. Cabo, 288		07-73	203	—	—	—	8.048	Homessa, 831		06-73	186	226	267	332
	Agro P. Primavera S/A							8.057	Hazara, 840		07-73	181	231	261	332
8.200	Horário, 505		07-73	198	235	339	—	8.057	Harmonia, 860		07-73	181	203	265	347
	Dr. Walter H. Zancaner								Dr. Arnaldo Zancaner						
8.179	J.E. Indomável, 1158		07-73	195	—	—	—	8.506	Carioca, 283		07-73	181	217	—	—
	José Eduardo R. Cabral								Sergio A.T. Pizza						
8.056	Hecateu, 839		07-73	193	—	330	375	8.047	Hepatita, 830		06-73	175	233	330	343
	Dr. Arnaldo Zancaner								Dr. Arnaldo Zancaner						
8.184	J.E. Industrial, 1163		07-73	193	—	—	—	8.101	P. Catedral, 289		07-73	173	263	—	—
8.167	J.E. Indiferente, 1145		07-73	189	—	—	—		Agro P. Primavera S/A						
	José Eduardo R. Cabral							8.507	Cangica, 284		07-73	172	198	—	—
8.059	Hebrus, 842		07-73	189	—	366	456		Sergio A. Toledo Pizza						
	Dr. Arnaldo Zancaner							8.103	P. Condessa, 291		07-73	172	244	—	—
8.169	J.E. Infel, 1147		07-73	187	—	—	—		Agro P. Primavera S/A						
	José Eduardo R. Cabral							8.061	Herve, 845		07-73	171	199	244	299
8.409	Vijaya, 305		07-73	186	—	—	—		Dr. Arnaldo Zancaner						
	Cond. Maria C.T. Peduti							8.102	P. Colonia, 290		07-73	171	226	—	—
8.038	Hortelão, 819		06-73	185	245	335	406	8.099	P. Cinderela, 287		07-73	170	—	—	—
8.042	Herdeiro, 825		06-73	183	228	323	406	8.098	P. Cravina, 286		07-73	167	—	—	—
	Dr. Arnaldo Zancaner								Agro P. Primavera S/A						
7.994	Hirã, 443		06-73	181	257	346	442	7.802	Homoplatã, 812		05-73	165	213	245	335
8.001	Horeb, 451		07-73	181	269	341	422		Dr. Arnaldo Zancaner						
	José Luiz N. dos Santos							7.768	Herdade, 439		05-73	164	239	270	375
8.064	Hunter, 848		07-73	180	217	263	326		José Luiz N. dos Santos						
8.068	Hapi, 852		07-73	179	—	360	429	8.043	Higiene, 826		06-73	162	196	231	311
8.036	Hierofante, 817		06-73	176	219	302	402		Dr. Arnaldo Zancaner						
	Dr. Arnaldo Zancaner							8.016	Omanir Fs, 210		05-73	160	214	273	353
8.407	Vijaya GBV, 303		07-73	173	—	—	—		Dr. Fausto Simões						
	Cond. Maria C.T. Peduti							7.769	Helvecia, 440		05-73	160	236	277	371
8.045	Hanover, 828		06-73	172	235	301	399		José Luiz N. dos Santos						
8.097	P. Colorado, 285		07-73	168	—	—	—	8.039	Hassanita, 821		06-73	159	230	262	331
	Agro P. Primavera S/A							8.040	Humanista, 822		06-73	159	210	259	326
9.278	Bafo da S. Cecilia, 26		07-73	166	211	274	—	8.078	Hussa, 863		07-73	158	181	246	304
	Dr. Rodolpho Ortenblad								Dr. Arnaldo Zancaner						
8.177	J.E. Indice, 1156		07-73	162	—	—	—	7.992	Hifa, 441		06-73	154	189	238	319
	José Edurdo R. Cabral								José Luiz N. dos Santos						
8.050	Harpagão, 833		06-73	161	240	307	428	8.096	P. Cambuci, 284		07-73	153	228	—	—
	Dr. Arnaldo Zancaner								Agro P. Primavera S/A						
9.275	Babaçú da S. Cec., 14		07-73	160	224	283	—	9.286	Bacia S. Cecilia, 15		07-73	151	194	156	—
	Dr. Rodolpho Ortenblad							7.806	Dr. Rodolpho Ortenblad						
									Harmonica, 816		05-73	150	195	228	312
									Dr. Arnaldo Zancaner						

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite %		NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite %	
Eileta da Bentoca	RE	6-8	2.º	33	12,0	3,89	Sta. C. Alba Cachimbo	RE	6-7	1.º	3	17,0	
Pajuçara	RE	5-0	1.º	7	11,0	4,01	C.A. Escopeta Curvelo	RE	6-7	1.º	17	18,0	
Panela	RE	5-3	1.º	5	11,0	4,40	S.C. Brauna Cachimbo	RE	5-4	4.º	109	14,0	
							S.C. Ditosa Cachimbo	RE	3-6	4.º	108	18,0	
RAÇA DINAMARQUESA							Francisco F. Barretto. Mococa. SP. Em 19-6-1975. Regime de com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Dr. Jorge de Mello Sabugosa. Bananal. SP. Em 11-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Campinas 1.º	NR	16-7	5.º	129	10,0	
Irani Independência	PO	6-8	1.º	23	13,0	5,30	Balança	RE	12-11	2.º	41	11,0	
Ingrid Independência	PO	6-11	2.º	35	14,0	5,43	Baleia 1.º	NR	12-10	1.º	5	11,0	
Marmelada Independência	3/4	5-0	1.º	22	20,0	4,16	Batucada	RE	12-11	1.º	3	15,0	
Coral Independência	3/4	4-8	4.º	98	18,0	5,95	Bolacha	NR	12-7	2.º	47	20,0	
							Cachola	RE	11-10	2.º	57	14,0	
Dr. Eitor Angelini. Araras. SP. Em 21-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Cabreuva	NR	11-10	5.º	146	10,0	
Eudoxia dos Coqueiros	PCOD	6-6	2.º	41	16,0	4,16	Manteiga	NR	15-0	1.º	18	11,0	
							Cachucha	RE	11-10	2.º	60	10,0	
De Paoli S/A-Faz. Santa Alda. Porto Novo do Cunha. MG. Em 6-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Dolencia	RE	10-5	3.º	88	14,0	
Sta. Alda Partner Normalista	PO	7-3	2.º	53	19,0	5,01	Dourada	RE	10-5	4.º	99	10,0	
Sta. Alda Crilles Marquesa	PO	5-2	12.º	299	13,0	5,99	Dorna	NR	10-4	5.º	121	10,0	
Sta. Alda Crilles Lola	PO	5-11	2.º	39	15,0	5,44	Empada	RE	9-11	2.º	29	12,0	
							Estampa	RE	9-7	1.º	25		
Olavo Barbosa. Guaxupé. MG. Em 26-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Estola	NR	9-7	2.º	33	15,0	
R.D.M. Rigmor	PO	9-6	1.º	10	14,0	3,88	Escala	RE	9-2	5.º	146	14,0	
Joensvu	PO	8-3	5.º	141	13,0	3,68	Empreita	NR	9-8	3.º	84	11,0	
Nikelli	PO	8-0	1.º	17	15,0	3,99	Feição	NR	8-7	4.º	115	11,0	
Fada São José	PO	4-1	1.º	16	14,0	4,28	Fiada	NR	8-5	5.º	146	12,0	
Viena São José	PO	4-8	6.º	173	13,0	3,68	Fechadura	RE	8-7	5.º	127	11,0	
							Flor	NR	8-7	1.º	4	13,0	
SUECA VERMELHA							Fauna	NR	8-10	2.º	47	18,0	
Agência Marítima Johnson S/A. Itatiba. SP. Em 19-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Gorjeta	RE	8-4	1.º	7	14,0	
Bona	PO	8-9	9.º	241	18,0	4,23	Garatuja	NR	8-1	5.º	127	11,0	
							Golaba	NR	7-9	9.º	249	10,0	
RED-POLL							Galga	NR	7-10	6.º	173	14,0	
Dr. Livio Malzoni. Jundiá. SP. Em 11-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Groelandia	RE	7-8	2.º	65	17,0	
P. Arara	PCOC	10-2	6.º	167	11,0	3,24	Galocha	NR	7-10	4.º	103	11,0	
Primavera Bainha	PCOC	8-8	1.º	21	10,0	3,80	Gramma	NR	8-0	1.º	2	10,0	
Primavera Dalia	PCOC	8-4	1.º	10	12,0	3,58	Fornalha	NR	8-2	5.º	121	13,0	
Primavera Candidata	PCOC	8-8	5.º	138	10,0	2,95	Goiabada	NR	7-5	2.º	61	12,0	
(13)	—	—	1.º	3	13,0	4,05	Gurgeia	NR	7-9	1.º	8	12,0	
(8)	—	—	1.º	18	14,0	4,52	Ginja	NR	7-7	1.º	2	16,0	
							Hiena	NR	6-11	2.º	76	14,0	
RED-POLL 5/8 X GUZERÁ 3/8							Historieta	NR	7-2	1.º	5	14,0	
Dr. José Resende Peres. São Pedro dos Ferros. MG. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							Hospedagem	NR	8-2	5.º	121	12,0	
Alvorada (H-289)	8-9	1.º	10	27,0	3,84		Igaçaba	NR	6-11	4.º	110	10,0	
Amelia (H-308)	8-7	1.º	10	24,0	4,23		Itaipava	NR	—	1.º	7	14,0	
							Itatiara	NR	4-10	11.º	320	10,0	
RAÇA GUZERÁ							Dr. Gabriel Donato de Andrade. Calciolandia. MG. Em 19-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Dr. José Resende Peres. São Pedro dos Ferros. MG. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							Bilha	NR	9-7	2.º	41	12,0	
Falva J.P.	RE	10-2	9.º	258	11,0	6,03	Desafiada	RE	7-7	1.º	1	11,0	
Jussara J.P.	RE	6-11	5.º	131	12,0	6,27	Elanca	NR	—	2.º	32	11,0	
Gemada J.P.	NR	5-0	7.º	199	17,0	4,76	Belesa	RE	5-3	1.º	1	10,0	
Vista Alegre J.P.	NR	4-6	6.º	165	18,0	4,81	Jaleca	NR	8-0	1.º	8	11,0	
Impetuosa J.P.	—	—	5.º	141	13,0	4,25							
RAÇA GIR							Gabriela de Oliveira Costa. Casa Branca. SP. Em 18-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
Dr. José João S. Rodrigues dos Reis. Conceição Aparecida. MG. Em 1-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							3 ordenhas						
Sta. Cruz Batucada Cachimbo	RE	5-4	2.º	54	16,0	5,46	C.A. Beladona	RE	9-9	2.º	46	18,0	
Sta. Cruz Cabrocha Cachimbo	RE	4-8	3.º	31	13,0	5,15	C.A. Aruanã	NR	11-1	1.º	25	16,0	
Sta. Cruz Encrenca Baden	NR	2-4	7.º	205	11,0	5,19	C.A. Benzina	NR	9-2	7.º	207	12,0	
							C.A. Baladeira	RE	9-6	2.º	38	14,0	
Dr. Manuel Salgado Rodrigues dos Reis. Rio das Flores. RJ. Em 10-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							C.A. Colina	RE	9-1	1.º	26	18,0	
Manolita	RE	9-2	6.º	151	12,0	5,60	C.A. Açucena	NR	10-5	4.º	116	14,0	
Manchete	NR	8-10	11.º	313	12,0	5,34	C.A. Dracena	NR	8-1	2.º	62	13,0	
							C.A. Colombina	NR	8-4	4.º	111	11,0	
RAÇA DINAMARQUESA							C.A. Cachemira	RE	8-7	2.º	38	21,0	
Dr. Jorge de Mello Sabugosa. Bananal. SP. Em 11-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							C.A. Deuza	RE	8-1	4.º	103	14,0	
Irani Independência	PO	6-8	1.º	23	13,0	5,30	C.A. Espadilha	NR	6-6	10.º	314	10,0	
Ingrid Independência	PO	6-11	2.º	35	14,0	5,43	C.A. Fartura	RE	6-0	1.º	33	16,0	
Marmelada Independência	3/4	5-0	1.º	22	20,0	4,16	C.A. Distra	NR	7-11	2.º	38	13,0	
Coral Independência	3/4	4-8	4.º	98	18,0	5,95	2 ordenhas						
							C.A. Castanhola	RE	4-0	1.º	6	12,0	
Dr. Eitor Angelini. Araras. SP. Em 21-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							C.A. Andaluza	RE	13-1	3.º	71	10,0	
Eudoxia dos Coqueiros	PCOD	6-6	2.º	41	16,0	4,16	C.A. Tartaruga	RE	4-1	1.º	6	16,0	
							C.A. Bolena	NR	9-6	1.º	37	11,0	
De Paoli S/A-Faz. Santa Alda. Porto Novo do Cunha. MG. Em 6-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							C.A. Cantiga	RE	9-2	1.º	5	14,0	
Sta. Alda Partner Normalista	PO	7-3	2.º	53	19,0	5,01	C.A. Diadema	NR	8-0	2.º	46	14,0	
Sta. Alda Crilles Marquesa	PO	5-2	12.º	299	13,0	5,99	C.A. Dominique	NR	8-1	1.º	24	12,0	
Sta. Alda Crilles Lola	PO	5-11	2.º	39	15,0	5,44	Leia	NR	—	4.º	100	10,0	
							C.A. Draga	NR	7-10	3.º	71	10,0	
Olavo Barbosa. Guaxupé. MG. Em 26-6-1975. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							C.A. Europa	RE	7-2	2.º	37	10,0	
R.D.M. Rigmor	PO	9-6	1.º	10	14,0	3,88							
Joensvu	PO	8-3	5.º	141	13,0	3,68							
Nikelli	PO	8-0	1.º	17	15,0	3,99							
Fada São José	PO	4-1	1.º	16	14,0	4,28							
Viena São José	PO	4-8	6.º	173	13,0	3,68							

C.A. Elegancia	RE	6-11	2. ^o	48	11,0	5,12
C.A. Babá	NR	10-5	1. ^o	7	13,0	4,46
C.A. Guiné	NR	4-11	1. ^o	4	10,0	4,72

Andorinha	NR	4-3	5. ^o	137	10,0	5,37
Arlete	NR	5-0	1. ^o	26	11,0	4,70

OBSERVAÇÕES: Hol. — Holandesa; pb — preta e branca; vb — vermelha e branca; NR — não registrada; PCOC — puro por cruz de origem conhecida; PCOD — puro por cruz de origem desconhecida; PO — puro de origem; RP — registro provisório; RE — registrada; GHB — Gado Holando Brasileiro.
São Paulo, Junho de 1975.

Dr. João Soares Veiga
Gerente Técnico

SINDI

João Carlos Pedreira de Freitas, Arceburgo, MG. Em 21-6-1975.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Sintética	RE	10-9	1. ^o	54	13,0	4,51
Sintética	RE	10-9	2. ^o	84	11,0	4,88

RELATÓRIO N.º 70 — JULHO DE 1975

Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal da ABC

Em cooperação com a Secretaria de Agricultura de São Paulo e o INDA

RESULTADOS PADRÕES DE:

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pêso Padrões (Kg)			
			Idades — (dias)			
			205	365	550	730
RAÇA NELORE — Divisão I — Regime de pasto						
MACHO						
7.803	Heliasto, 813	05-73	231	304	361	514
8.063	Hosio, 847	07-73	229	—	406	508
8.060	Hebon, 844	07-73	229	—	436	502
8.054	Haren, 837	07-73	220	300	352	430
8.046	Hangar, 829	06-73	217	271	349	441
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.178	J.E. Interprete, 1157	07-73	216	—	—	—
José Eduardo R. Cabral						
8.072	Hungaro, 857	07-73	216	—	384	466
8.053	Hathor, 836	07-73	214	—	386	445
8.058	Helos, 841	07-73	209	—	405	466
8.076	Herbário, 861	07-73	209	—	362	437
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.197	Hoquel, 502	07-73	207	248	—	—
Dr. Walter H. Zancaner						
7.993	Heral, 442	06-73	206	283	—	407
José Luiz N. dos Santos						
7.805	Henrique VIII	05-73	206	271	317	445
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.100	P. Cabo, 288	07-73	203	—	—	—
Agro P. Primavera S/A						
8.200	Horário, 505	07-73	198	235	339	—
Dr. Walter H. Zancaner						
8.179	J.E. Indomável, 1158	07-73	195	—	—	—
José Eduardo R. Cabral						
8.056	Hecateu, 839	07-73	193	—	330	375
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.184	J.E. Industrial, 1163	07-73	193	—	—	—
8.167	J.E. Indiferente, 1145	07-73	189	—	—	—
José Eduardo R. Cabral						
8.059	Hebrus, 842	07-73	189	—	366	456
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.169	J.E. Infiel, 1147	07-73	187	—	—	—
José Eduardo R. Cabral						
8.409	Vijaya, 305	07-73	186	—	—	—
Cond. Maria C.T. Peduti						
8.038	Hortelão, 819	06-73	185	245	335	406
8.042	Herdeiro, 825	06-73	183	228	323	406
Dr. Arnaldo Zancaner						
7.994	Hirã, 443	06-73	181	257	346	442
8.001	Horeb, 451	07-73	181	269	341	422
José Luiz N. dos Santos						
8.064	Hunter, 848	07-73	180	217	263	326
8.068	Hapi, 852	07-73	179	—	360	429
8.036	Hierofante, 817	06-73	176	219	302	402
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.407	Vijaya GBV, 303	07-73	173	—	—	—
Cond. Maria C.T. Peduti						
8.045	Hanover, 828	06-73	172	235	301	399
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.097	P. Colorado, 285	07-73	168	—	—	—
Agro P. Primavera S/A						
9.278	Bafo da S. Cecilia, 26	07-73	166	211	274	—
Dr. Rodolpho Ortenblad						
8.177	J.E. Indice, 1156	07-73	162	—	—	—
José Eduard R. Cabral						
8.050	Harpagão, 833	06-73	161	240	307	428
Dr. Arnaldo Zancaner						
9.275	Babaçu da S. Cec., 14	07-73	160	224	283	—
Dr. Rodolpho Ortenblad						
RAÇA NELORE — Divisão I — Regime de pasto						
FÊMEA						
8.041	Herculânia, 823	06-73	159	222	279	364
8.044	Hio, 827	06-73	150	189	268	359
8.074	Humbe, 859	07-73	150	197	287	361
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.429	Favorecido Gr, 919	07-73	148	—	—	—
8.426	Fatigante Gr, 916	07-73	145	—	—	—
Dr. Jamil Nicolau Aun						
8.037	Huguenote, 818	06-73	144	230	259	371
8.070	Hamburgo, 855	07-73	140	179	264	333
Dr. Arnaldo Zancaner						
9.276	Badiano S. Cecilia, 22	07-73	136	—	—	—
Dr. Rodolpho Ortenblad						
RAÇA NELORE — Divisão I — Regime de pasto						
FÊMEA						
8.066	Hágia, 850	07-73	212	251	310	387
8.077	Hungara, 862	07-73	206	209	278	337
8.051	Hecla, 834	07-73	199	245	309	382
8.062	Hidra, 846	07-73	195	227	322	382
8.069	Haia, 853	07-73	192	218	280	349
8.071	Hoa, 856	07-73	187	215	297	357
8.048	Homessa, 831	06-73	186	226	267	332
8.057	Hazara, 840	07-73	181	231	261	332
8.057	Harmonia, 860	07-73	181	203	265	347
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.506	Carioca, 283	07-73	181	217	—	—
Sergio A.T. Pizza						
8.047	Hepatita, 830	06-73	175	233	330	343
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.101	P. Catedral, 289	07-73	173	263	—	—
Agro P. Primavera S/A						
8.507	Cangica, 284	07-73	172	198	—	—
Sergio A. Toledo Pizza						
8.103	P. Condessa, 291	07-73	172	244	—	—
Agro P. Primavera S/A						
8.061	Herve, 845	07-73	171	199	244	299
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.102	P. Colonia, 290	07-73	171	226	—	—
8.099	P. Cinderela, 287	07-73	170	—	—	—
8.098	P. Cravina, 286	07-73	167	—	—	—
Agro P. Primavera S/A						
7.802	Homoplata, 812	05-73	165	213	245	335
Dr. Arnaldo Zancaner						
7.768	Herdade, 439	05-73	164	239	270	375
José Luiz N. dos Santos						
8.043	Higiene, 826	06-73	162	196	231	311
Dr. Arnaldo Zancaner						
8.016	Omanir Fs, 210	05-73	160	214	273	353
Dr. Fausto Simões						
7.769	Helvecia, 440	05-73	160	236	277	371
José Luiz N. dos Santos						
8.039	Hassanita, 821	06-73	159	230	262	331
8.040	Humanista, 822	06-73	159	210	259	326
8.078	Hussa, 863	07-73	158	181	246	304
Dr. Arnaldo Zancaner						
7.992	Hifa, 441	06-73	154	189	238	319
José Luiz N. dos Santos						
8.096	P. Cambuci, 284	07-73	153	228	—	—
Agro P. Primavera S/A						
9.286	Bacia S. Cecilia, 15	07-73	151	194	156	—
Dr. Rodolpho Ortenblad						
7.806	Harmonica, 816	05-73	150	195	228	312
Dr. Arnaldo Zancaner						

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pêso Padrões (Kg) Idades — (dias) 205 365 550 730				N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pêso Padrões Idades — 205 365 550 730			
7.998	Havita, 448 José Luiz N. dos Santos	06-73	150	205	274	371	RAÇA CHAROLÉS — Divisão I — Regime de pasto						
8.015	Okaran Fs, 209 Dr. Fausto Simões	05-73	150	191	262	344	FÊMEA						
7.804	Helicóide, 814 Dr. Arnaldo Zancaner	05-73	144	189	216	286	8.115	P. Lunar D. Emperor, 667	07-73	192	287	—	—
8.017	Ochtalat Fs, 212 Dr. Fausto Simões	05-73	143	187	238	326	8.114	P. Lorelei S. Emp. 666	07-73	186	279	—	—
8.428	Fascinante Gr, 918 Dr. Jamil Nicolau Aun	07-73	143	—	—	—	8.117	P. Louely E. Emp. 669	07-73	170	222	—	—
8.012	Ohab Fs, 203 Dr. Fausto Simões	05-73	143	195	242	311	8.116	P. Laguna Cannes, 668 Agro P. Primavera S/A	07-73	154	265	—	—
7.767	Heresia, 438 José Luiz N. dos Santos	05-73	139	195	230	310	RAÇA STA. GERTRUDIS — Divisão I — Regime de pasto						
8.052	Hamoas, 835 Dr. Arnaldo Zancaner	07-73	137	167	211	285	MACHO						
7.995	Hileia, 444 José Luiz N. dos Santos	06-73	137	204	264	350	8.761	169, 169 Adalpra S/A A. e Comercial	05-73	218	307	—	—
8.427	Faneca Gr, 917 Dr. Jamil Nicolau Aun	07-73	135	—	—	—	RAÇA STA. GERTRUDIS — Divisão I — Regime de pasto						
8.067	Honduras, 851 Dr. Arnaldo Zancaner	07-73	133	165	219	267	FÊMEA						
8.013	Oferta FS, 204	05-73	128	163	213	299	8.758	161, 161	04-73	197	305	—	—
8.011	Ohari FS, 202 Dr. Fausto Simões	05-73	124	189	257	335	8.757	158, 158	03-73	196	300	—	—
8.425	Família Gr, 915 Dr. Jamil Nicolau Aun	07-73	120	—	—	—	8.759	172, 172 Adalpra S/A A. e Comercial	05-73	166	198	—	—
8.410	Maharani, 306 Cond. Maria C.T. Peduti	07-73	114	—	—	—	RAÇA NELORE — Divisão II — Regime de pasto com ração						
7.801	Hidriade, 811 Dr. Arnaldo Zancaner	05-73	83	126	171	258	MACHO						
9.040	Firma Gr, 1070 Dr. Jamil Nicolau Aun	07-73	66	120	—	—	8.055	Hiatra, 838 Dr. Arnaldo Zancaner	07-73	234	—	—	—
RAÇA GUZERÁ — Divisão I — Regime de pasto							8.014	Ossan Fs, 207 Dr. Fausto Simões	05-73	215	317	—	—
MACHO							8.175	J.E. Indivisível, 1154	07-73	206	—	—	—
8.034	Honrado, 283	07-73	193	234	304	—	8.174	J.E. Indispensável, 1153	07-73	191	—	—	—
8.033	Hodamo, 282	07-73	188	236	—	—	8.168	J.E. Infante E.N., 1146	07-73	188	—	—	—
8.031	Hagnon, 280	07-73	167	206	280	—	8.186	J.E. Inflexível, 1166 José Eduardo R. Cabral	07-73	187	—	—	—
8.032	Humor, 281 Dr. Arnaldo Zancaner	07-73	161	212	268	—	8.516	Malandro S.H., 1763 Mauro C. Mesquita	07-73	187	—	—	—
8.480	Allado D.N. Delhi, 868	07-73	139	—	—	—	8.161	Verniz, 3627	07-73	183	257	—	—
8.471	Alvor D.N. Delhi, 857 Soc. Agro P. Filadelfia Ltda.	07-73	99	—	—	—	8.155	Vintem, 3621 Fabio Leopoldo e Silva	07-73	182	271	—	—
RAÇA GUZERÁ — Divisão I — Regime de pasto							8.187	J.E. Ingênuo E.N., 1169	07-73	180	—	—	—
FÊMEA							8.185	J.E. Inflado E.N., 1165 José Eduardo R. Cabral	07-73	176	—	—	—
8.030	Hecate, 279 Dr. Arnaldo Zancaner	07-73	178	200	—	—	8.156	Vingador, 3622 Fabio Leopoldo e Silva	07-73	170	248	—	—
8.472	Unita N.D., 858	07-73	150	195	—	—	9.279	Bagagem S.C., 28 Dr. Rodolpho Ortenblad	07-73	157	197	—	—
8.484	Garça II D.N.D., 874 Soc. Agro P. Filadelfia Ltda.	07-73	115	—	—	—	8.160	Valete, 3626	07-73	156	237	—	—
RAÇA MOCHO TABAPUÁ — Divisão I — Regime de pasto							8.153	Verso, 3619	07-73	146	200	—	—
MACHO							7.870	Vendaval, 3612 Fabio Leopoldo e Silva	06-73	136	228	—	—
9.172	Heliografo S. Cec., 312	07-73	195	248	315	—	RAÇA NELORE — Divisão II — Regime de pasto com ração						
9.173	Heliometro S.C., 313	07-73	175	200	264	—	FÊMEA						
9.151	Hanger S.C., 271	07-73	174	217	319	—	8.149	Virgola, 3615 Fabio Leopoldo e Silva	06-73	184	238	—	—
9.156	Harpagão da S.C., 280	07-73	169	197	276	—	8.515	Mansidão S.H., 1762 Mauro Conrado Mesquita	07-73	183	—	—	—
9.152	Haras da S.C., 272 Dr. Rodolpho Ortenblad	07-73	151	200	286	—	8.157	Viola II, 3623	07-73	180	257	—	—
RAÇA MOCHO TABAPUÁ — Divisão I — Regime de pasto							8.152	Vespa, 3618	07-73	170	228	—	—
FÊMEA							8.150	Vitória, 3617	07-73	170	262	—	—
9.159	Havarunas S.C., 286 Dr. Rodolpho Ortenblad	07-73	146	—	—	—	8.151	Viuvinha, 3617	07-73	163	221	—	—
RAÇA CHAROLÉS — Divisão I — Regime de pasto							8.154	Verruma, 3620	07-73	153	192	—	—
MACHO							8.158	Vauvula, 3624	07-73	152	215	—	—
8.109	P. Loger F. 403	07-73	174	239	—	—	8.159	Varanda, 3625 Fabio Leopoldo e Silva	07-73	152	227	—	—
8.108	P. Laos Fabiana, 402	07-73	163	269	—	—	RAÇA GUZERÁ — Divisão II — Regime de pasto com ração						
8.107	P. Lins E. Emperor, 401 Agro P. Primavera S/A	07-73	154	—	—	—	MACHO						
							8.475	Pruno N. Delhi, 862 Soc. Agro P. Filadelfia Ltda.	07-73	195	222	—	—
							8.334	Horizonte, SC-156 S/A. Cortume Carioca	07-73	181	312	—	—
							8.477	Shamo D.N.D., 864 Soc. Agro P. Filadelfia Ltda.	07-73	179	—	—	—
							8.335	Hungaro, SC-157 S/A Cortume Carioca	07-73	140	276	—	—
							RAÇA GIR — Divisão II — Regime de pasto com ração						
							MACHO						

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pêso Padrões (Kg) Idades — (dias) 205 365 550 730				N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pêso Padrões (Kg) Idades — (dias) 205 365 550 730			
8.539	Krishna S.S.P. IV, 541 Mauro Conrado Mesquita	07-73	187	315	—	—	OBSERVAÇÕES						
RAÇA MOCHO TABAPUÁ — Divisão II — Regime de pasto com ração MACHO							a) Todos os resultados padrões foram calculados e ajustados de conformidade com o novo regulamento do S.C.D.P.						
9.161	Haxixe S.C., 290	07-73	165	266	356	—	b) Os resultados são apresentados e classificados de acordo com os pesos padrões aos 205 dias.						
9.155	Harmonioso S.C., 278 Dr. Rodolpho Ortenblad	07-73	161	250	362	—	c) os animais que aparecem com as idades-padrões incompletas, foram retirados antes de completar 2 anos.						
RAÇA STA. GERTRUDIS — Divisão II — Regime de pasto com ração FÊMEA							DR. WALTER C. BATTISTON						
8.760	173, 173 Adalpra S/A A. E. Comercial	06-73	258	329	383	450	CRMV - 4/355 Chefe do S.C.D.P.						

SERVIÇO DE CONTRÔLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

NOME DO ANIMAL	N.º	NASC.	IDADE (Dias)	PÊSO (kg)	NOME DO ANIMAL	N.º	NASC.	IDADE (Dias)	PÊSO (kg)
RAÇA NELORE					P. Deodoro	449	28-09-74	244	142
PROPRIETÁRIO: Agro P. Primavera S/A					P. Dois	450	29-09-74	243	197
MUNICÍPIO: Jarinú — S.P.					P. Dumont	452	29-09-74	243	166
DATA DE PESAGEM: 30-5-75					P. Dulgo	451	29-09-74	243	154
MACHO					P. Degas	454	30-09-74	242	163
P. Chantecler	298	29-08-73	639	485	P. Destro	456	02-10-74	240	176
P. Caracú	300	08-09-73	629	475	P. Dandy	458	03-10-74	239	172
P. Cubatão	305	21-09-73	616	451	P. Dartagnant	461	04-10-74	238	200
P. Caruaru	308	29-09-73	608	430	P. Dinamite	459	04-10-74	238	165
P. Corifeu	309	29-09-73	608	423	P. Duplotaxis	460	04-10-74	238	163
P. Candi	310	29-09-73	608	405	P. Dornel	463	05-10-74	237	156
P. Chassin	313	05-10-73	602	500	P. Destemido	464	06-10-74	236	173
P. Cedan	316	10-10-73	597	415	P. Destino	465	08-10-74	234	133
P. Cajuru	317	11-10-73	596	460	P. Destacado	468	09-10-74	233	95
P. Caracol	321	22-10-73	585	451	P. Darvos	470	16-10-74	226	196
P. Colosso	320	17-10-73	585	450	P. Desafio	475	19-10-74	223	194
P. Carbone	325	28-10-73	579	400	P. Darwim	474	19-10-74	223	154
P. Caju	330	09-11-73	567	384	P. Dende	485	24-10-74	218	177
P. Chuf	335	15-11-73	561	330	P. Diabolo	493	28-10-74	214	120
P. Colibri	336	17-11-73	559	380	P. Dunga	497	02-11-74	209	203
P. Coliseu	338	23-11-73	553	448	P. Deste	498	05-11-74	206	180
P. Chagu	340	29-11-73	547	365	P. Druido	499	05-11-74	206	150
P. Conrado	341	01-12-73	545	370	P. Delfim	506	06-11-74	205	135
P. Cerquillo	347	13-12-73	533	397	P. Denver	507	08-11-74	203	153
P. Calisteno	349	15-12-73	531	375	P. Distante	508	08-11-74	203	136
P. Centurião	351	19-12-73	527	412	P. Dingy	510	12-11-74	199	156
P. Copernico	350	19-12-73	527	400	P. Direct	511	12-11-74	199	153
P. Cerro	352	23-12-73	523	340	P. Dostoesuky	509	12-11-74	199	151
P. Danubio	359	13-01-74	502	312	P. Dauco	524	25-11-74	186	159
P. Darzan	360	14-01-74	501	307	P. Delfino	525	27-11-74	184	130
P. Damasco	364	21-01-74	494	339	P. Dioscoracea	527	28-11-74	183	160
P. Duque	366	26-01-74	489	244	P. Dianto	530	29-11-74	182	145
P. Dourado	367	29-01-74	486	345	P. Diato	538	05-12-74	176	145
P. Damasio	371	03-02-74	481	369	P. Dragon	540	16-12-74	165	115
P. Diogo	370	03-02-74	481	323	P. Diólco	542	18-12-74	163	134
P. Dalia	372	09-02-74	475	270	P. Dragoncello	541	18-12-74	163	132
P. Dante	375	11-02-74	473	348	P. Dolcimelo	543	19-12-74	162	93
P. Delgado	376	14-02-74	470	302	P. Diespiro	544	26-12-74	155	130
P. Donato	378	15-02-74	469	290	P. Debret	546	26-12-74	155	75
P. Diario	380	18-02-74	466	332	P. Digo	552	27-12-74	154	132
P. Dolzani	383	20-02-74	464	302	P. Diniz	555	29-12-74	152	118
P. Dany	386	23-02-74	461	360	P. Desembargador	560	30-12-74	151	138
P. Duplo	388	18-03-74	438	322	P. Descampado	561	30-12-74	151	124
P. Divino	389	18-03-74	438	252	FÊMEA				
P. Dapotaru	390	10-04-74	415	249	P. Conquista	332	10-11-73	566	400
P. Dianopolis	392	02-05-74	393	324	P. Duqueza	361	14-01-74	501	290
P. Delfino	394	04-05-74	391	274	P. Diadema	365	24-01-74	491	310
P. Damião	395	07-05-74	388	217	P. Delta	368	31-01-74	484	240
P. Danger	402	01-06-74	363	280	P. Drina	373	10-02-74	474	236
P. Dardo	403	01-06-74	363	253	P. Diamantina	374	11-02-74	473	327
P. Dique	406	08-06-74	356	210	P. Dentista	382	19-02-74	465	269
P. Dragão	408	24-06-74	340	220	P. Donata	381	19-02-74	465	255
P. Dancurro	415	19-07-74	315	194	P. Dalva	384	23-02-74	461	260
P. Dover	419	30-07-74	304	184	P. Duartina	385	23-02-74	461	241
P. Dão	421	03-08-74	300	201	P. Drava	387	26-02-74	458	244
P. Duce	423	04-08-74	299	164	P. Divina	400	29-05-74	366	208
P. Dacon	425	08-08-74	295	215	P. Deusa	401	29-05-74	366	202
P. Delos	440	05-09-74	267	185	P. Daqui	405	02-06-74	362	218
P. Dantor	442	06-09-74	266	197	P. Dakar	407	20-06-74	344	200
P. Demo	441	06-09-74	266	158	P. Dafne	416	19-07-74	315	157
P. Doc	444	18-09-74	254	179	P. Dulcinea	418	30-07-74	304	162
P. Dumas	447	19-09-74	253	190	P. Dunga	420	03-08-74	300	161

NOME DO ANIMAL	N.º	NASC.	IDADE (Dias)	PÊSO (kg)	NOME DO ANIMAL	N.º	NASC.
P. Dulcora	422	04-08-74	299	176	RAÇA NELORE		
P. Domada	424	04-08-74	299	164	PROPRIETÁRIO: José Eduardo R. Cabral		
P. Doria	426	08-08-74	295	180	MUNICÍPIO: Itaguapé — PR		
P. Dorotea	429	13-08-74	290	160	DATA DE PESAGEM: 09-5-75		
P. Dacolá	436	04-09-74	268	203	MACHO		
P. Dengosa	433	04-09-74	268	188	J.E. Ipê E.N.	1209	21-09-73
P. Danada	435	04-09-74	268	171	J.E. Irreal E.N.	1223	16-10-73
P. Delhi	438	05-09-74	267	161	J.E. Jaico E.N.	1346	18-03-74
P. Dida	443	18-09-74	254	172	J.E. Jamaru E.N.	1360	22-04-74
P. Dulcelina	448	19-09-74	253	158	FÊMEA		
P. Druida	453	30-09-74	242	140	J.E. Imaculada E.N.	1152	10-07-73
P. Decada	455	30-09-74	242	198	J.E. Imaginação E.N.	1160	17-07-73
P. Doca	457	03-10-74	239	141	J.E. Imagem E.N.	1159	16-07-73
P. Dativosa	462	05-10-74	237	134	J.E. Impiedade E.N.	1187	04-09-73
P. Doçura	466	09-10-74	233	168	J.E. Impossibilidade E.N.	1189	05-09-73
P. Destemerosa	467	09-10-74	233	158	J.E. Jalapa E.N.	1326	11-02-74
P. Derriça	469	12-10-74	230	170	RAÇA NELORE		
P. Destemida	471	17-10-74	225	130	PROPRIETÁRIO: Dr. Walter H. Zancaner		
P. Darling	472	18-10-74	224	181	MUNICÍPIO: Guararapes — S.P.		
P. Destacada	473	18-10-74	224	169	DATA DE PESAGEM: 14-5-75		
P. Dolores	477	21-10-74	221	152	MACHO		
P. Dalma	478	21-10-74	221	152	Hebraico	503	21-07-73
P. Didi	476	21-10-74	221	146	Herdeiro	527	14-08-73
P. Dondoca	483	22-10-74	220	168	Híbrido	532	17-08-73
P. Daniela	480	22-10-74	220	165	Harpagão	534	20-08-73
P. Daphne	482	22-10-74	220	157	Habilitado	535	20-08-73
P. Diana	481	22-10-74	220	132	FÊMEA		
P. Dada	484	23-10-74	219	138	Hera	506	01-08-73
P. Dudu	486	24-10-74	218	86	Hidrologia	513	07-08-73
P. Dede	490	25-10-74	217	190	Habilidade	533	20-08-73
P. Donga	488	25-10-74	217	179	Hereditária	537	21-08-73
P. Dodo	489	25-10-74	217	152	Hospitaleira	546	30-08-73
P. Danmar	492	28-10-74	214	134	RAÇA NELORE		
P. Datera	495	01-11-74	210	154	PROPRIETÁRIA: Luzia Machado da Costa		
P. Datura	496	01-11-74	210	93	MUNICÍPIO: Barretos — S.P.		
P. Domaziacea	503	06-11-74	205	155	DATA DE PESAGEM: 29-5-75		
P. Diacciola	505	06-11-74	205	111	MACHO		
P. Dramatica	512	12-11-74	199	110	Dártagnan	150	09-05-74
P. Dina	513	16-11-74	195	129	Dirigente	152	11-05-74
P. Donegam	514	18-11-74	193	150	Durban	153	22-05-74
P. Delicada	520	18-11-74	193	126	Delmonico	158	06-06-74
P. Difusora	523	23-11-74	188	154	Dacar	168	25-08-74
P. Dubarry	528	28-11-74	183	164	FÊMEA		
P. Derriza	529	28-11-74	183	100	Diana	151	10-05-74
P. Deliciosa	531	29-11-74	182	156	Distração	154	01-06-74
P. Dorelice	537	03-12-74	178	112	Dalila	162	03-07-74
P. Datora	536	03-12-74	178	111	Dulcinéia	165	26-07-74
P. Dorinha	539	10-12-74	171	155	Delicia	166	27-07-74
P. Doroty	545	26-12-74	155	107	RAÇA GUZERÁ		
P. Diretoria	554	27-12-74	154	130	PROPRIETÁRIO: Dr. Walter H. Zancaner		
P. Dita	551	27-12-74	154	112	MUNICÍPIO: Guararapes — S.P.		
P. Diomea	557	29-12-74	152	123	DATA DE PESAGEM: 14-5-75		
P. Dustria	559	30-12-74	151	98	MACHO		
P. Embiras	568	02-01-75	148	103	Hamburgo	266	14-07-73
P. Economia	570	04-01-75	146	170	Hipódromo	267	14-08-73
P. Elias	575	07-01-75	144	128	Heliometro	275	14-11-73
P. Eulina	578	15-01-75	136	122	Integral	281	08-01-74
P. Evora	582	16-01-75	135	90	Inedito	285	18-02-74
P. Estrada	581	16-01-75	135	88	FÊMEA		
P. Estrela	583	17-01-75	134	96	Hiperbole	260	15-06-73
P. Esparta	589	23-01-75	128	95	Hilária	261	25-06-73
P. Eça	590	25-01-75	126	138	Harmonia	264	30-06-73
P. Eponina	592	28-01-75	123	100	Havaiana	265	05-07-73
P. Echaporã	595	02-02-75	118	95	Horta	272	20-10-73
P. Europa	598	05-02-75	115	110	RAÇA NELORE		
P. Enótria	599	05-02-75	115	84	PROPRIETÁRIO: Agro P. Bonfiglioli S/A		
P. Ermelinda	596	05-02-75	115	74	MUNICÍPIO: Itapeva — S.P.		
P. Encarnação	597	05-02-75	115	71	DATA DE PESAGEM: 19-6-75		
P. Enseada	600	06-02-75	114	86	MACHO		
P. Eli	602	07-02-75	113	88	Agadir de São Marco	818	18-09-73
P. Enxovia	603	07-02-75	113	88	Birro de São Marco	1170	22-12-74
P. Epiacaba	605	12-02-75	108	77	Candelabro de São Marco	1193	05-01-75
P. Epoxia	606	13-02-75	107	90	Caícaí de São Marco	1216	13-01-75
P. Eras	609	17-02-75	107	80	Coala de São Marco	1246	28-01-75
P. Ercília	611	18-02-75	103	80	FÊMEA		
P. Erminda	612	18-02-75	102	89	Boemia de São Marco	1092	07-08-74
P. Escocia	613	22-02-75	102	71	Batata de São Marco	1101	24-08-74
P. Espanha	618	25-02-75	98	67	Bola de São Marco	1130	20-09-74
P. Esmeralda	617	25-02-75	95	85	Branca de São Marco	1133	08-10-74
P. Esperia	619	27-02-75	93	55	Cabala de São Marco	1184	01-01-75
P. Espirita	620	02-03-75	90	63			
P. Ester							

Anúncios Classificados

ESCRITÓRIOS DOS BONS NEGÓCIOS

Juarez L. Fernandes
CRECI — 2.700

Compra e Venda de: Fazendas,
Sítios, Chácaras, Áreas Indus-
triaes, Terrenos, Casas etc.

S. Paulo - r. Barão Itap. 50 - 6.º
and. - c/ 603 - Fones: 334381
e 369753

e
Bauru - r. Alfredo Ruiz, 10-69
Fone: 24872

Próximas exposições

MINAS GERAIS

SETEMBRO:
Belo Horizonte — 14 a 21 — VI Exp.
Estadual de Pecuária e II Exp. Estadual
de Campeões.

PIAUI

OUTUBRO:
Parnaíba — 22 a 26 — V Exposição
Agropecuária.

SÃO PAULO

OUTUBRO:
São José do Rio Preto — II Exposição
Regional de Animais e Produtos Deriva-
dos de São José do Rio Preto e XV Expo-
sição de Animais de São José do Rio
Preto — 16 a 26 — DIRA de São José
do Rio Preto.

NOVEMBRO:
Bauru — II Exposição Regional de Ani-
mais e Produtos Derivados de Bauru e
3.º Leilão Estadual de Reprodutores —
15 a 23 — DIRA de Bauru.

DEZEMBRO:
Avaré — II Exposição Regional de Ani-
mais e Produtos Derivados de Sorocaba
e XI Exposição Municipal Agropecuária
de Avaré — 7 a 14 — DIRA de Sorocaba.

RONDÔNIA

AGOSTO
Porto Velho — 24 a 31 — VII Expo-
sição Feira Agropecuária Comercial e In-
dustrial de Rondônia.

REVISTA DOS CRIADORES — Agosto de 1975

ANÚNCIOS CLASSIFICADOS

COLUNAS DE 4 cm

Cada cm p/coluna comporta no máximo 10 palavras, inclusive nome e
enderço. Cr\$ 50,00 por centímetro e por vez.

Otíma oportunidade para os Srs. Fazendeiros, Criadores, Comerciantes, etc.,
fazerem suas ofertas. Todo pedido de publicação deverá vir acompanhado da
respectiva importância líquida e em nome da

REVISTA DOS CRIADORES

AV. POMPEIA, 1214 - FUNDOS "B" — SÃO PAULO

Confie sempre na fidelidade das balanças LUCAS



BALANÇA PARA
PESAGEM DE GADO

CODIGO	QUANT. DE CABEÇAS	COMPR.	LARGURA	ALTURA	LEITURA MAX. DE PESAGEM	PESO MÍNIMO
GS-37	1	2,50	1,25	2,00	1.500 Kg.	200 gr.
G-01	1	3,00	1,25	2,00	1.500 Kg.	200 gr.
G-03	4	4,00	1,60	2,00	3.000 Kg.	500 gr.
G-04	6	4,00	2,00	2,00	4.000 Kg.	500 gr.
G-06	10	5,00	2,50	2,00	6.000 Kg.	1.000 gr.
G-09	20	8,00	3,00	2,00	11.000 Kg.	2.000 gr.
G-11	30	10,00	4,00	2,00	16.000 Kg.	2.000 gr.

ACESSÓRIOS: EFETIVOS:

Gradis em peroba e
pontaletes de aço.
Porteiras de movimento
rápido com rolamentos
de esferas.

FABRICAMOS QUALQUER
TIPO DE BALANÇAS
SOB MEDIDAS.

OPCIONAIS: Impressor "LUCAS" grava tara, peso bruto e tickets.
Rampa de madeira
Gabinete "LUCAS"



LUCAS MANUFATURA DE BALANÇAS INDUSTRIAIS LTDA.

Rua 12 de Setembro, 530-A (Trav. da R. da Corôa - Vila Guilherme)
Fones: PABX 93-4427 - 292-6622 (Vendas) - 292-5995 (Contabilidade) - 292-5662 (Compras)
CEP 02052 - São Paulo - Endereço Telegráfico "LUCASBAL"

MERCADO DE INSUMO

Preços pesquisados pelo Instituto de Economia
Agrícola da Secretaria da Agricultura,
no Estado de São Paulo, durante o mês de junho

Junho/75/Cr\$

MÁQUINA, VEÍCULO E IMPLEMENTOS

Arado de aiveca, 3/4, reversível	unidade	337,00
Arado de 3 discos, 26" fixo, s/mola	unidade	6.161,00
Caminhão Ford F-600, gasolina	unidade	65.190,00
Carreta 3,5 t c/carroceria, s/pneu, s/freio ..	unidade	10.102,00
Carreta 3,5 t s/carroceria, s/pneu, s/freio ..	unidade	6.604,00
Grade de discos, 26 discos de 18"	unidade	6.897,00
Jeep Willys, 6 cilindros (Utilitário Universal)	unidade	30.300,00
Máquina de beneficiar café, 600 arroba. por dia	unidade	90.000,00
Motor elétrico Arno, 3 HP, 1440 a 1725 RPM		
(aberto)	unidade	626,85
Planet 5 enxadas, tração animal	unidade	332,75
Plantadeira manual, líder, modelo A	unidade	63,90
Polvilhadeira costal, 7 a 8 kg de pó	unidade	219,00
Pulverizador costal, 18 litros	unidade	444,10
Semeadeira simples, 1 linha, tração animal ..	unidade	825,00
Trator Massey-Ferguson, 44 HP	unidade	40.527,00
Trator Massey-Ferguson, 56 HP	unidade	49.287,00

ADUBO

Cloreto de potássio	tonelada	1.319,00
Fosfato natural (moído)	tonelada	735,00
Termofosfato	tonelada	1.596,00
Nitrocálcio Petrob. conc. (27%N) posto Cuba- tão-SP	tonelada	1.473,16
Nitrocálcio Petrob. conc. (27%N) revend. pos- to São Paulo	tonelada	2.154,00
Salitre do Chile	tonelada	2.211,00
Uréia	tonelada	3.592,00
Sulfato de amônio	tonelada	1.928,00
Nitrato de amônio	tonelada	2.541,00
Superfosfato simples (nacional)	tonelada	1.273,00
Superfosfato triplo	tonelada	2.472,00

VACINA E MEDICAMENTO

Carrapaticida assuntol	quilograma	110,00
Creolina pearson	litro	14,83
Penicilina Wycillin, frasco 400 mil unidades ..	frasco	1,50
T-M-10	saco 25 kg	369,00
Vacina contra brucelose	dose	2,00
Vacina contra carbúnculo sintomático	10 doses	4,36
Vacina contra carbúnculo sintomático	50 doses	7,81
Vacina contra carbúnculo verdadeiro	50 doses	4,77
Vacina contra febre aftosa (Instituto Biológico)	dose	1,17

INSETICIDA E FUNGICIDA

Aldrin 5%	saco 25 kg	108,75
BHC 2%	saco 25 kg	44,95
1-10 (DDT-Parathion)	quilograma	4,58
1,5-10 (DDT-Parathion)	quilograma	4,89
Brometo de Metila, caixa c/ 24 latas de 393ml	caixa	732,50
Dithane-M-45	quilograma	22,16
Manzate	caixa 25 kg	380,00
Rodiatox 2% Parathion	quilograma	2,60
Sulfato de cobre	quilograma	11,67

UTENSÍLIO E FERRAMENTA

Aplicador de formicida shell	unidade	
Arame farpado nacional	quilograma	
Balde zincado ou estanhado, c/bico, 10 litros	unidade	
Corrente grossa 1/4	quilograma	
Encerado locomotiva, lona 8	m ²	
Enxada para cultivador, 10"	conjunto c/2	
Enxada 2 caras, 2 1/2 libras	unidade	
Enxada tupi, 2 1/2 libras	unidade	
Enxada 2 caras, 3 libras	unidade	
Foice 10", meia lua	unidade	
Grampo para cerca	quilograma	
Laminado para café, 23x41cm	milheiro	
Latão de leite, 50 litros	unidade	
Lima para afiar ferramentas, K.F.8	dúzia	
Machado collins, 3 libras	unidade	
Peneira para café, 70"	unidade	
Prego 17/21	quilograma	
Saco novo para arroz em casca (60 kg)	unidade	
Saco novo para batata (60 kg)	unidade	
Saco novo p/colheita de café (100 a 110 lts.)	unidade	
Saco novo para exportação de café (60 kg) ..	unidade	

PEÇA DE REPOSIÇÃO

Bico de pato c/asa, 20"	unidade	
Disco de arado, liso, 26"	unidade	
Pneu de caminhão, 825x20, 10 lonas	unidade	
Pneu de caminhão, 900x20, 10 lonas	unidade	

ALIMENTO PARA ANIMAL

Farelinho de trigo	saco 30 kg	
Farelo de caroço de algodão	quilograma	
Farelo de amendoim	quilograma	
Farelo de raspa de mandioca	quilograma	
Farelo de soja	quilograma	
Farinha de carne	quilograma	
Farinha de ossos	quilograma	
Farinha de sangue	quilograma	
Farinha de ostra	quilograma	
Refinasil	quilograma	
Sal, comum grosso	saco 60 kg	
Sulfato de manganês	quilograma	
Torta de algodão	quilograma	
Torta de amendoim	quilograma	

RAÇÃO PARA AVE

Para pinto	quilograma	
Para frango	quilograma	
Para poedeira	quilograma	
Para reprodutora	quilograma	
Para corte inicial	quilograma	
Para corte final	quilograma	
Pinto de um dia		
Linhagem para corte	unidade	
Linhagem para postura	unidade	

MERCADO DE INSUMOS

Preços da Associação Brasileira de Criadores,
e que estão à disposição dos interessados,
em sua loja à Rua Jaguaribe n.ºs 568/634

MÁQUINAS

Semeadeira Adubadeiras — modelo JM-11 de 11 linhas c/levantador total do hidráulico	Cr\$ 13.880,00
Plantadeiras Adubadeiras J-2 — p/trator 2 linhas	Cr\$ 6.300,00
Plantadeiras Adubadeiras J-2 — p/trator 3 linhas	Cr\$ 8.580,00
Plantadeiras Adubadeiras J-2 — p/trator 4 linhas	Cr\$ 10.880,00
Plantadeira Modelo J-1 — tração animal	Cr\$ 1.230,00
Picadeira Ensiladeira Modelo 3 — (só p/verdes)	Cr\$ 4.700,00
Picadeira Ensiladeira Modelo 3T — (só p/verdes) p/trator c/conj.º p/acoplamento	Cr\$ 5.850,00
Desintegrador Jumil n.º 6 com ciclone	Cr\$ 2.900,00
Debulhador de Milho — Modelo DM-100 — cap. 100 scs hora acoplado hidráulico do trator	Cr\$ 6.500,00

** MÁQUINAS DE NOSSA IMPORTAÇÃO **

Corta Forragens J.F. - Especial p/Napier - Grande rendimento e redução de mão de obra - mod. SH-132	Cr\$ 22.000,00
Colhedeira e Cortadeira J.F. p/Sorgo e Milho — MH p/silagem	Cr\$ 22.000,00
Semeadeira e Adubadeira p/Pasto — marca TERENCE	Cr\$ 10.000,00
Esparramador e distribuidor de esterco — Bauer — capacidade 3.000 litros	Cr\$ 48.000,00

** DIVERSOS **

Capa de 15 Ideal — Renner — legítima — tamanhos diversos — 1,25/1,30/1,35/1,40	Cr\$ 420,00
Pulverizador Costal — Jacto — capacidade de 18 litros	Cr\$ 305,00
Balança para Pesas Gado — Lucas, 1 cabeça — Plataforma 2,5 x 1,25 x 2	Cr\$ 12.100,00
Formicida Blenco — Cx — 24 x 680 gramas	Cr\$ 685,00
Pulverizador Polvilhadeira Jacto motorizada — costal — modelo Arimitsu 45 B — modelo 1	Cr\$ 2.332,00
Aparelho para Cerca Elétrica Nacional — Marca Balerup — a Bateria de 12 volt ou rede 110/220	Cr\$ 850,00

VACINAS, MEDICAMENTOS E MINERAIS

Creolina Pearson — Cx — 12 x 1 litro	Cr\$ 142,00
Agrovit Reforçado Squib — Cx — 50 vidros	Cr\$ 170,00
A.D.E. Majer Mayer — vdr — 50 cc — cada 10 cc contém 2.000.000 UI — Vit. A — 500.000 UI — Vit. D3 e 600.000 mg — Vit. E	Cr\$ 20,00
Vacina C/Carbunculo (Sintomatina Rhodia) — 50 doses	Cr\$ 4,50
Ripercol L — vidros 250 cc — Antiehmítico de largo espectro — Cx. com 12 frascos	Cr\$ 29,00
Ralgro — agente anabólico — proporciona ganhos de peso (solicite folhetos e verifique as vantagens ..	Cr\$ 320,00

(dose — 800 — frasco de 40 doses)

Pistola Aplicadora de Ralgro	Cr\$ 250,00
Bioxam — composto Vallée — Vit. B1, B2, B6, B12 — enriquecido com Dextrose — vidro 500 cc	Cr\$ 16,20
Mata Bicheira Cooper — Cx — 24 x 500 ml Cr\$ 195,00 — Caixa — 24 x 1 litro	Cr\$ 327,00
Uréia Técnica com 46,5% de Nitrogênio utilizada na alimentação de Bovinos quando se enriquecer as rações desses animais em termos de valor protéico — ton.	Cr\$ 2.580,00

INSETICIDAS, FUNGICIDAS

Sulfato de Cobre — Inglês — saco de 25 quilos	Cr\$ 500,00
Aldrin 25% — saco com 25 quilos	Cr\$ 80,00
Malagran — Inseticida especialmente fabricado para proteger os grãos armazenados contra o ataque de carunchos, traças e acaros — saco — 25 quilos	Cr\$ 140,00

ARAME

Arame Ovalado Nacional — bitola — 17 x 15 — alta resistência — 40 kg — 1.000 m	Cr\$ 295,00
Arame Liso, Ovalado, argentino — bitola 17 x 15 — 40 kg — 1.000 m	Cr\$ 335,00
Arame Farpado, tipo Moto, marca Cercaço, nacional, fio 16 — rolo 400 m	Cr\$ 152,00

SEMENTES

Colonião	Cr\$ 12,00 c/10%
Jaraguá do chão	Cr\$ 4,40 c/10%
Catingueiro roxo	Cr\$ 5,40 c/10%
Cabelo de negro	Cr\$ 6,90 c/10%
Brachiaria decumbens	Cr\$ 120,00 c/10%
Sorgo forrageiro	Cr\$ 280,00 c/10%
Sorgo granifeiro	Cr\$ 280,00 c/10%
Milho Agrocere — saco c/ 40 kg	Cr\$ 140,00
Milho Agrocere opaco — c/ 40 kg	Cr\$ 150,00 c/5%
Milho Agrocere centralmex (especialmente indicado para Silagem)	Cr\$ 140,00 c/10%
Soja perene	Cr\$ 200,00 c/10%
Galactia striata	Cr\$ 80,00
Siratro	Cr\$ 80,00 c/10%
Stylosantes	Cr\$ 58,00 c/5%
Alfafa	Cr\$ 61,00 c/10%



SELAS BOTAS

e variado estoque de
artigos do ramo
SELARIA SÃO JOSÉ
F.A. TEIXEIRA & FILHO LTDA.
Av. Floriano Peixoto, 735
Botucatu-SP
Filial em São Paulo:
Av. Santo Amaro, 655
Tel. 61-8234

CARBOLINEUM EXTRA

protege toda espécie
de MADEIRA contra
a podridão e o ata-
que do cupim

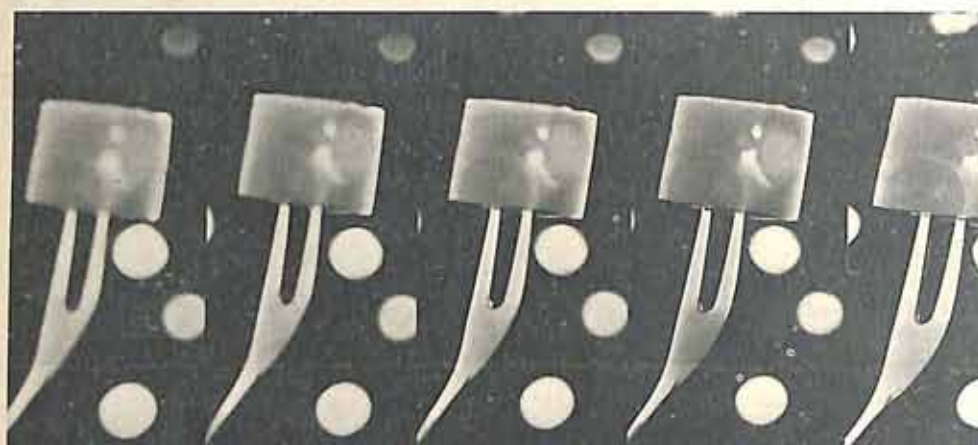


CARBOLINEUM EXTRA
Material: 1 kg para
10 m² de madeira
na proporção 1:1 e po-
derá ser aplicado com
1 litro de água ou com
um litro de gasolina

FABRICADO POR

OTTO BAUMGART
INDÚSTRIA E COMÉRCIO S/A.

PRODUTOS QUÍMICOS PARA CONSTRUÇÃO
ESCRITÓRIO E FÁBRICA: Rua Felício, 1063 - Fone (PABX): 395-3522
Caixa Postal 3942 - End. Tel. "BAUMGART" CEP 03079 - São Paulo



VOCÊ PRODUZ O MELHOR QUEIJO USANDO O COAGULANTE PFIZER.

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
PARA O BRASIL

DANILAC
IND. E COM. LTDA.

R. VICTOR BRECHERET, 36
TELS. 70-9324 - 71-5944
CAIXA POSTAL 4514 - SP



**Produtos
Veterinários
Para Todos
os Animais**

TIAZOCLIN

para pneumonias - enterites
infecciosas dos potros, bezer-
ros e leitões. Frieiras infec-
tadas, etc.

ESTROGIN

para retenção da placenta
para provocar o cio, para fa-
cilitar o parto e aumentar o
leite.

FARMAVET



Veterinária

PRAÇA DA SÉ, 47
1.º ANDAR
TELS.: 35-5406
36-2122

SÃO PAULO

O MELHOR TRATO!

RAÇÕES

SOCIL



O bezerro bem tratado
será a grande produtora
de amanhã.

Trate seus bezerros
com BEZERRIL
e obtenha mais leite
com LEITIL.

Procure o distribuidor
autorizado SOCIL
em sua região.



Rações
SOCIL
as melhores
do Brasil.

SOCIL PRÓ-PECUÁRIA S.A

Rua Campos Vergueiro, 85 — Caixa Postal 5013 — São Paulo



FRUTOPLEX

— garantia de produção

As aplicações de FRUTOPLEX são essenciais quer para gado ou de corte, equinos, ovinos e FRUTOPLEX é completo Energético, Vitamínico e Ant Aumenta o vigor dos reprodutivos, ativa a produção de leite, reforça a resistência a enfermidades após as premunificações e intensifica o ganho de peso.

Frutose, Vitamina B1, Vitamina B2, Vitamina B6 e Pantotenato de cálcio.



Em todos os casos carenciais de vitaminas como após infecções, coberturas intensas, verminoses, parições, secas prolongadas, nos casos de intoxicação alimentar ou na sobreexatção da função hepática, o uso prolongado de FRUTOPLEX não produz efeitos. FRUTOPLEX é um produto de ciência e experiência em rebanho bovino.



LABORATÓRIOS JOMA LTDA.

Rua Manoel Monteiro da Luz, 116 - Fones: 247-2930 e 247-0602
C. Postal 4125 - CEP 04749-5 - Santo Amaro - S. Paulo